CURSO DE HISTORIA DO BRASIL

QUARESMA & C. — Livreiros-editores

OBRAS DO MESMO AUTOR

LIÇÕES DE HISTORIA GERAL

ORGANISADAS DE ACORDO COM O ACTUAL PROGRAMMA APPROVADO PELA INSPECTORIA GERAL DE INSTRUCÇÃO PUBLICA PARA OS EXAMES GERAES

POR

ANNIBAL MASCARENHAS

Um bello volume encadernado..... 3$000

Este trabalho, que ainda em manuscripto recebeu a approvação de numerosos e habilitadissimos professores aos quaes foi apresentado, é o unico que póde servir aos examinandos de historia, pois nelle encontrarão claras dissertações sobre todos os pontos do programma para os exames, dissertações estas escriptas de accordo com o espirito que dictou aquelle programma, e que tende a dar nova orientação aos estudos historicos.

Os pontos mais difficeis do programma, taes como os que se referem a **prehistoria, aos primeiros typos sociaes, á sciencia da historia,** da qual se deduzem **os dados cosmologicos, physicos e psychologicos,** foram tratados com toda a proficiencia e orientação didactica pelo sr. ANNIBAL MASCARENHAS, que, sem refolhos, explanou esses variados assumptos de modo a facilitar a sua compreensão a todas as intelligencias.

Descrevendo as **antigas civilisações**, o autor, para se conformar com o programma e poder offerecer um livro de utilidade real aos estudantes de historia, poz em evidencia a influencia do **habitat** e a razão do apparecimento dos diversos factos historicos.

Podemos assegurar que sobre o assumpto não foi até hoje entre nós publicado trabalho de tanta importancia, quer pelo methodo de exposição quer pela clareza da linguagem.

HISTORIA DA AMERICA

Destinada aos collegios de segundo grau

Um grosso volume de 500 pags., (no prélo)..... .....

Do conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA

A Historia e a Legenda, 4 grossos vols..... 13$000
A mesma obra encadernada..... 25$000
Os Dictadores da America, 1 grosso vol..... 4$000

LIVRARIA DO POVO — Rua de S. José 65 e 67

BIBLIOTHECA DA LIVRARIA DO POVO

CURSO

DE

HISTORIA DO BRASIL

POR

Annibal Mascarenhas

MAJOR HONORARIO DO EXERCITO BRASILEIRO

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DO POVO -- QUARESMA & C., Livreiros-editores

65 E 67 RUA DE S. JOSÉ 65 E 67

1898

INTRODUCÇÃO

Este livro é apenas um modesto trabalho de vulgarisação; traduz um esforço applicado em beneficio dos que precisam ou desejam adquirir uma noção exacta do que temos feito como povo, e... mais nada.

Sem possuir, no entanto, maior pretenção que a de servir com vantagem ao ensino, ou talvez por isso mesmo, não podiamos deixar de affeiçoal-o á moderna comprehensão dos estudos historicos, procurando observar n'elle, tanto quanto nos fosse possivel, os preceitos impostos pela sciencia contemporanea.

Assim, não daremos começo á tarefa que nos impuzemos de escrever a historia do Brasil, abordando desde já e de modo abrupto os successos que derivam da conquista européa, pois os preceitos a que alludimos impoem a obrigação de nos occuparmos antes de tudo com uns tantos prolegomenos adequados á formação de uma base que sirva á critica de ponto de partida para a explicação racional dos factos historicos e elucidação das causas que os promoveram.

Embora desornados dos episodios mais ou menos romanescos que enfloram a historia propriamente dita, esses preliminares são no entanto indispensaveis, e desprezal-os, seria proceder com a imprevidencia do artista que, trabalhando por erguer um monumento, não se preoccupasse com a natureza do terreno a construir. As consequencias seriam lamentaveis: a inconsistencia do solo e o inevitavel aluimento deste, depois de começado o trabalho, determinariam dentro em breve a inutilisação do esforço artistico; o monumento levantado com o altivo empenho de exteriorisar em linhas irreprehen-

siveis e harmonicas um ideal superior de belleza, antes mesmo de lhe arabescarem a flecha final ou lhe sobreporem a cupula, desconsolaria por sua chatez e inexpressão. As columnas desaprumadas, o pavimento desigualado, os fustes esbugalhados, as cornijas torcidas e tudo pendendo, acachapando-se, enviezando-se n'um strabismo doloroso, transformariam a magestosa obra d'arte n'uma balburdia de materiaes de construcção, que nada exprimiria, nada communicaria e da qual o viandante desviaria os olhos por um movimento automatico de repulsão, temendo que se lhe assentasse por muito tempo no espirito aquella impressão atordoante do chaos.

O mesmo acontece com a historia. Para que o drama da vida de um povo seja perfeitamente comprehensivel, quer nas suas linhas geraes, quer na miudeza dos seus detalhes, precisamos ouvil-o desde o prologo, mesmo quando esse prologo, como acontece nas velhas peças do repertorio antigo, é recitado antes de subir o panno e por um personagem que nos ademanes, trajes e linguagem parece destoar do espirito das scenas que em seguimento irão desenrolar-se.

Por conseguinte, não nos é permittido considerar o nosso thema só do momento em que a historia se torna realmente visivel e transportar já para esta primeira pagina o imponente espectaculo das náus européas a se abeirarem da virgem terra brazileira, afim de consorcial-a pelo sacramento da civilisação com o velho e polido continente transatlantico; para nos apoderarmos dos necessarios elementos de critica, que no desenvolvimento do assumpto historico faremos projectar sobre os acontecimentos afim de illuminal-os e comprehendel-os no banho d'essa claridade, temos necessidade de começar de mais longe a nossa tarefa.

Cumpre, em primeiro logar, possuirmos uma noção exacta da estructura do solo em que pisamos e sobre o qual vão desdobrar-se os acontecimentos historicos, muitas vezes por elle impressionados. Para isto temos necessidade de nos transportar a

essas remotas eras sem historia, nas quaes só é dado ao geologo penetrar e, partindo do periodo em que se constituiram as primitivas rochas da crosta, virmos subindo pela escada millenar dos gneiss e sedimentos stratificados até á epocha da formação dos depositos quaternarios e phenomenos mais recentes ainda; depois teremos que considerar nas suas linhas geraes e contornos mais incisivos o aspecto geographico e bem assim as condições topographicas, climatericas e biologicas do paiz, as quaes determinam um conjuncto de circumstancias que deve ser ponderado como factor legitimo na solução do problema historico; em seguida impõe-se a obrigação de indagarmos a obscura e indecisa prehistoria da região e, tanto quanto fôr possivel, procurar conhecermos os esforços despendidos com o intuito de fazer desapparecer o hiatus que a separa da historia, bem como os resultados que dos mesmos já é permittido tirar; finalmente, temos a considerar os differentes factores ethnicos que, isolados, combinados ou fundidos irão concorrer para o enredo dos factos e determinar as feições typicas da historia.

Eis do que se occupará esta introducção, e como nosso livro, segundo já dissemos, destina-se especialmente ao ensino, entendemos que não seria inutil consagrar algumas paginas á exposição dos principios geraes de certas sciencias que nos serão de auxilio directo no estudo da historia. São estas sciencias—a geologia, a antropologia, a paleœthnogia e as leis geraes da evolução da civilisação humana, cujas noções os leitores encontrarão a seguir e em typo menor.

A CROSTA TERRESTRE. — A crosta terrestre é formada por camadas superpostas de massas mineraes, em as quaes ás vezes se encontram detrictos vegetaes e animaes. Estas camadas assentam sobre rochas de origem ignea, devidas ao resfriamento de materias que outr'ora faziam parte da massa incandescente que constituia o nosso planeta na sua origem.

A essas rochas de origem ignea, quer situadas profundamente, quer na superficie, chamam-se *plutonicas*.

Quando, pelo contrario, as camadas estructuraes da crosta foram depostas pelas aguas, por via de sedimento, diz-se que têm origem *neptunina*.

A's diversas camadas deu-se o nome de *terrenos*.

Nem sempre esses terrenos acham-se dispostos de modo regular, isto é, não são os de formação mais antiga os que se encontram geralmente mais affastados da superficie: multiplos e variados phenomenos de dynamica que em todos os tempos têm-se manifestado no interior ou na superficie da terra e ainda produzem-se prolongando indefinidamente o trabalho geologico, perturbam muitas vezes a superposição regular das camadas.

Assim, para podermos comprehender as singularidades da crosta terrestre, convém, em primeiro logar, estudarmos os phenomenos actuaes, os quaes podem ser divididos em *phenomenos de dynamica externa*, cujo principio essencial reside no calor solar e *phenomenos de dynamica terrestre interna*, produzidos pelo calor central do planeta.

PHENOMENOS DE DYNAMICA TERRESTRE EXTERNA.— Como taes devemos comprehender as consequencias geologicas produzidas pela intervenção da atmosphera, do mar, das aguas correntes, do gelo e bem assim as que se manifestam por acções dos seres vivos.

As mais importantes acções atmospfericas no trabalho geologico são as *dunas* ou *cabedellos*; as do mar são as *erosões das praias* e os *depositos detricticos*; as das aguas correntes são as *erosões torrenciaes*, os *deltas*, os *cañons*; as do gelo são as *avalanches*, as *geleiras* e as *fendas*; as das acções chimicas são as que a *agua do mar* e as *aguas meteoricas* produzem; as dos seres vivos são as *turfeiras* e os *recifes de coral*.

Dunas — Em consequencia das alternativas de seccura e humidade, ou por outra, sob a influencia de variações da temperatura as rochas desaggregam-se.

Os detrictos das rochas, principalmente os quartzos, reduzidos a pequenos fragmentos, são levantados e sacudidos pelas correntes atmospfericas e afinal amontoados em valles ou depressões planas do solo; sendo o clima bastante secco, de modo a não permittir que esses fragmentos sejam carregados pelas aguas pluviaes, forma-se no logar do deposito uma multidão de monticulos instaveis e medões de areia a que se dá o nome de *dunas* ou *cabedellos*.

O velho *Forte do Cabedello*, na Parahyba do Norte, recebeu dos antigos portuguezes este nome pelas dunas que existiam no local.

As dunas, que muitas vezes attingem duzentos metros e mais de altura, tanto se formam no interior dos continentes, como nas praias.

Estas ultimas, quando sua altura é tal que o vento não pode mais fazer com que os grãos de areia galguem-lhe a crista, tor-

nam-se quasi estaveis e podem ser definitivamente fixadas pela vegetação.

O vento póde levar as areias muito longe.

« A areia que cahiu a 7 de Fevereiro de 1863 sobre a parte oriental das Ilhas Canarias, veio do Sahara, isto é, de uma distancia de 320 kilometros, pelo menos. Mais recentemente viram-se cinzas do incendio de Chicago (Estados Unidos) chegar ás Canarias quatro dias depois do começo desta catastrophe.» (1)

A erosão marinha.—A acção constante das vagas nas rochas e argillas das praias, já preparadas para a desaggregação pela infiltração das aguas pluviaes e pelas alternativas da temperatura, fazem, por effeito da erosão, recuar pouco a pouco as costas.

Os detrictos mais duros, provenientes da erosão, permanecem na praia e ahi, sacudidos continuamente pela maré, arredondam-se, transformando-se em seixos ; outros menos coherentes, reduzem-se a fragmentos miudos e transportados pela vaga de retorno accumulam-se diante dos seixos, formando primeiro uma praia de *cascalhos* e depois de areia fina.

A' força de degradar-se, a costa acaba por adquirir um perfil que a torna pouco accessivel ás vagas, entre as quaes vão se interpondo os medões das dunas, os quaes, se conseguem ser fixados pela vegetação, deixam atraz *enseadas* ou *lagunas*, como vemos um exemplo no littoral do Rio Grande do Sul.

Finalmente, o valor da erosão marinha é muito variavel. « Póde-se julgal-o quando se compara a estabilidade quasi absoluta das costas da Bretanha com a erosão das penedias de la Héve progredindo á razão de 25 ou 30 centimetros por anno, e mais ainda com o ataque de certas costas da Inglaterra ou do mar do Norte, onde a ablação annual não é inferior a um metro». (2)

Depositos sedimentares.—Os mais finos productos da erosão marinha, isto é, aquelles que durante mais tempo podem ser conservados em suspensão nas aguas, tal como a lama proveniente da trituração das argilas, vão depositar-se mais longe, nos logares em que é menos violenta a acção das ondas. Ahi, esses detrictos, subtrahidos ás agitações da superficie, descem por uma especie de filtração ás aguas inferiores e afinal assentam no fundo.

Assim originam-se depositos de *lodo* ou *vasa*, onde sempre se encontra detrictos de natureza arenosa, aos quaes se dá o nome de *depositos sedimentares*, o que quer dizer, depositos formados pela quêda de materias solidas no seio das aguas.

As leis da gravidade determinando a disposição irregular desses detrictos, a maior ou menor violencia das marés tornando variavel a espessura dos depositos, verifica-se na massa sedimentaria um certo numero de *camadas* ou *stractos* distinctos, pelo que dá-se ao conjuncto dos sedimentos o nome de *depositos stratificados*. O phenomeno da stratificação só não tem logar quando os detrictos são finissimos e cahem em agua tranquilla.

Nestes depositos stractificados encontram-se sempre detrictos animaes, contemporaneos de sua formação.

---

(1) PAUL GERVAIS.—*Geologie.*

(2) ALBERT LAPPARENT.—*Abregé de geologie.*

A estructura dos depositos estratificados varia conforme a actividade da erosão marinha e segundo a natureza das rochas que lhe soffrem a acção, dando isto em resultado apresentar uma mesma epocha depositos muito differentes, não só quanto á sua natureza e espessura, como tambem quanto á fauna fossil nelles encontrada, a qual póde ser *littoral* ou *pelasgica* (isto é, de alto mar).

Finalmente, as vasas detricticas só em casos excepcionaes estendem-se além de 300 kilometros das costas, havendo por conseguinte na immensidão dos oceanos, amplos espaços que não são revestidos dessas camadas de sedimentos.

A's vezes, tambem, encontram-se nas visinhanças das costas paragens que não são cobertas de sedimentos. Dá-se este caso quando por ellas passam correntes sufficientemente poderosas para varrer o fundo do oceano.

Erosões torrenciaes.—As chuvas e os diversos cursos d'agua praticam erosões em tudo semelhantes ás do mar. As torrentes, precipitando-se das montanhas, abrem sulcos nos terrenos e com a continuação fazem desmoronar as bordas dos mesmos sulcos, modificando por conseguinte o terreno.

Uma parte das aguas da chuva evapora-se; a outra, porém infiltra-se no solo se o terreno é permeavel ou escorre se elle é impermeavel ou em declive muito forte. Ora, essas aguas conforme a sua massa e rapidez corroem o terreno por onde passam, transportam os materiaes moveis e aluem as rochas ou as desagregam.

Devido á acção constante das chuvas encontra-se em muitos paizes terrenos que pelo effeito da erosão tomam o aspecto de pilares isolados, arcadas naturaes, piramydes de terra, etc., etc.

Os deltas. — As torrentes fluviaes e pluviaes arrastam diversos detrictos arrancados violentamente ou por erosão e esses detrictos são dejectados no ponto em que a torrente espraia-se e perde a violencia, dando logar á formação dos *deltas*, depositos sedimentares de forma mais ou menos triangular.

Os cañons.—Quando a torrente deslisa sobre um terreno impermeavel, ou quando é muito forte o declive, o trabalho de erosão effectua-se unicamente no alveo do curso d'agua, não desmoronando as bordas. Então tem logar as formações dos cañons, dos quaes os mais notaveis são os do Colorado, medonhos abysmos de paredes algumas vezes verticaes sobre um milhar de metros de altura.

Alluviões.—Muitas vezes as torrentes, pela impetuosidade com que deslisam, exorbitam do proprio canal e divagam pelo terreno por novos escoadouros, atacando as partes concavas das margens e fazendo-as desmoronar por porções; nas margens convexas, porém, e nos remansos, a rapidez dessas torrentes amortece e os productos dos desmoronamentos depoem-se formando *alluviões*.

Outros phenomenos além dos que mencionamos são determinados pelas aguas correntes, e basta enumeral-os para se comprehendel-os. São estes phenomenos mechanicos os *desmoronamentos*, as *rachas dos terrenos*, as *grotas*, etc.

Avalanches.—A neve, quando cahida em regiões de pouca altitude, derrete-se pela acção dos raios solares e escorre, produzindo sobre a crosta terrestre os mesmos effeitos dynamicos das aguas das chuvas; quando, porém, cahe sobre altas

montanhas, onde a rarefacção da atmosphera é tal que o calor da estação quente torna-se insufficiente para derreter a totalidade das neves cahidas na estação fria, os phenomenos geologicos por ella produzidos são outros e entre os mais importantes acham-se as *avalanches*, grandes massas de gelo que se despenham sobre os valles, transportando na sua quéda tudo quanto encontram.

Geleiras. —As *geleiras* são bacias de recepção das neves descidas com as avalanches, quando a natureza do terreno sobre o qual ellas escorrem permitte a concentração das mesmas.

Ora, estas geleiras quando a neve é excessiva, transbordam e produzem no terreno alterações bastante sensiveis.

Acção da agua do mar. — Pela evaporação natural da *agua do mar* forma-se um deposito de sulfato de cal ou gypso, algumas vezes precedido por uma precipitação de carbonato de cal, substancia ainda menos soluvel. Accentuando-se mais a concentração depõe-se o sal marinho. Quando os mares são muitos quentes, a evaporação sobre as praias é sufficiente para formar sobre os grãos de areia da mesma uma concrecção de carbonato, de cal, o qual tambem póde agglomerar os seixos da praia em *poudingues*. A's vezes, é uma agua ferruginosa que se infiltra nas areias, como acontece na base das dunas, a qual detendo-se em certa profundidade dá origem á substancia conhecida pelo nome de *alios;* finalmente demonstram as dragagens do fundo dos oceanos que existe ahi uma argila amarellada formada pela decomposição na agua do mar dos elementos vulcanicos do fundo, e, quando sobre esta argilla cahem corpos estranhos, como ossadas de baleias, tubarões e outros peixes, cobrem-se estes restos de uma substancia parda constituida por oxydos de ferro e de manganez, acabando por dar origem a *nodulos manganesiferos*.

Estes nodulos abundam no Pacifico.

Acção das aguas meteoricas. — Em precedente paragrapho vimos como as aguas da chuva mechanicamente intervem nas alterações da crosta; resta-nos agora consideral-as como agentes de combinações chimicas.

Como é sabido as aguas meteoricas contèm acido carbonico e este attaca os calcareos. D'ahi, por corrosão das paredes, alargam-se as fendas naturaes dos terrenos calcareos e quando estas aguas poem-se outra vez em contacto com o ar evaporam-se e o calcareo incrusta-se aos vegetaes e conchas, dando origem aos *tufos*.

Outras vezes, quando o escorrimento tem logar nas paredes das grutas ou quaesquer outras cavidades cobertas por camadas de calcareo, pelas quaes torna-se lenta a evaporação, constitue-se um deposito concreccionado de carbonato de cal, que crescendo por camadas concentricas, produz as incrustações que se conhecem pelos nomes de *stalactites* e *stalagmites*, as quaes tomam a formam de pendentes e columnas. Pela dilatação da base destas columnas forma-se o *soalho stalagmitico*.

Não é somente ao calcareo que as aguas meteoricas attacam, as rochas graniticas tambem lhe soffrem a acção, não obstante sua dureza e pouca solubidade de seus mineraes.

Com a continuação os silicatos alcalinos são arrastados e deixam um residuo argiloso, analogo os *kaolin* ou barro de

porcelana. Assim a rocha vae perdendo a sua cohesão e trasforma-se n'uma areia grossa.

Turfeiras e bancos corallinos.— Os mais importantes phenomenos geologicos produzidos pela acção dos seres vivos são as *turfeiras*, que é o producto da decomposição debaixo d'agua de certos vegetaes, entre os quaes dominam as cyperaceas do genero *Carex*, alguns musgos e as *sphaignes*; e os *bancos de coral*, constituidos por certos animalculos, principalmente pelos que em zoologia se conhecem pelo nome de *polypeiros constructores* ou *corallinos*.

Tanto as *turfeiras* como os *bancos corallinos*, constituem verdadeiros terrenos e são de grande importancia para o estudo da geologia.

PHENOMENOS DE DYNAMICA TERRESTRE INTERNA. — Pode-se dividir esses phenomenos em tres cathegorias: *phenomenos vulcanicos, phenomenos thermaes*, e *phenomenos de movimentos da crosta*.

Os mais importantes phenomenos vulcanicos são os *vulcões terrestes* ou *maritimos*; dos thermaes são os *solfataros*, os *geysers*, propriamente ditos, os *geysers calcareos*, os *travertinos*, as *fontes thermo-mineraes*, os *vulcões de lama*, e as *mofetas;* finalmente, como phenomeno de movimentos da crosta temos a estudar os *tremores de terra* ou *terremotos*.

Os vulcões.— Embora de formas variadas, o vulcão é sempre um apparelho pelo qual as materias fluidas situadas debaixo da crosta são postas em communicação com a superficie da terra. Observa-se nos vulcões um *cone de elevação*, que é a massa proeminente do terreno no interior do qual encontra-se o tubo de dejecção; as *crateras* sao orificios situados no apice d'esse cone.

Já o monte ou monticulo do vulcão é o resultado de uma elevação parcial do solo e por conseguinte constitue um facto geologico.

As dejeccções dos vulcões ou são constituidas pela *puzzolana*, poeira abundante e abrazadora que cahe sobre o solo, ou por bombas consideraveis de gazes de acido chlorydrico, acido sulfuroso, acido carbonico, e tambem hydrogeneo carbornado e hydrogeneo sulfurado, ou finalmente por materias liquidas que se escoam pela cratera ou por pequenos orificios abertos nos flancos do cone vulcanico; estas materias formam regatos incandescentes e constituem, apoz o resfriamento, as *lavas*, quando são compactas, ou as *escorias*, se sua substancia foi dilatada por gazes. As lavas quando se transformam em rochas opacas tomam o nome de lavas *lithoides*, quando correm e formam uma rocha vitrea denominam-se *obsidianas*.

Alem do phenomeno geologico do cône vulcanico, as materias dejectadas alteram a estructura do solo ás vezes até grandes distancias do vulcão produzindo nas povoações circumvisinhas soterramentos, como succedeu nas antigas cidades de Herculanum e Pompeia que desappareceram da surperficie do globo em consequencia de uma erupção do Vesuvio.

Solfataros.— Consistem estes phenomemos thermaes em desprendimentos violentos de vapor de agua acompanhadas de gaz de odor suffocante e fortemente carregado de enxofre.

Os gazes sulfurosos, transformando-se em acido sulfurico devido á acção do ar e das aguas, atacam as rochas, decompõem

os salicatos ou dão origem á *alunite* ou pedra de alumen e bem assim a efflorescencias de sulfatos diversos. A decomposição do hydrogenio sulfurado dá logar tambem a depositos de *enxofre nativo*.

Geysers.—Os *geysers*, que se originam de infiltrações e do facto de serem as aguas provenientes dessas infiltrações atravessadas por emanações muito quentes, vindas de um fóco vulcanico subjacente, são desprendimentos intermittentes de agua quente projectada com violencia. A's vezes o jacto sóbe a 60 metros e mais. Estas aguas escaldantes cahindo, formam depositos concreccionados de *silice hydratada*, tambem chamada *opala commum* ou *geyserite*.

Os *geysers calcareos* tem a mesma origem que os precedentes, sómente as aguas de infiltração atravessam rochas calcareas, razão pela qual a agua esguichada é carregada de carbonato de de cal.

Travertinos.—A certas emissões de agua quente, que ao contacto com o ar depõem, principalmente nas cascatas, o calcareo de que estavam carregadas dando origem a depositos concreccionados de tufo, dá-se o nome de *travertinos*. Segundo Lapparent os *travertinos* são o ultimo echo de uma actividade vulcanica ha muito desapparecida.

Fontes thermo-dynamicas.—As fontes thermo-dynamicas são tambem emissões de agua quente porém menos energicas que os travertinos. Comtudo espontam ás vezes com uma pressão notavel e em temperatura bastante elevada, arrastando em dissolução certos principios activos, taes como os chloruros e os sulfatos.

Volcões de lama.—Dá-se este nome a projecções violentas de lama salgada, atravessada por bolhas de gaz hydro carbonado, que partem de pequenas eminencias crateriformes. Esta lama é antes fria do que quente. Alguns volcões desta natureza, como os de Bakou, no mar Caspio, dão logar a uma abundante colheita de petroleo e outros lançam jactos de gaz susceptiveis de inflammarem-se em contacto com o ar, formando o que se chama *terrenos ardentes*. Presumem alguns que o mar Morto tenha sido um antigo volcão de lama, do qual os desprendimentos de hydrocarburos ainda apresentam-se no estado de betume.

Mofetas.—As mofetas são emissões frias, caracteristicas das regiões em que a actividade vulcanica extinguio-se ha muito. Constam de exhalações de acido carbonico; quando o gaz se desprende na agua resultam fontes de aguas gazosas, semelhantes as de Selters.

Tremores de terra.—As sacudidellas interiores que se produzem no seio da terra determinam nos pontos da crosta, relativos áquelles em que a massa ignea central se comprimio, trepidações ou abalos que agitam o sólo e occasionam ás vezes grandes alterações. São os *tremores de terra* ou *terremotos*. Tornou-se celebre o tremor de terra que em parte destruio a cidade de Lisboa a 1° de Novembro de 1755. Além da origem que acima demos os terremotos podem ser produzidos por levantamentos ou descaimentos de alguns pontos da crosta terrestre, occasionados pela retracção do planeta, á medida que sua massa resfria-se.

Dos tremores de terra resultam ás vezes grandes elevações ou descaimentos de certas partes do sólo, porém em outros casos as mudanças de nivel realisam-se muito lentamente e sem causa

apparente. Sobre certos pontos as praias vão se elevando pouco a pouco e os bancos de conchas formados nos mares modernos são muitas vezes levados a grandes altitudes.

PHENOMENOS GEOLOGICOS ANTIGOS. — Todos os phenomenos que descrevemos nos paragraphos anteriores produziam-se com muito mais frequencia e intensidade nas primeiras idades do nosso planeta.

« Foi no primeiro periodo de ressecamento que o globo, ainda pouco consistente e semelhante a uma massa lodosa, tomou, em virtude da rapidez de sua rotação sobre seu eixo a fórma actual. Dilatou-se no seu equador e, como consequencia, achatou-se nos pólos. A differença é muito sensivel, pois medindo-se o diametro terrestre, a um lado do equador e passando-se pelos pólos do outro, achou-se um desvio de quarenta e dois millimetros em favor do diametro equatorial.

«Uma lei constante de qualquer resfriamento é a contracção da materia resfriada; estas contracções, produzidas nas diversas camadas á medida que iam solidificando-se, determinararam rugas e corcovas que, segundo Elias de Beauniont, crearam o systema das montanhas actuaes, as quaes não são outra cousa senão levantamentos da crosta terrestre.

«Um outro grande facto devia ter influencia enorme sobre estas differenças de nivel : por evaporação, por ejecções constantes de materias atravez das frestas, a crosta solida foi sempre augmentando á custa do nucleo central em fusão, e chegou um momento em que, muito desenvolvida pela massa interior retrahida e ainda por diminuições graduaes de calorico, aluiu-se repentinamente produzindo neste cataclysma geologico, por esmagamento, differenças de nivel muito maiores ainda.» (1)

Concluindo precisamos notar, que muitos phenomenos geologicos modernos e que, como taes, foram descriptos na secção competente, têm causas remotas. Na marioria dos casos, as causas actuaes não differem das que agiram durante os periodos anteriores, podendo por conseguinte, os phenomenos antigos serem explicados pelos modernos.

ÉRAS GEOLOGICAS.— Proporcionando os phenomenos actuaes noções exactas sobre a formação da crosta terrestre e podendo-se obter esclarecimentos chronologicos sobre a formação das camadas pelo estudo dos animaes e plantas fosseis que são postos a descoberto pelos desmoronamentos accidentaes e bem assim pelas excavações que o homem pratica com fins agricolas ou industriaes, taes como sejam minas para a extracção do carvão de pedra, poços artezianos, tunneis, etc. dividiram os geologos a historia da crosta terrestre em quatro grandes éras, precedidas de um periodo inicial de formação em o qual se costituiram as rochas mais antigas.

As éras ou epochas dividem-se em *terrenos* e alguns destes subdividem-se ás vezes em *systemas*.

Pelo quadro que damos em seguida comprehender-se-ha a ordem de successão das éras geologicas :

(1) JACOLLIOT. —*La génèse de la terre et de l'homme*.

ÉRAS GEOLOGICAS

EPOCHAS	TERRENOS
Azoica ou primitiva	. . . . .
Paleozoica ou primaria	Cambriano, Siluriano, Devoniano e Carbonifero.
Mezozoica ou secundaria. . . .	Permiano, Triassico, Jurassico e Cretaceo.
Neozoica ou terciaria.	Eocene, Miocène e Pliocene.
Quaternaria.	. . . . .

Epoca azoica ou primitiva. — Os terrenos da epocha azoica ou primitivos representam o arcabouço da terra e são constituidos pelas rochas graniticas que se solidificaram em primeiro logar, originando a primeira camada da crosta terrestre.

O granito é uma reunião de silicatos com base de alumina, potassa e soda; ou por outra, o granito é uma composição de *quartzo*, *feldspatho* e *mica*.

O *quartzo* é silice mais ou menos pura e muitas vezes crystallisada; o *feldspatho* é uma materia crystallina e branca, composta de silicato de alumina e silicato de potassa e soda; a *mica* (de *micare*, brilhar), é um silicato de potassa contendo magnesia e oxydo de ferro.

Quando a mica predomina na composição dá-se á rocha o nome de *gneiss* (palavra tirada da lingua saxonica).

As argilas provenientes da decomposição das rochas feldspathicas e micaceas formadas pelas chuvas abrazadoras da epocha azoica soffreram primeiramente um começo de fusão e depois, quando resfriaram, tomaram por uma especie de semi-crystallisação uma estructura folliculada a que se dá o nome de *estructura schistosa*.

Sobre o granito propriamente dito observam-se nos terrenos primitivos tres camadas distinctas: 1ª os *micaschistos*, 2ª os *gneiss*, 3ª os *schistos chloritosos*.

Carregada continuamente a athmosphera por pesados vapores, os raios do sol não chegam n'esse periodo á terra, que jaz nas trevas de uma noite immensa e, como não ha luz, não ha vida: nem plantas, nem animaes.

Epocha paleozoica (1) ou primaria. — Esta epocha divide-se nos seguintes terrenos a começar pelos de formação mais remota: *cambriano*, *siluriano*, *devoniano* e *carbonifero*.

Seus caracteres são os seguintes: o cambriano é constituido por schistos de côr carregada, negra, esverdeada ou azul e ás vezes de um calcareo avermelhado passando ao calschisto, como

(1) Do grego *palaios*, antigo e *zoon*, animal.

se vê nos montes Cantabros; o siluriano caracterisa-se por calcareos argilosos, pardacentos, schistos, ardosias e alguns grés; o devoniano é formado de grés schistosos vermelhos, misturados com detrictos silurianos partidos e transportados pelas aguas e depois por grés ordinarios e bancos calcareos entre os quaes se encontram grandes porções de terra vegetal (1); o terreno carbonifero recebeu este nome em consequencia das grandes agglomerações de hulha que contém, a qual se apresenta por stratificações alternadas com schistos e calcareos.

A fauna e flora da epocha paleozoica são ainda muito rudimentares e pobres.

No terreno cambriano encontram-se em estado fossil zoophitos (*polypeiros*), molluscos e crustaceos (*trilobitas* principalmente). No terreno cambriano do Canadá encontram-se rhizopodos que receberam de Dawson o nome de *Eozon canadense* e representam os typos mais antigos dos seres organisados. A flora consta de algumas fucoides.

No terreno siluriano já se encontram alguns vertebrados, constam elles de peixes que não se tem ainda podido determinar com exactidão, porém tanto neste terreno como no anterior ainda não apparecem animaes voadores, o que prova que a vida só existia nas aguas.

No terreno devoniano pullulam os peixes, quasi todos pertencentes á familia dos ganoides, e surge o primeiro reptil, intermediario entre o sapo e o cameleão; os vegetaes são representados por gigantescos fetos, calamites e lepidodendros reunidos em florestas enormes, ao depois transformadas em minas de *anthracita*.

No terreno carbonifero tendem a desapparecer os *trilobitas* que predominaram nos terrenos anteriores, em compensação augmentam os reptis, guardando a hulha os restos desses *archegosauros*, *apateon* e *dendropeton* de formas phantasticas. A flora vae tornando-se mais importante, sendo seus principaes representantes os fetos colossaes, as lycopodiaceas, as equisetaceas, as sigillariaceas, todas gigantescas.

Epocha mesozoica (2) **ou secundaria.**— Os terrenos constantes desta era geologica, seguindo sempre na sua enumeração a mesma ordem de antecedencia de formação, são os seguintes: terreno permiano, terreno triassico, terreno jurássico e terreno cretaceo. (3)

Os terrenos da epocha mesozoica são constituidos pelos seguintes materiaes:

Os terrenos permianos são formados por camadas stratificadas e irregulares, dispostas sobre os terrenos carboniferos; as primeiras stratificações constam de um grés avermelhado, seguindo-se schistos betuminosos misturados em alguns logares com grandes quantidades de minereos de cobre, depois apparecem massas compactas de calcareos e por cima bancos de grés vermelho.

(1) Esta terra vegetal é actualmente a *anthracita*, especie de hulha ou carvão de pedra perfeitamente combustivel.

(2) Do grego, *mesos*, médio e *zoon*, animal.

(3) Alguns geologos consideram o terreno permiano como fazendo parte da epocha paleozoica, e, reunindo-o ao terreno hulhifero, dão-lhe o nome de *permo-carbonifero*.

O terreno triassico caracterisa-se por tres camadas distinctas, razão pela qual tomou esse nome: a primeira é composta de um grés chamalotado, a segunda de calcareo conchylio e a terceira de marga irisada.

O terreno jurassico compõe-se de umas tantas camadas que se dividiram em dois systemas: ás mais inferiores deu-se o nome de *systema liassico* e ás de cima o nome de *systema oolithico*. O systema liassico é formado de tres camadas: a primeira consta de grés pouco compactos, contendo oxydos de chromo e de manganez e depositos de natureza metallica; a segunda compõe-se de calcareos e a terceira consta de margas schistosas ou argilosas; o *systema oolithico* consta de quatro camadas: a primeira formada de areias amarellas micaceas, alternando com argilas e bancos calcareos pouco coherentes, formados de pequenos grãos chamados *oolithos*, a segunda distingue-se por uma grande camada de argilla azulada, a terceira por um grande numero de polypeiros fosseis e finalmente a quarta compõe-se da argilla chamada de Honfleur e desse calcareo tão abundante em Portland, do qual se faz o cimento.

Divide-se o terreno cretaceo em inferior e superior. O cretaceo inferior é constituido por diversas camadas que tomaram os nomes de *systemas wealdiano*, *neocomiano*, *gaultiano*, *greda chloritada* e *greda tufo*. No wealdiano encontram-se areias, grés calciferos, argillas e schistos e nos outros systemas areias, margas, calcareos amarellados e argillas pardas contendo grandes quantidades de minereos de ferro.

O cretaceo superior consta de dois depositos: o inferior é formado por um calcareo terroso, contendo quantidades innumeraveis de foraminiferos, especie de conchas microscopicas misturadas a camadas de argilla, o superior consta de uma camada de greda mistura com silex.

No terreno permiano encontram-se pela primeira vez vestigios de especies animaes ainda existentes: são saurios e diversos peixes (*acrolepis, pygoteros*). Continuam a abundar os peixes ganoides e placoides e, bem assim, os molluscos. A flora é representada por mais de sessenta especies, predominando as plantas das familias dos fetos, equisetaceas, lycopodiaceas e coniferas.

No terreno triassico a fauna e a flora adquirem grande desenvolvimento. No *microletes* surge o primeiro mammifero e as argillas triassicas guardam as pegadas de um monstruoso batraccio—o *cheirotherium* ou *labyrinthodon*; as margas irisadas conservam os restos de novos vegetaes — calamitas, coniferas, cycadaceas e abietinaceas.

O terreno jurassico caracterisa-se paleontologicamente pelos seus grandes saurios — o *ichthyosaurus*, o *plesiosaurus*, o *pterodactylo*. Nelle tambem se encontram marsupios e didelphos. A flora é representada pelas mesmas plantas do terreno anterior, destacando-se as elegantes *zamitas* (cycadaceas), que annunciam as palmeiras.

O systema deWeald do terreno cretaceo, distingue-se por um animal que lhe é peculiar—o *iguanodonte*, gigantesco reptil visinho dos iguanos e que podia medir uns vinte metros de comprimento. A fauna no periodo cretaceo sobe extraordinariamente em importancia: surgem as palmeiras, os pandanus, o carvalho, a figueira, predominando no entanto as plantas da familia das proteaceas das quaes muitas especies se extinguiram. «Em Aix-

la-Chapelle a epiderme das folhas da maior parte das plantas do terreno cretaceo, especialmente das proteaceas, está tão bem conservada em um envoltorio de argilla, que se póde perceber ao microscopio os estomatas ou cellulas polygonaes com sua disposição particular, identica áquella que se sabe caracterisar certas proteaceas vivas, a *gravillea*, por exemplo. A's vezes uma mistura de fucoides e de zoosteras, bem como conchas, attestam a presença de agua salgada». 1)

Epocha neozoica (2) **ou terciaria**. — Esta epocha foi dividida nos seguintes terrenos: *eocéne* (inferior), *miocéne* (médio) e *pliocéne* (superior).

Em virtude de acharem-se localisados em bacias e serem em alguns logares imperfeitamente cobertos pelos alluviões da epocha quaternaria, os terrenos neozoicos podem ser estudados com mais facilidade.

O terreno eocéne, na sua parte inferior, caracterisa-se por immensos depositos de areias brancas misturadas a barros de ouça, no qual muitas vezes se encontram detrictos de conchas acustres e fluviaes; sobre esta camada repousam silex redondos. A parte média consta de um depcsito silicoso e, por cima deste, apparecem grandes porções de gypso ou pedra plastica.

O terreno miocéne consta de depositos de margas e areias marinhas.

Finalmente, o pliocéne consta de diversos depositos lacustres ou marinhos estabelecidos em straficações discordantes. Estes depositos sedimentares são formados de seixos miudos, areias e argillas grosseiras.

« Uma nova creação organica vae mostrar-se na epocha terciaria; quasi todos os animaes vão mudar. O que ha de mais notavel n'esta geração renovada, é a apparição da grande classe dos mammiferos.

« Durante a epocha de transicção os crustaceos e os peixes dominavam no reino animal; durante a epocha secundaria, a terra pertencia aos reptis; durante a epocha terciaria, os reis do globo serão os mammiferos. Estes animaes não surgem em pequeno numero, nem com grandes intervallos; em um só momento vê-se viver sobre a terra uma grande quantidade d'estes seres ainda por assim dizer ineditos.

« Se puzermos de parte os marsupios, mammiferos imperfeitos que remontam ao periodo jurasico, os primeiros mammiferos creados foram os pachydermes. Esta orrdem de animaes conservou durante muito tempo o primeiro logar, representando quasi por si só os mammiferos durante o primeiro dos tres periodos que compoem a epocha terciaria. No segundo e no terceiro periodo apparecem os mammiferos pertencentes a especies agora desapparecidas e que eram tão curiosos, tanto por suas proporções enormes como pela singularidade de sua estructura. Reptis novos, e entre estes seres, salamandras do tamanho de crocodilos reunem-se durante os tres periodos da epocha terciaria á classe dos mammiferos. Durante a mesma epocha appareceram passaros, porém muito menos numerosos que os mammiferos:

(1) Charles Lyell. — *Elements de geologie.*

(2) De *neos*, novo e *zoon*, animal.

estes cantores, aquelles rapaces, outros domesticos ou que parecem esperar o jugo e a dominação do hospede supremo da terra.

« Os mares eram povoados por uma infinidade de seres de todas as classes, quasi tão variados como em nossos dias. Não se procure porêm n'elles esses *ammonitas, belemnitas, hypuritas* que tinham enchido os mares da epocha secundaria e haviam-se multiplicado com uma tão admiravel profusão. D'ora em diante os molluscos assemelhar-se-hão por suas fórmas aos actuaes.

«O que se deve principalmente observar durante a epocha terciaria é a prodigiosa extensão que nella tomam os animaes. Molluscos de conchas de dimensões microscopicas; os *foraminiferos*, os *nummulitas* enchem os mares e se comprimem em columnas tão apertadas que os detrictos de suas conchas agglomeradas formarão um dia terrenos de centenas de metros de espessura. E' a mais extraordinaria dilatação da vida animal que até hoje tem apparecido na serie da creação.

«A vegetação durante a época terciaria possue caracteres muito accentuados. A flora terciaria approxima-se e algumas vezes identifica-se quasi com a de nossos dias. A classe dos vegetaes dycotiledoneos mostra-se nella em seu desenvolvimento completo : é a época das flores. A superficie da térra é embellezada pelas côres matizadas das flores e dos fructos que lhes succedem. As brancas espigas das gramineas destacam-se sobré a verdura de prados sem limites e parecem provocar o desenvolvimento dos insectos, que então, effectivamente, multiplicam-se de um modo singular. Nos bosques, cheios de arvores floridas, e de cimos arredondados, destacam-se os nossos carvalhos e betulas; os passaros augmentam em numero. A athmosphera que purificou-se e desembaraçou-se do veu de vapores que não havia cessado de cobril-a até então, permitte a estes animaes de orgãos pulmonares tão delicados viver e augmentar suas especies.

« Durante a época terciaria a influencia do calor central do globo cessou de fazer-se sentir, em razão da espessura sempre crescente da crosta terrestre. Pela influencia do calor solar, os climas puderam definir-se nas diversas latitudes. A temperatura da terra era quasi como a da nossa zona torrida actual, porém nessa época o frio já principia a fazer se sentir nos dois pólos.

«Chuvas abundantes continuavam no entanto a despejar sobre o continente enormes quantidades de aguas que se reunirão em rios importantes. Foi então que depositos de aguas doces começaram a formar-se em grande numero e que os rios, por seus aterramentos puderam constituir novos terrenos. E' com effeito, a partir da epocha terciaria que se vê succeder camadas alternantes contendo seres organicos marinhos e seres proprios ás aguas doces. Foi no fim desta epocha que os continentes e as aguas tomaram os logares respectivos e que a terra recebeu a sua fórma actual.» (1)

Entre as muitas especies animaes da epocha terciaria que se extinguiram conta-se o *Paleotherium*, animal semelhante á anta; o *Anoplotherium*, grande herbivoro ; o *Xyphodon*, gamo anti-dilu-

(1) Louis Figuier.—*La vie avant le deluge.*

viano, o *Dinotherium*, curioso elephante e o maior dos mammiferos que tem existido; o *Mastodonte*, quasi da estatura e da fórma do elephante actual; o *Mammouth* ou elephante primitivo, o *Rhinoceronte primitivo*, o *Sivatherium* e outros.

Os macacos apparecem na terra no periodo miocene. São elles o *Dryopithecus*, o *Pithecus antiquus*, tambem conhecido na sciencia pelo nome de *Macaco de Sansan* e o *Mesopithecus*, descoberto por Alberto Gaudry nos terrenos de Pikermi, na Grecia. Finalmente, segundo querem alguns paleoethnologos, como ao depois veremos, o homem appareceu pela primeira vez na epocha terciaria.

Epocha quaternaria.—Esta epocha tambem chamada *pleistocene*, é formada por terrenos de formação recente; começa depois da epocha terciaria e vem até nossos dias.

Os factos geologicos de maior importancia da epocha quaternaria, e quen ella estabelecem divisões chronologicas, são: os *diluvios* e o *periodo glacial*.

Nos albores da epocha quaternaria, quer por uma subita elevação parcial da crosta terrestre ou por outra qualquer causa que nos é desconhecida, as aguas lançaram-se por vezes sobre os continentes e em certos pontos delles deixaram uma vasa detrictica que constituio terrenos aos quaes se deo o nome de *diluvium*. Alguns geologos, pelo estudo desses terrenos, acreditam que houve tres diluvios, dois na Europa e um na Asia. Um, o *diluvio scandinavo*, determinado pelo surgimento das montanhas da Noruega submergio o norte da Europa; o outro, o *diluvio alpino*, teve por origem o levantamento da cadeia dos Alpes e fez as suas devastações pela França, Allemanha e Italia; finalmente, o *diluvio asiatico*, que segundo se presume, foi determinado pela apparição das montanhas Caucasicas, cobrio as regiões visinhas a esta cadeia.

O segundo grande cataclysma da epocha quaternaria, ainda mais mysterioso nas suas causas, foi o resfriamento subito que, descendo do pólo artico, cobrio de gelo o hemisphereo boreal, determinando um periodo glacial.

Tanto os diluvios como o periodo glacial, e bem assim outros phenomenos que nos são deconhecidos, extinguiram grande numero de especies animaes e entre estas devemos contar o mammouth (*Elephas primigenius*), o rhinoceronte (*rhinoneceros tichorinus*), o urso das cavernas (*Ursus speloeus*), o tigre gigantesco (*felis spelæa*), a hiena (*Hiena spelæa*, o boi primitivo (*bos priscus* e *primigenius*), o cervo (*Cervus megaceros*), dois tatús gigantescos (*Glyptodon clavipes*, *Shistopleurum typus*) um grande desdentado (*Megatherium*), uma preguiça enorme (*Mylodon*) e outros.

Depositos quaternarios. — Tendo-se em vista a causa particular que lhes deu origem, distinguio-se os depositos quaternarios em depositos formados sob a influencia do periodo glacial e são estes os *terrenos erraticos* ou *diluvium do norte*, os depositos resultantes da acção directa das geleiras propriamente ditas, isto é, as *moraines* e os *blocos erraticos* e depositos produzidos pelos diluvios e cursos d'agua, taes como os *alluviões*.

O *terreno erratico* ou *diluvio do norte* é formado por um lodo argiloso misturado a seixos angulosos aos quaes se dá o nome de *boulder-clay*.

As *moraines* são largas estradas abertas nas montanhas pelo antigo escorrimento das geleiras; reconhecem-se pela côr

pardacenta do terreno e pelos seixos angulosos, raspados e arranhados que n'este se encontram.

Os *blocos erraticos* são pedras espalhadas pelas geleiras e collocadas ás vezes em grande altitudes, como tem-se um exemplo no *Pierre-á-Bot*, enorme bloco arrancado do Valais, França, e atirado a uma altura de 16 metros sobre o flanco do Jura.

Os *alluviões* são depositos quaternarios constituidos por seixos, cascalhos, areias e lodos formados nas regiões em que a acção glacial não se fez sentir e accumulados pelas aguas em differentes alturas sobre os flancos dos valles actuaes. Sua estructura é a seguinte : embaixo um *cascalho de fundo*, com seixos grossos que diminuem de grossura para cima, depois uma *areia gorda* ou alluvião de ribas, deposta por aguas mais tranquillas e, finalmente, uma lama calcarifera amarella,de gran fina, chamada *loess*, que na superficie toma côr carregada. Nos planaltos encontra-se geralmente uma camada de *loess amarello* por baixo do barro de tijollo.

Finalmente, tambem constituem depositos quaternarios as cavernas onde os diluvios afogaram rebanhos inteiros de animaes dessas epochas remotas e cujas ossadas acham-se incrustadas nos revestimentos e pavimentos stalagmiticos. Quando as aguas penetravam nas cavernas, nellas depositavam camadas de cascalhos que se vêm muitas vezes alternando com outras de cinzas, facto este que prova a habitação temporaria dessas grutas pelo homem, durante a epocha que ora estudamos.

Durante o periodo glacial, que interrompeu o escorrimento das aguas nas cavernas, o loess de fóra infiltrou-se ás vezes em estado de dissolução, cobrindo neste caso o chão das cavernas com uma camada a que se dá o nome de limo vermelho das cavernas, o qual se encontra juntamente com estilhaços angulosos de silex, e ás vezes com ossos de animaes. Quando esses ossos são sufficientemente abundantes para entupir a caverna, dá-se o que em geologia se chama *brecha ossifera*, que tambem é um deposito quaternario, porém de natureza animal.

Noções de anthropologia

Segundo a definição de Topinard, *anthropologia* é o ramo da historia natural que trata do homem e das raças humanas.

Aqui nos occuparemos unicamente daquelles pontos que se relacionam mais directamente com a historia, fim principal e unico deste trabalho e, como sob o ponto de vista do estudo das raças humanas, a *craniologia*, isto é, a parte da antropologia que se occupa do estudo comparativo dos craneos é a mais importante, della trataremos em primeiro logar. (1)

Craniologia.—Baseando-se em caracteres physicos, quer anatomicos, quer exteriores, a *craniologia* estuda o craneo humano sob todos os seus aspectos e formas, por dois methodos geraes que entre si disputam a preeminencia.

Em um destes methodos -a *cranioscopia*, basta a inspecção visual ou o emprego de meios muitos simples e dos quaes sempre

(1) Tomamos por guia na organisação destas noções o excellente compendio de PAUL TOPINAR, *L'Antropologie*.

se pode dispôr; no outro—a *craniometria*, tem-se que recorrer a processos mathematicos.

Pela cranioscopia obtem-se os caracteres que Topinard denominou *descriptivos*, e pela craniometria obtem-se os caracteres que o mesmo autor denominou *craniometricos*.

Caracteres descriptivos.—Além dos caracteres particulares deduzidos da estructura e conformação dos ossos, do estado das suturas craneanas, da saliencia do inion, da disposição do pterion, do logar da face em que desemboca o plano do buraco occipital prolongado artificialmente, do achatamento das paredes latteraes, da curva da linha temporal, da saliencia da glabella e das arcadas superciliares, da forma da fronte, da curvatura da aboboda, da curvatura posterior, da curvatura da região sub-iniaca e de outras circumstancias, os anthropologistas tiram ainda conclusões da forma geral do craneo. Pruner-Bey salientou as relações harmonicas ou desharmonicas do craneo com a face. Blumenbach estabeleceu a *norma verticalis* para apreciar a largura ou estreiteza do contorno da aboboda, seu comprimento, forma geral, etc.; para isso dispunha no chão uma série de craneos de modo que os ossos malares se achassem sobre uma mesma linha horizontal, como tem logar quando os craneos repousam sobre da mandibula superior, e examinava-os successivamente com o olho collocado por cima do vertex. Camper introduziu o methodo de estudar o craneo de perfil e Owen, querendo comparar os anthropoides com o homem, applicou o systema de observação do craneo por baixo.

Prichard dividio os craneos em *ovaes*, como o das raças européas, de fórmas bem desenvolvidas, maxillares e arcadas zygomaticas dando ao rosto uma fórma quasi oval, fronte e ossos malares quasi no mesmo plano, bordos alveolares e dentes incisivos verticaes; em craneos *pyramidaes*, como o dos mongoes e o dos esquimós, no qual a projecção fóra das arcadas zygomaticas é o traço principal, e em craneos *prognatas* que correspondem ao typo negro e nos quaes os lados muito comprimidos e musculos temporaes inseridos muito em cima, determinam ao mesmo tempo o alongamento e o achatamento latteral do craneo. Os ossos malares, n'esses craneos, projectam para fóra e principalmente para diante, definindo o *prognatismo*.

Caracteres craniometricos.—Diversos são os methodos empregados pela craniometria para se conhecer os *indices* ou *relações* de diversas partes do craneo afim de se obter os caracteres peculiares ás raças humanas.

Os mais importantes são as *arqueações*, as *cubagens*, as *medidas rectas* e *curvas*, as *projecções*, os *angulos* e os *systemas especiaes*.

Julgamos de pouca utilidade para o nosso fim entrarmos na apreciação destes differentes methodos e por isso nos contentaremos em mencionar os *indices craniometricos*.

A somma da capacidade das duas orbitas comparada com a da caixa cerebral fornece o *indice cephalo-orbitario*.

Por meio de compassos graduados tomam-se as dimensões do craneo, quer no sentido de seu comprimento, ou diametro antero-posterior maximum, quer no sentido de sua largura ou diametro transverso maximum e estas medições dão em resultado o *indice cephalico*. Os indices extremos correspondem aos craneos compridos ou *dolichocephalos* e aos craneos redondos ou

brachycephalos, nomes impostos pelo antropologo sueco A. Retzius. Os craneos médios foram denominados *mesaticephalos* por Paulo Broca, o qual, para determinar mais algumas gradações entre estes typos, augmentou a classificação com os craneos *sub-dolicocephalos* e craneos *sub-brachycephalos*.

O *indice vertical* ou indice de altura dá a fórma do craneo segundo um córte antero-posterior dividindo o ovoide craneano em duas metades latteraes; por elle se classificam os craneos em *acrocephalos*, ou craneos elevados e em *platycephalos*, ou craneos baixos.

Além destas medidas antropometricas calculam-se as circumferencias dos cerebros pela qual se classificam estes em *macrocephalos* e *microcephalos* (cerebros grandes e pequenos) servindo tambem para determinar certos estados pathologicos, taes como a hydrocephelia, etc.

O indice facial póde ser relativo á largura ou ao comprimento. O diametro transverso maximum da face é tomado nas arcadas zygomaticas ou bizygomaticas; o *comprimento maximum* póde ser tomado sob dois aspectos, ou no comprimento total da face, do ponto sub-orbitario á extremidade do queixo, ou no comprimento simples da face, do ponto sub-orbitario ao ponto alveolario.

Obtem-se o *indice nasal* estabelecendo-se a relação entre a largura maxima do orificioá nterior do nariz com o seu comprimento, tomado da espinha nasal á sutura naso-frontal. Por este indice classificam-se os narizes em *platyrrhineos* ou de esqueleto nasal largo, como se vê nas raças negras, *mesorrhineos* ou de esqueleto nasal médio, como se vê nas raças mongolicas e americanas, com excepção dos Esquimós e *leptorrhineos*, ou de esqueleto nasal alongado como se vê nas raças brancas. Diz Paulo Broca que o indice nasal é um dos melhores para se distinguir as raças.

Obtem-se o *indice orbitario* procurando-se a relação do diametro vertical da base da orbita com o seu diametro horisontal. Quando o indice é grande designam-se as orbitas pelo nome de *megasemas*, quando médio *mesosemas*, quando pequeno *microsemas*.

Pela medição do maxillar superior vê-se que este nas differentes raças apresenta-se debaixo das seguintes fórmas: ou é *hyperbolico*, quando os ramos vão divergindo para traz; ou é *parabolico*, quando vão divergindo ainda, porém um pouco menos e de modo que se se prolongassem indefinidamente encontrar-se-hiam; ou tem fórma de *ypsilon* quando são exactamente parallelos; ou são *ellipticos*, quando convergem qualquer que seja o grão. As duas primeiras fórmas são mais communs nas raças brancas, a terceira e a quarta encontram-se nas outras raças, principalmente nas raças negras.

Pela medida do maxillar inferior tiram os antropologistas diversas conclusões, quer considerando sua distancia transversa de um angulo a outro, quer a distancia obliqua do mesmo angulo á extremidade do queixo, quer sua altura na symphise ou finalmente sua altura no nivel da apophyse coronoide.

O *prognatismo* dentario inferior é constituido pelo verticalismo ou obliquidade para diante dos dentes.

O prognatismo, bem como a proeminencia ou a ausencia do queixo são caracteres de grande valor antropologico.

Principaes formas de craneos.—Diversos termos têm sido empregados para designar as principaes fórmas de craneos e como alguns delles occorrem nas paginas seguintes julgamos de conveniencia exhibil-os com a necessaria traducção. São os seguintes:

Acrocephalia, oxycephalia, hypsocephalia, pyrgocephalia, craneo elevado.

Platycephalia, tapynocephalia, aboboda do craneo achatada, descida.

Eurycephalia, craneo largo.

Stenocephalia, craneo estreito.

Trochocephalia, craneo muito redondo

Trigonocephalia, craneo triangular no vertice anterior.

Hypstenocephalia, craneo estreito e elevado.

Megalocephalia, craneo de capacidade exaggerada.

Laptocephalia, microcephalia, craneo pequeno.

Plagiocephalia, deformação obliqua ovular.

Cylindrocephalia, craneo cylindrico alongado.

Cymbocephalia, kumbecephalia, exaggeração da fórma precedente.

Scaphocephalia, sphenocephalia, craneo em fórma de canoa.

Pachycephalia, craneo de paredes espessas hypertrophiadas.

Deformações do craneo. — As deformações são *posthumas* e *plasticas*, quando se produzem no seio do solo pela pressão das terras, sendo seu principal caracter a ausencia de regularidade e symetria; *platybasicas*, quando a deformação tem logar no individuo vivo, na infancia ou na velhice, por falta de consistencia dos ossos visinhos ao buraco occipital; *plagiocephalas*, quando se produzem accidentalmente na creança que a ama traz constantemente sobre o mesmo braço ou pela pressão que exerce no decubitus o peso da cabeça sobre todo o occipital ou sobre um de seus lados; finalmente, as deformações podem ainda ser artificiaes, ora involuntarias, devidas a penteados e chapeos ou capacetes improprios, ora voluntarias, em obediencia a ritos e usos barbaros.

Caracteres anthropologicos do esqueleto.—As outras partes do esqueleto proporcionam caracteres quanto á propria configuração dos ossos e quanto ás suas proporções respectivas.

Relativamente á configuração dos ossos consideram-se a perfuração do humerus, certas fórmas do femur, do tibia, do peroneo e do cubitus, a torsão do humerus e do femur, a curvatura deste ultimo, o angulo que faz seu corpo com a diaphyse, a saliencia do calcaneum, a largura do olecraneo, etc.

A perfuração da cavidade olecraneana do humerus que se nota nos esqueletos dos Hottentotes e dos Guanches foi, nas raças brancas da Europa, considerada sómente como particular ás que são anteriores á epocha da pedra polida.

O caracter mais importante que offerece a observação do tibia é o da *platycnemia*, em que este osso toma a fórma de lamina de sabre. A platycnemia tem sido observada em diversas raças prehistoricas do periodo da pedra lascada e em alguns povos da Oceania.

O *peroneo canella*, o *cubitus incurvado para diante*, o *femur com fórma de columna* são os caracteres mais notaveis destes ossos, e observam-se quasi sempre reunidos á platycnemia.

Os caracteres relativos ás proporções do esqueleto referem-se ao comprimento dos ossos relativamente á estatura, ou á comparação de uns ossos com os outros.

A anthropologia estende o seu dominio até á analyse das visceras, do peso do cerebro, etc., porém os caracteres que se tem obtido com essas indagações são de valor insignificante.

Caracteres anthropologicos estudados no corpo vivo.—Os principaes caracteres que se obtem pelo estudo do corpo vivo são as medidas da cabeça e dos membros, a avaliação da estatura, a côr da pelle, dos olhos e dos cabellos, os caracteres do systema piloso, os traços da physionomia, a fórma do rosto, do nariz, da bocca, das orelhas, etc. Taes caracteres proporcionam elementos valiosissimos para o estudo das raças humanas.

A estes caracteres puramente descriptivos juntam-se outros de não menos importancia, taes como sejam as idades, a menstruação, a hereditariedade e as uniões consaguineas que são verdadeiros caracteres physiologicos.

Contentamo-nos com a simples indicação destes caracteres, pois falta-nos espaço para detalhal-os.

Bem assim não podemos entrar em considerações sobre os caracteres sobre o *peso do corpo*, a *força muscular*, a *circulação do sanque*, a *respiração*, a *circumferencia do peito*, a *digestão*, a *voz*, a *visão* e as *funcções cerebraes*, os quaes só cabem em obras muito especiaes.

Influencia dos meios.— Segundo Quatrefages, meio é o conjuncto de condições ou de influencias quaesquer, physicas, moraes ou intellectuaes que podem actuar sobre os seres organisados. A influencia dos meios se exerce no individuo physica, moral ou socialmente e assim podem-se considerar debaixo deste nome todas as causas capazes de determinar directa on indirectamente qualquer modificação sensivel nas raças humanas.

As opiniões sobre as influencias dos meios na variabilidade das especies são muito contracditorias. Darwin pretende que as variações se produzem no seio materno, expontaneamente e como por acaso; Lamarck e Geoffroy Saint-Hilaire pensam que as variações tem logar no curso da existencia, determinadas por circumstancias exteriores.

Aclimação. — A aclimação é a accomodação expontanea e natural em condições climatericas novas.

A faculdade de adaptação a novos climas não é igual em todos os povos e apresenta singularidades notaveis.

Os inglezes, por exemplo, aclimatam-se perfeitamente nos Estados Unidos e na Africa Meridional, porém não resistem muito ao clima das Antilhas; a faculdade de adaptação dos francezes diminue á medida que elles se approximam dos tropicos; os hespanhóes e os portuguezes adaptam-se melhor nos tropicos do que nas regiões frias; os ciganos adaptam-se a todos os climas: tanto vivem na Russia como no Brazil.

Classificação das raças.—Muitas são as classificações ethnographicas até hoje apresentadas, porém aqui só mencionaremos as mais celebres :

Bernier admittiu quatro raças : os brancos, na Europa, os amarellos na Asia, os negros na Africa e os Lapões no norte.

Linneo dividiu as raças humanas em quatro variedades : o Europeo de olhos azues, côr branca e cabellos louros ; o Aziatico de cabellos negros, olhos pardos e côr amarella, o Africano de

cabellos pretos e encarapinhados, tez preta, nariz chato e labios grossos e o Americano, de côr acobreada, cabellos negros e corredios e queixo imberbe.

Buffon differençou uma raça hyperborea e uma raça malaya e distinguiu os hottentotes dos negros africanos.

Blumenbach distinguio as raças humanas em cinco variedades: a caucasica, a mongolica, a ethiopica, a americana e a malasica. Esta classificação gozou de credito durante muito tempo.

Cuvier dividiu as raças em tres: caucasica, que se subdividia em indo-pelasgica comprehendendo os Kalmukos, os Mamdchús, os Chinezes, os Japonezes, os Coréos e os habitantes da Micronezia, e a raça negra á qual não applicou subdivisões.

Virey dividiu o genero humano em duas especies — a raça branca e a raça negra.

Bory de Saint Vincent, que declarou-se partidario do polygenismo sustentado anteriormente por La Peyrère, dividiu o genero humano em quinze raças, a saber: a japhetica ou européa, a arabica, a hindou, a scytica (Turcos) a sinica (chinezes), a hyperborea, a neptunina (Malayos, Polyuesios e Papuas), a australiana, a colombica ou americana, a ethiopica, a cafre, a melanesica e a hottentote.

A. Desmoulins, admittindo as especies de Bory de St. Vincent, accrescentou-lhes as raças kuriliana e papua.

Morton considerou as raças humanas em cinco grupos divididos em vinte e duas familias. Agassiz fez originar a especie humana de cinco centros de creação.

I. Geoffroy Saint-Hilaire, tomando por base de sua classificação a conformação do rosto, dividiu as raças em *orthognatas*, typo caucasico, de rosto oval e mandibulas verticaes, *eurignatas*, typo mongolico de rosto largo, em consequencia da proeminencia das faces; *prognatas*, typo ethiopico, mandibulas salientes; *eurygnatas-prognatas*, faces dilatadas e mandibulas salientes.

Harley tomou por base os caracteres dos cabellos e dividiu as raças humanas em dois grupos—*ulotrichi*, as de cabellos encarapinhados e *leiostrichi*, as de cabellos lisos. As *leiostrichi* foram por elle subdivididas em quatro grupos — *australoide*, (australianos, negros do Dekan, Egypcios, etc.); *mongoloide* (Mongoes, Chinezes, Polynesios, Esquimaus, Americanos, etc.); *xanthocroide* (Slavos, Teutões, Scandinavos, Celtas louros, etc.); *melachronoides* (Iberos, Celtas de cabellos pretos, Berberes, etc.)

Finalmente, Quatrefages considera as raças humanas puras, ou que se tem como taes, oriundas de uma fonte unica, que emittiu tres troncos (o branco, o amarello e o preto); estes, por sua vez, se subdividiram em ramos e estes em galhos sobre os quaes inserem-se as familias divididas em grupos. Os ramos do tronco branco são a aryana, a semitica e a allophylla (Esthonios, Caucasia, Ainos); as do tronco amarello são a mongolica ou meridional e a negra ou boreal, e as do tronco negro são a negrito, a melanesica, a africana e a saab (Hottentotes).

Além destas tem sido apresentadas outras classificações e estamos longe ainda do momento em que a sciencia dirá a ultima palavra sobre o assumpto, pois nenhuma das que mencionamos pode por emquanto ser considerada perfeita.

Causas da extincção das raças. — Obdecendo a diversas causas as raças podem-se extinguir e este facto ou é ra-

pido, ou lento, ou insensivel. A's vezes tem logar a extincção pelo embate da raça com outra mais nova, mais aguerrida, ou mais intelligente; outras vezes a extincção é determinadas por causas de origem morbida ou physiologica. Entre as causas morbidas contam-se as molestias novas, mais ou menos contagiosas, taes como o cholera, a variola, o sarampo, a escarlatina, a syphilis, e tambem o alcoolismo que, propagando-se rapidamente, toma caracter epidemico.

Entre as causas physiologicas contam se a mudança subita de habitos, a anemia resultante da nostalgia, etc.

Finalmente, extinguem-se ainda as raças pelo crusamento, pois com o tempo o producto da mestiçagem chega á maior differenciação, constituindo afinal um typo ethnico novo, muito distincto das raças que o produziram.

Typos anthropologicos.—Entende-se por typo anthropologico a média dos caracteres que apresenta uma raça humana supposta pura. « Nas raças homogeneas, se elle existe, descobre-se pela simples inspecção dos individuos. Na generalidade dos casos é preciso advinhal-o, sendo então um ideal physico do qual se approximam mais ou menos a maior parte dos individuos do grupo, mas que é melhor representado por alguns delles.» (1)

Topinard definio os seguintos typos anthropologicos bem caracterisados : o typo europeu (subdividindo-se em typo louro e typo moreno), o typo hindou, o typo tsigano, o typo iraniano, o typo celtico, o typo berber, o typo semita, o typo arabe, o typo finlandez, o typo mongolico, o typo esquimó, o typo samoyéda, o typo malayo, o typo polynesio, o typo americano, o typo patagonio, o typo africano vermelho, o typo negro, o typo cafre, o typo hottentote, o typo papuasico, o typo negrito, o typo tasmaniano e o typo australiano.

Dos que interressarem mais directamente á historia do Brasil, taes como o typo europeu, o typo americano e o typo negro apresentaremos os caracteres anthropologicos no logar competente.

Origem da especie humana.—Pondo de parte a pretenção dos orthodoxos que fazem derivar a especie humana do casal paradisiaco de que falla a Biblia, visto não merecer mais esta tradicção outro valor que o das diversas lendas genesicas que se encontram em numerosos povos, passemos á exposição das doutrinas scientificas que explicam a origem das raças.

Monogenismo de Quatrefages.—O celebre antropologo francez Quatrefages, embora não se apartando do criterio scientifico, proclamou no entanto a unidade da especie humana, admittindo comtudo a sua alta antiguidade. Para Quatrefages, as especies zoologicas são immutaveis no seu typo physico e delimitadas em sua circumscripção por seu caracter de homogenesia no seu proprio seio e de heterogenesia fóra. As raças humanas não passam de variedades devidas á influencia dos meios e a crusamentos; todas se reduzem a um pequeno numero e descendem de um só tronco.

Esta theoria, conhecida pelo nome de *monogenismo*, vai deixando de ter curso na sciencia e apenas a sustenta o espirito de

(1) TOPINARD. — *L'Anthropologie*.

orthodoxia que nella se ampara para confirmar a lenda biblica de Adão e Eva.

Polygenismo de Agassis.—A escola opposta ao monogenismo e á qual se filiaram os maiores pensadores modernos é a do *polygenismo*. Defendeu-a scientificamente pela primeira vez o celebre professor Luiz Agassis.

Para os polygenistas as especies não se acham rigorosamente fixadas em seus limites, nem determinadas pela faculdade dos individuos de não se fecundarem senão entre si. As raças humanas differem tanto como certas familias, certos generos, certas especies.

Nasceram de um modo independente e Agassiz assignala no globo oito centros diversos de creação. O naturalista norte-americano admittia no entanto em todas as phases da historia da terra a intervenção de uma vontade superior, operando em virtude de um plano preconcebido.

O transformismo de Lamarck.—Para Lamarck a especie varia ao infinito e considerada no tempo não existe. Tanto no reino vegetal, como no reino animal, as especies passam de uma á outra por uma infinidade de transições, nascendo por via de transformação ou de divergencia. Remontando-se á origem dos seres chega-se a um pequeno numero de germens primordiaes ou monadas, que apparecem por geração expontanea. Pela transformação lenta dos macacos anthropoides surgiu o homem.

As differenciações das especies são explicadas pela adaptação dos orgãos ás condições de existencia. Para Lamarck a mudança nas condições exteriores força o animal, posto em presença de animaes mais fortes ou em novas condições de vida, a contrahir habitos differentes que produzem uma superactividade em certos orgãos e uma diminuição ou falta de exercicio em outros. Em virtude da lei physiologica, inherente a todo o organismo, que o orgão ou certa parte do orgão diminue ou augmenta em proporção do trabalho que fornece, estes orgãos chegam a modificar-se e a conformar-se com as condições novas

Selecção natural de Darwin. — A selecção natural, theoria desenvolvida por Charles Darwin, e que completa e desenvolve o transformismo de Lamarck, funda-se na lucta pela existencia (*struggle for life*) e na variabilidade expontanea. O illustre naturalista chegou a este resultado por pacientes observações feitas sobre a creação dos animaes domesticos, pois é sabido que os criadores de animaes e os horticultores obtem quasi como querem novas fórmas, escolhendo primeiro em uma mesma especie, depois entre os productos de um primeiro crusamento, os agentes dos crusamentos seguintes, e assim por diante, possuindo os individuos no mais alto gráo o desvio que se quer; por esta fórma uma especie nova se desenvolve e fixa-se á força de perseverança.

A differença existente entre a theoria de Lamarck e a de Darwin é que, para o primeiro, o ponto de partida da transformação acha-se no meio exterior que modifica o modo de viver e cria habitos novos e necessidades que determinam modificações na nutrição e na estructura dos orgãos; para o segundo, o ponto de partida reside na superioridade que proporciona ao individuo uma vantagem qualquer na lucta quotidiana. Segundo a opinião de Lamarck a variação opera-se gradualmente no curso da existencia, Darwin pensa que a variação apparece expontaneamente durante a vida embryonaria.

Noções de paleoéthnologia

Alguns eruditos suecos, noruguezes e dinamarquezes, á frente dos quaes se achava o illustre antiquario Thomsen, apoz terem procurado dilatar o acanhado quadro da historia dos paizes scandinavos com a interpretação dessas remotas e confusas lendas ou narrações maravilhosas, conhecidas pelo nome de *sagas*, deliberaram mergulhar mais no passado e das carcomidas reliquias archeologicas encontradas debaixo dos alluviões marinhos, nos lagos, nas turfeiras, nas accumulações de detrictos de conchas e ossos, ou nos monticulos artificiaes de terra, arrancar mais uma palavra sobre a antiguidade historica d'aquelles paizes septentrionaes.

Os trabalhos dos sabios scandinavos foram coroados do mais brilhante successo e, em 1836, Thomsen já publicava o resultado dos mesmos, pelo qual achava-se autorisado a dividir os tempos prehistoricos, relativamente aos progressos da industria humana, em tres idades—a da pedra, a do bronze e a do ferro, confirmando assim com dados positivos os vagos enunciados do poeta latino Lucrecio (1), do allemão Eckhard (2), do francez Goguet (3), do inglez Borlase (4) e outros, que intuitivamente haviam presentido essas precedencias da historia propriamente dita.

Immediatamente os suissos admittiram a classificação de Thomsen, e Morlot, professor de geologia na Academia de Lausanne, emprehendeu um estudo serio sobre antiguidades archeologicas, publicando em 1860 os seus *Estudos geologico-archeologicos na Dinamarca e na Suissa*.

Os trabalhos dos sabios scandinavos e suissos, no entanto, por mais interessantes que fossem, só referiam-se aos tempos actuaes e podiam entrar no quadro da chronologia classica; merecem ser lembrados, porém, porque foram elles o ponto de partida para observações sobre epochas mais remotas, das quaes se originou a certeza da existencia do homem nos tempos ante-diluvianos.

Já Tournal na gruta de Bize em 1824, De Christol, nas cavernas de Gard em 1829, Emilien Dumas, o Dr. Pitore, Schemerling nas cavernas de Liege e Aymard no volcão de Denise haviam observado ossadas humanas depositadas em terrenos pertencentes a periodos geologicos decorridos, porém a gloria da verificação e demonstração positiva desse grande facto cabe com toda a justiça a Boucher de Perthes que, com as suas investigações em Abbeville e com a publicação das suas *Antiguidades celticas e anti-diluvianas*, a despeito de Cuvier que dogmaticamente havia fixado o apparecimento do homem apoz a extinção dos grandes mammiferos do primeiro periodo da epocha quaternaria, lançou as bases solidas da *paleoethnogia*, sciencia que se colloca entre a geologia e a historia e que, segundo a definição de Mortillet (5) é a historia do homem antes dos documentos escriptos.

(1) Lucrecio.—*De natura rerum*
(2) Eccardus —*De origine et moribus germanorum*.
(3) Goguet.—*Origine des lois, des arts et des sciences*.
(4) Borlase.—*History of Cornwall*.
(5) Mortillet.—*Le prehistorique*.

dos monumentos figurados e mesmo até antes das tradições e lendas.

Divide-se a paleoethnogia em tres grandes partes: a primeira occupa-se do apparecimento do homem na epocha terciaria, isto é, aponta a origem da humanidade; a segunda estuda o desenvolvimento do homem na epocha quaternaria; a terceira preoccupa-se com o homem nos primeiros albores da historia.

Os documentos que authenticam a paleoethnologia são ossos de nossos semelhantes e productos primitivos da arte e industria humanas encontrados em excavações praticadas em todos os continentes, ou descobertos nas brechas ossiferas e cavernas, nas grutas sepulchraes, nos monumentos cyclopicos, nos mounds do Ohio, nos tumuli da Scandinavia, nas habitações lacustres da Suissa e da Italia, nos nuraghi da Sardenha, nos terramares da Emilia, nas lavas dos volcões extinctos do Auvergne, nos kjökenmoeddingers, nos ceramios, nos sambaquis, etc.

Chronologia paleoethnologica. — Se, relativamente aos tempos historicos, quando se trata de epocas muito affastadas torna-se difficil a applicação dos processos chronologicos modernos, é de todo impossivel applicar-se as mesmas unidades de tempo que hoje usamos ao computo dos periodos prehistoricos.

« Não é por annos, diz Paulo Broca (1), nem por seculos, nem por milhares de annos que se pódem medir estes periodos; mas pode-se determinar a ordem segundo a qual succederam-se as epochas geologicas e os periodos de que cada uma se compõe. »

E', por conseguinte, por uma chronologia relativa que se medem as éras prehistoricas.

Estas *éras* ou *idades*, segundo a classificação de Thomsen que prevalece, ficaram chamando-se, de accòrdo com a materia prima de que então eram feitos os instrumentos e utensilios, *idade da pedra*, *idade do bronze* e *idade do ferro*.

Estas duas ultimas idades porém já fazem parte dos tempos historicos, ou quando muito começam em tempos proto-historicos e por conseguinte tal classificação abrangia o immenso periodo paleoethnologico sem divisão chronologica, preoccupando-se apenas em distinguil-o dos tempos historicos e proto-historicos.

Por isso os sabios francezes dividiram a idade da pedra ou archeolitica, segundo Lubbock, em dois periodos: o da *pedra lascada* e o da *pedra polida*, tomando por base os caracteres dos instrumentos de pedra.

Como, porém, nem sempre os instrumentos de pedra polida que se encontram são contemporaneos dos tempos geologicos que com esse nome parecem referir-se, os sabios inglezes deram a taes periodos outros nomes: ao periodo da pedra polida, que é o mais recente denominaram *neolithico* (nova pedra) e ao da pedra lascada *paleolithico* (antiga pedra). A estes periodos Mortillet acrescentou um terceiro—*eolithico*, (origem da pedra) para applicar-se especialmente á epocha terciaria.

Esta classificação é geralmente aceita, mas progredindo a sciencia e accentuando-se a necessidade de novas subdivisões chronologicas, diversos methodos foram propostos e entre estes os mais notaveis são os que damos em seguida:

(1) PAUL BROCA—*Les troglodytes de la Vezère*.

CLASSIFICAÇÃO DE LARTET.—Eduardo Lartet, tomando por base a fauna do periodo quaternario, dividio a idade da pedra em—*epocha do urso*, *epocha do mammouth* e *epocha da renna*.

CLASSIFICAÇÃO DE BROCA,—Broca, tomando por base ao mesm tempo a stratigraphia, a paleontologia e a archeologia dos tempos quaternarios determinou os periodos paleoethnologicos pela seguinte fórma:

CHRONOLOGIA PREHISTORICA DE BROCA

Epocha quaternaria	*Dados stratigraphicos*	*Dados paleontologicos*	*Dados archeologicos*
Periodo archeolitico	Niveis baixos dos valles não revolvidos	Idade do mammouth	Idade da pedra lascada ou archeolitica—Machado de St. Acheul.
	Niveis medios	Idade intermediaria	Ponta do Moustier.
	Niveis altos	Idade da renna	Ponta de Solutré.
Periodo neolithico	Terrenos recentes	Fauna actual	Machado polido.
Periodo metallico			Idade do bronze.
			Idade de ferro...

CLASSIFICAÇÃO DE MORTILLET.—Uma das classificões mais vulgarisadas, embora como as precedentes tenha soffrido sérias objecções, é a de Mortillet que subdivide a idade archeolitica em epochas a que deu os nomes dos logares onde foram encontrados os documentos paleoethnologicos.

O periodo eolithico, que corresponde aos terrenos terciarios, é representado pelo typo de Thenay ; o periodo paleolithico consta de quatro epocas, as quaes, a começar pela mais remota são:

Epocha de St. Acheul ou de *Chelles*, contemporanea do *mammouth* e do *Elephas antiquus*. Caracterisa-se por silex cortados em fórma de amendoa.

Epocha do Moustier, contemporanea do grande urso das cavernas. Caracterisa-se por pontas de silex cortadas de um só lado e raspadores tambem de silex.

Epocha de Solutré, contemporanea da renna e em parte do mammouth. As pontas de silex tem a fórma de folha de louro e são cortadas dos dois lados.

Epocha da Magdalena, contemporanea da renna. Flechas de osso e laminas de silex.

Ao periodo neolithico corresponde a *epocha de Robenhausen*, contemporanea das primeiras habitações lacustres e dos dolmens. Machados de pedra polida e flechas de silex dentadas.

O HOMEM TERCIARIO.—Tendo os estudos de geologia e paleontologia demonstrado que as condições da vida durante a epocha terciaria eram quasi identicas ás actuaes, os investigadores tiraram desse facto a conclusão de que podia muito bem ter existido o homem n'aquelles tempos e logo puzeram-se-lhe na pista.

Em 1863 Desnoyer julgou descobrir vestigios humanos nas areias e cascalhos pliocenes de Saint Prest e poucos annos depois apresentava-se o abbade Bourgeois, dizendo ter encontrado na base do terreno miocene de Thenay, silex queimados e lascados; ao mesmo tempo Delaunay garantia a existencia de productos da industria humana no terreno miocene de Pouancé, Arthur Issel exhibia ossadas humanas recolhidas nas margas azues dos terrenos pliocenes de Savona e William Blake expunha diversos instrumentos de pedra que dizia ter encontrado no terciario superior da California.

Muitas outras descobertas de igual natureza pareciam demonstrar exhuberantemente a existencia do homem terciario, porêm, sendo as mesmas submettidas á severa analyse, evidenciou-se que eram de origem mais recente.

Tres dessas reliquias, no entanto, embora muitos não lhes tenham attribuido maior importancia que ás outras como provas da remota antiguidade do homem na terra, foram por Gabriel de Mortillet consideradas como verdadeiros documentos humanos do periodo terciario.

As descobertas que mereceram ser distinguidas pelo illustre paleoethnologo francez foram as do abbade Bourgeois nas jazidas de Thenay, as de Rames no conglomerato trachytico do Cantal e as de Carlos Ribeiro em depositos terciarios do valle do Tejo.

O homem de Thenay.—Ao homem que devia existir em Thenay e que fabricou os silex encontrados pelo abbade Bourgeois, Mortillet deu o nome de *Anthropithecus Bourgeoisii*.

A descoberta de Bourgeois constava de silex trabalhados, e fallando dos mesmos diz o venerando abbade;

« Comparei estes instrumentos terciarios com os que recolhi em tão grande numero na superficie do solo na mesmá região, e não tardei a observar a perfeita identidade dos typos fundamentaes... Comquanto o aspecto destes instrumentos denote um trabalho grosseiro, comtudo observam-se retoques finos e feitos com habilidade. Para se apreciar o talento dos primitivos operarios que os fabricaram devemos attender á natureza do silex que tinham a sua disposição...

« Muitos destes instrumentos foram deformados pela acção do fogo; por conseguinte, devia o homem achar-se já de posse desse elemento...

« Finalmente, encontro ahi todos os signaes pelos quaes se reconhece a acção do homem, a saber: os retoques, os entalhes symetricos, os entalhes artificiaes produzidos para corresponder a um entalhe natural, os vestigios de uso e principalmente a reproducção multiplicada de certas fórmas.

« A presença dos silex cortados na base do calcareo de Beauce é um facto estranho, inaudito, de alta gravidade, porém um facto indubitavel para mim...»

O homem do Cantal. - Ao fabricante dos silex encontrados por Mr. Rames no conglomerato trachytico do Cantal, Mortillet deu o nome de *Antropithecus Ramesii.*

As descobertas de M. Rames constam igualmente de silex em os quaes evidencia-se o trabalho do homem, embora muito grosseiro ainda.

O homem de Portugal. — Ao homem terciario de Portugal, fabricante dos silex encontrados pelo Sr. Carlos Ribeiro, Mortillet deu o nome de *Antropithecus Ribeiroii.*

Os silex e quartzitos do valle do Tejo revelam o trabalho intencional do homem, não sómente por sua fórma geral como pelos planos de pancada bastantes claros e por chonchoides de de percussão muito desenvolvidos, ás vezes duplos, em relevos sobre uma face e concavos na face opposta.

O homem terciario americano. — Os sabios europeus ainda não se deram por satisfeitos com as provas apresentadas pelos investigadores do Novo Mundo sobre a existencia do homem terciario na America, tratando-se, porém, do nosso continente, precisamos dizer de que natureza são essas provas.

Além dos silex apresentados por W. Blake, dos quaes já fallamos, em 1866 os operarios que trabalhavam na encosta occidental da Sierra Nevada (Condado de Calaveras) encontraram a 50 metros de profundidade, em camadas de cascalho aurifero e por baixo de muitos depositos de tufo vulcanico, um craneo humano, o qual, sendo enviado a Whitney, director da *Geological Survey* da California, este convenceu-se de que se achava em presença de um vestigio humano da epocha terciaria e neste sentido fez uma communicação aos sabios europeus que não admittiram a antiguiddade do craneo e proclamaram que Whitney tinha sido victima de uma mystificação.

Whitney, á vista disso e para dissipar taes duvidas, tão offensivas á sua reputação scientifica, procedeu a um rigoroso estudo geologico e paleontologico da região em que o craneo havia sido encontrado e em 1879 escrevia ao Sr. Desor, de Bruxellas, o seguinte: « As evidencias accumularam-se de tal modo, que não hesito èm dizer que possuimos provas as mais inequivocas da existencia do homem sobre a costa do Pacifico anteriormente aos tempos glaciaes, ao periodo do elephante e do mastodonte e n'uma epocha em que a vida animal e a vida vegetal differiam inteiramente do que são hoje, e depois da qual produzio-se sobre rochas duras e crystallinas uma erosão vertical de dous a tres mil pés.» (1)

(1) WHITNEY, in DESOR.—*L'homme pliocène de la Californie.*

Esta affirmação tão cathegorica não abalou, no entanto, os antropologistas do velho mundo, que continuaram a combater as idéas do sabio americano; o mesmo, porém, não succedeu nos Estados Unidos, onde dous homens illustres pelos seus conhecimentos na materia, March (1) e Dall (2), admittiram a existencia do homem terciario da Sierra Nevada e deram peso ás asserções de Whitney.

Mais tarde, em 1883, Walter Hofmann, examinando esses mesmos depositos da Sierra Nevada encontrou numerosas pegadas em jazidas de grés argilloso, a 15 e 32 pés de profundidade que Hofmann, bem como Alphonse Pinart e Paul Topinard attribuem a pés humanos (3); outros referem-nas a preguiças gigantescas *(mylodonte, megatherium)* ou a ursos, acreditando Brinton que o individuo que as produzio apoiava-se sobre o bordo externo da planta do pé e tinha uma fila de pellos ao longo deste mesmo bordo, supposição essa contra a qual Topinard se insurge.

Eis em que estado se acha a questão do homem terciario na America; no Brasil, por emquanto, nenhum vestigio delle se encontrou, pois o *Propithecus brasiliensis*, descoberto por Lund, não passa de um macaco do genero dos lemurios.

Finalmente, o proprio Mortillet que reconheceu nos silex de Thenay, do Cantal e de Monte Redondo signaes inelludiveis de um trabalho intencional, e, por conseguinte, proclamou a existencia de um ser nos tempos terciarios que por armas e ferramentas já não se servia unicamente das *manus*, *ungues*, *dentesque* de Lucrecio, apresenta as seguintes conclusões: «... o homem não existia ainda nos tempos terciarios. Havia então, principalmente no fim destes tempos, seres muito mais intelligentes que os macacos antropoides actuaes, porém, estes seres não eram ainda, propriamente fallando, o homem. Eram precursores do homem, degráos conduzindo ao homem, mas não o homem tal como elle existe em nossos dias.» (4)

Relativamente ás descobertas de Whitney e Hofmann sobre o homem terciario americano, o nosso illustrado compatriota Dr. Julio Trajano de Moura, formula o seguinte conceito que esposamos.

« O que ficou exposto (analyses e descobertas de Blake, Whitney e Hofmann) não constitue uma base positiva com que se possa affirmar ou negar a existencia do homem terciario na America. Muito provavelmente, porém, o fossil da California não era um ser correspondente ao *Anthropithecus* de Mortillet » (5)

PERIODO PALEOLITHICO.—Segundo já vimos, Gabriel de Mortillet dividio o periodo paleolithico em quatro epochas,

(1) « The evidence as it stands to day although not conclusive, seems to place the appearance of man in this country in the pliocene; and the best proof of this has been found on the pacific coast » MARSH.

(2) « No reasonable person who has impartially reviewed the evidence broght together by Whitney and who saw, as we did, the Calaveras skull in its original condition, can doubt it was found as alleged by the discoverers in the auriferous gravels below the lava.» DALL.

(3) JULIO TRAJANO DE MOURA.—*Do homem americano.*

(4) MORTILLET.—*Le prehistorique.*

(5) JULIO TRAJANO DE MOURA —*Obra citada.*

a saber : *Epocha de Chelles ou de Saint-Acheul, Epocha do Moustier, Epocha de Solutrè e Epocha da Magdalena.*

Seguiremos a classificação de Mortillet, não por julgarmol-a a mais perfeita, pois reconhecemos bastante a nossa insufficiencia em assumpto tão especial, mas por nos parecer a mais commoda para a vulgarisação dos factos principaes da paleoethnologica.

Epocha de Chelles. – Não obstante certas circumstancias que accentuam differenças chronologicas, subordinam-se á epocha de Chelles diversas reliquias humanas encontradas em pontos differentes. Estes restos, muito conhecidos na sciencia, são : o craneo e a ossada de Neanderthal, o craneo de Canstad, as ossadas de Lahr, o craneo de Eguisheim, o craneo de Brux, o craneo e a ossada de Denise, a mandibula de Moulin-Quignon e a mandibula de la Naulette.

Com esses restos reconstituiram-se *raças* e assim é vulgar nos livros de prehistoria as referencias á *raça de Neanderthal, á raça de Canstad*, á *raça de Moulin-Quignon*, etc., quando os autores querem referir-se ao grupo humano de que fazia parte o individuo ao qual pertenceram taes restos.

Dos restos humanos que acima mencionamos, os de maior importancia scientifica são os craneos de Neanderthal e Canstad e as mandibulas de Moulin-Quignon e de la Naulette ; os outros, pela sua fragmentação, tornaram-se de pouco valor para o estudo. As ossadas de Lahr extraviaram-se no Museu de Paris, antes de serem convenientemente estudadas.

Com as luzes fornecidas por esses restos da humanidade primitiva os paleoethnologos reconstituem por inducção a vida dos povos n'esses tempos remotos e isto com bastante exactidão. « Não sabemos seus nomes, diz Broca, nenhum historiador os mencionou, e, no entanto, elles nos são mais conhecidos a muitos respeitos, que certos povos celebres na historia classica. Conhecemos seu modo de existencia, sua industria, sua arte e todos os detalhes de sua vida.» (1)

Tratando do homem da epocha de Chelles vemos que a raça de Neanderthal habitava de preferencia á margem dos rios e regatos, porque nos alluviões fluviaes é que se tem encontrado signaes de sua grosseira industria ; tambem frequentava no entanto os planaltos, onde ás vezes se deparam vestigios seus.

Embora tenha-se encontrado algumas instrumentos chelleos nas cavernas, são em tão pequeno numero, que é natural presumir-se que as mesmas ainda não eram utilisadas como habitações humanas e apenas serviam de abrigo às féras.

Como na epocha de Chelles a temperatura era muito suave, é natural que o homem andasse nú.

Sua industria revela-se por um só instrumento: um silex, ou fragmento de outra rocha, lascado sobre as duas faces e tornado pela martelagem mais ou menos amygdaloide.

Embora muito variavel na fórma, na grandeza, no trabalho e na materia de que é feito, adopta-se como fórma typica do instrumento chelleo ser mais ou menos amendoado, alargando a partir do terço inferior e terminando em ponta no apice ; os

(1) Broca. — *Les troglodytes de la Vezére.*

bordos são angulosos e as faces, no sentido da espessura, apresentam um certo achatamento.

Muito mais musculoso do que o homem actual, o chelleo tinha no entanto a mesma estatura. Era dolicochephalo, porem sua capacidade intellectual ainda não foi perfeitamente definida.

A mandibula de la Naulette é privada da apophyse geniana que caracterisa no homem actual a linguagem articulada, e disto deprehendem alguns sabios que o homem chelleo ainda não fallava, communicando-se apenas por gritos inarticulados.

Epocha do Moustier.—A esta epocha subordinam-se diversas descobertas, entre as quaes as principaes são o craneo de Engis, a mandibula de Maéstricht e o craneo de Olmo.

N'esta epocha o homem começa a habitar as cavernas, visto tornar-se mais intenso o frio. Esse abrigo foi sanguinolentamente disputado ás féras, tendo muitas vezes n'essas luctas medonhas succumbido o nosso antepassado.

Assim como procurou o abrigo das cavernas contra o frio, o homem faz na epocha do Moustier a sua primeira *toilette*, servindo-se naturalmente para isso da pelle dos animaes, e, como para tornar esta mais commoda era preciso desembaraçal a das partes graxas, ao pesado instrumento de fórma amendoada do homem chelleo, por elle já modificado, accrescenta um outro—o *ralador*, tambem de silex e de bordos cortantes.

Sua alimentação complica-se: a féra morta depois de porfiada lucta é um bom manjar e por isso aos fructos de que se nutria o chelleo, muito proximo ainda dos macacos anthropoides, o homem do Moustier acrescenta a carne.

Como a temperatura é uniforme, embora fria, e elle já conquistou á custa de grandes esforços uma habitação, conserva esta e torna-se sedentario.

Devia ter sido nesta epocha que o homem adquiriu o fogo, um dos mais poderosos agentes do progresso humano. (1)

Epocha de Solutré.—Subordinam-se a esta epocha os ossuarios de Solutré e de Menton.

A industria do homem de Solutré caracterisa-se pelos instrumentos de silex em forma de folha de loureiro, pelas pontas de flechas lascadas dos dois lados e pela transformação do ralador mousteriano no raspador.

A materia empregada na industria do homem de Solutré ainda é sómente a pedra, porém os objectos fabricados já são mais leves e de fórmas mais desenvoltas.

Com o desenvolvimento da industria desperta a imaginação humana, sendo na epocha de Solutré que se encontra a mais remota manifestação artistica. Este progresso é assignalado por duas esculpturas que se encontraram e que representam rennas.

Epocha da Magdalena.—Subordinam-se a esta ultima epocha do periodo paleolithico a mandibula de Arcy e o homem esmagado de Laugerie Basse. Os restos humanos encontrados em Aurignac, Cro-Magnon e Furfoz foram rejeitados por Mortillet, que os considera como mais modernos.

Caracterisa-se esta epocha por um notavel desenvolvimento artistico e industrial, começando-se nella a trabalhar o marfim, e

(1) JOLY—*L'homme avant les metaux*.

principalmente o osso, que é o material preferido para os trabalhos dos primitivos esculptores e gravadores.

A arte consta de gravuras, baixos relevos e verdadeiras esculpturas.

Com o progresso artistico surge o luxo, apparecendo adornos feitos de dentes de animaes.

A industria se enriquece com agulhas feitas de ossos, zagaias e harpões, pois n'essa epocha o homem já é omnivoro e os rios e mares contribuem para a sua alimentação.

Um outro producto da industria humana nesta epocha nos revela que já existe uma sociedade organisada e bem assim os chefes; esse producto é uma insignia — o bastão do commando.

Finalmente, o homem n'este ultimo periodo paleolithico, vendo-se continuamente ameaçado nas suas cavernas pelos diluvios e descimentos do gelo, inicia as migrações e torna-se nomada, seguindo n'isto o exemplo do seu animal predilecto—a renna; é neste estado que o colhem os grandes cataclysmas geologicos que fecham as indecisas éras da prehistoria.

O HOMEM PALEOLITHICO AMERICANO. — Numerosas descobertas têm demonstrado a existencia do homem paleolithico na America, a ellas porém não se pódem applicar as divisões chronologicas estabelecidas pela Europa, nem os estudos que sobre as mesmas se tem feito permittem ainda uma classificação rasoavel.

Assim, nada mais podemos fazer que enumerar essas descobertas.

Em 1877 Carlos Abbot encontrou perto da cidade de Trenton, nos Estados-Unidos, em sedimentos depositados pelo gelo sobre o leito do Delaware, instrumentos de pedra lascada. Objectos identicos aos que descobriu Abbot, foram encontrados em New-Hampshire, New England e Massassuchets. Esses objectos eram feitos de quartzito, felzito e granito e apresentam-se talhados em uma só face, sendo a outra destinada á adaptação da mão. Em Little Falls (Minesota), foram encontrados diversos silex lascados e soterrados por cinco metros de alluviões glaciaes. Nas margens do Mississipi appareceram diversas ossadas humanas que repousavam sobre uma camada terciaria; Benett Dowler fez identica descoberta em Nova Orleans. Winslow descobriu em 1857, na California, ossadas humanas ao lado de ossadas de animaes já extinctos e bem assim dois almofarizes de pedra. Recordando o typo da industria de Chelles appareceram diversos instrumentos no alluvião do rio Juchilipa, no Mexico e ainda n'este paiz, na villa de Guanajato depararam-se artefactos que tinham a fórma dos da epocha de Moustier; finalmente, o venerando Peter Wilhelm Lund, que consagrou toda a sua existencia ao estudo da fauna e da flora pre-historicas do Brazil, descobriu em 1844 em uma caverna dos arredores da Lagoa Santa, em Minas Geraes, vestigios incontestaveis do homem paleolithico.

Desta ultima descoberta nos occuparemos mais detidamente no logar competente.

PERIODO NEOLITHICO.—O periodo neolithico ou da pedra polida é o primeiro dos tempos actuaes e muitos povos modernos ainda não o ultrapassaram.

Na Europa, segundo o que tem podido alcançar a sciencia, observa-se uma grande lacuna prehistorica entre o periodo paleolithico e este, ou por outra, conforme a chronologia que temos até

aqui seguido, entre a epocha da Magdalena e a epocha de Robenhausen. A essa lacuna deu-se o nome de *hiatus*.

No periodo neolithico as condições da vida modificaram-se profundamente: ao clima frio e secco da ultima epocha paleolithica succedeu um clima temperado, muito mais uniforme; desappareceram o mammouth, a hyena e os grandes felinos; certos animaes retiraram-se para o cimo das montanhas e outros emigraram para o norte.

As raças humanas neolithicas parecem outras e o progresso sobre as epochas decorridas é evidente.

Ainda se encontram instrumentos de pedra lascada, porem a pedra polida é o verdadeiro caracteristico desta epocha. De pedra lascada vêm-se laminas, facas e os percutores, instrumentos destinados a destacar as laminas do nucleo de pedra. De pedra retocada vem-se serras, raspadores, furadores, picarétas, diversas pontas de flecha, dardos, pontas de lanças, punhaes e outros objectos. De pedra polida deparam-se machados, quebra-cabeças, machadinhas, escopros, tesouras, etc.

De osso faziam-se cutellos e facas, furadores, punhaes, pontas de lanças e flechas, pentes e outros artigos; os cornos dos cervideos eram utilisados em diversos misteres e bem assim os dentes; com a madeira fabricavam-se cabos de ferramentas e muitos outros utensilios.

Surge a industria da louça que em geral é fabricada de barro grosseiro, não obstante ter-se encontrado alguma de barro fino; de conchas, dentes e pedras fazem-se diversos artigos de ornamentação.

O homem das palaffitas e dos dolmens já domesticou alguns animaes: foram elles o cão, o cavallo, a cabra, o carneiro e o porco; ao mesmo tempo começou a praticar a agricultura, sendo de presumir que principiasse pela arboricultura e depois passasse á cultura dos cereaes (trigo, centeio e cevada).

Finalmente, fabrica bebidas fermentadas, do linho faz tecidos e constroe habitações regulares.

Desenvolve-se no homem neolithico o sentimento de religiosidade que se manifesta pela veneração aos mortos; em compensação observa-se a ausencia completa de sentimentos artisticos, o que, tendo-se em vista o grande desenvolvimento da arte na epocha da Magdalena «prova uma differença de raças na população da Europa Occidental n'estas differentes epochas. (1)» E' no homem neolithico europeu que vemos apparecer pela primeira vez uma pratica supersticiosa—a trepanação.

Mortillet tomou como typo do periodo paleolithico a pequena aldeia de Robenhausen, na Suissa, junto a qual se encontra um pantano que, pelos trabalhos de dessecação e exploração da turfa, revelou uma rica estação da pedra polida. Estudaremos o homem neolithico europeo nas suas habitações lacustres ou terrestres, nas suas officinas, pedreiras de silex que exploravas, nos kjokenmœdings e nos seus monumentos megalithicos (menhir, dolmens, tumulus, etc.)

Palaffitas. — As *palaffitas* ou *habitações lacustres* foram encontradas no inverno de 1853—1854 que por muito secco fez

(1) John Lubbock — *Origines de la civilisation*. Trad. de Barbier.

abaixar consideravelmente as aguas dos lagos da Suissa. Constam de pequenas choupanas, levantadas á superficie das aguas sobre plataformas de madeira e sustentadas por fortes estacas.

«As plataformas de madeira tinham naturalmente que supportar pesos muito consideraveis, pois um grande numero de estacas acham-se envergadas ou quebradas. Algumas vezes, para impedir as estacas de se enterrarem muito profundamente, faziam-n'as passar em peças de madeira dispostas sobre o fundo do lago.» (1) Nas *palafitas*, que na Suissa são conhecidas pelo nome de *Pfahlbauten*, encontram-se detrictos de carvão, cacos de louça, ossadas mais ou menos fragmentadas e varios instrumentos de pedra e osso; foi por essas reliquias principalmente, que se reconstituiu a industria da epocha neolithica.

Crannoges. — O homem da epocha neolithica tinha dois systemas de construcção lacustre: um era a palaffita, ou *pfaulbauten*, o outro era o *crannoge* ou *packverkbauten*, cujos restos se encontram na Irlanda.

Nas palaffitas as plataformas eram simplesmente sustentadas por estacas, o crannoge, alem do arrimo das estacas, apoiava-se em massas solidas de barro, pedras, etc., com camadas horisontaes e perpendiculares de estacas que serviam mais para fazer uma massa compacta, do que para sustental-o. O crannoge, segundo a opinião do sabio Lubbock, era muito mais simples e grosseiro do que a palaffita, em a qual era preciso muita habilidade para tornar firmes as pranchas perpendiculares e horizontaes.

Habitações terrestres.—O homem neolithico não vivia sómente em habitações lacustres; sobre á terra firme tambem construia as suas vivendas e as ruinas destas ainda se encontram em diversos pontos da Europa Occidental.

Concecio Rosa dá a seguinte descripção de uma que encontrou sobre a collina de Belvedere, em Contoguerra, (Italia): Em meio de um terreno branquicento deparou-se uma camada escura composta de carvão, cinzas e detrictos organicos que cobriam um espaço circular de 8 metros de diametro, com uma espessura que partindo de 20 a 30 centimetros para os bordos, attingia 1m15 no centro. Foi ahi que se encontrou o fogão, composto de blocos de grés avermelhados pelo fogo. Desta camada foram recolhidos: tres machados de pedra polida, uma infinidade de laminas e lascas de silex, percutores, oito ferramentas de osso, uma concha marinha furada, algumas centenas de fragmentos de louças, e muitos ossos de boi, cavallo, porco, carneiro, cabra e aves.»

Officinas. — Além das habitações terrestres, o homem da pedra polida possuia as suas officinas para o fabrico dos instrumentos, e estas eram naturalmente construidas junto ás pedreiras de onde se extrahia a materia prima.

Observa Mortillet que o facto da especialisação do trabalho já existia na epocha de Robenhausen, pois encontram-se officinas que eram destinadas ao lascamento dos machados, outras em que se trabalhava especialmente no polimento dos instrumentos e outras ainda nas quaes o homem se applicava de preferencia ao fabrico de raspadores, pontas de flechas e outros objectos.

(1) John Lubbock.— *L'homme prehistorique*. — Trad. de Barbier.

Exploração do silex. — Os silex, grés, obsidianas e outros materiaes destinados ás industrias neolithicas eram em geral extrahidos de rochas existentes no seio da terra e por esse motivo se encontram ás vezes longas galerias, abertas com o fim de ir ter ás mesmas rochas. Essas galerias encerram quasi sempre vestigios certos da industria humana d'estes tempos primitivos.

Igualmente deparam-se reliquias da epocha neolithica nas fontes, nas ribanceiras dos rios e nas praias, logares que o homem, ou pela visinhança da agua, ou pela facilidade de obtenção do peixe, molluscos e crustaceos escolhia para habitações.

Kjoekkenmœddings. — Este nome de pronuncia tão barbara, é aquelle pelo qual os dinamarquezes designam certas jazidas que se encontram junto ás praias e que, pelos estudos nellas feitos, demonstram ser accumulações de detrictos de cozinha do homem neolithico.

No Brazil, onde os kjoekkenmœddings são vulgares, como ao depois veremos, têm elles o nome de *sambaquis*.

Os kjoekkenmœdding assignalam estações de povos que dos molluscos faziam a base principal de sua alimentação.

Geralmente têm a fórma de monticulos e acham-se dispostos ao longo das praias. No centro do kjoekkenmœdding encontram-se fogões com cinzas, carvão, ossos e todos os productos da industria neolithica.

Monumentos megalithicos. — Dá-se o nome de monumentos megalithicos (*pedras grandes*) aos que o homem do periodo neolithico levantava em homenagem aos seus mortos ou com intenções que nos são desconhecidas actualmente. Estes monumentos são de diversas especies; os mais simples são os *menhirs*, seguem-se os *cromlechs* e depois os *dolmens*.

A estes monumentos dava-se antigamente o nome de *monumentos celticos* ou *druidicos*, verificou-se porém mais tarde, que pertenciam a uma epocha mais remota, isto é, que eram productos do homem neolithico.

Menhirs. — Os *menhirs* são enormes pedras erguidas no sentido da sua maior dimensão e mantidas em posição vertical. A grandeza e a fórma dos menhirs são muitos variaveis. O mais alto, que é o de Locmariaquer, no Morbihan (França); tem 21 metros de comprimento e 4 de espessura, sendo avaliado o seu peso em 250,000 kilogrammas.

Presume-se que os *menhirs* sejam simples monumentos commemorativos.

Quando os menhirs são encontrados em grandes reuniões e dispostos em linha, tem logar o que em paleoethnologia se chama um *alinhamento*. O mais celebre é o de Carnac, em França, que consta de 1120 monumentos dessa natureza, 90 dos quaes já foram destruidos e 740 acham-se por terra.

Tendo as excavações demonstrado que esses grupos não eram cemiterios, crê-se que os menhirs fossem archivos, recordando cada pedra um facto, uma pessoa ou uma data.

Cromlechs. — Os *cromlechs* são grupos de pedras fixadas no chão e dispostas em fórma circular, oval, rectangular, etc. Em muitos cromlechs as pedras são de extraordinaria grandeza e, por conseguinte, constituem verdadeiros grupos de menhirs.

Tanto como acontece com os menhirs, não se sabe verdadeiramente qual era a funcção dos cromlechs.

Dolmens.—O dolmen é um monumento composto de lages de pedra fixadas verticalmente no chão e supportando outras lages horisontaes que servem de aboboda ou tecto. As lages verticaes ou obliquas formam diversas camaras que habitualmente são precedidas de um vestibulo.

Tanto como os menhirs os dolmens têm fórmas variadas e differem conforme os paizes em que se encontram.

Dá-se o nome de meio-dolmen, aos monumentos dessa natureza já degradados pelo tempo, mas cuja meza ainda repousa sobre um ou mais pilares.

Os dolmens eram tumulos ou catacumbas do homem neolithico.

Encontram-se tanto na Europa como em outros continentes e ainda hoje os Hovas de Madagascar elevam-n'os para servirem de tumulos.

Tumulos. — Os tumulos são montes de pedra e terra formando comoros e quasi sempre cobrindo dolmens.

Estes monumentos sepulchraes são vulgares nos paizes septentrionaes da Europa e bem assim na America do Norte onde lhes dão o nome de *mounds*.

Nos tumulos encontram-se sempre restos humanos juntamente com armas, ornamentos e animaes que pertenciam ao morto alli inhumado.

Além dos tumulos o homem neolithico sepultava os seus mortos em grutas artificiaes ou naturaes.

Nuraghi.—Os *nuraghi* são edificios de pedra, da fórma de um cône truncado e, muito mais artisticos que os precedentes. Naturalmente assignalam um periodo de transicção entre a idade da pedra e a idade do bronze; tendo-se em vista, porem, a materia que os constitue póde-se consideral-os como a ultima palavra da architectura paleolithica

Estes monumentos são encontrados na Sardenha.

O HOMEM MESOLITHICO AMERICANO.—O Dr. Julio Trajano de Moura, considerando impropria a expressão *neolithica* para distinguir os povos americanos que succederam aos da pedra lascada e que correspondem ao homem europeu de Robenhausen, emprega o termo *mesolithico*, que, por adequado, adoptamos.

Effectivamente, se na America quizermos estudar todas as populações caracterisadas industrialmente pelo emprego da pedra polida, exorbitaremos do quadro da paleœthnologia e invadiremos o terreno da historia.

Assim, é preferivel o termo *mesolithico* para distinguir o homem quaternario dos *mounds* e *sambaquis*, reservando-se o termo *neolithico* para definir a proto-historia do continente.

« Ao homem terciario attribuio Mortillet a era *eolithica*, isto é, aquella em que as primeiras tentativas do uso da pedra começaram a se iniciar; o quaternario caracterisou-se pelos instrumentos *paleolithicos* (pedra antiga) ou pelo emprego mais geral e mais regular dessa substancia ; e finalmente, o *neolithico* ou da pedra nova, aperfeiçoada e largamente usada pelos povos cultos da proto-historia e por innumeros selvagens actuaes. A expressão *mesolithica*, que aliás muitos paleontologistas já têm empre-

gado, significaria, pois, um estado intermediario entre o paleo e o neolithico. » (1)

As reliquias relativas a esta epocha são os *kjœkkenmœddings* e os *mounds* da America do Norte, os *chulpas* do Perú e os *sambaquis* do Brasil.

Destes ultimos não trataremos aqui, pois temos para elles reservado um logar especial.

Os *kjokkenmœddings*, isto é, as accumulações de detrictos da cozinha primitiva, são conhecidos nos Estados Unidos pelo nome de *shell-mounds*.

Encontram-se os *kjokkenmœddings* em quasi todo o continente americano : nas costas dos Estados Unidos, do Mexico, da Guyana Hollandeza, do Brasil, no Oceano Atlantico; e nas ilhas de Vancouver e costa da California, no Pacifico

A primitiva forma dos kjokkenmœddings era conica e muitos ainda conservam esta disposição, como porém o kjokkenmœding não passa de um cisqueiro, logo que este attingia uma certa altura, os que o formavam iam muito naturalmente depositando as varreduras a um lado do monticulo e assim constituia-se com o tempo uma especie de trincheira que muitas vezes alcançava grandes dimensões como a da embocadura do Rio Manatee, que mede 564 pés ao longo da costa e 15 a 20 pés de altura nos pontos mais elevados.

Os kjokkenmœddings são constituidos principalmente por detrictos de conchas marinhas ou fluviaes, e, segundo a opinião geral dos paleœthnologos, assignalam grandes e prolongados acampamentos dos povos antigos nas paragens em que são encontrados. A abundancia de molluscos proprios á alimentação determinaria esses primitivos e dilatados acampamentos.

Juntamente com os detrictos de conchas marinhas, cujas especies variam conforme as localidades, encontram-se nos kjokkenmœddings americanos restos de crustaceos, ossos de mammiferos e outros animaes terrestres e bem assim carvão, cinza, delgadas camadas de terra, objectos de pedra, de osso ou de conchas, cacos de louça e ás vezes, como nos que Walker estudou na Florida, ossos humanos que podem revelar ou o uso da anthropophagia n'essa epocha ou a utilisação posterior dos kjokkenmœddings como cemiterios.

Os sabios norte-americanos, principalmente, têm procurado pelo estudo da estructura dos kjœkkenmœddings calcular a idade approximada dos mesmos, taes avaliações, porém, são por emquanto de pouco valor, em consequencia das multiplas circumstancias que irregularisam a formação desses grosseiros monumentes.

Simons, pelo estudo que fez dos *shell-mounds* é de parecer que elles foram levantados sobre comoros de areia, com o intuito de impedir a invasão das ondas nos primitivos acampamentos (2); e Mac-Lean, depois de estudar minuciosamente todos os materiaes encontrados nos mesmos, tira a conclusão de que o povo que os

(1) Julio Trajano de Moura.—*Do homem americano.*

(2) Simons.—*Shell heaps of Charlotte Harbor*, in Trajano de Moura, Do homem americano.

formou pertencia á mesma raça dos actuaes indios americanos. (1)

Os *mounds*, muito vulgares nos Estados Unidos onde têm sido rigorosamente examinados são monticulos ou outeiros artificiaes.

Aos povos que os construiram dá-se o nome de *mound-builders*.

Os mounds são encontrados em quasi todo o territorio dos Estados Unidos, porém os valles do Missisipi, do Ohio, do Missouri e de seus principaes tributarios parecem ter constituido os mais importantes centros do povo ou povos que levantaram esses monumentos, pois os mounds foram construidos por successivas gerações, quiçá por populações differentes.

A classificação dos *mounds* apresentada por Squier e Davis e geralmente aceita é a seguinte :

1.° Aterros em fórma de muros e vallas muitas vezes formando circuitos, destinados, segundo a sua situação, a fortificações ou a recintos que se suppõe ligados a ritos religiosos ; 2.° mounds ou montes de posição, fórma, grandeza, materiaes e conteudos variaveis e divididos, conforme a predominancia de um ou outro desses caracteristicos, em : *a*) mounds templos ; *b*) mounds animaes ou os que apresentam no seu plano geral a fórma de animaes, inclusive a do homem ; *c*) mounds altares ou para sacrificios ; *d*) mounds tumulares ; e finalmente *e*) mounds anomalos, de caracter indeterminado. (2)

Do estudo desses antiquissimos monumentos têm os archeologos norte-americanos colhido algumas informações exactas sobre a vida de seus constructores.

O homem dos mounds era eminentemente religioso e achava-se além disso já fazendo parte de aggremiações dirigidas por um regimen social bem organisado, pois de outra fórma não seria capaz de realisar essas grandes obras, documentos vivos do esforço collectivo.

Sua industria era muito desenvolvida; além de todos os artigos que se encontram nas palafittas europeas, depara-se no interior dos mounds com um objecto novo—o cachimbo.

A arte é representada por ornatos geometricos : nos Estados Unidos prevalecem as fórmas curvas, no Mexico e no Perú os meandros rectangulares. A ceramica é muito mais adiantada que a do homem das palafittas : não só é mais fina e bem trabalhada, como tambem, torna-se mais interessante pelo facto de reproduzir ás vezes a fórma de diversos animaes.

Quanto aos seus constructores, declaram os anthropologistas que até hoje ainda não se poude encontrar differenças sensiveis, quer physicas, quer sociaes entre o povo dos mounds e os indios modernos.

Correspondendo aos *dolmens*, *cromlechs* e *nuraghis* europeus encontramos os *chulpas* do Perú e da Bolivia, que são cryptas funerarias formadas de enormes pedras collocadas verticalmente e supportando lages horisontaes. Algumas vezes os chulpas são cer-

(1) Mac-Lean. — *Remains on Blennerhasset's Island, Ohio River*, in Trajano de Moura—Do homem americano.

(2) Squier and Davis.—*Ancient monuments of the Mississipi valley*, in Moura—Do homem americano.

cados de um muro quadrado ou circular, cuja altura varia de 10 a 30 metros.

Finalmente, parece-nos que devemos igualmente considerar como subordinados ao periodo mesolithico os *paraderos* ou ossuarios de gerações extinctas que se encontram nas planicies da Patagonia e da Republica Argentina.

CIVILISAÇÕES AMERICANAS EXTINCTAS.—Terminando estas breves considerações de paleoethnologia, que, juntamente aos prolegomenos de outras sciencias, inserimos no começo de nosso livro, com o fim de fornecer ao estudiososo conhecimentos que nas paginas seguintes applicaremos ao Brasil, cumpre-nos dizer alguma cousa sobre as velhas civilisações extinctas da America.

Como taes devemos comprehender a dos *pueblos* ou *cliff dwellers* nos Estados Unidos, a dos *mayas*, *toltecos* e *aztecos* no Mexico e America Central, a dos *incas* no Perú e a dos *chibchás* no territorio que constitue hoje a Republica da Columbia.

Os Pueblos ou cliff-dwellers.—A mais antiga das civilisações é a dos povos que os hespanhoes por occasião da conquista do Novo Mundo deram o nome de *Pueblos* e os archeologos norte americanos appellidaram *cliff-dwellers*, por habitarem de preferencia os rochedos.

Da architectura original dos Pueblos existem ruinas importantes nos territorios de Utah, Colorado, Arizona e New Mexico, as quaes ainda são habitadas pelos sobreviventes dessa raça relativamente adiantada.

As habitações dos Pueblos eram situadas nos valles e nas proximidades dos rios, ou então sobre terraços naturaes ou no flanco de rochedos alcantilados e de assenção quasi impraticavel. « Cada pueblo compõe-se de tres ou quatro edificações quadradas ou ellipticas, com 300 a 400 pés de comprimento sobre 150 de largura, e constituidas por andares em numero variavel (de 2 a 7), construidos sobre superficies affastadas uma das outras como os degráos de uma escadaria, de grandeza successivamente menor, formando terraços successivos. Essas habitações communs são dispostas em rectangulo, separadas umas das outras, mas communicando-se por meio de pontes penseis. Os terraços são cercados de um parapeito que serve de barreira no caso de um assalto, e do modo porque estão situados formam o chão do andar superior e o tecto do que está em baixo. As portas e janellas abrem-se sómente do lado dos pateos e na altura em que foram feitas, só podem ser escaladas por meio de escadas quer pelo lado de fóra, quer pelo lado de dentro; removidas estas garantem uma certa segurança aos moradores contra invasões inimigas.» (1)

O que ha de mais curioso, porém, nesses burgos indigenas são as estufas ou camaras sudatorias *(sweat houses)*. Encontram-se em numero de uma a seis em cada burgo e constam de compartimentos escavados no solo e com o tecto ao nivel ou um pouco acima delle, sustentados por esteios de madeira ou por pilares de cantaria. Em baixo e sobre grandes lages constituindo o assoalho encontra-se uma caixa quadrada de pedra para a collo-

(1) Julio de Moura.—*Do homem americano.*

cação do fogo onde queimam constantemente plantas aromaticas, cuja fumaça evola-se por um orificio do tecto que tambem serve para dar passagem aos visitantes. Segundo De Laet, era nessas estufas que se realisavam os conselhos secretos, as festas nacionaes e as dansas funebres; ao culto, porém, é que ellas eram especialmente destinadas.

Na construcção dos seus edificios os Pueblos empregavam a pedra que sabiam lavrar com esmero, os tijollos crús, uma argamassa feita de argilla e carbonatos calcareos, a madeira, etc. Em diversos edificios encontram-se pictographias e gravuras hyerogliphicas.

Os sobreviventes desta raça antiga de constructores são agricultores, mas tambem entregam-se á caça e á pesca. Sabem empregar nas plantações a irrigação por meio de vallos e cisternas e algumas tribus são pastoras.

Como armas usam arcos, settas, lanças, clavas, fundas e uma haste de madeira que é manejada como o *boomerang* dos australianos; algumas tribus são em extremo crueis para com prisioneiros de guerra.

A ceramica dos Pueblos é considerada como uma das mais delicadas da America; cada burgo tem suas leis proprias e rege-se pelo systema democratico, sendo cada anno eleito um conselho de anciãos; em todas as questões prevalece o voto das maiorias. A moral é em extremo escrupulosa, e leis previdentes foram organisadas com o fim de impedir os crimes e as manifestações dos apetites grosseiros.

« A religião dos Pueblos, diz o Dr. Trajano de Moura, bem que traga o cunho evidente do primitivo naturismo diffuso de que se originou, possue, entretanto, certos elementos que indicam um progresso no caminho da systematisação em que se mantinham as grandes mythologias americanas.»

Civilisações do Mexico e da America Central. — Os europeus ao chegarem á America pela primeira vez encontraram nas regiões que hoje constituem o territorio do Mexico e das Republicas da America Central, uma civilisação original, já decadente é verdade, porém ainda assim bastante notavel relativamente ao grão inferior de cultura em que se achavam nessa epocha a maioria dos povos do continente.

Esta sorprehendente civilisação havia-se desenvolvido successivamente pelo esforço prolongado de povos que alguns escriptores crêm originarios de uma fonte commum, embora constituindo duas populações diversas — os *Nahuas* e os *Mayas*. Aos primeiros subordinavam-se as nações dos *Toltecos*, *Chichimecos* e *Aztecos*; aos segundos pertenciam os *Mayas* propriamente ditos, os *Tzendales*, os *Quichés* e os *Cakchiqueles*.

Na architectura, na esculptura, na pintura, na ceramica, na musica, na dança e bem assim em delicadissimas industrias estes povos haviam alcançado um extraordinario adiantamento.

Trabalhavam o ouro, a prata e as pedras preciosas com muito esmero; conheciam a escripta e a leitura e usavam calendarios.

O povo achava-se dividido em castas, como na India: a primeira era a casta sacerdotal, de onde sahia o rei; seguia-se a classe aristocratica, composta das familias dos possuidores do solo e governadores das provincias e cidades; á terceira casta pertencia o grosso do povo dividido em grupos de familia

apparentadas, constituindo o que chamavam *calpulli*, sob a direcção de um sacerdote idoso eleito pelo povo. Um certo numero destes grupos constituia a tribu, independente do governo central, ao qual apenas devia o pagamento de certos tributos periodicos. A ultima casta era a dos escravos, homens sujeitos a esta condição pelas eventualidades da guerra ou em punição a diversos crimes.

As leis eram muito severas, porém assim memos não tinham força para impedir a propagação de vicios ignobeis que haviam se desenvolvido entre o povo e mesmo entres castas superiores.

Sobre o exercito pesava uma disciplina ferrea e como nos paizes cultos achava-se dividido de accordo com a especie da arma que usava.

Quanto á religião, prevalecia nas classes nobres e sacerdotaes o polytheismo, ora dualista, ora evhemerista, começando no entanto certos espiritos superiores a elevarem-se ao monotheismo; entre o povo reinava um naturismo diffuso.

Civilisações extinctas do Perú e da Bolivia. — Parallelamente á grande civilisação dos Maya-Nahua no Mexico e America Central, desenvolveu-se nos territorios do Perú e da Bolivia uma outra civilisação indigena.

Esses paizes, por occasião da conquista européa eram habitados por diversos grupos de povos entre os quaes os principaes eram os Aymaras e os Quechuas.

Em uma epocha que não se póde precisar com exactidão, mas que alguns escriptores fixam em 500 annos antes da chegada dos hespanhóes, o governo destes povos foi empolgado por uma familia poderosa —a dos Incas, que fundou o imperio e estabeleceu o regimen monarchico-theocratico, fazendo de Cuzco a capital.

Como no Mexico, todas as artes tinham-se desenvolvido de modo pasmoso no imperio dos Incas: os palacios, os templos sumptuosos, os altares eram encontrados por toda parte; abundavam ás estatuas, embora a esculptura fosse mais grosseira que na America Central; a ceramica, a pintura, a musica e a dansa eram praticadas com elevação artistica.

Magnificas estradas macadamisadas convergiam em Cuzco e achava-se organizado um serviço de correio para uso especial do imperador.

Uma parte das terras do imperio pertencia ao Sol, ou mais propriamente, á classe sacerdotal, uma outra ao Inca reinante e á nobreza e a terceira, era dividida annualmente em lotes e estes distribuidos pelas familias do povo proporcionalmente ao numero de membros de que cada uma se compunha.

O Inca exercia a suprema autoridade civil e religiosa e delle dimanava tudo. Abaixo do Inca vinham os *Curacas*, caciques de sangue real e que governavam as provincias. O povo era dividido em grupos de dez e seus multiplos até 100.000 e o director de cada grupo só podia entender-se com o immediato, systema que foi em parte imitado pelos carbonarios italianos.

O trabalho era obrigatorio, por ser considerado a base da manutenção da sociedade. O Inca desvelava-se pelo progresso da

agricultura e o povo chegou a realizar admiraveis trabalhos de hydraulica.

Comquanto polytheistas, o culto do sol havia obtido uma notavel preeminencia na religião dos peruanos. A mythologia era complexa e variada, pois os Incas nunca destruiam os deuses dos vencidos, mas subordinavam-n'os ao Sol de que se diziam descendentes, e, tolerantes como os romanos, admittiam-n'os em seus templos.

Em um só templo de Cuzco adoravam-se 78 divindades. O povo, como na religião dos povos Maya-Nahua praticava um naturismo diffuso.

Civilisação dos Chibchás ou Muyscas. — No planalto da Cundinamarca, nos Estados Unidos da Columbia, desenvolveu-se outr'ora uma civilisação notavel, embora inferior as da America do Norte, e ás do Perú e Bolivia; a mesma póde ser considerada como pertencente a uma phase de transicção entre a idade da pedra e a dos metaes, que os chibchás já conheciam.

Esta civilisação, ainda existente no tempo da conquista européa era a dos *Chibchás* ou *Muyscas*, povos agricultores que já possuiam notaveis conhecimentos de archictetura e esculptura.

Os Chibchás achavam-se submettidos a um governo theocratico, ora sob a direcção de um chefe, ora dividido entre muitos soberanos.

Usavam hyerogliphos e pictographias e possuiam boas estradas.

Como em todas as outras civilisações americanas, as leis eram muito severas, sendo a pena ultima a mais applicada no castigo dos crimes.

«A religião dos Chibchás é uma prova irrefragavel, quando mesmo muitas outras não existissem, de que os differentes centros de civilisação da America não eram oasis isolados no meio da selvageria ambiente, porém sim diversas camadas evolutivas do espirito humano que se desenvolveram gradulmente e mais ou menos se aproximaram em todo mundo sempre que se faziam sentir as mesmas necessidades. E' evidente a phase polytheista da religião muysca, mas a sua philosophia encerra mais do que nenhuma outra os vestigios do animismo inferior, manifestando-se cada vez mais preponderante nos selvagens affastados do centro de Bogotá e pouco influenciados pela cultura ahi dominante (1).»

Como os povos que passamos em revista nos paragraphos anteriores eram opulentissimos e nos seus palacios e templos recatavam metaes e pedras preciosas em quantidades incalculaveis, o cupido europeu conquistador desencadeiou sobre elles toda a sua ferocidade e expoliando-os dos seus preciosos thesouros fez sossobrar todas essas magnificas e promettedoras civilisações indigenas, das quaes d'ahi ha poucos annos só existiam desoladas ruinas, ainda assim bastante imponentes para demonstrarem o esplendor de outr'ora.

(1) Trajano de Moura—*Do homem americano.*

Noções sobre a evolução da civilisação humana

Soccorrendo-nos de um enunciado de Edward Tylor, a civilisação, tomada no seu sentido ethnographico mais lato, designa este todo complexo que comprehende ao mesmo tempo as sciencias, as crenças, as artes, a moral, os costumes e as outras faculdades adquiridas pelo homem no estado social.

Se, recorrendo á historia e á ethnographia, procurarmos conhecer o progresso dos differentes povos antigos e modernos, veremos que o desenvolvimento da civilisação em toda a parte é caracterisado por uma uniformidade quasi constante que póde ser considerada como o effeito uniforme de causas uniformes.

Comquanto variados os aspectos, aqui ou alli, hontem ou hoje, as civilisações humanas evoluem de accôrdo com certas leis geraes e é pelo estudo da traducção destas mesmas leis em factos e acções que se poderá comprehender as razões do progresso das sociedades humanas.

O methodo a seguir n'essa indagação é o analytico comparativo e a base scientifica em que a mesma póde assentar—a geographia, a ethnographia e a historia.

Por sua complexidade, torna-se difficil estudar a evolução da civilisação em globo; será mesmo mais proveitoso consideral-a em espheras particulares, e, por isso, esforçar-nos-hemos por comprehendel-a successivamente na vida nutritiva, na vida sensitiva na vida affectiva, na vida social e na vida intellectual. (1)

EVOLUÇÃO DA VIDA NUTRITIVA

Os factos que se offerecem á observação no estudo da evolução da civilisação na esphera da vida nutritiva são: os *alimentos*, a *cosinha*, as *substancias embriagantes* e as *substancias enervantes* ou *excitantes*.

Os alimentos.—Tendo-se em vista a conformação dos dentes e a do tubo digestivo do homem, este, logo ao despojar-se da animalidade, devia ser frugivoro como os macacos anthropoides, seus mais proximos antepassados. Physicamente debil e intellectualmente grosseiro, não possuia forças, nem armas, nem artificio para obter com a caça e com a pesca subsidios de carne para o seu estomago, vendo-se por isso obrigado a alimentar-se exclusivamente com os fructos que o acaso lhe fazia deparar. Quando, porém, aprendeu a lascar o silex, com o qual fabricou machados e lanças, poude então dar combate aos animaes e tornou-se omnivoro; aos fructos que constituiam outr'ora toda a sua alimentação acrescentou a carne dos animaes e dos peixes, os molluscos, os ovos, etc.

A descoberta do fogo veio auxiliar a passagem para o novo regimen alimenticio pelo qual o homem se tornou essencialmente caçador e pescador.

(1) Organisamos estas noções servindo-nos principalmente da *Sociologia*, de Letourneau, da *Linguistica* de Hovelacque, das *Origens da civilisação*, de Lubbock e da *Civilisação primitiva*, de Tylor.

Mais tarde, achando-se sua intelligencia já bastante desenvolvida, o homem comprehende que póde forçar a natureza a proporcionar-lhe os alimentos, libertando-o da necessidade de recorrer quotidianamente á caça ou á pesca; então faz-se agricultor ou pastor e pouco a pouco troca o estado nomade pela vida sedentaria. Chegado a esse ponto o progresso é rapido.

A ethnographia ainda não revelou a existencia de um povo moderno que viva exclusivamente de fructos, isto é, que se ache na primeira phase da evolução alimenticia; o fogo, porém, é uma descoberta recente para certos povos, como os Australianos que têm grande difficuldade em obtel-o e isto nos faz comprehender que taes povos não se separaram ha muito tempo do regimen frugivoro.

Muitos selvagens modernos tiram toda a sua alimentação da caça e da pesca; em outros já existe a agricultura, porém em estado rudimentar, e servindo apenas de accessoria á caça e a pesca.

Observa-se que, se o homem antes de entregar-se á agricultura, passa pelo estado pastoral, persiste mais tempo na barbaria.

A cosinha.—Derivando da descoberta do fogo surge o habito de coser os alimentos, quer para tornal-os mais assimilaveis pelo estomago, quer para preserval-os de rapida destruição. Os Tasmanianos, apezar de já se acharem de posse do fogo, ainda não conhecem a cosinha propriamente dita, consistindo os seus vasos em folhas largas arrepanhadas por espinhos nas extremidades; como, porém, ás vezes assam o peixe deitando-o sobre pedras quentes, podemos ver n'este processo a genese do fogão.

Quando o homem inicia-se nos principios fundamentaes da cosinha, isto é, quando aprende a ferver e a assar, surge a necessidade dos vasos e esta dá origem á arte ceramica que apparece geralmente depois de serem utilisados como louça as pedras concavas, as nozes de côco, os thalos de bambú, etc.

Depois de descobrir a arte ceramica a civilisação continua a evoluir na esphera da vida nutritiva, sempre assignalando progressos humanos. Os povos caçadores e pescadores inventam o meio de conservar as carnes submettendo-as á torrefacção, e depois reduzindo-as a pó; os povos pastores encontram logo o segredo do fabrico da manteiga; os povos agricultores descobrem a panificação, o preparo das farinhas, etc.

As bebidas embriagantes.—Embora pareça contradictorio, o conhecimento das bebidas embriagantes denota um notavel progresso nas raças humanas. O Australiano e o Tasmaniano que occupam os ultimos degraus da escada social, antes de terem trato com os europeus não as conheciam; todos os povos, porém, ao apreciarem n'as pela primeira vez, adquirem immediatamente o gosto da embriaguez que, segundo Letourneau, é a poesia da alimentação.

Sómente o Neo-calendonio conservou-se até hoje inaccessivel á bebedice, singularidade que só pode ser explicada pela sua semi-bestialidade.

Se nos elevarmos, porém, alguma cousa acima d'esta humanidade ainda pouca desprendida do irracional, veremos que as bebidas embriagantes são usadas por todos os povos e desde o homem das palaffitas o preparo das mesmas é conhecido.

Em um estado ideial de perfectibilidade humana as bebidas alcoolicas desapparecerão, pois nada justifica o seu uso, nem

mesmo os rigores do clima; o esquimó que vive no gelo não as utilisa, ao passo que as hordas selvagens tropicaes e equatoriaes entregam-se a todos os excessos da embriaguez.

As substancias enervantes ou excitantes.— Se o conhecimento de bebidas embriagantes denota um progresso da humanidade, o das substancias enervantes ou excitantes, taes como o fumo, o opio, o hachis, o betel, a kava, etc. accentua esse progresso; já não basta ao homem a embriaguez, tem necessidade de verdadeiros delirios durante os quaes se despoje completamente de todos as necessidades animaes.

Surgindo em um gráo elevado de cultura o uso das substancias enervantes ou excitantes, seu predominio é no entanto breve e só nas civilisações estacionarias, como a chineza, elle arraiga-se; nos povos verdadeiramente civilisados, como os da Europa e seus derivados na America, apenas se adoptam as substancias de effeito muito moderado e até certo ponto necessario taes como o fumo, o café, o chá, etc.

EVOLUÇÃO DA VIDA SENSITIVA

Subordinados ao titulo supra passaremos em revista o *amor*, a *delicadeza dos sentidos*, os *adornos* e as *artes*.

O amor.—Depois da fome é o amor, ou por outra, a satisfação das necessidades genesicas o movel mais poderoso das acções do homem primitivo, que começou praticando-o bestial e instinctivamente, sem a minima reserva e de todo alheio ao que chamamos pudor, o qual, assim como a castidade, sendo sentimento artificial, só em um gráo muito adiantado de cultura apparece.

Pouco a pouco, no entanto, o homem foi depurando o amor da sua grosseria bestial e tendo afinal chegado a subordinar ao exercicio da funcção genesica circumstancias affectivas e estheticas, facto que se verificou principalmente nos paizes em que se fez sentir a influencia do christianismo, transformou-se esta necessidade em um sentimento dedicado e puro.

Os desvios genesicos, ou por outra, o amor contra a natureza, não obstante o que affirmam os detractores do progresso que dizem ser este inseparavel da depravação, é tanto mais frequente quanto mais descemos a escada da civilisação humana. Assim tinha razão Saint Simon quando dizia:

«A idade de ouro do genero humano não acha-se atraz de nós, acha-se adeante e será encontrada na perfeição da ordem social: nossos pais não a viram, nossos filhos a ella chegarão um dia; cumpre-nos desimpedir-lhes a estrada»

Delicadeza dos sentidos.—A evolução dos sentidos na humanidade realiza-se de um modo curioso e o Dr. Charles Letourneau define-a perfeitamente n'este trecho:

« O homem de intelligencia pouco desenvolvida ainda, tem sentidos delicados no que diz respeito ás exigencias da vida selvagem, porém nelle a porção mental da sensibilidade é rudimentar. Sente vivamente e gosta das impressões fortes, porém é desageitado para notar, comparar, classificar as sensações, perceber as gradações delicadas.»

Assim, um Fuegiano que descobre ao largo um navio que o marinheiro de vista melhor não vislumbra, é incapaz de reco-

nhecer o seu retrato n'uma photographia; os japonezes que mencionam nas suas cartas celestes até as estrellas de septima grandeza commettem nos seus quadros erros grosseiros de perspectiva.

Os adornos.— O gosto pelos adornos physicos nasce no homem muito antes das artes graphicas e plasticas, podendo por isto ser considerado como a genese do sentimento esthetico. Os Fuegianos, que ainda não possuem arte de especie alguma, já se adornam.

Afim de tornar-se bonito perante os seus semelhantes o homem pinta-se, tatua-se, deforma-se, mutila-se e afinal penteia-se, cobre-se de joias, enfeites e vestuarios.

Primeiramente a preoccupação da elegancia manifesta-se por vernizes coloridos com os quaes o selvagem besunta o corpo; a côr predilecta é a vermelha. Depois apparecem as mutilações as deformações e o emprego das joias; pouco a pouco as mutilações vão desapparecendo, as joias tornam-se mais delicadas e os adornos vão concentrando-se no vestuario, que apparece tanto mais cedo quanto mais frio é o clima da região.

Nas phases primitivas do desenvolvimento humano o gosto pelos adornos é commum aos dous sexos.

As artes.— « No homem e mesmo em qualquer animal consciente uma impressão forte terá sempre a tendencia de irradiar-se sobre todo o systema nervoso. Se a impressão é recebida por um homem muito intelligente, no qual o campo da vida consciente seja vastissimo, o abalo nervoso transforma-se primeiro em sentimento, em idéas e depois, se a força não se acha esgotada, em acção reflexa. No animal, na creança, no homem primitivo, na mulher, a impressão forte traduzir-se-ha na maioria dos casos em movimentos variados, conforme estes ou aquelles orgãos sejam a séde.

Ordinariamente, no ser pouco desenvolvido, o choque do abalo nervoso transforma-se principalmente em contracções musculares, em movimentos dos membros, em gestos e em gritos, que são os gestos da larynge, porém a serie dos phenomenos poderá de certa fórma ser invertida. Se uma impressão dada provoca ordinariamente este ou aquelle grito, bastará muitas vezes executar ou ver executar o gesto, dar ou ouvir o grito para se experimentar mais ou menos a impressão que a elles correspondem. O homem poderá pois reproduzir, excitar a vontade, em suas cellulas conscientes ou nas de outrem um certo numero de impressões ou sentimentos.

Este é todo o fundo da esthetica.

Do grito nascerão o canto e a musica.

Finalmente, como toda a impressão não caminha sem um cortejo de imagens, de visões mentaes, o homem reproduzindo, ou procurando reproduzir estas imagens, inventará o desenho, a pintura, a esculptura, afinal, as artes graphicas e plasticas.» (1)

A dança.—A dança é a mais primitiva de todas as artes e já nos animaes observam-se os seus rudimentos.

Com excepção do povo chinez, a dança é encontrada em todos os paizes barbaros ou cultos e apresenta-se geralmente sob tres fórmas—a dança de caça, a dança guerreira e a dança amorosa.

(1) Charles Letourneau—*Sociologie*.

Na primeira, que é a mais grosseira de todas, o homem primitivo procura ingenuamente imitar os movimentos dos animaes, a segunda é uma variação da primeira, sendo a caça substituida pelo homem inimigo. Esta dança, acompanhada de cantos guerreiros, preludia em certos povos os actos de antropophagia. Finalmente, a terceira, caracterisada pela presença da mulher prende-se quasi sempre ás relações sexuaes e ás vezes torna-se lubrica.

A musica vocal.—Se a dansa é commum ao homem e a certos animaes, o mesmo acontece com a musica vocal, encontrando-se povos que, como os passaros, só sabem emittir algumas notas.

Nos povos primitivos a musica vocal não passa de um recitativo monotono em tom menor; a melopéa antiga dos gregos, com que os rhapsodos acompanhavam a recitação dos versos de Homero ainda resentia-se muito da forma primitiva.

O canto primitivo é destinado a acompanhar ou a ornar uma narração guerreira, um caso de amor ou uma lenda mythologica, e sendo a musica vocal a mais antiga na humanidade é no entanto ainda a que mais delicia o homem culto «pois ella brota naturalmente das impressões, das emoções, das paixões humanas e nos revolve um velho fundo latente e herdado.»

A musica instrumental.—A musica instrumental já existe em germen no chimpanzé que faz os seus concertos batendo em ramos concavos e deliciando-se com o barulho produzido; o tambor è o mais antigo dos instrumentos e encontra-se sob diversas formas em todas as raças selvagens, barbaras ou civilisadas.

Ora o tambor é uma simples pelle de kangurú que mulheres australianas distendem sobre as coxas e rufam, ora a pelle é applicada em uma das extremidades de um cylindro de madeira, como o *caxambú* dos negros que foram trazidos para o Brazil como escravos, ora um cylindro com dois diaphragmas. Do tambor derivam os instrumentos de percussão como os sinos, as placas metallicas dos Aztecas e outros.

Depois do tambor vêm as trompas, os assobios, as flautas, primeiro muito rudimentares, emittindo uma só nota e depois tres, quatro e mais.

Em segundo logar vêm os instrumentos de corda que, apezar de serem a ultima palavra sobre a musica instrumental, já são no entanto encontrados em algumas tribus selvagens, principalmente entre as da Africa

Artes graphicas e plasticas. — Segundo a aptidão das diversas raças o apparecimento das differentes artes na humanidade foi ora successivo, ora simultaneo, tendo o homem logo que sahiu da animalidade recorrido indifferentemente ás formas, aos sons, ás linhas e as côres para satisfazer o desejo de exteriorisar certas idéas mentaes.

O desenho e a esculptura já se encontram no troglodyta da epocha da Magdalena, porém a aptidão para essas duas artes não é ignal em todas as raças e hoje mesmo ainda se encontram povos, como o Tasmaniano, que a esse respeito são inferiores ao homem europeo das cavernas.

Os esquimós são excellentes desenhistas, os Polynesios, porém, que a muitos respeitos lhes são superiores, não sabem no entanto desenhar plantas ou animaes.

Na sua origem a arte da esculptura apenas produz informes e grosseiros esboços, copiando o homem somente o que vê em torno de si; depois, intervindo a imaginação, apparece a esculptura mythologica e os baixos relevos, representando scenas de caça, de guerra e de tudo aquillo que impressiona mais vivamente o artista; finalmente, em um gráo superior de cultura, as raças adquirem methodos scientificos exactos e chegam a destacar da pedra ou do marmore os mais delicados contornos e as mais interessantes particularidades.

A pintura.—O desenho primitivo é todo gravura, e, como tal já é encontrado nos tempos prehistoricos; a pintura devia ter começado pela coloração dos objectos de uso domestico e da propria pelle. Os néo-caledonios pintam de vermelho tudo que podem. Depois de colorir as armas e os utensilios, o homem passou a colorir as estatuas e baixo relevos e em seguida, os desenhos gravados, elevando-se depois á coloração do desenho pintado ou verdadeira pintura.

Na pintura primitiva não se conhecem as leis das sombras e da perspectiva, todavia em um perfil de urso gravado, pertencente ás idades prehistoricas, já se encontram vinculos que figuram sombras; geralmente, porém este progresso só muito tarde é introduzido na pintura, pois na arte egypcia, peruana, mexicana ainda as figuras são todas dispostas em linha. Igualmente o artista primitivo tendo facilidade em escolher e grupar as cores, tem no entanto difficuldade em representar as sombras, as degradações das tintas e os longes.

Só muito lentamente o homem conseguiu adquirir estes segredos podendo então reproduzir a paysagem que foi o ultimo esforço da pintura.

EVOLUÇÃO DA VIDA AFFECTIVA

Passando a estudar os phenomenos da vida affectiva na suas evoluções, temos a considerar os seguintes: *a desaffeição pela prole* o *aborto*, o *infanticidio a affeição pela prole*, o *amor filial*, a *assistencia aos velhos e doentes*, os *instinctos ferozes*, os *sentimentos beneficos*, a *condição das mulheres*, os *costumes guerreiros*, a *anthropophagia*, os *ritos funerarios*, a *religião*, os *deuses*, o *culto* e o *sacerdocio*.

A desaffeição pela prole.—Sob o ponto de vista da affeição pela prole, o homem na sua origem não differença-se dos outros mammiferos, revelando-se ás vezes até muito mais grosseiro que os seus bestiaes antepassados. «E' que nas raças humanas retardadas, o instincto puramente animal é já contrabalançado por uma intelligencia relativamente mais desenvolvida.

A vista do homem, mesmo o mais grosseiro, penetra mais no futuro do que a da maior parte dos animaes. Prevê de longe os enfados, os embaraços, os cuidados da familia, e como sua moralidade acha-se mal desenvolvida ainda, sacrifica muitas vezes a descendencia ao cuidado de seu bem estar actual.» 1)

O aborto.—Partindo desta originaria desaffeição á prole e do estado rudimentar em que se acha a moral nos povos primitivos,

(1) LETOURNEAU—*Obra citada*.

o aborto é largamente praticado nas primeiras phases da civilisação, sendo considerado perfeitamente licito.

Segundo o Padre Bonwick a Tasmaniana pratica o aborto porque só deseja ter filhos no fim de tantos annos de casada, facto que lhe permitte prolongar a sua belleza e frescura. Na ilha Formosa, na Nova Caledonia e em diversas tribus americanas existe ainda a pratica de fazer as mulheres abortar, uso barbaro que, pelos phenomenos de sobrevivencia de que falla Tylor, embora severamente punido pelas leis, subsiste ainda nas sociedades cultas.

O infanticidio.—Assim como o barbaro entende que lhe é permittido o aborto, julga-se tambem com direito ao infanticidio, o qual, sendo de pratica menos perigosa, é ainda de uso mais geral nos povos primitivos.

Esta crueldade, que tambem se encontra em certos animaes, é determinada principalmente pela escassez de alimentos.

A affeição pela prole.—Se o aborto e o infanticidio são frequentemente encontrados como praticas licitas entre os povos primitivos, não segue-se d'ahi que o desamor pela prole seja uma lei geral; muito pelo contrario, os primeiros é que devem ser considerados como excepções, determinadas por um certo numero de circumstancias originadas do *primó vivere*.

A affeição pelos filhos já se encontra nos povos mais grosseiros, taes com os Fuegianos.

Comtudo o amor dos selvagens pelos filhos assemelha-se muito ao dos animaes, pois não vae alem da puericia. Só mais tarde, quando os sentimentos já se acham muito desenvolvidos é que o amor dos paes pelos filhos ultrapassa esse periodo e subsiste durante toda a vida.

Amor filial.—O amor dos filhos pelos paes é mais raro no estado de natureza, isto por ser menos necessario que o amor paterno, sem o qual a prole seria indubitavelmente sacrificada. O mesmo facto se observa entre os animaes e tambem nas sociedades cultas, nas quaes o amor filial é quasi sempre menos intenso que o amor paternal e principalmente que o amor maternal.

Comtudo o amor filial existe já nos povos selvagens e como todos os outros sentimentos evoluciona lentamente.

Assistencia aos velhos e doentes.—Alguns animaes, extremamente sociaveis como as abelhas e as formigas, reconhecem a solidariedade e mutuamente se auxiliam nos casos de infortunio, o homem primitivo porém, sempre dominado pelo *primo vivere*, adopta geralmente o costume de supprimir as bocas inuteis Assim os velhos e enfermos nos povos barbaros são quasi sempre assassinados ou lançados ao abandono. Em um grão mais elevado de cultura dá-se o phenomeno inverso, sendo os anciãos religiosamente venerados e em geral escolhidos para chefes.

Instinctos ferozes.—Os instinctos ferozes acompanham o homem em diversos estagios de sua civilisação e só uma cultura muito desenvolvida pode determinar sentimentos altruistas. Em geral os povos-natureza são vingativos e a vida ou os soffrimentos de seus semelhantes é para elles cousa de nonada.

Não só matam sem commoção alguma, como têm prazer em ver a victima soffrer os mais atrozes tormentos.

Originariamente o homicidio e as variadas torturas que soem applicar, obedecem apenas ao capricho e á força, evoluindo porém a moral social esses instinctos ferozes procuram muitas vezes a valvula da lei ou a da religião para se manifestarem. O codigo criminal dos chins com os seus indiscriptiveis horrores penaes e as torturas de mil generos applicadas outr'ora pelos jesuitas em nome de Christo, mostram a persistencia dos instinctos ferozes na humanidade.

Os sentimentos altruistas. — Os sentimentos de amisade, de compaixão, etc.,que segundo alguns naturalistas já se observam em certos animaes como os papagaios e os saguis, são muito debeis ou quasi não existem nas raças humanas mais inferiores. Os Fuegianos, Tasmanianos e Australianos são notaveis por sua perfeita insensibilidade moral e os néo-caledonios são quasi incapazes de reconhecimento, porém em povos um pouco superiores a estes, os sentimentos altruistas, embora muito rudimentares, já se fazem sentir; temos um exemplo nas negras do Gabon, que sendo tratadas como bestas de carga pelos homens, são no entanto ternas e compassivas. Os Eskimós são generosos, outros povos são brandos e crueis ao mesmo tempo.

Durante a antiguidade greco-romana a piedade ainda era muito pouco sensivel; ao christianismo cabe ter levado na Europa os sentimentos humanitarios ao seu apogêo, se bem que na China já a piedade possuisse um templo muito antes de Christo.

A condição da mulher.—Para o homem na phase mais rudimentar da civilisação a mulher representa apenas o papel de um animal domestico, servindo ao prazer genesico, á reproducção, ao trabalho e mesmo, em momentos de extrema penuria á alimentação, pois o homem então não tem a menor noção do que seja direito, justiça ou respeito pelos fracos.

A' medida, porém, que o homem se civilisa, a mulher vae tornando-se senhora de certas prerogativas, e, por conseguinte, melhorando a sua triste condição; só porém, em um estado muito adiantado da cultura humana é que ella deixa decididamente de ser *cousa* para tornar-se uma companheira digna de attenções e respeito.

Até então ou é considerada como um ser desprezivel, que o homem sobrecarrega de máus tratos e trabalhos ou é simplesmente considerada uma entidade agradavel, propria ao deleite genesico, é verdade, porém sem outro merecimento.

Hoje mesmo, nas sociedades cultas, a mulher é ainda inferior em direitos ao homem, todavia a sua elevação ao logar que com justiça lhe compete já se fez de ha muito, quer pela energia do sentimento esthetico da civilisação greco-romana, quer pela suavidade religiosa do christianismo. Uma consagrou a sua superioridade sob o ponto de vista da belleza plastica, o outro fez d'ella o symbolo da pureza angelica.

Costumes guerreiros.—Vem dos animaes a predilecção especial que todos os povos, principalmente os mais retardados na estrada do progresso, manifestam pela guerra que ás vezes é simplesmente uma manifestação do instincto de conservação e outras vezes uma explosão dos instinctos de ferocidade que o homem recebeu por herança dos seus antepassados, os mammiferos irracionaes.

Quanto mais grosseiro é o povo mais o seu modo de guerrear é cobarde, feroz e traiçoeiro; como, porèm, a exhibição da

coragem e da insensibilidade aos soffrimentos, revela superioridade physica e o orgulho é um dos sentimentos que muito cedo o cerebro humano engendra, mesmo nas raças mais infimas já se encontra o germen da lealdade cavalheiresca. Segundo o viajante Sturt, os Tasmanianos e Australianos, que estão no ultimo degráu da escada social, antes de attacarem os europeus desarmados muitas vezes forneciam-lhes armas.

A deshumanidade pelo vencido é geral em todos os povos primitivos e mesmo n'aquelles que já possuem uma certa cultura. Muitas vezes, como já vimos, a anthropophagia è uma consequencia da guerra; a escravidão representa uma fórma attenuada da primitiva deshumanidade pelo vencido.

Ao principio o selvagem peleja sem ordem e sem valer-se de nenhum recurso tactico, lançando-se cégamente sobre o inimigo como fera furiosa; desenvolvendo-se porém sua intelligencia, elle comprehende afinal que não deve contar exclusivamente com a sua força muscular e com o seu ardor bellico para a obtenção do successo. D'ahi o tornar-se cauteloso e aprender a tactica de guerra.

Os indios da America, que muitas vezes esperavam annos inteiros aguardando o momento propicio para cahir sobre os conquistadores, feriram muitas batalhas em que demonstraram um perfeito conhecimento da estrategia militar.

Finalmente, quer entre os selvagens, quer entre os povos civilisados, a guerra, considerada em si mesma, é sempre um acto barbaro e por conseguinte pela evolução do progresso humano tende a desapparecer.

O Canibalismo.— Actualmente a anthropophagia acha-se limitada a um pequeno numero de povos que vivem empareados na mais abjecta grosseria, porém todas as raças humanas que habitam actualmente o globo e bem assim aquellas que por diversas causas desappareceram da superficie da terra, foram todas nas suas origens mais ou menos anthropophagas.

As principaes fórmas de canibalismo são — o canibalismo pela fome, o canibalismo por gula, o canibalismo por furor guerreiro, o canibalismo por vingança, o canibalismo religioso, o canibalismo por piedade filial e o canibalismo juridico.

Quando o canibalismo alcança estas ultimas fórmas completou o cyclo de sua evolução e tende a desapparecer, pois a sua pratica já começa a repugnar.

Attenções para com os mortos. — Algumas hordas barbaras nenhum cuidado têm pelos seus mortos, estas porèm são extremamente raras e em geral o homem, mesmo o mais selvagem possue praticas funebres, as quaes mais ou menos relacionam-se com a idèa que esses mesmos povos fazem da vida futura.

Conforme o paiz e o povo o cadaver ou é comido, ou enterrado no chão e coberto de terra ou de pedras, ou collocado em grutas naturaes ou em cisternas cujas entradas se muram, ou depositados em urnas e talhas de diversos formatos, ou deitado sobre giráos altos ou sobre os ramos das arvores, ou lançado ás fêras, ás aves de rapina e mesmo a cães que se educa especialmente para esse fim, ou secco e mumificado, ou queimado.

Todas estas praticas são mais ou menos dictadas por um sentimento piedoso, o cuidado do futuro do morto na outra vida,

pois o homem selvagem ou barbaro não póde admittir que no tumulo se aniquile de todo a personalidade humana, tendo as diversas praticas funebres por fim satisfazer certos requisitos indispensaveis ao bem estar do finado no outro mundo. Assim muitos povos collocam junto ao morto suas armas e utensilios e outros lhe immolam mulheres e escravos para que nada lhe falte na vida de alem-tumulo.

A RELIGIÃO. — Os factos typicos da evolução do sentimento religioso na humanidade podem ser grupados sob tres titulos principaes: 1° a vida futura, 2° os deuses, 3° o culto e o sacerdocio.

A vida futura.—Ordinariamente o homem primitivo não póde admittir que a morte seja o aniqualamento completo do ser; d'ahi a crença na vida futura, a qual é invariavelmente calcada sobre a vida terrestre.

No primeiro gráo da evolução desta crença o espirito humano crê que, quando a morte sobrevem, ha uma simples dissociação de dois principios, separando-se do corpo visivel uma sombra ou corpo impalpavel que vae habitar os rochedos, as florestas, as montanhas, as estrellas sem que por isso deixe o finado de experimentar os mesmos desejos, paixões e necessidades que sentia na sua primeira vida.

No segundo gráo as sombras errantes reunem-se em uma morada invisivel, a qual, embora calcada sobre a vida real, possue attractivos que n'esta não se encontra.

Finalmente, em um terceiro gráo da evolução da crença, apparecem duas habitações além da morte: uma, que é um logar de delicias, destinada aos eleitos; a outra, onde se soffre penas crueis, destinada aos reprobos.

O cyclo da evolução d'esta crença termina ahi, em seguida vem a sciencia que prova não haver nada além do tumulo ou que, se existe, não cabe ao homem devassar tal mysterio.

Os deuses.—« A gradação mythologica, geralmente admittida, e partindo do fetichismo para chegar ao monotheismo, passando pelo polytheismo, é commoda para a exposição dos factos, e corresponde perfeitamente ás primeiras phases da evolução religiosa. No entanto não devemos conceder-lhe um valor absoluto, principalmente não se deve crêr que entre as diversas gradações do erro haja divisões accentuadas. Finalmente, todos estes gráos se fundem em uma mesma illusão que Tylor chamou o *animismo*. (1)

Na primeira phase da evolução religiosa o espirito humano se exteriorisa continuamente a si mesmo e julga ver qualidades conscientes iguaes ás suas em todos os objectos exteriores, isto é, antropomorphisa arvores, montanhas, animaes, rios, etc. E' o periodo do fetichismo ou naturismo, o qual comprehende o fetichismo propriamente dito ou adoração dos objectos terrestres inanimados, a zoolotria ou adoração dos animaes e a astrolatria ou adoração dos corpos celestes.

Na segunda phase o espirito humano anthropomorphisa os grandes phenomenos da natureza, taes como o trovão, o raio, o furacão, a tempestade. Os deuses primitivos do fetichismo vão

(1) LETOURNEAU —*Sociologia*.

desacreditando-se ; diminuem as divindades, porém as que subsistem crescem em importancia ; finalmente, organisam-se as lendas mythologicas — é o periodo do polytheismo, isto é, da crença em muitos deuses superiores ou aristocracia divina.

Na terceira phase da evolução religiosa o espirito humano condensa todos os deuses em um só e assim chega ao monotheismo ou ao pantheismo.

O christianismo, que é uma religião monotheista, conserva no entanto signaes indeleveis das duas primeiras phases da evolução religiosa. A veneração aos logares sagrados, ás reliquias, as imagens são manifestações fetichistas, os numerosos santos e santas traduzem o polytheismo como toda a fidelidade.

Percorrida estas phases da evolução está terminado o cyclo religioso, apresenta-se a sciencia e lança por terra o ultimo deus dos monotheistas ou pelo menos faz comprehender que não devemos nos preoccupar com questões que por sua propria natureza são insoluveis.

O culto e o sacerdocio.—Nas raças humanas mais inferiores não se encontram templos, nem padres, nem ritos. N'este caso se acham os Fuegianos, os Tasmanianos, os Australianos, etc., porém logo que a intelligencia humana se desembaraça dos apertados laços que a jungem á animalidade, o homem crê poder por meio de presentes, genuflexões, etc., influir nas decisões dos deuses e esta é a primeira origem do culto. O templo é o proprio lar e o sacerdote o chefe da familia.

Na segunda phase apparece o padre e levanta-se o templo que primeiro é uma casa ou choupana como as outras onde o deus reside e depois vae gradualmente differençando-se e adquirindo fórmas determinadas.

O padre é apenas um membro da tribu que pretende possuir o segredo de communicar com os espiritos, servir de medianeiro entre elles o os homens e curar as molestias. O culto consiste em offerendas de alimentos, pois o deus tem necessidade de nutrir-se como os outros homens. Estes alimentos são naturalmente devorados pelo padre, o qual, tendo por esse meio a sua subsistencia garantida passa a residir no templo e transforma-se em guardião do idolo.

Em uma terceira phase os padres congregam-se em castas, que em muitos povos tornam-se hereditarias ; constituidas estas tendem ellas invariavelmente a governar a sociedade civil o que em geral conseguem. N'este ponto da evolução do sacerdocio é que surgem os templos monumentaes ; o culto complica-se e apparecem os sacrificios humanos. Se o paiz acha-se ao abrigo de invasões guerreiras o governo theocratico domina só, no caso contrario é partilhado pela classe guerreira e ou esta destróe a casta sacerdotal ou as duas classes auxiliam-se mutuamente, ficando uma com o poder espiritual e a outra com o poder temporal.

Afinal, em uma phase de decadencia, o ritual vae pouco a pouco depurando-se de praticas grosseiras, o padre vae parallelamente perdendo a importancia e tanto um como o outro tendem a desapparecer.

Para o homem moderno que fortificou o espirito com salutares noções scientificas o culto e o sacerdocio são instituições archaicas que se apresentam nas sociedades modernas como phenomenos de sobrevivencia.

EVOLUÇÃO DA VIDA SOCIAL

Vejamos agora como se operou a evolução da vida social, considerando como de sua dependencia o *casamento*, a *familia*, a *propriedade*, a *moralidade* e a *constituição das sociedades*.

O casamento.—O casamento já existente entre os animaes passa por diversas phases no genero humano, porém estas nem sempre se succedem na mesma ordem.

Em muitas sociedades humanas primitivas verifica-se nas relações sexuaes um estado bestial de promiscuidade; independente porém d'esta phase as fórmas matrimoniaes mais encontradas são a polygamia, a polyandria, os matrimonios parciaes não obrigando os conjuges senão a uns tantos dias da semana ou do mez e permittindo simultaneamente reuniões multiplas, a monogamia, o casamento exogamico e o casamento endogamico.

Nos povos mais atrazados domina ainda a promiscuidade e portanto não existe casamento; mas, fazendo-se logo sentir racionalmente a lei do mais forte, os que o são apoderam-se de uma ou mais mulheres que guardam para si e sobre as quaes julgam-se com todos os direitos: matar, espancar, dar, vender, alugar, emprestar.

A's vezes esta captura é compensada por algum donativo feito aos paes da mulher raptada, pois ella é uma propriedade e o rapto constitue um esbulho.

Evoluindo os sentimentos moraes e o casamento, que era precedido de um acto de violencia, transforma-se em contracto estabelecido mediante prévio ajuste.

A polyandria é o casamento de uma mulher com muitos homens ao mesmo tempo; a polygmia é o systema inverso, isto é, o casamento de um homem com muitas mulheres; a monogamia é o casamento de um homem com uma só mulher. Diz-se que o casamento é endogamico quando marido e mulher pertencem á mesma tribu, e exogamico quando a mulher pertence a uma tribu differente.

A Familia. — O estudo da evolução da familia é dos mais importantes, pois, della depende especialmente o progresso das sociedades humanas.

Como se observa entre os grandes macacos anthropoides e como se vê ainda entre os Weddahs de Ceylão, o homem primitivo vagueia em pequenos bandos constituidos sómente pelo pae, pela mulher ou mulheres e pelos filhos menores.

Mais tarde, desenvolvendo-se o instincto de sociabilidade, esses bandos associam-se em hordas e, como a lei nas relações sexuaes d'esta aggregação accidental, é, pela ausencia absoluta de sentimentos moraes, a da promiscuidade, os filhos não conhecem os paes e apenas admittem a filiação materna, estabelecendo-se por essa fórma o regimen do *matriarchado*. N'este estado os bens da mulher passam por herança aos filhos e os bens do homem transmittem-se aos sobrinhos. Por conseguinte, a familia que já se achava, embora inconscientemente, mais ou menos constituida no bando vagabundo, torna a desapparecer na horda, devido á promiscuidade.

Mais cedo ou mais tarde, porém, dá-se na horda o facto de cohabitar um homem mais com uma mulher do que com as outras e d'ahi uma certa predilecção pelos filhos da mulher preferida,

podendo já esta, embora seja ainda muito ampla a liberdade nas relações sexuaes, designar o pae de seus filhos. Evoluindo sempre em civilisação o grupo ethnico chega afinal um momento em que se define-se de todo a filiação masculina.

Este facto, porém, só tem logar quando o casamento, qualquer que seja a sua fórma, exceptuando-se a polyandria, tornou-se realmente uma instituição.

Ao mesmo tempo que se affirma a filiação paterna, verdadeira base da organisação da familia, o homem começa a preoccupar-se em definir os parentescos e os gráos de consanguinidade aos quaes applica nomes especiaes. Estas noções determinam mais tarde o isolamento do grupo apparentado que afinal separa-se da horda e vae constituir o *clan* dirigido pelo mais velho ou avô. Achamo-nos então no regimen do *patriarchado*

Sendo, porém, continua a evolução social, os clans isolados tendem pouco a pouco a approximar-se e fusionam-se, dando origem á tribu que desta vez se constitue com verdadeiras familias.

A Propriedade. — O sentimento da propriedade é geral e devia ter nascido com o primeiro instrumento de silex que o homem fabricou, o qual, representando um esforço de sua intelligencia e actividade, constituia ao mesmo tempo um valor duradouro.

Depois, quando o homem attinge a fórma familiar do clan, torna-se mais industrioso augmentando os seus haveres com armas, cabanas, pyrogas, etc. Então a propriedade define-se completamente e d'ahi começa a sua verdadeira evolução até ás sociedades modernas, em que é concebida de um modo que está ainda longe da perfectibilidade.

Nas hordas anarchicas não existe ainda a verdadeira propriedade; nos clans e nas tribus republicanas, o regimen é communista e por conseguinte a propriedade é mais ou menos collectiva, todavia o individuo já se julga com direito de posse exclusiva sobre alguns bens e principalmente sobre a mulher e filhas, mas as habitações e as substancias alimenticias pertencem a todos em commum.

Em um gráo immediatamente superior da evolução social, isto é, nas tribus selvagens monarchicas, apparece a escravidão e a propriedade dilata-se, definindo-se perfeitamente a que é individual e a que é collectiva. Os chefes adquirem prerogativas e em algumas tribus a mulher começa tambem a participar do direito de propriedade.

A propriedade do solo ou quiritaria só apparece no regimen verdadeiramente agricola, pois no estado pastoral os campos são ainda indivisos.

Com a domesticação dos animaes surge a distincção entre bens moveis e bens de raiz.

Finalmente, progredindo em civilisação o grupo humano, desapparece de todo a primitiva propriedade collectiva e entram em lucta as multiplas ambições particulares que dão a formula moderna do direito de propriedade.

A moralidade. — «Como tudo mais, diz Letourneau, a moralidade evoluio lentamente e salta aos olhos que está muito longe de ter alcançado o apogeu de seu desenvolvimento. As mais avançadas das sociedades humanas debattem-se ainda n'um furioso conflicto de egoismo, de cupidez, de crueldade. Não se

póde crer que os primitivos instinctos do animal estejam extinctos em todos os corações, pois o nivel moral é tão baixo, que mesmo nos povos que se dizem civilisados, a nobreza de caracter é muitas vezes uma causa de insuccesso na lucta pela vida. »

A concepção da moralidade na sua origem é muito differente da que hoje possuimos.

Entre os australianos, povos que occupam um dos mais infimos degraus da escala social, um dos maiores attentados á moral é comer um mancebo a carne do *emú*, especie de casoar que se reserva para os velhos; no entanto o homicidio, como *vendetta*, não os offende e constitue mesmo uma acção meritoria. Em sociedades mais adiantadas vemos ainda que a moral tem diversas interpretações. O caso celebre de Phrinéa despida no Areopago mostra-nos que o povo grego não conhecia o pudor, como nós o entendemos. Para o Kamtchadale, violar uma mulher longe de sua cabana nada tem de reprehensivel, porém este mesmo barbaro não poderia sobreviver á vergonha de ter lançado ao mar o producto de sua pescaria, afim de aliviar a canôa e salvar-se durante uma tempestade.

Toda moral primitiva é grosseira, funda-se no direito do mais forte e nem mesmo nas sociedades mais cultas, apezar de todas as leis, essa brutalidade originaria desapparece.

A constituição das sociedades.—Tratando da constituição da familia, vimos a sociedade humana nas phases primitivas da sua evolução; primeiro constituindo um grupo semelhante ao dos macacos anthropoides, formado do pae, das mulheres e dos filhos menores; depois reunidos estes grupos promiscuamente, dando origem ao matriarchado; em seguida o clan e depois a tribu democratica ou aggregado de clans.

N'essas diversas aggremiações o homem não constitue ainda verdadeiras sociedades, o grupo humano acha-se apenas em estado *gregario*.

Com a tribu porém, surge a idéa de um chefe e este se impõe naturalmente por ser o mais forte ou o mais habil. Pouco a pouco a obediencia a este chefe ou chefes vae cimentando a cohesão das unidades ethnicas e tem logar então a constituição de uma verdadeira sociedade.

Reconhecida a distincção de um chefe, os guerreiros mais valentes vão pouco a pouco destacando-se da massa e aggrupando-se em torno do principal, originando assim a aristocracia. Com esta surgem as preoccupações genealogicas proclama-se a herança dos titulos, dignidades e attributos de nobreza.

Esta organisação primitiva é ainda muito fragil, porém se a tribu fixa-se ao terreno pela agricultura torna se menos instavel, porque as propriedades vão accumulando-se nas mãos das classes altas e dão a estas uma ascendencia assignalada sobre a massa que augmenta com os escravos. Nestas sociedades o governo é ou monarchico ou olygarchico.

Ao entrar o grupo humano na phase religiosa do polytheismo surge a casta sacerdotal, a qual,se apossa ou influe na administração, dá origem ao governo francamente theocratico ou impregnado de theocracia.

N'este momento definem-se claramente as castas: a dos aristocratas ou guerreiros, a dos sacerdotes, a dos trabalhadores livres e a dos trabalhadores escravos.

O regimen social das castas conduz sempre á monarchia absoluta que centralisa o despotismo. O feudalismo é uma fórma particular do regimen das castas.

Este regimen do despostismo é porém transitorio; em um espaço de tempo mais ou menos breve, cuja duração depende do gráo de intelligencia do povo, as classes inferiores reagem contra a oppressão, quebram os sceptros despoticos, fazem desapparecer os privilegios e proclamam o regimen representativo ou democratico systema, que se organisa sobre a base da igualdade de direitos politicos.

A' medida que os governos vão se modificando, as leis parallelamente vão adaptando-se a novas concepções do direito e á evolução da moral; assim perdem pouco a pouco a grosseria primitiva e suavisam-se cada vez mais.

EVOLUÇÃO DA VIDA INTELLECTUAL

Passando a estudar os phenomenos evolutivos da vida intellectual temos a considerar os *gráos da vida psychica*, a *industria*, as *linguas*, as *aptidões mathematicas* e a *supputação do tempo*.

Os gráos da vida psychica. — Os mesmos gráos psychicos que se observam no homem desde o nascimento até a puberdade são os que caracterisam a humanidade na sua evolução.

Nos degráos mais inferiores o ser humano só tem appetites que se manifestam violentamente; sua intelligencia não póde elevar-se acima da satisfação grosseira desses apetites e das impressões rudes que recebe das circumstancias exteriores. Os povos n'esse triste estado são caracterisados pela maior imprevidencia, mobilidade e falta de attenção.

Mas pouco a pouco a intelligencia humana vae se desenvolvendo e tornando-se capaz de uma tensão cada vez mais prolongada. O individuo faze-se cauteloso e attento progresso este que continúa atê o seu cerebro tornar-se susceptivel de formular raciocinios complexos e abstrações as mais geraes.

A industria. — A primeira consequencia do desenvolvimento da intelligencia no homem é a industria e as mais primitivas são: a das armas, a da invenção do jogo, a da ceramica, a da metallurgia e a da agricultura.

As armas mais rudimentares são as de pedra, primeiro lascada e depois polidas; em seguida ou simultaneamente apparecem os dardos e espetos de páo endurecidos ao fogo, os quaes tornam-se ás vezes mais penetrantes por meio de pontas de pedra fixas na extremidade. O *boemerang*, que é uma das armas mais primitivas consiste n'um pedaço de páo curvo e trabalhado de modo que ao ser lançado caracole e, descrevendo uma curva sensivelmente circular, volte ao ponto de partida. A massa, o dardo e a lança são as armas mais antigas. O arco, a flecha e o escudo vêm depois, já n'um periodo de certo adiantamento e bem assim a couraça. Com a utilisação do ferro o arsenal primitivo aperfeiçoa-se e é augmentado com as espadas, porém são estas mesmas armas, mais ou menos modificadas, que o homem em toda parte usa até a descoberta ou utilisação da polvora.

A descoberta do fogo vem em um periodo em que o homem já possue armas, pois os povos mais primitivos que existem actualmente, embora já o utilisem, não são ainda muito praticos em

obtel-o. Foi tão importante a descoberta do fogo e o homem primitivo sentiu-o tão vivamente que esse elemento é dinisado em numerosas religiões pyrolatricas. Os processos primitivos para a acquisição do fogo são a gyração, o attricto e a percussão. O primeiro consiste em fazer girar com muita rapidez a ponta de um páo bem secco n'um buraco aberto em outro páo; o segundo pratica-se friccionando por um rapido movimento de vae-vem, a ponta de um páo na ranhura de outro; o terceiro consiste em obter faiscas, quer pelo choque de duas pedras ou dois pedaços de minereos, quer pelo choque de um pedaço de minereo em um pedaço de metal.

Se exceptuarmos alguns povos muito grosseiros ainda, como os Tasmanios, os Australianos e os Polynesios, quasi todas as tribus selvagens são mais ou menos oleiras, podendo-se considerar o fabrico da louça como uma das industrias mais primitivas, embora a roda de oleiro seja descoberta relativamente recente. No primeiro gráo de sua evolução a louça é das mais grosseiras e nunca tem azas; estas sobrevem n'um segundo gráo que precede aquelle em que a louça é pintada, ornada e envernizada. A arte ceramica quasi em todos os povos selvagens ou barbaros é praticada unicamente pelas mulheres.

Se é indubitavel que a olaria concorreu muito para o progresso da humanidade, de mais utilidade ainda foi a industria metallurgica que lhe forneceu armas para domar completamente a natureza e impor-lhe o seu desejo, pois o metal decuplou-lhe as forças. Embora tenham estabelecido uma ordem de successão nas industrias metallurgicas e colloquem o uso do bronze antes do ferro, está provado hoje que nem sempre se verificou esta ordem e indifferentemente ou conforme as localidades forjou-se o ferro, o bronze ou o cobre.

A agricultura ás vezes precede a utilisação dos metaes e ás vezes apparece depois. « Todas as grandes civilisações, todas as que souberam agrupar e produzir grandes agglomerações de homens, todas as que se tornaram verdadeiros focos aos quaes o homem se aqueceu e illuminou, todas foram baseadas sobre a agricultura; porém ha e houve ensaios agricolas em plena selvageria. »

Na primeira phase da agricultura são desconhecidas a estrumação e os afolhamentos; apoz cada colheita o terreno é abandonado; os instrumentos de lavoura resumem-se n'uma estaca pontuda. Muito lenta é a evolução da agricultura até chegar ao gráo de desenvolvimento em que hoje se acha nos paizes modernos cultos ou mesmo como existia no velho Egypto.

As linguas. — Os gritos inarticulados que constituem toda a bagagem linguistica do chimpanzé, do gorilla e do gibbon, vão no homem pouco a pouco se inflexionando e tornando-se susceptiveis de variadas modulações. A linguagem articulada é um caracteristico da especie humana; Mortillet no entanto, é de parecer que o homem da epocha de Chelles ou Saint Acheul ainda não fallava pois em uma das mandibulas fosseis encontradas, observa-se a ausencia da apophise geniana.

Seja como fôr a linguagem articulada, quer tenha apparecido com os primeiros homens, quer em seus descendentes, é a que accentua de modo mais decisivo a sua separação dos animaes.

A differenciação mais completa do cerebro, diz Hovelacque, seu aperfeiçoamento e o de suas mais nobres funcções, isto é,

das faculdades intellectuaes, caminharam parallelamente influenciando-se reciprocamente, com sua manifestação fallada.

A mais elementar das fórmas que as linguas ou as familias de linguas podem apresentar é a fórma monossyllabica, na qual as palavras são simples raizes que não despertam senão uma idéa essencialmente geral. Essas linguas não possuem indicação alguma de pessoa, genero, tempo e modo, nem elementos de relação, conjuncções ou preposições.

A fórma unica da palavra é a raiz tal qual ella é. Não existem suffixos, nem prefixos. « N'este primeiro grão, diz Abel Hovelacque, a phrase é organisada de accôrdo com esta formula: *raiz + raiz + raiz*, etc., etc., e estas raizes successivas são invariaveis. »

As principaes linguas monossyllabicas ou isolantes que ainda existem são: o chinez, o annamita, o siamez, o birmanio, o thibetano, o pegu e o kassia.

Na segunda phase de sua evolução a linguagem toma a fórma agglutinativa, isto é, os diversos elementos que entram na confecção da palavra, não possuem todos um valor proprio. Só um representa a idéa principal, os outros perdem completamente seu valor independente e adquirem um valor méramente relativo que representa o papel de suffixos e prefixos. Entre outras pertencem a esta classe de linguas as dos indios do Brazil e as dos negros africanos que outr'ora se importavam como escravos.

Na terceira phase, que é a das grandes nações da Europa e de suas derivadas na America, as linguas adquirem a flexão, pela qual as raizes não são simplesmente agglutinadas, porém sim modificadas, dando á linguagem uma grande desenvoltura. São linguas de flexão as de todos os povos semitas e indo-européos.

O facto de ter um povo chegado á segunda ou terceira phase da evolução da linguagem, nem sempre quer dizer que esse povo possua uma civilisação superior a daquelles cujas linguas estacionaram no monossyllabismo. As tribus indigenas do Brazil, por exemplo, fallam linguas agglutinantes, no entanto, acham-se em um grão de cultura muito inferior ao dos chinezes, cuja linguagem é monossyllabica.

Não podemos dizer que a flexão seja a derradeira phase da linguagem, tudo, pelo contrario, nos faz crer que o trabalho evolutivo continúa, notando-se já nas linguas indo europeasuma pronunciada tendencia para a elaboração de linguagens synthetica.

Aptidões mathematicas. — O homem mais primitivo, como por exemplo o Weddah de Ceylão não tem ainda idéa alguma de numero, pois é incapaz de qualquer abstracção.

A' medida, porém, que o ser humano vae elevando-se sobre esse estado semi-animal, seu espirito vae creando uma numeração, primeiramente muito rudimentar e na qual se serve dos dedos como de fichas muemotechnicas.

Pouco a pouco esta numeração digital é abandonada por outros systemas menemotechnicos taes como os rosarios de contas, conchas, etc., até que chega á combinação de quantidades abstractas, para as quaes só recorre a signaes graphicos, que são a extrema idealisação dos dedos, seixos, pedaços de páo, etc., empregados pelos povos barbaros.

A supputação do tempo. — A contagem do tempo é uma abstracção que devia ter sido ainda mais penosa para o homem primitivo do que a idéa de numero.

Só em um gráo de desenvolvimento intellectual relativamente adiantado é que elle começa a observar a regularidade das estações e a dos mais importantes phenomenos athmospherico, conseguindo afinal crear um anno, primeiro lunar e depois solar que vae se tornando cada vez mais exacto á medida que os seus conhecimentos astronomicos e mathematicos vão se aperfeiçoando.

Fixado com rigor o periodo annual apparecem depois as unidades de tempo para a contagem de longos cyclos.

CAPITULO I

ESTRUCTURA GEOLOGICA

As condições da estructura geologica de um paiz exercem influencia directa no desdobramento dos factos historicos e muitas vezes é nellas sómente que se vae encontrar a causa primordial e exclusiva dos acontecimentos.

Na historia do Brasil, por exemplo, vemos o aspecto geologico da região determinar por vezes profundas modificações no *facies* geral da mesma, quer suggerindo acontecimentos de importancia capital, quer determinando aqui ou alli fócos de civilisação mais ou menos intensos, quer predominando nas deslocações da população, em sua condensação ou disseminação, quer finalmente, cooperando para o apparecimento de novos usos, novos costumes, novas idéas, que por sua vez produzirão leis, artes e litteratura sufficientemente differenciadas das primitivas.

Embora menos incisivas que as condições geographicas, as condições geologicas impõem-se no entanto com bastante energia no phenomenalismo historico do Brasil e isto desde a epocha da sua primitiva colonisação.

A observação do phenomeno das rochas metamorphicas e outros indicios mineralogicos, levam o europeo a sonhar na existencia de riquezas metallicas, em busca das quaes elle explorará a região littoral, devassará as mattas da zona maritima, relacionar-se-ha com novas tribus indigenas e tornar-se-ha senhor das condições de navegabilidade dos grandes rios, factos que constituem interessantes capitulos da nossa historia no seculo XVI.

Até ahi, porém, a estructura geologica só por meios indirectos exerce influencia na expansão da actividade colonial; logo, porém, que o homem branco consegue transpor as montanhas que orlam o grande planalto e este lhe revela os seus maravilhosos thesouros auriferos, producto do trabalho geothermico de milhares de seculos; quando os bandeirantes ousados, nos valles profundamente denudados pela acção das aguas, descobrem os cascalhos de preço e as gemmas de valor inestimavel, veremos então a estructura geo-

logica actuar com soberania no determinismo historico e impôr-se como fundamental no surgimento dos factos, por mais importantes que estes sejam e por mais que pareçam independentes de taes condições.

E não é só pela indicação de metaes preciosos que a estructura geologica do Brasil impressiona a historia patria; como se sabe, ella define as zonas de vegetação, dividindo estas em mattas, campos e mangues. Ora, taes circumstancias appropriam diversamente as terras a variadas explorações e por estas fixa-se de modo differente o regimen alimenticio dos povos e bem assim industrias e commercio proprios que determinam acontecimentos especiaes.

Finalmente, foram os phenomenos geologicos que prepararam o meio geographico; por elles tomaram as costas a configuração que hoje apresentam, accentuou-se o relevo do sólo, estabeleceram-se as bacias fluviaes, definiu-se o clima, etc., por conseguinte o estudo da geologia facilitará a comprehensão do meio physico.

Assim, não podiamos deixar de considerar, embora de um modo geral, a estructura geologica do Brasil, da qual, pelos trabalhos de Eschwege, Sellow, Martius, Pissis, d'Orbigny, Van Lede, Gardner, Lund, Liais, Carlos Hartt, Rathbun, Orville Derby e outros investigadores illustres, já se póde ter uma noção bem definida, embora os mesmos não permittam ainda a descriminação perfeita de todos os detalhes. (1)

Phenomenos geologicos recentes.—O phenomeno geologico que se faz sentir com mais intensidade no Brasil é o da decomposição das rochas metamorphicas e a transformação destas em argilla, devido não só á frequencia de chuvas torrenciaes, como á facil desaggregação das referidas rochas. Este phenomeno é um modificador constante do aspecto do sólo, dando elle aos picos graniticos fórmas extravagantes e pittorescas.

A formação de dunas no Brasil é muito notavel no littoral do Rio Grande do Sul e em alguns trechos do littoral do Estado do Rio de Janeiro, pontos estes em

(1) Foram estas as principaes fontes ás quaes recorremos para a elaboração deste capitulo: Wappeus, *Geographia Physica do Brazil*; Liais, *Climats, geologie, faune et geographie botanique du Brésil*; Fr. Hartt, *Geology and physical geography of Brazil*; Pissis, *La position geologique des terrains de la partie australe du Brésil*; Orville Derby, diversas memorias publicadas nos Arch. do Museu.

os quaes ellas conseguiram fixar-se pela vegetação e constituiram lagôas, algumas de dimensões consideraveis como a lagôa dos Patos, a lagôa Mirim e a lagôa Mangueira.

As aguas meteoricas, além de degradar as rochas conforme já dissemos, exerceram e ainda exercem poderosa influencia na denudação dos valles do planalto central.

O Brasil não possue vulcões nem geleiras, somente na região montanhosa de Minas Geraes e em alguns outros pontos observam-se phenomenos thermaes que denotam uma actividade vulcanica de ha muito extincta. Como phenomenos produzidos pela acção dos seres vivos, apenas registra-se o extenso banco coralino que formou-se parallelamente ao littoral do norte e a constituição de turfeiras em certos pontos baixos da costa.

Terrenos primitivos.—Os terrenos primitivos ou relativos á epocha azoica, isto é, contemporaneos da formação da primeira camada da crosta terrestre, formam a base de quasi toda a area do Brasil, em a qual se apresentam cobertos por algumas camadas de terra vegetal ou exhibindo-se em diversas rochas do planalto central e nos picos graniticos da quasi totalidade das montanhas ; bem assim são encontrados em todos os pontos em que as planicies foram profundamente denudadas.

Não obstante, porém, essa grande distribuição dos terrenos primitivos no Brasil, são elles mais constantes no littoral, nas duas divisões parallelas da cadeia oriental ou maritima, isto é, na Serra do Mar e na Serra da Mantiqueira, e finalmente nas colinas granitoides do valle formado por essas mesmas cadeias. Desse nucleo vão elles gradativamente diminuindo para o norte até ao Maranhão e para o sul até Santa Catharina.

Os terrenos primitivos do Brasil constam de gneiss stratificados, dispostos geralmente em duas camadas distinctas, e de rochas metamorphicas (1) repousando sobre estas camadas. Nos primeiros, a camada inferior compõe-se de gneiss não metalliferos e a camada superior de gneiss metalliferos.

(1) Dá-se o nome de *metamorphicas* aquellas rochas que apoz a separação das aguas, na origem da formação da crosta terrestre, adquiriram sob a influencia do calor e de outras causas uma textura eminentemente crystallina.

Os gneiss não metalliferos exhibem-se principalmente nos picos da Serra do Mar e nas collinas granitoides do Estado do Rio de Janeiro, de S. Paulo, do Paraná e do Espirito Santo.

Nem sempre os gneiss inferiores são por sua composição sensivelmente distinctos dos gneiss metalliferos, comtudo podem ser caracterisados pela maior crystalinidade que apresentam.

Esses gneiss compõem-se de uma serie de stractos de estructura e composição variaveis entre os quaes se distinguem gneiss porphyroides, (1) leptinitos (2) e gneiss granitoides passando á syenite (3) ou á pegmatite (4). Os gneiss ora repousam sobre as leptinites, ora as leptinites repousam sobre os gneiss, ora qualquer dessas rochas acha-se situada por cima ou por baixo de outras variedades granitoides. Muitas de taes rochas são mais ou menos ricas em formações granatiferas de gran finissima, as quaes, distribuidas em gneiss igualmente finos dão á rocha uma estructura schistoide notavel.

Os gneiss metalliferos, compostos de gneiss de gran fina e schistoide, caracterisam-se principalmente pela apparição de camadas de quartzitos (5) miudos intercalados e subordinados ao gneiss e bem assim por diversas substancias metallicas, principalmente o ouro, pyritos e oxydos de manganez em diversas veias que os atravessam. Apresentam-se tambem nesta formação camadas de calcshistos (6) compactos e principalmente micaschitos. (7) Os gneiss formam a base do planalto central e determinam a vegetação caracteristica dos Campos Geraes. Os gneiss metalliferos decompõem-se com muita facilidade sob a influencia dos agentes athmospphericos e transformam-se em argillas de côr vermelha carregada.

---

(1) O *porphyro* é um eurite (feldspatho alcalino misturado a diversas materias estranhas) misturado a crystaes de orthose (feldspatho propriamente dito), contendo igualmente fragmentos de quartzo e de mica.

(2) *Leptinite* é um feldspatho alcalino.

(3) A *syenite* é uma rocha composta de feldspatho e horublende (substancia mineralogica do grupo dos amphibolo, assim denominada pela sua semelhança com o chifre envernizado.

(4) A *pegmatite* é um composto de quartzo e feldspatho.

(5) O *quartsito* é uma rocha com base de quartzo e de côres que variam conforme as substancias com as quaes elle se acha associado. E' a rocha quartzosa que contém mais minereos.

(6) O *calschiste* é uma mistura de calcareo e de schisto que facilmente se divide em palhetas.

(7) O *micaschisto*, muito abundante na natureza é formado de mica e quartzo.

As *rochas metamorphicas* que repousam sobre as camadas de gneiss metalliferos ou não metalliferos são constituidas por fortes camadas de talcitos, quartzitos talciferos schistoides ou itacolumites, quartzitos arenoides e carregados de ferro oligistho ou itabirite, calcareos, phylladios (1) e anagenitas. (2)

Carlos Hartt subordinou os mais antigos dos terrenos primitivos ao periodo laurenciano e Wappeus attribue os mais recentes ao periodo huroniano. (3)

O primeiro é pobre em mineraes de valor economico, porém assim mesmo possue extensos depositos de minereos de ferro e algum ouro nas suas camadas superiores. Na parte oriental do Estado de Minas Geraes encontram-se nelle depositos de graphito (4) e muitas pedras preciosas, taes como : crysolita, agua marinha, turmalina verde e vermelha, amethysta, andalusita e tryphana transparentes.

O segundo é riquissimo em ferro, ouro, topazios e diamantes.

Terrenos primarios. — Os terrenos relativos á epocha paleozoica já tem sido perfeitamente distinguidos, quer os que se referem ao periodo siluriano, caracterisados pela predominancia dos molluscos trilobitas, quer os que se subordinam aos periodos devoniano e carbonifero.

Encontram-se os terrenos primarios no valle do Amazonas, em Minas Geraes, em Santa Catharina, no Rio Grande do Sul e em Matto Grosso, nas visinhanças de Cuyabá.

Os terrenos silurianos do Brasil compoem-se de schistos argilosos, mais ou menos associados a quartzitos ; foram taes porém as metamorphoses porque passaram esses terrenos que desappareceram n'elles quaesquer vestigios de fosseis.

O mesmo acontece com os terrenos devonianos que cobrem uma grande parte do valle do Paraná; todavia nas formações devonianas do Pará e Amazonas, Carlos

(1) O *philladio* é uma rocha schistosa composta de silice, de alumina, de oxydo de ferro, de potassa e de magnesia.

(2) A *anagenita* é uma rocha cuja massa schistosa ou petro-silicosa contém fragmentos de rochas igneas, taes como granito, porphyro, etc.

(3) Esta divisão de rochas primitivas ou da epocha azoica em periodos laurenciano e huroniano foi introduzida pelos geologos norte-americanos.

(4) O *graphito* é uma variedade de carvão, misturada de uma certa quantidade de oxydo de ferro. E' do graphito que se fazem os lapis.

Hartt e seus companheiros puderam ainda encontrar diversos molluscos fosseis, principalmente brachiopodos e lamellibranchios.

Terrenos secundarios.—Os terrenos secundarios segundo o esboço da carta geologica do Prof. Orville Derby, occupam no Brasil uma area immensa nos sertões dos estados do Norte e no valle do Paraná.

Carlos Hartt subordinou ao triassico uma serie de rochas vermelhas de areia compacta que se vê em grande parte do Estado de Sergipe e que apresentam mais ou menos um aspecto caracteristico; no littoral ainda não se tem encontrado terrenos pertencentes ao periodo jurassico, facto que levou Carlos Hartt a suppôr que durante esse periodo a costa era mais elevada do que actualmente; os terrenos cretaceos começam algumas milhas ao sul da capital da Bahia, e estendem-se com intervallos até ao Piauhy.

N'esta formação tem-se encontrado diversos molluscos fosseis pertencentes aos generos *Ammonita*, *Ceratites*, *Natica*, etc.

Agassiz affirmou que os terrenos cretaceos formam a base do valle do Amazonas.

Gardner encontrou em depositos desta natureza, existentes no Estado do Ceará, sete especies de peixes das quaes duas pertencentes á divisão dos ganoides. Chandler encontrou os restos de um reptil, o *mosasaurus*, nas margens do Rio Aquiry, affluente do Purús.

Bacias carboniferas.—A zona essencialmente hulhifera do Brasil é encontrada nos Estados do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, entre o oceano e a aresta formada pelos gneiss erguidos que constituem a beira do grande terraço continental.

As mais completas informações que possuimos sobre essa formação geologica devemol-as a Nathaniel Plant que fez consciencioso estudo sobre a jazida hulhifera do valle do Jaguarão, ao sul do Estado do Rio Grande do Sul.

No logar denominado *Serra Partida*, Plant differençou na formação carbonifera nove camadas de materiaes distinctos e n'estas encontrou diversos detrictos fosseis.

Tres desses detrictos foram classificados por Carruthers debaixo dos nomes de *Flemingites Pedroanus*, *Odontopteris Plantiana* e *Neggerathio obovota*. A pri-

meira é uma variedade de lepidodendron, a segunda um féto, a terceira uma palmeira. Além destas especies novas, Plant encontrou diversas *Calamites*, *Sphenopteris* e *Glossopteris*.

Diz o Dr. Emm. Liais que o Brasil figurará no futuro entre os paizes mais ricos em hulha.

Efflorescencias salinas.—Em diversos pontos do Brasil, principalmente nos estados do norte, em que a denudação descobrio grandes camadas calcareas pertencentes ao periodo geologico em que nos achamos, verificam-se efflorescencias salinas, consistindo principalmente em carbonato neutro de soda, que os habitantes lavam, fazendo depois evaporar ao sol e ao fogo a agua de lavagem para obter o sal marinho por crystallisação.

Terrenos terciarios.—Encontram-se os terrenos de formação terciaria nos valles do alto Parahyba e do alto Tieté no planalto central e nas chapadas dos estados de Sergipe, Alagôas, Pernambuco e Parahyba.

Em geral os terrenos de formação terciaria no Brasil mostram-se isolados, dispostos em pequenas bacias collocadas a uma grande distancia uma das outras e repousando sobre os gneiss ou sobre os terrenos secundarios ou de transicção.

A mais importante dessas bacias, por sua extensão, é a que se encontra no Estado da Bahia.

Nos estados do norte a formação terciaria estende-se horizontalmente e forma chapadas que se elevam á altura de cerca de cem metros. «As margens destas chapadas, diz Wappœus, apresentam para o mar longas linhas de escarpas de areia e argilla brilhante muito coloridas, que constituem uma feição muito caracteristica da costa septentrional do paiz.»

Os geologos distinguem na formação terciaria duas origens; uma maritima que é a dos depositos do littoral e outra lacustre, a dos depositos centraes.

Os depositos terciarios do planalto central, que muitas vezes attingem a espessura de 500 metros, apresentam-se em stratificação discordante com os depositos do periodo cretaceo que lhe são inferiores. Estas bacias terciarias são pobres de fosseis e o Dr. Emm. Liais, tendo procedido a exames em diversos pontos, apenas encontrou alguns detrictos de vegetaes dycotiledonios.

A rocha dominante em taes depositos é o grés, porèm encontram-se tambem algumas camadas de argila e phyllados. O grés apresenta uma grande variação na sua composição a qual, é inteiramente silicosa ou, fortemente argilosa, micacea ou então carregada de peroxydo de ferro terroso. Sua estructura é em certos bancos schistoide e em outros massiça.

A's vezes o grés é atravessado por veias de quartzo compacto, jaspe avermelhado ou escuro, dykes e veios de diorite ou trapps negros, escuros ou esverdeados, itacolumites, etc.

As bacias terciarias de origem maritima encontram-se principalmente entre o mar e o planalto continental, desde a Parahyba do Norte até o Rio de Janeiro, e tambem ao occidente da Serra dos Aymorés e no valles do Rio Doce, do Mucury e do Jequitinhonha. Estes depositos compõem-se de grandes camadas arenosas ou argilosas, vermelhas, amarellas ou matizadas por diversas côres e camadas de grés quartzosos ou argillosos, muitas vezes cimentados pelo oxydo de ferro.

Terrenos quaternarios. — Os terrenos quaternarios enchem os valles e bacias de denudação do planalto central do Brasil e seus limites, e bem assim diversas regiões comprehendidas entre o mar e o planalto continental, mas sómente nas partes baixas. Estes depositos são em geral constituidos por duas camadas: a inferior consta de argilas, areias, margas e ás vezes cascalhos e seixos rolados, em os quaes se encontra o diamante ; a superior é constituida por argilas calcariferas margosas, que, dispostas em stratificações, ás vezes attingem quatro a cinco metros de espessura.

Pissis affirma que os terrenos de diluvium mostram-se ao norte e ao sul do grande massiço formado pelas rochas primordiaes. Na Bahia elle compõe-se de uma areia quartzoza avermelhada e algumas vezes de massas de oxydo de ferro, alternando com camadas de cascalhos.

Quanto á existencia de depositos glaciaes no Brasil ainda não está sufficientemente provada, embora alguns sabios vejam nos accidentes de certas formações superficiaes a acção de geleiras.

Não possuimos specimens abundantes da flora quaternaria do Brasil; della têm-se descoberto apenas vestigios quasi indeterminaveis, todavia essas reliquias

foram sufficientes para autorisar os geologos a estabelecer a sua analogia com a flora actual.

Quanto á fauna brasileira quaternaria, graças aos pacientes e eruditos trabalhos do venerando Dr. Lund, é hoje uma das mais conhecidas na sciencia.

Os mais ricos depositos da fauna quaternaria do Brasil, são as numerosas cavernas do planalto central e entre as ossadas que n'ellas se encontram predominam os mamiferos, principalmente os didelphos, os desdentados, os ruminantes, os pachidermes, os carnivoros e os roedores.

As especies de didelphos ou marsupios, que até hoje foram encontradas pertencem todas ao grupo dos sarigues (gambás e outros) e tem ainda representantes nas especies vivas ou destas se approximam muito.

Entre os desdentados ou monodelphos (tatús, tamanduás), existia no Brasil na epocha quaternaria, além de muitas especies actuaes, o *Cœlodon Maquinensis*, diversos *Myrmecophagos* e *Dasypus*, o *Eyriodon* e o *Heterodon*, o *Clamydotheriun Humboldtii*, o *Chlamydotherium gigas*, o *Glyptodon*, o gigantesco *Pachyterium*, que devia ter o tamanho de um boi, o *Scelydotherium*, o *Megatherium*, o *Platyonix*, o *Mylodonte*, preguiça colossal, etc.

Entre os mamiferos ungulados, os mais notaveis eram os *Tapirus*, os *Mastodontes*, o cavallo, as *Auchenias* (especie de llamas), o *Leptotherium* (ruminante) uma *Antilope*, diversos *Cervus*, etc.

Entre os carnivoros destacam-se diversas onças gigantescas, a hyena, o cão, o urso e muitos outros.

Dos mammiferos unguiculados pertencentes á classe dos roedores existiam entre outros diversos ratos (Mus), ouriços, preás, (Cavia), cutias (Dasiprocta), pacas, (Cœlogenis), capivaras (Hydrocherus) lebres (lepus) etc.; a ordem dos Cheiropteros é representada nas cavernas por diversos vampiros (Phylostoma) um *Stenoderma*, um *Noctilio*, um *Mollossus* e um *Vespertilio*; a ordem dos primatas ou quadrumanos figura por macacos dos generos *Jacchus*, *Cebus* e *Callithrix* e um genero novo ao qual o sabio Lund applicou o nome de *Protopithecus braziliensis*, grande macaco de 1m30 de altura pouco mais ou menos.

Na epocha quaternaria havia no Brasil uma ave muito maior do que todas as especies existentes. Essa ave, do typo do inhambú actual, pertencia como este ao

genero *Rhea*; saurios, ophidios, chelonios e batracios tambem se encontram em estado fossil nos depositos quaternarios do Brasil.

Historia geologica do Brasil. — Os estudos sobre as particularidades estructuraes da crosta e bem assim os dados colhidos com a observação dos phenomenos de dynamica terrestre interna ou externa que ainda modifica a mesma crosta ou alteram a configuração do paiz e seu relevo não são por emquanto sufficientes para que por elles se possa formular a historia geologica da região que habitamos ; quando muito póde-se fixar com um certo grão de certeza a epocha do surgimento das principaes massas de terras, o que já não é pouco, attendendo á vastidão da area que occupamos e á indifferença com que entre nós se tem olhado para taes cousas.

Lund affirmou que a parte central do Brasil já existia como um continente extenso, quando as outras partes do mundo estavam ainda submergidas no seio do oceano universal ou surgiam apenas como umas ilhas insignificantes, tocando assim ao Brasil o titulo de ser o mais antigo continente do nosso planeta.

Pissis presume que antes do periodo siluriano o Brasil formava uma enorme ilha, cuja fórma era a de uma ellipse allongada, tendo seu grande eixo dirigido do N. E ao S. O. Em toda a sua largura era atravessada por cadeias de montanhas parallelas ao grande eixo e offerecendo um relevo analogo ao que apresenta hoje o intervallo comprehendido entre o mar e a Serra da Mantiqueira.

Segue-se o levantamento de uma outra ilha ao norte, tendo por centro as cadeias da Guyana. A America Septentrional achava-se então quasi toda submersa e apenas espontavam como ilhas alguns pontos da sua costa occidental.

Durante a epocha paleozoica foram apparecendo diversas regiões do Brasil e entre outras o valle do Amazonas, preso á ilha da Guyana, o qual pertence especialmente ao periodo devoniano ; o valle do Paraná, que é um prolongamento do planalto central, descobre-se durante o periodo hulhifero.

Na epocha de transicção ou secundaria espontam as formações cretaceas que hoje se observam no littoral e em bacias isoladas, do Estado da Bahia para o Norte.

No periodo eocene, isto é, no primeiro da epocha

terciaria, tendo já a parte oriental da America do Norte sido descoberta e formando a Bolivia, a Patagonia e a Terra do Fogo uma longa peninsula, sobre a qual começavam a depositar-se os primeiros sedimentos pampeanos, as duas grandes ilhas brasileiras, a do Norte ou da Guyana que se estendia até ás Antilhas e a do Sul ou do planalto central que prolongava-se até o Rio Grande do Sul, caminham uma para a outra, porém ainda separadas dos Andes pelo mar. Só no fim dos tempos terciarios, segundo as mais provaveis conjecturas é que o Brasil tomou pouco mais ou menos a configuração que hoje tem, encarregando-se depois os alluviões quaternarios de dilatar-lhe as regiões do littoral.

As modificações da estructura geologica do paiz e bem assim as alterações de sua configuração fazem-se no Brasil com uma extraordinaria energia, phenomeno que Emm. Liais attribuio á facil desagregação das rochas e á grande differença de resistencia dos diversos stractos, conforme já fallamos em outro logar. O aspecto pittoresco de nossas montanhas terminadas em agulhas, zimborios, torres verticaes, etc., obedece ás causas acima apontadas, segundo pensa o illustre geologo.

CAPITULO II

O MEIO PHYSICO

Apoz termos considerado na sua estructura intima e na successão das éras geologicas a natureza do solo brasileiro, o qual, por suas particularidades caracterisa diversas epochas da historia de nossa patria e define feições especiaes da vida nacional, cumpre-nos fazer uma idéa do aspecto physico e das condições topographicas, climatericas e biologicas do paiz, agentes esses que, de modo mais incisivo ainda que a situação das rochas e disposição dos stractos sedimentares constitutivos da crosta terrestre, influem no determinismo historico.

O conjuncto d'essas circumstancias definem o *meio physico*, cuja acção é importantissima na determinação dos phenomenos historicos, embora não exclusiva como pretende Bukle.

Sem entrar em generalisações que só podem ser formuladas no decorrer do livro e ao verificarem-se os acontecimentos que as possam justificar e admittir, são estes os factos que no presente capitulo consideraremos:

A configuração das costas.
O relevo do sólo.
Os rios.
O clima.
A fauna e a flora.
Os mineraes.

A *configuração das costas*, pelas suas reentrancias: enseadas, portos, bahias, golfos, etc., determina a formação de nucleos de população e estimula o progresso humano, mais ou menos activamente; pela sua monotonia, natureza abrupta e escassez de ancoradouros concorre para o despovoamento da região e difficulta nella o accesso da civilisação. No Brasil este accidente geographico tem influido energicamente no determinismo historico: os pontos da costa mais recortados são aquelles nos quaes o europeu assenta os seus primeiros arraiaes; os portos melhores como Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro constituem-se nos mais intensos fócos de civilisação; a mediocridade

dos abrigos do trecho da costa, comprehendido entre a Bahia e o Espirito Santo, determina a ruina das capitanias dos Ilheos e Porto Seguro; a monotonia da costa do Albardão, no Rio Grande do Sul, explica o seu despovoamento; Santos, pela excellencia de seu porto determina a expansão da actividade de Braz Cubas e de seus contemporaneos, fazendo ainda espontar nos campos de Piratininga um novo centro de actividade — S. Paulo. A ambição de apoderar-se dos bons portos provoca os grandes conflictos entre o portuguez e outros povos europeus nos dois primeiros seculos de nossa historia, pois as luctas com os francezes no Maranhão, os hollandezes em Pernambuco, e na Bahia, os francezes no Rio de Janeiro, os Inglezes em Santos, e os Hespanhóes na Colonia, só localisam-se em taes pontos pelo accidente da configuração da costa. Aqui, como em toda a parte, uma bahia ou um porto bem abrigado e offerecendo bom ancoradouro é sempre, mais cedo ou mais tarde, um ponto de convergencia de actividades e por conseguinte um collaborador energico da historia.

As *montanhas*, erguendo-se como barreiras naturaes, mais ou menos difficeis de transpôr, embaraçam a expansão da civilisação, quer confinando-a em valles e planaltos, quer impedindo nestes o ingresso da mesma. A Serra do Mar e a Mantiqueira por exemplo, apertam o europeu durante todo o seculo XVI e parte do seguinte na estreita zona littoral; a Ibiapaba interrompe a dilatação da catechese jesuitica no Ceará.

Os *rios*, á margem dos quaes assentam-se os primeiros arraiaes humanos, ahi armados pelo interesse da pesca, n'um periodo mais adiantado de cultura offerecem á navegação vias proprias á penetração dos alienigenas no interior das terras. O gigantesco curso d'agua do Amazonas por exemplo, permitte a memoravel exploração de Orellana nos albores do seculo XVI, quando no resto do paiz não se tinha ainda podido transpor a Serra do Mar e cedo facilita a introducção dos portuguezes nas densas mattas do nosso *far-west*. O S. Francisco, o Parahyba, o Tieté indicam os primeiros roteiros para as regiões do planalto.

O *clima*, actua modificando os typos ethnicos exoticos, individualisando as raças formadas no paiz, facilitando ou difficultando a adaptação das mesmas ao novo meio e definindo a salubridade, cujas bôas ou más

condições estimularão ou atrophiarão o desenvolvimento historico. Ao clima devemos no Brasil a differenciação physica do typo brasileiro, o qual, depois de tres gerações, embora seja branco puro ou preto extreme de cruzamento, não pode mais ser confundido com o europeu ou com o africano do qual originou-se. E' ainda o clima que propulsiona o desenvolvimento de certos logares, como temos um exemplo moderno em Juiz de Fóra, Barbacena e outros pontos. ou transforma em ruinas povoações que outro'ora floresciam como Macacú e tantas outras, sem contarmos a differenciação agricola que tambem lhe obedece, mas que subordinamos ao facto seguinte.

A *fauna* e a *flora* determinam variadas condições biologicas, fixam a alimentação, fomentam industrias e por todos estes motivos impressionam a historia de modo diverso. Conforme o seu caracter farão do fluminense um agricultor e do rio-grandense um criador, especialisando por essa fórma as industrias. As mesmas forção o habitante de certas regiões a fazer predominar em sua alimentação as feculas, as hortaliças que, segundo os biologistas, predispõem os povos á debilidade physica, ou determinarão os habitantes de outras a procurar na carne a base de sua alimentação, pelo que se tornarão mais robustos.

Os *mineraes* constituem fontes permanentes ou provisorias de actividade industrial e commercial da qual derivarão factos importantes, como temos exemplo facil nos notabilissimos successos que tiveram por theatro a região aurifera de Minas Geraes, no seculo XVII, todos mais ou menos subordinados á mineração do ouro.

Posição e limites.—O Brasil acha-se situado entre 5° 10' N e 33° 45' S, abstrahindo das ilhas de Fernando de Noronha e Trindade, entre 3° 19' 26" E e 30° 58' 26" O do Rio de Janeiro.

Limita a SE., e NE. com o Oceano Atlantico, ao N. com as Guyanas Franceza, Hollandeza e Ingleza e Venezuela; ao NO. O e SO. com a Colombia, Perú, Bolivia, Paraguay e Republica Argentina; ao sul com a Republica do Uruguay actualmente e com o estuario platino outr'ora.

A costa.—A configuração geral do Brasil é a de um triangulo e dois terços de suas fronteiras são formadas por costas maritimas, as quaes, embora pouco

recortadas, apparecem ainda assim com grande numero de excellentes portos.

Do Cabo de Orange na foz do Oyapok até á embocadura do Amazonas, a praia baixa e coberta de mangues é pobre de portos, não sendo os melhores accessiveis ás grandes embarcações.

A foz do Amazonas com as ilhas que nellas se acham formadas pelos sedimentos transportados pelo rio estende-se por 180 milhas.

Da ponta Tijoca na margem meridional do Amazonas até ao cabo Gurupy, a praia é baixa, coberta de dunas e geralmente sem recortes, possuindo apenas as pequenas bahias de Pria Unga e de Caité.

Do cabo Gurupy até o morro de Itacolumy, a costa descreve uma curva para S.E. e apresenta-se rendada, com alguns morros pouco elevados, em parte cobertos de arvores. N'este trecho encontram-se a enseada de Turyassú, a bahia de Cabellos da Velha e a de Cumá. Ilhas baixas e pouco accessiveis por causa dos bancos.

A E. do morro Itacolomy apparece uma grande bahia, a de S. Marcos, que banha a ilha do Maranhão onde desemboca a, Itapicurú, sendo fechada pela parte de léste pela ilha de Sant'Anna. S. Luiz, na ilha do Maranhão é um bom porto.

Da ilha do Maranhão á barra do Tutoya, a mais occidental das bocas do Parnahyba, a praia é baixa e esteril, pelo que lhe deram o nome de Lençóes.

Da barra do Tutoya á barra de Iguarassú, que é a mais oriental das seis bocas do Parnahyba, a praia é baixa e innunda-se no tempo das chuvas.

A barra do Tutoya offerece bom porto porém seu accesso é difficil por causa das fortes correntes de E., das altas marés e das neblinas constantes.

Da barra do Iguarassú á ponta do Touro que é a ponta mais norte oriental do Brasil, a praia descreve leves curvas e é geralmente baixa e arenosa com algumas dunas já fixadas por vegetação rasteira.

Da Ponta do Touro ao cabo de S. Roque a costa dirige-se para S.E. e é arida e monotona, porém do cabo de S. Roque até Olinda já apresenta-se mais variada. Este trecho possue dois portos notaveis, o do Natal e o da Parahyba. E' ahi que começa o estreito banco de coral que se estende com intervallos até a Bahia, ás vezes encostado ao littoral e ás vezes distante

300 ou 400 metros. Vê-se ahi uma ilha importante, a de Itamaracá.

De Olinda para o sul apparece o magnifico porto do Recife, um dos melhores do Brasil.

De Pernambuco á Bahia a costa apresenta-se mais variada do que para o norte porém em geral é baixa, sendo o cabo de Santo Agostinho a saliencia mais importante. O melhor porto deste trecho é o de Maceió.

Na Bahia abre-se a bahia de Todos os Santos, a qual se aprofunda 50 milhas para o norte, com 20 milhas de largura em alguns pontos.

Entre a Bahia de Todos os Santos e o grupo de recifes e bancos de coral, conhecidos pelo nome de Itacolumis, a costa toma primeiramente a direcção N.-S. e o seu contorno é pouco variado, embora desaguem nella diversos rios. As reentrancias mais notaveis são a ponta do morro de S. Paulo, a embocadura do Rio das Contas, a bahia dos Ilhéos, Olivença, Cannavieiras, Belmonte, Santa Cruz, Porto Seguro e a barra do Cramimuan. As saliencias mais importantes são o cabo Ioacema e o Monte Pascoal.

Dos Itacolomis ao Espirito Santo a costa corre primeiramente na direcção de N.-S e depois pende para S. O, tomando em seguida a direcção S.S.O. Primeiramente é baixa, excepto entre o Prado e Camaxatiba, onde surge uma vertente escarpada ; neste ponto o fundo do mar eleva-se e dá origem aos perigosos Abrolhos ; do Rio Doce para o sul a costa torna-se mais accidentada. Os pontos mais notaveis são a barra do Prado, a ponta da Baleia, Caravellas, Porto Alegre, S. Matheus, Santa Cruz, barra do Almeida e finalmente, o porto do Espirito Santo, o melhor que se encontra entre a Bahia e o Rio de Janeiro.

Do Espirito Santo ao Rio de Janeiro, a costa apresenta uma série de altas montanhas, diminuindo o fundo do mar á medida que se approxima da costa.

Proximo ao cabo de S. Thomé existe um banco de areia perigoso. A costa até S. Thomé descreve uma curva concava pouco pronunciada. De Cabo Frio até a Ponta Negra a costa é uma praia arenosa e esteril que separa o Oceano das lagunas do interior ; da Ponta Negra por diante, apresenta despenhadeiros rochosos.

Os pontos principaes d'este trecho são o golpho de Guarapary, Benevente, Piuma, a ilha dos Francezes, a

barra do Itabapoana, S. João da Barra, o cabo de São Thomé, a barra de S. João, o cabo dos Buzios, Araruama, Cabo Frio, a Ponta Negra, as ilhas de Maricá, Itaipú e, finalmente, a importantissima bahia do Rio de Janeiro, á entrada da qual se vêm diversas ilhas rocheas.

Do Rio de Janeiro á ponta de Guaratiba a praia é primeiramente montanhosa e escarpada e depois arenosa até Sepetiba; da bahia de Sepetiba por diante, a praia acompanha os contornos da Ilha Grande e é alta e coberta de mattas até o porto de Santos, descrevendo uma curva que só termina na ilha de Santa Catharina. Este trecho da costa do Brasil é o mais accidentado. Os pontos notaveis são a ponta da Guaratiba, a ilha da Marambaia, a bahia de Sepetiba, a Ilha Grande, a ilha de S. Sebastião, o porto de Santos, a praia de Iguape, a bahia de Paranaguá, a ilha do Mel, o cabo João Dias, a ilha de Santa Catharina e o cabo de Santa Martha.

Do cabo de Santa Martha até á barra do Rio Grande a praia é uniforme e a unica reentrancia notavel é o porto das Torres; depois toma a fórma de um isthmo estreito formado de dunas que separam o oceano da Lagôa dos Patos.

Da embocadura do Rio Grande até o rio Chuy, a costa que tem ahi o nome de Albardão é monotona e de approximação perigosa por causa dos bancos de areia.

Relevo do solo.—O Brasil em sua maior parte é constituido por um extenso planalto central de 300 a 1000 metros de altura. Esse planalto é limitado ao norte e oeste pelas depressões continentaes do Amazonas e Paraguay, que quasi se ligam pelo valle do Madeira e de seu tributario o Guaporé.

Além do planalto central constitue tambem o Brasil uma parte do planalto da Guyana, a maior parte da depressão do Amazonas e a parte superior da depressão do Paraguay. Finalmente, possue uma região maritima apertada entre o oceano e a beira oriental do grande planalto central.

O planalto central consta principalmente de chapadões profundamente excavados pelos valles de numerosos rios. Pelo lado de léste cerca-o a cadeia Oriental ou Maritima desde as proximidades do cabo de S. Roque até quasi os limites meridionaes do paiz; ao centro do mesmo planalto estende-se a cadeia Central ou Goyana, que partindo do centro de Goyaz, junta-se á cadeia

central por uma lombada transversal que se estende para oeste, atravez do sul de Minas.

A cadeia oriental ou maritima nos estados meridionaes forma duas divisões parallelas, occuppando uma zona longa e de cerca de 20 leguas na sua maior largura; estas divisões são a Serra da Mantiqueira e a Serra do Mar, representando a primeira que é a mais oriental, a linha culminante da cadeia; ao norte do Rio de Janeiro a Mantiqueira passa para um ramal que toma o nome de Serra do Espinhaço e prolonga-se até á margem oriental da bacia do S. Francisco, tendo por pontos culminantes o Itacolomi, o Caraça, o Piedade e o Itambé. A' medida que esta cadeia vai avançando para o norte, as montanhas vão se tornando mais baixas e quando chega ao São Francisco são apenas representadas por pequenas serras e cabeços isolados.

A cadeia central tambem apresenta duas divisões distinctas: a da Serra da Canastra e a da Matta da Corda, que se prolonga na direcção septentrional, desde as cabeceiras do S. Francisco até á margem meridional do Paracatù, e a das montanhas do sul de Goyaz que se estendem na direcção N. E, entre as cabeceiras do Tocantins-Araguya e do Paraná. O ponto culminante da primeira divisão é a serra da Canastra, onde nasce o S. Francisco e o da segunda, os montes Pyrinêos, junto a Goyaz.

O planalto central formado por essas montanhas é constituido por quatro grandes chapadões: os das bacias do Paraná, Amazonas, S. Francisco e Parnahyba. Todos acham-se profundamente cortados pelos valles dos rios e por isso apresentam aspecto bastante accidentado ostentando muitos cabeços degradados e escarpas produzidos pela denudação.

A parte brasileira do planalto goyano é ainda pouco conhecida. Nella encontram-se montanhas de mais de 2000 metros de altura, derivando das mesmas diversos rios que vão desaguar no Amazonas.

A depressão do Amazonas tem 100 a 200 milhas de largura na parte inferior do rio e vai gradualmente alargando na parte superior, sendo o rio margeado por planicies alluviaes, sujeitas a inundação e cobertas de lagos rasos e canaes latteraes. As terras mais elevadas não chegam a 300 metros de altura.

A parte brasileira da depressão do Paraguay é constituida por immensas planicies situadas a algumas

centenas de metros abaixo do nivel geral das terras do planalto, e pelos cabeços e contrafortes que as rodeiam.

Em certos pontos essas planicies inundam-se na estação chuvosa.

A região maritima consta de uma facha de terras baixas, situadas entre o oceano e a beira do planalto.

Essa facha é em geral estreita. Ao sul do Rio de Janeiro é constituida por planicies arenosas onde se encontram lagunas e tambem contrafortes e cabeços degradados do planalto; ao norte do Rio, além dos contrafortes vêm-se morros e chapadas de formação particular.

Rios e vertentes. - O systema orographico do paiz e a estructura geral da America do Sul dão as feições hydrographicas do Brasil.

Além dos planaltos brasileiro e goyano uma outra massa de terras altas influe na formação das bacias fluviaes, esta massa é a do planalto andino, quasi nas costas do Pacifico.

A mais importante das bacias hydrographicas do Brasil, a do Amasonas, recebe aguas dos tres planaltos; a bacia do Prata que é a segunda em importancia recebe aguas do planalto central e do planalto andino, a bacia do Orenoco recebe aguas do planalto goyano e do planalto andino.

Além d'estas bacias que podem ser chamadas continentaes, pois interessam a mais de um dos planaltos que compõem o continente, existem as bacias orientaes formadas pelos rios que recebem agua de um só planalto e vão directamente desaguar no Atlantico.

As feições orographicas que já mencionamos ao tratar das montanhas determinam a divisão das aguas.

A bacia do Amazonas é formada por este gigante fluvial e pelos seus numerosos tributarios; a do Prata é formada pela descarga de aguas da bacia do Uruguay, do Paraná e do Paraguay; as bacias orientaes são constituidas por diversos rios entre os quaes os principaes são o Gurupy, o Parnahyba, o S. Francisco que é o maior de todos, o Itapicurú, o Paraguassú, o rio das Contas, o Rio Pardo, o Jequitinhonha, o Mucury, o rio Doce, o Parahyba, o Itajahy, o Tubarão, o Guahyba, o Jacuhy, o Cahy, o Gravatahy, o Camaquan, o S. Lourenço, o S. Gonçalo, o Piratinin e o Jaguarão.

Clima, ventos, estações e salubridade.— O clima do Brasil na região littoral é geralmente quente, e à medida que se sobe do Rio de Janeiro para o norte

vae augmentando o calor e a humidade, porém em grão muito pequeno; do Rio de Janeiro para o sul torna-se mais frio e secco.

Ao norte e no interior, o clima é quente e a temperatura igual e humida; ao sul, no interior, o clima é frio e os contrastes das estações accentuam-se mais. N'esta ultima região, principalmente de Minas Geraes para o sul, cahe ás vezes neve, porém, nem o phenomeno é muito prolongado, nem modifica sensivelmente a vegetação.

Do Pará até Alagôas os ventos dominantes de Setembro a Março sopram do S. e S. E.; de Alagôas até Cabo Frio, quando o sol está no hemispherio Norte, dominam no mar os N. N. E. e L. e ao longo da terra os ventos do Norte; quando o sol está no hemispherio Sul apparece no mar o L. e o S E e em terra o S.; de Cabo Frio para o sul apparecem na costa ventos de S. E. para S. O., semelhantes aos pampeiros do Prata, e tambem o N. O., que ainda é mais terrivel, porém de pouca duração.

O norte da costa é ás vezes açoutado pelas rajadas locaes, rebojos e sudoestes e em certos mezes sopram ahi ventos intensos e elevados.

Na zona littoral distinguem-se apenas duas estações: o inverno ou estação secca que vae de Abril a Setembro e o verão ou estação chuvosa que comprehende os outros mezes. As chuvas são frequentes, ás vezes mesmo na estação chamada secca; na zona interior do norte não ha differença notavel entre as estações, que apenas se distinguem pela frequencia e intensidade das chuvas, porém na zona meridional interior o contraste accentua-se com mais ou menos vivacidade, conforme a configuração local dos terrenos.

Em certos pontos do interior a estação secca prolonga-se muito, transformando-se por isso em verdadeira calamidade para os povos, principalmente no nordeste do Brasil. Na Bahia e em Minas as estações são muito regulares, reinando a chuva sem interrupção de Novembro a Maio.

As condições de salubridade variam muito, porém, em geral o Brasil é saudavel, principalmente na zona interior.

Não possue nenhuma molestia que lhe seja exclusiva, porém, póde-se observar n'elle todas as manifestações nosologicas, em consequencia da sua grande

extensão e diversidade do seu sólo sob o ponto de vista geologico, orographico, hydrographico, metereologico e climaterico, bem como pela heterogeneidade ethnica de seus habitantes.

Das molestias endemicas as que se propagaram mais foram as de natureza paludosa, sendo ellas que concorrem para a insalubridade e despovoamento de certos logares.

A flora.—A nossa flora é riquissima, e variando de accôrdo com o clima e com as condições topographicas e geologicas de cada região.

A zona littoral e a depressão do Amazonas são os pontos em que ella se ostenta com mais viço; a região do planalto central é a da sua maior pobreza.

Distinguem os botanicos tres grandes zonas de vegetação: a zona equatorial, a zona littoral e a zona do sertão.

A zona equatorial, isto é, a do valle do grande rio Amazonas, caracterisa-se por suas densas florestas de arvores colossaes e pela exhuberancia da vegetação, produzida pelo excessivo calor e grande humidade da região. N'essa flora esplendida predominam as palmeiras, as bombaceas, as hypocrataceas, as avicennias, as bignoniaceas, as myrtaceas, o cacauseiro, a salsaparrilha, as leguminosas, as rubiaceas, as lourineas, etc.

As arvores são enredadas de cipós e trepadeiras variadissimas que dão ás mattas feição muito pittoresca, porém não se observam ahi os cactos, os fetos, as malvaceas, as borragineas, as cruciferas, as umbelliferas e as labiadas. Nas terras mais elevadas a vegetação perde o caracter gigantesco que tem nos logares baixos. No Maranhão já apparecem, cercadas pelas mattas, extensas campinas, e nas visinhanças do mar. Desse Estado por diante até Alágôas, estendem-se longas planicies de areia ou dilatados paúes cobertos de mangues sempre verdes.

A zona de vegetação littoral, propriamente dita, começa na barra do S. Francisco e estende-se até Santa Catharina, apertada entre o oceano e as montanhas que beiram o planalto central. Os mais bellos trechos de vegetação encontram-se nos Estados do Espirito Santo, Rio de Janeiro e S. Paulo, onde as florestas, embora não apresentem arvores tão gigantescas como as da flora amazonica, possuem no emtanto mais variedades

de especies botanicas. Não obstante terem as arvores porte mais reduzido ainda assim vêm-se n'esta zona alguns jacarandás, sapucaias, perobas, oleos, jequitibás, sucupiras e outras arvores de dimensões verdadeiramente colossaes. Os cactaces e as outras familias vegetaes que não se encontram no valle do Amazonas, vêm-se largamente representada na zona littoral.

A zona do sertão, peculiar ás terras altas do interior do paiz, é caracterisada botanicamente pela vegetação rasteira que dá a fórma aos campos geraes, os quaes occupam uma extensa area do planalto. Nos valles dos rios e nos baixos humidos a vegetação apresenta-se sob aspecto florestal, porém as mattas são pouco densas e as arvores têm pequeno crescimento. No declive occidental do planalto, isto é, nos valles do Paraguay e Guaporé, reapparecem as grandes florestas, embora não sejam tão magestosas como as do Amazonas.

Nos sertões propriamente ditos predominam as gramineas; as arvores e arbustos apparecem na encosta dos morros e tambem formando *capões*, ilhados no macegal, ou estendendo-se em *catingas*, mais ou menos longos. Segundo a conformação do terreno dá-se as terras do planalto os nomes de *campos geraes*, *taboleiros* e *echapadas*, distinguindo-se por caracteres proprios a a vegetação que se desenvolve em cada uma dessas modificações topographicas.

A fauna. — A fauna do Brasil é de uma riqueza assombrosa e poucas são as especies animaes do globo que não tenham aqui os seus representantes. Assim como a flora, a fauna do Brasil póde ser considerada em tres zonas diversas: a da bacia do Amazonas, a da região das florestas do littoral e a da zona do sertão, caracterisando-se cada uma por especies que lhe são proprias.

O Brasil não possue os grandes mammiferos dos outros continentes, sendo os maiores a onça e a anta; igualmente faltam-lhe os mammiferos insectivoros (toupeiras, musaranhas, etc.) e da ordem dos ruminantes só possue o veado; todas as outras especies, porém, são largamente representadas e muitas lhe são exclusivas.

Relativamente ás aves é o mais rico paiz do mundo, tanto na variedade das fórmas como na diversidade das plumagens. Em todas as outras dependencias do reino

animal disputa com qualquer outra região a preeminencia.

Os mineraes.—O Brasil, pelas condições da sua estructura geologica, estadêa a mais notavel das riquezas mineralogicas, a qual muito contribuio para o seu rapido povoamento e progresso ao contrario do que aconteceu com as outras colonias portuguezas na Africa e na Asia; as quaes, não estimulando o europêo por grandes thesouros mineraes foram por elle pouco cuidadas e hoje se acham em completa decadencia.

Entre as pedras preciosas encontram-se diamantes, no districto do Serro, em Minas, em Sincorá, na Bahia e bem assim em Goyaz, em Matto Grosso e nas rochas itacolumiticas do Paraná. Ainda em Minas Geraes e em alguns outros Estados encontram-se esmeraldas, rubis, saphiras, topazios, aguas marinhas. As granadas e as amethystas são communs em todo o Brasil.

Dos minereos metalliferos que possuimos os mais importantes são:

O ouro que se encontra em quasi todo o paiz e principalmente em Minas Geraes, Goyaz, Matto Grosso, Rio Grande do Sul (districto de Lavras), Paraná, São Paulo, Ceará (vertentes da Ibiapaba, Serra da Mangabeira, etc.) Maranhão (districto de Turyassú) e nas formações quartzosas do Rio Grande do Norte e da Parahyba; em Minas o ouro é as vezes encontrado juntamente com a platina e com o iridium nos alluviões e tambem combinado com o telluro e com o palladium em certos veios.

O bismutho existe em S. Vicente e os pyritos arsenicaes nos arredores de Marianna (Minas Geraes).

A prata existe em Minas (Abaeté), S Paulo (Sorocaba e outros pontos), Bahia (margens do S. Francisco) e talvez no Ceará.

Encontra-se o cobre em Matto Grosso, Rio Grande do Sul, Minas, Bahia, Ceará, Maranhão; o estanho apparece em Minas (margens do Paraopeba), Rio de Janeiro e segundo se presume no Ceará e em Santa Catharina; o chumbo abunda em S. Paulo, Minas, Bahia, Parahyba, Ceará e Santa Catharina; o antimonio em Minas e no Paraná; a blenda (sulfuro de zinco) no Ceará; o arsenico em Minas, acompanhando a pyrite nas minas de ouro, e constituindo a scorodite por sua combinação com o ferro.

O ferro é abundantissimo no Brasil e segundo o Conde de la Hure (1) por si só poderia prover ás necessidades dessa substancia em todo o globo; a montanha de Itabira, em Minas, é formada de ferro magnetico, outras montanhas no mesmo Estado são constituidas de ferro oligistho e ferro micaceo. Existem tambem jazidas de ferro em S. Paulo, Paraná, Matto Grosso e em alguns Estados do Norte.

As rochas mais notaveis são os granitos, os quartzitos, os porphyros, o marmore utilisado nas construcções, e bem assim diversas especies de calcareos. Tanto as rochas graniticas como as calcareas encontram-se em quasi todos os Estados.

E' tambem abundante o nosso paiz em argillas coloridas e brancas e em argillas refractarias. O kaolin ou barro de porcellana tambem é encontrado.

O carvão de pedra existe no Rio Grande do Sul (Rio dos Ratos e Jaguarão), Santa Catharina (proximidades do rio Tubarão), S. Paulo (Bôa Vista) e em alguns Estados do norte; a lignite é encontrada em S. Paulo e a turfa, mais ou menos pura, por toda a parte.

No Ceará encontra-se graphito, no Rio Grande do Norte enxofre; saes e salitre se vêm em Minas, Matto Grosso, Bahia, Ceará e Piauhy; o alumen, o sulfato de magnesia e a soda apparecem em Minas, Paraná e Ceará; o sal gemma é encontrado em Matto Grosso, Pará, Minas e principalmente em Goyaz e Piauhy.

Nos Estados de Minas e Pernambuco, encontram-se fontes de aguas aciduladas gasosas; em Goyaz, aguas alcalinas thermaes; no Rio de Janeiro, Minas, Maranhão, Piauhy e Espirito Santo, aguas ferruginosas; na Bahia aguas salinas; em Santa Catharina, Minas, Rio Grande do Norte e Matto Grosso aguas thermaes; em Minas, Rio Grande do Norte e Goyaz aguas sulfurosas thermaes e frias

(1) Comte de la Hure.—*L'empire du Brésil*.

CAPITULO III

PREHISTORIA BRAZILEIRA

« As exigencias da orientação scientifica moderna, diz o Dr. Felisbello Freire, difficultam consideravelmente o encargo de escrever a historia de um povo.

« Por mais longiquos que estejam os seus antecedentes; por mais obscuros que sejam o intellecto, o gráo de civilisação e a natureza de sentimentos dos seus progenitores, — o historiador tem necessidade de olhar para esse passado prehistorico, cujas affirmações são baseadas em uma multiplicidade de theorias, afim de prendel-o aos tempos historicos, sem o que ficará um hiatus que contribuirá para desvirtuar as leis da civilisação humana.

« O conhecimento completo do elemento autochtone de qualquer povo, não deverá ser esquecido pelo historiador, que nelle ha de ver um factor de collaboração, tanto mais importante, quanto a herança tende a perpetuar seus caracteres, não obstante a força antagonica da adaptação. (1) »

As affirmações do illustrado escriptor sergipano são verdadeiras e a sciencia nacional deve trabalhar incessantemente para fazer desapparecer esse hiatus; no estado, porém, em que se acham os nossos conhecimentos sobre a paleoethnologia brasileira, as ligações da historia com a prehistoria não se podem ainda fazer de modo firme e só pela hypothese podemos reatar os elos dessa cadeia partida pelo tempo.

Toda a existencia do venerando Lund, consagrada ao revolvimento das cavernas, as pacientes investigações de Carlos Hartt, de Ferreira Penna, de Rodrigues Peixoto, de Carlos Wiener e tantos outros, não foram ainda sufficientes para dissipar a treva que se interpõe entre o homem da Lagôa Santa e o selvagem moderno.

Comtudo é de alta conveniencia conhecer-se o que já se tem conseguido n'esse sentido, pois se o roteiro ainda não está balisado em todo o seu percurso, já existem aqui ou alli algumas estacas, que embora muito

---

(1) Dr. Felisbello Freire.—*Historia de Sergipe.*

distanciadas, deixam no entanto perceber a possibilidade de poder-se com mais alguns esforços levantar o traçado provavel da prehistoria de nosso paiz.

Logo ao enfrentarmos o estudo da prehistoria brasileira surge uma questão de capital importancia ethnographica e que tem sido muito debatida pelos eruditos nacionaes ou estrangeiros.

Trata-se da origem do homem americano e embora a theoria do *autochotonismo* seja aquella que á vista dos documentos apresentados, nos pareça a unica que está de accordo com a verdade, cumpre-nos dizer em que consiste a theoria opposta ou do *asiatismo*.

Theoria da procedencia asiatica do homem europeo.—Dividem-se os adeptos d'esta theoria, em dous partidos; querem uns que o homem americano proceda de povos semitas da Asia e outros que elle se originasse do tronco turano, a que pertencem actualmente as raças mongolicas e alguns povos hyperboreos.

A primeira hypothese foi admittida por quasi todos os escriptores antigos filiados á escola monogenista; a segunda foi desenvolvida principalmente pelo escriptor portuguez Theophilo Braga.

Para os sectarios do asiatismo a transmigração ter-se-hia realisado pela famosa ponte aleutica que dizem ter existido outr'ora ligando a America á Asia, ou pela arribada ás costas do Atlantico de povos mediterraneos antiquissimos.

Entre outras provas apresentadas com o fim de justificar esta opinião, lembram os que a sustentam a celebre lenda da Atlantida que Platão nos transmittio; os adversarios da theoria, porem, contestam a importancia d'essa lenda que consideram forjada pela fertil imaginação dos gregos, como tantas outras e provam com a geologia que a celebre ponte aletica só existiu na imaginação daquelles que, para conformar a sciencia com os textos biblicos, procuram por todos os meios subordinar todas as raças humanas a um tronco primitivo.

Pretenderam alem disso os partidarios do asiatismo demonstrar a filiação do homem americano a povos asiaticos pelas analogias que apresentam os mythos religiosos dos dois continentes e por certas semelhanças de linguagem; no estado porem em que já se acham actualmente os estudos sobre a evolução da civilisação

humana, taes argumentos não podem prevalecer, pois esses phenomenos de analogia não provam identidade de origem e apenas significam que em toda a parte são as mesmas as phases evolutivas da linguagem e do sentimento religioso.

Carlos Frederico Hartt, que na abalisada opinião do Dr. Sylvio Romero, foi a mais fecunda organisação scientifica que já uma vez o Brasil teve ao seu serviço, fazendo sobresahir a analogia que existe entre o mytho amazonico do Curupira e o mytho norueguez do Troll, exprime-se no entanto por essa forma: « A correspondencia entre as lendas do Troll e do Curupira não é devida a uma origem commum, mas sim ao facto de que as idéas da natureza são as mesmas em todo o mundo, entre selvagens do mesmo estado de cultura, e que o mytho em toda a parte se desenvolve segundo a mesma lei geral.» (1)

O venerando sabio dinamarquez Peter Wilhelm Lund, do qual nos occuparemos d'aqui ha pouco detidamente e cujas opiniões sobre a prehistoria brasileira, não têm sido até hoje destruidas, ferio mortalmente a theoria do asiatismo ao escrever este periodo:

« A America já era habitada em tempos em que os primeiros raios da historia não tinham ainda apontado no horizonte do velho mundo, e os povos que n'essa remotissima epoca habitavam n'ella eram da mesma raça que os que no tempo do descobrimento ahi habitavam.

« Estes dois resultados na verdade pouco se harmonisam com as idéas geralmente adoptadas sobre a origem dos habitantes desta parte do mundo, pois que, quanto mais se vae affastando a epoca do seu primeiro povoamento, conservando ao mesmo tempo os seus antigos habitantes os seus caracteres nacionaes, tanto mais vae-se desvanecendo a idéa de uma origem secundaria ou derivada?

O autochtonismo.—Um dos argumentos que os sectarios do asiatismo faziam mais a miudo prevalecer com o intuito de provar a origem asiatica do homem americano era não se haver encontrado na America minas de *nephrite* e *jadeite*, quando no entanto os ob-

(1) *A. B. Meyer Die Nephriftrages— keine ethnologisches Problem, in* Sylvio romebo, *Ethnografia, brasileira.*

jectos feitos destes mineraes são vulgarissimos entre as tribus americanas.

D'ahi o tirarem a conclusão de que as *pedras verdes*, nome vulgar das *jadeites* e *nephrites*, foram importadas do velho mundo em tempos protohistoricos.

Foi propulsor desta hypothese, logo admittida e proclamada pelos sectarios do asiatismo, o Prof. Henrique Fischer, de Friburg.

Recentemente, porém, o illustre mineralogista A. B. Meyer, professor em Dresde, demonstrou que as minas de *jadeite* e *nephrite*, existe ou existiram em todos os continentes, embora actualmente sejam só observadas na Asia e na Oceania, e que o trabalho dos instrumentos feitos dessas pedras que se tem encontrado na America, principalmente entre os Aztecas, revela um caracter puramente local e indigena. A circumstancia de pagar-se o tributo em muitas provincias do imperio azteca com pedras de *jadeite* prova igualmente que existiam alli minas dessa substancio. (1)

Ficando por essa fórma destruido um dos principaes argumentos em favor do asiatismo, a theoria do autochtonismo, isto é, aquella que diz ser o indio americano um producto do proprio solo americano, aliás já firmada solidamente no facto observado do desconhecimento do ferro e da falta de animaes domesticos entre os povos americanos, prestigiou-se ainda mais.

São estas as conclusões da escola autochtonista firmadas por Nott e Gliddon no seu livro *Types of Mankind*, e traduzidas pelo Dr. Sylvio Romero nos seus estudos criticos sobre a ethnographia do Brasil.

1ª. O continente americano foi desconhecido pelos antigos egypcios, pelos chinezes, pelos gregos, hebreus e romanos;

2ª. Por occasião do descobrimento este continente era povoado por milhões de homens que se pareciam e mostravam traços caracteristicos, moraes e physicos, inteiramente especiaes, e em perfeito constraste com os habitantes do velho mundo;

3ª. Taes raças estavam cercadas de animaes espe-

(1) NOTT and GLIDDON, *Types of Mankind*, in SYLVIO ROMERO, *Ethnographia brasileira*.

cificadamente distinctos dos do velho mundo, e originados indubitavelmente na America;

4ª. Estas raças fallavam muitas centenas de linguas, que, approximando-se na estructura grammatical, distanciavam-se nos vocabularios, e eram radicalmente distinctas dos idiomas do velho mundo.

5ª. Seus monumentos, como se vê pela architectura, esculptura, ceramica, bancos de conchas, testemunham uma avançadissima antiguidade por sua extensão, disseminação e numero incalculavel;

6ª. O estado de decomposição dos esqueletos dos *tumuli*, e determinadamente, a estructura anatomica particular do pequeno numero de craneos restantes, provam que os constructores destas obras eram não só antiquissimas, como autochtones: porque os craneos americanos antigos e modernos não se parecem com os de qualquer outra raça antiga ou moderna;

7ª. Os indigenas americanos não possuiam nem alphabeto, nem verdadeiro systema de escripta phonetica; não possuiam nenhum dos animaes domesticos, nem a mór parte das artes do hemispherio oriental; suas plantas agricolas eram indigenas;

8ª. Seu systema arithmetico era unico em seu genero; seus conhecimentos astronomicos eram, sem a menor sombra de duvida, de origem cisatlantica, e seu calendario não se parecia com nenhum dos pertencentes aos povos antigos ou modernos do outro hemispherio. (1)

Entre outros sustentam a theoria do autochtonismo no estrangeiro os notaveis scientistas Morton, Nott, Gliddon, Haven, Brautz Mayer, etc. Proclamou-a no Brasil e tornou-se o seu mais ardente defensor o illustre ethnographo e critico litterario Dr. Sylvio Romero, que com muita felicidade e brilhantismo tem destruido os argumentos da theoria opposta. (1)

O Dr. Julio Trajano de Moura, tambem filiado á escola autochtonista, conclue por esta fórma sua these: «Os povos americanos, pelo conjuncto de caracteres physicos, podem ser considerados, ao tempo da descoberta, como variedades multiplas, constituidas no espaço e no tempo, de uma mesma especie indigena—*Homo americanus*.» (2)

(1) Sylvio Romero.—*Ethnographia brasileira.*
(2) J. T. de Moura—*Do homem americano.*

Dr. Peter Wilhelm Lund (1) — Sendo nosso intento fazer o estudo dos documentos paleoethnologicos que authenticam a remota antiguidade do homem na terra brasileira, se nos afigura acto de inteira justiça preceder o mesmo de algumas notas biographicas sobre o sabio Dr. Peter Wilhelm Lund, venerando patriarcha da prehistoria deste paiz.

Lund nasceu em Copenhague, na Dinamarca, a 14 de Junho de 1801, sendo seu pae um abastado negociante de fazendas de lã, nessa cidade.

Bacharellou-se em humanidades aos 17 annos de idade e em seguida matriculou-se na Academia de Medicina; logo, porém, abandonou o curso regular da escola para entregar-se exclusivamente ao estudo da zoologia e da botanica.

Em 1824 foi premiado por dous trabalhos que escreveu sobre questões de physiologia e zoologia, postas em concurso pela Universidade. Um destes trabalhos versava sobre os resultados que tem tirado a physiologia das vivisecções e o outro sobre a circulação do sangue dos crustaceos decapodos, merecendo o primeiro ser traduzido na Allemanha e na Italia e adoptado como livro classico nas Universidades de Copenhague e Vienna.

Tanta pujança intellectual achava-se, no entanto, em um corpo debil e ameaçado por uma terrivel enfermidade, a tisica, que já lhe havia roubado dous irmãos. Esta circumstancia determinou-o a fugir dos rigorosos invernos de sua patria e buscar os climas tropicaes mais proprios á sua existencia; o paiz preferido foi o Brasil que ao mesmo tempo lhe proporcionava campo vasto aos seus estudos predilectos.

« Hoje, diz Gorceix, é a Africa o centro de attracção para o qual se dirigem os exploradores, naturalistas, geographos ou simples viajantes. No começo do seculo era para os lados da America do Sul que quasi todos volviam suas vistas. Humboldt descortinava do alto dos Andes as riquezas naturaes do maior estado destas vastas regiões; Bompland, Spix, Martius, Saint-Hilaire

(1) Dr. Theodoro Langgaard. — *O naturalista Dr. Lund (Peter Wilhelm).* — Nos *Annaes da Escola de Minas* de Ouro Preto, H. Gorceix, *Lund e suas obras no Brasil* (segundo o professor Reinhardt.

estudavam os pormenores do magnifico painel por elle traçado com a mão animada por um genio, cujo caracter grandioso está em perfeita harmonia com as magnificencias que o inspiravam. Lund conhecia estes trabalhos, sabia qual a colheita que o esperava e não hesitou por muito tempo entre o Brasil e a ilha de França, que parece ter attrahido sua attenção.»

Assim, embarcou para o Rio de Janeiro aos 28 de Setembro de 1825 e a 8 de Dezembro do mesmo anno pisava nossas plagas; Lund recebera da Academia de Sciencias de Copenhague a incumbencia de fazer observações metereologicas e, pouco tempo depois, o rei Frederico VI concedeo-lhe a pedido de Reinhardt, um subsidio de 400 rigsdalers com a condicção de enviar collecções para o museu de historia natural da capital da Dinamarca.

Primeiramente applicou-se a estudar a flora e a fauna dos arredores do Rio de Janeiro, depois fez uma excursão scientifica a Nova Friburgo e outra a Campos, reembarcando afinal para a Europa, onde chegou a 9 de Abril de 1826. Os fructos desta primeira viagem foram tres obras de grande valor scientifico:—*Estudo do genero Eunope* (aves destituidas de papo); *Descripção dos costumes das formigas brasileiras* e *Memoria sobre o envolucro dos ovos dos molluscos gasteropodos*, servindo-lhe o primeiro destes trabalhos de these inaugural para a obtenção do titulo de doutor em philosophia na Universidade de Kiehl.

Lund visitou então a Prussia, a Austria e a Italia, estudando nesses paizes as respectivas collecções de historia natural; travou relações com diversos sabios europeos e a 19 de Janeiro de 1833 achava-se pela segunda vez no Brasil, de onde nunca mais sahio.

Em companhia de Riedel, naturalista russo, percorreu parte da provincia de Minas Geraes, viagem que lhe permittio mandar á Sociedade de Copenhague memorias sobre os Campos Geraes, em as quaes estudou a vegetação dos planaltos do Brasil e procurou fixar-lhes a natureza na epocha geologica que precedeu á nossa. Afinal estabeleceu-se definitivamente no arraial da Lagôa Santa.

Os seus mais importantes trabalhos datam d'ahi. Foi da Lagoa Santa que elle procedeu ao exame minucioso das cavernas e determinou com exactidão a anti-

guidade do continente americano, sua fauna e flora nos periodos geologicos decorridos, e afinal a existencia do homem antediluviano no Brasil, questões todas sobre as quaes escreveu um grande numero de memorias.

Estas memorias, traduzidas por uma infinidade de jornaes estrangeiros, tornaram dentro em breve o nome de Lund conhecido vantajosamente no mundo scientifico e não só pela sua patria, como por outros paizes, honrosas distincções lhe foram conferidas.

As collecções organisadas pelo sabio dinamarquez figuram hoje no Museo de Copenhague.

Lund falleceu aos 26 de Maio de 1880 na Lagoa Santa, em Minas, e alli mesmo foi sepultado, segundo o seu desejo.

« Lund, diz o Dr. Th. Langgaard, era dotado de um espirito claro e cultivado, animado de um profundo amor e interesse pelas sciencias; sentimentos que conservou inalteraveis, mesmo depois de ter abandonado os seus trabalhos scientificos, em sentido restricto; e alegrava-se quando junto delle se occupavam ou tratavam de assumptos scientificos. Conservou até aos ultimos dias grande interesse pelo progresso da sciencia, e sentia um grande prazer quando na sua solidão era informado a este respeito. Era de um caracter nobre, benevolo e caritativo. Amou sinceramente este bello paiz onde passou a maior parte da sua vida; não se naturalisou cidadão brasileiro, e considerou-se até a morte subdito dinamarquez. Não exerceu por isso influencia directa sobre a vida publica na região onde por longos annos tinha vivido, influencia de que tambem nunca desejou ou procurou cercar-se; mas era por todos que o conheciam de perto muito considerado e respeitado pelo seu caracter, honradez e seu modo independente de pensar; e é indubitavel que a sua palavra e opinião sempre tiveram grande peso no animo dos homens de influencia da localidade, quando raras vezes se lhe offerecia occasião de manifestar seus juizos a qualquer respeito. »

O antropithecus brasiliensis. (1) — Pelos variados phenomenos geologicos que patenteia ao obser-

(1) LUND.—Cartas publicadas na *Rev. do Instituto historico e geographico do Brasil.*

vador é muito curiosa a região dos districtos de Curvello, Sete Lagoas e Lagoa Santa, em Minas Geraes.

O solo dessa parte do nosso paiz apresenta interessantes phenomenos caracteristicos dos terrenos calcareos, taes como sejam lagoas, sumidouros onde desapparecem os rios afim de surgirem mais adiante e principalmente cavernas, revestidas das mais caprichosas stalactites e stalagmites.

Estas cavernas que desde o seculo passado têm sido exploradas para a extracção do salitre, hoje são os archivos que documentam a existencia do homem quaternario no Brasil, sendo nellas que o venerando Lund leu a mais vetusta pagina da nossa prehistoria.

Nas mesmas cavernas, abaixo de uma camada de ossos de corujas, morcegos, ratos e outros animaes que ainda hoje habitam esses sombrios retiros, por baixo ainda de uma outra camada de stalagmites, muitas vezes deparam-se esqueletos inteiros pertencentes a especies animaes existentes ou desapparecidas de ha muito da superficie da terra.

Lund examinou cerca de duzentas cavernas dessa natureza; as mais importantes, porém, pelos restos fosseis que conservavam, foram as da Lapa Nova do Maquiné, Lapa do Sacco Comprido, Lapa do Mosquito, Lapa da Cerca Grande e principalmente a caverna do Sumidouro, onde foi encontrado o esqueleto do homem quaternario.

Nessas cavernas Lund achou restos fosseis pertencentes a 56 generos, comprehendendo 114 especies; dos generos 15 eram inteiramente novos e alguns, taes como o *Smilodon populator* (o devastador); animal que mostra a transicção do genero *Felix* para as hyenas, é caracteristico da fauna antiga dos planaltos de Minas Geraes.

Em 1844, examinando a caverna do Sumidouro, situada entre o Rio das Velhas e o Paraopeba, Lund encontrou ossadas humanas associadas a restos fosseis de mammiferos que todos os paleoethologos consideram como caracteristicos do periodo quaternario e outros de especies que ainda existem. Eram estes mammiferos o *Felix proto-panther*, felino gigantesco dobradamente maior que a onça actual; o *Hydrochœrus sulcidens*, roedor do tamanho da anta moderna; uma especie de llama, (*Caelogenis Laticeps*) que como se sabe actualmente só existe na região andina e finalmente

guidade do continente americano, sua fauna e flora nos periodos geologicos decorridos, e afinal a existencia do homem antediluviano no Brasil, questões todas sobre as quaes escreveu um grande numero de memorias.

Estas memorias, traduzidas por uma infinidade de jornaes estrangeiros, tornaram dentro em breve o nome de Lund conhecido vantajosamente no mundo scientifico e não só pela sua patria, como por outros paizes, honrosas distincções lhe foram conferidas.

As collecções organisadas pelo sabio dinamarquez figuram hoje no Museo de Copenhague.

Lund falleceu aos 26 de Maio de 1880 na Lagoa Santa, em Minas, e alli mesmo foi sepultado, segundo o seu desejo.

« Lund, diz o Dr. Th. Langgaard, era dotado de um espirito claro e cultivado, animado de um profundo amor e interesse pelas sciencias; sentimentos que conservou inalteraveis, mesmo depois de ter abandonado os seus trabalhos scientificos, em sentido restricto; e alegrava-se quando junto delle se occupavam ou tratavam de assumptos scientificos. Conservou, até aos ultimos dias grande interesse pelo progresso da sciencia, e sentia um grande prazer quando na sua solidão era informado a este respeito. Era de um caracter nobre, benevolo e caritativo. Amou sinceramente este bello paiz onde passou a maior parte da sua vida; não se naturalisou cidadão brasileiro, e considerou-se até a morte subdito dinamarquez. Não exerceu por isso influencia directa sobre a vida publica na região onde por longos annos tinha vivido, influencia de que tambem nunca desejou ou procurou cercar-se; mas era por todos que o conheciam de perto muito considerado e respeitado pelo seu caracter, honradez e seu modo independente de pensar; e é indubitavel que a sua palavra e opinião sempre tiveram grande peso no animo dos homens de influencia da localidade, quando raras vezes se lhe offerecia occasião de manifestar seus juizos a qualquer respeito. »

O antropithecus brasiliensis. (1) — Pelos variados phenomenos geologicos que patenteia ao obser-

(1) LUND.—Cartas publicadas na *Rev. do Instituto historico e geographico do Brasil.*

vador é muito curiosa a região dos districtos de Curvello, Sete Lagoas e Lagoa Santa, em Minas Geraes.

O solo dessa parte do nosso paiz apresenta interessantes phenomenos caracteristicos dos terrenos calcareos, taes como sejam lagoas, sumidouros onde desapparecem os rios afim de surgirem mais adiante e principalmente cavernas, revestidas das mais caprichosas stalactites e stalagmites.

Estas cavernas que desde o seculo passado têm sido exploradas para a extracção do salitre, hoje são os archivos que documentam a existencia do homem quaternario no Brasil, sendo nellas que o venerando Lund leu a mais vetusta pagina da nossa prehistoria.

Nas mesmas cavernas, abaixo de uma camada de ossos de corujas, morcegos, ratos e outros animaes que ainda hoje habitam esses sombrios retiros, por baixo ainda de uma outra camada de stalagmites, muitas vezes deparam-se esqueletos inteiros pertencentes a especies animaes existentes ou desapparecidas de ha muito da superficie da terra.

Lund examinou cerca de duzentas cavernas dessa natureza; as mais importantes, porém, pelos restos fosseis que conservavam, foram as da Lapa Nova do Maquiné, Lapa do Sacco Comprido, Lapa do Mosquito, Lapa da Cerca Grande e principalmente a caverna do Sumidouro, onde foi encontrado o esqueleto do homem quaternario.

Nessas cavernas Lund achou restos fosseis pertencentes a 56 generos, comprehendendo 114 especies; dos generos 15 eram inteiramente novos e alguns, taes como o *Smilodon populator* (o devastador); animal que mostra a transicção do genero *Felix* para as hyenas, é caracteristico da fauna antiga dos planaltos de Minas Geraes.

Em 1844, examinando a caverna do Sumidouro, situada entre o Rio das Velhas e o Paraopeba, Lund encontrou ossadas humanas associadas a restos fosseis de mammiferos que todos os paleoethologos consideram como caracteristicos do periodo quaternario e outros de especies que ainda existem. Eram estes mammiferos o *Felix proto-panther*, felino gigantesco dobradamente maior que a onça actual; o *Hydrochœrus sulcidens*, roedor do tamanho da anta moderna; uma especie de llama, (*Caelogenis Laticeps*) que como se sabe actualmente só existe na região andina e finalmente

o cavallo, que no tempo da conquista européa não existia mais na America. Das especies que sobrevivem destacavam-se ossos da onça maculada (*Felix concolor*), do guará (*Canis jubatus*), veados (*Cervus rufus*, *Cervus simplicicornius*), tatús (*Dasypus*), etc.

Os ossos humanos achavam-se engastados na parte superior da camada ossifera e denunciavam elevado grão de decomposição. « Postos em cima de brazas não exalavam cheiro nenhum empyreumatico, adheriam fortemente a lingua, e mettidos n'uma solução de acido nitrico dissolviam-se completa e rapidamente com uma effervescencia violenta. Eram pois inteiramente calcinados, e sendo além disso parcialmente petrificados, offereciam assim todos os caracteres de ossos verdadeiramente fosseis.» (1)

Os ossos da caverna do Sumidouro, segundo os calculos do mesmo Lund, pertenciam pelo menos a 30 individuos de differentes idades e achavam-se quasi todos quebrados, indicando no entanto o aspecto da superficie partida que a fragmentação tivera logar depois que os ossos, pelo adiantado progresso da decomposição, se haviam tornado frageis e quebradiços.

« De ordinario, diz Lund, foram achados promiscuamente sem a menor especie de ordem; alguns, todavia, fizeram excepção a isso, parecendo indicar que haviam sido depositados na caverna, cercados das partes molles. Porém os grandes acervos de ossos homogeneos, encontrados em alguns logares, provavam que tinham sido mais tarde tirados do seu leito primitivo e levados pela agua para os pontos em que vieram a ser achados. A maior parte dos craneos estava amontoada separadamente, emquanto que um outro monte era formado de pequenos ossos, taes como phalanges dos dedos e artelhos, ossos pertencentes ao corpo e ao torso. O numero dos velhos era proporcionalmente muito considerave. Ha diversas mandibulas inferiores, não só desprovidas de todos os dentes, como tambem de tal modo gastas, que se assemelham a uma placa ossea com algumas linhas de espessura. Provavelmente esses esqueletos pertenceram a individuos decrepitos, mortos de velhice e lançados depois nesta caverna, que assim parece ter servido de sepultura. Identica explicação é

(1) LUND.—Obra citada.

applicavel ás creanças. Uma parte dos esqueletos dos adultos poderia provir de pessoas mortas de doença, como parece indicar o estado dos dentes; outros, porém, annunciavam ao contrario um desenvolvimento vigoroso, sem signal algum de molestia.

« Percebi tambem n'uma das fontes de varios craneos um orificio de fórma oblonga e regular, cujo eixo longitudinal era parallelo ao mesmo eixo da cabeça. Este orificio apresentava em todos os craneos a mesma fórma e a mesma grandeza e correspondia inteiramente á extremidade pontuda d'esses objectos de pedra tantas vezes encontrados nas excavações de antiguidades, o que leva a crer que foi produzido por um tal instrumento... Todos os craneos mostram os traços caracteristicos da raça americana; possuem a fórma pyramidal notavelmente, o que constitue o traço que a raça mongolica e a raça americana têm de commum. Possuem tambem a fronte muito baixa e estreita, que é o traço mais constante pelo qual a raça americana se distingue da mongolica.

« A insignificante elevação do craneo diminue em alguns individuos de um modo notavel, sem que a fórma permitta de attribuir a causa a um achatamento artificial. Os craneos fosseis differem de todas as raças humanas ainda vivas por um unico traço, que é a fórma dos dentes. Os incisivos de todos os individuos velhos e moços, em vez de se terminarem por um bordo agudo e cortante, formam uma superficie oval, cujo eixo de comprimento é parallelo ao comprimento do proprio eixo da cavidade buccal »

A deformação dentaria que Lund declarou não poder explicar pela attrição, é para Quatrefages uma particularidade que se observa em todas as raças fosseis da Europa e que, na sua opinião, estabelece um laço inesperado entre os povos do velho e do novo mundo.

Este facto tambem foi notado pelo Dr. Lacerda em craneos de procedencia relativamente recente, sendo tambem o mesmo Dr. Lacerda de opinião que a metallisação observada por Lund nos ossos da caverna do Sumidouro não é um caracter de antiguidade, pois verificou o mesmo phenomeno em ossos que não eram fosseis.

Quanto á epocha em que viveu o homem da Lagôa Santa, Quatrefages e Alberto Gaudry fazem-no corresponder ao quaternario moderno da Europa, outros, pelo

contrario, fazem-no remontar ás mais antigas formações do quaternario europeo.

Os sambaquis (1).—Pelo que ficou dito em precedentes paragraphos já sabemos que os *sambaquis*, esses mais antigos padrões da humanidade no Brasil, são os mesmos *shell-mounds* dos Estados Unidos e *kjokkenmuddings* da Dinamarca.

No Brasil, onde elles são numerosos e fornecem em muitos pontos materia prima para o fabrico da cal, dão-lhes diversos nomes, taes como sejam: *sernambys*, *caleiras*, *ostreiras*, *berbigueiras*, etc., porém o termo *sambaqui* foi o preferido pelos antropologos brasileiros.

Tendo estudado na lingua tupy a etymologia deste vocabulo o erudito Baptista Caetano escreveu o seguinte:

«*Sambaqui*, significa litteralmente *montão de ostras*; *tambá* concha, e *ky* collinas conicas como peitos de mulher. Nos substantivos guaranys a mudança do *t* em *h* aspirado ou *gu* fórma a passagem do valor absoluto ao relativo; como os portuguezes na sua lingua não têm aspiração, davam-n'a por *c* ou *s*. Além disso, em palavras compostas, o genitivo occupa o primeiro logar, e d'ahi resulta *hambaky*, collina de conchas. Póde tambem ser estropiamento de *hambakiab*, refugo ou varredura de conchas.»

Os sambaquis despertaram algumas vezes a attenção de viajantes illustres, taes como Saint-Hilaire (2), Agassiz (3), Burton (4) e Bates (5) que os assignalaram em suas obras, porém sómente ficaram perfeitamente conhecidos apoz os interessantes estudos nelles praticados por Carlos Wiener, Ferreira Penna, Carlos

(1) Consulte-se: — Nos *Archivos do Museu Nacional*:— Carlos Wiener, *Estudos sobre os sambaquis do sul do Brasil*; Ferreira Penna, *Breve noticia sobre os sambaquis do Pará*; Carlos Frederico Hartt, *Contribuições para a ethnologia do valle do Amazonas*; Dr. J. B Lacerda, *O homem dos sambaquis*; Carlos Rath, *Algumas palavras ethnologicas e paleonthologicas a respeito da provincia de S. Paulo*; na revista *Ensaios de Sciencia* — Guilherme Schuch Capanema, *Os Sambaquis do Rio de Janeiro e Minas Geraes*.

(2) Augusto de Saint-Hilaire — *Voyage dans les provinces*

(3) Agassiz — *Scientific results of a journey in Brazil*.

(4) Richard Burton—*The Highlands of the Brazil*.

(5) Bates—*Naturalist on the Amazon*.

Rath, Carlos Frederico Hartt e outros aos quaes recorreremos n'esta breve exposição.

Começando pela situação topographica dos sambaquis encontramol-os ou á beira-mar, ou á margem dos rios ou mesmo em pontos relativamente affastados de aguas, devendo-se neste caso attribuir o affastamento á elevação gradual das praias que ha seculos se verifica na parte oriental do continente sul-americano. Temos por conseguinte *sambaquis marinhos* ou *costeiros*, *sambaquis fluviaes* e *sambaquis centraes*.

Os sambaquis costeiros são principalmente constituidos por conchas de molluscos dos generos *Venus*, (berbigões) de mistura com especies de *Cardium*, *Arca*, *Corbula*, e outras; os fluviaes por conchas do genero *Castalia*, *Hyria*, *Unio*, e os centraes pelas mesmas dos costeiros pois ha identidade de origem.

Juntamente com os detrictos de conchas, encontram-se ás vezes nos sambaquis fragmentos de louça, carvão, camadas de terra, cinzas, ossos de peixes e de animaes carnivoros, artefactos de pedra lascada ou polida, pontas de flecha, de silex, adornos e ás vezes esqueletos inteiros.

Muitas vezes as conchas decompondo-se e agglutinando-se com camadas terrosas, adherem fortemente e formam blocos compactos como os que se vêm no littoral de S. Paulo, em outros casos o material nunca chega a amalgamar-se e desmorona-se com facilidade. São desta natureza os sambaquis que Carlos Wiener examinou no Rio Bahú (Santa Catharina).

Os esqueletos humanos que se encontram nos sambaquis guardam sempre a posição horizontal, em geral a do decubico lateral com as coxas inflectidas sobre o tronco. Embora alguns ossos apresentem a côr branca, geralmente tem a côr amarella de cera tenra. Em volta do pescoço não é raro encontrar-se collares de dentes de jaguar, de tubarão ou feitos de conchinhas e ao lado do morto diversos instrumentos taes como machados de pedra polida, almofarizes, massetes e outros utensilios.

Nos esqueletos estudados por Carlos Wiener, em Santa Catharina, era notavel a espessura dos ossos do craneo.

O Dr. J. B. de Lacerda tirou as seguintes con-

contrario, fazem-no remontar ás mais antigas formações do quaternario europêo.

Os sambaquis (1).—Pelo que ficou dito em precedentes paragraphos já sabemos que os *sambaquis*, esses mais antigos padrões da humanidade no Brasil, são os mesmos *shell-mounds* dos Estados Unidos e *kjokkenmeddings* da Dinamarca.

No Brasil, onde elles são numerosos e fornecem em muitos pontos materia prima para o fabrico da cal, dão-lhes diversos nomes, taes como sejam: *sernambys, caleiras, ostreiras, berbigueiras,* etc., porém o termo *sambaqui* foi o preferido pelos antropologos brasileiros.

Tendo estudado na lingua tupy a etymologia deste vocabulo o erudito Baptista Caetano escreveu o seguinte:

« *Sambaqui,* significa litteralmente *montão de ostras*; *tambá* concha, e *ky* collinas conicas como peitos de mulher. Nos substantivos guaranys a mudança do *t* em *h* aspirado ou *gu* fórma a passagem do valor absoluto ao relativo; como os portuguezes na sua lingua não têm aspiração, davam-n'a por *c* ou *s*. Além disso, em palavras compostas, o genitivo occupa o primeiro logar, e d'ahi resulta *hambaky*, collina de conchas. Póde tambem ser estropiamento de *hambakiab,* refugo ou varredura de conchas. »

Os sambaquis despertaram algumas vezes a attenção de viajantes illustres, taes como Saint-Hilaire (2), Agassiz (3), Burton (4) e Bates (5) que os assignalaram em suas obras, porém sómente ficaram perfeitamente conhecidos apoz os interessantes estudos nelles praticados por Carlos Wiener, Ferreira Penna, Carlos

(1) Consulte-se: — Nos *Archivos do Museu Nacional*:— Carlos Wiener, *Estudos sobre os sambaquis do sul do Brasil*; Ferreira Penna, *Breve noticia sobre os sambaquis do Pará*; Carlos Frederico Hartt, *Contribuições para a ethnologia do valle do Amazonas*; Dr. J. B Lacerda, *O homem dos sambaquis*; Carlos Rath, *Algumas palavras ethnologicas e paleonthologicas a respeito da provincia de S. Paulo*; na revista *Ensaios de Sciencia* — Guilherme Schuch Capanema, *Os Sambaquis*

(2) Augusto de Saint-Hilaire — *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro e Minas Geraes.*

(3) Agassiz — *Scientific results of a journey in Brazil.*

(4) Richard Burton—*The Highlands of the Brazil.*

(5) Bates—*Naturalist on the Amazon.*

Rath, Carlos Frederico Hartt e outros aos quaes recorreremos n'esta breve exposição.

Começando pela situação topographica dos sambaquis encontramol-os ou á beira-mar, ou á margem dos rios ou mesmo em pontos relativamente affastados de aguas, devendo-se neste caso attribuir o affastamento á elevação gradual das praias que ha seculos se verifica na parte oriental do continente sul-americano. Temos por conseguinte *sambaquis marinhos* ou *costeiros*, *sambaquis fluviaes* e *sambaquis centraes*.

Os sambaquis costeiros são principalmente constituidos por conchas de molluscos dos generos *Venus*, (berbigões) de mistura com especies de *Cardium*, *Arca*, *Corbula*, e outras; os fluviaes por conchas do genero *Castalia*, *Hyria*, *Unio*, e os centraes pelas mesmas dos costeiros pois ha identidade de origem.

Juntamente com os detrictos de conchas, encontram-se ás vezes nos sambaquis fragmentos de louça, carvão, camadas de terra, cinzas, ossos de peixes e de animaes carnivoros, artefactos de pedra lascada ou polida, pontas de flecha de silex, adornos e ás vezes esqueletos inteiros.

Muitas vezes as conchas decompondo-se e agglutinando-se com camadas terrosas, adherem fortemente e formam blocos compactos como os que se vêm no littoral de S. Paulo, em outros casos o material nunca chega a amalgamar-se e desmorona-se com facilidade. São desta natureza os sambaquis que Carlos Wiener examinou no Rio Bahú (Santa Catharina).

Os esqueletos humanos que se encontram nos sambaquis guardam sempre a posição horizontal, em geral a do decubico lateral com as coxas inflectidas sobre o tronco. Embora alguns ossos apresentem a côr branca, geralmente tem a côr amarella, de cera tenra. Em volta do pescoço não é raro encontrar-se collares de dentes de jaguar, de tubarão ou feitos de conchinhas e ao lado do morto diversos instrumentos taes como machados de pedra polida, almofarizes, massetes e outros utensilios.

Nos esqueletos estudados por Carlos Wiener, em Santa Catharina, era notavel a espessura dos ossos do craneo.

O Dr. J. B. de Lacerda tirou as seguintes con-

clusões do estudo que fez em todos os craneos encontrados nos sambaquis do Brasil.

1° Que não existe homogeneide de caracteres em todos os seus elementos componentes.

2° Que a divergencia de caracteres é devida á influencia de alguns factores, entre os quaes deve incluir a serualidade.

3° Que ao lado de caracteres divergentes a morphologia das series estudadas apresenta certos caracteres fixos, que fazem destacar o typo no meio das suas variantes.

4° Que as formas dos craneos encontrados nos sambaquis estabelecem notaveis analogias entre aquelles craneos dos e os craneos Botocudos.

O Sr. Carlos Wiener divide por esta forma os sambaquis.

1° Sambaquis naturaes.

2° Sambaquis, productos da indolencia humana que não removia para longe os restos das refeições ou sambaquis de origem simultaneamente artificial e fortuita.

3° Sambaquis, obra da paciencia do homem, que durante um longe espaço de tempo, tinha em vista um fim definido, isto é, sambaquis artifIciaes, verdadeiros monumentos archeologicos.

Contra terceira origem, esta tambem admittida para os *shells mound*, da Florida por U. H. Simons, insurge-se o Sr. J. B. Lacerda que a combate n'estes termos:

A *diversidade* e a *irregularidade* de formas que apresentam os sambaquis tem sido notadas tanto no norte como no sul do Brasil. Prova isto que nenhum pensamento presidio a taes formações, que ellas são o resultado de condições meramente fortuitas, estranhas á vontade e á previsão humana, não se tendo manifestado a intervenção do homem na feitura dessa obra indirecta e inconsciente. Nos documentos levantados, ainda pelos povos menos civilisados, existe sempre consubstanciado um pensamento, o qual se traduz por modelos ou fórmas mais ou menos correctas, que são identicas ou similares para o mesmo povo. Os antigos americanos deixaram insculpidas nos seus monumentos fórmas particulares, que são hoje muito conhecidas e admiradas. O mesmo se deu com as mais antigas raças do Perú. Se os inhabeis constructores dos sambaquis,

dessas obras grosseiras, sem fórmas regulares e prefixas, houvessem querido com ellas perpetuar algum importante acontecimento ou materialisar um pensamento qualquer, tal pensamento ter-se-hia certamente fundido em outros moldes talhados com uniformidade e um certo cunho artistico.»

Relativamente aos sambaquis ainda dois ponto são controversos, não tendo os materiaes, até hoje recolhidos, sido sufficientes para resolver de modo satisfactorio a questão. Trata-se do uso da antropophagia nos constructores inconscientes ou não, d'esses monumentos e da contemporaneidade dos mesmos com os esqueletos que encerram.

Baseados nadispersão dos ossos encontrados querem alguns que o cannibalismo fosse praticado pelo homem dos sambaquis, outros, porém, contrariam esta opinião, já affirmando que a dispersão não é um facto constante, já provando que o deslocamento das camadas soto ou sobrepostas ao esqueleto era sufficiente para desconjuntar as suas peças.

A questão da contemporaneidade dos esqueletos com a formação dos sambaquis, subordina-se á utilisação destes depositos conchyliferos como monumentos tumulares ou pelo menos como logar propicio ás inhumações. As opiniões são contradictorias: propendem alguns para a contemporaneidade do tumulo com o resto humano encontrado, alli depositado accidentalmente, ou como ainda praticam os Mundurucús do rio Tapajoz para ficarem proximos de casa; outros, pelo contrario, acreditam que os corpos encontrados nos sambaquis pertencem a gerações muito mais recentes.

Com os progressos que indubitavelmente se realisarão em nosso paiz sobre antropologia e paleoethnologia brasileiras, acreditamos que estes e outros pontos obscuros da prehistoria poderão ainda ser melhor comprehendidos.

Os ceramios (1) — O infatigavel archeologo brasileiro Ferreira Penna applicou o nome de *ceramio* ás

(1) Nos *Archivos do Museu Nacional*: — Carlos Frederico Hartt, *Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas*, Ladislau Netto, *Investigações sobre a archeologia brasileira*; Domingos Ferreira Penna, *Apontamentos sobre os ceramios do Pará*. Na Revista *Ensaios de Sciencia*:— Barbosa Rodrigues, *Antiguidades do Amazonas*.

grandes accumulações de urnas funerarias contendo ou não ossadas humanas e outros vasilhames e utensilios da primitiva industria que se tem encontrado e explorado nas ilhas da foz do Amazonas e em outros pontos do Estado do Pará, já soterradas, já constituindo eminencias e collinas artificiaes.

Antes da applicação deste nome, os nossos ceramios, que de certa fórma correspondem aos *mounds* dos Estados Unidos e *tumulis* dos paizes scandinavos, eram conhecidos pelos nomes de *Aterros* e *Aterros sepulchraes*. Na lingua indigena elles tem o nome de *Miracan-uéra*, que quer dizer *ossada de gente antiga*.

O ceramio mais importante, até hoje estudado, é o de Pacoval; seguem-se-lhe em valor archeologico os de Santa Izabel, Camutins, Maracá e outros.

O ceramio de Pacoval acha-se na ilha do mesmo nome, situada no lago Arary, existente na grande ilha de Marajó, e fórma uma collina baixa e artificial, constituida por séries de urnas e outros vasos, separados irregularmente em seus intersticios por camadas de terra. Na maior parte acha-se coberto de plantas de mediana grandeza, entre as quaes pacoveiras (bananeiras), de onde lhe veio o nome.

O ceramio de Santa Izabel acha-se tambem na ilha de Marajó, ao noroeste do lago Arary e em bora de menor importancia que o de Pacoval, rivalisa com este na perfeição dos desenhos, relevos e pinturas dos vasos que encerra. Ainda em Marajó se encontra o ceramio de Camutins.

O ceramio de Maracá acha-se em terrenos montuosos, banhados pelas aguas de um braço do rio Maracá na Guyana Brasileira; quatorze leguas acima da cidade de Serpa existe um outro ceramio — o *Miracanuéra*, e tambem um na foz do rio Trombetas, no districto de Obidos, o do Pará.

N'estes diversos ceramios encontra-se grande numero de urnas funerarias de diversos tamanhos e variados ornatos, tinteiros de barro, que eram objectos de uso dos pintores indigenas e que segundo o Dr. Ladislau Netto assemelham-se a certas candeias que se tem descoberto nas ruinas de Pompeia, tangas de barro, vasos para diversos fins, machadinhos de diorito, alisadores de vasos, immersores de redes de pesca, instrumentos de trabalho, symbolos de distincção de classes, idolos etc., etc.

Em Pacoval os vasos acham-se dispostos em tres camadas, distinctas entre si por seus ornatos; essas camadas, segundo pensa o Sr. Ferreira Penna, representam outras tantas phases de uma *civilisação decrescente*, pois a camada inferior é a que contem vasilhame de lavor mais delicado.

A louça de Pacoval e de outros ceramios do Pará, embora não se conheça o processo empregado pelos seus fabricantes, segundo affirmam Carlos Hartt e Ferreira Penna é composta de duas partes: a armação, corpo ou peça principal, e a cobertura com os ornatos. A armação é de argilla entrefina com pouco ou nenhuma areia e depois de formada era naturalmente exposta ao ar ou mesmo ao sol para enxugar e em seguida receber certas partes accessorias, taes como as alças e as orelhas e depois a cobertura e os ornatos.

A argilla para estes ornatos era finissima; humedeciam-n'a talvez com algum succo vegetal e depois espalhavam-n'a para cobrir a massa do vaso, de modo a formar uma camada, «tão fina e igual, diz Ferreira Penna, que a sua espessura pouco excedia ás vezes á de uma folha do papel empregado para estampas de livros.» Era sobre esta camada de barro que o artista applicava as tintas e punha em relevo diversos ornatos. Ao barro juntavam como desengordurantes, quer a silica pura, quer cinzas de arvores,

Não conheciam a roda de oleiro e os vasos, conforme demonstrou o Prof. Carlos Hartt, eram formados por cylindros alongados de barro dispostos em espiral e depois alisados afim de que desapparecessem o signal das espiraes. « E' tão bem feito o trabalho de juncção dos anneis que, a uma simples inspecção do objecto, é impossivel determinar como foi fabricado. Nunca eu teria suspeitado que a louça de Pacoval havia sido feita pela addição de espiras, se não as tivesse encontrado ainda não unidas nas superficies interior das cabeças de idolos, que tinham sido formados de baixo para cima, e fechados na parte superior. As espiras ainda conservam os delicados vestigios dos dedos do artista. »

Em seguida o vaso era levado ao fogo.

O Prof. Carlos Hartt no notabilissimo trabalho que publicou no vol. VI dos *Archivos do Museu Nacional* affirma que, como ainda acontece com algumas tribus indigenas, a louça de Marajó foi fabricada e ornamentada por mulheres.

grandes accumulações de urnas funerarias contendo ou não ossadas humanas e outros vasilhames e utensilios da primitiva industria que se tem encontrado e explorado nas ilhas da foz do Amazonas e em outros pontos do Estado do Pará, já soterradas, já constituindo eminencias e collinas artificiaes.

Antes da applicação deste nome, os nossos ceramios, que de certa fórma correspondem aos *mounds* dos Estados Unidos e *tumulis* dos paízes scandinavos, eram conhecidos pelos nomes de *Aterros* e *Aterros sepulchraes*. Na lingua indigena elles tem o nome de *Miracan-uéra*, que quer dizer *ossada de gente antiga*.

O ceramio mais importante, até hoje estudado, é o de Pacoval; seguem-se-lhe em valor archeologico os de Santa Izabel, Camutins, Maracá e outros.

O ceramio de Pacoval acha-se na ilha do mesmo nome, situada no lago Arary, existente na grande ilha de Marajó, e fórma uma collina baixa e artificial, constituida por séries de urnas e outros vasos, separados irregularmente em seus intersticios por camadas de terra. Na maior parte acha-se coberto de plantas de mediana grandeza, entre as quaes pacoveiras (bananeiras), de onde lhe veio o nome.

O ceramio de Santa Izabel acha-se tambem na ilha de Marajó, ao noroeste do lago Arary e em bora de menor importancia que o de Pacoval, rivalisa com este na perfeição dos desenhos, relevos e pinturas dos vasos que encerra. Ainda em Marajó se encontra o ceramio de Camutins.

O ceramio de Maracá acha-se em terrenos montuosos, banhados pelas aguas de um braço do rio Maracá na Guyana Brasileira; quatorze leguas acima da cidade de Serpa existe um outro ceramio — o *Miracan-uéra*, e tambem um na foz do rio Trombetas, no districto de Obidos, o do Pará.

N'estes diversos ceramios encontra-se grande numero de urnas funerarias de diversos tamanhos e variados ornatos, tinteiros de barro, que eram objectos de uso dos pintores indigenas e que segundo o Dr. Ladislau Netto assemelham-se a certas candeias que se tem descoberto nas ruinas de Pompeia, tangas de barro, vasos para diversos fins, machadinhos de diorito, alisadores de vasos, immersores de redes de pesca, instrumentos de trabalho, symbolos de distincção de classes, idolos etc., etc.

Em Pacoval os vasos acham-se dispostos em tres camadas, distinctas entre si por seus ornatos; essas camadas, segundo pensa o Sr. Ferreira Penna, representam outras tantas phases de uma *civilisação decrescente*, pois a camada inferior é a que contem vasilhame de lavor mais delicado.

A louça de Pacoval e de outros ceramios do Pará, embora não se conheça o processo empregado pelos seus fabricantes, segundo affirmam Carlos Hartt e Ferreira Penna é composta de duas partes: a armação, corpo ou peça principal, e a cobertura com os ornatos. A armação é de argilla entrefina com pouco ou nenhuma areia e depois de formada era naturalmente exposta ao ar ou mesmo ao sol para enxugar e em seguida receber certas partes accessorias, taes como as alças e as orelhas e depois a cobertura e os ornatos.

A argilla para estes ornatos era finissima, humedeciam-n'a talvez com algum succo vegetal e depois espalhavam-n'a para cobrir a massa do vaso, de modo a formar uma camada, «tão fina e igual, diz Ferreira Penna, que a sua espessura pouco excedia as vezes a de uma folha do papel empregado para estampas de livros.» Era sobre esta camada de barro que o artista applicava as tintas e punha em relevo diversos ornatos. Ao barro juntavam como desengordurantes, quer a silica pura, quer cinzas de arvores,

Não conheciam a roda de oleiro e os vasos, conforme demonstrou o Prof. Carlos Hartt, eram formados por cylindros alongados de barro dispostos em espiral e depois alisados afim de que desapparecessem o signal das espiraes. « E' tão bem feito o trabalho de juncção dos anneis que, a uma simples inspecção do objecto, é impossivel determinar como foi fabricado. Nunca eu teria suspeitado que a louça de Pacoval havia sido feita pela addição de espiras, se não as tivesse encontrado ainda não unidas nas superficies interior das cabeças de idolos, que tinham sido formados de baixo para cima, e fechados na parte superior. As espiras ainda conservam os delicados vestigios dos dedos do artista. »

Em seguida o vaso era levado ao fogo.

O Prof. Carlos Hartt no notabilissimo trabalho que publicou no vol. VI dos *Archivos do Museu Nacional* affirma que, como ainda acontece com algumas tribus indigenas, a louça de Marajó foi fabricada e ornamentada por mulheres.

Muitas vezes os vasos têm a fórma de animaes ou de creaturas humanas e n'este caso dá-se aos mesmos o nome de *antropomorphos*. Os ornatos consistem em gregas, sygmoides, volutas, etc., desde as mais simples até ás mais complicadas; nota-se porem no entanto na arte ceramios a ausencia absoluta da figuração de folhas e flôres.

As tintas eram finissimas e ainda hoje conservam toda a viveza de coloração.

Os ossos são raros no ceramio de Pacoval.

Finalmente, resta-nos fallar do destino dos ceramios que nos parece ter sido advinhado pelo nosso illustre compatriota Ferreira Penna.

Eil-o :

« No meio de uma planicie immensa que se innunda quasi totalmente durante o inverno, a creação de uma ou mais collinas que servisse de abrigo, ao menos, ás familias principaes e chefes, era obra aconselhada pela necessidade ; esta necessidade, reunida á veneração que os indigenas tributavam aos mortos, deu sem duvida origem ás collinas artificiaes de Pacoval, dos Camutys e outras menores que apparecem nas campinas da ilha.

« A grande quantidade de vasos, de uso domestico, como panellas, alguidares, amphoras, pratos, tigellas, etc., e até uma especie de bandeja, todos mais ou menos reduzidos a cacos, deixa bem vêr que o logar em que se acham, fôra uma aldeia ou maloca dos antigos habitantes.

« O ceramio de Santa Izabel e alguns outros onde não ha o menor vestigio de elevação do solo ou de collina artificial, podem ser considerados como aldeias em começo, que deixaram de progredir ou foram abandonadas, por causa das continuas guerras que aos habitantes desses logares faziam as tribus selvagens que existiam nas mattas visinhas da ilha ou que, immigradas de outras regiões, tentaram invadil-a.

« Assim o destino dos ceramios era, ao mesmo tempo, servir de residencia aos vivos e de jazigo aos mortos, não para toda a tribu ou nação, mas unicamente para os chefes e para as pessoas de sua familia ou que com elles se achavam relacionados por parentescos; pois tudo indica que na republica a classe superior não se confundia jamais com a inferior, nem mesmo depois da morte, ou no silencio dos sepulchros. »

Pelo que se leu nos paragraphos constantes deste capitulo, as unicas fontes para o estudo da prehistoria brasileira são apenas as descobertas de Lund nas cavernas do planalto central do paiz, os sambaquis encontrados no littoral e a louçaria quebrada dos ceramios do Pará.

Embora importanisstimas as informações que se tem colhido do estudo desses legados inconscientes feitos á sciencia pelas raças de povos que outr'ora habitavam esta região, infelizmente são ellas ainda insufficientes para aclarar a treva do nosso passado prehistorico e bem pouco se póde affirmar por emquanto sobre essa primeira lauda da historia do homem brasileiro, tão apagados se acham os caracteres em que se podia lel-a.

O Dr. J. Rodrigues Peixoto pelo estudo que fez em todos os craneos existentes no Museu Nacional destacou quatro typos bem caracterisados: o do *homem da Lagôa Santa*, o do *botocudo*, o do *homem dos sambaquido Sul* e o do *tupy*.

O craneo do homem fossil da Lagôa Santa é francamente dolychocephalo e hypsistenocephalo, caracteres que encontraremos mais ou menos attenuados no botocudo. N'este o diametro vertical do craneo tende a abaixar e o transverso a ampliar-se.

O estudo de um grupo de craneos dos botocudos levou o Dr. Rodrigues Peixoto a formular a hypothese de ser o botocudo um producto do cruzamento entre o homem da Lagôa Santa e uma outra raça, naturalmente o homem dos sambaquis do sul.

Os caracteres craneologicos d'essas duas raças reproduzem-se atavicamente em alguns craneos botucudos. Ora é o typo do homem da Lagôa Santa, mais ou menos dissimulado; ora um craneo maior, de paredes muito espessas, de aspecto muito mais grosseiro e caracterisado por um prognatismo ainda mais consideravel que o dos negros da Africa Occidental.

O terceiro typo, isto é, o do homem dos sambaquis dos estados meridionaes, que segundo já dissemos parece ter sido um dos antepassados do botucudo, é um craneo sub-dolicocephalo que, oscillando até a brachycephalia, demonstra não pertencer tambem a uma raça pura. O seu indice nasal, extremamente uniforme, apresenta-o como exemplo de um typo humano dos mais leptorrhinios.

O quarto typo é o craneo dos *tupys* que se encontra

até nos sambaquis. E' constituido por um craneo pequeno, curto, baixo, muito menos prognata e eurygnata, de contornos mais brandos e linhas mais suaves; mesaticephalo, com tendencia a brachycephalia, de orbitas megasemas e nariz platyrrineo.

Estes dados sobre a craneologia indigena não nos habilitam ainda a tirar conclusões sobre a prehistoria do Brasil; quando muito póde-se vêr no Lagôa Santa o typo de uma raça primitiva, e no tupy uma raça mestiça, para a qual não concorreu o Lagôa Santa; o homem dos sambaquis do Sul, segundo já vimos, é tambem um producto de mestiçagem, como porém differença-se de modo fundamental do typo de Lund, é por emquanto temeraria qualquer tentativa para explicar a sua origem. Unicamente o botucudo parece definir-se mais cathegoricamente, visto poder-se até certo ponto destacar-se os seus antepassados mais proximos.

Se o estudo dos craneos ainda não nos forneceu elementos para definir o nosso remoto passado sob o ponto de vista ethnographico, a analyse dos sambaquis tambem não aclara a nossa prehistoria. Não se possue base alguma para se calcular a antiguidade desses monumentos, nem podemos garantir se foram levantados por um povo primitivo que sempre habitou as regiões em que elles são encontrados ou se taes accumulações de detrictos de cosinha foram produzidas por uma raça invasora que desceu do norte talando o littoral.

O Dr. Rodrigues Peixoto apresenta a seguinte hypothese para explicar a formação dos sambaquis:

« Em epochas determinadas, que deverão talvez coincidir com a estação hibernal nos altos platôs, estabeleceram-se correntes de migração para pontos differentes da costa. Esses grandes ajuntamentos no littoral tinham necessidade, em falta de caça, de buscar os meios de subsistencia na pesca. Os residuos de alimentação fornecidos pelos molluscos e peixes eram atirados em certos pontos do littoral formando a pouco e pouco monticulos de conchas, espinhas, etc. Nas estações seguintes novos materiaes iam ajuntar-se ao primitivo deposito, ao mesmo tempo que as terras transportadas pelas aguas vinham alli tambem depositar-se. Ia assim crescendo cada anno o nucleo d'essa formação inicial, até que decorrido um longo lapso de tempo, poderam ellas attingir as proporções que hoje conhecemos.

« Como era natural acontecer, em cada estação, um ou mais membros da tribu emmigrada succumbia de alguma doença adquirida sob a influencia da mudança de meio, e os seus despojos mortaes eram sepultados no montão de conchas. Que as cousas deveram se ter passado assim, parece-nos muito provavel e nenhuma explicação se nos affigura estar mais de accôrdo com os habitos e costumes dos nossos indigenas e com as condições climatologicas e topographicas das regiões que elles habitaram, como a que acabamos de dar. »

Nos diversos ceramios podemos ver um effeito da civilisação maya-azteca que dilata-se ao Perú, aos Chibchás da Colombia, talvez aos Omaguas do Alto Amazonas e vem afinal vibrar em Marajó, embora quasi já sem energia, podendo ser explicado o phenomeno, ou por affinidades ethnicas entre esses diversos povos ou simplesmente pelo facto da visinhança.

CAPITULO IV

FACTORES ETHNICOS

Para a constituição do povo brasileiro concorreram tres principaes factores ethnicos—o portuguez, o indio e o negro africano e nossa historia, desde o momento da conquista até hoje, caracterisa-se ou pelos effeitos da influencia exclusiva de um desses factores, ou por circumstancias derivadas da approximação dos tres, ou pela feição especial que lhe imprime um terceiro typo—o brazileiro, producto de cruzamentos, ou simplesmente producto da differenciação operada pela acção energica do meio.

A intervenção exclusiva de um só dos factores ethnicos, a combinação ou aggregação dos mesmos, ou finalmente, a fusão mais ou menos perfeita desses differentes elementos, determinam feições typicas ás diversas phases de nossa historia.

Em todo o seculo XVI e parte do seguinte o portuguez, com exclusão dos outros collaboradores ethnicos de nossa nacionalidade, é o unico a predominar no determinismo historico. O indio, em lucta aberta com o invasor, apenas relampaguêa em curtos episodios de guerra nos quaes assignala o instincto de combatividade que domina o seu caracter. O negro mantem-se na sua condição passiva de escravo e na incomprehensão da que se passa em torno de si.

N'este periodo que podemos chamar do isolamento ethnico, a historia do Brasil é simplesmente a da expansão da civilisação portugueza n'este trecho da America, quer no seu desdobramento tranquillo, quer nos seus embates com a barbaria indigena. O portuguez é o actor principal de todos os actos de realce historico; o indio, acardumado nas selvas e não conhecendo outra cohesão social que a da cabilda, circumstancia que lhe impede os grandes movimentos collectivos, não representa ainda nenhum papel historico digno d'esse nome : repellido por toda a parte e esmagado como um estorvo á ganancia e á implantação do *droit de seigneur*, quando muito corta a scena no momento breve e tumultuoso dos combates ; o negro, reduzido pelo captiveiro á condição

de animal domestico despalha automaticamente os cannaviaes e chora em silencio, confundindo os seus tristes gemidos que nem o branco nem a historia ouvem, com os mil rumores indistinctos da natureza livre em que se vê escravo.

E, se porventura, tanto o aborigene como o africano escravisado, n'uma ordem regia que lhes legalisa a perseguição e a miseria, na communicação de um vocabulo ou de uma pratica á linguagem ou aos costumes do conquistador impressionam a historia, fazem-n'o por fórma tão leve que não modificam o *facies* da epocha.

N'essa phase inicial de sua historia o Brasil é apenas o meio geographico em que se realisa o encontro de tres raças differentes e em estagios diversos da evolução social.

A mais culta dessas raças é dominada pela ambição de lucros, pela paixão ás aventuras de caracter romanesco, pelo fanatismo catholico e pelo espirito de dominação, tudo subordinando-se a dois principios supremos —a dedicação ao rei e o respeito á religião e revelando-se sobre um fundo moral de poesia cavalheiresca ou lyrica, formado com as gestas, os cantares, os romances da Tavola Redonda, as lendas christãs, as tradições epicas ou maritimas; o indio consome-se no odio ao homem de alem mar que o enxota das praias onde a pesca lhe garantia facil subsistencia e debate-se pela conservação de sua independencia selvagem; o negro, não pensa nem delibera, as dores e as humilhações do captiveiro embrutecem-n'o—soffre e mais nada.

Esse estado de isolamento das raças não podia no entanto ser duradouro: pelo trabalho prolongado e constante da catechese a que os jesuitas se entregam o indio vai pouco a pouco sentindo diminuir a repulsão pelo europêo; a vida debaixo do mesmo tecto e as naturaes e inevitaveis effusões da intimidade estimulam os sentimentos affectivos do negro, fazendo-o afinal interessar-se pelo senhor; assim, quando se organisa a resistencia aos batavos, já as tres raças, perdidas as repugnancias reciprocas, aproximam-se e combinam-se para levar a cabo a grande empreza, dando-se então o facto de ser o phenomalismo historico impressionado por tres energias distinctas que se accentuam de accordo com a intensidade peculiar a cada uma.

O portuguez domina ainda no primeiro plano, porem o indio e o negro já não são entidades que lhe seja pre-

ciso a todo o transe supprimir ou escravisar; são, pelo contrario, seus auxiliares e mui valiosos na obra da integração do territorio conquistado.

Não queremos dizer com isso que de então por diante o indio deixe de ser caçado como fera e o negro nunca mais seja utilisado como cousa, pois é sabido que as perseguições ao primeiro só terminam na administração do Pombal, e o segundo só em nossos dias consegue quebrar de todo os grilhões do captiveiro, porém a intuição geral da epocha durante a guerra hollandeza é a de uma approximação das raças, e por isso julgamos não errar applicando-lhe o nome de phase da aggregação ethnica.

N'essa hora, ao sahirem os terços á peleja, tendo á frente Vieira o portuguez, Camarão o indio, e Dias o negro, não existem mais senhores, escravos e perseguidos, ha unicamente inimigos de flamengos e a distincção está sómente no maior ou menor valor guerreiro dos combatentes, na aptidão militar de cada um, na boa ou má estrella dos campeões.

Assim, para nós, Tebyriçá, o cacique guayanaz, mostrando-se amigo dos portuguezes na phase historica do isolamento ethnico, quando vivissima era a antipathia entre os da sua raça e os conquistadores, é um facto anormal; Calabar, inimigo dos mesmos portuguezes, no periodo das effusões entre as tres raças, tambem furta-se á lei geral, podendo ambos serem considerados como productos prematuros da evolução historica. Se Tebyriçá vivesse no tempo de Camarão, seu nome não figuraria em nossa historia, a não ser que se distinguisse por altos feitos de guerra; a deserção de Calabar, se se effectuasse alguns annos depois, ao tempo das guerras dos Mascates e Emboabas não causaria espanto a ninguem, entraria no quadro dos factos normaes.

Aggregadas as raças, como vimos, por um trabalho secular de approximação e pelas affirmações de sympathias nas effusões dos acampamentos, nas alegrias communs das victorias, nas maguas collectivas dos momentos de luto, opera-se logo a fusão e surge um typo novo—o brazileiro, que é, ou o producto physiologico do cruzamento ou um producto não cruzado, mas profundamente differenciado pelo meio.

Não temos a pretenção de legislar em taes assum-

ptos, parece-nos no entanto, que as primeiras manifestações reaes do caracter brasileiro na historia patria, aquellas que imprimem aos factos uma feição verdadeiramente distincta das precedentes, têm logar n'esse momento, e que o eminente professor Capistrano de Abreu caracterisa como o da opposição do bandeirismo ao transoceanismo, isto é, quando o Anhanguera arranca-se dos campos de Piratininga e vae arranchar-se junto á mina dos Martyrios, quando outros paulistas e taubateanos devassam Matto Grosso e os Campos da Vaccaria e do Viamão; quando o Mafrense penetra nos sertões de Piauhy, Paschoal da Silva explora o Tocantins, o velho Paes Leme chega ás minas de esmeralda e outros pesquizam os igarapés do Amazonas cursando este até Manáos e mais longe ainda. A pretenção de lançar uma corôa de rei sobre a guedelha sertaneja de Amador Bueno é o facto que assignala o inicio da nova phase.

Então começam a apparecer na população colonial as velleidades de independencia porque o Brasil já é uma Patria e tem filhos proprios nos quaes accentua-se um espirito novo, europeu pelas tendencias progressistas, indio pela impetuosidade das paixões, negro pela intensidade dos sentimentos affectivos e original por qualidades proprias e pelo poderoso sentimento da nacionalidade que gera todas as virtudes e todos os talentos.

O trabalho de differenciação não tem sido uniforme em toda a vasta area de nossa Patria; em certos pontos é mais rapido, em outros a subordinação a qualquer dos factores ethnicos originaes tem-se tornado mais duradoura, todavia o trabalho é latente e necessariamente produzirá os seus effeitos; os cruzamentos successivos e o poder de absorpção da raça branca têm quasi eliminado o indio e o negro que vão sendo substituidos por mestiços, cada vez mais approximados do branco; o portuguez, por seu lado, vai sendo neutralisado e já não embaraça muito pronunciadamente a marcha de nossa civilisação, no entanto todo o trabalho politico, litterario ou artistico, digno do nome de patriotico, deve ainda tender necessariamente para completar essa emancipação e representar um esforço no sentido de differenciar mais e sempre mais o caracter brasileiro das nocivas influencias de origem ethnica, pois, como pensa com muito acerto o illustre critico brasileiro Dr. Sylvio Ro-

mero « a nação brasileira, si tem um papel historico a representar, só o poderá fazer quanto mais separar-se do *negro africano*, do *selvagem tupy* e do *aventureiro portuguez*. (1)

Passemos agora a estudar as particularidades relativas a cada um dos factores ethnicos que contribuiram para a constituição do povo brasileiro e formação de nossa nacionalidade.

O PORTUGUEZ

Typo anthropologico.— (2) O portuguez faz parte da serie de typos anthropologicos que Paulo Topinard classificou debaixo do nome de *typos europeus morenos* e cujos caracteres especiaes são: olhos negros ou pardos, cabellos pretos e pelle branca, amorenando com facilidade sob a acção dos raios solares.

Os demais caracteres que lhe são communs com o *typo europeu louro*, são: tez sempre branca nas creanças, barba abundante, cabellos finos, lisos ou ondeados, craneo apresentando um oval de contorno regular, arcadas zygomaticas occultas, fronte larga na base, sem ser fugidia, nem bombeada no vertice, bossas frontaes sobresahindo distinctamente, porém, sem excesso, rosto antes oval do que alongado, mas sem exaggero dos ossos malares, nariz de ponta firme e paredes latteraes reunindo-se em angulo agudo, narinas ellipticas, quasi parallelas, esqueleto do nariz leptorrhineo ou mesorrhineo, maxillas e dentes dispostos em uma linha quasi recta, bocca pequena, dentes rectos, comprimidos, branco-azulados ou branco amarellados, sujeitos á carie; queixo saliente, orelha de fórma oval alongada, estatura mediana, peito amplo, espaduas largas, curvatura dos rins bem pronunciada, musculos firmes.

Estes são os principaes caracteres do typo europeu moreno; no portuguez, porém, que é o resultado de numerosos crusamentos todos esses caracteres são muito variaveis.

---

(1) Sylvio Romero.—*Historia da litteratura brasileira*.

(2 Paul Topinard.—*L'Anthropologie*.

Origem do povo portuguez.—A descoberta de uns restos humanos em terrenos de formação terciaria do valle do Tejo, feita pelo paleoethnologo portuguez Carlos Ribeiro, faz crer que o homem habitasse a parte occidental da peninsula iberica desde o periodo que os geologos denominam *eocene* e que é o mais antigo da epocha neozoica. Gabriel de Mortillet proclamou como verdade essa hypothese, dando ao homem terciario de Portugal o nome de *Anthropithecus Ribeiroii*, em homenagem ao seu descobridor. (1)

Com mais razão, por conseguinte, podemos admittir a existencia do homem em Portugal nos tempos quaternarios e naquelles em que se inaugurou o uso dos metaes.

Essa prehistoria portugueza é porém totalmente desconhecida, e o pouco adiantamento dos estudos paleoethnologicos naquelle paiz não permittem por emquanto penetrar-lhe o mysterio.

Não se possue igualmente dados exactos sobre os primeiros povos que vindos de fóra amalgamaram-se com os autochtones ou sobrepuzeram-se a estes, comtudo os eruditos julgam poder affirmar que a primeira migração fez-se com povos da raça *uralo-altaica*, pertencente ao tronco turano, cujos vestigios se encontram no dialecto euskara que se conservou inalteravel entre os camponezes das Provincias Vascongadas, na Hespanha. Esses povos eram os Iberos ou Iberês.

Em seguida diversas migrações, quer de origem semitica, quer de origem aryana irromperam na peninsula. Seguindo a ordem chronologica e começando pelas mais antigas, os povos que vieram á Peninsula, foram: os celtas, que ainda se fazem lembrar pelos dolmens e por algumas superstições que já se encontravam entre os druidas, os phenicios que na Iberia procuraram uma expansão ao seu commercio maritimo, os gregos, pela dilatação do seu espirito colonisador, os carthagineses (elemento lybico phenicio), os romanos, os suevos, os godos e finalmente os arabes.

Como se vê muitos foram os factores ethnicos que contribuiram para a constituição do povo portuguez, o qual, na sua historia, na lingua, no direito, nas tendencias religiosas e politicas, nos usos, nos costumes e

(1) GABRIEL MORTILLET.—*Le prehistorique*.

finalmeute em todas as suas manifestações sociaes revela a influencia complexa desses numerosos collaboradores ethnicos.

Factos historicos. — A independencia de Portugal data do principio do seculo XII. D. Henrique, principe capetingio da casa de Borgonha e descendente de Hugo Capeto, tendo-se casado com D Thereza, filha de Affonso VI, rei de Castella e Leão, obteve em dote o condado de Portugal (Porto Cale) e bem assim todo o territorio que pudesse conquistar aos Mouros. (1)

Morrendo D. Henrique, succedeu-lhe seu filho D. Affonso Henrique, sob a tutella de D. Thereza, sua mãe, e, tendo o jovem senhor se escandalisado pelo facto de manter a condessa-mãe relações amorosas com um vassalo, tomou armas contra ella e banio-a, sacudindo violentamente a tutella.

Em seguida D. Affonso Henriques dirigiu-se contra os mouros que occupavam o sul da peninsula e em 1128 venceu-os na memoravel batalha do campo de Ourique.

Mais tarde (1140), fazendo-se representante das idéas separatistas que dominavam entre os seus compatriotas, dirigiu as armas lusitanas contra seu avô Affonso e conseguindo vencel-o na batalha de Valdevez, proclamou a independencia de Portugal e foi acclamado rei, sendo logo reconhecido pelo papa.

Foi, por conseguinte, Affonso Henriques o fundador da monarchia portugueza, e bem assim o tronco da dymnastia dos Borgonhas, cujos monarchas reinaram em Portugal até 1393. Esses monarchas foram D. Affonso Henriques (1140-1185), D. Sancho I (1185-1211), D. Affonso II (1212-1233), D. Sancho II (1233-1248), D. Affonso III (1248-1279, D. Diniz (1279-1325), D. Affonso IV (1325-1357), D. Pedro I (1357-1367); D. Fernando (1367-1383).

Cabe a esta dymnastia a gloria de realisar a integração do territorio portuguez conquistado palmo a palmo aos arabes, o povo gloriosa porfia, em a qual adquirio a paixão pelas aventuras guerreiras sentimento esse que dá á primitiva historia portugueza uma feição epica.

(1) ALEXANDRE HERCULANO.—Historia de Portugal.

Durante esse periodo, em Portugal, observou-se a mesma lucta politica que agitava as outras nações da Europa, isto é, verifica-se o conflicto entre o poder real, a nobreza, o clero e a burguezia como representante do povo, o qual, interessado na conservação das suas regalias, ora presta concurso ao rei, ora auxilia a fidalguia ou os padres.

Como porem aconteceu na França, em Portugal o poder real foi pouco a pouco supplantando e impondo-se vigorosamente aos outros estados. Clero, nobreza e povo, após longos periodos de intrigas que por vezes convulsionaram e ensanguentaram o paiz, sem que no entanto vissem realisadas as suas pretenções, submetteram-se afinal ao despotismo real; quando, por morte de D. Fernando, sobe ao throno D. João I que se constitue o tronco da dynnastia de Aviz, já o poder real nada mais tem a temer; a soberania exclusiva do rei tornou-se um facto indiscutivel.

Até D. Manuel, em cujo reinado se descobre o Brasil foram estes os principes da casa de Aviz que assentaram-se no throno portuguez: D. João I. (1385-1433), D. Duarte (1433-1438), D. Affonso (1438-1481), D. João II (1481-1495), D. Manuel (1495-1521).

Este periodo é o mais notavel e brilhante da historia portugueza, verificando-se nelle os tres acontecimentos capitaes do drama d'aquella nacionalidade: a descoberta do roteiro da India pelo sul da Africa, o asenhoreamento do Brasil e a producção dos *Lusiadas*, a bella epopéa que resume toda a alma da Patria e assignala a sua hora suprema de glorias. Camões e o infante D. Henrique bastaram para preparar essa apotheose.

O direito. (1) — O direito portuguez procede principalmente de tres fontes originarias; o direito romano, o direito germanico e o direito canonico, os quaes, combinando-se formaram o direito dos reinos da Peninsula Iberica, bem como o de todas as nações modernas.

Feita a independencia do condado portucalense e realisada a sua elevação á cathegoria de reino, Portugal durante algum tempo regeu-se ainda pelo *Fuero Juzgo*, velho monumento da jurisprudencia hespanhola,

(1) MARTINS JUNIOR. — *Historia do Direito Nacional.* — JULIO DE VILHENA. — *As raças historicas da peninsula iberica e sua influencia no direito portuguez.*

no qual o direito romano e o direito barbaro já se achavam fusionados, mas, pouco a pouco foram se admttindo os foraes, que eram leis particulares e variadas para reger os pequenos districtos ou conselhos de reino e afinal passou-se á organisação de leis geraes.

O direito foraleiro predomina mais ou menos no periodo do conflicto entre o rei, a nobreza e o povo; o direito das leis geraes vae se affirmando á medida que o poder real consegue ir se consolidando.

A primeira promulgação de leis geraes teve logar no reinado de Affonso II que para isso convocou as côrtes, reunindo-as em Coimbra. Procurando sobrepôr-se á legislação particularista, fragmentada e contradictoria dos foraes, as leis de Affonso II assentam o principio juridico da igualdade perante a lei, instituem nas diversas localidades juizes de eleição popular para a distribuição da justiça, limitam as faculdades adquisitivas do clero, cohibem os excessos da vindicta privada e ordenam que a pena de morte seja executada unicamente vinte dias depois de promulgada a sentença *pois, a justiça, pode ser feita em qualquer tempo, porém a injustiça uma vez commettida, é irreparavel.*

Affonso III promulgou tambem diversas leis geraes de natureza penal; modificou as de Affonso II relativas aos juizes eleitos pelo povo e creou magistrados especiaes encarregados de fazer inquisições annuaes sobre o procedimento d'aquelles juizes.

No reinado de Affonso V foram colligidas todas as leis geraes promulgadas desde Affonso II e publicadas sob o titulo de *Ordenações Affonsinas*.

Essa legislação, que para a epocha era bastante liberal, vigorou até D. Manuel, em cujo reinado foi publicada uma nova compilação de leis geraes que tomou o titulo de *Ordenações Manuelinas*.

Neste codigo são reeditadas as leis das *Ordenações Affonsinas*, ás vezes somente em resumo, e publicadas as providencias e alterações que se fizeram no intervallo entre uma e outra compilação.

Na promulgação e codificação das leis geraes observa-se que o direito romano tem pouco a pouco invadido a justiça em detrimento do direito barbaro e do direito canonico cujo espirito era contrario ao alicerçamento de poder real, fim principal que os monarchas tiveram sempre em mente.

As *Ordenações Manoelinas*, na parte relativa ao direito civil, acompanham de muito perto o direito romano, admittindo no entanto modificações resultantes da intervenção do direito wisigothico, taes como os feudos, os morgados, os dotes, arrhas de matrimonio, etc. Na parte relativa ao direito penal era de uma severidade extrema, tornando-se celebre a phrase sinistra *morra per ello*, que resumia a sentença applicada á maioria dos crimes.

A' antiga legislação romana e ás glossas de Accursio e de Bartholo, não reprovadas pelos doutores, eram validas nos casos não previstos por lei; os canones, eram subsidiarios nos casos que envolviam peccado.

A distribuição da justiça nas aldeias e em primeira instancia era feita por *juizes ordinarios*, eleitos por um anno dentre os *homens bons*, ou pessoas mais conceituadas, e nas cidades e villas por dois *juizes da vara vermelha*, nome que lhes vinha do distinctivo que usavam.

Acima dos *juizes ordinarios* e *juizes da vara vermelha* achavam-se os *juizes de fóra* ou *juizes da vara branca*, que eram letrados de nomeação directa do rei. Onde estes se achavam cessava a jurisdicção dos juizes ordinarios e o mesmo acontecia apresentando se juizes especiaes de *orfãos* de *defunto* e *ausentes*, do *crime*, etc.

Nas causas julgadas em primeira instancia appellava-se para a *Casa do Civil*, e desta para a *Casa da Supplicação* ou para o *Desembargo do Paço*.

O governo municipal era exercido pela *Camara* ou *Senado* constituido pelos juizes ordinarios, um a dois *vereadores*, e um *procurador do conselho*. Além disso havia em cada conselho um *escrivão* e um *almotacé* ao qual cumpria fazer executar as posturas e demais serviços de fiscalisação.

A policia do conselho achava-se a cargo de um alcaide.

A lingua portugueza. — A lingua portugueza pertence ao grupo das linguas novo—latinas ou romanicas. Constituio-se sobre um fundo de latim barbaro e com elementos subtrahidos ás linguas dos diversos povos que peregrinaram pela Peninsula Iberica ou desta região fizeram a ultima estação do seu movimento migratorio.

Existe parentesco muito proximo entre a lingua portugueza e a limgua hespanhola, porém mais intimo ainda com o dialecto galleziano que nunca chegou a constituir-se em lingua por faltar-lhe a sancção da nacionalidade.

Até a proclamação da independencia do condado portucalense o portuguez é apenas um dialecto local, logo porém que effectua-se a separação, elle reveste-se do caracter de lingua nacional e começa a ser escripto, destacando-se afinal completamente do dialecto gallezianó com o qual primeiramente se confundia.

A litteratura portugueza (1). —Para melhor comprehender-se o caracter da litteratura portugueza no momento em que se procede ao primitivo povoamento do Brasil, faremos um resumo de sua historia, tomando por guia de nossa breve exposição a *Historia da litteratura portugueza* de Theophilo Braga, o erudito e operoso critico luzitano.

Desde a proclamação da independencia do condado portucalense até passar Portugal ao dominio de Castella, a historia da litteratura portugueza póde ser dividida em tres epochas: a dos trovadores (seculos XII, XIII e XIV), a dos poetas palacianos (seculo XV) e a dos quinhentistas (seculo XVI).

Na primeira epocha predomina na litteratura portugueza o lyrismo provençal dos trovadores e a imitação das fórmas gallezianas; o primeiro revela-se em quasi todas as producções poeticas que acham-se nos cancioneiros desses tempos, a segunda apparece nas *serranilhas* e nos *cantos de ledino*. Outrosim penetram em Portugal, por effeito da estadia de D. Affonso, irmão de Sancho II, e alguns nobres portuguezes na côrte de S. Luiz, as canções de gesta do norte da França, as quaes fazem apparecer *Reginaldos*, *Don Garfeiros*, *Dona Alda* e outras composições de identica natureza, ao mesmo tempo que as tradições epicas são condensadas litterariamente no poema da *Batalha do Salado*. Finalmente, faz-se tambem sentir nos tres primeiros seculos da litteratura portugueza a influencia da poesia armoricana que se communica pelo lyrismo dos *lays*, traduzido nas canções, ou pelo elemento novellesco das lendas do *Rei Lear*, *Arthur*, *Merlin*, *Tristão*, *Branca*

(1) Theophilo Braga—*Historia da Litteratura Portugueza*.

Flor e outras, que concorrem para a formação do *Amadis de Gaula*. Taes são as fontes da litteratura popular que busca as suas inspirações no fundo de tradicções dos povos neo-latinos, porém, ao lado desta, vae desenvolvendo-se uma outra litteratura, latino-ecclesiastica e humanista, que o poder real consagra fundando a Universidade de Coimbra e que assignala-se explorando as tradições greco-latinas ou produzindo poemas sacros, nobiliarios e *estorias* em prosa.

Na segunda epocha da litteratura portugueza, isto é, durante o seculo XV, predominam os poetas palacianos. A influencia da poesia provençal já não se faz mais sentir e bem assim a da poesia galleziana, não obstante os esforços de D. Diniz para restaural-a. Os vates de palacio, que abundam nesse tempo, entregam-se exclusivamente á imitação da poesia castelhana, sendo esta lingua a preferida para as composições poeticas das quaes as mais notaveis acham-se no celebre *Cancioneiro* de Garcia de Rezende. Esta litteratura affectada e palaciana, não consegue no emtanto supprimir a litteratura popular que se expande nos *autos*, nos *momos*, nos *entremezes* e nos *romanceiros*. As lettras latinas e gregas, cultivadas pelos homens da igreja e por algumas pessoas da nobreza, vão se divulgando cada vez mais e procuram impor-se como negação á intuição litteraria da Edade-Media.

Ás *estorias* transformam-se em *chronicas* e estas se animam pelo talento de Fernão Lopes, o Froissart portuguez, Gomes Eannes de Azurara, Ruy de Pina e outros. Finalmente, é no seculo XV que se introduz a imprensa em Portugal.

Na terceira epocha da litteratura portugueza, isto é, na epocha dos quinhentistas (1500-1581), opera-se a renascença do espirito classico que vinha preparando-se nos conventos e na Universidade de Coimbra desde a independencia do paiz. A lucta entre a litteratura classica e a litteratura popular ou medievica trava-se com ardor, vencendo afinal a primeira. Como continuadores da tradição medievica surgem os ultimos cantores, poetas da *medida velha*, como então se chamavam. Entre outros esses poetas são Bernardim Ribeiro, versejador inspirado e autor da primorosa novella *Menina e Moça*, Christovão Falcão e Gil Vicente, genio creador de primeira ordem e fundador do theatro portuguez. Sá de Miranda impõe-se como chefe da escola classica, filiados

á qual poetam Caminha, Ferreira, Falcão de Rezende, D. Manoel de Portugal e outros.

Finalmente, é no seculo XVI que apparece Camões a mais grandiosa figura da litteratura portugueza.

Camões nos seus *Lusiadas*, poema que passou á posteridade como o mais alevantado padrão do genio da raça portugueza, procura conciliar os dois espiritos— o medievico, que existia latente no povo, e o classico, que dominava os lettrados.

Com essa intuição Camões ergueu o seu monumental *Lusiadas*, obra cathedralesca que condensa no verso todas as tendencias de um povo e recolhe nas suas paginas de belleza inegualavel a grandeza immensa de uma epocha.

A historia tem no seculo XVI eminentes cultores nas pessoas de Damião de Góes, Fernão Lopes de Castanheda, Antonio Galvão, João de Barros, Diogo do Couto e outros, cujas obras são os mais bellos padrões da velha lingua portugueza; o despotismo real e o despotismo religioso não toleram no entanto a independencia critica e por isso os trabalhos desses grandes espiritos não podem elevar-se á verdadeira historia e acanham-se em chronicas e annaes puramente narrativos.

O theatro morre com Gil Vicente; o elemento tradiccional desapparece da scena para dar logar as imitações do theatro greco-latino, introduzidas pelo clero.

No meiado do seculo XVI já os jesuitas dominam em Portugal; a sinistra inquisição ergue-se pavorosa contra a liberdade de pensamento e contra os caprichos da imaginação. Portugal vae morrer; o seculo da sua maior grandeza, será igualmente oda sua ruina: lettras, artes, energias de raça, povo, nacionalidade, tudo desapparecerá.

As artes (1).—As jurandas e confrarias maçonicas que divagavam pela Europa durante a Edade Média, semeando cathedraes e igrejas em todos os paizes onde um principe ou um alto dignitario da Egreja tomava sobre si a responsabilidade de concorrer para as despezas, tambem entram em Portugal e nelle

(1) Theophilo Braga.— *Questões de arte e litteratura portugeza.* — Almeida Garret.—*Viagens na minha terra.*

deixam uma recordação immorredoura da sua passagem — a *Igreja da Batalha*.

Esse monumento consagra em Portugal o estylo gothico, já annunciado confusamente no mosteiro de Leça do Balio e supplanta de todo, os estylos *romano* e *arabe*.

A Batalha com todo o seu luxo de filagranas de pedra, rendas graniticas, filetes, flechas, ogivas, arabescos, mosaicos, estatuaria grave, angelica e grotesca vidraçaria multicor, etc., rivalisa com os mais bellos specimens da architectura gothica disseminados pela Inglaterra, França e Allemanha. Acha-se na mesma linha das cathedraes de Strasburgo, Colonia, Notre Dame e York. A Batalha é porém um monumento que se destaca em Portugal e isto confirma a sua origem peregrina.

Em tempo de D. João II já o gosto classico vae invadindo a arte de construir e o gothico florido é proscripto; a Batalha não faz escola, não obstante uma tentativa de renovação da forma florida feita com a introducção do estylo chamado *manoelino*. A autoridade jesuitica impõe-se á architectura e d'ahi por diante, como diz Almeida Garret, «não ha mais alma, não ha genio, não ha espirito n'aquellas massas de pedra, sem elegancia, nem simplicidade.»

Ao descobrir-se o Brasil, já havia illustrado Portugal um pintor de genio — o Grão Vasco, que vivera na ultima metade do seculo XV e pintára principalmente para a Sé de Viseu e igrejas circumvisinhas; o gosto pela illuminura ainda sente-se no seculo XVI com muita intensidade.

A musica é ainda na epocha dos quinhentistas muito primitiva: as duas principaes fórmas são a melopéa dos cantos populares e o cantochão conventual, ou é mystica ou ingenua.

Religião.—O povo portuguez no seculo em que conquistou e colonisou o Brasil, achava-se sob o dominio de uma fé viva e ardente na religião christã. A doutrina do Nazareno avassalava todos os espiritos e não só presidia ás deliberações de caracter politico como influia em quaesquer manifestações individuaes. As conquistas de terras longiquas não se faziam unicamente com o designio de dilatar o territorio patrio e arrecadar riquezas;

tinham tambem por objectivo principal augmentar o rebanho de Christo: alçar o supremo symbolo christão no seio do gentilismo era um dos mais poderosos incentivos d'essa epocha.

O poeta e o artista inspiravam-se nas scenas do Evangelho ou nas piedosas lendas da Edade Média; o nauta e o soldado não commettiam empreza sem formular de antemão um voto com o qual procuravam avigorar o espirito; em todas as classes sociaes era profunda a devoção por Jesus, pela Virgem e pelos Santos, exteriorisando-se esses subjectivismo religioso em complicado culto e variadas praticas mysticas.

E juntamente com a fé na religião consagrada e official era geral a crença em uma infinidade de superstições; os feiticeiros, as bruxas, os lobishomens, as mulas sem cabeça, as sereias, as almas do outro mundo, povoavam a imaginação do povo e toda essa familia estranha foi transportada para o Brasil, onde veio crusar com os sacys, os curupiras, as oyáras da grey cabocla.

Do que fica dito nos paragraphos precedentes vê-se que o portuguez no momento da descoberta do Brasil, era um povo dotado de superiores energias; pelo denodo militar havia conquistado á Mourama o solo da Patria, pelo desassombro de seus marinheiros, chamara sobre si a glorla de haver violado o profundo mysterio dos mares. Povo romanesco e ousado, profundamente impregnado do sentimento medievico que soube traduzir no verso e na obra d'arte, no feito d'armas e na epopéa maritima cantada pelos Dias e pelos Gamas na immensidão dos oceanos, estava no entanto condemnado a uma morte prematura e ingloria. O fanatismo e o cezarismo empolgaram-n'o e dentro em poucos annos todas as virtudes e todos os talentos desappareciam para dar logar a abjecções: a torpeza do servilismo no povo era elevada á cathegoria de merito, a cupidez e a barbaridade nos nobres abria a porta para tôdas as grandezas individuaes.

Com D. Manoel fecha-se o cyclo dos heroismos e glorias portuguezas.

OS INDIOS

Quando os portuguezes transpuzeram o Atlantico pela primeira vez e descobriram o vasto territorio que constitue o Brasil, encontraram-n'o em toda a sua extensão habitado por numerosas tribus de povos, muito atrazados em cultura, e não só na côr e nas feições, como na linguagem, nos usos e costumes differentes dos do velho continente.

Levados pelo erro em que se achavam de que a America era um prolongamento da Asia e, por conseguinte, as terras descobertas regiões orientaes dessa cubiçada India que com tanto affan procuravam, deram os europeus a esses estranhos povos o nome de *indios*.

Classificação dos indios.—Os primeiros portuguezes que habitaram o Brasil julgaram vêr nos indigenas que nelle encontraram duas grandes raças—a dos *tupys*, que assenhoreava a costa e a dos *tapuyas*, que occupava o centro do paiz. Os tapuyas eram inimigos encarniçados dos tupys e acreditava-se que estes pertenciam a uma raça invasora descida outr'ora das Antilhas ou do Amazonas, a qual, pela superioridade guerreira e poder da sua marinha de canôas conseguiu expulsar do littoral as tribus tapuyas. Esta foi a primitiva classificação dos indios brasileiros.

No principio do seculo XIX, o viajante francez Alcides d'Orbigny que acabava de percorrer o Novo Mundo e estudar sob o ponto de vista ethnographico os seus aborigenes, comprehendeu todos os indios sul-americanos em tres grandes divisões: *ando-peruvianos*, *pampeanos* e *brasileo-guaranys*; os nossos selvagens ficavam pertencendo, sem distincção alguma, a este ultimo ramo.

Pouco depois o notavel sabio allemão Philippe von Martius, estudando mais detidamente os nossos selvagens, observou nas diversas tribus importantes differença anthropologicas e dialectaes entre umas e outras e por ellas subordinou as numerosas cabildas aos seguintes grupos ethnicos: *Tupys*, *Gês* ou *Krans*, *Guerens* ou *Crens*, *Guck* ou *Côcos Parecis*, ou *Parexis*, *Goytacás*, *Aruack* e *Guaycurús*.

Esta classificação foi admittida por todos os indianologos notaveis, taes como Hartt, Barbosa Rodrigues, Couto de Magalhães, Ferreira Penna e outros, porém as

recentes explorações do Dr. Von den Steinen ao alto Xingú e seus estudos sobre os indios vieram modifical-a, pondo em evidencia alguns equivocos de Martius.

Pelos trabalhos de Von den Steinen ficou demonstrado que os Carahybas não podem ser identificados com os Tupys, como pretendia Martius; que o seu grupo *Guck* ou *Côco* é insustentavel sob o ponto de vista philologico e finalmente que, no estado actual dos conhecimentos ethnographicos, os indios do Brasil podem ser fixados nos seguintes grupos: *Tupis*, *Gés*, *Goytacá* (Waitaká), *Carahybas*, *Nu-Aruak* ou *Maypure*, *Pano*, *Miranha* e *Guaycurú*. Esta classificação que foi sanccionada pelos mais eminentes cultores da ethnographia e historia do Brasil, baseia-se principalmente em caracteres linguisticos.

Os tupys.— Ao tempo da descoberta este primeiro grupo de indios habitava todo o littoral brasileiro desde o Pará ao Rio Grande do Sul, mettendo-se além disso pelo Amazonas acima até á confluencia do Rio Negro. Suas tribus mais importantes eram as dos *Tamoyos*, dos *Tupiniquins*, dos *Tupinambás*, dos *Tupinaes*, dos *Guaranis* e outras, e seus representantes actuaes são os *Pacajás*, os *Jacundàs*, os *Antas* ou *Tapirauá*, na margem do Tocantins, os *Anambés* no baixo Tocantins, os *Tecunapeua* no baixo Xingú, os *Mauhés*, no baixo Tapajoz, os *Oiampis*, nos limites com a Guyana Franceza, os *Tapiacás*, no alto Tapajoz, os *Camayurás*, nas cabeceiras do Xingú, os *Tapirapés*, na bacia do Araguaya, os *Cainguas* e *Caiovas*, em Matto Grosso, os *Chiriguanos*, *Sirionos* e *Guarajos* na região do Beni-Mamoré.

Estas tribus guardaram até hoje sufficientemente pura a linguagem tupy ou geral, pelo que Von den Steinen considerou-as debaixo do nome de tupys puros, em opposição á umas tantas tribus que denominou dos tupys impuros, pelas grandes alterações que apresentam os seus dialectos. Os representantes actuaes desses tupys impuros são: os *Mundurucús*, no baixo e medio Tapajoz; os *Jurunas*, no baixo e medio Xingú; os *Manitsauá*, no noroeste da confluencia das cabeceiras do Xingú, os *Auetês*, no baixo Culiseu.

Pelas descobertas do Dr. Von den Steinen, parece evidenciar-se que os tupys tiveram o seu nucleo inicial no Paraguay e na região oriental da Bolivia, de onde irradiaram por tres linhas de distribuição: uma atra-

vessou o sul do Brasil e ao chegar á costa seguiu por esta até o Pará, onde um galho estendeu-se pelo Amazonas e o outro dirigiu-se á Guyana para constituir os *Oiampis*: a segunda linha seguio do centro com direcção de N. O. e foi bifurcar-se com os tupys da costa deixando em caminho os *Apiacás*, os *Camayuras*, os *Tapirapés* e os *Guajajaras*; finalmente, a terceira linha parte tambem do centro e segue para o norte pelo Madeira ou pelo Ucayale. Quanto aos tupys impuros torna-se mais embaraçosa a determinação do itinerario das suas migrações. «Sómente por um estudo grammatical mais exacto destes notaveis idiomas tupys impuros poderá se conseguir clareza. Em primeiro logar teria de se determinar se devemos consideral-os como formas derivadas do tupy, ou se representam linguas irmãs, desenvolvidas independentemente, e se finalmente inclinam-se mais aos dialectos orientaes ou occidentaes.» (1)

Os Gés.—O grupo Gé comprehende os incolas que os primitivos colonisadores classificaram como tapuyas ou indios bravos e que occupavam a cordilheira maritima e parte do planalto central. Das tribus deste grupo as que occorrem mais na historia do Brasil são a dos *Aymorés*, a dos *Camacans*, os *Burungs* ou *Botucudos*, *Apinagés*, *Carahós*, *Timbiras*, *Xavantes*, *Xerentes*. Seus representantes actuaes são os *Cayapós*, do alto Araguaya, os *Suás* e *Carajas* do valle do Xingú, os *Apinagés*, *Carahos*, *Aponegicrans* e *Acroá-mirim* do extremo norte de Goyaz e occidente do Maranhão, os *Xavantes*, da parte central de Goyaz, os *Xerentes* do Piauhy, Maranhão, e Goyaz, os *Chicriabas* do Rio de S. Francisco, os *Geicós*, do territorio entre os rios Canindé e Gurgêa e finalmente os *Botucudos* que vagam nas mattas serranas de Minas Oriental, Espirito Santo e Bahia.

A denominação *Gé*, imposta por von Martius e acceita por von Steinen, sendo escolhida por terminar em *gé* grande numero de vocabulos deste grupo.

Ehrenreich é de opinião que a patria originaria do grupo gé tenha sido os logares em que os membros desta raça ainda hoje são encontrados, isto é, as mattas da cordilheira maritima até o rio de S. Francisco. O mesmo autor diz que a cultura desta raça, que é de todas as que

(1) Paulo Ehrenreich.—*Divisão das tribus do Brasil segundo o estado actual de nossos conhecimentos.*

o Brasil possue a mais atrazada em civilisação, move-se de Oeste para Este em marcha ascendente.

Os Goytacás. — As tribus constitutivas deste grupo, que parece ter tido a mesma origem que o grupo gê, acham-se hoje quasi todas extinctas; essas tribus eram mais ou menos apparentadas com o povo goytacás que habitava os campos do mesmo nome.

Pelas chronicas dos antigos escriptores sabemos que esses povos eram os *Goytacás* propriamente ditos, os *Goyanás* ou *Bugres*, dispersos por S. Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, os *Coropos*, á margem dos rios Pomba, Jequitinhonha e Mucury, os *Parahybas*, no rio do mesmo nome, os *Canarins*, no rio Caravelas, os *Majacaris*, no rio Mucury, os *Capoxós*, entre Minas Geraes e Bahia, os *Cumanochós* e *Patachós*, entre os rios Pardo e das Contas, os *Panhames*, *Macunis* e *Monoxós*; na Serra das Esmeraldas.

Os Carahybas.—Um dos mais importantes resultados ethnographicos das duas expedições realizadas pelo Dr. Von den Steinen ao Xingú, foi a solução definitiva da questão dos Carahybas que alguns escriptores, entre os quaes Martius e d'Orbigny, pretendiam que fosse moriginarios das Antilhas e troncos dos nossos tupys.

Severiano da Fonseca, Crevaux, e Lucien Adam já haviam feito descobertas que em parte invalidavam esta hypothese, porém a prova mais cathegorica da nullidade da mesma foi fornecida por Von den Steinen, descobrindo nas cabeceiras do Paranatinga e no Xingú o povo dos Bacahyris, o qual é legitimo Carahyba e possue uma lingua de caracter mais puro que o das tribus da Guyana. Esta circumstancia alliada a outras permittiu que se désse como ponto de partida do grupo Carahyba o territorio comprehendido entre o Tapajoz e as cabeceiras o Xingú.

As tribus pertencentes a este grupo, que ainda existem no Brasil, são, além dos Bacahirys a que já nos referimos: os *Apiacás*, no Baixo Tocantins, os *Araras* e *Jumas* que vagueiam do baixo Xingú até o Madeira os *Wayavai*, os *Apalai* e *Rucuyennes* ao sul da cadeia de Tumucumaque, os *Trio* e *Galibi* ao norte da mesma cadeia, os *Mocusis*, os *Arekunas*, os *Paravilhanas*, os *Iporocotós*, os *Makiritaré* no alto Rio Branco, e na parte limitrophe da Venezuela meridional e da Guyana Ingleza, etc., presumindo-se que outr'ora existisse na

parte central um grande povo do mesmo grupo os *Nahuquás*.

As migrações carahybas realisaram-se do centro para o norte.

Os Nu-Aruaks.—Este grupo que recebeu de Gilii e Lucien Adam o nome de *Maipuré* é o d'aquelles povos « que mais se espalharam pelo espaço, diz Paul Ehrenreich, e ao mesmo tempo o daquelles cuja distribuição é a mais continua. Da costa do mar das Antilhas alongam em larga stria para sudoeste até os Andes peruanos e bolivianos, para d'ahi despedir um galho para o Sul no alto Paraguay e outro para Éste até o centro do Brasil.»

Por occasião da conquista européa, tribus Aruaks povoavam o valle do Amazonas desde a embocadura deste rio até a Columbia e viam-se em luta constante com os Carahybas que emigravam para o norte.

Pouco a pouco foram essas mesmas tribus sendo repellidas das regiões visinhas da foz, e hoje os unicos membros desse grupo que se encontram no territorio brasileiro são os restos dos *Manáus*, no medio Rio Negro, os *Aruakis*, no baixo Rio Negro, os *Canixánas*, *Passés*, *Jumanas* e *Uainumas* entre o baixo Içá e o Japurá: os *Marauá*, *Catukina*, *Paumary*, *Yamamadi*, *Catanisi*, *Pamana* e *Ipurina* entre os rios Purús, Joary e Juruá, os *Moxos* e *Baurés*, entre o medio Mamoré e o Guaporé, os *Parecis* nas cabeceiras do Tapajoz, os *Mehinacús*, os *Custenaús*, *Vaurás* e *Yaulapiti* á léste dos affluentes do Xingú e os Purús.

« A questão da patria originaria e dos caminhos de distribuição dos *Nu-Aruaks* não se póde por ora decidir com segurança. Von den Steinen, em seu livro *Durch Zentral Brazilien*, acceitou como ponto de partida os planaltos bolivianos. Todavia os resultados da segunda expedição, especialmente o estudo dos Parecis, fallam mais a favor da emigração vinda do norte. Esta ultima hypothese affinaria tambem melhor com a expedição dos Carahybas.» (1)

Os Panos.—Este grupo tem só um representante no Brasil, o povo dos *Caripunas* que habita o médio

(1) PAUL EHRENREICH.—*Divisão e distribuição das tribus do Brasil segundo o estado actual dos nossos conhecimentos.*

Madeira e foi por von Martius incluido erradamente entre os tupys.

O grupo Pano veio da Bolivia Central onde elle é largamente representado.

Os Guaycurús. — Por occasião do descobrimento da America existiam as seguintes tribus do grupo Guaycurú: *Abipones* e *Guaycurús*, propriamente ditos, que se subdividiam em *Lenguás* e *Mbaia*. Actualmente no Brasil encontram-se os Guaycurús em Corumbá, Miranda e outros pontos de Matto Grosso.

Os Miranhas.—Este grupo conta no Brasil como representantes os proprios Miranhas que habitam entre o Içá e o baixo Japurá, os Coerunas, os Curetús e os Yupuas, na margem esquerda do Japurá.

Tribus não classificadas. — Por emquanto ainda não podem ser classificadas : a tribu extincta dos *Kiriris Sabujas* que vivia outr'ora no baixo S. Francisco, os *Muras* nomades da bacia do Amazonas, os *Juris*, no baixo Japurá, os *Ticunas*, na fronteira peruana, os *Uaupés*, no rio do mesmo nome affluente do Negro, os *Trumahys*, nas cabeceiras do Xingú, os *Carajàs*, na margem direita do médio Araguaya e Xingú, os *Bororòs* entre o alto Paraguay e os fontanaes do Araguaya e finalmente os *Gualtòs* no alto Paraguay.

Pertencendo a tantos grupos differentes a população indigena do Brasil e achando-se tanto hoje como no tempo da descoberta da America, as numerosas tribus de um só grupo em estagios diversos da civilisação, claro está que um estudo em globo, o unico que se póde fazer da cultura de nossos aborigenes, só revelará os factos mais typicos e os phenomenos mais geraes; comtudo as differenças de grupo para grupo não são fundamentaes, e por conseguinte poderão assim mesmo definir com justeza approximada o *facies* geral da grey cabocla.

Typo anthropologico. — Alcides d'Orbigny julgou poder definir o typo da raça guarany com a seguinte especialisação de caracteres: côr amarellada ligeiramente misturada de vermelho pallido; estatura regular (1^{m},620); face cheia, circular; fronte não inclinada; nariz curto, estreito; bocca pouco saliente, labios delgados; olhos muitas vezes obliquos e sempre repuchados para o angulo exterior; arcadas zygomaticas pouco manifestas; cabellos negros, corredios, consistentes;

barba tardia, não frisada, escassa; dentes sadios, regularmente implantados e difficilmente cariaveis.»

Estes caracteres são effectivamente os mais communs e geraes, principalmente nos tupys da costa, porém os continuos cruzamentos que as tribus deviam ter soffrido nas suas migrações, tornaram os mesmos muito variaveis, como ficou demonstrado pelos estudos craniologicos do Dr. Rodrigues Peixoto.

Segundo este mesmo investigador, no entanto, os craneos tupys revelam quasi sempre cabeça curta, achatada, mesaticephala, de nariz platirrhineo e orbitas megasemas.

Alimentação.—O indio tirava a sua principal alimentação da caça e da pesca e bem assim da farinha de mandioca, nas tribus que se entregavam á cultura desta utilissima euphorbiacea; porém tambem aproveitavam os fructos, os inhames, o nullo, os carás e diversas hervas succulentas como as *ora-pro-nobis*, os *carurús*, etc.

Com o aipim, o milho, o genipapo, o cajú, a banana, fabricavam bebidas fermentadas. Estas bebidas tinham o nome geral de *cajui* que os antigos portuguezes alteraram em *cauim*.

As carnes eram em geral moqueadas e muitas vezes reduzidas a pó. Algumas tribus conheciam o uso do sal que apuravam fervendo a agua salgada, porém o tempero mais geral era uma massa feita de pimenta —*jukiray*.

Comiam em silencio e só bebiam agua no fim das refeições. O *cauim* era reservado para as grandes solemnidades durante as quaes embriagavam-se litteralmente.

Os chefes eram sustentados pelos vassallos e faziam suas refeições quasi sempre á parte e recostados. Os subditos comiam juntos em gamellas ou alguidares e accocorados no chão.

Ornamentos.—O indio brasileiro, como acontece com quasi todos os povos nos primeiros degráos da civilisação, dava um apreço extraordinario aos enfeites e ornatos, prevalecendo-se os antigos portuguezes dessa paixão infantil para captarem com bugigangas ornamentaes os seus serviços e sympathias.

Quasi todas as hordas pintavam-se e tatuavam-se com as tintas do urucú e do genipapo; os desenhos que

faziam sobre o corpo eram identicos em uma mesma tribu ou familia e tinham o valor de signaes nacionaes pelos quaes podiam annunciar-se ao longe como amigos ou inimigos. O estylo dos desenhos varia conforme as tribus. Segundo Carlos Hartt, os Mundurucús enchem o corpo de tatuagens burlescas, linhas rectas ou curvas, gregas e figuras variadas que traçam com o espinho do murúmurú (*Astrocaryum murumurú*), friccionando depois os sulcos com a fuligem obtida pela combustão da resina jatahy. O Apiacá quando mata um prisioneiro pratica no peito uma longa incisão para perpetuar a façanha.

Algumas tribus deformavam se na presumpção de se aformosearem: os Omaguas achatavam o craneo dos recemnascidos, dando-lhe a fórma de mitra (*deformação cuneiforme deitada*, de Gosse); os Botúcudos e outras tribus do grupo gé achatavam os ossos do nariz, porém os enfeites mais extravagantes eram os buracos que estes mesmos Botucudos faziam nos labios e nas orelhas, collocando nelles grandes pedaços de madeira, pedra, etc. Algumas tribus espetavam pennas no nariz e no rosto. Diz o naturalista Guilherme Shwake que os batoques usados pelos Bugres do Paraná nos labios são preparados com resina do jatahy, a qual é levada a um tal estado de pureza que chega a imitar o ambar européo.

De conchas, pedras, ossos, dentes e contas faziam collares (*auiucará*); com pennas vistosas arranjavam *tangas*, diademas ou *cocares* e *açan-gatares* que lhes cobria o craneo até as orelhas, preservando-os do sol. Tambem usavam mantas de pennas grudadas com icica, ás quaes davam o nome de *açoyaba* e nas regiões frias, como em certos pontos do planalto central e da parte sul do paiz utilisavam-se das pelles dos grandes mammiferos. Nos pés amarravam rosarios de certos fructos que ao baterem uns nos outros produziam o som de cascaveis. As donzellas apertavam as pernas com uma liga de algodão vermelho a que chamavam *tapacurá*. As tangas dos homens e mulheres eram muitas vezes de barro cosido e de proporções tão diminutas que pouco satisfaziam os fins a que se destinavam.

Muitas tribus usavam os cabellos compridos, outras cortavam-n'o em circulo ao nivel das orelhas e outras ainda abriam corôas.

Artes.— Os principaes instrumentos musicaes dos

tupys eram o *maracá*, cabaça cheia de pedrinhas e primorosamente ornada, o *boré*, feito de um pau ôco, a *janubia* ou *inubia*, trompa guerreira cujo som chegava a grandes distancias, o *napy*, tambor destinado aos rebates e ás convocações das assembléas, o *nimby*, flauta feita de algum femur ou tibia, o *toró*, flauta doble ou triple feita de taquara e o *uatapú*, que era um grande buzio.

Havia diversas especies de danças das quaes as principaes eram o *poracé*, dança sagrada e o *yeoroqui*, ou dança acompanhada de cantos destinados a commemorar as façanhas dos antepassados; esta dança tupica correspondia ao *areytos* das tribus Carahybas. No yeoroqui os velhos e as creanças só tomavam parte rufando o tambor. Dispunham-se todos em circulo tendo cada um a mão sobre o hombro do companheiro e começavam a andar a roda batendo compassadamente com os pés no chão e soltando um grito monotono.

Diz Alcides d'Orbigny (1) que todos os indigenas da America Meridional são musicos natos e cantam facilmente melodias ás vezes ternas e tristes; das suas poesias fallaremos em outro logar.

No desenho dos indios do Brasil predomina o gosto pelos ornatos, linhas simples ou combinadas, gregas, volutas, etc., que ás vezes se encontram em combinações graciosas; tambem desenhavam animaes e homens muito grosseiramente, porém nunca repróduziam flores, fructos, folhas ou quaesquer outras partes dos vegetaes. Possuiam tintas muito vivas e finas, porém ignoravam o segredo da degradação das mesmas bem como os effeitos de perspectiva, o que não é para admirar, pois povos muito mais cultos acham-se ainda no mesmo grão de atrazo. A esculptura indigena é informe.

A condição das mulheres.—Se bem que a mulher entre as tribus indigenas do Brasil não gosasse ainda de muita consideração, contudo não era um objecto de desprezo como acontece entre certos povos da Oceania.

Cumpria-lhe no entanto affazeres muito rudes: eram ellas que tratavam da agricultura, da cosinha, do preparo da louça, de todos os serviços domesticos e nas migrações transportavam o farnel, os utensilios e os filhos, pois o marido, encarregado da defeza familial e

(1) ALCIDES D'ORBIGNY.—*L'homme americain.*

de prover á subsistencia da mesma precisava estar desembaraçado para manejar as armas.

O *cauim* era preparado pelas velhas que tinham tambem funcções especiaes por occasião das solemnidades religiosas ou guerreiras.

O indio brazileiro era em geral polygamo, porém a primeira mulher, embora velha e desprezada gozava de um certo ascendente na familia; as mulheres que eram aprisionadas passavam á condição de escravas e concubinas, excepto quando eram apanhadas combatendo, porque então soffriam a sorte dos homens.

Costumes guerreiros—Quasi todas as tribus indigenas do Brasil, tupys ou pertencentes aos demais grupos ethnographicos eram mais ou menos bellicosas, destacando-se como excepções rarissimas aquellas que se caracterisavam por indole apathica ou pacifica.

As tribus indigenas viviam em constante guerra umas contra as outras, sendo geral a deshumanidade pelo vencido.

O systema de guerra preferido era o das emboscadas: a cabilda, tendo resolvido em assembléa de guerreiros *(nhemongaba)* atacar os habitantes de uma aldeia qualquer, assediava esta alta noite e se podia romper as *cahiçaras* ou cercas e transpôr os fossos, incendiava as cabanas e matava todos os habitantes que resistiam, trazendo para sua *taba* (aldeia) aquelles que podia aprisionar.

Estes eram immolados em festins antropographos.

Para o selvagem brasileiro a primeira virtude ou talvez a unica era a coragem e por isso o prisioneiro, mesmo atado com a *mussurana* (corda dos sacrificios) e em presença do sacrificador, armado da *tangapema* (clava de madeira) que ia esmigalhar-lhe o craneo, devia mostrar-se impassivel, injuriar os seus inimigos e acender-lhes mais a colera relatando as mortes que os seus amigos e parentes haviam feito em individuos d'aquella tribu que o ia matar.

Antes do dia do sacrificio o prisioneiro era bem tratado: davam-lhe comida em abundancia e entregavam-lhe raparigas para concubinas. Os dentes do sacrificado constituiam um tropheo que o seu aprisionador ostentava orgulhoso em collares.

Clovis Bevilacqua diz que as tribus tapuyas, ou mais propriamente as do grupo gé fazia suas investidas sem regra e sempre á traição, porém que as do grupo

tupy «tinham adoptado um certo formalismo, não despido de nobreza, para as suas declarações de guerra e tratados de paz.»

Comprovando o que affirma, cita Clovis Bevilacqua o arremesso ao campo ou taba inimiga de um arco relesado e uma flecha, na qual muitas vezes se achavam marcados, por entalhas, os dias que pretendiam combater, e bem assim o quebramento da flecha da paz a que refere poeticamente José de Alencar na *Iracema*.

A guerra era quasi sempre emprehendida nas proximidades da madureza do milho, dos aipins ou dos cajus, para que se pudesse festejar com o vinho dessas substancias o sacrificio dos prisioneiros.

A munição de boca nas campanhas consistia em farinha e todos concorriam para o seu apercebimento.

Ritos funebres—Ao morrer o individuo era carpido pelas mulheres, mas por estas somente, pois ao homem não se permittia chorar. Ao parente mais chegado cumpria abrir a cova que muitas vezes se fazia mesmo dentro do rancho. O defunto era mettido dentro da propria rêde e se exercia o logar de chefe, depunham junto delle os seus attributos de commando. Proximo á cova depositavam-se as armas do finado e bem assim comidas, bebidas e fumo, que se renovavam todos os dias. A rêde ficava suspensa na cova e esta era coberta de paus, ramagens e depois de terra.

Nas tribus do grupo gé que não faziam uso de rêdes, o defunto era mettido de cocaras dentro de uma talha de barro. A essas talhas davam o nome de *cambuchis* ou *camucins* e tambem *igaçabas*. Outras vezes mettiam o cadaver em caixões de barro que pintavam, envernisavam e arabescavam. Ao cadaver davam os tupys o nome de *tiby* e aos cemiterios *tibycuera*.

Crenças religiosas.—Os indios do Brasil, por occasião da conquista européa, achavam-se religiosamente no segundo periodo do *fetichismo*, isto é, na *astrolatria*.

«Os selvagens do nosso paiz, diz o illustre ethnologo brasileiro Dr. Sylvio Roméro, estavam no gráo de atrazo do homem geologico, o homem da idade da pedra. Não podiam ter uma religião que reconhecesse o *Ser Supremo*. O contrario é desdenhar ou desconhecer os achados da critica moderna, que assignala os differentes periodos das formações das mythologias, das religiões e da poesia. Umas tribus desgarradas pelo

deserto e mattas, e outras reunidas em pauperrimas palhoças sem industria assignalavel, usando da pedra para utensilios, como o homem das cavernas, sem tradições, sem heróes, sem historia, não podiam possuir a noção do *Ser Supremo*, como não podiam ter uma verdadeira poesia. Estavam pouco além da epocha de puro naturalismo, em que o terror faz crer que as nuvens, os trovões (*tupan*). as tempestades são seres ferozes que se devem respeitar. A grey cabocla, encarada por todas as faces porque póde sel-o pela sciencia, á luz de idéas sãs e longe do influxo de caducos prejuizos, achava-se em um dos mais remotos degraus da escala da civilisação. Caçador, ainda hoje no seu descendente, nem siquer o indio estava além daquella segunda phase do periodo fetichico, a idade da *astrolatria*, de que falla Augusto Comte.

«Prova-o o seu culto do sol e da lua, *guaracy* e *jacy*, ainda um pouco indeciso, é verdade.

«E' licito dizer que já havia passado a epocha do mais fluctuante naturalismo. Demonstra-o o comp exo de sua intuição do mundo, accorde com a dos povos ainda no mesmo estado, um dos mais reconditos da pre-historia, onde é dado penetrar.»

O sabio investigador Carlos Frederico Hartt estudando os mythos amazonicos, em muitos dos quaes apparece o *jabuti*, julgou ver n'esse facto constante a representação do sol que se figurava por aquelle animal sempre vencedor da anta, da onça, da cobra ou da raposa que então symbolisariam a lua.

Alguns autores julgaram ver na religião indigena uma especie de dualismo: *Tupan*, seria deus ou o espirito do bem, e *Anhangá*, o diabo ou o espirito do mal, mas, já o Padre Manoel da Nobrega dizia que Tupan não significava o Ser Supremo e sim unicamente o trovão, sendo elles jesuitas que applicaram esta palavra, em falta de melhor, para incutir o monotheismo nos barbaros; outros, como o Dr. Couto de Magalhães, consideram o indio com a polytheista e o seu systema religioso organisado em uma mythologia dominada por Tupan e composta de Anhangá, Curupira, Jeropary, Kaopara, Sacy-sererê, Boi-tatá, Urutau, Rudá, Uiruparú, Boiacú, etc.

Estudos mais conscienciosos tem demonstrado, no entanto, que esses diversos personagens mythicos não tem relação alguma uns com os outros e, por conse-

guinte, não passam de creações antropomorphicas, isto é, são produzidos por esse estado religioso em que se afigura ao espirito humano poderem os deuses tomar completamente a natureza dos homens, conservando-se no entanto muito mais poderosos.

Passemos em revista das principaes creações antropomorphicas dos indios do Brasil.

O Curupira.—Na opinião de Carlos Hartt a mais importante é a do *Curupira*, espirito malfazejo do matto. Existem Curupiras de ambos os sexos, os quaes habitam nos buracos dos paus podres e apparecem de repente ao caçador ou viajante, confundem-n'o e procuram transvial-o afim de que elle morra. Têm a forma de tapuyas, sendo a femea mais gorda e tendo os cabellos mais compridos ; seus dentes são verdes. A's vezes o curupira tem mulher e filhos. Segundo Baena o curupira é um tapuyo pequeno, com os pés às avessas, que persegue o caçador, o qual, para afugental-o tece cruzes e rodinhas de cipó e as deixa no caminho ; o curupira entretem-se a destrançar estas rodinhas ou cruzes e emquanto isto dura o caçador ganha terreno. O curupira não é propriamente um espirito ; tem carne e osso e pode ser morto por um homem. O curupira é especialmente um maleíico, e ao mesmo tempo zombeteiro.

Carlos Hartt achou uma certa analogia entre o mytho do curupira e o do Troll, espirito das serras da Noruega, e Barbosa Rodrigues salientou a semelhança do mesmo com o Rudenzhal, espirito dos montes Sudetos, na Allemanha.

Os mythos do curupira são numerosos e muito variados. Aqui daremos um que Carlos Hartt recolheu no Pará :

« Um indio estava caçando no matto, quando, desviado por um curupira, perdeu o caminho e, ao cahir da noite, deitou-se ao pé de um pau e dormiu.

« O curupira chegou ao pé delle e bateu no *sapopema* (raiz chata) do pau ; o homem accordou.

« — O que estás fazendo aqui, meu irmão?

« — Perdi-me e aqui fiquei-me, respondeu o homem.

« — Então, disse o curupira, dá-me um pedaço do teu figado para comer.

« — Felizmente o homem tinha matado um macaco. Puchou da faca, abrio-o e cortando um pedaço do figado

deu ao curupira que o comeu gostosamente, pensando ser o do homem.

«E' muito doce! disse o curupira. Dê-me tudo.

«O homem deu o resto do figado do macaco e replicou:

«— Agora has de dar-me tambem um pedaço do teu.

«O curupira julgando, que se o homem podia tirar o coração, elle tambem poderia fazer o mesmo, pediu a faca do caçador, abrio-se e cahio morto. O homem livre do seu inimigo fugiu.

«Depois de um anno o caçador lembrou-se que os curupiras têm os dentes verdes e foi buscar os daquelle que tinha matado para fazer um fio de contas. Achou o esqueleto ao pé do pau. Tomou a caveira na mão e com o seu machadinho bateu n'um dente; mas qual não foi o seu espanto ao ver o curupira apparecer instantaneamente vivo e sorrindo deante delle!

«— Obrigado, meu irmão, por me teres despertado! disse a apparição. E logo apoz deu ao homem uma flecha encantada, dizendo que com esta podia com certeza matar caça, mas aconselhou-lhe que a ninguem contasse de quem a recebera.

«Esse mesmo indio, dantes *panemo* (sem geito), depois disto matava todos os dias muita caça; mas sua mulher, tendo reparado, perguntou com insistencia como de repente se tinha elle tornado tão habil caçador.

O marido contou afinal tudo á mulher, e logo cahiu morto.»

O mytho do curupira divulgava-se outr'ora por todas as tribus brasileiras, tupis ou não tupis e ainda hoje é encontrado nas superstições dos sertanejos dos Estados do norte.

O Yurupary.—Diz o Dr. Couto de Magalhães que o *yurupary* equivale a isso que nossas amas de leite nos descrevem como *pesadelo*. E' um demonio que á noite comprime a garganta das crianças e até dos homens, para trazer-lhes afflições e máos sonhos. Segundo Carlos Hartt o yurupary é um espirito antropophago, «um ente maligno, ordinariamente um verdadeiro demonio ou especie de lobishomem, que apparece ás vezes sob a forma humana, mas que pode transformar-se em algum bicho feroz do matto que gosta de carne de gente.»

O Dr. Barbosa Rodrigues entre outras lendas do

Yurupary recolheu dos indios Mundurucás a seguinte que não deixa de ser curiosa : (1)

« Contam que um velho que tinha tres filhas, combinara com o tio dellas para leval-as a apanhar mirity (2). Conforme tinham ajustado appareceu de manhã cedo o Yurupary sob a figura do tio que elle tinha morto em caminho. Sahiram as moças com o supposto tio. Depois de muito caminharem, perguntou uma dellas se ainda estava longe o miritisal. O Yurupary respondeu que não. A' medida que caminhavam, de vez em quando uma dellas perguntava se ainda estava longe o miritisal e respondia que não.

Ao alvorecer, já quando estavam perto da gruta em que morava o Yurupary, uma dellas olhando para os pés d'este, exclamou:—Kuaá Yurapary! Este é o Yurupary!

Chegando á casa disse-lhes o Yurupary que alli era o miritisal. Sahiu depois deixando um papagaio de sentinella ás moças para que não fugissem.

Chegando a noite convidou a mais velha para levar-lhe fogo á rêde. Ahi começou como morcego a chupal-a. De madrugada tornou a sahir para o matto.

Logo que sahiu foram as duas irmãs ver a que dormira com o Yurupary e encontraram sómente a sua ossada. A' noite chegou o Yurupary e mandou a segunda levar-lhe fogo á rede e quando esta se approximou agarrou-a e chupou-a como á primeira. Pela madrugada foi novamente para o matto.

Quando este sahiu a mais nova foi á réde e viu a outra ossada. Chorando deitou-se na rêde junto dos ossos de suas irmãs. Logo depois viu passar voando sobre a gruta o Karão (passaro) e gritou:

— Ah! Karão! Karão! Se tu fosses gente me levarias á minha mãe!

— D'ahi a pouco, apparecendo-lhe o Karão sob a fórma de um moço, lhe disse que tomasse os ossos, um pouco de sal e de cinza e fosse furtar a *milonga* (3) do Yurupary.

---

(1) Dr. Barbosa Rodrigues.—*Paraduba Amazonense.*

(2) E' a palmeira *Mauritia Flexuosa*, de Martius, Do mezocarpo de seus fructos fazem os indios uma beberagem e os comem cozidos.

(3) Termo africano introduzido na lingua dos indios e que significa *remedio, feitiço, talismã.*

Logo que ella arranjou tudo partiram.

Apenas sahiram começou o papagaio a gritar:

— *E yara Karan o raçó ana ne yapuruchielola* (Meu senhor, lá vai o Karão levando o teu caramujo).

Ouvindo isso correu atraz d'elles o Yurupary gritando:

— *U rure ce muyrakitan* (Karão, traz o meu talismã).

Ao approximar-se o Yurupary, o Karão disse á moça que tomasse um dos ossos das irmãs. Immediatamente levantou-se uma grande fumaceira que impediu o Yurupary approximar-se. Aproveitaram-se d'isto e caminharam. Já tinham andado muito quando ouviram novamente o grito:

— *U rure Karan ce muyrakitan* !

O Karão mandou então queimar sal e cinza, o que fez com que se levantasse um grande espinhal.

Emquanto o Yurupary se desembaraçava dos espinhos elles avançaram. Já perto da casa da mãe ouviram ainda:

— *U rure Karan ce muyrakitan* !

Mandou então o Karão que queimasse juntos os ossos, o sal e as cinzas, o que fez com que apparecesse um grande rio que o Yurupary não poude atravessar e assim poderam chegar á casa da mãe, que ficou contente por ver as filhas, quando as julgava todas perdidas. (1)

O Kaápora.—O *kaapora* é um gigante tristonho e taciturno; tem o corpo pelludo e anda montado em um porco do matto, dando de vez em quando um grito para impellir a vara. Ninguem o póde ver sem chamar sobre si a infelicidade para todo o resto da vida; no entanto o kaápora protege a caça do matto e só é visto quando os indios dão cerco a uma grande manada de animaes que pretendem matar.

A Oyara.—A oyara ou mãe d'agua é um demonio feminino dos rios. Segundo Gonçalves Dias a oyara se apresenta sob a forma de uma formosa mulher de bastos cabellos de ouro, cuja irresistivel voz e olhar fascinam a quem a vê, induzindo a pessoa a lançar-se n'agua.

(1) O Yurupary guardava dentro de um caramujo o muirakitá, seu talismã. O caramujo é a comida do Carão.

Os indios do Amazonas crêm que a mãe d'agua ou oyara é um tapuyo ou tapuya de rara belleza, morador no fundo dos rios ou lagos e que fascina aquelle que cahe em seu poder.

Segundo Gomes de Amorim, o individuo fascinado pelas oyaras se não chega a afogar-se, ao ser retirado da agua declara ter visto palacios no fundo do rio, sendo acompanhado nesse passeio por uma bella mulher se é homem, e por dois bellos tapuyos, se é mulher. Ao voltar á terra as oyaras o deixam, e de novo vão para o rio, mas ficam em seu logar pequenos tapuyos para guardar o enfermo ou enferma, pois a fascinação da oyara é uma verdadeira molestia. Os pequenos tapuyos devem impedir que outros espiritos d'agua, seus inimigos, se apoderem da victima.

A crença em espiritos aquaticos ou sereias ainda se encontra em diversos povos da Europa. São da natureza das *oyaras;* os *Rusalkas* e *Vodyanay* da Russia e os *hafgyyr; marmenil* e *nikes* da Islandia.

Além da oyara os indios do Amazonas crêm na boia d'agua, que tambem é uma sereia e apresenta-se debaixo da fórma de uma serpente.

O Sacy Serêrê.— O sacy-serêrê é vulgarmente representado por um pequeno tapuyo, toucado com um barrete vermelho ; o sacy é manco de um pé e tem uma ferida em cada joelho.

Esta superstição passou aos nossos matutos principalmente aos dos Estados de Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro, os quaes dizem frequentar o sacy as estradas, principalmente nas encruzilhadas.

O Mboitatá.— O *mboitatá* ou cobra de fogo protege os campos contra aquelles que os incendeiam. Quasi sempre reside na agua e ás vezes transforma-se em um grosso madeiro que faz morrer por combustão os incendiadores.

O Urutáu.—Nada mais sabemos do urutáu a não ser, como a propria palavra indica, que é uma ave phantasma.

Tradicção do diluvio.—Os indios conservavam em uma lenda a tradicção do diluvio. Nol-a refere o Padre Manoel da Nobrega, nestes termos: «Os indios têm memoria do diluvio, porém falsamente, porque dizem que, cobrindo-se de agua a terra, uma mulher com seu marido subiram em um pinheiro, e, depois de

minguadas as aguas, se desceram, e d'estes procederam todos os homens e mulheres. »

A lenda de Sumé.—Acreditavam os indios que um personagem chamado Sumé visitára o Brasil em outros tempos e ensinára aos homens diversas cousas uteis, entre as quaes a cultura da mandioca. Tendo porém sido mal tratado, retirou-se descontente e suas pegadas ficáram impressas em uma pedra da costa nas proximidades de S. Vicente e n'outros logares.

Os escriptores antigos identificaram este Sumé com o apostolo S. Thomé.

Segundo o Padre Simão de Vasconcellos as impressões de pés humanos attribuidas a Sumé eram muito veneradas pelos indios, os quaes acreditavam que, collocando sobre ellas o pé, saravam de qualquer enfermidade.

Sacerdocio e culto. — O representante do sacerdocio entre os indios era o *pagé* ou *piaga*, o qual exercia sobre as tribus a mais decisiva influencia.

Os que se propunham alcançar a dignidade de pagé eram obrigados a passar por um duro noviciado, que por demasiado rigoroso muitos não podiam supportar, morrendo antes de completar-se a iniciação.

Cumpria ao neophyto habitar durante longos annos em logares ermos, viver completamente nú, não tomar banhos, não pentear-se e alimentar-se quasi exclusivamente de milho assado e pimenta.

O pagé inculcava-se como podendo conhecer o futuro, dominar os elementos e os animaes ferozes, saber as causas das molestias e os meios de cural-as e praticar com os espiritos, servindo de intermediario entre elles e os homens.

A morada habitual dos pagés era em ranchos isolados (*tuiupares*) ou em tabas abandonadas (*taperas*) e quando alguem os visitava, perfumavam os seus tugurios queimando a resina *ybira-pagé*.

Cada pagé dominava um grande districto e a visita de qualquer um delles a uma aldeia era muito festejada; limpavam os caminhos por onde o bonzo devia passar e faziam-lhe grandes presentes. Essas offerendas, de caracter sagrado, tinham o nome de *potaba*.

Quando o pagé morria, seus ossos eram tidos em grande veneração.

Pela autoridade de que os pagés dispunham, vê-se que as tribus brasileiras marchavam aceleradamente para a systematisação das castas e consequente implantação do dominio theocratico.

Idolos.—A adoração aos idolos era geral nas tribus que habitavam o Brasil por occasião da chegada dos europeus, e mesmo n'aquelles povos extinctos que haviam em tempos remotos construido os ceramios.

Frei Ivo d'Evreux teve occasião de observal-a entre os tupinambás que occupavam o Maranhão no seculo XVI e, segundo o que nos transmitte o capuchinho francez, os idolos eram guardados em ranchinhos aos quaes o pagé se dirigia em dias determinados afim de offertar-lhes fogo, agua, carne, peixe, farinha, milho, legumes, pennas de côr, flôres e incensal-os com o fumo de resinas aromaticas.

Os idolos encontrados no ceramio de Pacoval tem quasi todos a figura humana, a qual se apresenta assentada,com os joelhos separados e com as mãos ora nas ilhargas, ora collocadas sobre os joelhos.

O mais importante dos idolos ou objectos symbolicos era no entanto o *maracá*, especie de chocalho feito de uma cabaça ou do fructo da coloquintida, no qual figuravam o rosto humano por meio de grosseiras incisões. Dentro d'essa cabaça introduziam seixos que pela agitação, produziam um ruido surdo. A mesma cabaça era espetada em um punho ornado de pennas.

Toda a choupana indigena possuia o seu maracá, que por essa razão se transformava n'uma especie de deus lar.

«O maracá da tribu Caethé, que, evadindo-se ás atrocidades dos conquistadores, teve por ultimo asylo a extensa cordilheira da Ibiapaba, era o idolo que como emblema do poder lhe suggeria acatamento, se a attitude que tomava nas mãos do pagé que o conduzia era o caracteristico da benignidade, ou profunda consternação e temores, se as mãos do impostor lhe imprimiam rapidez nos movimentos e oscillações, que lhe faziam dar a seu arbitrio, quasi sempre com intenções malignas. Apparecia em todos os jogos e festins, onde, elevado ao ponto visivel do logar tornava-se o objecto do canto e dansa e ia sobranceiro, como a insignia de honra da nação, entre as phalanges armadas que se

destinavam á guerra, invocando-se os seus bons auspicios para que ellas triumphassem nos combates. (1)»

Os esconjuros, a imposição das mãos; o chocalhar do maracá, as dansas e outras praticas constituiam o ritual do culto indigena, que era observado respeitando-se uma infinidade de agouros bons ou máos.

Crença na vida futura. — O facto de enterrarem os indios os seus mortos, juntamente com as suas armas e instrumentos, põe em evidencia que elles acreditavam n'uma vida além da morte, em a qual esses instrumentos seriam necessarios ao finado.

Os tupys da costa diziam que a alma dos bons iria depois da morte habitar além das *montanhas azues*, isto é, além da Serra do Mar, segundo Alcides d'Orbigny. Ahi, nesse paraizo, vedado aos traidores e cobardes, desfructariam banquetes opiparos e bellas mulheres.

Os passés do Rio Negro acreditavam em penas e recompensas depois da morte. Para merecer os premios era de necessidade que em vida o indio fosse constantemente animoso e obdiente aos pagés.

Outras tribus pensavam que depois da morte passariam a uma outra vida em a qual se occupariam unicamente de caçadas; por isso, a morte, em algumas cabildas, era festejada com canticos alegres.

Os camacuans acreditavam na metempsychose; quando os espiritos deixavam os antigos corpos passavam a habitar corpos de animaes, analogos á indole e habitos da primitiva encarnação.

Os xumanas, que acreditavam residir a alma na medulla dos ossos, misturavam essa medula com os seus vinhos, e bebiam estes religiosamente, para que a mesma alma fosse habitar nos seus corpos.

Finalmente, era geral a crença na immortalidade da alma e a veneração pelos mortos, profunda em todos os indios, derivava da consciencia d'esse dogma.

Muitas tribus illuminavam as sepulturas, outras enchiam-n'as de flôres, outras consagravam aos seus defuntos os mais delicados productos da arte ceramica e todas, emfim, patenteavam respeito ou carinho pelos despojos de seus camaradas.

(1) Machado de Oliveira.—Memoria lida perante o Instituto Historico e Geographico do Brasil em 1844.

O casamento e a familia.—Os indios do Brasil eram em geral polygamos; havia no entanto diversas tribus monogamas, affirmando o Dr. Couto de Magalhães (1) que na grande familia indigena encontram-se sob o ponto de vista das relações sexuaes, desde as instituições rigidas e de uma severidade de costumes que excede tudo quanto a historia nos refere, até a communhão das mulheres.

Segundo o mesmo autor os Cayapós são communistas sob o ponto de vista matrimonial: a mulher, desde que chega á puberdade póde entrar em relações com o homem que quizer, sendo durante a gestação e amamentação sustentada por aquelle que a fecundou; logo, porém, que a amamentação terminou póde procurar um outro homem.

«Este modo de entender as relações do homem com a mulher, isto é, fazel-as exclusivamente depender da vontade de dous, conclue o autor citado, póde ter e effectivamente deve ter grandes inconvenientes. Quaesquer, porém, que elles sejam, não é o da prostituição; é um modo de ser da familia, que elles julgaram melhor, segundo suas idéas e meios de vida. »

Effectivamente tal regimen do communismo está muito longe de ser uma fórma da prostituição, bem como já se acha muito distanciado da promiscuidade primitiva.

As tribus polygamas eram mais numerosas; n'estas o homem tomava tantas mulheres quantas podia sustentar, porém a mais antiga tinha os direitos exclusivos de esposa e predominava sobre todas as outras.

Outras tribus, finalmente, eram monogamas, como por exemplo a dos guaycurús.

Segundo as tribus, o casamento fazia-se por meio do rapto, ou por contracto entre o pretendente e o pae da noiva, ou finalmente esta era concedida como premio de acções guerreiras.

Em algumas tribus a donzella usava distinctivos; em outras, ao entrar na puberdade, eram suspensas em um cesto á cumieira da casa, submettidas á dieta e depois sangradas; os indigenas que habitavam a Serra da Ibiapaba, logo que suas filhas chegavam á idade

(1) Couto de Magalhães. — *O selvagem.*

nubil, traçavam-lhes por baixo dos olhos uma risca vermelha.

O divorcio era frequente nas hordas brasileiras e dava-se por diversos motivos, sendo o principal a esterilidade. Entre os Chambiocás e Gualtós, que já presavam a fidelidade conjugal, tinha logar o divorcio quando a mulher era encontrada commettendo o adulterio. Em quasi todas as tribus, quando o marido praticava um acto de cobardia, a mulher tinha o direito de repudial-o.

Geralmente impedia-se a união dos dois sexos antes que a mulher e o homem attingissem á puberdade completa; o homem, principalmente, só podia de ordinario contrahir matrimonio depois dos 25 annos.

As mulheres guaycurús, muito extremosas para com os maridos, praticavam o infanticidio com o fim de não comprometterem a sua frescura com os trabalhos da amamentação e criação dos filhos; só dos trinta annos por diante é que cuidavam da prole.

Qualquer, porém, que fosse a fórma do casamento, a familia achava-se perfeitamente constituida entre os selvicolas do Brasil e os diversos gráos de parentesco eram definidos com meticuloso escrupulo. « A segunda geração, diz Varnhagen, se regulava pela do pae, em opposição com o que se nota em alguns povos barbaros da Africa. A mãe só era considerada, á maneira dos egypcios, como guarda ou depositaria do feto até o dar á luz, e nenhuns deveres contrahia com ella o filho que amamentava. O pae denominava ao filho *taira* ou « o procedente do seu sangue » e a mãe chamava-lhe *membira*, « o seu parido, o procedente do seu seio. »

A tribu. — A sociedade indigena no momento da conquista européa achava-se organisada em tribus democraticas constituidas por um certo numero de familias, ligadas por estreita solidariedade.

O chefe ou *morubichaba* era escolhido por eleição exigindo-se n'elle um certo numero de qualidades, entre as quaes sobresahia a coragem. Esse chefe representava a communidade, mas não a governava senão com a assistencia da assembléa dos guerreiros ou *nheemongaba*. Tambem não distribuia a justiça, pois a cada um cumpria desaggravar-se por si mesmo das offensas recebidas e se o não fizesse tinham-n'o por degradado.

O indigena brazileiro era essencialmente caçador e pescador e se praticava algumas vezes a agricultura,

esta ainda não subsidiava a sua alimentação de modo a merecer grande importancia. Assim a tribu, depois de esgotar pela caça e pela pesca as mattas, rios e praias de uma localidade, transportava-se para outra onde levantava nova aldeia ou taba. Aquella que abandonavam tomava o nome de *tapera*.

Desse estado de caçador em que se achavam os selvagens brasileiros derivam algumas leis relativas á regulamentação das caçadas, as quaes se encontram em quasi todas as cabildas. Entre outras pode-se citar a prohibição de matar os animaes durante a prenhez e amamentação dos filhos e o impedimento de colher os ovos das aves.

A propriedade era muito limitada entre os indios, que se achavam ainda no regimen communista. Nenhum membro da tribu comia ou bebia sem que os demais participassem dos mesmos alimentos. O roubo era quasi desconhecido entre elles; commercio não existia, excepto em algumas tribus do Alto Amazonas, que já tinham inaugurado um systema de permutas quando os europeus aportaram ao Brazil pela primeira vez.

A hospitalidade era seriamente praticada entre os selvagens brazileiros, não só para com os forasteiros, como mesmo para com os inimigos. O talião e a vindicta privada eram de uso geral.

Vivendo em continuas guerras, a moralidade entre os indigenas restringia-se á pratica do valor guerreiro, vindo a deshonra sómente com a cobardia; todavia em certas tribus o adulterio era uma macula e em todas o deixar de praticar a hospitalidade infamava.

Industria. Os indigenas obtinham o fogo pelo systema de attricção e quanto á industria achavam-se na phase da pedra polida da qual faziam os machados e outras ferramentas, comtudo, com esses toscos instrumentos já haviam conseguido um notavel desenvolvimento no fabrico de varios utensilios.

A aldeia ou *taba* era geralmente constituida por grandes casarões ou abarracamentos de fórma convexa (*ocas*), feitos de paus e algum barro e cobertos de folha de pindoba. As ocas tinham pouco mais ou menos 150 pés de comprimento, quatorze de largura e doze de altura e junto ao tecto achavam-se *gyráos* que serviam para guardar os mantimentos e utensilios.

O numero de ocas de cada taba variava e ás vezes

só havia uma na aldeia. No interior não existia divisão alguma e sómente os esteios para as rêdes.

As ocas eram cercadas por uma cerca ou *cahiçara*, feita de gissara ou de taboca, e quando a aldeia achava-se proxima de inimigos cercavam-n'a de uma tranqueira de palancas, de fórma quasi pentagonal. A's vezes a taba era circumvalada por fossos ou fojos guarnecidos de estrepes.

Consistiam suas armas na *tamarana*, pesada clava de madeira, de quatro faces, ornamentada e mais delgada e arredondada no cabo; quando essa clava tinha a fórma de remos ou pás com gumes, davam-lhe o nome de *tangapemas* e *cuidarús*; a *uirapara* era um grande arco, feito de pau d'arco, forrado de *cipó-embé* e facetado do lado interior onde se collocava um cordel tecido de tucum ou pita, seguro nas pontas por umas entalhas. As frechas eram de ubá, taboca, taquara, etc., e sempre muito bem trabalhadas. Havia frechas para a caça e frechas para a guerra; estas ultimas eram mais fortes e envenenadas na ponta, sendo nas expedições transportadas dentro de aljavas.

Os *curabís* eram zagaias de arremesso, feitas de pau-ferro, e geralmente hervadas; os *murucús* eram lanças de pau-ferro, muito compridas; a *esgaravatana*, que algumas tribus do Amazonas usavam, era um tubo ôco com bocal e mira, forrado de cipó-imbé, com o qual por meio do sôpro, disparavam settas muito finas ou puas hervadas; em outros logares empregavam-se *palhetas* com as quaes se arremeçavam dardos. Tambem usavam pavezes feitos de couro de anta, de pelle de peixe-boi, ou simplesmente de taquara trançada.

A navegação faziam-n'a por meio de canôas, *igaras*, ordinariamente de um tronco que carcomiam com o fogo; muitas dessas canôas eram de taes dimensões que podiam ser remadas por cincoenta ou sessenta homens. Quando as mesmas eram feitas de cascas de arvores, com pontaletes no meio e apertados por cipós, tomavam o nome de *ubás*. O remo chamava-se *apecuitá* e a pá do remo *yacumã*.

Os mais vulgares utensilios domesticos eram o *patiguá* ou *panacú*, canastra; as *iguaçabas*, talhas para agua ou bebidas; as *cumãs*, panellas de barro; as *cuyambucas*, combuca para guardar farinha a *kyçaba*, rêde para dormir feita de algodão ou de varias fibras textis. A's cordas davam o nome de *mussuranas*.

Um dos caracteristicos das tribus do grupo gé é não usarem as mesmas rêdes para dormir; algumas tribus tupys, no entanto, tambem não as possuem, substituindo-as por esteiras, geralmente feitas de tabua.

Os indios já haviam chegado a uma grande perfeição no fabrico da louça, trabalho que competia ás mulheres; ás velhas reservava-se o preparo dos vinhos, farinhas, venenos, etc. A massa da mandioca era expremida em um sacco de junco oblongo, muito elastico, tendo na extremidade inferior um peso qu o fazia distender-se e apertar a massa.

A caça e a pesca. — Os indios faziam as suas caçadas, não só com as armas que já mencionamos como por meio de fojos, mondéos e muitas outras armadilhas. Na pesca grossa tambem empregavam ás vezes a flecha e anzóes que denominavam *pindà*. Usavam igualmente envenenar as fontes com o *tingui* ou o *timbó*. A umas rêdes pequenas, feitas de fio de tucum, davam o nome *puçás* e o de *giquis* a uns covos afunilados.

A agricultura. — A agricultura entre os indios era ainda muito rudimentar; em geral só cultivavam o mesmo terreno durante um ou dois annos. Os homens roçavam o matto, queimavam-n'o, encoivaram e depois as mulheres plantavam o aipim, a mandioca, o milho, o mendubi, etc. Pensavam elles que a mulher, sendo o sexo fecundo, competia-lhe fazer a sementeira para que esta fosse mais fructifera.

Conhecimentos scientificos.—E' quasi desnecessario dizer que os indios ainda não possuiam sciencias propriamente ditas, pois tal nome não merecem os seus conhecimentos, todos baseados n'um empyrismo grosseiro; no entanto não se pode negar que de muitas sciencias já possuiam noções praticas.

A medicina, ou antes, a arte de curar praticada pelos pagés, avulta entre esses conhecimentos. Os indios conheciam as virtudes therapeuticas dos vegetaes, sabiam do emprego dos antidotos e tudo nos faz crer que conhecessem o processo para tornar immune o virus ophidico, conhecimento que transmittiram aos colonos europeos, sendo ainda vulgar no interior de nossos Estados encontrar-se individuos que se dizem *curados* contra o veneno das serpentes. Na maioria das molestias tratavam-se antiphlogisticamente: uzavam de rigorosa dieta e sangravam-se com um dente de cotia ou com uma lamina de crystal de rocha. Para que as feridas ci-

catrisassem mais rapidamente, aqueciam-n'as ao fogo, afim de provocarem inflammação ou insensibilidade local; depois applicavam ás mesmas oleo de copahyba. Para suarem expunham-se á fumaça.

O indio, como todos os matteiros, era um grande conhecedor dos vegetaes e muitas de nossas plantas ainda conservam os nomes que elles lhes puzeram, nomes que até certo ponto acham-se de accordo com uma classificação que já se basea na observação dos caracteres morphologicos da planta.

Em astronomia differençavam as constellações mais notaveis, ás quaes subordinavam mythos religiosos.

A linguagem. — Os varios dialectos fallados pela grey cabocla, foram pelos antigos escriptores considerados como modificações de uma lingua geral, o *abaenenga* ou lingua tupy propriamente dita e hoje mesmo ainda não está provado se a lingua dos demais grupos ethnicos indigenas são degradações mais ou menos profundas d'aquella fonte, ou se, pelas suas formas grammaticaes e syntaxicas differenciam-se por maneira tal que desappareça o parentesco linguistico.

Assim trataremos unicamente do *abaenenga*, que era a lingua fallada pelos tupys da costa e com a qual a lingua dos guaranys, ou tupys do sul tinha tantos affinidades como o hespanhol com o portuguez.

A lingua dos selvagens do Brasil pertencia á classe das linguas agglutinantes, isto é, daquellas linguas que, segundo Hovelacque, uma parte da palavra é formada de uma raiz principal, indicando a significação fundamental desta palavra e a outra é formada de uma ou mais raizes accessorias, indicando as relações e os modos de ser diversos da raiz capital.

Pertence por conseguinte ao grande grupo de linguas falladas pelos australianos da Oceania, pelos negros da Africa, pelos povos altaicos da Asia, pelos bascos da Europa e pelos outros povos da America que os conquistadores encontraram habitando este continente ao chegar a elle pela primeira vez, exceptuando unicamente os povos de Sonora, do Texas, do Mexico, de Guatemala, das Antilhas e dos Andes que fallavam idiomas monossylabicos.

No alphabeto da lingua tupy não existem as letras

j, *f*, *l*, *v* e *r* forte (1); esta pobreza de consoantes, porem, é compensada por uma notavel riqueza de sons vogaes.

Os substantivos declinam-se como em portuguez por meio de preposições ou antes de posposições, pois estas vão sempre depois do nome, exemplo: *Tupãna* Deus; *Tupã cui*, de Deus; *Tupã supé*, para Deus, etc.

Os adjectivos qualificativos vem sempre depois dos nomes: *abá catu*, homem bom ou o homem é bom; *cunã porã*, mulher bonita; *che raci*, eu doente ou estou doente; *nde reçãi*, tu estás são. A's vezes os adjectivos são simplesmente a primeira ou a terceira pessoa dos verbos; exemplo: *pab* findar, *opab*, findou; *opá*, todo, toda.

Os adjectivos numeraes chegam quando muito a vinte com os derivados e compostos, e propriamente a numeração só alcança a quatro: *iepé*, um; *mokoim*, dois; *moçapira*, tres; *erundi*, quatro. Para designar o numero cinco empregam a phrase *apo*, minha mão; para designar o numero dez *che-po*, minhas mãos, e para designar vinte *chepo-chepi*, minhas mãos, meus pés.

Espressa-se o plural dos nomes por meio de adjectivos affixos aos substantivos, sendo *etá* e *retà* os mais usuaes: *oca*, casa; *ocatá* ou *ocaetá* casas.

Os generos são designados por meio de affixos ou com o auxilio de qualificativos, como *meu* e *cuymbae*, macho, *cunã*, femea.

O comparativo, forma-se com a posposição de *pire* *Pedro catu pire João çui*, Pedro é melhor do que João ou, traduzindo litteralmente Pedro é bom mais João de. O superlativo forma-se pospondo *été*, que toma *r* quando é antecedido de vogal: *poranga*, bonito, *poranga reté* muito bonito. O augmentativo é designado pelos adjectivos *turussú*, *uassú*, *assú*, grande; o diminutuivo por *mirim*, pequeno, ou simplesmente *i* no fim dos vocabulos.

Os pronomes pessoaes dividem-se em pronomes agentes ou do nominativo; os primeiros são: *a*, eu; *re*, tu; *o* ou *ogu*, ou *ogue* elle, ella, elles, ellas; *ya* ou *na*, nós todos; *ro* ou *rogu*, ou *rogue*, nós outros, *pé*, vós. Prepõem-se aos verbos da seguinte forma: *a-u*, eu como; *re-u*, tu comes; *o-u*, elle come, *ya-u* ou *ro-u*, nós come-

(1) Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira. — *Esboço grammatical de abanenga*. Couto de Magalhães — *O Selvagem*.

mos; *pe-u*, vós comeis, *o-u*, elles comem. Os pronomes da segunda classe prepõem-se sempre aos verbos nos modos pessoaes e tambem nos modos infinitos e nos participios quando se trata de personificar o sujeito; são elles: *che*, me, mim; *nde*, te, ti; *y* ou *yy yn* ou *yn* ou *h*, elle, ella, o, a, lhe; *o*, ou *gu*, se, si; *yande* ou *nande*, nos (inclusivo); *oré*, nos (exclusivo); *peê* ou *pê* ou *pende* vos, e na terceira pessoa do plural os mesmos que serem na do singular

Os pronomes pessoaes sujeitos variam da seguinte forma:

Em vez de *a*, a primeira pessoa do gerundio é *gui*, e a primeira pessoa do plural no imperativo é quasi sempre *cha*; a segunda pessoa no imperativo e no gerundio é *e* em vez de *re*; quando o paciente do verbo é da primeira pessoa e agente a segunda, esta é *epe* no singular, *epeyepe* no plural, sendo n'este caso unico o pronome agente posposto ao verbo.

O Dr. Baptista Caetano, cujo livro nos servio para esta resumida exposição da grammatica da lingua tupy, diz que os verbos tem um tempo que se póde chamar geral do modo indicativo, porque exprimem ao mesmo tempo o passado e o presente e tambem o imperfeito. Faz-se a conjugação prepondo ao verbo intransitivo os pronomes agentes e ao verbo transitivo os pronomes agentes seguidos de um pronome paciente: *a cê*, eu saio ou sahi; *a iy apo*, eu o faço ou fiz.

Forma-se o futuro ajuntando-se a particula *ne* suffixa: *a ce ne*, eu sahirei; *re iy apo ne*, tu o farás.

Obtem-se o condiccional empregando-se *mo* em logar de *ne*; *a cê mo*, eu sahiria. Forma-se a conjuncção negativa com o prefixo $nd = n = d$, seguido de uma vogal euphonica quando antecede a consoante, e com o prefixo *i*: *nda cem-i* ou *nda cê-i*, não saio.

A conjugação negativa do futuro, do condiccional e do optativo faz-se antepondo ao respectivo suffixo as particulas *iché*, *icé* ou *ichoé*: *nda ce iche ne*, não sahirei.

Além do indicativo existe na lingua tupy um modo que os philologos chamam permissivo e que differe do primeiro: 1° em ter um preffixo *t* seguido de uma vogal euphonica quando precede consoante; 2° em ter no conjugação negativa um suffixo *yme*, exemplo: *tacê*, saia eu, *ta iy-apó* faça eu.

O imperativo é uma modificação do indicativo e do permissivo: *e cê*, sae; *cha cê*, saiamos.

O imperativo, que tambem serve de substantivo, ás vezes é o radical do verbo se é primitivo, ou o thema se é derivado, porém na maioria dos casos apresenta-se com um *a* final. Exemplo : *cêm, cêma*, sahir ; *pab, paba* acabar.

Os verbos no abaneenga são primitivos e neste caso monossyllabicos, como : *u*, comer, *é* dizer, *ur*, vir, etc., ou derivados e compostos e então possuem um thema ao qual se juntam os prefixos de tempo e modo : *aang*, medir, *aihúb*, amar, *mboe*, ensinar. As letras iniciaes dos verbos implicam-se mais ou menos com os pronomes, com os demonstrativos e com varios prefixos que mudam a significação dos mesmos verbos. Em *tur*, ha *t* o demonstrativo e *ur* o radical; em *mboe*, ha *mbo*, prefixo formador dos verbos transitivos e *é*, o radical.

Forma-se o gerundio acrescentando *bo* ao radical ou thema, principalmente quando estes terminam em vogal: *apo*, fazer ; *apobo*, fazendo ; *potar*, querer, *potarabo*, querendo.

Os verbos terminados em *b* formam o gerundio em *ba*, exemplo: *cab*, ferir,—*caba* ferindo ; os terminados em *g*, formam-n'o em *ca* : *beg*, nadar, *béca*, nadando; os terminados em *r*, perdem este e seguem a regra geral, *ker*, dormir, *kebo*, dormindo; os terminados em som nasal formam o gerundio com o acrescentamento de *mo*: *ty*, enterrar, *tymo*, enterrando ; *ncê*, fallar, *ncêmo*, fallando ; os terminados em *m*, acrescentam um *o* ou um *a* : *bem*, trançar, *bemo*, trançando ; *tum*, enterrar, *tuma*, enterrado : os verbos terminados em *ng*, ou *n* tomam um *a* no gerundio, não differindo assim do infinitivo : *meeng*, dar, *meenga*, dando; o mesmo acontece com os terminados em dyphtongos nasaes. Os terminados em dyphtongos não nasaes, fazem o gerundio em *ta*, exemplo : *cai*, queimar-se, *caita*, queimando-se.

Os participios formam-se mediante as particulas *bae, hab, har, bir* pospostas ao verbo e pela prepositiva *temi* ; os participios nominaes formam-se com a preposição de *har* e *hab* derivados dos gerundios *çar* e *çab* ; *pab*, findar, *paba*, findando, *pabab*, o logar em que finda.

Os participios passivos formam-se com o suffixo *bir* e com o prefixo *temi*.

As preposições simples que substituem as preposições nas linguas aryanas são : regendo o locativo e outros *pe* e *i*, em ; *ri* ou *re* e *bo*, por ; regendo o cau-

sativo e o accusativo *e*, conforme, segundo, depois, de, por; regendo o ablativo *gui*, de, em, fora, além de, etc. A preposição *be* transforma-se ás vezes em *me*: *nu-me* no campo.

Todas as preposições modificam-se e dão origem a preposições compostas. Entre as preposições compostas temos *ube* a ou para (dativo), para os nomes, e *be* ou *bo* para os pronomes; *pipe*, com (instrumental, de companhia); *rubi*, o logar por onde (ablativo ou accusativo): *ca a rubi*, pelos mattos.

Os adverbios de affirmação são *pa*, *ta*, *ne*, *hee*, sim; *nia*, *nanga*, *nugua*, *anei*, de certo, assim, deveras; de negação: *aau*, *ani*, *aani*, não; *he*, não sei, e outros; os adverbios de logar, de tempo e modo em nada differençam-se dos pronomes demonstrativos: *co*, *a*, *ang*, *au*, este, esta, isto, aquillo, cá, agora; *ke*, *ki*, *kie*, *gui* esse, essa, isso, ahi, então (em certo tempo); *cu*, *cui*, *gui*, *pe*, aquelle, aquella, aquillo, alli, lá, então; *mo*, *po*, *mi*, *bi*, alguem, algo, algures, n'alguma occasião, ás vezes; *ma*, *ra*, *nã*, *ga*, *cha*, assim, deste modo o tamanho, como esta, desta; *e*, *ae*, *hae*, outro, outra, etc., *ai*, *ae*, o mesmo, o tal.

Combinando-se uns com os outros ou com preposições, como suffixos de participios e de tempo, dão origem a outros adverbios e demonstrativos.

A conjuncção principal é *te*, quer preposta, quer proposta, a qual significa: pois, assim, pois; que, para que, etc.

A maior parte das interjecções são radicaes de demonstrativos.

Como não ha genero, nem numero no abaenenga, não existe concordancia do adjectivo com o substantivo e do verbo com o sujeito.

Quando dois nomes ou dois verbos, ou um nome e um verbo ou participio são consecutivos, o segundo qualifica, rege ou em geral determina o primeiro, precedido ou não do respectivo pronome, determinando as prepositivas e affixos a subordinação das phrases, exemplo: *aba-catú*, o homem bom, *aba catuab*, a bondade do homem, *abà y catu-baé*, o homem que é bom. Esta regra é primordial.

Quando na oração concorrem dois verbos ou um substantivo e um verbo, em geral estes se compõem ou então o segundo verbo modifica ou rege o primeiro, accentuando-se o caracter de agglutinação; exemplo:

ai-u-hey, ou *a-u-cêi*, eu comer ou beber desejo, eu tenho fome ou sede; *a-i-ú-hei*, eu agua beber desejo, tenho sêde; *a-ca-ru-hei* eu comer desejo. Este processo de agglutinação é o modo mais geral de formação dos vocabulos.

Nas orações simples de verbo intransitivo a construcção é quasi a mesma que em portuguez: *cunã kiriri o-u mbegue*, a mulher triste (ella) vem de manso; nas de verbo transitivo interpõe-se o paciente entre o agente e o verbo: *a yo-hu*, eu o acho.

Nas orações em que occorrem *que*, isto é, nas orações incidentes, exprime-se a relação por meio dos diversos participios e ás vezes sómente pelo infinitivo: *mbóia che çuu bae-rangué a jucá*, matei a cobra que me ia mordendo.

As orações subordinadas, que não são de relativo *que*, têm o verbo no subjunctivo ou no infinitivo, seguido das conjuncções pospositivas *ramo*, *rê*, *cé*, *be*, *bae*, etc.

Nota-se no tupy particularidades muito interressantes, entre as quaes citaremos a seguinte: o suffixo *éra* tem o poder de exprimir o passado: *akanga*, cabeça, *acanguera*, caveira.

Mais interessante ainda é o facto que se observou em algumas tribus do Brasil nas quaes os objectos eram appellidados por uma fórma pelo sexo masculino e por outra pelo sexo feminino.

Contos indigenas.—Investigações recentes realizadas por diversos scientistas nas tribus indigenas que até hoje tem sido preservadas de contacto intimo com os europeus, revelaram que o *folk-lore* (1) caboclo

(1) De *Volk*, povo, e *lehre*, doutrina, lição, dogma, etc. Adoptou-se este neologismo para applicar-se às phantasias anonymas do povo, as quaes se manifestam em tradições, lendas, contos da carochinha, cantigas, canções, canções do berço, jogos infantis, advinhações, rifões, esconjuros, chacaras, quadrinhas, orações, etc. O estudo do *Folk-lore* foi iniciado na Allemanha pelos irmãos Grimm, e d'ahi passou á França, onde o acolheram H. Gaidoz, Paul Sebillot e outros. Foi explorado na Inglaterra, principalmente por Tylor, e em Portugal por Theophilo Braga, Adolpho Coelho, Leite de Vasconcellos, Consiglieri Pedroso e outros. No Brazil os estudos folkloricos começaram em 1859 por um anonymo que escrevia no *Correio Paulistano* e depois foram continuados com mais ou menos intuição critica por José de

é de uma riqueza notavel, não só na parte relativa ás superstições, apologos, fabulas e contos, como na que se refere ás cantigas.

Os contos ou apologos indigenas são quasi todos baseados em themas mythologicos, zoologicos, astronomicos ou botanicos.

Dos primeiros já apresentamos alguns exemplos no artigo — religião —; vejamos os outros.

Carlos Hartt, Couto de Magalhães e outros ethnologos, observaram nas tribus indigenas do Amazonas uma grande variedade de contos zoologicos, em os quaes o jaboti (kagado) representava o principal papel. A este cyclo do jaboti o Dr. Sylvio Romero attribuio origem puramente indiana, opinião contra a qual se insurgio o Dr. Barbosa Rodrigues que, pelas analogias que muitos d'elles apresentam com os contos da carochinha da Europa, considera-os já como um resultado do contacto com as populações do velho mundo. Além do cyclo novellesco do jaboti, observa-se o cyclo da raposa e contos em que figuram muitos outros animaes.

Dentre estes ultimos vejamos o que explica o motivo porque a anta quando anda de noite não faz bulha, emquanto que de dia faz, ao contrario do que acontece com a onça que de noite faz bulha e de dia não:

« — Oh! cunhada anta!

« — O que é cunhada onça?

« — Quando eu ando de noite os espinhos espetam meus pés, empresta-me teus cascos para eu andar?

« — Aqui estão, leva, mas quando estiver para amanhecer, traze-m'os outra vez, porque o calor do sol queima os meus pés.

« — Por isso dizem que quando a onça anda de noite faz bulha e a anta não; porque está descalça.»

O selvagem brazileiro já possuia certos conhecimentos astronomicos e como para elles cada uma estrella significava um facto ou representava uma idéa relativa ao que se vê na terra, d'ahi um cyclo de contos astronomicos.

Alencar, Appolinario Porto Alegre, Paranhos da Silva, Macedo Soares, Beaurepaire Rohan, José Verissimo, Herbert Smith, Mello Moraes Filho, Couto de Magalhães, Carlos Hartt, Araripe Junior, Valle Cabral, Barboza Rodrigues, Celso de Magalhães e Sylvio Romero.

O Dr. Barboza Rodrigues recolheu no Amazonas os seguintes contos astronomicos: *A origem do Solimões*, no rio Solimões; o *Diluvio*, entre os indios do rio Purús; *O Mar do Mundo*, entre os indios do Rio Padauiry; *O Eclypse*, lenda dos Katauichys, indios do Rio Purús; *As Sete Estrellas* (Pleiades) lenda tapuya dos indios do Rio Negro; *As Pleiades*, *Epepim* (Orion ou os tres magos), *Pechioço* (Canopus) entre os Makuchys, indios do Rio Branco; *A cobra grande* (Serpentario), nas tribus do Solimões; *Pauichi Camaiúa*, lenda makuchy sobre a constellação do Cruzeiro; *Boia uaçu* (Serpentario) versão do Rio Negro; *O principio do mundo*, lenda mundurucú *Tiri e Karu*, lenda dos Yurukarés; *A origem das Pleiades*, lenda de Villa Bella.

Vejamos o conto *Epepim*, isto é, aquelle que se refere á origem da constellação de Orion:

« Contam que havia tres homens irmãos, dois solteiros e um casado, que tinha mulher; os dous moravam longe do casado. D'aquelles dous, um era feio, e dizem que o irmão bonito deitava-lhe os olhos; por isso procurava meios de matal-o. Um dia tomou um páo, aguçou-o bem, e depois disse ao irmão:

« — Meu mano, vamos apanhar urucú para pintar nosso corpo?

« — Vamos.

« Então, contam, chegaram elles ao pé do urucú e elle disse logo ao irmão:

« Meu mano, sóbe tu para apanhar para nós.

« Dizem que, então, o irmão feio subio e em cima abrio as pernas n'um galho; então o irmão de baixo o espetou. Morreu logo e cahio no chão.

« O irmão cortou as pernas, deixou o cadaver, virou-se e foi-se embora. Dizem que logo depois veio a cunhada, de passeio, ter com elles.

« — Como está meu cunhado?

« — Como hei de estar? bem.

« — Como está o outro meu cunhado?

« — Está fóra passeiando.

« — Ah! póde ser.

« — Contam que a cunhada sahio para passeiar no matto e, dando volta por detraz da casa, achou o corpo de seu cunhado, com as pernas cortadas e separadas. Depois a seu turno chegou tambem o cunhado.

« — Para que me servem as pernas cortadas? Para nada. Agora só estão boas para os peixes comer.

« Então, dizem, que o irmão pegou nas pernas e as poz no rio, virando-se logo ellas em surubins. O corpo ficou ahi por terra, mas a alma foi-se embora para o céo. Chegando no céo virou-se em estrellas. O corpo ficou no centro e as pernas dos lados, uma de cada lado. Tornou-se logo o Epepim.

« O irmão assassino transformou-se na *Caiuanon* (Venus), e o irmão casado n'outra estrella a *Itenhá* (Sirius). Ficaram os dous fronteiros ao irmão que mataram, para perpetuamente (por castigo) olharem para elle.» (1)

Como exemplo de contos botanicos passamos a transcrever o que se intitula *A origem da plantação* (Moytyma Uipurungaua).

« O Yacurutú é cousa má. Antigamente foi um gigante assim como sua irmã. Estavam outr'ora os chefes Muras com os feiticeiros para fazerem perder-se o Yacurutú, porque, dizem, elle comia-lhes os filhos. Os feiticeiros fizeram sahir o avô da tartaruga para a praia. Depois então o Yacurutú pisou o avô da tartaruga. Ficou com o pé preso. Fez força e pisou-o com o outro pé. Contam então que a tartaruga andou para o rio. Chamou a irmã.

« — Traze aquelle páo para eu forcejar nelle.

« A irmã pegou no páo e ficou tambem presa.

« Depois o avô da tartaruga os levou para o rio. Indo morrer, dizem, fallou:

« — Meus netos, vocês me vingarão. Aqui estão meus braços. D'elles sahirão as plantas para vocês me vingarem. D'elles apparecerão o páo vermelho para os arcos ; da minha gordura a castanha para alizar o gomo da flecha do arco ; de meus cabellos, o curaná para cordas das flechas e de meus ossos as tabocas para pontas d'estas.

« Quando acabou de aconselhar, desappareceu.»

Poesia indiana.—Se exceptuarmos as cantigas do *toré*, do *tamborinho*, da *manyva* e do *makurú* que o Dr. Barboza Rodrigues conseguiu recolher completas no Amazonas, apenas se conhecem fragmentos da poesia indigena.

(1) Todos estes contos são extrahidos da *Poranduba Amazonense* do dr. Barboza Rodrigues. Conservamos a traducção litteral adoptada pelo autor.

Relativamente ás que puderam ser colligidas, diz o Dr. Barboza Rodrigues:

« A natureza viva do valle do Amazonas, serve de motivo a esses cantares, nos quaes, n'um estribilho em côro, todos repetem o nome do vivente escolhido, n'uma toada que se prolonga n'um *smorzando* de notas tristes. Eram esses os canticos de alegria, dos bailaricos familiares, porque havia tambem os das suas tristezas, yeorokys que recordavam a dôr curtida, as saudades do lar e os dias da liberdade perdida. »

As cantigas de Makurú, são o que chamamos cantares de berço, melopéas muito singelas com as quaes as mães e as amas fazem adormecer as creanças, embalando-as.

Exemplos de cantares de berço dos indios:

Aé coé, coé!
Cha manu ramé curi
Ce mombure caá piterpe,
Aé coé, coé tatú assú
Ce utemaçara arama
Aé coé coé urubutinga
Ce pahy *vigario* (1) arama
Aé coé, coé yapacani
Ce anga racuçara.

Traducção.— Quando eu morrer ponham-me no meio do matto, pois ahi está o tatú grande que será o meu coveiro; o urubú branco será o padre e o yapacani (2) o guia de minha alma.

Outra cantiga de Makurú:

Antianti piracaçara,
Yeréua yacumá êna
Ariramba (3) timiu monhangara
Sorimão remeêua rupi.

Traducção.— A gaivota é a pescadora, o gereua (4) é o piloto, a ariramba é a cosinheira das margens do Solimões.

(1) Este vocabulo indica que elaboração desta cantiga é posterior á chegada dos portuguezes ao Brasil.
(2) Gavião do Amazonas (*Haliactus melanoleus*).
(3) Gavião preto das margens dos rios.
(4) *Alcedo viridis* das margens do Amazonas.

Passemos ás *cantigas de toré* que se caracterisam por estribilhos simples e muito repetidos :

Maá pirá taá indé?
Pirá uauáo.
Yndé, cerá Surubi?
Pirá uauáo.
Yá mui i taparé
Pirá uauáo.
Coema renondé.
Pirá uauáo
Ce tamura yeoropary
Pirá uauáo
Xe renõeçara pochi
Pirá uauáo.

Traducção:

Que peixe és?
Espadarte.
Tu serás surubim
Espadarte.
A tapagem delle rasgamos
Espadarte.
Antes de amanhecer
Espadarte.
O demonio é meu tambor.
Espadarte.
Tua tromba é feia
Espadarte.

Exemplo das *cantigas do tamburinho*, que como as precedentes tambem se caracterisam por um estribilho breve e geralmente bisado.

Cha munhan muracé
Uacará
Cha ricó ce *patrão*
Uacará.
Che re raçõ arama
Uacará

Traducção:

Eu faço dança,
Uacará
Tenho meu patrão
Uacará
Para me levar,
Uacará.

Finalmente, a estas podem-se adduzir ainda as de *Çairé*, assim denominadas pelo instrumento ao som do qual as fazem acompanhar. Estas cantigas tem sempre um fundo christão e servem para festejar os dias santos e solemnidades religiosas nas tribus que se christianisaram, sendo provavel que as primeiras fossem organisadas pelos jesuitas.

Aqui ficamos, pois o que referimos nos parece sufficiente para se poder avaliar o gráo geral de cultura dos povos indigenas do Brasil, entre os quaes os tupys eram indubitavelmente os mais adiantados em civilisação e os gés os que se sentavam nos degráos mais infimos da mesma.

Relativamente aos caracteres e usos particulares de cada tribu, deixamos para tratar á medida que as mesmas forem surgindo na historia.

OS NEGROS

O terceiro factor ethnico do povo brasileiro é representado pelo negro africano, introduzido no Brasil na qualidade de escravo e como tal conservado até 13 de Maio de 1888.

Os ethnologos brasileiros, bem como os sabios estrangeiros que no passado se occuparam do Brasil sob o ponto de vista das raças que concorreram para a formação do nosso povo, puzeram quasi sempre de parte esse importante factor, perdendo-se por conseguinte a occasião em que o mesmo podia ser estudado convenientemente.

Hoje, essa indagação, que podia ser proveitosa para a resolução de diversos problemas da historia patria, tornou-se muito mais difficil, não só porque os usos, costumes e instituições do africano obliteraram-se completamente pelo prolongado contacto com uma civilisação mais adiantada, junto a qual elle conservou-se durante seculos na condição passiva de escravo, como mesmo porque a raça vae desapparecendo rapidamente, absorvida em frequentes cruzamentos com as outras raças. O unico grupo africano que no Brasil ainda revela alguma cousa dos usos e instituições originarias e guarda de certa forma as tradicções de além-mar em sua

pureza primitiva, é o dos *negros minas*; estes, porém, são em numero muito reduzido.

Tal abandono, no entanto, é indisculpavel, pois o negro acompanha a nossa historia desde o momento da conquista européa; a frota de Cabral já o trazia a bordo e até nossos dias vemol-o intervir na marcha de nossa civilisação, quer como agente da riqueza individual e publica, quer como collaborador historico e elemento formador da nacionalidade brasileira.

Procuremos, por conseguinte, formar uma idéa geral dos caracteres physicos e sociaes dessa pobre raça que até pela sciencia tem sido desprezada, embora pela escassez de dados não nos seja possivel dar a esta parte do nosso trabalho o desenvolvimento das precedentes.

Typo anthropologico. — Os principaes caracteres anthropologicos dos povos negros que foram introduzidos como escravos no Brasil, são: rosto oval, fronte fugidia, ossos duros, angulosos e cobertos por fortes musculos; nariz geralmente achatado; pelle negra, oscillando desde o preto mais carregado até o preto avermelhado; cabellos espessos, duros, encarapinhados; labios grossos; estatura elevada; esqueleto solido; dorso muitas vezes herculeo; peito amplo.

As formas do corpo e do rosto no negro são em geral regulares e a physionomia tem expressão intelligente e affavel. Esta circumstancia fez com que Hartmann dissesse «que não ha necessidade de ser amador de romances idyllicos ou abolicionista fanatico, para se sentir uma certa attracção pela physionomia dos negros. (1) »

O africano transportado para o Brasil soffre profundas modificações physicas no fim de algumas gerações; a pelle vai se fazendo mais clara, os labios diminuem na grossura, o nariz torna-se menos chato e o cabello, perde, pouco a pouco, a asperesa.

Classificação dos negros.—Todos os negros que foram trazidos como escravos para o Brasil eram originarios da facha littoral do continente africano, comprehendida entre Guiné, na costa occidental, até Moçambique, na costa oriental. Taes negros eram os Berberes, os Jalofos, os Mandingas, os Felupos (de Guiné), os Congos, os Angolas, os Benguelas (das possessões por-

(1) R. HARTMANN—*Les peuples de l'Afrique.*

tuguezas que ainda hoje conservam esses nomes), os Moçambiques (da costa oriental). Alem d'estes foram importados povos da Costa de Mina, que pelos seus caracteres anthropologicos e linguisticos parecem differenciar-se dos precedentes, os quaes, segundo os ethnologos, são todos nigricios puros ou cafres.

A lingua.—As linguas falladas pelos povos africanos que contribuiram para o povoamento do Brasil pertencem quasi todas ao grupo que Abel Hovelacque distinguiu pelo nome *Bantu*, vocabulo que indica o plural de *homens*. Estas linguas são o kimbunda, o yoruba, o congo, o loango, o benguela, o mandinga, o camba, o molua, o woloff, que se desdobram em variados dialectos.

Taes linguas pertencem á grande familia dos agglutinantes. Têm phonologia poderosa; as palavras acabam sempre por vogaes, principalmente *a* e *o*, e apresentam alterações regulares de vogaes e consoantes, pelo que se lhes deu o nome de linguas alliteraes.

Os radicaes são quasi sempre monossylabicos e as palavras formam-se pela addicção a esses radicaes de particulas modificativas, sempre prefixas. Depois desta juncção os radicaes se transformam em verdadeiras raizes que originam outras palavras. Os verbos são tambem modificados na sua accepção por meio da addição de particulas.

As linguas africanas do grupo bantu são em geral suaves e harmoniosas.

Usos e costumes dos negros.—Os povos negros dos quaes vieram individuos para o Brasil achavam-se em um gráo de civilisação inferior aos dos nossos indios.

Sob o ponto de vista da religião eram fetichistas grosseiros; adoravam animaes, pedras, rios, arvores, etc., e principalmente os *fetiches*, idolos toscamente esculpidos, ou simplesmente um osso, uma penna, um animal immundo, etc. Querem no entanto alguns autores que elles já tivessem noção de uma divindade superior: o *zumbi* ou *zambi*. O sacerdocio já estava estabelecido entre elles, gosando o padre de dilatada influencia.

Os negros acreditavam alem disso em diversos espiritos maus e no poder de formulas magicas.

Pelo contacto com os brancos os africanos esqueceram a maior parte dos seus grosseiros ritos ou, pelo menos, confundio-os com as praticas do christianismo;

no entanto algumas das suas usanças religiosas resistiram á acção do tempo, do captiveiro e do contacto com a raça européa, podendo-se citar entre outras o uso das *figas* e o cangerê, *assembléa* que realisavam com o fim de praticar bruxarias e na qual muitas vezes concertavam planos criminosos contra os senhores.

Sob o ponto de vista artistico os africanos achavam-se ainda muito atrazados: a pintura entre elles não passava de caiação, a esculptura era informe, inferior mesmo a do homem europeu da epocha da Magdalena, comtudo, entre nós revelaram aptidão especial para a musica. Nas fazendas do Brasil conservou-se entre elles diversas danças do paiz natal, das quaes a mais constante é o *Jongo*, dança em circulo executada ao som do *caxambú*, tambor alongado de um só diaphragma, do *urucungo*, e de diversos chocalhos.

Davam grande apreço aos enfeites e adornos do corpo, prevalecendo-se desta paixão os portuguezes, que por meio de bugigangas, guisos, chocalhos, vidrilhos, etc. faziam com que elles proprios lhes trouxessem os companheiros aos portos africanos, afim de permutal-os por taes artigos.

A industria dos negros era extremamente grosseira: armas, ferramentas e utensilios são geralmente pesados e desgraciosos, no entanto mostraram no Brasil uma certa habilidade pelos trançados de taquara, juncos, etc.

A agricultura era nas tribus africanas pouco cuidada, sendo a caça e a pesca as occupações principaes das mesmas.

A mulher, embora muito inferior em direitos ao homem, já gosava em certas hordas de umas tantas regalias e se bem que a forma geral do casamento fosse por compra, observavam-se tambem casos em que elle se fazia por inclinação reciproca. Quasi todas as tribus haviam adoptado a polygamia.

Algumas das nações negras de que nos estamos occupando achavam-se organisadas em tribus republicanas, outras porém já haviam adoptado a forma monarchica e n'estas existia uma nobreza, dividida em duas classes: uma hereditaria e dymnastica, composta unicamente da familia reinante e outra vitalicia, formada pelos chefes e da qual sahiam os conselheiros effectivos do rei. «Acontece algumas vezes, diz Livingstone, que o chefe é despota até o assassinio, até á loucura sangui-

naria; o povo todavia submette-se e obedece-lhe, tanto é o seu respeito por quem governa; mas em geral a autoridade é doce.»

Em todas as tribus existia a escravidão, instituição que representava uma attenuação da primitiva deshumanidade pelo vencido.

Julgamos que estas poucas linhas são sufficientes para dar uma idéa do conjuncto de circumstancias que define o gráo de civilisação dos africanos trazidos para o Brasil como escravos.

Além de que são escassas as fontes em as quaes pudessemos haurir copiosas informações sobre as particularidades do viver africano, tornavam-se as mesmas de pouca utilidade para o nosso fim, pois não é por suas primitivas instituições que o negro influiu na historia de nossa patria e na formação do caracter brasileiro; sua intervenção n'essas duas obras é importantissima, não pelos vocabulos novos que enxertou á lingua do conquistador ou pelas confusas lendas com que contribuiu para opulentar o *folk-lore* brasileiro, porém sim, pelo seu trabalho material com o qual se abriram as primeiras fontes da riqueza colonial, pela exhuberancia dos seus sentimentos affectivos que inclinaram o caracter nacional muito sensivelmente para a cordura, ou para uma tolerancia que muitas vezes rasteja pelo servilismo, e finalmente, por acções physiologicas, conseguindo em cruzamentos continuos, profundas modificações dos typos ethnicos primitivos.

FIM DA INTRODUCÇÃO

PRIMEIRA EPOCHA

A conquista e o primitivo povoamento
1500-1581

PRIMEIRA EPOCHA

A conquista e o primitivo povoamento
1500--1581

Quer devido ao affastamento determinado pelo tempo, quer pela indifferença ao Brasil de então, dominante nos lettrados da metropole, que no seculo XVI tinham a attenção mais applicada ás cousas da India, esta primeira epocha da historia patria é muito naturalmente a mais obscura e a que apresenta maiores difficuldades a quem se propõe rememoral-a conscienciosamente.

Escasseam documentos capazes de explical-a, perderam-se livros que cumulariam lacunas sensiveis (1); em outros a negligencia dos autores corre parelhas com a sua ignorancia, e, ás vezes, do cotejo desses mesmos escriptos surgem contradicções sobre factos de capital importancia ou affirma-se a inverosimilhança que desalenta o estudioso.

As classicas laudas dos velhos chronistas nem sempre foram redigidas com independencia: n'ellas o aulicismo e o fanatismo empanam muitas vezes a verdade e tal sacode o thuribulo para adensar o fumo sobre a falha que affeiaria o Mecenas poderoso, tal se emmudece para não evidenciar um merito que poderia tornar-se importuno.

Em Portugal e no seculo XVI, escrever a historia é um cargo de côrte dependente de nomeação feita pelo rei que o remunera, pagando-o pela mesma folha pela qual recebem os moços da cavalhariça real e os marmitões da cosinha do palacio.

Se Ruy de Pina, o chronista, é encarregado de negociar um tratado internacional, se João de Barros, o historiador, é aquinhoado com um feudo territorial no Brasil, nem por isso independem; o traslado encommendado tem que sahir ao sabor do amo e de modo a não desagradar tambem aquella sombria potencia que se

---

(1) Entre os quaes podemos citar a *America Portugueza* de João de Faria, a *Terra de Santa Cruz* de João de Barros e varios Diarios ou Roteiros de viagens dos primeiros exploradores.

chamava Santo Officio, a qual, applicando a todas as producções litterarias as minucias da censura systematica forçava o ingenuo autor a meditar que nem todas as verdades podem ser ditas.

O seculo XVII ainda é alcançado por este affrontoso vexame á liberdade de pensamento.

Em 1627, Frei Vicente do Salvador, um brasileiro illustre e amigo sincero das cousas de seu paiz, escreve a sua *Historia do Brasil*.

Este trabalho, quer pela contemporaneidade do autor com os factos que descrevia, quer pelo conhecimento pratico das terras e cousas que se propoz tornar conhecidas, era, incontestavelmente, a mais copiosa fonte de informações historicas sobre o Brasil no seculo XVI.

Pois bem, o livro do frade bahiano não mereceu as honras da impressão e só por esforços dos eruditos modernos conseguio vir a lume em nossos dias. (1)

Além disso, o Brasil desses oitenta annos não desperta ainda grande interesse ao homem de alem mar e nada estimula a preoccupar-se com a sua historia aquelles que o poderiam fazer.

O ouro, precioso metal que esfusiava continuamente na imaginação do europeu e que elle buscava com desesparado affan, embora revelado por João Coelho de Souza que o descobre no sertão bahiano em 1575, ainda não provoca a internação das *bandeiras* ; os obstaculos são quasi insuperaveis para se chegar a elle e os poucos aventureiros que se atrevem a devassar o sertão, quando por acaso regressam ao littoral, amollecem os animos mais viris com a narrativa dos perigos que affrontaram.

Os regatos continuam a rolar tranquillamente o seu valioso cascalho aurifero ; nas gopiaras a natureza persiste elaborando os preciosos diamantes, porém essas incalculaveis riquezas cuja existencia apenas se pre-

(1) O illustrado professor Capistrano de Abreu, referindo-se ao trabalho de Frei Vicente, diz o seguinte :

« Foi um grande golpe ás letras patrias não haver sido publicada a *Historia do Brasil* ao tempo em que foi escripta. Seria uma semente cujos fructos já hoje estariamos saboreando. A capitania de S. Vicente que n'estas paginas brilha pela ausencia, começaria desde logo a enfeixar as façanhas dos bandeirantes. Espirito Santo, Porto Seguro, Ilheus dariam logo chronistas. Uma historia mais completa iria aos poucos sendo organisada, e não estariamos na posição cruciante de ter de esperar pelo menos um seculo antes de, publicados documentos, chronicas e monographias, possuirmos um livro que satisfaça ás exigencias contemporaneas do saber. »

sume, acham-se ainda recatadas pela distancia a transpôr e pelas difficuldades a vencer. (1)

Por conseguinte, como não ha ouro nem diamantes a levantar do alveo dos rios com pouco labor e muito lucro, como os proventos que a grande terra descoberta pode dar são unicamente os que se obtem com a exploração agricola ou com a especulação dos productos vegetaes nativos, o Brasil desses oitenta annos é quasi um degredo, um logar de expiação onde Portugal derrama as suas fezes sociaes— o assassino, o ladrão, o moedeiro falso, a mulher *errada*, (2) segundo a pitoresca expressão do jesuita Nobrega, finalmente o avantajado accumulo dos delinquentes e viciosos portuguezes.

Para nós hoje, porêm, merece especial attenção o periodo que vamos estudar porque nelle se completa a descoberta de toda a costa maritima do Brasil desde o Rio Oyapock ou de Vicente Pinzon no extremo norte, até o Rio da Prata nosso limite outr'ora pelo sul, antes de perdermos a Provincia Cisplatina.

Na foz do Oyapock foi plantado um marco assignalando o termino das possessões portuguezas no septentrião; na embocadura do arroyo Chuy, que hoje nos limita ao sul, naufragou em 1502 o navio almirante da esquadrilha de Martim Affonso de Souza.

João da Nova descobre a Trindade, Fernão de Noronha a ilha de seu nome.

Integralisa-se pela descoberta e posse todo o territorio da Patria actual, o qual, apezar das repetidas tentativas dos aventureiros francezes e de outras nacionalidades fica pertencendo aos lusos, porque, se Portugal mostrara-se inhabil despresando Colombo quando este grande homem, animado pelos emprehendimentos do infante D. Henrique, foi revelar aos enfatuados mathematicos de Sagres a portentosa idéa que crepitava no seu cerebro, outro tanto não o foi depois de praticado o alto feito da descoberta, conseguindo arrancar da chancellaria papal, então arbitra suprema das questões

(1) Americo Vespucio, em carta que escreveu ao gonfaloneiro de Florença, Pedro Soderini (1502), assegurou-lhe que no Brasil não havia metaes alguns, nem mercadorias de aproveitar-se, mais que cannafistula e o lenho de tinturaria.

(2) O Padre Manoel da Nobrega, em carta que escreveu para Portugal, pedia que lhe remettessem para o Brasil mulheres, *ainda que fossem erradas*, que promptamente teriam extracção.

na christandade, o traçado de uma famosa divisoria imaginaria que lhe permittia assenhorear-se legalmente de tão vasta, quão opulenta região.

E não é só o facto da conquista, obtida pelo arrojo das nautas portuguezas e mais ainda pelo bom exito das supplicas á Santa Sé, que tornam esta epocha curiosa; interessa-nos igualmente por ser a do primitivo povoamento e sua diffusão, realisado primeiramente pelas feitorias regias e clandestinas situadas á beira-mar ou pelos degradados lançados á plaga inhospita, depois pela divisão da terra em capitanias hereditarias, doadas a quem pudesse povoal-as, e, finalmente, pelo estabelecimento de um governo central, destinado a fornecer impulso mais vigoroso á obra e estabelecer na incipiente colonia a necessaria cohesão administrativa.

A conquista, em primeiro logar, como successo fundamental e dominante dos demais acontecimentos da epocha, o povoamento, em seguida, como complemento daquella e sua consagração positiva, são pois os acontecimentos culminantes e definidores da feição historica do periodo que vamos estudar.

Se não de facto, pois a grande terra brazileira só se submette verdadeiramente ao dominio de Portugal, apoz longos annos de luctas com os indios e de tentativas para devassar o sertão, pelo menos em face do direito europeu a conquista faz-se logo que as caravellas de Colombo regressam á Hespanha, tendo sido sufficiente para isso a disposição de uma bulla pontificia.

O povoamento, porém, effectuou-se muito lentamente, não só pela distancia e riscos maritimos que se interpunham entre nosso paiz e a Europa, como pela difficuldade em adaptar-se o colono ás condições do novo meio physico e bem assim pelo frouxo interesse que as remotas e agrestes terras descobertas por emquanto acordavam nos povos e governos de Portugal. Só trinta annos depois da viagem de Cabral é que se funda a primeira colonia regular, tal é no entanto a energia da raça colonisadora, que meio seculo depois do estabelecimento de S. Vicente, já o portuguez enxaméa todo o littoral, desde Itamaracá a Cananéa.

Não é muito farto de episodios dramaticos o trecho historico que vamos percorrer: os factos, surgindo quasi sempre pela impulsão do esforço collectivo, poucas vezes poem em evidencia os seus autores; nas scenas

apenas figuram massas confusas, os feitos de realce historico, são geralmente anonymos e os personagens mais salientes, ou rastejam pela trivialidade ou apparecem desfigurados por lendas infantis ; ainda assim no entanto, nosso interesse despertar-se-ha em diversos pontos da jornada que vamos fazer atravéz desses primeiros oitenta e um annos da historia patria. O espectaculo grandioso de uma civilisação nova e adiantada invadindo repentinamente um paiz em que o homem se achava ainda no atrazo do periodo da pedra polida ; os conflictos dos portadores dessa civilisação com o aborigene, que apoz uma lucta desigual abandona ao invasor a mais bella e proveitosa porção dos seus dominios e affunda-se no amago do paiz ; o estabelecimento das primeiras industrias, que pelo trabalho do negro saccudido a chicote, constituem-se em copiosas fontes da riqueza colonial ; o prelio travado nas aguas da Guanabara com os francezes que nas plagas do novo mundo procuram uma Patria e o remanso em que fluctuem tranquilamente suas crenças chicoteadas na Europa pelo rebojo do fanatismo intolerante ; a penetração das florestas pelo jesuita macilento e abnegado que se dirige á brenha para levar ao gentio o verbo da moral christã e mais alguns outros factos parecem-nos sufficiente para quebrar a monotonia deste primeiro percurso que começa ao divisar Pinzon as terras proeminentes do cabo de la Consolacion e termina ao ser empolgada esta região por Philippe II de Castella, o sombrio demonio do Meio Dia, execrando carrasco das liberdades flamengas.

CAPITULO I

PRELIMINARES

Antes de encetarmos propriamente o estudo da historia do Brasil é mister nos prepararmos com alguns conhecimentos relativos ás grandes navegações realisadas nos derradeiros annos do seculo XV, as quaes, rematando na descoberta do Novo Mundo, levantaram nossa Patria e todas as nações americanas do mysterio desse *Mare Tenebrosum*, onde a insciencia e a phantasia dos povos antigos situavam um Averno horrido, povoado de monstros e demonios.

Os Northmen. — Pelo estudo das antiguidades americanas, devemos crêr que a America, lá pelo seculo X da era christã, tenha sido visitada por intrepidos navegantes dos paizes septentrionaes da Europa, os *northmen* (homens do norte), os quaes, ao continente descoberto impuzeram o nome de *Vinland*.

A esse respeito a Sociedade dos Antiquarios do Norte, com séde em Copenhague, capital da Dinamarca, publicou uma importante e volumosa obra intitulada *Antiquitates americanæ sive scriptores septentrionales rerum ante-columbianarum in America* e por este livro, em o qual se reproduzem vetustas chronicas ou *sagas* scandinavas, sabemos de diversas viagens ás plagas americanas pouco antes e logo depois do anno mil.

Biarne Heriulfson, segundo o que se lê no mencionado livro, visitou a America em 986; segue-se-lhe Leif Erikson que em 994 aporta ás praias septentrionaes do nosso continente, ao qual dá o nome de *Vinland*, pela grande abundancia de parreiras sylvestres que ahi encontrou; no anno 1002, Thorwald Erikson, irmão do precedente, parte da Groenlandia e explora regiões mais meridionaes, sendo morto pelos naturaes do paiz e, pouco depois, tambem morre na Vinlandia Thorstein Erikson que a esta região tinha vindo com o piedoso fim de conduzir para a Islandia o corpo de seu irmão Thorwald. Em 1008, Thorfinn, acompanhado de numerosa comitiva se

estabelece em Vinland, e, finalmente, relatam ainda as *sagas* mais authenticas uma viagem á America emprehendida por Freydisa, Helge e Finnboge.

Estas descobertas, porèm, comquanto attestadas em documentos dignos de credito e comprovadas até por algumas denominações de logares que ainda se conservam, taes como *Foundland* (Terra Nova), não produziram impressão alguma na Europa d'essa epocha; as arrojadas viagens dos Northmen ao paiz de Vinland permaneceram durante a successão das eras no mais profundo olvido, até que a erudição moderna fosse encontrar vestigios das mesmas na poeira dos alfarrabios.

Incentivos ás grandes navegações do seculo XV.—O zelo religioso, impaciente por applicar-se em obras que grangeasse renome apostolico, o amor ás aventuras guerreiras, não sopitado com o grande movimento das crusadas e sim conservado em estado latente pelas continuas luctas feridas com a Mourama que ainda occupava o septentrião africano e a sêde de lucros faceis em rendoso commercio, taes foram os incentivos ás grandes navegações do seculo XV, as causas que, estimulando as actividades da população iberica, forçaram os mares a lhes revelar o arcano millenar dos seus segredos.

A India era para a Europa de então o paiz maravilhoso das riquezas; de lá vinham, por intermedio das caravanas arabes, as caras e preciosas tapeçarias; de lá vinham os finissimos tecidos de lã e seda, os diamantes de Golconda, as perolas de Ceylão, o ouro e as gemmas de valor; de lá vinham o ebano e o marfim, o sandalo, o incenso, a myrrha e resinas preciosas.

Genova e Veneza possuiam o monopolio do trafico no Mediterraneo e as caravanas continuamente despejavam nos seus emporios commerciaes do Levante as sedas da China, as especiarias, as madeiras de tinturaria, o algodão, as pedras preciosas da India, os perfumes da Arabia, os tecidos de damasco, os pannos de Tarso, o assucar, o cobre, as tapeçarias, o ouro, as pennas da Africa interior, as pelles, o canhamo, o alcatrão, permutando-se esses artigos por azeite, vinhos, fructas seccas, armas de luxo, coraes fabricados em Genova, pannos de Champagne, lã, chumbo, estanho de Inglaterra.

Supplantar o poderio commercial das republicas italianas no Mediterraneo era empreza insensata; tentar

alcançar a India por via terrestre era impossivel, pois não o permittia o fanatismo e a intolerancia religiosa dos mussulmanos que occupavam as regiões a transpôr.

Preciso era por conseguinte descobrir a nova estrada afim de ir ter a essa lendaria Cathay, a terra das preciosidades, onde, segundo a tradição, existia um poderoso rei christão, o Preste João que saberia largamente recompensar os trabalhos e fadigas de seus irmãos em Christo do occidente.

E como essa estrada só podia ser encontrada nas aguas, começaram as tentativas para dobrar o continente africano, empreza illustre que preoccupava todos os espiritos, pois ambiciosos de bens de fortuna e ambiciosos de dilatação da fé catholica ou de glorias marciaes todos tinham o desejo n'essa terra longiqua da India, havia riquezas incalculaveis a adquirir, infieis a converter á lei do Evangelho e pelejas continuas a renhir.

A descoberta da America teve origem nesses esforços, cumpre-nos pois registral-os.

O infante D. Henrique. — A iniciativa dos grandes descobrimentos de terras realisados no seculo XV cabe inquestionavelmente ao infante D. Henrique, filho de D. João I, soberano de Portugal e de D. Philippa de Lencastre, irmã de Henrique IV, rei de Inglaterra.

Não podendo D. Henrique aspirar ao throno portuguez, por ser o quinto filho do rei, procurou no estudo e em commettimentos scientificos grangear para o seu nome as attenções da historia.

Assim applicou-se ás mathematicas e seus diversos ramos, recolhendo-se a Sagres, no Algarve, onde um grupo de estudiosos portuguezes e sabios estrangeiros o cercou, permittindo-lhe fundar n'esse retiro um observatorio astronomico e uma escola naval.

Com essas duas instituições scientificas D. Henrique despendia a maior parte dos seus avultados rendimentos de Grão-Mestre da Ordem de Christo, nunca porém o dinheiro arrancado ao povo pela religião foi tão bem applicado, pois n'essas casas de ensino se illustraram os nautas impavidos, que, dando expansão ás tendencias dominantes em toda a Peninsula Iberica, devassaram o mysterio do pego tenebroso e por terras longiquas assignalaram o genio da nação portugueza.

As primeiras descobertas.— Os resultados immediatos do extremado zelo do infante D. Henrique pelas cousas da navegação foram os seguintes:

O Cabo Não, situado no reino de Marrocos em Africa, e na extrema occidental do Atlas, que até então era considerado como o limite maximo da navegação e a respeito do qual até se dizia— Quem passar o cabo Não voltará ou não – foi dobrado em 1412; as ilhas Canarias, que os Hespanhoes haviam descoberto em 1402, foram perfeitamente exploradas pelos marinheiros do Infante em 1415; em 1420 João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira descobrem a ilha da Madeira; em 1433 ou 1434 Gil Eannes do Lago dobra o famoso cabo Bojador; Antão Gonçalves e Nuno Tristão chegam em 1441 ao Cabo Branco, Costa do Ouro e Senegal e algum tempo depois são descobertos os archipelagos dos Açores e Cabo Verde, tendo o Infante conseguido do Papa Martinho V uma bulla que concedia a Portugal, por investidura, a posse de todas as terras descobertas e por descobrir desde o Cabo Bojador até as Indias Occidentaes.

O notavel principe, a quem Portugal tanto deve, falleceu em 13 de Novembro de 1460; os lusos, porém, já se achavam lançados na via das descobertas maritimas e assim, até 1471, foram descobrindo as costas de Guiné e da Senegambia, as ilhas de Fernando Pó, Anno Bom, S. Thomé, Principe e todas as terras africanas até os limites septentrionaes do Congo, tomando Affonso V por esse motivo o titulo de— *Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa.*

Em 1481 Jorge de Azambuja constróe o forte de S. Jorge de Mina e Diogo Cão no mesmo anno chega até o rio Zaire, acrescentando então D. João II, soberano de Portugal, aos seus titulos o de *Senhor de Guiné.*

N'essa epocha D. João II tentou uma expedição terrestre, contrariando assim o plano traçado pelo infante D. Henrique. Como era de esperar foi mal succedida essa expedição; Affonso de Paiva, um de seus commandantes, morreu no Cairo e Pedro da Covilhã, outro commandante, do centro da Ethiopia em que se achava, mandou dizer ao rei que persistisse nas tentativas afim de dobrar o continente negro, pois, conseguido este intento, poderiam as naus velejar com segurança para a India.

Bartholomeu Dias.— Pouco antes de haver partido a expedição terrestre de Affonso de Paiva e Pedro da Covilhã, D. João II mandou preparar dois navios de 50 toneladas apenas e uma embarcação ainda menor para transporte de provisões, dando o commando da esquadrilha a Bartholomeu Dias. Como auxiliares deste

iam seu irmão Pedro Dias, commandando o navio de mantimentos, e João Infante, commandando o outro navio.

A esquadrilha fez-se ao largo em 2 de Agosto de 1496, e, apoz muitos mezes de difficil viagem em que dobrou o famoso cabo sem o perceber, Bartholomeu Dias, coagido pela tripolação da qual apossou-se o terror, voltou para Portugal, avistando então o referido cabo a que deu o nome das *Tormentas*, em lembrança das medonhas tempestades que junto a elle soffrera.

Bartholomeu Dias chegou a Lisboa em Dezembro de 1487 e D. João II, animado pela noticia que o seu piloto lhe trouxera, mudou o nome do cabo para o de *Boa Esperança*, «nome, diz Frei Francisco de S. Luiz, que será em todas as edades, para o monarcha portuguez e para toda a nação, um titulo incontestavel de gloria, superior ao despeito, ao baixo ciume e á inveja dos estrangeiros.»

Christovão Colombo. — Na chronologia dos annaes maritimos, apoz o nome do grande Bartholomeu Dias, surge o de Colombo, a figura mais proeminente da historia da navegação.

A Italia, onde nascera Christovão Colombo, era o paiz que até então mais se avantajara em emprehendimentos maritimos. Desde a mais remota Edade Media Amalfi, Pisa, Genova e Veneza communicavam com os barbaros do Levante e de seus portos zarpavam navios em direcção á Asia Menor e ao Mar Negro, de onde seguiam por terra expedições que penetravam nos confins da Asia. No seculo XIV navios ligurios transpuzeram as famosas columnas de Hercules e tocaram nas Canarias, na Madeira e nos Açores ; desde esse tempo tambem tornou-se delles conhecido o roteiro para a Gran-Bretanha e Mar do Norte. Ao tempo de D. Diniz, era um italiano, Emmanuel Pessagno, o almirante da frota portugueza; Perestrello, o primitivo povoador da Madeira era natural de Genova, e bem assim Usodimare e Antonio da Noli, que juntamente ao veneziano Alvise Cadamosto, exploraram a Senegambia e as ilhas de Cabo Verde, no meado do seculo XV.

Já se vê pois que Colombo não é na historia da navegação um phenomeno de grandeza excepcional ; pelo contrario, avantajando-se aos seus compatriotas na importancia dos descobrimentos maritimos que realisou, elle não fez mais que accentuar um progresso já suffi-

cientemente firmado, sem que por isso deixasse de pertencer á sua epocha, da qual padecia os preconceitos religiosos e estimava exageradamente as distincções nobiliarchicas.

Christovão Colombo nasceu em Genova em 1445 ou 1447 e seu pae era um humilde tecelão de lãs; bem modesta estirpe para quem mais tarde devia ser almirante de Castella e vice-rei das Indias!

Estudou, não se sabe bem aonde, o latim, a geometria, a cosmographia, a astronomia e o desenho; exerceu durante algum tempo a profissão paterna, viajou depois pelo Mediterraneo, ou como marinheiro, ou como mercador, e em seguida dirigiu-se a Portugal, onde se casou com D. Philippa Muniz, filha de Bartholomeu Perestrello, primeiro senhor e capitão hereditario da ilha de Porto Santo.

Em Portugal deparou-se-lhe ensejo de cursar o Atlantico para o sul até Guiné e para o norte até as Ilhas Britanicas e apoz essas viagens começou a formar o plano de chegar á India pela rota do poente, ao contrario do que até então haviam feito os capitães portuguezes, que buscavam a mesma região agarrando-se ás costas do continente africano.

Seus estudos cosmographicos tinham-lhe demonstrado a esphericidade do planeta, theoria que o celebre Toscanelli, medico e physico de Florença, já havia sustentado em uma carta datada de 24 de Julho de 1474 e dirigida a Fernão Martins, confessor do rei de Portugal, carta da qual Colombo recebera uma copia enviada pelo proprio Toscanelli, e bem assim um mappa pelo mesmo traçado.

Durante algum tempo ruminou o seu projecto procurando argumentos e provas que o convencessem da exiquibilidade do mesmo e em seguida dirigio-se ao rei de Portugal, propondo-se a commetter a portentosa empreza.

O rei mandou examinar o plano por seus sabios, por Diogo Ortiz, seu confessor e bispo de Ceuta e pelos dois medicos reaes Rodrigo e Fernando. Todos foram accordes em reprovar o referido plano e em taxar de phantasiosas as supposições de Colombo, que, abatido e pobre, ferido nas suas affeições domesticas pela morte da esposa e contrariado nas suas nobres ambições pelo desprezo com que o acolhiam as summidades scientificas do paiz, abandonou Portugal, e em companhia de um

filho de menor idade, acolheu-se á Hespanha, acontecimento que os seus biographos fixam em fins de 1484, ou principios de 1485. (1)

Foi primeiramente residir no porto de Santa Maria onde se relacionou com o duque de Medina Cœli, o qual propoz-se a advogar o seu projecto junto á rainha Izabel, soberana de Hespanha.

Animado por esta protecção, Colombo transportou-se a Madrid e, como pretendente ao favor real, vemol-o curtir resignado dezoito longos annos de provações e anciedades, nos quaes affrontou, sem quebrantar a fé na sua grande idéa, a pobreza, o ridiculo, as intrigas palacianas, a insolencia dos grandes e o motejo dos ignorantes, até que afinal, quando desanimado de obter o que pretendia, se preparava a levar a sua petição a uma nova corte — a de França, os reis de Hespanha consentiram em proporcionar-lhe os navios tão insistentemente pedidos.

Apromptou-se logo a esquadrilha, que ficou composta de tres pequenas caravellas : a *Santa Maria*, da qual Colombo tomou o commando ; a *Pinta*, commandada por Martin Alonso Pinzon e a *Nina*, commandada por Vicente Yanez Pinzon e a 3 de Agosto de 1492 a mesma levantou ferro do porto de Palos, buscando a India pelo ignoto roteiro do poente.

A travessia foi penosa para Colombo, principalmente pelo desanimo da tripolação, a qual elle procurava illudir escripturando dois diarios : um, secreto, no qual inscrevia exactamente a distancia percorrida, segundo a sua estimativa e outro, publico, no qual diminuia dez ou doze leguas por dia. Todos os seus enfados, porém, dissiparam-se e sua alma nadou no mais ineffavel dos jubilos, sufficientemente compensativo das suas longas anciedades, quando na madrugada de 12 de Outubro seus olhos pousaram n'uma terra que surgia no horisonte.

Essa terra, segundo os calculos mais provaveis era a ilha de Guanahany ou de S. Salvador, uma das Bahamas. Estava descoberta a America ; pelo genio, pela ousadia e pela constancia do obscuro filho do tecelão de

(1) Querem alguns autores que Colombo não tenha perdido a esposa e sim abandonado a familia e Portugal por precisar fugir ás justiças da terra, com as quaes se compromettera.

Genova, consumara-se o facto mais notavel e de maior alcance dos tempos modernos.

Colombo foi na Hespanha cumulado de honras, porém annos depois a perfidia e a ingratidão tramaram contra o seu bem estar e conseguiram despojal-o dos titulos e proventos que tão digna e gloriosamente alcançara.

Morreu pobre e consumido de desgostos aos 20 de Maio de 1506, na cidade de Valladolid e só então é que o soberano de Hespanha, naturalmente mordido pelo remorso, procurou remir as suas faltas para com o grande homem, mandando erigir em sua honra um monumento com a divisa : — *A Castylla y a Leon nuevo mundo dió Colon.*

Vasco da Gama.— Ainda um grande navegante illustra os annaes maritimos antes de inscrever-se n'elle a descoberta do Brazil. Esse nauta celebre é Vasco da Gama.

Tendo D. Manoel subido ao throno de Portugal em 1495, mandou Vasco da Gama com 4 navios e 160 homens em 1497 dobrar o Cabo de Bôa Esperança que Bartholomeu Dias havia descoberto.

Os navios de Vasco da Gama eram : o *S. Gabriel*, sob o seu immediato commando, o *São Rafael*, commandado por Paulo da Gama, o *Berrio*, commandado por Nicolau Coelho e o *São Miguel*, navio de mantimentos sob o commando de Gonçalo Coelho. Este ultimo navio, segundo as instrucções que Vasco da Gama levava, devia ser queimado na angra de S. Thomaz, depois de dobrado o Cabo da Bôa Esperança, sendo os mantimentos repartidos pelas outras embarcações.

Tendo Vasco da Gama chegado á Ilha da Cruz, ultima terra assignalada por Bartholomeu Dias, fez-se de rumo para Sofala e aportou em Moçambique em Março de 1498 ; em seguida dirigio-se para Quiloa e d'ahi as correntes maritimas o levaram a Mombaça. Continuando a sua jornada tocou em Melinde e Calicut, nas costas do Malabar, de onde foi forçado a retroceder em consequencia de ciladas que lhe armou o Samorim.

Vasco da Gama chegou a Lisboa em 29 de Agosto, de volta da sua grande e memoravel viagem, uma das mais notaveis que a historia das navegações registra e com a qual ao soberano portuguez foi permittido adduzir aos seus já numerosos titulos os de *Senhor da Navega-*

ção, da Conquista e do Commercio da Ethiopia, da Arabia, da Persia e das Indias.

Dos 160 homens da expedição apenas voltaram 67.

D. Manoel recompensou o seu illustre capitão fazendo-o Conde da Vidigueira, dando-lhe o tratamento de *Dom*, o habito de Christo, a patente de Almirante das Indias Occidentaes e uma pensão de 300$000 annuaes.

Mais afortunado que Colombo, Vasco da Gama gosou tranquilamente o premio de seus serviços até á morte, sem que a fortuna lhe soprasse adversa.

——

Assim fechava-se o seculo XV, revelando nos seus derradeiros annos a existencia do grande continente americano e o roteiro da India pelos mares sul-africanos.

Transponhamos agora os humbraes do seculo XVI, que n'elles começa a historia de nossa Patria.

CAPITULO II

SUPPOSTOS E VERDADEIROS PRECURSORES DE CABRAL

Não estão de accôrdo os autores quanto ao primeiro descobridor do Brazil, fazendo o orgulho nacional dos povos com que a França, a Hespanha e Portugal disputem entre si essa gloria para seus filhos.

Mencionando todas as pretenções justas ou descabidas que até hoje têm surgido, daremos em seguida o valioso juizo do erudito professor Capistrano de Abreu que, com grande cópia de provas e lozica argumentação, proclamou a verdade sobre esse primeiro e obscuro facto de nossa historia.

Jean Cousin. — Querem alguns francezes que o Brasil tenha sido descoberto em 1488 pelo seu compatriota Jean Cousin, natural de Dieppe. (1)

Esta pretenção, que se fosse justificada iria fanar os laureis do proprio Colombo, por falta de argumentos solidos e provas reaes nem mesmo em França conseguio ter grande aceitação.

Alonso d'Hojeda. — Pretendem alguns escriptores, e Varnhagen é contado n'esse numero, que Alonso d'Hojeda, navegante hespanhol, foi o primeiro descobridor do Brazil.

Segundo a opinião desses autores, Alonso d'Hojeda, acompanhado de Americo Vespuccio e do piloto biscainho Juan de la Cosa, encontrou uma terra alagada aos cinco gráos da linha equinocial em fins de Junho de 1499, terra essa que Varnhagen presume ser a foz do Rio Assú, no Estado do Rio Grande do Norte.

Ainda segundo Varnhagen, Alonso d'Hojeda quiz proseguir na sua viagem com rumo de lesnordeste,

---

(1) DESMARQUETS. *Memoires chronologiques pour servir á l'histoire de Dieppe.* — GAFFAREL. *Jean Cousin en la decouverte de l'Amerique avant Christophe Colombe.* GAFFAREL. — *Histoire du Bresil français.*

não lh'o permittindo no entanto as correntes maritimas que o levaram a Cayenna, hoje capital da Guyana Franceza. (1)

Esta versão não é aceita por todos e depois do trabalho do eminente professor Capistrano de Abreu, a que já nos referimos (2), ainda mais difficil se torna o seu curso.

João Ramalho. — Um outro pretendente á descoberta do Brasil surge na pessôa de João Ramalho, o celebre genro do cacique Tebyriçá que Martim Affonso de Souza encontrou em 1532, entre os Goyanazes.

Frei Gaspar da Madre de Deus (3) pretende ter visto em S. Paulo uma cópia do testamento original de João Ramalho, em o qual este por duas vezes asseverou que vivia no Brasil ha alguns noventa annos.

Ora, tendo este testamento a data de 1580, João Ramalho devia ter aportado ao Brasil em 1490, e, por conseguinte, antecederia Colombo na descoberta da America.

Dado, porém, que se preste todo credito á noticia de Frei Gaspar, outro tanto não se póde conceder ao theor do testamento, ditado por um macrobio, em cujas funcções intellectuaes podia já haver graves desiquilibrios.

Além disso é muito natural que João Ramalho, sem o recurso dos calendarios e vivendo tantos annos entre selvagens, se equivocasse em dez ou mais annos na contagem do tempo.

Vicente Yañez Pinzon. — Se quanto á chegada de Pinzon estão de accôrdo todos os chronistas e historiadores, não póde hoje subsistir mais duvida alguma de que foi elle o primeiro descobridor do Brasil.

Vicente Yañez Pinzon era natural de Palos, na Hespanha e da familia dos Pinzones, excellentes marinheiros.

Pinzon acompanhara Colombo na sua celebre viagem, como commandante da *Nina*, uma das tres caravellas que partiram de Hespanha á descoberta da India pela rota do poente.

---

(1) Varnhagen. — *Historia geral do Brasil.*

(2) Capistrano de Abreu. — *Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no seculo XVI.*

(3) Frei Gaspar da Madre de Deus. — *Noticia dos annos em que se descobrio o Brazil e das religiões e suas funcções*, publicadas no T. X *da Revista do Instituto Historico.*

Assim obteve Pinzon conhecimento da grande terra americana, das condições de navegabilidade de seus mares e principalmente das correntes maritimas do Atlantico.

Sete annos mais tarde, Pinzon obteve, juntamente com seu sobrinho Ayres Peres, a concessão de ir em busca de novas terras, partindo de Palos para esse fim em Dezembro de 1499, com quatro embarcações.

Ganhando Cabo Verde, governou Pinzon para sudoeste e a 26 de Janeiro de 1500 avistou uma terra á qual deu o nome de *Cabo de Santa Maria de la Consolacion.*

Quer a maioria dos autores que essa primeira terra brasileira descoberta por Pinzon fosse o Cabo de Santo Agostinho, Varnhagen apresenta no entanto argumentos que fazem crer que tenha sido a Ponta de Mucuripe, no Ceará. (1) Não conseguindo entrar em negociações com os selvagens, nas mãos dos quaes pereceram dois homens da tripolação, fizeram-se os hespanhoes de vela para o norte e foram ter á gigantesca foz do Amazonas que tomaram por um mar de agua doce.

Os selvagens das numerosas ilhas, situadas na embocadura do maior rio do mundo, acolheram hospitaleiramente os aventureiros; estes, porém, ou em represalia pelo assassinato de dois dos seus no Rio Grande do Norte ou Ceará, ou por ganancia, apoderaram-se de trinta dessas inoffensivas creaturas afim de vendel-as como escravas. (2)

Deixando o Amazonas, Pinzon seguio costeando para o norte e descobrio o Oyapok que ficou se chamando *Rio de Vicente Pinzon.*

Em seguida fez se de vela para a ilha da Trindade (3), onde soube, que as terras por elle descobertas, pertenciam a Portugal, em virtude do disposto pela Curia Romana.

A pororoca. — Vicente Yanez Pinzon foi o primeiro viajante europeu que observou a *pororoca*, curioso

(1) Ayres do Casal e Robertson pretendem que seja o Cabo Norte, no Estado do Pará, baseados em phenomenos que o proprio Pinzon mencionou como caracteristicos do ponto por elle descoberto.

(2) Roberto Southey. — *Historia do Brazil.*

(3) Não é a nossa Trindade, descoberta por João da Nova em 1501 e sim uma outra de igual nome, pertencente á Inglaterra e situada um pouco ao norte da foz do Orenoco.

phenomeno produzido pela maré na foz dos rios Amazonas, Mearim, Guamá e outros, contra o qual luctaram suas embarcações.

Como o alveo dos rios é profundo e largo, as suas correntes são tão rapidas que suspendem a enchente da maré por largo tempo, resultando desta opposição ondas encapelladas, chamadas *pororocas*, que depois de vencerem tudo quanto vasou em quasi nove horas, enchem em menos de um quarto, ficando a maré caminhando para cima tres horas completas com uma rapidez vertiginosa.

Ha sitios abrigados da correnteza a que se dá o nome de *esperas*, onde as canoas aguardam a decisão do combate e continuam a viagem sem perigo (1).

A palavra *pororoca* vem do guarany *pororog*, estrondo ou ruido. Na India Portugueza dá-se a este phenomeno o nome de *macaréo*.

Questão do Amapá.—O nome do descobridor do Brasil acha-se ligado á palpitante questão de limites entre o Brasil e a Guyana Franceza, questão secular irritada modernamente pelo aggressivo desembarque que a tripolação do navio de guerra francez *Le Bengali* operou em 1895 no territorio do Amapá, região comprehendida entre os rios Araguary e Oyapock.

Assim, algo diremos sobre ella, já que nos occupamos de Pinzon.

O rio Oyapock ou de Vicente Pinzon, descoberto pelo navegante hespanhol, foi pelo tratado de Tordesilhas que a Curia Romana confirmou, considerado o limite das possessões hespanholas, tendo já D. Manoel, soberano de Portugal encarregado a um de seus pilotos de collocar na sua fóz um marco divisorio.

Tendo depois a região situada ao norte do Oyapock passado ao dominio francez suscitaram-se duvidas, sendo afinal restabelecido o limite pelo tratado de Utrecht que se firmou em 1712, apoz longos debates entre os representantes dos dois paizes.

Por um novo accôrdo entre o rei de Portugal e o rei de França ficou ainda estipulado que o Oyapock assignalaria o limite das respectivas possessões e a Guyana Franceza estender-se-hia da parte do occidente até 322 gráos, segundo o meridiano da ilha do Ferro.

(1) Ayres do Casal.—*Corographia brasilica.*

Por conseguinte, não só pelo padrão que D. Manoel mandou levantar e que Carlos V respeitou, como pelo disposto no tratado de Utrecht em 1712 e ainda mais pela convenção dos dois governos em 1816, o direito das gentes confere ao Brasil a posse do territorio do Amapá, situado entre os rios Araguary e Oyapock.

A França, no entanto, nos contesta esse direito baseada nos tratados de Madrid e Badajoz celebrados em 1801, em os quaes o plenipotenciario francez Luciano Bonaparte obteve para a Republica que a Guyana franceza se estendesse até Macapá e o cabo Norte.

Allega tambem que, no tratado de Amiens de 25 e 27 de Março de 1802, os limites entre o Brasil e a França foram fixados na embocadura e ao norte do Araguary, de onde se devia tirar para o occidente uma linha até o Rio Branco.

Taes razões, no entanto, em bom direito não podem prevalecer: a primeira porque existe o tratado de 1816 que é posterior aos de Badajoz e Madrid e que annula o que nestes se regulou; a segunda porque D. Maria I não se fez representar em Amiens e para que um tratado seja valido é mister que as partes interessadas concordem.

Em conclusão: o Amapá nos pertence e se fôr acatado o direito internacional o rio descoberto por Vicente Pinzon continuará a limitar o Brasil ao norte (1).

Diego de Lepe. — Outro hespanhol, Diego de Lepe, aportou ao Brasil antes de Cabral.

Segundo consta de documentos fidedignos, Lepe descobrio em Fevereiro ou Março de 1500 o cabo de Santa Maria de la Consolacion (ou de Santo Agostinho) a que deu o nome de *Cabo de Rostro Hermoso* e velejando ao principio para o sul e depois para o noroeste realisou quasi a mesma derrota de Pinzon, tendo soffrido muitas hostilidades dos indigenas do littoral do Maranhão.

Diego de Lepe foi enforcado annos depois pelos portuguezes, por ter sido encontrado traficando nas costas da Africa.

(1) O illustrado e laborioso Dr. Teixeira de Mello, actual director da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, sob o titulo *Subsidios existentes na Bibliotheca Nacional para o estudo da questão de limites do Brasil pelo Oyapock*, prestou um assignalado serviço á historia e á diplomacia, reunindo nesse opusculo a noticia descriptiva de todos os manuscriptos e impressos que, podendo elucidar a questão, existem n'aquelle estabelecimento.

Juizo do Professor Capistrano. — Antes de descrevermos a viagem de Cabral, que pelos seus effeitos foi politicamente considerada como a que descôbrio o Brasil, seja-nos licito apresentar as conclusões formuladas pelo illustrado Professor Capistrano de Abreu, apoz o magistral estudo que fez sobre as diversas pretenções á descoberta do Brasil.

« Todos os esforços até hoje feito para recuar o descobrimento do Brasil além de 1500 não têm resistencia á critica, diz o egregio professor.

« A tradicção franceza da viagem de Cousin que fixa a descoberta do Brasil no anno de 1488, não está comprovada e tropeça em difficuldades insuperaveis.

« A viagem de João Ramalho em 1490 ou é uma invenção de Frei Gaspar da Madre de Deus ou não passa de uma mystificação em que elle cahio.

« A interpretação da viagem de Hojeda em 1499, que Varnhagen dá baseando-se nas cartas de Vespucio, tem contra si o testemunho de Hojeda, de Juan de la Cosa, dos companheiros de Pinzon, do proprio Pinzon e todos os resultados apurados no estudo dos textos e na critica dos factos.

« E' portanto, com os documentos de que dispomos incontestavel que o descobrimento do Brasil foi em 1500.

« E foram os hespanhoes que o descobriram, porque Cabral vio terra mais de meado de Abril ; Pinzon vio-a em Fevereiro, e Lepe, quando Cabral ainda nem percebera signaes de terra, já dobrara o Cabo de Santo Agostinho para o sul e tornava para o norte. »

A festa nacional de 3 de Maio.—A Constituição Republicana de 24 de Fevereiro, pela qual nos regemos, consagrou o dia 3 de Maio á commemoração do descobrimento do Brasil.

O dia 3 de Maio, pela correcção do calendario gregoriano, corresponde ao dia 21 de Abril do calendario juliano, data em que Pedro Alvares Cabral chegou ao Brasil.

Ora, estando todos os autores accordes que Vicente Yanez Pinzon e Diego de Lepe foram precursores de Cabral na descoberta do Brasil, a Constituição de 24 de Fevereiro commemora a 3 de Maio o anniversario da chegada dos primeiros portuguezes ao nosso paiz e não a da real descoberta da Patria!

Pelo calendario gregoriano, que hoje seguimos, o anniversario do descobrimento do Brasil cahe em 7 de Fevereiro, data correspondente ao dia 26 de Janeiro de 1500, em o qual Pinzon encontrou o Cabo de Santa Maria de la Consolacion ou de Santo Agostinho.

---

(1) Capistrano de Abreu.—*Descobrimento do Brasil; seu desenvolvimento no seculo XVI.*

CAPITULO III

A VIAGEM DE CABRAL

A divisoria imaginaria.—Logo que divulgou-se na Europa a noticia do portentoso descobrimento de Christovão Colombo, o rei de Hespanha obteve da Curia Romana uma bulla que lhe confirmava o direito de posse sobre as terras que acabavam de ser descobertas.

D. João II, rei de Portugal, que não soube aproveitar Colombo, quando este lhe expoz a theoria da espheridade do planeta, encheu-se no entanto de desgostos pela boa estrella que surgia para Castella e n'este sentido representou ao Summo Pontifice, allegando que a Curia Romana não podia distribuir á Hespanha aquellas terras, pois as bullas pontificias de Nicolão V e Calixto III, conferiam aos principes da dymnastia de Aviz pelos serviços prestados á christandade, todas as terras adquiridas e por adquirir, desde o cabo Bojador até á India (1).

Alexandre VI, Summo Pontifice, attendendo á reclamação do soberano portuguez, mas não querendo igualmente malquistar-se com o rei de Hespanha, traçou sobre um mappa uma linha divisoria passando a 100 leguas dos Açores e de Cabo Verde: as terras para leste pertenceriam a Portugal e as que ficavam situadas a oeste seriam de Hespanha.

D. João II, porém, não se conformou com essa partilha e teve idéa de tentar pelas armas o que não podia obter por meios diplomaticos; com este intento mandou apromptar uma esquadra, cujo commando confiou ao famoso capitão Francisco de Almeida.

Carlos V, no entanto, que se achava em lucta com quasi toda a Europa, na ambição de realisar o seu sonho de monarchia universal, entendeu que era inopportuno indispôr-se com o soberano do visinho reino, e por isso convidou-o a entrar em negociações.

---

(1) *Omnes insulas et terras firmas inventas et inveniendas, dedectas et detegendas versus occidentem et meridiem.* — BULLA PONTIFICIA.

D. João II aquiesceu e mandou á Hespanhá Pero Dias e o chronista Ruy de Pina, os quaes, com Garcia de Carbajal e Pedro de Ayala, embaixadores de Castella, negociaram a 7 de Junho de 1494 o tratado conhecido na historia pelo nome de *Tratado de Tordesilhas*, pelo qual a linha divisoria, traçada pelo papa, deveria passar a 360 leguas da ilha de Santo Antão, do archipelago de Cabo Verde, ficando as terras situadas á oeste pertencendo á Hespanha, e as que se encontrassem á leste sob o dominio de Portugal.

A' negociação d'esse tratado, que foi confirmado pela Curia Romana, assistio D. Manoel, duque de Beja e de Vizeu e depois rei de Portugal.

Partida de Cabral.—Querendo D. Manoel, ao subir ao throno portuguez, assegurar a conquista das Indias, cujo roteiro pelo sul da Africa, Vasco da Gama havia descoberto, como vimos no primeiro capitulo, mandou preparar uma esquadra composta de 10 caravellas e 3 navios redondos, cujo commando confiou a Pedro Alvares Cabral, governador da provincia da Beira e senhor de Belmonte, sendo os outros commandantes Sancho de Thoar, immediato de Cabral na chefia do commando, Nicolau Coelho, que fôra companheiro de Vasco da Gama na sua celebre viagem á India, Simão de Miranda Azevedo, Ayres Gomes da Silva, Simão de Pina, Nuno Leitão, Pedro de Athayde, o famoso Bartholomeu Dias e seu irmão Diogo Dias, Luiz Pires e Gaspar de Lemos que devia commandar o navio de mantimentos.

Segundo as instrucções, Bartholomeu Dias e Diogo Dias deviam ficar em Sofala, onde estabeleceriam uma feitoria.

Foi fixada a partida para 8 de Março de 1500 e na manhã desse dia celebrou-se missa pontifical na ermida do Restello, na capella erecta pelo infante D. Henrique, dedicada a Nossa Senhora de Belem e doada a alguns frades do convento de Thomar.

Essa capella tinha por fim principal administrar aos navegantes os sacramentos da igreja, principalmente em momentos solemnes como este.

A' ceremonia assistiram todos os que deviam embarcar e bem assim grande massa popular e o rei com toda a sua côrte.

Pregou D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, e com muita elevação despertou o patriotismo e o amor da gloria nos

fieis alli reunidos, pintando com as suas eloquentes palavras o quadro das nobres acções praticadas por Vasco da Gama e seus companheiros na India, e concitando os que se preparavam á repetição do arrojado emprehendimento, a se esforçarem ainda mais na dignificação das quinas lusitanas.

Finda a predica o bispo entregou ao rei, depois de benzel-o, um estandarte com as armas de Portugal e o soberano por suas proprias mãos passou-o ás de Cabral. (1)

O capitão desfraldou a bandeira e ao som de trombetas, sistros, atabaques, flautas, tambores e pandeiros, seguiram todos com cruzes alçadas e reliquias, em procissão para a praia, procedendo-se ao embarque.

Fizeram tambem parte da expedição sete frades franciscanos missionarios, sob as ordens do guardião Frei Henrique de Coimbra, ao depois bispo de Ceuta, e mais oito capellães para a esquadra e um vigario destinado a Calicut.

Chegada de Cabral ao Brasil — Cabral ao sahir do Tejo navegou em direcção a Cabo Verde (2) onde fez aguada e depois, para evitar as calmarias reinantes na Costa da Africa que tão penosas haviam sido a Bartholomeu Dias e a Vasco da Gama, aproou para sudoeste, na esperança de poder assim mais rapidamente dobrar o cabo sul africano.

O inexperiente senhor de Belmonte desconhecia no entanto a existencia das correntes maritimas, apezar de terem sido estas já reveladas por Colombo e por isso, fazendo-se muito ao largo, as referidas correntes o levaram mais para oeste do que pretendia, ficando elle muito admirado quando a 21 de Abril, dia em que, segundo os calculos de seus pilotos, achava-se a 660 leguas da ilha de S. Nicolau (3) vio signaes de terra em algumas aves marinhas e em hervas que boiavam á tona da agua.

(1) Esta ilha pertence ao archipelago de Cabo Verde.

(2) Todos os chronistas e historiadores citam este facto, o que prova ser elle uma grande e excepcional distincção.

(3) Um dos navios da esquadra que alguns autores presumem que seja o de Vasco de Athayde e outros o de Luiz Pires ou de Pero de Figueiró, desgarrou indo arribar a Lisboa. *Não havendo tempo forte nem contrario*, como diz ingenua e maliciosamente Pero Vaz Caminha, é de presumir que o capitão d'essa nau desgarrada tenha julgado mais prudente quedar-se tranquillo em Lisboa que commetter as ondas do mar iroso.

Não eram enganosos os indicios, pois effectivamente no dia seguinte, 22 de Abril, avistaram os nautas portuguezes um monte e um negrume prolongado no horizonte que accusava a continuação de terra.

Cabral deu ao monte o nome de *Paschoal*, por ter sido descoberto no oitavario da Paschoa, e á terra denominou-a de *Vera Cruz*.

Gonçalo Coelho seguio para o norte em demanda de porto, o que conseguio depois de transpostas cerca de dez leguas, porto esse que Cabral appellidou *Seguro*, nome que erradamente foi transferido para outro logar, quatro leguas ao sul, chamando-se actualmente *Cabralia*, o porto onde ancorou Cabral (1).

A bordo foram recolhidos dois indios da tribu dos Tupiniquins que tinham sido encontrados em uma jangada, não sendo sua linguagem comprehendida pelos interpretes de dialectos africanos e asiaticos que haviam a bordo.

Tendo os portuguezes tratado benevolamente os dois selvagens e presenteando-os com espelhos, guizos e outras bugigangas, estabeleceram-se bôas relações entre os europeus e os selvicolas que até auxiliaram a tripolação a fazer aguada e lenha para a esquadra.

No dia 26 de Abril foi celebrada a primeira missa no Brazil e no dia 27 preparou-se uma cruz com madeiras do paiz, tendo as armas e a divisa do rei de Portugal, sendo a mesma erguida em 1° de Maio, e proferindo por essa occasião Frei Henrique um sermão sobre as vidas de S. Philippe e S. Thiago, santos que a igreja commemora n'esse dia.

Finalmente, a 2 de Maio partio para Lisboa Gaspar de Lemos ou André Gonçalves afim de levar ao rei a noticia do notavel descobrimento e Cabral fez-se de vela em direcção ao Cabo de Bôa Esperança, com o intuito de ganhar a India que era o termo de sua viagem.

Na terra descoberta ficaram dois degradados e dois grumetes que desertaram de bordo, naturalmente seduzidos pela magnificencia do paiz e pela affabilidade do gentio. Estes foram os primeiros habitantes europeus do Brasil.

Primeira missa no Brasil.—A missa que Pedro Alvares Cabral mandou celebrar em 26 de Abril,

(1) Roberto Southey.—*Historia do Brasil.*

a primeira que se disse no Brasil, teve lugar em um ilhéo que depois se chamou da *Coroa Vermelha*.

Foi celebrante o franciscano Frei Henrique de Coimbra, sendo assistido pelos capellães da esquadra e pelos sete frades que iam em missão religiosa á India.

A bandeira que tinha sido entregue a Cabral pelo proprio rei esteve desfraldada durante a solemnidade e Frei Henrique pregou um sermão, tomando por thema o notavel descobrimento.

Os selvagens, trepados ás arvores da terra firme que ficava fronteira, pendurados aos cipós ou deitados á relva assistiam curiosos e admirados a principal cerimonia dessa religião nova para elles, sem que no entanto deixassem de comprehender que se tratava da pratica de um culto e que todos aquelles padres e frades eram outros tantos pagés dessa gente branca.

Por isso imitavam os portuguezes nas diversas attitudes que tomavam ou gestos que faziam durante a celebração da missa.

A musica sacra deliciou-os, a arenga do frade, porém, em uma lingua que elles não podiam comprehender, enfastiou-os, fazendo-os prorromper em furiosa algazarra que os europeus naturalmente tomaram por assuada.

Acreditamos que Frei Henrique não deveria ficar lisongeado com esta manifestação do auditorio caboclo á exhibição de seus dotes oratorios.

Pero Vaz Caminha.—Pero Vaz Caminha, que fazia parte da expedição de Cabral, deve ser considerado o mais antigo historiador do Brasil.

O navio, que levou a Portugal a noticia da descoberta da terra de Vera Cruz, conduzio igualmente uma carta sua para D. Manoel, em a qual elle fez minuciosa narração do acontecimento e descreveu judiciosamente o aspecto do paiz, seus productos nativos e seus habitantes, tanto quanto lhe fôra possivel saber nos poucos dias que aqui esteve.

Pero Vaz Caminha na sua celebre carta, que hoje tem alto valor historico, mostrou-se observador attento, não sendo despido de belleza e graça o seu estylo.

Os calendarios.—Conforme vimos no paragrapho em que tratamos da festa nacional de 3 de Maio, as datas a que nos referimos no começo d'esta historia não

correspondem ás mesmas de hoje, em virtude da alteração que soffreu o calendario então em vigor.

Assim julgamos de conveniencia terminar este capitulo com algumas linhas historiando os calendarios, afim de que a questão seja bem comprehendida.

O concilio de Nicéa adoptou em 325 o calendario de Julio Cezar. Esse calendario, porém, não era exacto porque o anno tropico não vale 365 dias e $^1/_4$, porém, sim unicamente 365 dias e 0,2422, perfazendo a differença de 3 dias e 0,0944 durante um periodo de 400 annos.

O Papa Gregorio XIII, auxiliado pelo calabrez Lilio, resolveu reformar esse calendario e nesse sentido supprimio dez dias no anno de 1582, decidindo que o dia 5 de Outubro, epocha da publicação da bulla pontifical, se chamasse 15 de Outubro, e, para evitar um novo erro pela intercalação de 3 dias em excesso todos os 400 annos, mandou que se supprimissem 3 bissextos nos annos seculares, todos os 400 annos ou, por outra, conservou como annos seculares bissextos unicamente aquelles cujas duas primeiras lettras (ou numero de ordem) fossem divisiveis por 4.

Esta reforma foi adoptada por todos os paizes christãos, com excepção da Russia, onde vigora ainda o calendario juliano.

CAPITULO IV

DESCOBERTA TOTAL DA COSTA BRASILEIRA

N'este capitulo passaremos em revista as diversas expedições maritimas dirigidas ao Brasil apoz a viagem de Cabral, pelas quaes se completou a descoberta de toda a costa brasileira.

Essas expedições foram ordenadas pelas côrtes de Portugal e Hespanha ou compunham-se de simples aventureiros que atravessavam o Atlantico com o fim exclusivo de traficar com os productos nativos das vastas regiões que o genio de Colombo tinha feito surgir do mysterioso Atlantico.

Pouca lembrança guarda a historia de navios portuguezes arribados a pontos do littoral ao norte do Cabo de Santo Agostinho; apenas se presume que um tal João Coelho cursou os mares septentrionaes de nossa Patria no anno seguinte ao da viagem de Cabral, se portuguezes porém não proseguiram n'essa derrota, as viagens de Pinzon, Lepe e Hojeda foram sufficientes para tornar conhecida toda a costa do norte que, pelo tratado de Tordesilhas, pertencia legalmente a Portugal. O que faltava realmente descobrir era a região situada ao sul de Porto Seguro e é d'isto especialmente que se occupa o presente capitulo.

Armada exploradora de André Gonçalves. —(1501—1502).—Como vimos no capitulo precedente, Cabral ao fazer-se de vela para a India que era o fim de sua jornada, despachou para Portugal um navio com a noticia do seu portentoso descobrimento e el-rei D. Manoel, logo que soube do occorrido, resolveu mandar reconhecer mais minuciosamente a terra, fazendo para isso aprestar uma esquadrilha, cujo commando confiou a André Gonçalves (1).

---

(1) Varnhagen e d'Avezac pretendem que fosse D. Nuno Manoel o commandante d'essa esquadrilha; o senador Candido Mendes, porem, e principalmente o abalisado professor Capistrano de Abreu reclamaram tal gloria para André Gonçalves e,

Este André Gonçalves podia ser muito pratico da vida do mar, como porém a armada por elle commandada não se destinava unicamente a uma travessia e sim a fazer observações geographicas que exigiam conhecimentos particulares, D. Manoel aggregou á expedição o celebre cosmographo florentino Americo Vespucio, naturalmente com uma certa parcella de autoridade no commando da armada.

A expedição partio de Lisboa no anno de 1501, sendo opinião geral que o primeiro ponto do Brasil em que surgio foi o Cabo de S. Roque, aos 16 de Agosto desse mesmo anno.

Em seguida André Gonçalves velejou para o sul, sempre costeando, plantando padrões, fazendo sondagens, levantando cartas e roteiros e applicando aos logares que encontrava os nomes dos santos dos dias em que o acontecimento se realisava.

Assim foram successivamente descobertos e baptisados :

O cabo de *Santo Agostinho*, em 28 de Agosto.
O rio de *S. Miguel*, em 29 de Setembro.
O rio de *S. Jeronymo*, em 30 do mesmo.
O rio de *S. Francisco*, em 4 de Outubro.
O rio das *Virgens*, em 21 do mesmo.
A bahia de *Todos os Santos*, em 1° de Novembro.
O rio de *Santa Luzia*, em 13 de Dezembro.
O *Rio de Janeiro*, em 1° de Janeiro de 1502.
Angra dos Reis, a 6 do mesmo mez.
A ilha de *S. Vicente*, a 22 do mesmo.

Segundo Varnhagen a esquadrilha seguio ainda até o cabo de Santa Maria, Candido Mendes e Capistrano de Abreu ,fazem no entanto, terminar a excursão em Cananéa, sendo esta a versão que merece mais credito.

A expedição de André Gonçalves limitou-se unicamente a obter conhecimentos sobre a configuração da costa, sendo provavel que nos desembarques que realisou a tripolação pouco se distanciassem das praias; assim, só de modo muito indeciso podia-se na Europa fazer idéa das riquezas naturaes da terra, visto como o

por meio de argumentos irrespondiveis, destruiram a pretenção dos dois autores acima mencionados. Assim damos como commandada por André Gonçalves a primeira armada que veio ao Brazil explorar-lhe as costas.

proprio Vespucio, nas suas cartas a diversos personagens italianos, revelou não estar ainda seguro das mesmas, pois muitas vezes exalta o valor da nova região descoberta e outras vezes diz que as unicas cousas que ella possue de precioso é o pau brasil, a cannafistula e a arvore da myrrha.

Antes de terminar o anno de 1502 já a armada de André Gonçalves achava-se de volta a Portugal.

Rio de Janeiro.—Como acabamos de vêr foi nessa primeira viagem de exploração á costa brasileira, que se descobrio a nossa formosa e ampla bahia do Rio de Janeiro, uma das mais notaveis do globo.

O memoravel acontecimento realisou-se no primeiro dia do anno de 1502 e o capitão portuguez, que talvez por falta de imaginação ou por devoção exagerada, vinha de calendario aberto baptisando com o nome do santo do dia os logares a que chegava, entrando em 1° de Janeiro na nossa bahia e não podendo comprehender que a natureza houvesse rasgado nesta terra um ponto de dimensões tão dilatadas, tomou-a pela fóz de um grande rio e deu-lhe o improprio nome de Rio de Janeiro.

Quando o celebre Fernão de Magalhães, costeando o Brasil afim de realisar a grande viagem em redor do globo que o havia de cobrir de gloria, bem como ao paiz a cujo serviço se achava, aportou ao Rio de Janeiro, julgando ser o primeiro que o penetrava e arrogou-se o direito de applicar-lhe o nome de bahia de *Santa Luzia*, o qual não logrou ser admittido pelos posteros, na verdade sem grande prejuizo.

O que devemos lastimar é que se perpetuasse no nome da capital da grande nação sul americana o grosseiro engano do capitão portuguez, em logar de se conservar nella, como aconteceu em outros pontos mais felizes, a denominação indigena que era a palavra *Guanabara*, de eufonia tão agradavel.

Armada exploradora de Gonçalo Coelho.—(1503—1504).—Não podendo D. Manoel contentar-se com o resultado da expedição de André Gonçalves, que pelo sul não se tinha adiantado sufficientemente de modo a descobrir a ambicionada passagem para Malacca esse *emporio e feira universal do Oriente*, no dizer de João de Barros, nem da Terra de Vera Cruz trouxera informações de valor sobre as suas riquezas naturaes, as quaes, no entanto deviam existir e em abundancia, man-

dou apparelhar uma segunda esquadrilha composta de seis caravellas para tentar novamente a empreza.

Não estão igualmente de accordo os autores quanto ao commandante desta segunda expedição exploradora, comtudo prevalece a opinião de ser Gonçalo Coelho o que a dirigio e como tal a adoptamos. Americo Vespucio tornou a fazer parte desta expedição.

A armada sahio de Lisboa em meiados de 1502 e foi dar á vista de uma ilha que se presume ter sido a de Fernão de Noronha, proximo á qual a capitanea foi de encontro a um rochedo e submergio-se, podendo no entanto salvar-se a tripolação. Gonçalo Coelho mandou Vespucio adiante afim de procurar na ilha um ancoradouro e, como o florentino se demorasse em trazer-lhe a resposta, despachou um outro navio á sua procura e este logo o encontrou, seguindo ambas as embarcações para a Bahia, sob o commando geral do mesmo Vespucio.

E' possivel que um desgarramento involuntario motivasse a deserção desses dois navios, n'um momento em que o resto da esquadra se achava em posição embaraçosa, attendendo porém ao mau humor com que sempre Vespucio refere-se ao commandante em chefe da expedição, ao qual apoda de inepto e vaidoso, temos fundadas razões para attribuir o desmembramento da esquadrilha a uma revolta de Vespucio.

O florentino seguio direito para a Bahia e ahi conservou-se dois mezes, fazendo-se em seguida de vela para o sul, indo aportar em Cabo Frio onde estabeleceu uma feitoria, a primeira que houve no Brasil. Fez depois uma excursão de 40 leguas pela terra dentro, naturalmente na direcção do Rio de S. João ou de qualquer de seus affluentes e a 18 de Junho de 1504 chegava a Lisboa, levando os seus dois navios carregados de páo-brasil.

Vejamos agora o que succedeu a Gonçalo Coelho, que Vespucio julgava perdido, pela sua muita *soberba e loucura*. O commandante portuguez, embora desajudado das luzes do cosmographo florentino, deliberou levar a cabo a empreza de que o haviam encarregado e aprooou decidido para a Terra de Vera Cruz, vindo ancorar na bahia do Rio de Janeiro onde se demorou muito tempo, fundando ahi, segundo parece provavel uma feitoria ou arraial que os indigenas denominaram *Carioca* (casa do branco).

Como lembrança da longa estadia de Gonçalo

Coelho no Rio de Janeiro, este logar nos mappas coevos é denominado *Coelho detentio*.

D'ahi Gonçalo Coelho mandou explorar toda a costa para o sul e os seus pilotos velejaram, segundo alguns autores, até o Cabo das Virgens, junto ao estreito de Magalhães de onde voltaram não só repellidos pelo temporal, como por não poderem julgar que se achavam quasi á entrada da desejada passagem para Malacca.

Não se póde precisar a data em que Gonçalo Coelho regressou a Portugal.

Armada exploradora de D. Nuno Manoel (1505—1506).—A terceira expedição mandada ao Brasil teve por commandante o fidalgo portuguez D. Nuno Manoel, o qual parece ter tido por missão mais descobrir a passagem para Malacca, do que explorar a costa brasileira.

« Segundo a relação confusa e obscura que d'ella nos resta, combinada com as conjecturas luminosas de Varnhagen, os navegantes passaram das seiscenta a setecentas leguas já conhecidas e foram ter á bahia de S. Mathias. D'ahi o mau tempo obrigou-os a retroceder. Vieram descobrindo rios, entre os quaes o da Prata, onde tiveram as primeiras noticias das riquezas e da civilisação do Perú, presa que em breve deveria cahir nas mãos avidas dos hespanhóes. Ha motivo para crer que nesta viagem tomaram parte João de Lisboa e Vasco Gallego, de quem um manuscripto de Alexandre Coelho noticia uma viagem ao Rio da Prata em 1506.» (1)

Arribadas de capitães portuguezes á Terra de Vera Cruz.—Diversas náus portuguezas, seguindo viagem para a India, arribaram á Terra de Vera Cruz, quer a ella trazidas pelas tempestades e impulso das correntes maritimas, quer pela necessidade de fazer aguada e lenha.

Os navegantes de mais nomeada, que arribaram ao Brasil em taes condições, foram: Affonso de Albuquerque, D. Francisco de Almeida, Tristão da Cunha, descobridor da ilha que depois tomou o seu nome, Vasco da Gama e João da Nova que, tendo partido de Lisboa em Março de 1501, descobrio aos vinte e meio gráos de lat-

(1) Capistrano de Abreu. *Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no seculo XVI.*

titude sul uma ilha a que deu o nome de Assenção, o qual foi depois mudado para o de Trindade.

Todas as arribadas a que acima nos referimos realisaram-se entre 1500 e 1506, desviando-se dessa data em diante da terra de Vera Cruz as náus da carreira da India, em virtude de uma modificação introduzida nos roteiros pelo judeu Caçuto e tambem pelo facto de haver Affonso de Albuquerque conquistado Malacca.

Navegantes hespanhoes que cursaram a costa brasileira. — Em 1508 a corte de Castella mandou aos mares americanos João Dias de Sollis e Vicente Yanez Pinson.

Os dois navegantes surgiram em frente ao cabo de Santo Agostinho e foram costeando para o sul até o grão quarenta, erguendo cruzes em todos os pontos que tocavam e tomando posse das terras; desharmonisando-se, porém, os dois chefes deliberaram voltar para a Hespanha, onde Solis foi encarcerado por ficar provada a sua culpabilidade nas dissenções e Pinson galardoado.

Em 1515, no entanto, a côrte de Castella mandou de novo á America João Dias de Solis e este cursou a costa brasileira, entrando em muitos portos, desde o Cabo de S. Roque até o Rio da Prata que os naturaes chamavam *Paranaguassú* e que D. Nuno Manoel já havia visitado em 1506. Solis ao ver a attitude pacifica dos naturaes, desembarcou com cincoenta companheiros, mas internando-se cahiu n'uma emboscada, sendo morto com quasi toda a sua gente. Entre os portos brasileiros que Solis penetrou, destaca-se o formado pela terra firme e a ilha de Santa Catharina ao qual elle deu o nome de *Bahia dos Perdidos*, designação que, segundo Simão de Vasconcellos «indica claramente que encontrou lá gente naufragada, e, portanto predecessores delle no logar, se é que esta denominação não proveio de se terem alli perdido alguns homens da sua propria tripolação.» (1)

Depois do inditoso Solis, surge o nome gloriosissimo de Fernão de Magalhães, o intrepido navegante que descobrio a passagem do Atlantico para o Pacifico e demonstrou praticamente a esphericidade do planeta. Magalhães era portuguez, mas, não tendo o rei de Portugal querido augmentar-lhe a sua moradia de fidalgo passara-se ao serviço de Castella. Eis como Frei Luiz de

(1) Simão de Vasconcellos.—Chronica da Companhia de Jesus.

Sousa, na sua inimitavel prosa, narra o succedido: «Sendo Fernão de Magalhães homem de bom sangue e com fôro honrado na casa real, pretendeu por serviços que tinha feito na India e em Azamor, em Africa, que el-rei lhe mandasse acrescentar sua moradia. E' moradia uma leve quantia de dinheiro e cevada, signalada de tempos antigos a todas as familias nobres do reino que acompanham a côrte, com tal regra que anda de paes a filhos, sem crescer nem subir aquella que uma vez se assignalou, senão mui raramente. E estima-se muito pela dignidade de que se acompanha mais por ser degrau para cousas maiores, que pela substancia do rendimento. Pedio Magalhães este acrescentamento e contentava-se com meio cruzado por mez mais do que já possuia. Que mysterios de estreitezas fazem os reis muitas vezes em cousas que pouco importam, sendo prodigios de prodigalidade em outras? Não houve cousa que dobrasse a el-rei, ou por não devassar aquelle assento da antiguidade, e abrir porta, porque muitos quizessem entrar; ou porque tambem, segundo se affirma, tinha el-rei culpas delle do tempo que assistira em Azamor. Deu-se por aggravado o portuguez, e, como da navegação tinha sciencia e experiencia, foi-se a Castella, pedio navios a el-rei D. Carlos, offerecendo-lhe duas cousas, ambas contra Portugal: primeira descobrir viagem para as ilhas de Malacca mais curta que a nossa; segunda mostrar em bôa razão de mathematica que cahiam aquellas ilhas na demarcação dos reinos de Castella.» Carlos V aceitou o offerecimento de Magalhães, e este, em 1519 commetteu animosamente a empreza de descobrir a passagem para Malacca. Como já vimos entrou no Rio de Janeiro, ao qual, pretendeu impôr o nome de *Bahia de Santa Luzia*, julgando ser o primeiro que nesse porto lançava ferro. Depois velejou para o sul, descobrio o estreito ao qual está ligado o seu nome, atravessou-o e encontrando-se nas aguas do Pacifico navegou até ás Philippinas, indo morrer ás mãos dos naturaes da Ilha Matan. Coube a Sebastião del Cano, seu immediato no commando, completar a primeira viagem em redor do globo, a qual alvorotou jubilosamente Castella e lançou na maior consternação o visinho reino de Portugal, cujo rei, entre despeitado e raivoso, protestou immediatamente.

Os aventureiros.—Tem grande importancia para a historia de nossa patria as pequenas flotilhas que clandestinamente, ou com licença regia começaram a vir ao

Brasil afim de traficar com o precioso lenho da tinturaria.

Não só foi por ellas que se poude avaliar com exactidão a opulencia da vasta região recentemente descoberta, como até deve-se aos aventureiros o nome que ainda hoje ella conserva.

Dentre as expedições de aventureiros que se dirigiram ao Brasil, cita-se como a mais antiga a da *Espoir d'Honfleur*, navio de cento e cincoenta toneladas, commandado pelo francez Binot Palmier de Gonneville que, partindo para a India em 1503 arribou ás costas de nosso paiz e percorreu-as em grande extensão, traficando com os selvagens.

Registra mais a historia a vinda ao Brasil da náu *Bretoa* em 1511. Commandava-a o piloto portuguez João Lopes Carvalho e fora armada por Bartholomeu Marchioni, Benedicto Morelli, Francisco Martins e Fernão de Noronha que haviam obtido licença para commerciar em páu-brasil. A náu *Bretoa* fez o seu carregamento em Cabo-Frio, onde existia a feitoria estabelecida por Americo Vespucio, e voltou para Portugal com cinco mil e nove toros da preciosa madeira, trinta e seis indios escravisados, vinte e tres toiros, dezeseis gatos, dezeseis saguis, quinze papagaios e tres macacos.

Além da *Espoir d'Honfleur* e da nau *Bretôa*, diversos aventureiros vieram ao Brasil durante os primeiros vinte annos depois da descoberta, mas a historia não conservou os nomes de todos, citando-se apenas os dos dieppezes João Ango, pae e filho e João Parmentier.

Pela enumeração que fizemos dos artigos constantes da nau *Bretôa* podemos formar uma idéa do nosso primitivo commercio. Além dos artigos que estão consignados no manifesto d'aquella embarcação sabe-se ainda que alguns navios transportavam algodão, pimenta e pelles de onças ou de outros grandes mammiferos.

O páu-brasil era vendido na Europa a oito ducados o quintal, o algodão a dez, a pimenta a tres, os papagaios e macacos a seis ducados cada um e as pelles a tres ducados. Não sabemos o preço por que eram vendidos os indios escravisados, o que podemos affirmar porém é que esse commercio infame desenvolveu-se muito, pois já em 1526 o bacharel de Cananéa contractava com Diego Garcia o transporte de 800 escravos.

Os productos eram obtidos dos indios pelo escambo de carapuças, guizos, espelhos, canivetes, machados e outros objectos de pouco valor, sendo naturalmente os degradados e os desertores os intermediarios d'esse commercio entre as cabildas e as tripolações dos navios.

Brasileiros e brasis. — Sendo o páu-brasil o principal artigo de commercio que trazia ás nossas plagas as numerosas expedições de aventureiros e constituindo isso afinal uma profissão, embora para alguns clandestina, os que se occupavam em tal mister eram chamados *brasileiros,* pela mesma razão que se dá o nome de baleeiros aos que se occupam na pesca da baleia e o de *negreiros*, aos que outr'ora traficavam em negros da costa da Africa. Deu isto logar a adoptar-se o adjectivo gentilico *brasileiro*, em logar de nos chamarmos *brasilienses* ou *brasilenses*, como seria mais grammatical.

O paiz onde os aventureiros encontravam a appetecida mercadoria era simplesmente a *Terra do Brasil* e esta appellidação vulgar foi pouco a pouco substituindo a denominação official de *Terra de Vera Cruz*, que Cabral lhe dera e bem assim a de *Santa Cruz* que o notavel chronista João de Barros com grande pezar vio cahir em desuso.

Na persuasão de que o paiz descoberto era um prolongamento da India, os primeiros navegantes applicaram aos naturaes o nome de *indios*, designação erronea que se perpetuou, não obstante o esforço dos jesuitas que procuraram introduzir o neologismo *brasis*, na verdade muito mais appropriado, porém ainda assim mal escolhido, por não se prestar a ser expresso no singular.

Pelo que ficou escripto no capitulo que aqui terminamos, vê-se que, embora por viagens muito cursorias, já seis annos depois de descoberto o Brasil, toda a costa tinha sido percorrida; no entanto, diversas circumstancias geographicas e metereologicas determinaram o phenomeno de não espraiar-se a colonisação com igualdade em toda a extensão do littoral, como veremos no seguimento d'esta obra.

Ventos constantes e ponteiros, abundancia de bancos de areia e falta de bons portos no littoral do norte do Brasil e bem assim o terrivel pampeiro que vergasta os mares do sul e tambem a defficiencia de bons surgi-

douros n'essas latitudes tornaram as extremas do paiz pouco accessiveis ao povoamento. Assim veremos a colonisação centralisar-se na parte do littoral compreshendida entre Itamaracá e Cananéa e só quando as vias terrestres tanto para o norte como para o sul, vão tornando-se conhecidas é que vel-a-hemos espraiar-se por toda a extensão do littoral, facto esse pelo qual foi preciso esperar mais de um seculo, tanto influe o meio physico no destino das nações.

CAPITULO V

PRIMITIVO POVOAMENTO DO BRASIL

Por primitivo povoamento do Brasil devemos comprehender os diversos estabelecimentos de europeus na grande terra descoberta por Pinzon desde 1500 até a divisão do paiz em capitanias hereditarias.

As feitorias. — Na primeira phase do colonato do Brasil apparecem as feitorias, quer estabelecidas por aventureiros, quer fundadas por disposição governamental.

As feitorias não eram ainda verdadeiros nucleos coloniaes, pois com ellas, nem governo, nem particulares propunham-se ainda a povoar a terra. Apenas representavam simples destacamentos encarregados de preparar os carregamentos de páu-brasil que as embarcações deviam transportar para a Europa e bem assim conseguir dos selvicolas pelo escambo de bugigangas e objectos de pouco preço, os demais productos do paiz que podiam constituir artigos de commercio.

Se os individuos que formavam taes feitorias applicavam-se á agricultura era com a maior indifferença, pois as mesmas em geral tinham vida muito ephemera e não offereciam as garantias de estabilidade que a agricultura requer para poder desenvolver-se.

Indefezas como se achavam, viam-se frequentemente attacadas pelos selvagens, saqueadas por corsarios, quando portuguezas, ou destruidas pelas tripulações lusitanas, quando estrangeiras.

De poucas feitorias guarda a historia memoria. Sabe-se apenas que existio uma em Cabo Frio, fundada por Americo Vespucio em 1504, outra no Rio de Janeiro, fundada por Gonçalo Coelho no mesmo anno, que Diego Garcia, o individuo que contracta com o bacharel de Cananéa a compra de 800 escravos indios, fundara uma feitoria hespanhola em Santa Catharina e que Christovão Jacques estabelecera as feitorias dos *Marcos* e de *Pernambuco*.

Os degradados desertores e naufragos. — Os primeiros europeus que passaram a habitar o Brasil foram ou degradados ou desertores e bem assim alguns naufragos; alguns tomavam os usos e costumes dos indigenas e com elles se identificavam tanto que chegavam até a perfurar os labios para introduzir n'elles batoques conforme a usança barbara ou praticarem a abominavel antropophagia como se encontra um exemplo nas velhas chronicas; outros conservavam os seus costumes, mas viviam no mesmo pé de igualdade que os indios e outros finalmente, se impunham ás cabildas como regulos absolutos.

Todas as esquadras que zarpavam de Lisboa com destino ao Novo Mundo traziam a bordo degradados que deviam abandonar na remota colonia e de quasi todas igualmente desertavam marinheiros que preferiam a liberdade entre os barbaros á disciplina e aos rudes trabalhos das naus.

Caramurú, João Ramalho, o bacharel de Cananéa, e tantos outros que foram encontrados vivendo pacificamente entre as cabildas, e que tão importantes serviços prestaram aos europeus, quer como intermediarios nas relações commerciaes entre elles e os indios, quer favorecendo o estabelecimento dos mesmos na grande terra descoberta, eram naufragos, desertores ou infelizes que pelo crime, pelo vicio ou pelo desrespeito aos preconceitos dominantes, tinham-se incompatibilisado com a sociedade de seu paiz.

Até á epocha em que nos achamos, as levas eram ainda insignificantes e tendo-se em vista a barbara severidade das *Ordenações Manoelinas*, somos propensos a acreditar que os primeiros condemnados a degredo no Brasil não podiam ser culpados de grandes crimes para os quaes o *morra per ello* da sombria legislação reservava a sinistra forca.

Quando muito deviam ser delinquentes por irreligiosidades ou contravenções sem importancia hoje. O famoso João Ramalho, que não passava de um degradado, era segundo Balthazar Fernandes um irreligioso, pois nada queria das ajudas nem ministerio christão; o titulo de bacharel do degradado de Cananéa, nos ensina que elle era um homem de alguma instrucção.

Foram pois os degradados, desertores e naufragos a primeira semente do povoamento europêo na terra de

Vera Cruz e a historia desses infelizes nos instrue sobre uma particularidade da maior importancia relativamente ao caracter da grey cabloca; vem a ser que, apezar das cores negras com que os antigos escriptores pintavam os instinctos ferozes dos selvagens brasileiros, possuiam elles uma virtude sublime—a da hospitalidade que attenuam-lhes a ferocidade preservando da morte muitos europeus.

As capitanias primitivas.—Alem das feitorias, o governo portuguez estabeleceu umas tantas capitanias ou mais propriamente, nucleos coloniaes administrados por individuos aos quaes se outorgava o titulo de capitão.

Essas capitanias, que não devem ser confundidas com as capitanias hereditarias, nada contribuiram para o progresso da região e por conseguinte não deixaram sulco na historia.

Sabe-se apenas que um tal Pero Capico foi administrador de uma dellas.

As esquadras de guarda costas.—Francisco I, rei de França, que se affligia com a partilha que Portugal e Hespanha faziam entre si das terras americanas, nas quaes não lhe cabia lote algum, principiou a favorecer os emprehendimentos de seus subditos no Brasil, chegando até a distribuir carta de corso contra os navios portuguezes.

Assim, eram frequentes as expedições francezas ao grande territorio descoberto e repetidas as tentativas de estabelecimentos, duradouros, principalmente por parte dos de Honfleur e Dieppe.

Ora, tendo D. João III, rei de Portugal, sabido por intermedio de João da Silveira, seu embaixador em França, que neste paiz se preparava uma expedição de 10 navios, destinada a traficar em larga escala com os productos do paiz e aprezar as embarcações portuguezas que pudesse, organizou uma esquadrilha composta de uma nau e cinco caravellas, cujo commando deu a Christovão Jacques, já conhedor do littoral brasileiro.

Tinha por missão essa esquadrilha percorrer a costa do Brasil, guardando-as das investidas estrangeiras.

Partiu a esquadrilha de Lisboa em 1526 e no fim desse mesmo anno deu fundo no canal que separa a ilha de Itamaracá do continente (Pernambuco), dando princi-

pio á chamada feitoria dos Marcos, a que já nos referimos.

Uma outra feitoria, ou esta mesma que foi mudada, fundou-se no porto de Pernambuco. (1)

Em seguida Christovão Jacques velejou para o sul e sempre costeando chegou ao Rio da Prata de onde regressou para o norte, mandando a sua nau carregada de pau brasil para Portugal.

Dias depois, percorrendo a costa, encontrou no reconcavo da Bahia de Todos os Santos, junto a ilha que pela acção ahi desenvolvida tomou o nome de ilha dos Francezes, tres embarcações de mercadores bretões, duas dellas de 140 toneladas cada uma. Apoz um dia inteiro de combate conseguiu mettel-as a pique e fazendo trezentos prisioneiros levou-os para Pernambuco.

Dando então por finda a sua missão recolheu-se Christovão Jacques a Portugal, levando comsigo os trezentos prisioneiros.

A feitoria de Pernambuco, que por essa forma achou-se sem protecção, foi algum tempo depois atacada por um galeão francez que a saqueou. Dos habitantes europeus só conseguio escapar o feitor Diogo Dias o qual poude embarcar n'uma caravella que se destinava a Sofala.

Afim de substituir Christovão Jacques na defeza do littoral, fez D. João III partir em 1528 Antonio Ribeiro, cujos feitos no Brasil a historia não menciona, facto esse que leva a suppor que pouco tempo durou a sua commissão.

Idéa da fundação de uma grande colonia. —Sendo muito dispendiosas as esquadras destinadas a guardar a costa e não defendendo ellas perfeitamente as feitorias estabelecidas no littoral do Brasil, o rei de Portugal e seus conselheiros pensaram em fundar na grande terra descoberta um poderoso nucleo colonial, ao qual pudessem recolher-se, em caso de perigo os colonisadores esparsos pelo paiz e nelles se abastecessem não só de mantimentos, como de gente, caso fosse preciso.

(1) Os selvagens chamavam-lhe *Paranámbuco*, palavra que, segundo alguns autores, quer dizer *furo de mar* e na opinião de Varnhagem—*mar largo*.

Principalmente depois que começaram a circular noticias de grandes riquezas existentes no Rio da Prata, esta idéa foi se affirmando no espirito dos homens de governo de Portugal, até que afinal foi resolvida a expedição que tinha por fim a fundação da referida colonia, outorgando-se ao encarregado da mesma poderes extraordinarios, tanto para o mar como para reger a colonia que fundasse e bem assim autoridade com alçada e com mero e mixto imperio no civel e no crime, até morte natural inclusive, excepto aos fidalgos, que, se delinquissem, deveriam ser enviados para Portugal.

Deu-se alem disso autorização ao chefe da expedição para tomar posse de todo o territorio situado até a linha meridiana demarcadora, e igualmente fazer lavrar autos e pôr os marcos necessarios. Podia dar terras de sesmarias a quem as pedisse, porém em uma só vida e criar tabeliães, officiaes de justiça e outros cargos.

Expedição de Martim Affonso de Souza.— Martim Affonso de Souza, fidalgo da casa real, senhor do Prado e de Alcantara, alcaide-mór de Bragança e do Rio Maior, foi o escolhido para inaugurar a primeira colonia regular no Brasil.

Martim Affonso ainda não se havia illustrado por notaveis feitos de guerra ou de governo, como revelava porém altas qualidades administrativas e era além disso parente proximo e protegido do Conde da Castanheira que gosava de muito valimento na corte, coube-lhe tão subida honra.

A expedição, composta de duas náus, um galeão e duas caravellas, partio de Lisboa aos 3 de Dezembro de 1530. Ao defrontar com a costa de Pernambuco a armada encontrou successivamente tres náus francezas carregadas de páu-brasil que renderam-se sem muita resistencia, fugindo a tripolação para o matto. Martim Affonso mandou para Portugal uma dàs náus apresadas, sob o commando de João de Souza, queimou outra por imprestavel e conservou apenas uma.

Em seguida despachou Diogo Leite e com duas caravellas para explorar a costa do norte e nella collocar padrões pelo menos até a foz do Gurupy, actual divisa dos Estados do Maranhão e Pará, vindo d'ahi o ter conservado este ponto por algum tempo e com o nome de *Abra de Diogo Leite*.

Tomadas que foram estas providencias a esquadra

levantou ferro e velejou para o sul, indo dar fundo na Bahia de Todos os Santos, onde Martim Affonso encontrou vivendo pacificamente entre os selvagens o portuguez Diogo Alvares, mais conhecido na historia pelo nome de Caramurú. Pero Lopes, irmão de Martim Affonso, e que tambem fazia parte da expedição e foi o elegante chronista da viagem, ficou extasiado perante a formosura das indigenas bahianas que não achou inferiores ás mais bellas de Lisboa. Na Bahia deixou Martim Affonso dois degradados e apoz quatro dias de descanso, proseguiu a sua derrota para o sul.

Em viagem com esse rumo encontrou Martim Affonso a caravella onde se tinha embarcado Diogo Dias, o feitor do estabelecimento que os francezes haviam saqueado em Pernambuco, e, incorporando-a á sua esquadra foi dar fundo no Rio de Janeiro a 30 de Abril seguinte. Ahi demorou-se tres mezes; fundou um arraial que Varnhagen presume ter sido na foz do Rio Comprido e mandou quatro homens explorar as mattas do interior. Esses homens, segundo diz Pero Lopes percorreram 115 leguas e voltaram no fim de dois mezes acompanhados de um poderoso chefe indio que communicou os portuguezes existir nas margens do rio Paraguay muito ouro e prata.

Do Rio de Janeiro Martim Affonso velejou até Cananéa, onde chegou a 1° de Agosto, indo ancorar do lado de dentro da Ilha do Abrigo. Nas praias encontraram os da esquadra diversos castelhanos, um tal Francisco Chaves e um bacharel portuguez que ahi tinha sido degradado em 1501, segundo se pensa. Tendo Francisco Chaves promettido a Martim Affonso trazer do interior do paiz, dentro de dez mezes, quarenta escravos carregados de ouro e prata, o commandante portuguez concedeu-lhe uma bandeira de oitenta homens, dos quaes quarenta armados de arcabuzes e os outros quarenta armados de béstas. Estes homens nunca mais tornaram a apparecer suppondo-se terem sido trucidados pelos indios Carijós. Em Cananéa a esquadra demorou-se quarenta e quatro dias.

Levantando ferro em seguida continuou a demandar o sul, pois o plano de Martim Affonso era estabelecer a séde colonial do Brasil na foz do Rio da Prata, o pampeiro dos mares meridionaes, porém, combatteu por tal fórma a sua frota que a capitanea e um bergantin deram

á costa na foz do arroyo Chuy, ribeiro esse que hoje nos separa da Republica Oriental. No sinistro pereceram sete pessoas.

Reunido o conselho de officiaes, estes, considerando quão desfalcada se achava a esquadra de viveres e tropas, foram de parecer que não se devia tentar por emquanto a colonisação do Rio da Prata ou Rio de Solis como tambem se chamava, concordando com elles, Martim julgou no entanto de seu dever mandar fazer n'essas paragens um reconhecimento e para tal fim fez partir seu irmão Pero Lopes, acompanhado de Pero de Góes, depois donatario da Capitania da Parahyba, em um bergantim tripolado por trinta homens.

Os dois ousados nautas affrontaram em tão fragil embarcação a furia dos mares do sul e penetrando no estatuario platino assignalaram a sua entrada com dois padrões que lá deixaram e depois voltaram a reunir-se á esquadra que os esperava na ilha das Palmas.

« Muito provavel, é, diz Varnhagen, que no entremeio de tantos dias, em que Pero Lopes demarcou o Rio da Prata, não estivessem ociosos os pilotos que haviam ficado na costa com Martim Affonso.

«Em terra tiveram occasião de fazer frequentes observações astronomicas sobre a latitude e longitude, e isso lhes daria a convicção e ao capitão-mór, de que aquella costa e com mais razão o Rio da Prata, já se achava fóra, isto é, mais a loeste da raia até onde se estendia, pelo tratado de Tordesilhas, o dominio portuguez n'aquellas paragens. Ao conhecimento deste facto em Portugal devemos attribuir a não proseguirem em Madrid as reclamações acerca desse rio; o desistir aquelle reino de mandar mais frotas ás suas aguas; e até o não doar, quando doou outras terras, as que ficavam além das de Sant'Anna ou da Laguna, onde terminava a coutela que de direito por ahi lhe tocava. Talvez tambem pelo conhecimento d'esse facto; mais que por serem ahi as terras (no littoral) sáfias e arenosas, é que Martim Affonso não se deixou ficar nas plagas da actual provincia do Rio Grande, de onde o lançara de si o proprio mar, e decidio retroceder mais para o norte, a buscar outro local onde fixar-se de preferencia. »

A primeira colonia regular do Brasil.—(1532).—O sitio escolhido por Martim Affonso de Souza para estabelecer a primeira colonia regular no Brasil, a

qual devia organisar-se como cellula mãe do povoamento de toda a região, foi o porto de S. Vicente onde chegou a 20 de Janeiro de 1532, sendo tal sitio preferido, não só porque o ancoradouro era excellente como por serem muito ferteis as terras da visinhança.

O arraial foi assentado em uma quasi insensivel eminencia da ilha que os naturaes chamavam *Orpion* ou *Morpion*, fronteira a uma outra que os mesmos indios denominavam *Guaimbé*. A primeira ficou se chamando de *S. Vicente* e a segunda de *Santo Amaro*.

O local em que Martim Affonso lançou os fundamentos da sua colonia era de aspecto aprazivel, muito abundante em pedras e madeiras de construcção e bem abastecido de agua potavel. Junto encontrava-se o porto que depois se chamou de Santos o qual offerecia um surgidouro mais amplo e seguro, como porém o sitio era em demasia quente, baixo e humido, justifica-se a preferencia dada pelo fidalgo portuguez ao primeiro.

Martim Affonso fez levantar em S. Vicente um pelourinho, mandou construir diversas casas e uma igreja, e distribuio sesmarias a varias pessoas da sua comitiva.

Introduzio a canna de assucar, cujas mudas mandou vir da ilha da Madeira e fundou sob a invocação de S. Jorge o primeiro engenho que houve no Brasil. (1)

Preoccupava-se Martim Affonso de Souza em fomentar o desenvolvimento da sua futurosa colonia, quando veio procural-o a S. Vicente um tal João Ramalho, portuguez, que ha muitos annos vivia entre os selvagens e gentilicamente tinha-se casado com uma filha do cacique Tebiryçá.

Communicou João Ramalho a Martim Affonso que, além da alterosa serra que de S. Vicente se avistava, existiam bellas e vastas campinas, muito ferteis e de clima saluberrimo em as quaes com facilidade prosperaria uma colonia portugueza, pois os indios Goyanazes prestar-lhe-hia concurso.

Martim Affonso aceitou o convite e transpondo a serra fundou nos campos de Piratininga a villa de Santo André da Borda do Matto.

Ordenou ainda Martim Affonso uma entrada pelo

(1) Pedro Tacques de Almeida. — *Historia da capitania de S. Vicente.*

sertão afim de tentar o descobrimento de minas, porém a expedição nada conseguio. Algum tempo depois despachou para a Europa seu irmão Pero Lopes a levar ao rei a nova do que já havia feito, e este, em viagem, combateu e aprisionou alguns traficantes estrangeiros.

Diogo Alvares, o Caramurú.—Antes de deixarmos este capitulo, relativo ao primitivo povoamento do Brasil, precisamos nos occupar mais detidamente dos diversos europeus que Martim Affonso de Souza encontrou vivendo entre os indios em differentes pontos da costa brasileira e que tão prestantes foram para o estabelecimento dos portuguezes na Terra de Vera Cruz.

Diogo Alvares, o Caramurú, encontrado pela esquadra de Martim Affonso na Bahia de Todos os Santos era, segundo dizem, a victima de um naufragio que teve logar em 1510 nos baixos de Maragogipe. Todos os seus companheiros que escaparam do naufragio foram devorados pelos indios Tupinambás ; Diogo Alvares, porém, que havia salvado um mosquete e polvora, procurou valer-se da arma afim de evitar a morte que o esperava. Assim, quando os selvagens já o cercavam para trucidal-o, Diogo Alvares levou o mosquete á cara e com um tiro matou uma ave que cortava os ares n'esse momento. Os indios assombrados gritaram *Caramurú* ! *Caramurú* ! palavra que, segundo alguns autores, quer dizer homem de fogo ou filho do trovão e, segundo outros, é o nome de uma enguia electrica. Isto salvou Diogo Alvares ; os indios tributaram-lhe respeitos e o portuguez foi admittido entre os principaes da tribu. Pouco depois salientou-se produzindo com a sua arma grandes estragos em uma tribu inimiga e este facto, grangeando-lhe extensa nomeada, permittio que elle se casasse com Paraguassú (Rio Grande), filha de um chefe tupinambá, e então Diogo Alvares estabeleceu-se no logar que depois denominou-se Villa Velha. Esta é a lenda de Caramurú ; o que ella contém de verdade ou o que é phantasia não nos é permittido saber.

Dizem mais que Caramurú, aproveitando o ensejo da vinda de um navio francez á Bahia, passou-se á França com Paraguassú e n'aquelle paiz a india foi baptisada solemnemente, servindo-lhe de padrinhos o rei Henrique II e a rainha Catharina de Medicis da qual ella tomou o nome ; diversos autores, porém, contestam com solidos argumentos este facto.

João Ramalho e Antonio Rodrigues.—Estes dois primeiros europeus que habitaram o territorio de S. Paulo eram portuguezes e naturaes de Barcellos, na comarca de Vizeu, não se sabendo ao certo porque eventualidade foram abandonados no Brasil.

João Ramalho residia nos campos do Piratininga e havia tomado por esposa a india Bartyra, filha do morubichaba Tebyriçá; Antonio Rodrigues residia em Tumiarú e casara-se com uma filha do chefe indio Piqueroby.

« A existencia de Antonio Rodrigues e João Ramalho em S. Vicente, diz Azevedo Marques, só póde ser explicada por degredo ou naufragio em algumas das expedições anteriores, como as de João Dias de Solis, em 1513, Fernando de Magalhães em 1519, ou qualquer das outras anteriores a Martim Affonso (1). »

Estes dois portuguezes foram poderosos auxiliares de Martim Affonso na empreza de fundar uma colonia regular no Brasil, a qual, pela intervenção delles foi poupada pelos indios e gosou durante muitos annos a tranquillidade indispensavel ao seu desenvolvimento.

João Ramalho exerceu na villa de Santo André da Borda do Matto os cargos de capitão, alcaide-mór e vereador; Antonio Rodrigues exerceu o cargo de almotacé em S. Vicente.

O bacharel de Cananéa.—O famoso bacharel, que Martim Affonso encontrou em Cananéa, foi, segundo as conjecturas mais provaveis, alli deixado em 1501 pela armada exploradora de André Gonçalves.

Não se sabe ao certo quem fosse.

O que está provado, porém, é que esse homem soube impôr-se aos selvagens e tornou-se um regulo temivel, pois tanto basta explicar esta versão, o facto de haver vendido de uma só vez a Diogo Garcia oitocentos escravos (2).

---

(1) Azevedo Marques.—*Apontamentos historicos, geographicos, biographicos, estatisticos e noticiosos da provincia de S. Paulo.*

(2) Eis o trecho da carta de Diogo Garcia relativo ás suas relações com o bacharel de Cananèa e á monstruosa compra de 800 indios:

« E de aqui fuemos a tomar refrescos em S. Vicente—questa en 24 grados, e ali vive un Bachiller e unos Yernos suyos mucho

CAPITULO IV

CAPITANIAS HEREDITARIAS

Como já vimos, logo ao iniciar-se o primitivo povoamento do Brasil estabeleceram-se umas tantas feitorias, administradas por individuos que recebiam da côrte o titulo de capitães; d'ahi o designar-se pelo nome de capitanias a taes estabelecimentos.

A historia guardou o nome de um desses capitães, Pero Capico, sabendo-se pelo alvará que o destituio do cargo que existiam outras capitanias além da que elle dirigia.

Essas primitivas capitanias, porém, foram tão ephemeras que dellas não se guardou nem ao menos a lembrança dos pontos em que se achavam e, por conseguinte, do que trataremos n'este capitulo é da divisão realisada em 1532, pela qual distribuiram-se as terras do Brasil em capitanias hereditarias.

Esta medida, embora revelasse dentro de poucos annos os seus grandes inconvenientes, como ao depois veremos, foi no entanto muito efficaz ao primitivo povoamento; seu maior defeito estava nos dilatados privilegios concedidos aos donatarios, porém, sem estes não seria possivel á côrte fazer com que as fortunas particulares se empenhassem na obra da colonisação. As capitanias hereditarias permittiram que no mesmo momento se inaugurasse o povoamento em quasi todo o littoral brasileiro, o que não se daria se a côrte persistisse na primitiva idéa de um grande nucleo colonial.

---

tiempo ha que ha bien 30 anos, e ali estuvimo hasta 15 de Enero del ano seguiente de 27 e aqui tomamos mucho refresco de carne e pescado e de las vituallas de la tierra para provision de nuestra nave e agua e lena e todo lo que ovimos menester e compré de un yerno deste Bachiller un bergantin que mucho servizio nos hizo e mais el proprio se acordó con nosotros de ir por lengua al rio y este Bachiller con sus yernos, y hicieron comigo una carta de fletamiento para que las troxese en Espana con la nao grande ochocientos esclavos, e yo la hice con acuerdo de todos mis officiales e contadores e tesoreros. »—CARTA DE DIOGO GARCIA, 1626.

Divisão do Brasil em capitanias hereditarias. — Ainda Martim Affonso achava-se no Brasil e n'elle procurava impulsionar os dois nucleos coloniaes de S. Vicente e Borda do Campo, quando o rei de Portugal, reconhecendo que ascolonias regulares officiaes eram assaz dispendiosas para a corôa e tornavam muito moroso o povoamento, não sendo além disso as mesmas sufficientes para cohibir o trafico clandestino dos aventureiros estrangeiros, deliberou parcellar o Brasil em capitanias hereditarias que seriam doadas a individuos que, por seus haveres, fossem capazes de fomentar o desenvolvimento colonial da região.

Assim foram creadas as capitanias hereditarias, concedendo D. João II aos donatarios amplas prerogativas de caracter feudal para que por ellas se animassem os fidalgos abastados a arriscar suas fortunas n'esses commettimentos cujo exito se affigurava tão problematico.

Esse systema tinha produzido bons resultados na Madeira e nos Açôres e por isso parecia o mais facil, o menos dispendioso e aquelle cuja bondade já tinha sido provada.

« No entanto, como diz o judicioso historiador Roberto Southey, a differença entre ilhas desertas e um continente povoado, não se mettera em conta. Os capitães das ilhas podiam facilmente colonisar terras, onde nenhuma opposição encontravam, e sem difficuldade se soccorriam mutuamente quando o pedia o caso; se lhes falhavam os meios, facil lhes era contrahir emprestimos até em Portugal, que tão perto ficavam aquellas partes, que quasi se olhavam dentro do reino. Mas quando D. João dividio a costa do Brasil em grandes capitanias, cada uma de cincoenta legoas pouco mais ou menos de extensão á beira mar, grandes tribus selvagens occupavam o paiz; Portugal ficava longe, e os estabelecimentos tão distantes entre si, que um não poderia soccorrer o outro. » (1)

Logo que foi tomada a resolução de dividir-se o Brasil em capitanias, D. João III escreveu uma carta a Martim Affonso, da qual será conveniente conhecer-se o seguinte topico :

(1) Roberto Southey. — *Historia do Brasil.*

« Depois de vossa partida se praticou-se proveitoso seria ao meu serviço povoar-se toda esta costa do Brasil, e algumas pessoas me requeriam capitanias em terra della. Eu quizera, antes de nisso fazer cousa alguma, esperar por vossa vinda, para com vossa informação fazer o que me bem parecer, e que na repartição que disso se houver de fazer, escolhaes a melhor parte. E porém porque depois fui informado que de algumas partes faziam fundamento de povoar a terra do dito Brasil, considerando eu com quanto trabalho se lançaria fóra a gente que a povoasse, depois de estar assentada na terra, e ter nella feitas algumas forças, determinei de mandar demarcar de Pernambuco até o Rio da Prata, cincoenta legoas de costa a cada capitania, e antes de se dar a nenhuma pessoa, mandei apartar para vós cem legoas, e para Pero Lopes, vosso irmão, cincoenta, nos melhores limites d'essa costa, por parecer de pilotos e de outras pessoas de quem o Conde (1) por meu mandado se informou; como vereis pelas doações que logo mandei fazer, que vos enviará; e depois de escolhidas estas cento e cincoenta legoas para vós e para vosso irmão, mandei dar a algumas pessoas que requeriam capitanias de cincoenta legoas cada uma; e segundo se requerem, parece que se dará a maior parte da costa; e todos fazem obrigação de levarem gente e navios á sua custa, em tempo certo, como vos o Conde mais largamente escreverá; porque elle tem cuidado de me requerer vossas cousas, e eu lhe mandei que vos escrevesse. »

Martim Affonso logo que recebeu esta carta partio para Portugal, deixando como seu logar-tenente na colonia de S. Vicente a Gonçalo Monteiro.

Embora a divisão do Brasil em capitanias hereditarias fosse resolvida em 1532, só em 1534 se fizeram as doações, sendo provavel que o proprio Martim Affonso fosse quem indicasse o lote de cem legoas que devia pertencer-lhe.

Foraes. — As cartas de doações eram acompanhadas de *foraes*, contractos emphyteuticos em os quaes o rei, como suzerano e como governador e administrador da ordem e cavalleria do mestrado de Christo, estabelecia

(1) O conde da Castanheira.

as prerogativas que concedia aos donatarios e reservava os direitos que eram devidos á Corôa.

Taes *foraes* eram considerados validos para todos os effeitos, embora em opposição com a legislação do reino.

Por sua vez os donatarios passavam foraes aos colonos, no interesse de vel-os acudir em maior numero ás suas terras.

Os casos não previstos pelos foraes eram resolvidos pelas leis geraes do reino ou *Ordenações Manoelinas*.

Foraes dos donatarios. — Nos foraes dos donatarios estabelecia o rei que o donatario da terra poderia perpetuamente chamar-se capitão e governador della;

Possuir na mesma, uma zona de dez e alguns até dezeseis legoas de extensão de terra sobre a costa, com tanto que fossem em quatro ou cinco porções separadas entre si, sem pagarem outro tributo mais que o dizimo;

Captivar gentios para o seu serviço e o de seus navios;

Mandar delles a vender a Lisboa até trinta e nove (a uns mais que a outros), livres da siza que pagavam todos os que entravam;

Dar sesmarias, segundo as leis do reino, aos que as pedissem, sendo christãos, não ficando estes obrigagados a mais tributos que o dizimo.

Competia além disso ao donatario:

O direito das barcas de passagem dos rios mais ou menos caudalosos;

O dizimo do quinto dos metaes e pedras preciosas;

O criar villas, dando-lhes insignias e liberdades, e por conseguinte fóros especiaes, nomear individuos para governal-as em seu nome e no de seu successor e bem assim os ouvidores, meirinhos e mais officiaes de justiça;

Prover, as capitanias em seus nomes, de tabelliães do publico e judicial, recebendo de cada um, quinhentos réis de pensão por anno;

Delegar a alcaidaria ou governo militar das villas nos individuos que escolhessem, tomando-lhes a devida menagem ou juramento de fidelidade;

Cabia-lhes além disso o monopolio das marinhas, moendas de agua e quaesquer outros engenhos, po-

dendo cobrar tributos dos que se fizessem com sua licença;

A meia dizima ou vintena de todo o pescado; (1)

A redizima dos productos da terra ou o dizimo de todos os dizimos;

A vintena do producto do pau-brasil, ido da capitania, que se vendesse em Portugal;

Alçada, sem appellação nem aggravo, em causas crimes, até morte natural, para os peões escravos e até gentios, dez annos de degredo e cem cruzados de pena ás pessoas de maior qualidade; e nas causas civeis, com appellação e aggravo só quando os valores excedessem a cem mil réis;

Conhecer das appellações e aggravos de qualquer ponto da capitania;

Influir nas eleições dos juizes e mais officiaes dos concelhos das villas, apurando as listas dos homens bons que os deviam eleger e annuir ou não ás ditas eleições dos juizes e mais officiaes, que se chamariam pelo dito governador, apezar do que em contrario dispunham as Ordenações do Reino.

Além disso o soberano promettia que nunca entrariam nas capitanias os seus corregedores, com alçada de natureza alguma, nem jamais seria o donatario suspenso ou sentenciado, sem ter sido primeiro ouvido por elle proprio soberano, que para isso o faria chamar á sua presença. Além disso as capitanias eram declaradas couto e homisio.

Foraes dos colonos. — Os foraes dos colonos estabeleciam que estes podiam possuir sesmarias, sem mais tributos que o dizimo.

Isenção para sempre de quaesquer direitos de sizas, impostos sobre o sal e saboarias, ou outros quaesquer tributos não constantes da doação e foral.

Garantia de que o capitão não protegeria com mais terras os seus parentes, nem illudiria as datas dellas para augmentar as suas.

Isenção de direitos dos artigos importados de Portugal, excepto por navios estrangeiros (tratadores estranhos) em cujo caso pagariam o dizimo de entrada.

(1) Abrio-se uma excepção para Duarte Coelho, ao qual foi concedida a outra meia dizima.

Podiam commerciar livremente, ainda quando de differentes capitanias, e gozariam do privilegio de negociar com os gentios da terra com a condição de não se associarem a estrangeiros.

Prerogativas da corôa. — A corôa reservava para si o quinto dos metaes e pedras preciosas, o monopolio do pau-brasil, das drogas e especiarias, o dizimo do peixe que não fosse pescado á canna, o dizimo de todos os productos (visto ser o rei Grão-Mestre da Ordem de Christo) e os direitos das alfandegas, pelo que havia nas capitanias empregados de fazenda encarregados da cobrança dos mesmos.

CAPITULO VII

CAPITANIAS MERIDIONAES

Afim de não tornar muito extenso o capitulo em que devemos estudar as capitanias hereditarias do Brasil, dividimos a materia em duas partes, tratando na primeira das capitanias do sul e na segunda das capitanias do norte.

Por capitanias meridionaes comprehendemos as de S. Vicente, Santo Amaro, Parahyba, Espirito Santo e Porto Seguro.

Capitania de S. Vicente. — A capitania de S. Vicente, doada a Martim Affonso de Souza, constava de 100 leguas de costa, desde o rio Macahé até 12 legoas ao sul de Cananéa, na barra de Paranaguá, exceptuadas as 10 leguas contadas do Rio Curupacé (Juquiriqueré) até o rio de S. Vicente, que pertenciam a Pero Lopes de Souza.

A doação desta capitania data de 6 de Outubro de 1534, com o foral assignado em Evora a 20 de Janeiro de 1535.

Martim Affonso de Souza, auxiliado por João Ramalho, genro de Tebiriçá, fundou, como já vimos, os nucleos coloniaes de S. Vicente e Borda do Campo e regressando depois á Europa deixou Gonçalo Monteiro administrando o primeiro e João Ramalho com o governo do segundo.

Esses nucleos deram origem ás duas mais importantes cidades do Estado de S. Paulo. S. Vicente é hoje um arrabalde de Santos e Borda do Campo, depois transferida para Piratininga transformou-se em S. Paulo, a bella capital do Estado de seu nome.

A capitania de S. Vicente prosperou, graças á bôa harmonia que existia entre os europeus e os indios Guayanazes, embora no começo a povoação que lhe deu o nome soffresse algumas hostilidades dos colonos de Iguape. Nella foram plantadas as primeiras cannas de assucar, cujas mudas foram trazidas da Ilha da Madeira e é provavel que o arroz tambem tenha sido ahi intro-

duzido ainda em tempo de Martim Affonso; desenvolveu-se igualmente em S. Vicente a criação do gado vaccum e cavallar.

Gonçalo Monteiro, logar-tenente de Martim Affonso de Souza, o qual nunca mais voltou ao Brasil, foi substituido em 1537 por Antonio de Oliveira; e no tempo deste as ondas invadiram a povoação de S. Vicente, destruindo-lhe muitas edificações, entre as quaes as casas do conselho e do pelourinho, conforme nos conta Frei Gaspar da Madre de Deus.

Então os habitantes foram pouco a pouco passando-se para Santos que dentro em breve se tornou muito mais importante que a sua visinha, devido isto em parte aos esforços de Braz Cubas, que depois foi administrador de S. Vicente, por parte de Martim Affonso, de quem era amigo.

Braz Cubas, foi o introductor do *monjolo* no Brasil e, além de outros serviços, proporcionou a Santos um hospital e uma Casa de Misericordia que, por alvará regio, ficou gozando dos privilegios da de Lisboa.

Foi igualmente em S. Vicente que se construio o primeiro engenho e dezeseis annos depois desse acontecimento a capitania já contava seis dessas machinas.

Finalmente, S. Vicente foi a capitania que mais cedo mostrou um bem accentuado progresso, isto porque já antes da divisão do Brasil em capitanias, Martim Affonso o tinha fomentado á custa da corôa, no proposito em que esta se achava de fazer de tal povoação a séde dos nucleos coloniaes do Brasil.

Da capitania de S. Vicente tirou-se depois quasi a metade das terras para constituir-se a capitania administrativa do Rio de Janeiro, revertendo ella propria á Corôa, por compra, em 17 de Novembro de 1791.

O seu primitivo territorio faz hoje parte dos Estados do Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas e Paraná.

Os Guayanazes. — Os Indios Guayanazes que durante muitos annos viveram em bôa harmonia com os vicentistas e santistas, alliando-se muitas vezes aos europeus para combater outras hordas, pertenciam ao grupo tupy. Sustentavam-se da caça, da pesca e de fructos sylvestres, não praticavam a agricultura, nem criavam animaes de especie alguma. Viviam em cavernas e não conheciam o uso de rêdes, dormindo sobre pelles e leitos de folhas. Quando morria algum enforcavam um

certo numero de parentes e amigos do mesmo sexo, os quaes, ou se offereciam voluntariamente, ou eram compellidos a isso. Se era um chefe que morria não se sacrificavam os parentes porém sim os vassallos. Os seus principaes inimigos eram os Carijós ao sul e os Tamoyos ao norte.

Os Tamoyos. —Os tamoyos, ou *avós*, como elles orgulhosamente se appellidavam, tambem pertenciam ao grupo tupy. Essa tribu que muito affligio a capitania de S. Vicente e foi a principal causa da ruina da capitania de S. Amaro, dominava o littoral desde Cabo Frio até Ubatuba. Ao contrario dos Guayanazes, seus inimigos, que sempre foram alliados dos Portuguezes, os Tamoyos foram no Brasil os melhores amigos dos Francezes, aos quaes denominavam *Mairs*. Além de outras aptidões que possuiam, eram déstros canoeiros.

Os Carijós. —A tribu dos Carijós, que praticava continuas depredações na capitania de S. Vicente e hostilisava cruamente os Guayanazes, dominava o littoral, desde Cananéa até a Lagôa dos Patos. Esta nação era indomita e durante muito tempo constituio sério embaraço ás tentativas de devassamento do sertão em busca de minas de ouro, até que no seculo XVII foi exterminada em grande parte.

Capitania de Santo Amaro.—Esta capitania comprehendia as 40 leguas de costa situadas entre Paranaguá e o rio Mampituba ou Araranguá, ao sul, e mais 10 leguas encravadas na capitania de S. Vicente, entre os rios de S. Vicente e Curupacé; esse ultimo territorio tomou o nome de *Terra de Sant'Anna*.

A capitania de Santo Amaro foi doada a Pero Lopes de Souza, irmão de Martim Affonso de Souza, pela carta régia de 1° de Setembro de 1834, com o foral de Outubro do mesmo anno.

A séde da capitania de Santo Amaro foi estabelecida por Gonçalo Affonso, administrador de Pero Lopes, em uma ilha situada tres leguas acima de S. Vicente, que os naturaes chamavam Guaymbé e que os portuguezes denominaram de Santo Amaro.

Menos feliz que a visinha capitania de Martim Affonso, a affluencia de colonos para Santo Amaro foi menor que para S. Vicente, vendo-se além disso a povoação muito hostilisada pelos indios tamoyos, ousados canoeiros que estavam habituados a visitar aquellas paragens, em

certas epochas do anno, afim de se abastecerem de peixe; esses indios habitavam ao norte, até as ilhas de S. Sebastião e Grande.

O primitivo donatario de Santo Amaro morreu em um naufragio em 1539, nas costas de Madagascar, sendo nomeado pela viuva Christovão de Aguiar Altero para governar a colonia em nome de seu filho, o qual nunca veio ao Brasil.

A capitania de Santo Amaro e Terra de Sant'Anna reverteram para a corôa, por compra, em 9 de Novembro de 1709. Os terrenos que a constituiam fazem hoje parte dos Estados de S. Paulo, Paraná e Santa Catharina.

Capitania da Parahyba do Sul.— (1) Esta capitania comprehendia as 30 leguas situadas entre os rios Itapemerim e Macahé e foi doada a Pero de Góes da Silveira, por carta régia de 28 de Janeiro de 1536, com o foral de 29 de Outubro do mesmo anno.

Pero de Góes fundou logo um pequeno arraial ás margens do Parahyba, dando a elle o pomposo nome de Villa da Rainha e introduziu na sua capitania a canna de assucar, por meio de mudas trazidas de S. Vicente.

Esta preciosa gramminea deu-se perfeitamente no fertil valle do Parahyba, porém faltando a Pero de Góes os recursos necessarios para dar grande expansão ao seu estabelecimento colonial e agricola, teve elle que se ausentar da nascente colonia afim de contrahir algum emprestimo em Portugal e em seu logar ficou Jorge Martins.

Conseguiu Pero de Góes associar-se em Portugal a alguns tratadores que lhe forneceram os necessarios recursos, porém, logo ao chegar ao Brasil observou que em sua ausencia os colonos haviam desertado, juntamente com o administrador. e as obras já feitas achavam-se damnificadas.

Este revez, no entanto, não desanimou o emprehendedor fidalgo; insistindo no seu projecto, fez vir da visinha capitania do Espiriro Santo novos colonos e um homem pratico na construcção de engenhos e logo levantou uma dessas machinas na margem do Parahyba, a dez leguas acima da foz, e duas engenhocas movidas por cavallos, perto da costa.

(1) O primitivo nome desta capitania foi S. Thomé, dando-lhe depois o rio a appellidação que conservou no periodo colonial.

Prosperava assim o estabelecimento, quando perversamente um pirata de nome Henrique Luiz, que devastava a costa, se apoderou do chefe do gentio do districto e entregou-o a uma horda inimiga. Furiosos os Goytacazes por esta infamia assentaram em vingar-se dos europeus e assim o fizeram incendiando os canaviaes e destruindo tudo.

Baldada foi a desesperada resistencia feita por Pero de Góes que na lucta perdeu um olho e vinte e cinco homens dos seus; frustrou-se o seu commettimento agricola e os portuguezes foram obrigados a retirar-se para a capitania do Espirito Santo, deixando em poder dos Goytacazes já algumas construcções de pedra e cal.

A capitania da Parahyba reverteu para a Corôa, por compra, em 10 de Junho de 1753 e as suas terras fazem hoje parte do Estado do Rio de Janeiro.

Os Goytacazes. — Estes valorosos indios que conseguiram, em represalia justa, destruir a futurosa capitania de Pero de Góes, pertenciam ao grupo ethnographico que Von Martius e Von den Steinen entenderam denominar *Goytacá* ou *Wattacá*.

Os goytacazes dominavam no trecho da costa comprehendido entre o rio Itabapoana e o Cabo de S. Thomé e bem assim no valle do Parahyba, até S. Fidelis. Eram de alta estatura, membrudos, e os cabellos, que eram pretos e duros, usavam-n'os compridos. Eram habeis atiradores de frechas e excellentes corredores e nadadores. Viviam em pequenas cabildas em ilhas fluviaes ou maritimas e as suas cabanas eram feitas de folhas de palmeiras e suspensas nos troncos das arvores. Quando bem tratados mostravam-se brandos e alegres; á menor injustiça, porém, exhibiam um odio e uma ferocidade terriveis.

Capitania do Espirito Santo.—Comprehendia esta capitania as terras situadas entre os rios Itapemerim, ao sul, e Mucury, ao norte, sendo doada a Vasco Fernandes Coutinho, por carta régia de 1° de Junho de 1534, com o foral de 7 de Outubro do mesmo anno.

Vasco Fernandes Coutinho, fidalgo aventureiro e ousado, que na India se havia distinguido por assignalados actos de coragem, logo que recebeu a doação reduziu a dinheiro todos os bens que possuia em Portugal e partiu para o Brasil, em companhia de muitos fidalgos, entre os quaes D. Simão de Castello Branco

e D. Jorge de Menezes, cognominado o das Molucas, que vinham degradados. (1)

Tendo Vasco Fernandes chegado á sua capitania no domingo do Espirito Santo deu-lhe esto nome e lançou logo os fundamentos da sua séde á entrada da barra, do lado esquerdo, entre a ponta do Tubarão e o monte Moreno, sendo-lhe preciso luctar com os indios Aymorés, que se mostraram hostis aos *Mboab* (emboabas, pernas calçadas conforme alguns, e *homens de além* ou *malfeitores*, segundo outros), nomo pelo qual designavam os portuguezes.

Os Aymorés foram derrotados ou apasiguados e Vasco Fernandes poude construir um engenho e iniciar a cultura da canna; os habitantes, por seu lado deram desenvolvimento á dos cereaes e legumes.

Tão ferteis eram as terras do Espirito Santo que Vasco Fernandes lhes chamava—o meu *Villão Farto*—conforme lemos em Frei Vicente do Salvador.

Pouco depois foi transferida a povoação para a ilha chamada de Santo Antonio, mais ao fundo da bahia, e que tinha sido doada a Duarte de Lemos, um dos principaes colonos; á antiga povoação começaram a dar nome de *Villa Velha*, e a nova recebeu o de Victoria.

Entrou, porém, a discordia na futurosa colonia, não só pelos desregramentos do donatario que se malquistou com Duarte de Lemos, homem geralmente estimado e considerado pelos seus feitos d'armas na Asia, como pelas desordens praticadas pelos dois fidalgos degradados.

Chegou a tal ponto a decadencia da capitania que os selvagens se animaram a atacar Victoria e de então por diante nunca mais ella poude medrar, não obstante possuir todas as condições exigidas para um rapido desenvolvimento.

Finalmente, depois de gastos muitos mil cruzados que havia ganho na India e bem assim o patrimonio que possuia em Portugal « acabou Vasco Fernandes tão pobremente, diz Frei Vicente do Salvador, que chegou

(1) Referindo-se ao degredo destes dois nobres, diz Roberto Southey: «Não poucas atrocidades praticavam então os portuguezes nas ilhas de especiaria; e para que homem abastado e de boa familia por ellas fosse degradado, grandes deviam ser as atrocidades que commettera»

a lhe darem de comer por amor de Deus e não sei se teve um lençol seu em que o amortalhassem.»

A capitania do Espirito Santo reverteu á Corôa, por compra, em 6 de Abril de 1718, e as suas terras fazem hoje parte do Estado do Espirito Santo.

Os Aymorés.— Os gentios que o aventureiro Coutinho e sua turbulenta comitiva encontraram no Espirito Santo e contra os quaes combateram até submettel-os eram os Aymorés que residiam nas serras fronteiras ao mar nos Estados da Bahia, do Espirito Santo e do Rio de Janeiro. Pertenciam ao grupo que Von Martius distinguio pelo nome de *Crens* ou *Guerens*, o qual Von Steinen recentemente invalidou pelo resultado de suas pesquizas, incluindo-o no grupo *Gê*.

Os Aymorés eram os mais temerosos e selvagens de todos os indios brazileiros. Não usavam trajo de especie alguma, não possuiam habitações e dormiam ao relento ou debaixo das arvores. Não tinham chefes e andavam em pequenos bandos. Não sabiam nadar e quando eram aprisionados deixavam-se morrer de fome. Os Botucudos diziam-se descendentes dos Aymorés.

Os Botucudos.— Os Botucudos que ficaram habitando os mesmos logares em que viviam os Aymorés e com estes se identificavam ás vezes, «são, diz Saint Adolphe, mais brancos que a maior parte dos demais Indios do Brazil, porem como os seus ascendentes, os Aymorés, costumam pintar a cara e mais partes do corpo. Dividem-se em varias tribus ou cabildas, cada uma com o seu cabo, que tem um poder absoluto sobre os seus em os negocios de maior importancia como são a caça, a guerra e a escolha de uma morada; mas na aldeia limita-se toda a sua autoridade a compor as desavenças, que são entre elles mui frequentes. Este logar não é hereditario; escolhe-se para elle o mais bravo e por vezes o mais atrevido se proclama chefe da tribú, sobretudo se o que os commandava vem a morrer. Os Botucudos têm as espaduas largas, o pescoço curto, o nariz chato, as maçãs do rosto proeminentes, os pés pequenos, as extremidades inferiores delgadas, mas nervosas. Furam as orelhas e o beiço inferior e enfiam no buraco uma rodella de pau. São vingativos e traidores, posto que tenham um exterior alegre e um ar de franqueza. Não têm especie alguma de culto; conside-

ram o sol como uma divindade a que chamam Parú e reverenceam ainda muito a lua, quando com sua luz os protege em suas excursões nocturnas. Amam e imitam as ceremonias religiosas dos christãos, quanto isto pode compadecer-se com a vida nomada que fazem, assim como são de todos os indios os que mais custam a civilisar. (1)

Capitania do Porto Seguro. — Esta capitania comprehendia as 50 leguas situadas entre os rios Mucury e Jequitinhomba, e foi doada a Pero do Campo Tourinho, natural de Vianna e navegante illustre.

Tem a data de 27 de Maio de 1534 a carta regia desta doação.

Tourinho passou-se para o Brasil com sua mulher, filhos, alguns parentes e grande numero de amigos, desembarcando na foz do rio de Porto Seguro, primeiro ponto em que Cabral tocára. Ahi fundou uma colonia que conservou a appellidação que lhe impoz Pedro Alvares e que se estendeu a toda a capitania.

Fundou mais Pero de Campo as villas de Santa Cruz e de Santo Amaro, porém pela escassez de capitaes, só em 1550 poude introduzir na capitania a cultura da canna de assucar.

A creação do gado vaccum foi tentada, porém não poude desenvolver-se em consequencia de uma planta venenosa que abundava nos campos e isto contribuio muito para retardar o progresso agricola da capitania.

Os colonos, que pela maior parte eram homens habituados á vida do mar, preferiam occupar-se da pesca, no que eram favorecidos pela visinhança dos Abrolhos, paragem maravilhosamente piscosa, e, tal era a abundancia do peixe que obtinham, que o exportavam para Portugal.

Diz Varnhagen:

« Esta vida habituou os Porto-Segurenses a uma certa independencia e desprendimento de si, e ao espirito emprehendedor com que, depois, sob a direcção de um sobrinho do donatario, se lançaram d'aqui, primeiro que em outra parte do Brasil, até ao ámago do sertão, em busca de minas. »

Durante a vida de Pero do Campo Tourinho os Ay-

(1) Saint Adolphe — *Diccionario geographico*.

morés hostilisaram muito a capitania, chegando até a apoderarem-se da Villa de Santa Cruz.

Por morte de Pero do Campo passou a capitania de Porto Seguro a seu filho Fernão do Campo e deste passou á sua irmã, D. Leonor do Campo, viuva de Gregorio da Pesqueira, que a vendeu a D. João de Lencastre, duque de Aveiro.

A capitania de Porto Seguro reverteu á Corôa por confisco em 1556. As suas terras fazem parte do actual Estado da Bahia.

CAPITULO VIII

CAPITANIAS SEPTENTRIONAES

Por capitanias septentrionaes comprenderemos as dos Ilhéus, Todos os Santos, Pernambuco, Itamaracá, Ceará e Maranhão.

Capitanias dos Ilhéus. — Esta capitania comprehendia as cincoenta leguas de costa situadas entre os rios Jequitinhonha ao sul e a barra da bahia de Todos os Santos ao norte; foi doada a Jorge de Figueiredo Corrêa, por carta regia de 1534, segundo affirma Macedo, ou de 1º de Abril de 1535, conforme a opinião de Candido Mendes.

Jorge Corrêa despachou para o Brasil, como seu delegado, o castelhano Francisco Romero, o qual se estabeleceu no cimo do morro de S. Paulo, na ilha de Tinharé, transportando-se depois para o porto dos Ilhéus, mais ao sul, logar onde creou uma povoação, sob a invocação de S. Jorge, em attenção ao donatario, que tinha este nome.

Já prosperava a capitania quando sobrevieram desordens gravissimas devidas á prepotencia de Romero. Por esse motivo os colonos se amotinaram e mandaram para Portugal o despotico administrador.

Veio aggravar o mal, o ter Jorge de Figueiredo commettido o grave erro de restabelecer Romero na administração da colonia; por esse motivo as desordens recrudesceram e os selvagens Aymorés, aproveitando a desunião que lavrava, acommetteram, arruinando varios engenhos.

Morrendo Jorge de Figueiredo, em 1501, seu successor fez desistencia da capitania em favor de um irmão, Jorge d'Alarcão de Figueiredo, o que lhe foi confirmado em 22 de Novembro de 1552.

A capitania dos Ilhéus reverteu á Corôa, por compra, em 1761 e actualmente faz parte do Estado da Bahia.

Capitania de Todos os Santos. — Esta capitania comprehendia as 50 leguas de costa situadas entre

a barra da Bahia de Todos os Santos e a foz do Rio de S. Francisco, sendo doada a Francisco Pereira Coutinho, por carta regia de 5 de Abril de 1534, com o foral de 26 de Agosto do mesmo anno.

Francisco Pereira Coutinho encontrou na Bahia uns oito colonos europeus entre os quaes, naturalmente, Diogo Alvares, o *Caramurú*, e seu genro Affonso Rodrigues, e na barra o donatario lançou as bases de uma povoação, exactamente no local em que Caramurú residia.

A essa povoação deu Coutinho o nome de Victoria.

No começo a colonia prosperou, sendo construidos dois engenhos; rebellando-se, porém, mais tarde, os indigenas, em consequencia de barbaridades praticadas pela gente de Coutinho, o qual, por seu lado, não possuia energia sufficiente para reprimir os desmandos, o estabelecimento decahio extraordinariamente.

Os barbaros começaram a veral-o, já incendiando edificações, já commettendo toda a sorte de tropelias, e, abandonando-o afinal os proprios colonos, Jorge de Figueiredo foi obrigado a abandonar a povoação, refugiando-se na capitania de Porto Seguro com alguns portuguezes que ainda o acompanhavam.

Apaziguados depois os selvagens, Coutinho fez-se de vela para a Bahia, dando, porém, a embarcação nos baixios de Itapairca, elle e seus companheiros foram trucidados pelos Tupinambás. Apenas foi poupado Diogo Alvares e sua familia.

Este facto teve logar em 1548.

Por morte do doatario reverteu a capitania de Todos os Santos á Corôa, em 1548, mediante um padrão de 400$000 por anno pagos pela redizima da capitania e vinculados ao filho do donatario Manoel Pereira de Figueiredo.

Hoje o seu territorio faz parte do Estado da Bahia.

Os Tupinambás. — Das tribus selvagens que viviam no littoral da Bahia, quando os Portuguezes ahi se estabeleceram, umas diziam-se *Tupinambás* e outras *Tupiniquins*.

Os Tupinambás viviam da caça, da pesca, dos fructos sylvestres e do mel. Os homens andavam nús e armados de settas envenenadas; as mulheres cingiam-se com uma tanga de algodão grosseiro franjado. Querem alguns que fossem monogamos e não se conhecesse o

adulterio entre elles. Enterravam os seus mortos enfaixados e em covas pouco fundas, sendo em geral as sepulturas abertas ao pé das arvores. As mulheres sabiam fabricar louça de barro e os homem faziam-n'a de madeira. A belleza das mulheres Tupinambás foi, como já vimos, festejada por Pero Lopes.

Os Tupiniquins. — Estes indios tinham quasi os mesmos usos e costumes que os Tupinambás. Nos dias festivos as mulheres cingiam-se com tangas de pennas vistosas.

Furavam o beiço e as orelhas, como os Botucudos. A côr dos Tupiniquins era muito acobreada; em geral esses selvagens eram de indole branda e sociavel.

Capitania de Pernambuco. — Esta capitania comprehendia as 60 leguas situadas entre os rios de S. Francisco e Iguarassú e foi doada a Duarte Coelho, por carta regia de 10 de Agosto de 1534, com o foral de 24 de Outubro do mesmo anno.

Duarte Coelho, acompanhado de sua mulher, filhos e muitos parentes, transportou-se á sua capitania e desembarcou na foz do rio Iguarassú, no sitio em que outr'ora existio a feitoria chamada dos Marcos, de onde deu ordem para que se fizesse a Villa de Iguarussú, á margem do rio, uma legua acima da embocadura, villa que tambem era conhecida pelos nomes de seus padroeiros S. Cosme e S. Damião.

De sua administração ficou encarregado Affonso Gonçalves, tomando a si o proprio donatario o encargo de fundar Olinda.

Prosperavam as duas colonias, e era vigorosamente impulsionada em ambas a cultura da canna, quando rompeu uma guerra entre os portuguezes e os selvagens os quaes assediaram Iguarassú e mataram Affonso Gonçalves.

O cerco foi prolongado e até as proprias mulheres dos colonos montavam guarda e praticaram bravuras, como se vê deste trecho de Frei Vicente do Salvador:

«Até as mulheres vigiavam o seu quarto na fortaleza, emquanto os homens dormiam, e estando ellas de posto uma noite, vendo os inimigos tanto silencio que parecia não haver gente alli, subiram alguns e começaram a entrar pelas portinholas das peças, mas ellas que os haviam sentido subir, os estavam guardando com suas partanzanas nas mãos, e quando estavam já com meio

corpo dentro, lh'as metteram pelos peitos e os passaram de parte a parte, e uma, não contente com isso, tomou um tição e poz fogo a uma peça com que fez fugir os outros e espertar os nossos, que foi um feito muito heroico, para mulheres terem tanto silencio e tanto animo.»

Em Iguarassú achava-se o artilheiro allemão Hans Stade que deixou uma excellente memoria sobre os indigenas, e ao qual teremos ainda occasião de nos referir.

Finalmente, os Indios desesperaram de tomar a praça de assalto e levantaram o sitio, podendo a colonia continuar a prosperar, graças principalmente a uma alliança feita por Duarte Coelho com os Tabajáras, cujos chefes prestaram grandes serviços aos portuguezes, principalmente Tabyra, do qual se conta que tendo em batalha uma setta lhe vasado um olho arrancou-a com o globo do olho e continuou a pelejar, Itagyba (*o Braço de ferro*) que muito se distinguio combatendo contra os Caethés e outros mais.

Duarte Coelho mandou organizar um livro do tombo das terras que dava e outro de matricula para registrar aquelles que se propunham a gosar dos fóros de moradores da sua capitania, e, promoveu tanto quanto lhe foi possivel, o casamento dos primeiros colonos com as indias da terra.

Duarte Coelho falleceu no anno de 1554 deixando a capitania em prosperidade. Substituio-o Jeronymo de Albuquerque, irmão da viuva, em logar do filho do donatario que então estudava em Portugal, e depois um outro Jeronymo de Albuquerque, filho natural do primeiro com uma india, o qual muito concorreu para a conquista da Parahyba do Norte aos francezes.

A capitania de Pernambuco reverteu á Corôa por abandono do donatario em 1654 e final desistencia em 1716. As suas terras fazem hoje parte dos Estados de Alagôas e Pernambuco.

Os Caethés e Tabajaras. — Os indios Caethés que tão nocivos foram á Capitania de Pernambuco, nos seus primeiros tempos, pertenciam á grande familia indigena dos Tupys. Eram muito bellicosos e faziam longas jornadas com o fim de pelejar, mas por isso mesmo foram em grande parte destruidos pelos Tupinambás, que contra elles se colligaram ; os sobreviventes acamparam definitivamente na Parahyba do Norte.

Os Tabajaras tambem pertenciam ao grupo tupy e foram dos primeiros Indios que se alliaram aos Portuguezes.

Capitania do Itamaracá. — Esta capitania comprehendia as 10 leguas de terras situadas entre o rio Iguarassú e a bahia da Traição, incluindo tambem a Ilha de Itamaracá. Foi doada a Pero Lopes de Souza, donatario da Capitania de Santo Amaro e da Terra de Sant'Anna, afim de completar o seu lote, isto pela carta regia de 1° de Setembro de 1534, com o foral de 6 de Outubro do mesmo anno.

Ao tempo da doação tinham os Francezes na Ilha de Itamaracá uma fortaleza que Pero Lopes de Souza conseguio fazer render e pouco depois construio o mesmo Pero Lopes uma outra na feitoria real dos Marcos a qual, com o tempo, veio fazer parte da Capitania de Duarte Coelho.

Vivendo em harmonia com os selvagens, conseguiram os portuguezes engrandecer a colonia, que, ficou tendo por administrador João Gonçalves, quando Pero Lopes se retirou para Portugal.

Chegado á Europa, Pero Lopes acompanhou Carlos V na sua expedição contra o pirata Barbaroxa, de Tunis, e pouco depois, segundo se crê, pereceu em um naufragio quando voltava de uma viagem á India. (1659)

O seu preposto em Itamaracá, João Gonçalves, foi mais tarde nomeado almoxarife e feitor regio. A elle se deve a fundação da villa da Conceição, na mesma ilha de Itamaracá, que mais tarde se converteu em valhacouto de criminosos e contrabandistas, fugidos das demais capitanias e principalmente da de Pernambuco.

Itamaracá reverteu á corôa, por compra, em 1743, e as terras que constituiam a antiga capitania fazem hoje parte dos Estados da Parahyba do Norte e Pernambuco.

Capitania do Maranhão. — Esta capitania constava de tres lotes de terras, sendo o primeiro as 100 leguas de costa entre a Bahia da Traição e a extrema do actual Estado do Rio Grande do Norte, o segundo, de 50 leguas, desde a abra de Diogo Leite (foz do rio Gurupy) até á ponta dos Mangues Verdes, o qual hoje tem o nome de Cabo de Todos os Santos, o terceiro, comprehendendo as 75 leguas situadas entre a Ponta dos Mangues Verdes e o rio da Cruz ou Camocy.

Os dois primeiros lotes foram doados ao historiador João de Barros e o terceiro a Fernão Alvares de Andrade, por uma carta regia de 1534 e pelo foral de 18 de Junho de 1535.

Não podendo Fernão Alvares e João de Barros, pelos grandes interesses e cargos que possuiam em Portugal, abandonar o reino, associaram-se a Ayres da Cunha que, com uma expedição composta de mil colonos e cem soldados de cavallaria, atravessou o Atlantico.

Na entrada da barra de S. Luiz naufragaram os navios de Ayres da Cunha, salvando-se apenas algumas pessoas. Ayres da Cunha foi uma das victimas e igualmente dois filhos de João de Barros, mallogrando-se por essa fórma uma das mais esperançosas tentativas de colonisação do Brasil, quer pelos avultados capitaes de que Ayres da Cunha era portador, quer pelo grande reforço de gente que trazia.

Em 1560 Luiz de Mello da Silva tentou novamente colonisar o Maranhão, sendo tambem victima de um naufragio, no mesmo sitio em que havia perecido Ayres da Cunha.

A Capitania do Maranhão reverteu a Corôa em 1540 ou 1570, e as suas terras fazem hoje parte dos Estados do Maranhão e Pará.

Capitania do Ceará. — A Capitania do Ceará comprehendia as 40 leguas de costa que limitavam ao sul com o lote de cem leguas de João de Barros e ao norte com o lote de 75 leguas de Fernão Alvares. Foi doada a Antonio Cardoso de Barros, por carta regia datada de 1534.

Nenhuma tentativa fez o donatario para colonisar essa capitania, cujo territorio faz hoje parte do actual Estado do Ceará.

A viagem de Orellana (1540). — Não podemos passar adiante sem assignalar a memoravel viagem do hespanhol Orellana pelo Rio Amazonas, embora não pertença tal assumpto ao quadro do presente capitulo.

Tendo Francisco Pizarro, depois de inauditas barbaridades commettidas sobre os naturaes e apoz ter mandado assassinar seu companheiro Diogo de Almagro, julgado que se achava segura a autoridade de sua familia, no Perú, encarregou seu irmão Gonçalo de prolongar para léste as conquistas, suppondo existir para esse rumo o famoso *El-Dorado*, que tanto preoccupava

os aventureiros. Esse facto determinou a primeira exploração do Rio Amazonas e por isso cumpre-nos mencional-o.

Gonçalo Pizarro marchou até o valle de Zumaqué, a trinta leguas de Quito, onde se lhe reuuiu com trinta soldados de cavallaria o fidalgo hespanhol Francisco de Orellana, que logo foi pelo primeiro nomeado seu tenente-general. De Zumaque marcharam os hespanhoes, vencendo innumeras difficuldades, até a margem do Rio Coca de onde Pizarro ordenou a Orellana que seguisse com cincoenta homens em um bergantin até encontrar uma região de grande fertilidade que os naturaes diziam existir nessa direcção.

Como a corrente do Coca era fortissima, em tres dias Orellana chegou ao Napo, onde, tendo concebido a esperança de poder atravessar o continente até o Atlantico, ponderou aos seus companheiros que, não lhes sendo possivel voltar atraz a reunir-se com as tropas de Pizarro, nem aguardar o exercito nesse ponto, lhes cumpria avançar. Frei Gaspar de Carvajal e Herman Sanches de Vargas oppuzeram-se a esse projecto, representando a Orellana a miseria a que elle expunha o exercito de Pizarro; o chefe, porém, que meditava requerer á côrte a conquista dos paizes que julgava poder descobrir, enfureceu-se com as observações dos dois e, mandando pôr em terra Sanches de Vargas, seguiu viagem. Após longos mezes de penosa navegação pelo Amazonas e seus affluentes desembocou a 26 de Agosto de 1540 no Atlantico; ahi carregou sobre o rumo do norte no littoral e depois de refrescar no golfo de Pariá fez-se de vela para a Hespanha.

O monarcha castelhano recebeu-o com agrado, nomeou-o governador das terras descobertas, com excepção das ilhas e ás mesmas terras conferio o nome de *Nueva Andaluzia*. Orellana voltou ao Amazonas, porém não conseguiu fundar o estabelecimento que pretendia, por tel-o acommettido uma enfermidade que em poucos dias o levou ao tumulo.

CAPITULO IX

O BRASIL NO REGIMEN DAS CAPITANIAS

Por esse anachronico regimen das capitanias hereditarias que D. João III estabelecera no Brasil, systema que o illustrado escriptor brasileiro Sylvio Romero denomina com muita propriedade o néo-feudalismo brasileiro, a sociedade colonial dividia-se em tres classes — fidalgos, peões e gentios, aos quaes podiam equiparar-se para muitos effeitos judiciarios a classe dos escravos, (indios ou africanos), sem privilegios nem garantias de especie alguma, antes cousas que pessoas.

Da primeira classe sahiam os donatarios ou capitães-móres, senhores quasi absolutos dentro dos limites de suas capitanias, e apenas reconhecendo o rei como suzerano; della tambem sahiam a maior parte dos sesmeiros e os parasitas e desvairados aventureiros que pela sua depravação se tornavam importunos na metropole; os peões davam os colonos e os homens bons; a terceira classe era a dos africanos e incolas que arremettiam continuamente contra o usurpador que lhe devassava as florestas ou se submettiam medrosos ao portuguez, na inconsciencia do seu valor numerico e da sua energia guerreira de americano.

« Não é preciso dizer muito, escreve o notavel publicista Dr. Martins Junior na sua *Historia do Direito Nacional*, para debuxar-se a largas pinceladas de factos, o painel da vida colonial brasileira na primeira metade do seculo 16.

« Socialmente, o que avultava no paiz era um extranho *pêle-mêle* de raças a repellirem-se aqui e a cruzarem-se acolá e de colonos, aventureiros, degradados e escravos a chocarem-se e a explorarem-se por toda a parte.

« Economicamente, o que se via era um rudimentarismo commercio interno, apoiado sobre uma não menos rudimentar exploração do solo, imposta a vergalho ao negro para a cultura de alguns cereaes e espe-

cialmente da canna — materia prima dos engenhos de assucar.

« Juridico-politicamente, o inventario dos institutos coloniaes dava em resumo um pequeno numero de senhores absolutos e despoticos, independentes entre si, vassallos de uma corôa longinqua, e detentores de um formidavel poder de administrar e julgar, só limitado pelo arbitrio individual e proprio. »

Eis a synthese perfeita da vida colonial no Brasil, ou antes na fita branca das praias, pois a população alienigena não se atreve ainda nesse periodo a devassar o sertão, transpondo as serras elevadas que se empinam a poucas leguas do mar. O macegal dos campos onde a vista não encontra pouso ou a immensidão escura das florestas apavoram por emquanto o homem de além mar. S. Paulo e Iguassú, que são os nucleos mais interiores, distam poucas leguas do oceano.

Mas deixemos que o provecto escriptor tire por si as deduções analyticas da synthese que tão bem formulou:

« E' claro, continúa Martins Junior, que uma tal organisação trazia no bojo os seus elementos de morte. As leis historicas e especialmente a grande dominadora de todas ellas — a da evolução, não supportam reprezas e muito menos retrocessos.

Numa epocha em que a edade moderna, ao estrondo da queda de Constantinopla, convidava o mundo a ligar o presente ao passado pela Renascença, e ao futuro pela constituição politica das grandes nacionalidades e simultaneamente pela encorporação ao patrimonio do continente europeu de novos continentes entrevistos, a superfetação feudal, levada a uma região virgem onde as tradições eram as da simpleza primitiva e não as das pretenciosas distinções aristocraticas, certo que não podia vingar. O proprio instituidor do regimen havia de reconhecer isso, deliberando-se dentro de pouco tempo a reformal-o, para pôl-o de accôrdo com a situação politica da Europa, caracterisada no momento pela reacção centralisadora, unitaria e absolutista da realeza contra a dispersão federativa do feudalismo.

« Demais a anarchia que logo começou a lavrar intensamente nas capitanias era um symptoma de grave molestia a debellar por meio de uma medicação energica. Com excepção dos de Pernambuco e S. Vicente,

os varios nucleos coloniaes fundados no littoral brasileiro affundavam numa insondavel degenerescencia material e moral. O trabalho escravo, extorquido a chicote, caminhava lento e pouco productivo, ao passo que os mares « estavam peiores do que nesse tempo os de Tunis e Argel» porque em muitas das povoações «se armavam navios de contrabandistas, ou para melhor dizer de piratas, que iam a corso pela costa.»

« Os ciumes e intrigas entre os donatarios ou seus representantes davam logar a pessimas praticas administrativas, taes como os asylos ou acoutamentos concedidos a criminosos que se evadiam de umas para outras capitanias.

« Os excessos, os abusos do poder dos capitães governadores, que se aproveitavam da sua ampla jurisdição criminal sobre os colonos para tomarem vinganças brutaes e praticarem crueldades excusadas, — alarmavam e revoltavam os habitantes.

« Por outro lado o rebaixamento do nivel moral das capitanias afrouxava todos os laços sociaes, dissolvia os costumes, apagando os sentimentos de sociabilidade e de justa subordinação á ordem legal. Os vicios dos escravos e dos degradados contaminavam tudo, e até entre as «pessoas de maior qualidade» não eram raros os desvios e crimes de toda a ordem. Varnhagen, a quem nos reportamos para fazer esta synthese da situação dos nossos primeiros focos de população e cultura, informa a respeito: « Cumpre saber que a desmoralisação e irreligiosidade, em varias das capitanias nascentes, chegou a tal ponto que se commettiam assassinatos, entrando no numero dos criminosos alguns ecclesiasticos. »

Os negros.—Os primeiros navios portuguezes que aportaram ao Brasil já traziam escravos africanos que serviam de criados aos commandantes e mais pessoas gradas que vinham a bordo. A propria esquadra de Cabral trazia-os, talvez para que servissem de interpretes.

Taes negros, porém, apenas cursavam as costas com seus senhores ou amos; mas, ao estabelecer-se o regimen das capitanias, começaram a ser introduzidos em grande escala no paiz, pois os foraes concedidos aos donatarios facultava a estes o direito de utilisal-os como escravos.

Na introducção deste livro já vimos que os negros trazidos para o Brasil pertenciam na sua maioria ao grupo que primeiramente o capitão inglez Bleek e depois Hovelacque deram o nome de *bantu*. Nessa primeira epocha da historia do Brasil porém, quasi todos os africanos vinham especialmente de Guiné, de onde eram transportados primeiramente para Cabo Verde.

Os negros, além de fecundar com o seu trabalho a terra virgem do Brasil, da qual brotaram os extensos cannaviaes e todas as outras culturas primitivas, fez pelo seu braço, poucas vezes alliado ao do indio, geralmente insubmisso, surgir as povoações que em grande numero e dentro de poucos annos estrellaram o littoral do Brasil, e bem assim os numerosos engenhos, as fortalezas, os templos e todos os padrões do progresso na incipiente colonia portugueza, e isto tudo recebendo em paga sómente injurias e castigos atrozes.

Os negros introduziram no Brasil algumas culturas especiaes, taes como a dos quiabos, dos maxixes, do capim d'Angola que se reputa forragem de primeira ordem, do coqueiro de dendê, cujo oleo ainda é hoje tão apreciado, dos guandos, da malagueta, e até do feijão preto, segundo alguns autores.

Finalmente, a Africa por intermedio de seus pobres filhos enriqueceu a lingua portugueza de muitos vocabulos novos que tornaram o dialecto brasileiro muito mais opulento e variado na euphonia de suas expressões do que a lingua mãe.

Os indios.—Pelos foraes concedidos pelo rei aos donatarios de capitanias no Brasil os indios tambem podiam ser escravisados ; a resistencia, porém, que estes oppunham ao captiveiro e a facilidade que tinham de quebrar as cadeias do mesmo e ganhar a selva proxima, onde sabiam encontrar asylo seguro, difficultavam muito a sua servidão. Além disso era tão profundo nos selvagens brasileiros o amor pela independencia selvagem que grande numero delles morriam quando não podiam evitar o captiveiro. Assim, no regimen das capitanias, o portuguez muitas vezes se contentava em viver em boa harmonia com o indio da cabilda visinha e utilisar o seu trabalho mediante uma pequena paga, o que aliás tambem não produzia resultado, pois o indio tinha a maior repugnancia a qualquer trabalho regular.

Os indios communicaram aos portuguezes diversas culturas taes como a da mandioca, do inhame, da tayoba, dos carás, do aipim, da bananeira, do milho, etc., e bem assim diversos usos como o do emprego dos cipós nas construcções, em substituição aos pregos, o systema de derrubar as mattas e encoivarar, certos processos de caça e pesca, e mais tarde o uso do fumo que tanto se vulgarisou.

CAPITULO X

GOVERNO GERAL DE THOMÉ DE SOUZA

O systema de colonisação do Brasil por meio de capitanias hereditarias, posto em pratica por João III, não produzira os resultados que o monarcha portuguez esperava.

Esse systema, como vimos em precedentes capitulos, era um arremedo do feudalismo, organisação politica que já tinha sido abolida na Europa, onde, desde Luiz XI começou-se a reconhecer a necessidade da centralisação administrativa, e que, por fórma alguma poderia medrar no Brasil onde o numeroso gentio, sem traccionalismo religioso, nem respeito aos foros legendarios da nobreza, nunca poderia sujeitar-se á triste condição de servo da gleba.

Os exaggerados privilegios que desfructavam os donatarios eram a valvula aberta a todas as arbitrareidades, e parte da população colonial, composta de fidalgos aventureiros naturalmente insubmissos, ou de degradados, rebeldes por indole a qualquer arregimentação ordeira, de continuo perturbava a tranquillidade nos nucleos e embaraçava o seu desenvolvimento dos mesmos.

Accrescentando-se a isso as terriveis represalias do gentio, motivadas pelas barbaridades sobre elles commettidas, o immoral direito de couto e homisio que enchia as capitanias de malfeitores, as depredações dos piratas e o desprezo dos traficantes estrangeiros por essas populações reduzidas, que nem lhes podiam resistir, nem de parte alguma recebiam soccorro, facilmente se comprehenderá quão precaria era a situação do Brasil na primeira phase do colonato.

Assim, D. João III procurando introduzir mais ordem na administração colonial e proporcionar segurança á população, resolveu crear um governo geral no nosso paiz, cassando os extraordinarios privilegios que havia concedido aos capitães-móres e dos quaes estes tinham abusado ou não tinham sabido gosar. Assim,

iniciou-se logo « a necessaria reacção do systema centralisador sobre o feudal — reacção que só dois seculos depois viria a ser completa e definitiva pela encorporação á corôa de todas as terras doadas, mas que convinha ser apressada por innumeras razões de ordem politica e economica. » (1)

Em 1548, epocha em que D. João III creou o governo geral já tres dos primitivos donatarios haviam morrido e dois se limitavam a assignar uma ou outra providencia que lhes pediam os seus prepostos. » Restavam pois, além de Duarte Coelho, quatro: destes, um (Pero de Campos) morreu logo, dois (Pero Góes e Cardoso de Barros) nada tinham de seu, e o quarto (Vasco Fernandes) já nenhuma influencia nos seus subditos, e e se considerava, por varios titulos, de todo perdido. (2)

Para séde do governo foi escolhida a Bahia que Manoel Coutinho herdeiro do infeliz Francisco Pereira Coutinho tinha cedido á corôa, mediante um padrão de quatrocentos mil réis de juro por anno, pagos pela redizima da mesma capitania e vinculados para si e seus herdeiros ; para governador geral foi nomeado Thomé de Souza, fidalgo do conselho do rei, filho natural de uma das primeiras casas de Portugal e distincto por seus grandes dotes governativos e pelo valor e prudencia que provara em muitas occasiões difficeis na Africa e na Asia.

Regimento dado a Thomé de Souza.—Transcrevemos aqui o regimento que Thomé de Souza trouxe para o Brasil e que vigorou como lei para os governadores e seus successores, até 1677 em que se deu ao governador Roque da Costa Barreto um novo regimento.

Pela sua leitura far-se-á uma idéa mais perfeita do novo regimen que era inaugurado no Brasil.

Eil-o :

« Querendo el-rei conservar e ennobrecer as terras do Brasil, e dar ordem á sua povoação, tanto para exaltação da fé, como para proveito do reino, resolve mandar uma armada com gente, artilheria, munições e todo o mais necessario para se fundar uma fortaleza e povoa-

(1) J. Izidoro Martins Junior.—*Historia do Direito Nacional.*

(2) Varnhagen.—*Historia geral.*

ção grande na Bahia de Todos os Santos, donde se possa dar favor e ajuda ás mais povoações, e prover nas cousas de justiça, direito das partes e negocios da real fazenda, e ha por bem nomear a Thomé de Souza, pela muita confiança que faz da sua pessoa, para governador geral do Brasil, e capitão da fortaleza, em cujos cargos observará as seguintes disposições :

Irá directamente á Bahia, e logo que chegue, deve apossar-se da cerca ou fortificação que havia feito o donatario Francisco Pereira Coutinho, e onde consta que ainda ha povoadores christãos, empregando para isso a força, se fôr mister, e o mais a seu salvo que lhe fôr possivel. Todavia, como consta que este local não é dos mais apropriados, o estabelecimento que fizer nelle será de natureza provisoria — e deve escolher outro mais pela bahia dentro, tendo attenção á capacidade do ancoradouro, á bondade dos ares e aguas, e abundancia dos provimentos, com que pelo tempo adiante venha a povoação a ser cabeça de todas as capitanias. Para isso leva o governador pedreiros, carpinteiros e varias *acheguas*.

O principal fim por que se manda povoar o Brasil é a reducção do gentio á fé catholica. Este assumpto deve o governador pratical-o muito com os demais capitães. Cumpre quo os gentios sejam bem tratados, e que no caso de se lhes fazer damno e molestia, se lhes dê todo o reparo, castigando os delinquentes.

Entretanto consta que os gentios da linhagem dos tupinambás, derramados em numero de alguns milhares, assim pelas ilhas do golfo, como por toda a costa da Bahia, e da visinha capitania de Jorge de Figueiredo, se levantaram, molestando e fazendo guerra a este, expulsando o donatario da Bahia, e destruindo-lhe as fazendas, com cujo exemplo os das capitanias visinhas se tinham tambem animado a iguaes attentados. Delles ha porém, como os tupiniquins, que por inimigos dos tupinambás e desejosos de lhes fazer guerra, andam inclinados á nossa alliança. Mas todos emfim estão na expectativa do que farão os portuguezes, e só esperam a sua resolução para tambem a tomarem. Pelo que logo que o governador estiver de assento e assaz fortificado na terra, indague bem quaes são os amigos e os inimigos ; aquelles para chamal-os com bons termos, ajudando-se delles na guerra, mas sempre acautelado, e

despedindo-os, logo que os possa escusar ; a estes para os reprimir e castigar, consultando esta materia com os homens praticos, e com os capitães das povoações visinhas e bem disposto saia a destruir-lhas as aldeias e povoações, matando, captivando e expulsando o numero que lhe parecer bastante para castigo e exemplo ; e depois lhe conceda paz e perdão, se o pedirem, sob condição de renderem vassalagem e sujeição e de darem mantimentos para a povoação. Mas entretanto que negociar as pazes, faça por colher ás mãos alguns dos principaes que tiverem sido cabeças dos levantamentos e os mande enforcar por justiça nas suas mesmas aldeias.

Não obstante porém estas determinações, e attendendo á falta de intelligencia dos gentios, e o quanto convém attrahil-os á paz para o fim da propagação da fé, e augmento da povoação e commercio, o melhor será em todo o caso conceder-lhes perdão, induzindo-os a que o peçam.

Com isto se escusará a guerra, tão opposta aos designios manifestados.

Aos indios amigos, que as quizerem, concederá terras ; mas os convertidos por nenhum caso fiquem nas aldeias com os gentios ; devem estabelecer-se junto ás povoações porque com o trato dos christãos mais facilmente se hão de policiar. Os meninos sobretudo convém ter apartados dos mais, porque nelles a doutrina fará mais fructo.

Consta que algumas pessoas, que tem navios e caravellas no Brasil, e navegam de umas para outras capitanias, costumavam saltear e roubar os gentios de paz por diversos modos, attrahindo-os enganosamente a bordo, e indo depois vendel-os a outras partes, e até a proprios inimigos, donde resultava levantarem-se os mesmos gentios, e fazerem guerra aos christãos, sendo esta a principal causa das desordens que tinham havido. (1) Pelo que fica de ora em diante prohibido saltear e fazer guerra ao gentio por mar ou terra, inda que estejam levantados, sem licença do governador ou dos capitães, que só a darão a pessoas de confiança... Aos

(1) Effectivamente, como já vimos, a destruição da capitania da Parahyba pelos indios Goytacazes, foi motivada por um facto desta natureza.

contraventores, pena de morte, e de perda de toda sua fazenda.

E como as leis do reino prohibem ministrar armas a mouros e infieis, fica tambem defeso dal-as ao gentio do Brasil, de qualquer feição que sejam, offensivas ou defensivas, sob pena de morte, e perda de todos os bens, e perguntando-se todos os annos sobre este particular nas devassas geraes. Esta prohibição não comprehende machados, machadinhas, fouces de cabo redondo, facas pequenas, e tesouras de duzia, as quaes cousas concorrerão por moeda com os preços que se lhes taxarem.

Ainda assim a excepção declarada não terá logar, emquanto el-rei não mandar a dispensa que tem solicitado do papa.

Um dos primeiros cuidados do governador, logo que chegue á Bahia, será informar-se dos capitães, que corsarios, e em que força correm a costa, pois a perseguição e destruição delles é indispensavel á prosperidade do Brasil. Assim que, logo que sobre isso estiver bem informado, irá ou mandará tomal-os, procedendo contra elles na forma da provisão especial que leva, afim que o temor do castigo os inhiba de frequentar para o futuro aquellas paragens.

Para que essa perseguição seja efficaz, cumpre prover á construcção de navios. O governador deve pois mandal-os fabricar e artilhar para serem empregados neste mister, ou em qualquer outro do real serviço, assim na Bahia como nas demais capitanias, dando conta a el-rei do que mais cumprir para n'isso prover mais largamente.

Para a segurança e defesa das povoações e fortalezas do Brasil, os capitães e os senhores de engenho, nos quaes haverá sempre torres ou casas fortes, serão obrigados a ter, a saber: cada capitão em sua capitania, pelo menos dous falcões, seis berços, seis meios berços, vinte arcabuzes, a polvora necessaria, vinte béstas, vinte lanças, quarenta espadas e quarenta corpos d'armas de algodão, dos que se usam no Brasil; e os senhorios dos engenhos ao menos quatro berços, dez espingardas, a polvora precisa, dez béstas, dez lanças, vinte espadas e vinte corpos d'armas de algodão. E todo o morador que tiver no Brasil casas, terras, aguas ou navio, terá pelo menos bésta, espingarda, lança e espada. Serão no-

tificados para se proverem dessas armas dentro de um anno, e findo esse prazo pagarão em dobro a valia das que faltarem.

O provedor-mór, quando correr as capitanias, fiscalisará a execução desta disposição, applicando a pena aos culpados. Na sua ausencia os provedores da capitania farão autos, e lh'os remetterão para os julgar. Porém a jurisdicção do provedor nesta parte é limitada aos capitães, quanto ás demais pessoas, compete aos mesmos capitães.

Havendo destas armas nos armazens reaes, serão dadas ás pessoas que se quizerem prover d'ellas, pelos preços que lá ficam postas. O governador proverá á construcção de navios de remos, de quinze bancos ao menos, e d'ahi para cima.

As munições e apparelhos necessarios para elles serão livres de direito ; e mais terá o premio de quarenta cruzados, pagos pela fazenda real do Brasil, quem as fabricar de dezoito bancos para cima. Entretanto ninguem os poderá fabricar sem licença do governador, estando presente, e na sua ausencia do provedor-mór ; e na de ambos dos provedores das capitanias.

O governador estabelecerá feiras nas villas e povoações, uma ou mais vezes por semana, em que os gentios venham comprar, vender e escambar. Ainda em dias que não forem de feira, se os christãos tiverem necessidade de alguma cousa, poderão ir compral-a aos gentios, onde lhes convier, precedendo licença do capitão respectivo.

A's aldeias dos Indios só poderão ir os senhorios e moradores dos engenhos, podendo todavia esta faculdade ser limitada a prudente arbitrio do governador.

Com os capitães e officiaes de fazenda taxará o preço aos fructos da terra, e ás fazendas que forem do reino e mais partes com que o tenham certo e razoavel, e por elle se possam comprar, vender e escambar.

Em virtude do foral dado ás capitanias pertence a el-rei todo o pau brasil ; e como as pessoas a quem se deu licença para o haverem, o resgatam por preços excessivos, afim de o conseguirem mais promptamente — do que se seguem muitos inconvenientes — o governador com o provedor-mór, capitães e mais officiaes proveja nisso, taxando-lhe preço razoavel, que se assentará nos livros dos camaras.

Quando fôr correr as capitanias, acompanhar-se-ha do provedor-mór, para com elle informar-se dos impostos e rendas que houver em cada uma, o modo de sua arrecadação e dispendio, dos officiaes de fazenda existentes, provendo interinamente os que faltarem, até el-rei os prover definitivamente, ouvindo sempre o provedor-mór, e seguindo em tudo o seu regimento, onde mais largamente se provê nesta materia.

O termo da cidade será para cada lado de seis leguas, ou as que se poderem achar. O governador as fará demarcar e logo que estiver de assento, dal-os-ha de sesmaria a quem as quizer, nunca maior porção que aquella que a cada um fôr possivel aproveitar, sob a condição de virem os sesmeiros residir na Bahia, de não alienarem as terras durante os tres primeiros annos, ao mais disposto no foral, e na Ord. do L. 4º das sesmarias. O governador guardará todavia as concessões anteriores comtanto que os respectivos sesmeiros, que serão immediatamente avisados nos logares onde se acharem, venham para a Bahia no primeiro navio, afim de aproveital-as nos termos supramencionados, sob pena de se darem a outros. A nenhum outro fôro ou pensão ficarão sujeitas aquellas terras, além do dizimo.

Dar-se-hão tambem de sesmaria as terras das ribeiras visinhas, a pessoas que tenham posses para estabelecerem engenhos de assucar ou outras cousas dentro de um certo prazo que lhes será assignado, e sob condição de levantarem nelles torres ou casas fortes sufficientes para defensão dos mesmos engenhos, e povoação dos seus respectivos limites. Os engenhos serão assentados, quanto fôr possivel, na proximidade das villas, para sua mais facil defesa, e vistos os graves inconvenientes que resultam de sua grande distancia e dissemi-nação.

Mais serão obrigados os proprietarios dos engenhos a moer a canna dos lavradores visinhos, que os não tiverem, ao menos seis mezes no anno, recebendo por paga a porção de canna que o governador taxar. Estas reciprocas obrigações serão declaradas nas cartas de sesmarias.

Quanto ás mais terras além do limite da cidade até o rio de S. Francisco, que limita a capitania de Duarte Coelho, o governador informar-se-ha de sua situação,

extensão e qualidade e dos pretendentes que houver a ellas, que meios tem, e para que genero de cultura as querem, dando comprida informação de tudo a el-rei para resolver.

Nos primeiros cinco annos não se poderão dar terras da Bahia aos moradores das outras capitanias, aos quaes nem mesmo será permittido passar a ella durante o mesmo prazo. Esta prohibição, porém, não será applicavel áquelles que já alli tiverem concessões anteriores, acerca dos quaes já fica legislado.

Tudo quanto se dispõe para a Bahia em relação ás sesmarias é applicavel ás demais capitanias.

E' de muita conveniencia descobrir as terras pelo sertão dentro. A este intento o governador mandará alguns bergantins toldados pelo rio de S. Francisco, e outros, com linguas e praticos, pondo-se marcos, tomando-se o que fôr para notar e participando-se tudo a el-rei.

Ninguem poderá ir pelas terras a dentro, e communicar de umas para outras capitanias pelos sertões, vistos os inconvenientes que d'ahi se seguem, ainda estando as mesmas terras de paz — sem licença do governador, capitães ou provedores,—pena aos contraventores, sendo peão — de açoutes — e sendo pessoa de mór qualidade — de vinte cruzados. Taes licenças, comtudo, si não concederão sinão a pessoas de muito recado, informando-se primeiro a autoridade si ellas não são precisas na respectiva capitania, e si não estão ellas sujeitas a alguma obrigação. O capitão que receber algum individuo na sua capitania sem que este lhe apresente licença, pagará cincoenta cruzados. Aos degradados em caso algum será permittido sahir das capitanias que lhes houverem sido assignadas para cumprirem suas sentenças.

O governador correrá todas as capitanias, acompanhado do provedor-mór, e com elle, os respectivos capitães, ouvidores e officiaes de fazenda, consultará tudo quanto importar á sua boa governação e defesa, fazendo levantar cercas onde as não houver e reparar as existentes.

O governador poderá :

Prover em officiaes de justiça e fazenda os degradados que prestarem bons serviços nas armadas ou em terra, exceptuados sómente os condemnados por furto e falsidade.

Fazer cavalleiros ás outras pessoas que prestarem iguaes serviços.

Mandar finalmente adiantar, em recompensa destes e outros taes serviços vencimentos ou ordenados, e fazer donativos, uma vez que estes não excedam a cem cruzados por anno.

Levará traslado da Ord. que prohibe o uso de brocados e sedas no reino e senhorios a quaesquer pessoas, afim de a fazer publicar e executar em todas as capitanias, registrando-se em cada uma das camaras.

Nos casos omissos consultará com os mais officiaes ou com quaesquer outras pessoas idoneas, prevalecendo todavia a sua opinião si os votos discordarem, e lavrando-se termo, neste caso, para ser presente a el-rei. »

O funccionalismo.— Além do governador geral. Thomé de Souza, que percebia de vencimentos 400$000 annuaes, o rei creou mais os seguintes cargos:

O de *ouvidor geral*, com alçada e autoridade de passar provisões em nome do rei e ao qual se concedia conhecer nas causas crimes por acção nova e alçada até morte natural, exclusive, nos escravos gentios e peões christãos livres, dos quaes quando competisse pena de morte, poderia esta applicar-se sem appellação, concordando nella o governador geral, e não concordando, teria de remetter os autos ao corregedor da côrte, com o preso. Nas pessoas de mór qualidade teria o ouvidor alçada até cinco annos de degredo. Para este cargo foi nomeado o dezembargador Pero Borges.

O de *provedor mór* da Fazenda para providenciar ácerca das alfandegas e das casas dos contos (thesourarias), ou por outra, zelar pela arrecadação dos dinheiros publicos. Foi nomeado para este cargo Antonio Cardoso de Barros.

O de *capitão mór da costa* afim de policiar o littoral. Foi para elle nomeado Pero Goes.

Estes eram os chefes, para os quaes o rei nomeou os seguintes subalternos:

Francisco Mendes da Costa, escrivão do provedor da fazenda.

Antonio dos Reis, escrivão da provedoria da alfandega e defuntos.

Pedro Ferreira, thesoureiro das rendas.

Miguel Muniz, escrivão dos contos.

Christovão d'Aguiar, almoxarife dos mantimentos, tendo seu escrivão.

Foram igualmente nomeados :

Miguel Lourenço, para vigario da igreja matriz.

Diogo de Castro, boticario.

Luiz Dias, mestre das obras da fortaleza.

Miguel Martins, mestre de fazer cal.

Diogo Peres, mestre pedreiro.

E, bem assim muitos outros, pois segundo Varnhagen, o numero dos que se embarcaram, recebendo ordenados, elevava-se a tresentos e vinte.

Chegada de Thomé de Souza. — Chegou Thomé de Souza á Bahia em 29 de Março de 1549; estabeleceu-se provisoriamente no logar em que era a séde da antiga capitania e que tinha o nome de Victoria, transportando-se depois mais para o sul onde lançou os fundamentos da actual capital da Bahia, a qual impoz o nome de *Cidade do Salvador*.

Deu muitas terras de sesmaria, impulsionou a agricultura, fomentou a industria pastoril, fazendo vir gado das ilhas de Cabo Verde.

Sendo quatro colonos victimados pelos indios, fez fuzilar dois dos principaes á bocca de um canhão, afim de infundir o terror nas cabildas.

Diogo Alvares, o Caramurú, que recebeu uma carta de D. João III afim de auxiliar o governador, prestou valiosos serviços aos portuguezes, nessa occasião.

O ouvidor e o provedor visitaram as capitanias e puzeram em ordem as cousas do seu ministerio.

Finalmente, foi proveitosa para o Brasil a administração de Thomé de Souza que não poupou esforços para realisar o plano regio de fundar-se uma grande e forte cidade no Brasil e impôr ás capitanias a soberania de um governo capaz de se fazer respeitar.

Chegada dos primeiros jesuitas ao Brasil. — Com Thomé de Souza chegaram ao Brasil os primeiros padres da Companhia de Jesus, corporação, essa que tão decisiva influencia exerceu sobre os destinos deste paiz.

Eram em numero de seis e vinham debaixo da direcção do padre Manoel da Nobrega, portuguez e de familia nobre. Os outros jesuitas eram Aspilcueta Navarro, Leonardo Nunes, Affonso Braz, Diogo Jacome e Simão Gonçalves.

Estes seis discipulos de Loyola, assim que aportaram ás plagas brasileiras, lançaram-se com o fervor e a abnegação de verdadeiros apostolos á catechese dos selvicolas, dos quaes se constituiram desde logo zelosos defensores e ao mesmo tempo que se empregavam em furtal-os á crueldade dos invasores, esforçavam-se por fazer desapparecer nelles a paixão por certos usos barbaros, principalmente a hedionda anthropophagia.

Os padres Leonardo Nunes e Diogo Jacome percorreram as capitanias dos Ilheus e Porto Seguro e nellas converteram ao christianismo muitos indios e africanos.

O mesmo fizeram Affonso Braz e Simão Gonçalves na Capitania do Espirito Santo.

Aspilcueta Navarro apoderou-se da lingua tupy, na qual pregava aos indigenas a suave doutrina do Evangelho; Nobrega percorreu as capitanias do sul e fez concorrer a musica sacra na obra da catechese.

Na primeira metade do seculo XVI o trabalho dos jesuitas no Brasil é um dos mais nobres que a historia da Igreja pôde registrar; não só elles representam na primitiva sociedade brazileira o elemento verdadeiramente intellectual e moralisador, como ainda foram elles os unicos homens que protestaram e resistiram contra o esterminio systematico de uma raça que o conquistador almejava destruir, já que não lhe fôra possivel submettel-a á ignominia do captiveiro.

Alem disso, numa sociedade composta de raças differentes, das quaes uma representava a congregação de pessimos elementos: fidalgos ignorantes, brutaes, despoticos e depravados, padres dissolutos e cupidos, degradados, desertores, rameiras sordidas; e as outras não gosavam direito de especie alguma, sendo-lhes até negada a condição humana, o surgimento dos jesuitas, severos, impollutos e serenos foi um beneficio verdadeiramente providencial. A' primeira dessas raças deram elles o exemplo de altas virtudes, ás outras suavisaram a sorte e conferiram direitos que até então não se lhes reconheciam.

O primeiro bispo do Brasil. — Data de 25 de Fevereiro de 1555 a bulla que creou o bispado do Brazil, cujas terras por este facto se desannexaram da diocese do Funchal.

O bispado do Brazil ficava sendo suffraganeo do arcebispado de Lisbôa e nelle foi provido Pero Fer-

nandes Sardinha, que estudara em Paris, onde tomara o gráo de bacharel.

O novo prelado seguio immediatamente para a sua diocese em virtude das repetidas queixas que chegavam a Portugal sobre a desmoralisação do clero; no emtanto, não se mostrou mui severo em reprimir os abusos, pois, conforme disse elle mesmo em carta enviada ao rei «nos principios muitas cousas mais se hão de dissimular que castigar, maiormente em terra tão nova.»

Visita de Thomé de Souza ás capitanias do Sul — Em fins do anno de 1552 Thomé de Souza resolveu visitar as capitanias meridionaes e, para esse fim, fez aprestar uma esquadrilha composta de uma nau e duas caravellas que, confiou ao commando de Pero de Góes.

Nella embarcou-se o governador, levando em sua companhia o Padre Manoel da Nóbrega que pela segunda vez visitava o sul.

Nos Ilhéus destituio o capitão que alli se achava, substituindo-o por João Gonçalves Drummond e nessa capitania, bem como na de Porto Seguro, providenciou a respeito das povoações e engenhos, mandou levantar muros e deixou nellas alguma artilharia. Fez igualmente construir pelourinhos e casas de audiencia onde não as havia, chegando até a providenciar sobre o alinhamento das ruas.

Extasiou-se ao entrar na bahia do Rio de Janeiro, mandando a este respeito uma carta enthusiastica ao rei.

Em S. Vicente mandou construir a fortaleza que se chamou da Bertioga, tendo ensejo de recolher e agasalhar fidalgamente os sobreviventes da expedição que D. Fernando de Sanabria levava ao Prata e que naufragara nas costas de Santa Catharina.

E' um fructo desta viagem a creação da villa da Conceição de Itanhaem, na qual deu ordem que se juntassem os moradores esparsos, fazendo o mesmo no alto da serra de Cubatão, á Borda do Campo.

Primeiras noticias do ouro. — Depois da viagem de Thomé de Souza ao sul começaram a chegar-lhes a noticia da existencia de minas de ouro no sertão, umas vindas de São Vicente e outras de Pernambuco.

As desta ultima procedencia vieram por Indios arribados do sertão os quaes designavam as margens do S. Francisco como a região em que se encontrava o precioso metal, cujas amostras exibiam.

Logo que teve sciencia desta informação Thomé de Souza mandou uma galé sob o commando de Miguel Henriques subir o S. Francisco, porém dessa embarcação nunca mais se teve noticia.

Despachou ainda uma outra expedição sob o commando de Jorge Dias, afim de devassar o sertão em demanda do ouro. O jesuita Navarro acompanhou a expedição, morrendo pouco depois do regresso da mesma, em consequencia das fadigas que supportou.

Esta expedição partio da Bahia e seguio por terra até as margens de S. Francisco sem resultado algum.

Uma terceira expedição ao sertão, em demanda do ouro, realisou-se no governo geral de Thomé de Souza, foi a de Sebastião Fernandes Tourinho que partio do Rio Doce e caminhou onze dias com rumo de noroeste, descobrindo minas de turmalinas.

Terminação do governo de Thomé de Souza. — Pouco antes de deixar o governo Thomé de Souza requereu ao rei as seguintes medidas que ao depois foram adoptadas:

1.º O reforço de dez individuos habeis e honestos, em que pudesse confiar, para os fazer capitães das terras e officiaes da Fazenda.

2.º Que se resolvesse que todos os donatarios viessem morar nas suas capitanias, a não terem motivo muito justo que os impedisse.

3.º Que se enviasse para a Cidade do Salvador um capitão especial ou alcaide mor, que pudesse pela mesma responder, durante a ausencia do Governador Geral, em suas visitas ás outras capitanias.

4.º Que se lhe mandassem recursos para povoar o Rio de Janeiro, onde, em seu entender, conviria ter outro ouvidor

5.º Que se ordenasse que nas villas de Santos e S. Vicente se construissem castellos, por isso que, por muito derramadas as povoações, não era possivel mural-as.

6.º A suppressão dos cargos de provedor mór e capitão mór do mar, ficando estas funcções com o ouvi-

dor mór, afim de concentrar-se maior autoridade nas suas mãos.

Thomé de Souza deixou o governo do Brasil em 13 de Julho de 1553, conforme pedira ao rei, pois havia terminado o prazo de tres annos da sua governação.

Thomé de Souza veio a estimar verdadeiramente o Brasil e, sobre este particular encontra-se o seguinte na obra do bom Frei Vicente do Salvador:

«Era Thomé de Souza homem muito avisado e prudente, e muito experimentado nas guerras da Africa e da India, onde estivera. Tinha-se mostrado valoroso cavalleiro, mas estava isto cá tão em agro, e enfadava-se de labutar com degradados, vendo que não eram como o pecego, «pomo que da Persia veio melhor tornado no terreno alheio» que pedio com muita instancia por muitas vezes a El-Rei que lhe desse licença para se tornar ao Reino; comtudo é muito para notar um dito, que entre outros que tinha mui galantes, disse quando lhe veio a licença.

«E' costume nesta Bahia ir o meirinho do mar quando entam os navios e trazer a nova ao Governador, como pois fosse em aquella occasião, e achasse que vinha successor ao Governador tornou-se mui alegre a pedir-lhe alviçaras, porque já erão compridos seus desejos, e estava no porto novo governador, respondeu-lhe elle depois de estar um pouco suspenso: Vede isso, meirinho, verdade é que eu o desejava muito, e me crescia a agua na boca quando cuidava de ir para Portugal, mas não sei que é que agora me secca a boca de tal modo, que quero cuspir, e não posso. Não deo o meirinho resposta a isto, nem eu a dou, para os leitores dêm a que lhes parecer.»

CAPITULO XI

GOVERNO GERAL DE D. DUARTE DA COSTA

Thomé de Souza foi substituido na governação geral do Brasil por D. Duarte da Costa que passou a perceber 600$000 de vencimentos annuaes, isto é, mais 200$000 que o seu antecessor.

Para a sua administração ficou vigorando, como já dissemos, o regimento dado a Thomé de Souza.

As desordens de D. Alvaro— D. Duarte da Costa trouxe para o Brasil um seu filho, D. Alvaro da Costa, mancebo rixoso e dissoluto, que pela vida desordenada que levava, se tornou em extremo vexatorio aos primitivos colonos da Bahia.

Taes foram os desregramentos e desacatos á moral e ás pessoas, commettidos por D. Alvaro, que o bispo D. Pedro Sardinha, prelado aliás muito tolerante, como já tivemos occasião de ver, julgou-se obrigado a intervir com a sua autoridade ecclesiastica, afim de pôr termo aos desmandos do tresloucado fidalgote.

Aproveitou-se para isso do pulpito, segundo dizem, e d'ahi reprehendeu severamente o joven, concitando-o a comportar-se com o decoro compativel com a sua alta linhagem e brios já provados nas guerras que sustentara contra os Mouros na Africa.

Chocou-se o orgulho de D. Alvaro com a dura increpação e D. Duarte, seu pai, que talvez não desgostasse si o facto fosse reservado, doeu-se, no emtanto, por ser elle publico, parecendo-lhe que o bispo tinha ultrapassado a medida das conveniencias e offendera-o pessoalmente, fazendo da censura ao filho um motivo de escandalo.

O caso foi largamente commentado na cidade de S. Salvador e para logo se formaram dois partidos: um que apoiava o procedimento do bispo Sardinha, e outro que se pronunciou por D. Alvaro e seu pai, que em logar de se esforçar por impedir a discordia, deixou-se levar por suas susceptibilidades e permittio cavar-se a dissenção.

Deram-se conflictos ; o sangue correu por diversas vezes e as cousas subiriam de ponto, si o governo da metropole, movido pelas queixas de D. Duarte, não tivesse chamado o bispo Sardinha á côrte, afim de prestar contas do seu procedimento que o governador taxava de irregular.

Morte do primeiro bispo do Brasil.—D. Pedro Fernandes Sardinha que soffria enormemente com a feição que as cousas na Bahia haviam tomado e com as intrigas que o governador e D. Alvaro delle faziam com a côrte, logo que recebeu a intimação real embarcou-se ua nau *Nossa Senhora da Ajuda*, confiante de que em Lisboa saberiam fazer-lhe justiça. Muitas pessoas gradas e da sua parcialidade, temendo as vinganças de D. Alvaro, tomaram o partido de acompanhal-o.

A nau *Nossa Senhora da Ajuda* zarpou da Bahia a 2 de Julho de 1554 e já arrumava para o alto mar, quando um violento temporal lançou-a nos baixos existentes entre os rios de São Francisco e Cururipe, e ahi naufragou.

Todos escaparam do sinistro e dispunham-se a ganhar por terra o Recife, quando foram assaltados pelos terriveis Caethés e por estes trucidados e devorados, sendo o bispo o primeiro que recebeu a morte.

Apenas um portuguez, por saber falar a lingua tupy, conseguio escapar.

Este lamentoso successo produzio geral consternação na população colonial, encarregando-se o povo de bordar sobre o martyrio do infeliz prelado, uma lenda, pela qual se affirma que o terreno regado com o sangue de D. Pedro Sardinha tornou-se d'ahi por diante esteril.

Lucta com os Indios.—Logo apoz esse infausto successo e durante a ausencia do governador, que tinha ido visitar Pernambuco, sublevou-se o gentio da Bahia, atacando ao mesmo tempo o engenho de Pirajá e as boiadas de Garcia d'Avila.

Foi escolhido D. Alvaro da Costa para castigar os indigenas e nesta peleja procurou elle, pelo denodo e pelo desprendimento da vida, resgatar as suas faltas e rehabilitar-se no conceito da população da Bahia.

Foi bem succedido D Alvaro, conseguindo capturar alguns caciques, facto qne o governador permittio submetter as tribus á obediencia.

Os jesuitas.—Com Duarte da Costa veio para o Brasil um novo reforço de jesuitas, e deste faziam parte o ex-reitor do collegio de Coimbra, Luiz da Gran, e o celebre José de Anchieta que tanto se celebrisou na cathechese dos selvicolas.

Igualmente veio a noticia da elevação do Brasil á provincia da Companhia de Jesus, sendo o padre Nobrega escolhido para regel-a.

Assim que recebeu tão faustosa noticia, Nobrega, que se achava em S. Vicente, passou-se a Piratininga onde levantou uma igreja sob a invocação do apostolo S. Paulo, nome que com o correr dos tempos estendeu-se a toda a povoação, substituindo o de Piratininga.

Tebiriçá e Cauby, morubixabas dos campos circumvisinhos, foram de grande prestimo para os jesuitas e colonos.

O gentio em Pernambuco.—Fallecendo Duarte Coelho em 1554, passou a capitania de Pernambuco á sua viuva D. Brites d'Albuquerque, com o que se encorajaram os Indios e atacaram Iguarassú, destruindo ahi um engenho de assucar e um outro em Santiago.

Sentindo-se incapaz de reprimir o gentio, passou D. Brites o governo da capitania a seu irmão Jeronymo de Albuquerque que, embora com difficuldade, venceu os indigenas, tendo-o já completamente submettido em Agosto de 1545.

O gentio no Espirito Santo.—As violencias contra os indigenas no Espirito Santo, que eram em grande numero escravisados pelos portuguezes, fizeram com que elles se sublevassem e devastassem a capitania, que no emtanto, era uma das mais prosperas.

Destruiram varios engenhos e mataram muitos proprietarios dos mesmos, entre os quaes D. Jorge de Menezes e D. Simão de Castello Branco, os dois fidalgos degradados a que ja nos referimos. Igual sorte tiveram Bernardo Pimentel e Manuel Ramalho.

Cunhambebe.—Vencedores no Espirito Santo, tambem predominavam os indigenas desde Cabo Frio até S. Vicente, não só pelo auxilio que lhes davam os francezes, que frequentavam o Rio de Janeiro e portos visinhos, como pela obediencia que prestavam os morubixabas a Cunhambebe, indio que soube confederar as numerosas cabildas da costa e incutir o pavor nos portuguezes pela sua temerosa marinha de canôas.

Segundo Varnhagem, o nome de Cunhambebe era repetido com tanto terror em S. Vicente e nas galés da costa, como pouco antes, nas aguas e costas do Mediterraneo o do celebre Hariadam Barba Roxa.

Cunhambebe era um bravo. Ufanava-se de ter devorado carnes de alguns milhares de inimigos e muitas vezes, pela calada da noite, abordava as galés portuguezas nos ancoradouros, mesmo as artilhadas.

Conta-se que obtendo duas d'aquellas peças que se chamavam falcões, andava sempre armado d'ellas e fazia fogo sobre os inimigos tendo-as sobre os hombros e aguentando-lhes o recuo.

Atacou muitas vezes S. Vicente, Santos e até a fortaleza da Bertioga.

Com o auxilio deste chefe acreditamos que os francezes tornar-se-hiam senhores do sul do Brasil si os portuguezes não procurassem romper a confederação indigena, chamando em seu soccorro o auxilio de outros chefes barbaros, entre os quaes se salientou o famoso Ararigboia.

Hans Staden.— Foi prisioneiro de Cunhambebe, durante longos mezes, o allemão Hans Staden que já na defesa de Iguarussú (Pernambuco) tinha prestado aos portuguezes bons serviços como artilheiro.

Hans Staden foi um dos naufragos da mallograda expedição de Senabria; e, quando aprisionado pelos Tupinambás, era commandante da fortaleza da Bertioga que Thomé de Souza mandara construir.

A muito custo poude Hans Staden escapar-se e chegando á Allemanha escreveu as suas aventuras nas quaes se encontram interessantes observações sobre os usos e costumes do selvagem brasileiro.

Villegaignon.—Nicoláo Durand de Villegaignon, cavalheiro de Malta, vice-almirante da Bretanha e calvinista exaltado, tendo sabido ganhar a confiança do almirante Coligny, um dos chefes huguenottes da França, inspirou-lhe a idéa de fundar no Rio de Janeiro, paragem que os seus compatriotas muito frequentavam, uma colonia que servisse de abrigo aos seus sectarios, dado o caso que a intolerancia os forçassem a expatriar-se.

Rendendo-se Coligny ás razões por elle expostas, obteve do rei de França Henrique II alguns auxilios com os quaes Villegaignon fez-se logo de vela para o Brasil, entrando na bahia do Rio de Janeiro em 1555.

Segundo refere Lery, chronista desta expedição, o primeiro logar em que Villegaignon desembarcou foi o ilhéo hoje occupado pela fortaleza da Lage. Como, porém, era elle muito lavado pelas ondas durante a preamar, transportou-se pouco depois para a ilhota mais ao fundo chamada pelos naturaes de *Serigipe* e que elle denominou de *Coligny*, em homenagem ao seu patrono. E' a ilha hoje occupada pela fortaleza de Villegaignon.

Fortificou Villegagnon a ilhota de Serigipe, premeditando fundar na terra firme uma cidade a que poria o nome de *Henriville*, destinada a ser mais tarde capital de uma nação, para a qual reservava appellidação de *França Antarctica*.

Em seguida despachou Villegaignon para a França um navio, e por este mandou pedir ao almirante Coligny que lhe enviasse missionarios calvinistas, pois encontrava no gentio excellentes disposições para com os francezes.

Assim devia ser, pois Villegaignon, ao contrario do que praticavam os portuguezes, tratava os selvagens benignamente e até lhes mandava ensinar todo o genero de officios e manejo de armas, punindo rigorosamente aquelles francezes que lhes causavam algum damno.

Quiz ainda este homem notavel attrahir mais os selvagens por meio de casamentos de francezes com mulheres do paiz. Este recurso, falhou, porém. Um normando, que elle pretendia consorciar a uma india, revoltou-se, movido por estupidos preconceitos, e urdio uma conspiração contra a vida do almirante, conspiração na qual entraram perto de vinte francezes.

Villegaignon mandou enforcar ao cabecilha e poz dois a ferros, porém perdoou os outros.

Neste interim chega ao Rio de Janeiro um sobrinho de Villegaignon, Bois le Comte, com um reforço de tresentos homens em tres navios armados pela corôa e assim fortificaram-se os francezes que depois foram attacados pelos portuguezes como veremos, quando nos occuparmos com o governo geral de Mem de Sá.

Jean de Lery. — Com Bois le Comte chegaram ao Brasil dois missionarios calvinistas, sendo um Jean de Lery, natural de Genebra, na Suissa, o qual, no seu excellente livro intitulado — *Histoire d' un voyage faict en la terre du Brésil, autrement dit Amerique*, nos

deixou preciosos testemunhos sobre a remota historia da lucta entre francezes e portuguezes e bem assim sobre a ethnographia brasileira.

Mortos notaveis.—Dois foram os mortos notaveis nos ultimos tempos do governo de D. Duarte da Costa.

O primeiro foi D. João III, soberano de Portugal, fallecido a 11 de Julho de 1557.

Comquanto pouco previdente, D. João III esforçou-se pelo progresso do Brasil e a prova temol-a mesmo nessas repetidas experiencias de colonisação e nos diversos systemas que adoptou ; e comquanto tivessem os primeiros effeito negativo, revelaram no entanto boa vontade da sua parte.

Quanto ao seu caracter sabemos que era pouco escrupuloso nos meios que empregava para alcançar os seus fins. Delle escreveu J. F. Lisbôa nas suas *Obras*:

« Não só armava emboscadas á vida dos prelados de quem se não dava por bem servido, sinão que punha agentes que pelo assassinato o descartassem em segredo de qualquer piloto apenas suspeito de poder indicar aos estrangeiros o caminho das conquistas, e cobrava depois o recibo do preço e galardão do sangue tão aleivosamente derramado.»

A D. João III succedeu D. Sebastião, apenas com tres annos de idade, ficando sua avó, D. Catharina da Austria, com as redeas do governo.

O outro morto notavel foi Diogo Alvares, o Caramurú, fallecido em 5 de Outubro de 1557.

Terminação do governo de D. Duarte da Costa.—D. Duarte terminou a sua governação em 4 de Julho de 1558.

Sabia do estabelecimento de Villegaignon no Rio de Janeiro e neste sentido representou ao rei, pois não se sentia bastante forte para atacar o aventureiro francez.

Pouco antes de deixar o governo praticou um acto contra o qual muito se murmurou. Trata-se da doação de uma sesmaria de quatro leguas de terras a seu filho e successores, entre os rios Paraguassú e Jaguaripe, sesmaria essa que em 1565 foi reduzida pelo rei a uma capitania, com parte das clausulas concedidas aos primeiros donatarios.

Duarte da Costa foi um governador activo, embora desastrado como se vio na lucta com o bispo, e mediocremente arrojado, como se deduz do receio que tinha de atacar os francezes.

Depois da discussão com o bispo Sardinha ficou sempre suspeitoso da população da Bahia, tanto que, quando ia visitar um engenho que tinha em Sergipe, sahia ás occultas, prevenindo aos famulos que dissessem áquelles que o procurassem que elle se achava na cidade, porém occupado.

CAPITULO XII

GOVERNO GERAL DE MEM DE SA'

A D. Duarte da Costa succedeu Mem de Sá, fidalgo illustre da casa e do conselho do Rei, e irmão do conhecido poeta Sá de Miranda. A elle Portugal deve o ter conservado o dominio do sul do Brasil, não se estabelecendo nessa região a *França Antartica*, como desejava Villegaignon.

Data de 23 de Julho de 1556 a sua nomeação; e tanta confiança merecia que, conforme a affirmação de alguns autores, não trouxe prazo fixo para a sua governação, ao contrario dos seus dois antecessores, que apenas deviam exercer o cargo de governador geral por tres annos.

Primeiros actos de Mem de Sá.—Seus primeiros actos, ao chegar á Bahia, foram moralisar a magistratura, influindo para que não se prolongassem indefinidamente as demandas, como o faziam os escrivães e procuradores, afim de extorquir dinheiro ás partes litigantes. Reprimio além disso o jogo, castigou severamente a usura, que era praticada em larga escala, apressou o acabamento das obras da Sé e procurou pôr tudo mais em ordem.

As missões. — Depois destes trabalhos preliminares voltou Mem de Sá sua attenção para os indios, no que foi efficazmente auxiliado pelos jesuitas.

Entendendo que era prejudicial conserval-os dispersos, reunio-os em grandes aldeamentos, nos quaes se juntavam a população de quatro ou cinco tabas.

Esses aldeamentos receberam o nome de *missões* e eram inspeccionados por um *meirinho* ou principal d'elles mesmos, ao qual se aggregavam padres da Companhia de Jesus.

As primeiras missões que se fundaram foram as de S. Paulo, junto ao rio Vermelho e a do Espirito Santo, no rio Joanne.

Esta idéa das missões partiu naturalmente dos sagazes jesuitas que, tendo por objectivo apparente a propagação da fé catholica, trabalhavam realmente só no sentido de consolidar e dilatar o seu dominio.

Luctas com o gentio da Bahia. — Tendo os portuguezes, alliados aos jesuitas, conseguido submetter quasi todo o gentio dos arredores da cidade do Salvador, apenas o de Paraguassú mostrava-se rebelde, e, quando podia, fazia algum damno.

Mem de Sá mandou contra elles um tal Cabral, portuguez feroz que se deliciava em fazer horrorosas carnificinas sobre os pobres barbaros.

O sanguinario Cabral venceu-os, como era de esperar, attendendo á superioridade das armas com que os combattia.

Nestas luctas Mem de Sá perdeu um filho, Fernão de Sá.

Batalha dos nadadores. — E' conhecida com este nome na historia patria uma celebre batalha travada entre europeus e naturaes sobre as aguas.

Tinha-se insubordinado o gentio das capitanias do Espirito Santo e Ilhéos e já sitiavam engenhos e povoações.

Mem de Sá em pessoa partio contra os selvagens, e, desembarcando a sua gente durante a noite, nos Ilheus, fel-a seguir para o sul em demanda dos inimigos que, deixando-a passar, a cercou depois pela retaguarda e começou a hostilisal-a.

O famigerado Cabral, percebendo o ardil em que tinham cahido os portuguezes, replicou aos incolas por uma manobra igual: embuscou-se no matto e quando os selvagens passavam fronteiros á sua columna, cahio impetuosamente sobre elles.

Viram-se, pois, os selvagens apertados entre a fuzilaria dos inimigos á direita e o Oceano á esquerda, como porém eram grandes nadadores atiraram-se ás ondas. Os portuguezes, com os indios alliados, foram acompanhando-os mesmo nesse terreno liquido e travou-se a peleja a nado. O padre Manoel da Nobrega, que nos transmittio a narração desta batalha, diz que se pelejou até a uma legua da praia, o que nos parece muito, ou por outra inverosimil.

Ficaram victoriosos os portuguezes e os indios se

atemorisaram tanto com o resultado desta peleja que se submetteram completamente.

Lucta com os francezes no Rio de Janeiro.—Tendo chegado á Bahia em 1559 o capitão-mór Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha, commandando uma armada, afim de pôr-se ás ordens do governador para effectuar a expulsão dos francezes do Rio de Janeiro, Mem de Sá tratou de commetter a empreza.

Auxiliou-o o novo prelado D. Pedro Leitão e os jesuitas de Nobrega.

Antes de partir escreveu Mem de Sá para S. Vicente afim de que ahi levantassem as forças que pudessem, as quaes deviam achar-se á barra do Rio de Janeiro em certo dia aprazado, sendo Nobrega o emissario encarregado de requerer esse reforço.

A esquadra com que Mem de Sá partio do Rio de Janeiro, compunha-se somente de duas náus e oito embarcações menores; porém á barra do Rio de Janeiro reuniram-se-lhe um bergantim e muitas canôas de guerra.

Começou Mem de Sá por aprisionar uma nau de guerra franceza, e, pela tripolação desta, soube que Villegaignon já não se achava no Rio de Janeiro e que a fortaleza era então commandada por um seu sobrinho.

A este sobrinho de Villegaignon mandou Mem de Sá a seguinte intimação, por escripto :

« El-Rei, meu Senhor, sabendo que Villegaignon, vosso tio, lhe tinha usurpado esta terra, se mandou queixar a El-Rei de França, o qual lhe respondeu que si cá estava, que lhe fizesse guerra e botasse fóra, porque não viera com sua commissão, e posto que já aqui o não acho, estais vós em seu logar, a quem admoesto e requeiro da parte de Deus, e do vosso Rei, e do meu, que logo largueis a terra alheia a cuja he, e vos vades em paz sem querer experimentar os damnos que succederão na guerra. » (1)

Não era verdade o que Mem de Sá dizia na sua intimação, pois, como já vimos, o proprio rei de França tinha armado os tres navios que trouxeram tresentos homens de reforço a Villegaignon.

Assim o comprehendeu o mancebo, que ao portuguez respondeu altivamente, dizendo que « pouco lhe impor-

(1) Frei Vicente do Salvador — *Historia do Brasil.*

tava saber quem era o dono da terra e só lhe cumpria fazer o que o Sr. de Villegaignon lhe havia ordenado, que era sustentar e defender aquella sua fortaleza e assim o havia de cumprir, ainda que lhe custasse a vida e muitas vidas, das quaes requeria tambem a Mem de Sá que não quizesse ser homicida, antes se tornasse em paz. » (1)

A' vista desta resposta deliberou Mem de Sá acommetter os francezes, ficando resolvido o ataque para 15 de Março, dia em que os portuguezes fizeram troar a artilharia contra o velho forte de Colligny.

De parte a parte pelejou-se com extraordinaria bravura ; os francezes já tinham gasto maior parte da polvora e extenuados se achavam os setenta e quatro homens da guarnição, sem que por isso deixassem de pelejar com menos furor, quando alguns soldados de Mem de Sá, entre os quaes Manoel Coutinho, homem pardo e Affonso Martins Diabo, portuguez, subiram por uma parte da fortaleza que parecia inaccessivel e apoderaram-se repentinamente do resto da polvora do inimigo.

Em consequencia deste revez os francezes foram obrigados a capitular.

Diz Varnhagen que os gentios que estavam ao lado dos francezes eram em numero de mil « tudo gente escolhida » e tão bons espingardeiros como os francezes.

Não tendo força sufficiente para guarnecer a fortaleza, Mem de Sá mandou arrazal-a e em seguida despachou seu sobrinho Estacio de Sá para Portugal afim de communicar á rainha o occorrido ; esta, porém, si por um lado se alegrou, censurou no entanto ao governador o não ter este providenciado no sentido de deixar guarnição na fortaleza.

Era justa esta censura, porquanto, apenas retirado Mem de Sá do Rio de Janeiro, os Tamoyos, auxiliados por alguns francezes que haviam ficado entre elles, tornaram a fortificar-se na nossa bahia, de onde os indios sahiam frequentemente para depredar a costa até S. Vicente.

Mem de Sá em S. Vicente. — Depois de

(1) Frei Vicente do Salvador — Obra citada.

expulsar os francezes do Rio de Janeiro, seguio Mem de Sá para S. Vicente onde, por conselho de Nobrega e outros jesuitas, fez transferir a villa de Piratininga para junto do collegio de S. Paulo, que aquelles padres haviam construido.

Combateu os gentios rebeldes da visinhança, e como circulassem noticias a respeito de jazidas auriferas no sertão, mandou por ellas uma expedição commandada pelo provedor Braz Cubas e por um tal Luiz Martins, mineiro vindo do Reino. Essa expedição percorreu mais de tresentas leguas sem nada encontrar, quando no entanto o ouro existia no proprio morro de S. Paulo, como em 1562 se verificou.

Mem de Sá no Espirito Santo. (1560) — De volta para a Bahia entrou o governador geral no porto da Victoria, onde, por instancias dos moradores, tomou posse da capitania para a Corôa, visto como o seu donatario, Vasco Fernandes, a tinha renunciado. Para governal-a nomeou Mem de Sá a Belchior de Azeredo.

Guerra contra os Aymorés. — Si incansaveis eram os portuguezes em destruir os indigenas, outro tanto se póde dizer destes no atormentar os descendentes de Cabral; d'ahi o furor com que os governadores os guerreavam e por todos os meios procuravam exterminal-os.

Em 1561 desceram a Serra do Mar pela primeira vez os terriveis Aymorés, povo que, na opinião de Varnhagen pela estranheza da linguagem, e sobretudo por ser esta muito guttural, acreditava ser garfo extraviado de algumas das raças meridionaes patagonicas ou araucanas. Esses indios ignoravam a natação, o fabrico e o uso das canôas e eram agilissimos na carreira.

Seguio da Bahia contra os Aymorés, que já assolavam Porto Seguro, o ouvidor geral Braz Fragoso, o qual conseguio atemorisal-os, fazendo com que elles se internassem.

Guerra contra os Tamoyos no sul do Brasil. — Em 1562 S. Paulo vio-se em grande apuro pelas investidas dos Tamoyos, capitaneados por Jaguanharo, sobrinho do velho morubixaba Tebyricá, sogro de João Ramalho.

Nobrega e Anchieta, que eram muito respeitados pelos selvagens, conseguiram applacal-os e obtiveram

dos caciques hostis uma tregua que se conhece na historia pelo nome de *Armisticio de Iparoyg*, por ter sido assentada junto ás margens desse rio.

Augmento da importação de escravos.— O Brasil do tempo de Mem de Sá não era mais aquella região da qual Americo Vespucio dizia que apenas possuia canna fistula e lenho de tinturaria; era, pelo contrario, um paiz cuja fertilidade pasmosa na cultura dos mais rendosos vegetaes indigenas ou exoticos, que reproduziam mil vezes a semente lançada na terra, aliás pouco exigente de amanhos, estava praticamente demonstrada.

Todavia eram necessarios braços para a cultura dos cannaviaes, dos mandiocaes, dos milharaes e outras plantações, e, como o bugre sempre tinha proximo o sertão amigo que o livrava de ferrenho captiveiro, tratou a metropole de facilitar a entrada no Brasil dos infelizes africanos.

Em 29 de Março de 1559 ordenou a rainha ao capitão da ilha de S. Thomé, na Africa, que, em presença da certidão do governador do Brasil, cada senhor de engenho poderia mandar vir até cento e vinte escravos do Congo, pagando só o terço dos direitos, em vez da metade, como era costume.

Essa concessão, como é natural, redobrou o ardor dos nefandos *negreiros*, traficantes do homem africano, e d'ahi por diante os caravellões começaram a aportar com mais frequencia á Bahia, atulhados desses desgraçados que á custa dos mais rudes trabalhos iam nos engenhos e nas plantações engrossar a fortuna portugueza.

Progresso das missões.—As missões, creadas logo á chegada de Mem de Sá ao Brasil, prosperaram rapidamente, graças ao zelo dos jesuitas, que, suavisando a sorte dos indigenas nas suas relações com os portuguezes, ao mesmo tempo administravam áquelles alguma instrucção, e neste proposito chegaram até a abrir aulas de lingua tupy.

Fundação da cidade do Rio de Janeiro (1565).—Continuamente chegavam á Bahia noticias sobre o commercio que os francezes praticaram com os indios no Rio de Janeiro e Cabo Frio, de onde recolhiam carregações enormes de pimenta e outros productos na-

tivos que o gentio armazenava para elles, em troca de canivetes, anzoes, espelhos, machados e outros artigos.

Resolveu-se pois Mem de Sá a mandar colonisar o Rio de Janeiro, e nesse sentido representou á metropole que mandou nova armada pôr-se ás suas ordens.

Juntando aos navios chegados mais algumas embarcações, confiou Mem de Sá o commando da frota a Estacio de Sá, seu sobrinho.

Partio immediatamente a esquadra e nella embarcou-se o ouvidor Braz Fragoso que tinha por missão agenciar reforços no Espirito Santo e S. Vicente.

No Espirito Santo juntaram-se á expedição o governador Belchior de Azeredo e o chefe temiminó Martim Affonso Arariboia, com os seus indios.

Ao transpôr a barra do Rio de Janeiro apoderou-se Estacio de Sá de uma náu franceza cuja tripolação tinha-se passado para a terra; não quiz, porém, iniciar a peleja e resolveu, á vista do que lhe expoz Anchieta, chegado nesse mesmo dia de Santos num bergantim, ir primeiro a S. Vicente buscar reforço.

« Pela sua vez, diz Varnhagen, a capitania de S. Vicente se prestou, talvez mais do que lhe permittiam suas forças, para o bem de todos, para o Brasil não ser dilacerado. Todas as canôas em estado de se armarem em guerra, quanto mantimento se poude juntar, para dois ou tres mezes de sustento aos homens da expedição retendo só o indispensavel para não morrerem de fome os que ficavam guardando a terra, quanta gente, emfim, podia combater, casados e solteiros, anciãos, e adolescentes, muitos escravos da Guiné, e até os indios em quem depositavam maior confiança, tudo esta capitania, sem excepção da nova colonia de Piratininga, tão exposta ás aggressões do gentio do sertão, tudo sacrificou a boa gente para o bem da nova patria commum ».

Foi apparelhado com tão possante esquadra, quão numeroso exercito, que Estacio de Sá entrou no Rio de Janeiro a 1° de Março de 1565.

Fundeou a esquadra portugueza logo á entrada da Bahia e Estacio de Sá fez desembarcar a tropa no logar hoje occupado pela Escola Militar, onde mandou roçar o matto e fazer uma tranqueira que servisse para guardar o arraial.

No fundo da bahia achava-se uma nau franceza e, tendo Estacio de Sá se dirigido a ella com quatro barcos, afim de obrigal-a a render-se, os indios, capitaneados por Aimbiré, procuraram tomar de assalto o arraial, cahindo sobre elle com quarenta canôas de guerra; Estacio de Sá, do logar em que está, percebe o combate e deixando tres embarcações para a captura da náu, corre em auxilio do arraial em uma galé de remos; esse auxilio, porém, não se tornou necessario, pois os que guarneciam a praça, tinham por si só impedido que os assaltantes transpuzessem a tranqueira.

Fugiram por conseguinte os indios e achou-se o capitão-mór senhor do Rio de Janeiro. A nau franceza capitulou immediatamente, com a condição de poder retirar-se para a França com a sua tripolação de cento e dez homens, todos christãos; e Estacio de Sá tratou de lançar os fundamentos da futura cidade, que em homenagem ao soberano portuguez recebeu o nome de S. Sebastião; arbitrou depois para termo da mesma até um raio de seis leguas para cada lado e legua e meia para patrimonio da Camara e rocio da cidade, e deu-lhe por armas um molho de settas. (1)

Os indios aquietaram-se durante alguns mezes, e isto deu tempo aos portuguezes de construirem ranchos, um baluarte de taipa e em redor da cerca roças de legumes e inhames.

Os francezes, porém, não haviam desistido do intento de serem senhores do Rio de Janeiro, e quando a povoação já se achava no ponto descripto no periodo acima, vieram atacar o arraial em tres navios e trinta canôas tripoladas por indios.

Os assaltantes foram rechassados.

D'ahi por diante repetiram-se os ataques e as escaramuças, porém Estacio de Sá, que tinha por missão fundar uma cidade, mesmo pelejando, ia dispondo tudo para a consecução do seu plano.

Nomeou um juiz ordinario da cidade, um alcaide-mór, deu terras de sesmaria a algumas pessoas e pro-

(1) O Vereador Haddock Lobo, que estudou detidamente esta questão no seu livro *Tombo das Terras Municipaes do Rio de Janeiro*, affirma que a doação de Estacio de Sá foi de quatro leguas em quadra, sendo a mesma augmentada depois com mais duas leguas.

mulgou bandos afim de reprimir certos vicios que começavam a desenvolver-se no seio da nascente povoação.

Todavia era bastante precaria a situação da colonia, pois faltava-lhe a base essencial para prosperar — a tranquillidade.

Muitas vezes o colono que construia o seu casebre ou plantava os seus inhames tinha que deixar a enxada ou o machado para tomar a espingarda ou a bésta afim de responder á saraivada de settas disparadas pelo tamoyo ou á arcabuzada do francez.

José de Anchieta testemunhou estas scenas ao passar pelo Rio de Janeiro e informou-as a Mem de Sá, que logo representou á côrte nesse sentido.

Esta, não sendo surda á reclamação, mandou-lhe tres galeões sob o commando de Christovão de Barros, aos quaes o governador juntou dois navios que andavam na costa e mais seis caravellões, passando-se em pessoa ao Rio de Janeiro, acompanhado pelo bispo D. Pedro Leitão.

Combinou então Mem de Sá com os diversos officiaes que no dia seguinte, 20 de Janeiro, se procurasse o inimigo nos seus alojamentos de *Uruçú-mirim*, junto á foz do Rio Cattete, bem como na ilha de *Paranapecú*, afim de se lhe dar combate.

O primeiro alojamento foi logo tomado de assalto; nelle se achavam onze francezes, dos quaes seis cahiram no momento da acção e cinco foram passados á espada; da parte dos portuguezes morreu o capitão Gaspar Barbosa.

Os indios que puderam fugir recolheram se á ilha de Paranapecú para onde se transportou a luta em seguida á tomada de Uruçú-mirim.

Depois de porfiada peleja, em que os portuguezes atacaram com denodo e os indios se defenderam com a natural galhardia, foram estes vencidos, em consequencia da inferioridade das armas e insufficiencia do numero, sendo tomada a tranqueira. Estacio de Sá foi ferido na acção por uma frechada, vindo a morrer um mez depois. A ilha de Paranapecú ficou então se chamando do *Governador*.

Mem de Sá tratou logo de transferir a cidade da Praia Vermelha para o local em que ella veio definitivamente assentar-se e que hoje tem o nome de *Cidade*

Velha, confiando o governo a um outro seu sobrinho; Salvador Corrêa de Sá.

Em seguida confirmou as doações feitas por Estacio de Sá e fez novas, entre as quaes a sesmaria de uma legua de terra do outro lado da bahia ao indio Arariboia e um sitio aos jesuitas, para que nelle construissem um collegio de sua ordem.

Salvador Corrêa de Sá foi substituido no governo do Rio de Janeiro por Christovão de Barros, em 31 de Outubro de 1571, o qual mandou construir para a cidade muralhas e torres de taipa.

A libertação dos indios. — Com grande indignação dos gananciosos e barbaros senhores de engenho, que ao misero e submisso africano escravisado queriam ter o direito de atrelar no eito o altivo indio brasileiro, os jesuitas conseguiram no governo de Mem de Sá arrancar do soberano de Portugal uma lei altamente philantropica, pela qual se prohibia a escravisação dos indios, salvo quando fossem aprisionados em guerra justa. Por essa mesma lei ficavam livres todos os indios que em tal epocha gemiam no captiveiro.

Quer fosse por caridade evangelica, quer fosse por calculos de dominio sobre a raça aborigene, o que não se póde negar é que nossa Patria deve aos discipulos de Loyola, principalmente no seculo XVI, os mais assignalados serviços, e entre estes avulta essa protecção magnanima que dispensavam aos primitivos habitantes do Brasil; assim a historia imparcial e justiceira não póde deixar de registrar com louvores o nobre papel por elles representado, nem se esquivar de insistir na grandeza da funcção que exerciam em um meio social tão corrupto e vil como era o colonial.

A lei promulgada por D. Sebastião, estatuindo a liberdade incondicional do indio brasileiro, salvo no caso de ser aprisionado em guerra justa, teve no emtanto duração muito ephemera; pois d'ahi ha pouco o selvagem tornava a ser accessivel aos anjinhos do captiveiro.

Teremos occasião de ver na continuação desta historia quão frequentes e contradictorias foram as leis, emanadas do governo portuguez, que regulavam a sorte dos indios; observando essa singularidade, assim se exprimio o notavel brasileiro J. F. Lisboa:

« Em relação aos indios a dominação portugueza foi uma série nunca interrompida de hesitações e con-

tradicções até o ministerio do marquez de Pombal. Decretava-se hoje o captiveiro sem restricções, amanhã a liberdade absoluta, depois um meio termo entre os dois extremos. Promulgava-se, revogava-se, transigia-se, ao sabor das paixões e interesses em voga, e quando emfim se suppunham as idéas assentadas por uma vez, recomeçava-se com novo ardor a teia interminavel. Foi aquelle ministro energico e poderoso quem rompeu sem regresso com o principio funesto da escravidão. Os indios, é certo, ainda depois das famosas leis de 1755, foram não poucas vezes victimas da oppressão; porém, o mal nesses casos tinha um caracter meramente accidental e transitorio e nunca mais adquirio os foros de doutrina corrente, que legitimando os seus resultados, os tornava por isso mesmo mais intensos e duradouros. As experiencias que em sentido contrario tentou o governo do principe regente em 1808 nem foram bem aceitas pela opinião nem vingaram contra o principio da liberdade já radicado... Um curioso specimen dessa legislação casuistica e vacillante é a Provisão de 9 de Março de 1718, que ella só resume em poucas linhas quanto se encontra disperso em diffusas paginas durante dois seculos. » (1)

João Bolés. — Antes de terminarmos o estudo do governo de Mem de Sá, precisamos dizer algumas palavras sobre a execução de João Bolés, facto esse modernamente recordado com insistencia pelos protestantes brasileiros, e que, seja qual fôr a interpretação que lhe dêm, salpica de sangue a memoria do seraphico José de Anchieta, ao qual as influencias catholicas de S. Paulo pretendem, á custa do Estado, erigir uma estatua.

Eis como frei Vicente do Salvador, com a sua ingenua simplicidade, descreve esse triste facto:

« Entre os primeiros francezes que vieram ao Rio de Janeiro em companhia de Villegaignon, vinha um hereje calvinista chamado João Bouller, o qual fugio para a capitania de S. Vicente, onde os portuguezes o receberam por ser catholico, e como tal o admittiam em suas conversações, por elle ser tambem na sua eloquente e universal lingoa Hespanhola, Latina, e saber alguns principios da Hebréa, e versado em alguns logares da

(1) João Francisco Lisboa. — *Obras*.

Sagrada Escriptura, com os quaes entendidos a seu modo dourava as pirolas, e encobria o veneno aos que o ouviam, e viam morder algumas vezes na autoridade do Summo Pontifice, no uso dos Sacramentos, no valor das Indulgencias, e em a veneração das Imagens. Comtudo não faltou quem o conhecesse (que ao lume da fé nada se esconde), e o foram denunciar ao Bispo, o qual o condemnou como seus erros mereciam, e sua obstinação, que nunca quiz retractar-se; pelo que o remetteu ao Governador, o qual o mandou que, á vista dos outros, que tinham captivos na ultima victoria, morresse ás mãos de um algoz.

« Achou-se ali para o ajudar a bem morrer o padre José de Anchieta, que já então era Sacerdote, e o tinha ordenado o mesmo Bispo Dom Pedro Leitão, e posto que no principio o achou rebelde, não permittio a Divina Providencia que se perdesse aquella ovelha fora do rebanho da Igreja, sinão que o Padre com suas efficazes razões, e principalmente com a efficacia da graça, o reduzisse a ella, ficou o Padre tão contente deste ganho, e por conseguinte tão receioso de o tornar a perder, que vendo ser o algoz pouco dextro em seu officio, e que se detinha em dar morte ao réo, e com isto o angustiava, reprendeu o algoz, e o industriou pera que fizesse com presteza seo officio, escolhendo antes pôr-se a si mesmo em perigo de incorrer nas penas ecclesiasticas, de que logo se absolveria, que arriscar-se aquella alma ás penas eternas. »

Julgue por si o leitor si seria effectivamente zelo religioso ou intolerancia fanatica.

Pedro de Orsúa. — (1560) Coincide com a governação de Mem de Sá uma tentativa de occupação do Amazonas pelos hespanhoes, isto é, vinte annos depois que Francisco de Orellana percorreu o grande rio, desde as suas nascentes até a fóz. Em 1560 sahira de Cuzco, com o titulo de governador do Amazonas, Pedro de Orsúa, acompanhado de Lopez de Aguirre e D. Fernando de Gusmão e á frente de um numeroso exercito. Propunha-se Pedro de Orsúa realisar a occupação das terras que Orellana havia descoberto.

Conseguio alcançar o Rio Juruá e por este ganhou o Amazonas, porém ahi os soldados, açulados por Aguirre mataram-n'o e acclamaram rei a D. Fernando, o qual dentro em pouco tambem era assassinado. Aguirre,

vendo-se então sem competidores, constituio-se tyramno; mandou matar muitos dos proprios soldados, saqueou diversas aldeias indigenas, porém afinal foi vencido e morto pelos naturaes, mallogrando-se por esta fórma mais um commettimento hespanhol no Amazonas.

Morte do padre Manoel da Nobrega.— Em 1570, e portanto sob o governo de Mem de Sá, falleceu no Rio de Janeiro o notavel jesuita Manoel da Nobrega que até de escriptores protestantes, como Roberto Southey, mereceu enthusiasticos louvores.

Não se sabe em que logar de Portugal nasceu e bem assim ignora-se a data do seu nascimento; é certo, porém, que se bacharelou em 1541 na Universidade de Coimbra e tres annos depois entrou para a companhia de Jesus.

Em 1594 veio com Thomé de Souza para o Brasil e foi o primeiro provincial dos jesuitas neste paiz.

Manoel da Nobrega fundou os collegios de sua ordem em S. Vicente, S. Paulo, Espirito-Santo e Rio de Janeiro e foi um dos negociadores do celebre armisticio de Iperoyg.

Morte de D. Luiz Fernandes— Achando-se cansado do governo, pedio Mem de Sá a D. Sebastião que lhe mandasse substituto.

O soberano attendeu-o e nomeou governador geral do Brazil a D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, o qual, em viagem foi colhido pelos corsarios huguenottes Jacques de Soria e João Capdeville que o mataram.

Igual sorte tiveram 48 padres da Companhia de Jesus que, sob a chefia do Padre Ignacio de Azevedo se dirigiam ao Brasil.

Morte de Mem de Sá.— Não conseguio Mem de Sá os seus intentos de vêr a patria antes da morte, pois esta o colheu no Brasil a 2 de Março de 1572.

Mem de Sá foi um governador habil e zeloso e por suas acções justificou sufficientemente a confiança que nelle depositava a metropole. De todos os que dirigiram os destinos do Brasil, nesse primeiro periodo do colonato, foi Mem de Sá o que mais se esforçou pelo augmento e conservação dos interesses portuguezes na terra do Cruzeiro.

Trabalhou pelo progresso da região e a linha geral de sua conducta para com os colonos, attendendo-se á fereza dos tempos, era a da tolerancia, como se vê deste

periodo de uma carta que dirigio á rainha D. Catharina: «Esta terra não deve regular-se pelas leis e estylos do Reino. Se Vossa Alteza não fôr muito facil em perdoar, não terá gente no Brazil; e porque o ganhei de novo, desejo que elle se conserve.»

Com os indios, porém, foi muitas vezes cruel e mais o seria si esta infeliz raça, tão digna de sympathia, não estivesse continuamente coberta com o pallio da protecção jesuitica.

CAPITULO XIII

GOVERNO DUAL E REGRESSO AO SINGULAR

Morrendo Mem de Sá e perecendo ás mãos de corsarios francezes o governador que devia substituil-o, D. Sebastião resolveu dividir o Brasil em dous governos, deliberação essa que não tinha justificação, nem era exigida por interesse de especie alguma, pois o governo singular do Brazil tinha sido altamente vantajoso á metropole e mesmo ao progresso da região que se colonisava.

Fez-se no emtanto a divisão e o soberano procurou justificar o seu acto na seguinte carta que, a 10 de Dezembro de 1572, escreveu a Luiz de Brito:

« Faço saber aos que esta carta virem que, considerando eu como por as terras da costa do Brazil serem tão grandes e tão distantes umas das outras e haver já agora nellas muita povoação e esperança de se fazerem muitas mais pelo tempo em diante, não podia ser tão inteiramente governadas como cumpria por um só governador, como até aqui nellas houve, assentei assim para o que convem á conversão do gentio d'aquellas partes, e se dilatar nellas nossa Santa Fé, como para mais brevemente se administrar a justiça e nellas se poderem melhor defender, e por outros respeitos, de mandar dous governadores ás ditas partes, um para residir na cidade do Salvador da capitania da Bahia de Todos os Santos, e outro na cidade de S. Sebastião, e governar cada um delles conforme a repartição que para isso mandei fazer.»

Os dous governadores.— Para governador das capitanias, septentrionaes isto é, das de Ilhéos, Todos os Santos, Pernambuco, Itamaracá, Ceará, Maranhão e mais terras que por ventura fossem colonisadas ao norte, foi nomeado o conselheiro Luiz de Brito e Almeida.

Para governador das capitanias meridionaes, nas quaes se incluiam as de Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro (capitania administrativa), Santo Amaro, S. Vicente e mais terras do sul, foi nomeado o Dr. An-

tonio Salema, que fôra lente da Universidade de Coimbra, e que, tendo-se passado em 1570 á Casa da Supplicação, logo fôra mandado com alçada em correição a Pernambuco, onde recebêra o despacho que o nomeava governador

A conferencia dos governadores— Reuniram-se na Bahia os dous governadores, afim de assentarem em medidas a tomar de commum accôrdo, e á essa conferencia assistiram o ouvidor geral Fernão da Silva e os jesuitas, sendo ahi reconsideradas as disposições da ultima lei sobre a liberdade dos indios, em conformidade com as seguintes determinações contidas numa carta regia a tal respeito: « No que toca ao resgate dos escravos, se deve ter tal moderação que não se impida de todo o dito resgate, pela necessidade que as fazendas delles têm, nem se permittam resgates manifestamente injustos, e a devassidão que até agora nisso houve.»

Estas linhas arrancadas ao ignorante e inexperiente D. Sebastião, levavam de novo, pela escapatoria do resgate, o pobre indio ao oppobrio e maldição do captiveiro, e annullava completamente em seus effeitos a liberrima lei que pouco antes o mesmo rei, a instancias dos jesuitas, havia promulgado e pela qual até os indios que já eram captivos ficavam sendo considerados livres.

Os novos governadores apossaram-se sofregamente desta iniqua autorisação e firmaram o ominoso accôrdo de 6 de Janeiro de 1574, seguindo depois Salema para o Rio, que era a séde do seu governo.

Captiveiro dos indios.— O accôrdo a que acabamos de nos referir continha dez capitulos que para aqui trazemos, copiando-os de Varnhagen:

O primeiro capitulo prohibia os resgates de gente entre os indios mansos ou de pazes.

Pelo segundo se exceptuavam da prohibição os indios que depois de aldeados fossem para o matto e andassem ausentes por mais de um anno.

Limitava o terceiro a escravidão dos indios aos aprisionados em guerra manifestamente licita e aos que, estando captivos de outro gentio, e com mais de vinte e um annos de idade, preferissem o captiveiro dos nossos.

Pelo quarto se declaravam defesos os resgates feitos sem licença dos governadores ou dos capitães ; sendo incumbidos do exame delles os provedores, e mais dous

individuos eleitos em camara no principio da cada anno.

Dispôz-se pelo quinto que as pessoas vindas com os indios de resgate, quer por mar, quer por terra, se apresentassem na respectiva alfandega, antes de haver feito escala ou communicado com alguem.

Recommendou-se pelo sexto, que os indios de resgate, nesta conformidade registrados, que fugissem, seriam a todo o tempo entregues aos seus primeiros senhores, mediante a propina de 1$000 reis, e a indemnisação das despezas.

Pelo setimo, os indios resgatados, de que se não houvesse registro, declaravam-se forros.

Pelo oitavo se fixou que fossem consideradas guerras justas as que os governadores fizessem conforme seus regimentos, ou as que occasionalmente se vissem obrigados a fazer os capitães, com voto dos officiaes da camara e outras pessoas de experiencia, dos padres da Companhia, do vigario da terra e do provedor da Fazenda, de cuja resolução se devia lavrar auto.

O nono declarou forros os indios que os capitães tomassem sem esta ultima clausula, e as penas que soffreriam, tanto elles, capitães, como outros quaesquer individuos que fossem contra o que ora se deliberava.

Finalmente, o decimo mandava que os delinquentes, sendo peões, fossem açoutados em publico, com baraço e pregão, e pagassem quarenta cruzados de multa; e sendo de maior qualidade, além da dita pena, fossem condemnados a dous annos de degredo, isto afóra as outras penas em que pudessem incorrer, segundo as ordenações, leis e regimentos do reino.

Governo de Luiz de Brito.—De todos os feitos de Luiz de Brito, como governador das capitanias septentrionaes do Brazil, o mais importante foi a guerra que fez ao gentio acampado nas margens do Rio Real (Estado de Sergipe), territorio cuja conquista já tinha sido tentada por Garcia d'Avila, rico proprietario do recôncavo da Bahia.

Ahi fundou Luiz de Brito uma villa que, segundo Varnhagen, tomou o nome de Santa Luzia, e, segundo Frei Gaspar da Madre de Deus, o de *Villa Real do Piaguy*.

Além deste serviço prestado á colonia, Luiz de Brito mandou Antonio Dias Adorno ao sertão em busca

das minas de esmeraldas que Sebastião Tourinho dissera ter achado.

Adorno apenas encontrou turmalinas verdosas e azuladas.

Ainda no seu tempo partio com o mesmo fim uma segunda expedição para o sertão, a de João Coelho de Souza ; segundo Varnhagen, esse sertanista descobrio ouro e pedras preciosas e falleceu nas cabeceiras do Rio Paraguassú, deixando a seu irmão Gabriel Soares um roteiro com as indicações precisas.

E' no seu governo que começam as tentativas para a conquista da Parahyba que só em 1586 se realisou.

Os indios desta região tinham-se mostrado desde o começo muito amigos dos portuguezes estabelecidos em Itamaracá, chegando até a trabalharam quasi de graça para elles ; no emtanto os colonos brutaes nãs se mostraram reconhecidos a taes serviços e para os miseros aborigenes só tinham máus tratos e humilhações. As cousas chegaram a tal ponto que elles se revoltaram, e, buscando o norte, foram alliar-se aos francezes que traficavam no littoral.

Mais tarde tornaram a fazer as pazes com os portuguezes, porém estes « tantas vexações e perrarias lhes fizeram que, diz Frei Vicente, tornaram a se rebellar », dando isso motivo a que Luiz de Brito mandasse Fernão da Silva occupar o rio Parahyba e castigar os barbaros.

Fernão da Silva, com toda a infantaria e cavallaria que poude recrutar em Pernambuco e Itamaracá, marchou até a fóz do Parahyba onde em nome do rei tomou posse da terra, mas, não se atrevendo a perseguir os selvagens nas suas brenhas, regressou para a Bahia, ao mesmo tempo que os indios tornavam a occupar o territorio e avançavam até Goyana commettendo toda a sorte de tropelias.

Então Luiz de Brito resolveu ir em pessôa commetter a empreza, porém não foi melhor succedido.

Governo de Antonio Salema — Começou o Dr. Antonio Salema o seu governo das capitanias meridionaes guerreando os indios que occupavam Cabo Frio e que preparavam para os francezes grandes carregamentos de páu brasil, pimenta e outros productos.

Foi bem succedido Salema nessa expedição e sobre ella escreveu um livro que se perdeu.

Commandou a mesma Christovão de Barros e della

fizeram parte quatrocentos portuguezes e setecentos indios amigos.

Aprisionaram-se nessa guerra muitos Tamoyos e os que se submetteram ao baptismo foram reunidos em duas aldeias no reconcavo da bahia do Rio de Janeiro— as de S. Barnabé e S. Lourenço,

Os indios de Cabo Frio compunham-se de Tamoyos e Tupinambás. Estes ultimos, segundo a opinião de alguns autores, conseguiram escapar e effectuaram uma longa migração para o norte, sob o commando do prestigioso chefe Japyassú. Os Tupinambás caminharam até a margem meridional do Amazonas, na confluencia com o Madeira, e se estabeleceram em diversos pontos até a fóz do maior rio do mundo, deixando a costa meridional em poder dos portuguezes.

Prelazia do Rio de Janeiro.—Em 1576, no dia da Ascenção, chegou á Bahia D. Frei Antonio Barreiros, da ordem de Aviz, terceiro bispo nomeado para o Brasil e assim como D. Sebastião havia dividido este paiz em dois governos, conseguio do Papa, pela bulla de 18 de Julho desse mesmo anno, que o Rio de Janeiro e as capitanias meridionaes fossem desannexadas da jurisdicção episcopal, creando-se uma *prelazia* ordinaria e independente. O primeiro prelado foi o bacharel Padre Bartholomeu Simões Pereira, provido por carta régia de 11 de Maio de 1577.

Regresso ao governo singular.—No fim de quatro annos reconheceu a metropole os inconvenientes e defeitos do governo dual, que não tinha a precisa unidade, nem a força sufficiente para impulsionar o adiantamento da região, sendo os proprios governadores os primeiros a reconhecer taes desvantagens, como consta de representações que mandaram á côrte.

Assim, em 12 de Abril de 1577, voltou o Brasil ao governo singular, sendo nomeado governador geral o conselheiro Luiz da Veiga.

No regimento que trouxe mandava o rei que se reunissem num só cargo os de escrivão da fazenda e dos feitos ; os de thesoureiro e almoxarife, com um só escrivão, reduzindo-se os vencimentos ao escrivão dos contos, provedor e seu escrivão, patrão da ribeira, meirinho da correição ; ao mesmo tempo aboliam-se os cargos de physico, mestre das obras e um dos dous carpinteiros,

Por outro lado augmentavam-se os mantimentos aos jesuitas e concediam-se ao governador, para sua guarda, doze homens, vencendo cada um 500 réis por mez.

Durante o governo de Lourenço da Veiga foram incendiados nos portos brasileiros onze navios francezes que se occupavam no contrabando.

Lourenço da Veiga preoccupou-se com a conquista da Parahyba do Norte que Luiz de Brito não conseguira realisar; neste sentido chegou a dar ordens, porém retirou-as visto saber que por decreto de 25 de Janeiro de 1579, Fructuoso Barbosa, rico proprietario de Pernambuco, tinha obtido o privilegio de colonisar a Parahyba, mediante a condição de ser durante dez annos capitão-mór da terra e cobrar todas as suas rendas. Fructuoso Barbosa dispoz-se a tentar a empreza, e para esse fim veio de Portugal apparelhado com quatro navios, numerosas familias, soldados, padres e frades; porém achava-se ainda em Pernambuco, quando sobreveio tal tempestade que o arrojou com as suas embarcações até ás Indias de Castella, donde passou de novo á metropole.

Um desses navios garrou e veio ter á Bahia; presume-se que nelle tenham chegado ao Brasil os primeiros frades benedictinos (1580) aos quaes D. Catharina Alvares Paraguassú fez pouco depois doação da igreja e terras da Graça.

Lourenço da Veiga falleceu na Bahia em 1581.

Philippe II de Hespanha. — Em 4 de Agosto de 1578 morreu na batalha de Alcacer-Kibir em Marrocos, o rei D. Sebastião e bem assim a flôr da nobreza de Portugal.

Subio ao throno o velho cardeal D. Henrique, tio de D. Sebastião, que governou Portugal até 31 de Janeiro de 1580, data em que falleceu, passando o sceptro portuguez a Philippe II de Castella, o qual, embora inferior a D. Antonio, prior do Crato, nos direitos a successão, fez a sua pretenção vingar por meio de 25,000 homens que mandou a Portugal sob o commando do duque d'Alba.

D. Antonio, que já tinha sido aclamado rei em Santarem, foi batido pelas tropas hespanholas e obrigado a refugiar-se no estrangeiro, em logar de recolher-se ao Brasil, onde, com muita probabilidade de exito, poderia

com o tempo fundar uma poderosa monarchia, contra a qual o soberano de Castella nada poderia tentar.

Alguns autores dizem que D. Antonio cogitou nessa transferencia da metropole para o Brasil, o certo porém é que não a realisou.

Philippe II foi aclamado rei de Portugal pelas côrtes reunidas em Thomar a 19 de Abril de 1581 e assim passou o Brasil ao dominio de Castella.

O castelhano, prometteu, sem ter naturalmente muito escrupulo em deixar de cumprir a promessa, que não crearia impostos novos, não augmentaria os antigos e que só a portuguezes daria os cargos e empregos em Portugal e nas suas respectivas possessões; e, para angariar as sympathias populares e demonstrar as boas intenções de que estava animado deu se pressa em confirmar todas as leis e privilegios da nação portugueza.

CAPITULO XIV

O BRASIL EM 1581

Segundo o plano que traçámos, no capitulo anterior terminámos o estudo da primeira epocha da historia do Brasil, isto é, passamos em revista os factos mais proeminentes do periodo do colonato nas suas tres primeiras phases—a das feitorias, a das capitanias hereditarias e a do governo geral; por conseguinte, tomemos folego por um momento e relanceemos o olhar por essa fita de nucleos agricolas e coloniaes que se estende de Itamaracá a S. Vicente, embryão da grande patria brasileira, e procuremos formar uma idéa do seu adiantamento material, que do progresso moral e intellectual ainda bem poucas são as affirmações.

O Brasil desses oitenta annos, que acabamos de percorrer, não é ainda a Patria dos Brasileiros, é simplesmente a area geographica que os portuguezes exploram lucrativamente e onde elles guerreiam o indio e exploram o negro, e, si a historia desses tempos algum interesse desperta assim mesmo, é exactamente por essa luta desigual entre o conquistador e o aborigene, luta que assume as suas proporções epicas ao surgir Cunhambebe e epiloga-se sombriamente após a carnificina de Cabo Frio em 1575 e a migração de Japy-assú com os seus Tupinambás para as sombrias florestas amazonicas.

Si exceptuarmos Nobrega e Anchieta, não encontramos um só homem de merecimento real nesse Brasil de portuguezes, indios, negros e alguns mestiços, *caribocas* ou *mamelucos* e *mulatos*.

Nem um governante superior, nem um soldado de genio, nem um homem de penna illustre ou um artista inspirado.

Os homens de governo tacanhos, os de espada mediocres: Mem de Sá arma-se de uma temerosa esqua-

dra para bater o gentio do Rio de Janeiro; Estacio de Sá, para aprezar uma nau franceza e pelejar com a cabilda de Aimbiré, empobrece S. Vicente e Piratininga.

Ainda não existe uma litteratura verdadeiramente nacional. Gandavo, Cardim, Gabriel Soares, Hans Staden, Thevet, Lery e outros que viveram nessa epocha e escreveram sobre o Brasil são estrangeiros. Tambem o é José de Anchieta, o qual no emtanto, pelo amor que consagrou a esta terra, onde viveu desde moço e na qual se celebrisou, pode-se, com algum esforço, conferir o mais antigo logar na litteratura brasileira. De seus meritos como homem de lettras falaremos em outro logar.

A instrucção resumia-se no collegio de S. Salvador frequentado por 66 alumnos, e nas aulas de latim dos jesuitas do Rio de Janeiro e Olinda.

De sciencias nem vislumbres: João de Barros, historiador illustre e donatario da Capitania do Maranhão, não se resigna a deixar o reino onde os seus talentos são apreciados.

Artes propriamente ditas, ainda não appareceram, nem mesmo as que são relativas á edificação predial; quando muito existem desgraciosas construcções, casarões sem commodidades nem esthetica, dispostos em viellas tortas e escuras, igrejas e conventos brutalmente pesados, nos quaes se substitue o gosto pela solidez.

A industria estacava na engenhoca de moer canna, no monjolo de Braz Cubas e no tipity de preparar farinha.

O commercio era todo interno ou derivava para Portugal exclusivamente: os portos estavam fechados ao estrangeiro e a verga grande das caravellas muitas vezes rangia funebremente ao peso de algum pobre diabo francez ou hespanhol que se enforcava pelo arrojo de vir á costa buscar pimenta ou pau brazil.

Os indios iam diminuindo por toda a parte, ao passo que os negros africanos augmentavam. A população já se achava um tanto mesclada. Até 1550 vieram para o Brasil muito poucas mulheres européas e dessa data em diante até a usurpação do throno portuguez por Philipe II de Castella, não obstante os constantes pedidos dos jesuitas que queriam pôr termo á mancebia entre os colonos, não chegaram no emtanto em numero suffi-

ciente. D'ahi relações frequentes e irregulares entre os portuguezes e as indias e negras, dando em resultado o apparecimento de numerosos mestiços.

Caribocas ou *mamelucos* denominavam-se os productos do cruzamento do homem branco com a india, e *mulato* o filho do mesmo homem branco com a negra.

O clero, até a chegada dos jesuitas, era em extremo dissoluto, porém, pelo exemplo dos discipulos de Loyola e queixas continuas que estes mandavam para a metropole, mostrava certa tendencia para moralisar-se.

A religião christã dominava de um modo despotico; toda a sociedade e o culto externo desenvolvia-se na creação de numerosas irmandades. «Para que Africanos e Brazis pudessem comprehendel-a e adoptal-a, diz o sr. Capistrano de Abreu, a parte dogmatica ficou atrophiada, e festas, novenas, confissões, jejuns, disciplinamentos e penitencias cresceram de modo anormal.»

Vejamos agora mais minuciosamente o estado em que se achavam as differentes capitanias, começando pela mais septentrional que era a de Itamaracá.

Capitania de Itamaracá. — Esta capitania, que no momento da usurpação de Philippe, era o ultimo pharol aceso pela civilisação europea no norte do Brazil, possuia uma villa, a da Conceição, e tres engenhos de assucar. Seu estado era animador.

Capitania de Pernambuco. — Pernambuco contava nessa epocha uns 4.000 habitantes sendo 2,000 escravos ; os indios iam desapparecendo. Em toda a capitania existiam 66 fazendas de assucar que produziam 200,000 arrobas annualmente, rendendo para a Corôa 49.000 cruzados.

«A gente é honrada, diz o velho chronista Fernão Cardim; ha homens muito grossos de quarenta, cincoenta e oitenta mil cruzados de seu: alguns devem muito pelas grandes perdas que têm com escravaria de Guiné, que lhes morrem muitos, e pelas demasias e gastos grandes que têm seu tratamento. Vestem-se as mulheres e filhas de toda a sorte de velludos, damascos e outras sêdas; e nisto têm grandes excessos: as mulheres são muitos senhoras e não muito devotas. Tambem frequentam as missas, pregações, confissões, etc. Os homens são tão briosos que compram ginetes de duzentos e tre-

sentos cruzados, e alguns têm tres e quatro cavallos de preço.

« São mui dados a festas. Casando uma moça honrada com um vianez, que são os principaes da terra, os parentes e amigos se vestiram uns de velludo carmesim e outros de verde, e outros de damasco e sedas de varias côres, e os guiões e sellas dos cavallos eram das mesmas sedas em que iam vestidos. Aquelle dia correram touros, jogaram cannas, pato, argolinha e vieram dar vista ao collegio para ver o padre visitador; e por esta festa se póde julgar o que farão nas mais, que são communs e ordinarias. São sobretudo dados a banquetes que de ordinario andam comendo um dia dez ou doze senhores de engenho juntos e revezando-se desta maneira gastam quanto têm e de ordinario bebem cada anno dez mil cruzados de vinho de Portugal ; e alguns annos beberam oitenta mil cruzados dados em rol. Emfim em Pernambuco se acha mais vaidade que em Lisboa. A villa (Olinda) está bem situada em logar eminente, de grande vista para o mar e para a terra ; tem bôa casaria de pedra e cal, tijollo e telha.

Os padres têm uma licção de casos, outra de latim, e escola de lêr e escrever, pregar, confessar; e com os indios e negros de Guinè se faz muito fructo; dos portuguezes são mui amados » (1).

Capitania da Bahia. — Assim como Pernambuco, a capitania da Bahia prosperava. Possuia 16,000 habitantes, dos quaes 4.000 eram escravos africanos e 2,000 indios christianisados. Apezar de ser mais populosa que Pernambuco, a capitania da Bahia era inferior áquella na producção assucareira.

Possuia 16 freguezias, um collegio de jesuitas, frequentado por 66 alumnos, um mosteiro de São Bento, outro de frades capuchinhos e para mais de quarenta igrejas e capellas. Na cidade do Salvador, cuja população orçava por um 3.000 habitantes, o luxo era tão desenfreado como em Pernambuco, sendo as mulheres muito affeiçoadas a joias de preço. No Reconcavo vogavam uns 1400 barcos grandes e pequenos.

Capitania dos Ilheus. — O estado desta capitania era decadente. A villa de S. Jorge possuia apenas

(1) F. Cardim. *Narrativa epistolar*. Ed. de Varnhagen.

uns 50 habitantes europeos e em toda a capitania só havia tres engenhos de assucar. Comtudo era farta de mantimentos.

Capitania de Porto Seguro. — Assim como na precedente não vingara a colonisação nessa terra, assolada pelos indios que Fernão Cardim denominou *Guaymurés*. Possuia só um engenho, uma villa — a de Santa Cruz e duas aldeias de indios mansos. O gado vaccum ia escasseando, e os habitantes começavam a entregar-se á criação de cavallos e jumentos, com a qual iam obtendo satisfatorios resultados. Exportavam tambem agua de flôr de larangeira.

Capitania do Espirito Santo.—Conservava-se estacionaria. Possuia 6 engenhos, e nella plantava-se muito algodão e criava-se abundante gado vaccum. Victoria, onde havia um collegio de jesuitas, possuia uns 150 colonos.

Capitania do Rio de Janeiro. — O Rio de Janeiro, embora sendo a mais nova de todas as capitanias, achava-se já bastante adiantada sob o ponto de vista dos progressos materiaes.

Possuia tres engenhos de assucar e um collegio de jesuitas onde se ensinava latim. Nos arredores da cidade estabeleceram-se uma Casa de Misericordia e um hospital. Abundava a hortaliça e a fructa e as aguas da bahia eram muito piscosas. A cidade devia contar uns 150 colonos. Ainda vivia Martim Affonso Arariboia, já feito commendador da Ordem de Christo.

Capitania de Santo Amaro. — Esta capitania conservava-se estacionaria. Possuia um engenho de assucar e duas fortalezas sufficientemente artilhadas.

Capitania de S. Vicente.—Graças principalmente aos esforços do incansavel Braz Cubas era prospero o estado desta capitania que tinha por séde a villa de Santos. S. Vicente achava-se decadente ; S. Paulo, porém, florescia e nos campos de Piratininga cultivava-se a canna, a uva, o trigo, a cevada, o marmello e outras plantas européas.

Entre as aldeias da visinhança a mais importante era Conceição de Pinheiros; entre os nucleos do littoral destacava-se Conceição de Itanhaem.

Os habitantes de S. Paulo eram já nesse tempo muito amigos de cavalgar, davam grande valor aos ginetes e vestiam-se á moda antiga *de burel e pelloles pardos e azues, de petrinas compridas* e aos domingos *iam á missa com roupões ou bernéos de cacheira sem capa*.

FIM DA PRIMEIRA EPOCHA

SEGUNDA EPOCHA

A expansão colonial
1581-1626

SEGUNDA EPOCHA

A expansão colonial
1581—1626

O periodo que temos a estudar nesta segunda época da historia patria abrange os quarenta e cinco annos comprehendidos desde a passagem do Brasil ao dominio hespanhol, em 1581, até a terminação do governo de Mathias de Albuquerque, em 1624.

Esse curto periodo que vamos percorrer é o da expansão colonial para o norte, em cujo rumo se dilata o dominio portuguez até o Pará e o Amazonas; a Parahyba, o Rio Grande do Norte, o Ceará, o Maranhão, o Pará são conquistados palmo a palmo ao incola, ao francez, ao hollandez e ao inglez que os disputam sanguino lentamente; e, na orla maritima dessas bellas regiões, espontam á sombra das quinas portuguezas e guardados pelo leão de Castella os primeiros nucleos coloniaes: na Parahyba levanta-se o forte de S. Felippe e S. Thiago, no Rio Grande o dos Tres Reis Magos, no Ceará forma-se á margem do Jaguaribe a *Nova Lusitania* e mais adiante ergue-se o forte do Rosario; no Maranhão vemos apparecer S. Luiz e os rudimentos de Tapuytapera; no Pará surge Belém.

Tambem neste periodo animam-se os sertanistas e diversas entradas pelo interior do paiz se verificam. O accesso ao sertão vai se tornando menos difficil, começam a apparecer roteiros exactos; e como nessa epocha cresce a cubiça nos aventureiros de todas as nações do velho mundo, cubiça que degenera em loucura quando Ralegh divulga a fabula do *El-Dorado*, todos os esfomeados de ouro vem rondar as nossas praias que se transformam no campo das ousadias e depredações dos Fenton, Withrington, Lancaster, Cavendish, Baker, Venner e outros, sobrepujados afinal pela *Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes*, que tenta com exito feliz o temerario golpe sobre o dominio dos Felippes na costa oriental da America.

Neste periodo, nossa Patria, pelo desenvolvimento crescente da producção agricola e pela expansão do povoamento, vai impondo a sua importancia aos homens de governo de Portugal; e assim, de colonia humilde passa á cathegoria de estado, á defesa do qual julga-se obrigada correr toda a nobreza do reino como se verá ao restaurar-se a Bahia; no emtanto, ainda não ha nessa epocha nacionalidade brasileira e as raças que irão formal-a permanecem isoladas; a unica patria que existe por emquanto para o homem branco é Portugal e para o indio a brenha. Não obstante os esforços dos jesuitas, que se affadigam em approximar os aborigenes da civilisação européa, a repugnancia do barbaro e o espirito de ganancia do colono, que só deseja o congraçamento d'aquelle para escravisal-o, difficultam a obra.

A importancia do Brasil já é grande, porém está unicamente na sua agricultura e na exportação dos productos vegetaes nativos: o ouro, embora transpareça nesta ou naquella formação geologica, e seja denunciado pelas narrações de alguns sertanistas, é ainda um mysterio; o cargo de *governador das minas,* outorgado a D. Francisco de Souza é mais uma honra por emquanto do que outra cousa. Quando muito exprime o desejo de que as mesmas minas appareçam. Na agricultura o assucar è o producto mais valioso e no commercio elle vai supplantando o páu-brasil que tão proeminente papel representara na primeira epocha.

Finalmente, a feição historica desta epocha é a de um desdobramento de actividades tendo por fim a dilatação do dominio territorial e a accumulação rapida de riquezas arrancadas dos cannaviaes pelo trabalho do negro e algumas vezes do indio.

No mais, a usurpação de Felippe II não altera as condições sociaes da colonia que continua a ser genuinamente portugueza e governada por portuguezes.

CAPITULO I

GOVERNO INTERINO E ARBITRARIO DE COSME RANGEL

(1581 — 1583)

Havendo Lourenço da Veiga fallecido em 4 de Junho de 1581—devido isto em parte aos desgostos que o acabrunharam, por ter seu irmão Tristão Vaz da Veiga entregue, quasi sem resistencia, a Torre de S. Julião, sobre o Tejo, aos castelhanos commandados pelo Duque d'Alba,—e não tendo o mesmo Lourenço da Veiga deixado vias de successão, quanto á governação do Brasil, passou esta interinamente ás mãos da Camara Municipal da cidade do Salvador, á qual se reuniram, para o mesmo fim e por convite da edilidade, o ouvidor geral Cosme Rangel de Macedo e o bispo D. Frei Antonio Barreiros.

Cosme Rangel. — Logo depois de empossado o governo da junta a que acima nos referimos, o ouvidor Cosme Rangel, homem ambicioso e despotico, que por ser mais instruido que o bispo tinha no começo merecido a preferencia dos vereadores, desgostou o prelado, seu collega na administração, e este retirou-se da cidade do Salvador, acompanhado de muitas pessoas de merecimento, que igualmente possuiam aggravos do dito ouvidor.

A Camara Municipal, que ao principio se tinha mostrado levianamente condescendente para com Cosme Rangel e apoiava todas as medidas por elle propostas, reconheceu afinal a desmedida ambição do ouvidor e tentou retrahir-se. Era tarde, no emtanto, pois tendo-se de proceder a uma nova eleição para vereadores, Cosme Rangel fez com que as designações recahissem em creaturas suas e assim apoderou-se completamente do poder, do qual se aproveitou logo para autoar alguns dos que se lhe oppunham, entre os quaes Manuel de Sá, sobrinho do benemerito Mem de Sá.

Eis porque damos a este capitulo o titulo de — *Governo provisorio e arbitrario de Cosme Rangel*.

Os mestéres.—Além das violencias praticadas por Cosme Rangel durante a sua governação, provocou igualmente acerbas censuras a creação de uma instituição existente em Portugal e cuja introducção nunca fôra tentada em terras do Brasil. Referimo-nos á creação dos *mesteres*, profissionaes nomeados para concorrerem com a camara no dar o regimento aos officios e taxar certos preços de mão de obra, innovação essa da qual se lembrou somente para favorecer alguns dos seus amigos.

Mallogro da tentativa de colonisação da Parahyba. — Foi durante o governo de Cosme Rangel que se effectuou a segunda tentativa de Fructuoso Barboza para a conquista e colonisação da Parahyba do Norte.

Fructuoso Barboza, depois de refazer-se das avarias que a sua esquadra soffrera na primeira expedição, regressou a Pernambuco.

Os colonos desta ultima capitania que se sentiam vexados pela visinhança do gentio da Parahyba, o qual, nas suas correrias para o sul, muitas vezes chegava ás terras occupadas pelos europeus em Pernambuco e Itamaracá, e nellas commettiam toda sorte de tropelias, prestaram-se a auxiliar Fructuosc Barboza, ficando assentado que, ao mesmo tempo que o donatario fizesse a sua tentativa por mar, o capitão-mór e ouvidor Simão Rodrigues Cardoso, com duzentos homens de infanteria e cavallaria e muito gentio seguiria por terra. Como se combinou, assim se fez e tanto a expedição maritima, como a terrestre largaram no mesmo dia do Recife.

Na foz do Parahyba encontrou Fructuoso oito náus francezas varadas no porto, e destas conseguiu incendiar cinco ; as outras tres, porém, ganharam o mar largo e evadiram-se.

Depois desse ephemero triumpho não cogitou Barboza de fortificar-se convenientemente ; isto deu logar a que os indios Potyguaras se reunissem e atacassem os Portuguezes, dos quaes mataram quarenta, incluindo um filho do mesmo Fructuoso. Seria ainda toda a tropa victimada neste ataque, si em tempo não se recolhesse a bordo de uma zavra que, commandada por Gregorio Lopes de Abreu, entrara na vespera e se achava em secco.

Desanimado Fructuoso por este revez preparava-se para abandonar a empreza, retirando-se da Parahyba, quando chegou Simão Rodrigues com os seus duzentos homens e o gentio amigo, tendo já sido feliz num encontro que houvera com os Potyguaras na varzea da Parahyba.

A' vista do auxilio que lhes chegava, animaram-se os da esquadra e resolveram fortificar-se do lado do norte do rio, desenganados de o poderem fazer do lado do sul, no Cabedello, logar improprio e sem agua potavel.

Não lhes foi no emtanto possivel arrancharem-se, mesmo do lado do norte, pois os indios pouco depois se apresentaram e em numero tão crescido que os portuguezes tiveram que reembarcar ás pressas e ganhar o mar largo. Logo em seguida a esse acontecimento mandou Fructuoso a Philippe II um galeão com a noticia do mallogro de sua tentativa.

Com isto os indios tanto se exaltaram que destruiram tres engenhos nas visinhanças de Itamaracá, cuja população ficou então reduzida a trinta e dous colonos.

Os indios da Parahyba.— Os indios, que no tempo da conquista da Parahyba habitavam essa região, pertenciam ás raças tupy e cariry.

A primeira representava-se pelos Tabajaras e Potyguaras, que occupavam todo o littoral, até umas vinte leguas para o interior; a segunda dominava desde o platô da Borborema até os limites com o Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Os Tabajaras eram sedentarios: viviam em tabas e tinham costumes doceis. O mesmo póde dizer-se dos Potyguaras.

Os carirys, que se achavam evidentemente em um estagio da civilisação humana inferior ao dos tupys, eram nomadas.

« Os indigenas da Parahyba, estavam na idade da pedra polida; os tupys eram pescadores, os carirys viviam da caça que era abundantissima, quer nas immensas mattas dos Brejos e dos frescos terrenos das serras, quer nos vastos taboleiros dos sertões.

« Os seus machados de silex (*pedras de corisco*, como chama actualmente o povo), variados e bem trabalhados; os seus productos de ceramica e tecidos de

caruá são uma prova de que os seus conhecimentos industriaes já tinham sahido dos primeiros rudimentos.» (1)

Eduardo Fenton — Desde 1530 ou 1532 que os Inglezes tentavam traficar no Brazil, pois por esse tempo, segundo lemos em Southey, William Hawkins, de Plimouth, cursou em duas viagens as costas do nosso paiz no *Paul of Plimouth*, navio de 250 toneladas. Em 1540 diversos mercadores de Southampton armaram navios para commerciar no littoral do Brazil, e em 1542, segundo contam, veio á Bahia um tal Pudney. Em 1567, alguns inglezes estabeleceram-se na Parahyba do Norte, de onde foram desalojados pelos portuguezes. Finalmente, relata-se ainda a viagem do *Minion*, navio que, a pedido de Jonh Whithall, inglez casado e estabelecido em S. Vicente, esteve em Santos commerciando e alli foi recebido com especial agrado. Essas foram as tentativas que os filhos da nevoenta Albion fizeram no Brazil, antes de passar este paiz ao dominio hespanhol, e é muito provavel que entabolassem desde logo relações commerciaes com os habitantes da colonia, si a soberania de Castella, nação com a qual a Inglaterra se achava nessa occasião em guerra, não se impuzesse em 1581 a este paiz.

Depois que o Brasil passou ao dominio hespanhol o primeiro inglez que aportou ás nossas plagas, foi Eduardo Fenton, em 1582. Commandava uma esquadrilha destinada ás Indias Orientaes e á China, e talvez por arribada se possa explicar o facto de haver aportado em S. Vicente. Sendo visitado em caracter amigavel nesse porto por José Doria e mais dous principaes do logar, Fenton animou-se a desembarcar afim de procurar sitio apropriado para levantar uma forja e collocar fornos portateis destinados a coser o biscouto para a tripolação, porém no dia seguinte ao deste desembarque, foi intimado a não collocar os ditos fornos, sem prévia licença do governador.

Estavam as cousas neste pé, quando surgiram no porto tres naus hespanholas sob o commando de Andrés Igino, e como as duas nacionalidades achavam-se em guerra, segundo já dissemos, rompeu logo o fogo de

(1) Irineo Joffili.—*Notas sobre a Parahyba.*

parte a parte. A acção que começou ao cahir da tarde continuou emquanto durou o luar: um dos navios hespanhoes foi a pique e os inglezes, aproveitando a viração da noite, fizeram-se ao largo e desappareceram.

Os navios hespanhoes que deram combate aos inglezes pertenciam á grande esquadra que Diogo Flores Valdez encaminhava para o estreito de Magalhães, e da qual trataremos no paragrapho seguinte.

Antes de deixar o porto de Santos, sabe-se que Andrés Igino construio um forte na barra de S. Vicente.

Missão de Flores Valdez. — Como o almirante hespanhol Diogo Flores Valdez, do qual se fala no paragrapho anterior, tem ainda de figurar nesta historia, julgamos de conveniencia reservar algumas linhas á exposição dos motivos que o trouxeram aos mares americanos.

Em 1569, Francisco Drake, corsario inglez, atravessou o estreito de Magalhães e conseguio navegar pelos mares do Pacifico. D. Francisco de Toledo, vice-rei dô Perú, mandou contra elle Pedro Sarmiento e o piloto Antão Paulo Corso, os quaes, depois de percorrerem as costas occidentaes da America, sem encontrar o pirata, atravessaram o estreito e velejaram para a Hespanha afim de levar tal noticia ao soberano.

Philippe II ficou apprehensivo com essa audacia britanica; e, receiando perder o Perú, informou-se miudamente de Pedro Sarmiento sobre as condições do estreito e pelas noticias erradas que este lhe deu, quanto ás vantagens de fortifical-o, determinou commetter immediatamente essa empreza, certo de que com boas fortalezas nesse ponto poderia embargar a passagem a qualquer aventureiro que pretendesse devastar as regiões banhadas pelo Pacifico.

Fez por conseguinte apparelhar uma esquadra composta de vinte e tres naus de alto bordo, com cinco mil homens de mar e guerra, petrechos para a construcção de fortes e alguns povoadores e nomeou para commandal-a Diogo Flores Valdez. A Antão Paulo Corso deu o posto de piloto e a Pedro Sarmiento o cargo de governador dos fortes e povoações que se levantassem.

A armada sahio de S. Lucar, na Hespanha, a 25 de Setembro de 1581, porém, tão malaventuradamente que tres dias depois já arribava a Cadiz com tres navios de menos, perdidos em um temporal, e sendo ainda obri-

gada a demorar-se quarenta dias nesse porto, afim de fazer os necessarios reparos.

O primeiro logar do Brasil em que tocou foi o Rio de Janeiro e ahi invernou a esquadra seis mezes e meio, occupando-se a tripolação em fazer estacas para trincheiras, taipaes e outros petrechos e em lavrar madeira para a construcção de duas casas que no estreito deviam servir para guardar munições; em todos esses trabalhos foi efficazmente auxiliada por Salvador Corrêa de Sá, governador do Rio de Janeiro.

Fez-se afinal de vela para o estreito a grande esquadra de Valdez, porém, na altura do Rio da Prata, taes e tão persistentes temporaes reinaram que durante vinte e dous dias não puderam armar uma só vela. Nessa lucta contra os elementos perdeu-se a nau que tinha por capitão Palomar e pereceram duzentas e trinta e seis pessoas.

Depois de aplacado o vento, procurou Valdez um porto afim de reparar as avarias, pois cinco das naus faziam agua e todas as outras achavam-se bastante maltratadas.

Velejou, pois, a esquadra cem leguas ao norte e arribou á ilha de Santa Catharina, nesse tempo ainda despovoada, e ahi permaneceu vinte e dois dias, findo os quaes tornou a partir para o sul.

Em Santa Catharina ficaram tres naus que ainda não podiam navegar e foram estas as que em Santos atacaram os galeões inglezes de Fenton. Taes nans tinham ordem de regressar ao Rio de Janeiro.

Deu mais Flores Valdez tres naus a D. Alonso de Souto Mayor, que ia por governador do Chile, afim de levar a sua gente pelo Prata a Buenos Ayres e d'ahi seguir por terra ao ponto que demandava.

Com as naus restantes tentou Valdez pela segunda vez chegar ao estreito; porém, quando já lhe forçava a entrada, uma medonha tempestade desencadeiou-se e tanto damnificou a esquadra que Valdez assentou em regressar á Hespanha.

Ao voltar tocou successivamente em S. Vicente, Rio de Janeiro e Bahia, sendo neste ultimo porto aproveitados os seus serviços, conforme veremos no capitulo seguinte.

O Rio de Janeiro durante o governo de Cosme Rangel. — Apezar da derrota soffrida pelos

indios em 1575, os Tamoyos, auxiliados pelos francezes, não deixavam de importunar o Rio de Janeiro, que no tempo de Cosme Rangel era governado por Salvador Corrêa de Sá, e os vexames chegaram a tal ponto que Felippe II mandou informar-se do referido Salvador Corrêa si não seria preferivel fortificar-se Cabo Frio. Salvador Corrêa mostrou-se avisadamente contrario a essa ideia e respondeu que a unica cousa a fazer era guarnecer-se convenientemente o Rio de Janeiro, pelo que mandou á Côrte as plantas para a construcção de duas fortalezas, que, na sua opinião, deviam ser edificadas em promontorios situados á barra. Pedio igualmente armas e munições que lhes foram enviadas, entre as quaes se incluiam umas columbrinas.

No periodo em que nos achamos, os jesuitas, sob o philantropico pretexto de concederem terras aos seus indios, obtinham continuamente grandes doações destas, com as quaes augmentavam os seus já avultados rendimentos.

CAPITULO II

GOVERNO GERAL DE MANUEL TELLES BARRETO

(1583-1587)

Terminou o governo interino de Cosme Rangel de Macedo aos 9 de Maio de 1583, (1) dia em que chegou á Bahia de Todos os Santos Manoel Telles Barreto nomeado por Felippe II para os cargos de «capitão da cidade do Salvador e governador da dita capitania e das outras do Brasil.»

Vinha Barreto com um ordenado annual de 800$000 e autorisado a manter uma guarda de pessôa de vinte homens, com o vencimento de 15$000 cada um.

Primeiros actos de Barreto. — Logo que Manoel Telles Barreto chegou á Bahia escreveu aos governadores das diversas capitanias que reconhecessem Felippe como verdadeiro soberano do Brasil, pois francezes e inglezes já se aproveitavam da antipathia dos colonos pelo dominio hespanhol, explorando-os com o nome de D. Antonio, prior do Crato e pretendente á corôa lusitana.

Em seguida procurou Telles Barreto conciliar os animos na cidade do Salvador, cuja população se achava ainda irritada pelas arbitrariedades commettidas por Cosme Rangel e, com este intuito, mandou sustar os processos dos perseguidos e obteve da côrte que fossem queimados todos os autos a tal respeito, precedendo a concessão de uma amnistia ampla.

Igualmente abolio a instituição dos mesteres.

Procurou além disso fortificar melhor a cidade e informar-se do estado das rendas coloniaes.

A este respeito diz o eminente historiador Varnhagen:

---

1) Abreu e Lima e Accioli dizem que a posse de Barreto teve logar a 11 de Junho. Teixeira de Mello apoiado em Miralles dá a posse em 14 de Julho de 1583, e Frei Vicente do Salvador dá a sua chegada em 1582 não precisando o dia. Adoptamos neste trabalho a data mencionada por Varnhagem por nos parecer a mais exacta.

« A receita montava a 30.825 cruzados, dos quaes já então se remettiam para Portugal 10,000, vindo a ficar para as despezas 20,825. Desta somma 7.500 cruzados, isto é, mais da terça parte, era applicada á manutenção dos padres da Companhia; e calculadas as outras despezas, havia um deficit de perto de 2,000 cruzados. Tinha arrematado esta renda um Bento Dias de Santiago; porém não se incluiam nella as capitanias do sul, pelas irregularidades que até alli houvera na contabilidade e cobrança.

«Para pôr uma e outra em ordem,e ao mesmo tempo inspeccionar as fortalezas do sul, mandou o governador por uma provisão a Balthazar Machado, com poderes ás ditas capitanias, do que lhe resultou conhecer que era geralmente nellas maior a despeza que a receita. Pedio o governador que ficassem no Brazil os dez mil cruzados que se enviavam para o reino; e provavelmente isso lhe foi deferido, em consequencia de se dar a casualidade de haver gasto nesse anno e no anterior quasi igual somma, com os aprestos que se fizeram nos navios de Diogo de la Ribera e de Pedro Sarmiento, da esquadra de Diogo Flores Valdez, que aportaram ao Rio de Janeiro; e depois com oito naus que, regressando do Estreito, com o proprio Diogo Flores, entraram na Bahia ; sem falar nas que mais tarde, com o mesmo Sarmiento, aportaram em Pernambuco, nem com os aprestos para a colonisação da Parahyba. »

Terceira tentativa de conquista da Parahyba. — Manoel Telles Barreto tentou por sua vez essa famosa conquista da Parahyba que os passados governadores não tinham podido realizar.

Convidou a tomar parte na expedição o almirante hespanhol Diogo Flores Valdez que se achava no porto da Bahia com os restos da armada com que tentara inutilmente a fortificação do Estreito, e este acquiesceu, esperando compensar por algum triumpho notavel o insuccesso da sua missão ao sul.

Diogo Flores Valdez, com uma esquadra composta de nove naus, sendo sete castelhanas e duas portuguezas, commandadas estas por Diogo Vaz da Veiga, partio da Bahia a 1º de Março de 1584 e chegou a Pernambuco no dia 20 do mesmo mez.

Juntamente com Diogo Flores ia o licenceado Martim Leitão, com poderes bastantes para povoar a Para-

hyba, e como provedor da fazenda e mantimentos da armada seguira Martim Carvalho.

Em Pernambuco ficou assentado que D. Felippe de Moura, logar-tenente de Jeronymo de Albuquerque no governo da capitania, avançaria por terra com mil homens afim de reunir-se na foz do Parahyba ás forças que se dirigiam ao mesmo ponto embarcadas na esquadra.

Flores Valdez ao chegar á Parahyba encontrou tres naus francezas surtas e varadas em terra e immediatamente incendiou-as. Os indios, emboscados na floresta, mandaram uma saraivada de settas aos europeus e o proprio Valdez recebeu no peito uma frechada que o teria atravessado, si elle não estivesse coberto com uma bôa couraça.

Em seguida fez Valdez construir um forte fronteiro ao Cabedello e deu o commando do mesmo a Francisco Castejon, capitão da sua infanteria, ficando como commandante do contingente de portuguezes e capitão da povoação que se fundasse o mesmo Fructuoso Barboza a quem o cardeal D. Henrique, quando rei de Portugal, tinha feito doação d'aquellas terras e do usofructo de todas as suas rendas durante dez annos.

O forte recebeu o nome de S. Felippe e S. Thiago e para garantil-o entregou Flores Valdez a Castejon uma nau portugueza, dois patachos e 110 soldados hespanhoes.

A fundação do forte teve logar em 1° de Maio de 1584 e Flores Valdez, tendo dispostas todas as cousas da maneira que relatamos, fez-se de vela para a sua terra natal.

Felippe de Moura, com os seus soldados, vendo que não tinha mais nada a fazer no forte, onde chegou muito depois de Valdez, dirigio-se á Campina das Ostras em demanda do inimigo, porém ahi cahio em uma cilada que os indios lhe armaram e da qual a muito custo a sua gente poude escapar-se vindo acolher-se junto ás muralhas do forte.

Enfadados por esse contratempo e por não ter querido Castejon abrir-lhes fóra de horas, a porta do forte, facto que os obrigou a passar a noite expostos ao vento e á chuva, atravessaram o rio no dia seguinte e tornaram-se para Pernambuco.

Frei Vicente do Salvador descreve por esta forma o

terror que se apossou dos portuguezes ao serem accommettidos pelos Indios na Planicie das Ostras:

« Huma tarde ouvindo uma trombeta, e grande rumor, foram dez de cavallo e alguns quarenta de pé com muitos indios á ordem de um Antonio Leitão, com muita desordem a descobrir campo, e deram em uma cilada, que os começou a sacudir athe chegarem á vista do arraial, sem haver accordo para lhes acudirem, antes se poz tudo em uma grande confusão, que vinda a noite se deitaram a huma lagôa por onde haviam tornar ao forte, e passando huns por cima dos outros, voando com azas do medo que levavam, foram batter ás portas do forte, que o Alcahyde, enfadado de os ver, lhes não quiz abrir, deixando-os estar á chuva toda a noite, que foi leve castigo para o merecido.»

Cedo começaram a soffrer privações os que guarneciam o forte de S. Felippe e S. Thiago, e o mau estado se aggravava ainda pela desarmonia que começou a reinar entre Francisco Castejon e Fructuoso Barboza, os quaes no emtanto se uniam nos pedidos de mantimentos e munições que faziam ao ouvidor geral em Pernambuco. Este, no emtanto, por desavenças com o provedor mór, achava-se impossibilitado de prestar efficaz auxilio aos que guarneciam aquelle palmo de terra que tantas vidas e dinheiro havia custado á Corôa para conquistal-o.

Já o gentio se animava com o desfallecimento dos soldados e si não fôra o temor da artilharia de ha muito teria arrazado o forte, quando Castejon resolveu-se a vir em pessoa a Pernambuco sollicitar os mantimentos, pois alguns que Martim Leitão lhe mandara por Nicolau Nunes, com vinte e quatro homens de reforço, tinham já sido consumido.

Em Pernambuco malquistou-se Castejon com o provedor Martim Carvalho, chegando até a vias de facto, e afinal, após injustas dilações, voltou o hespanhol para a Parahyba muito mal provido, pelo desagrado em que o tinha o dito provedor, o qual, pelos seus resentimentos pessoaes, lesava a causa publica em graves interesses.

Em Novembro do mesmo anno duas náus francezas ancoraram na Bahia da Traição, onde, desembarcando gente, veio esta com os indios Potiguaras e alguma artilharia atacar o forte, pondo-o em grande perigo.

Castejon e Barboza mandaram immediatamente prevenir o ouvidor geral em Pernambuco, e este fez logo aprestar um navio de setenta toneladas, á sua custa guarnecendo-o de portuguezes e setenta indios, cujo commando confiou a Gaspar Dias de Moraes. Juntamente seguio para a Parahyba uma galé de Pedro Lopes Lobo, capitão de Itamaracá, guarnecida com cincoenta portuguezes e alguns indios, commandada pelo mesmo Pedro Lopes.

Apenas perceberam este reforço, os francezes recolheram-se ás suas naus e fizeram-se ao largo, porém ficando Pedro Lopes no commando do forte, Castejon embarcou-se na sua galé e guarnecendo com alguma gente a nau que Diogo Flôres lhe havia deixado, bem como a que lhe viera de soccorro, partio sobre os francezes, os quaes, embora embarcados em duas naus possantes, foram derrotados na foz do Mamanguape, e as suas embarcações incendiadas. A nau do forte, porém, que já era muito velha, foi a pique quando regressava, perdendo Castejon com isso a maior parte da artilharia que havia tomado aos francezes.

Após esta victoria os de Pernambuco regressaram aos seus lares, pois o gentio parecia amedrontado, e, com a lição dada aos seus amigos francezes, pouco dispostos a voltarem á carga.

Em fins de Janeiro de 1585, porém, os indios se reuniram de novo em grande numero, e por meio de circumvalações e cercas de grossos troncos de palmeiras foram apertando o forte.

Castejon mandou de novo pedir soccorro ao ouvidor geral, receioso como se achava de succumbir por meio d'aquella estrategia indigena, principalmente depois que soube acharem-se alliados aos Potyguaras os Tabajaras, commandados pelo terrivel Piragybe (braço ou espinha de peixe), que pouco antes nas serras havia destroçado uma companhia de cem homens commandada por Gaspar de Athayde e Francisco de Caldas.

O ouvidor deu-se pressa em soccorrer o forte de S. Felippe e S. Thiago, e, reunindo um grande exercito, seguio em pessoa para a Parahyba.

Em caminho encontrou-se duas vezes com os indios de Piragybe e bateu-os, chegando afinal ao forte, que se achava completamente desmantelado e a guar-

nição abatida por grandes fadigas e pela fome que tinha soffrido. Os sitiantes no emtanto já tinham fugido.

Encarregando Pero Lopes de fundar uma povoação em logar por elle designado, visto que Fructuoso Barboza desistira completamente de semelhante empreza, tornou-se para Pernambuco o ouvidor Martim Leitão, sem nada ter feito de importante e duradouro.

D'ahi a algum tempo Francisco Castejon e Pero Lopes, desesperados pela mingua de mantimentos, pelas molestias que começavam a grassar e pela triste solidão em que se achavam, queimaram o forte, jogaram a artilharia ao mar, metteram a pique um navio que ahi ficára para os proteger e recolheram-se a Itamaracá, inutilisando-se por essa fórma todos os esforços passados para a colonisação d'aquella região, pois na Parahyba não ficou uma só casa construida (Junho de 1585).

Occupação definitiva da Parahyba (1587).— Estava reservada no emtanto a Manoel Telles Barreto, a ventura de ver ainda no seu governo realizada a posse definitiva d'aquelles sertões e praias que o Potyguar defendia com tanta tenacidade e que o francez explorava lucrativamente.

Piragybe malquistara-se com os Potyguaras, por terem estes lhe lançado o labéo de cobarde em virtude das derrotas que o ouvidor Martim Leitão lhe inflingira, e, rancoroso como são em geral os indios, resolvera vingar-se.

Os portuguezes determinaram-se a tirar proveito dessas hostilidades e fizeram pazes com o terrivel chefe, que, prestando-lhes apoio, lhes permittio lançar finalmente as bases da actual capital da Parahyba, erigida sob a invocação de *Nossa Senhora das Neves*, e bem assim construir um forte de madeira.

Martim Leitão, que realizara esses trabalhos, fez ainda, acompanhado de Piragybe, algumas excursões pelo interior do paiz e successivamente conseguiram os dois forçar os Potyguaras a evacuar a Bahia da Traição, o Tujucupapo e a Copohaba.

Finalmente, em Janeiro de 1587, construio Martim Leitão, á margem do rio Tibiry, e duas leguas acima da cidade, o forte que tomou o nome de S. Sebastião.

Estava, pois, realizada a occupação definitiva da Parahyba do Norte.

Traição dos indios de Sergipe. — Logo após a occupação da Parahyba, os indios que habitavam as margens do Rio Real (Sergipe), mandaram á capital communicar ao governador Manoel Telles Barreto que desejavam viver junto á cidade, afim de receberem a moral do Evangelho, e, por isso, pediam-lhe que lhes enviassem soldados para escoltal-os até a Bahia.

« A discordia que se plantou nos Tupinambás, que habitavam entre os rios de S. Francisco e Real e os da Bahia, diz o Dr. Felisbello Freire na sua excellente *Historia de Sergipe*, depois que d'alli expelliram os Tupinaes, que, por sua vez, já tinham rechaçado os Tapuyas, foi o motivo dos indios de Sergipe pedirem ao governador que garantisse sua passagem, por entre aldeias inimigas. »

Telles Barreto reunio em conselho diversas pessoas eminentes e criteriosas e expôz-lhes o caso. Christovão de Barros manifestou-se contra a ideia de mandar soldados para acompanhar o gentio, suspeitando neste algum projecto de traição, porém os padres, allegando a importancia de chamar-se ao gremio da igreja catholica todos aquelles pagãos, conseguiram determinar o governador a expedir a escolta pedida,. e assim partiram com destino ao rio Real cento e trinta soldados brancos e mamelucos e alguns indios mansos.

A escolta foi hospitaleiramente recebida pelos incolas de Sergipe e agasalhada nos seus tujupares construidos á margem do rio Real, porém o sangue de seus morubixabas Suruby, Serigy e Aperipé, derramado barbaramente pela gente de Luiz de Brito, durante a governação deste, ainda não tinha sido vingado, e nos povos primitivos, como se sabe, o odio é o sentimento mais soberano.

Aproveitando-se da segurança em que se achavam os da escolta, que até as armas davam a guardar ás mulheres da tribu, a elles entregues para concubinas, estas encravaram as espingardas com pedras e betume e substituiram a polvora dos frascos por carvão em pó.

Quando os viram completamente desarmados, os selvagens cahiram sobre elles em uma madrugada, e trucidaram todos, excepto alguns indios dos padres que tinham servido de emissarios nesse negocio.

Manoel Telles Barreto enfureceu-se extraordinariamente com essa traição dos indios de Sergipe e

logo ordenou aos capitães móres de Pernambuco e Itamaracá, D. Felippe de Moura e Pedro Lopes Lobo, que se preparassem para uma expedição guerreira ao Rio Real; esta, porém, não se effectuou immediatamente por terem aquelles mesmos capitães mòres que acudir á Parahyba.

Lucta com os Aymorés nos Ilhéos. — Por esse tempo sublevou-se tambem uma horda indigena, a dos Aymorés, que começaram devastando a capitania dos Ilhéos.

Contra elles Telles Barreto mandou Diogo Corrêa de Sande e Fernão Cabral de Athayde, que possuiam muitos escravos e aldeias de indios forros, dando-lhes mais os soldados das suas guardas com seus cabos, Diogo de Miranda e Lourenço de Miranda.

Como os indios pelejassem sempre por emboscadas, e embrenhados nos mattos, pouco damno lhes fizeram os portuguezes, sendo igual o numero de feridos de parte a parte.

Ordens religiosas. — Durante o governo geral de Manoel Telles Barreto estabeleceram-se no Brasil tres ordens religiosas: a dos Benedictinos, a dos Franciscanos Capuchos de Santo Antonio e a dos Carmelitas Observantes.

Os benedictinos se fixaram na cidade do Salvador em 1584, e pouco depois, em virtude da protecção que Salvador Corrêa de Sá lhes dispensava, fundaram outra abbadia no Rio de Janeiro. Em 1596 o Bispo D. Antonio Barreiros concedeu-lhes provisão para estabelecer ainda uma outra em Olinda, e dessa data por diante se espalharam por todo o Brazil, onde chegaram a possuir sete abbadias e varias presidencias.

Os franciscanos foram introduzidos no Brasil por Jorge de Albuquerque, donatario de Pernambuco, em Abril de 1585. Os primeiros que chegaram, em numero de cinco, sob as ordens de Frei Melchior de Santa Catharina, excellente orador sacro, tomaram posse da ermida de Nossa Senhora das Neves no Recife, sendo a primeira custodia de Olinda, ainda sujeita a Portugal, creada por patente do geral Frei Francisco Gonzaga e confirmada por bulla de Xisto X, de 3 de Setembro de 1586. Os capuchos do Brasil erigiram-se em provincia independente, a qual mais tarde dividio-se em duas,

tendo uma por séde a Bahia e a outra o Rio de Janeiro, onde fixou a sua casa capitular. Em 1584 foi por alvará régio concedido *de ordinario* á custodia de Olinda, uma quarta de farinha para hostias, uma quarta de azeite para a lampada, duas arrobas de cêra e uma pipa de vinho. Trinta e seis annos depois esta concessão estendeu-se aos novos conventos do Rio, Pojuca e Recife. Os franciscanos propagaram-se rapidamente em todo o Brasil.

Os carmelitas observantes chegaram ao Brasil em 1580; os primeiros conventos que fundaram foram os de Olinda e de Santos, chegando com o tempo a constituirem duas provincias, uma nas capitanias do sul e outra nas do norte.

Morte de Manoel Telles Barreto. — O homem de cujo governo nos occupamos e que foi o primeiro governador geral do Brasil nomeado por Felippe II de Castella e I de Portugal falleceu em 1587. Sua administração foi proveitosa á colonia que se vio dilatada até a Parahyba, cuja conquista constitue o facto culminante da sua governação.

Eis como Varnhagen summaria os seus serviços no alto cargo de governador geral do Brasil.

« Cassou os processos iniciados contra alguns moradores pelo despotico ouvidor Rangel; fomentou as composições dos roceiros com os traficantes de escravos, afim de serem estes pouco a pouco embolsados, sem prejuizo da agricultura; alcançou, depois de vêr com horror o mallogro de duas tentativas, que um Alvaro Rodrigues chegasse ás minas de salitre; zelou o pagamento das dividas á fazenda, pelas quaes foi preso o almoxarife de Pernambuco Vicente Corrêa, e era perseguido no Reino, pelo juiz da India e Mina, o provedor Miguel Gonçalves Vieira, que se escapara, e finalmente cumprio, até onde lhe foi dado, a sua principal missão, que era cuidar da defensa do Brasil. Sollicitou e alcançou para as principaes cidades artilharia e munições e fez com que em todas se construissem alguns fortes, pedindo para isso do Reino um *fortificador*; na Bahia, onde já em seu tempo estavam por terra as muralhas, levantou duas estancias sobre a barra, e mandou fazer duas galés para servirem de canhoneiras. A's informações e influen-

cia de Telles Barreto attribuimos tambem a lei repressiva acerca do captiveiro dos indios de 22 de Agosto de 1587, bem como o regimento de 25 de Setembro desse mesmo anno, creando uma relação neste Estado, o que não se levou desta feita adiante. »

CAPITULO III

GOVERNO INTERINO DA JUNTA COMPOSTA POR D. ANTONIO BARREIROS E CHRISTOVÃO DE BARROS.

(1587 — 1491)

Pelas vias de successão deixadas por Manoel Telles Barreto o governo do Brasil devia passar interinamente ás mãos de uma junta composta do bispo D. Antonio Barreiros, do provedor-mór Christovão de Barros e do ouvidor geral Antonio Coelho de Aguiar. Como porém este ultimo achava-se ausente, ficaram os dois primeiros com o governo e escolheram para secretario o contador-mór da fazenda Antonio de Faria.

A Bahia atacada pelos inglezes. — Pouco depois de Antonio Baareiros e Christovão de Barros empunharem as redeas do governo, duas náus inglezas e uma zavra aprisionaram fóra da barra um patacho hespanhol que se dirigia ao Prata e entraram na bahia assenhoreando-se logo de todos os navios nella fundeados.

Essas embarcações inglezas traziam por commandante Roberto Withrington e uma dellas tinha sido armada pelo conde de Cumberland.

Os moradores tomaram-se de panico com os primeiros actos hostis do flibusteiro inglez e já começavam a abandonar a cidade, quando Christovão de Barros, que se achava no Reconcavo, correu apressadamente á capital e por suas exhortações e ameaças obrigou-os a retrocederem. Para exemplo amarrou um dos mais tibios ao pelourinho, pondo-o nú e cingindo-lhe uma roca.

A' vista das promptas medidas tomadas por Christovão de Barros para a resistencia, os inglezes não se atreveram a desembarcar na cidade e contentaram-se em devastar o Reconcavo, porém Christovão acudio igualmente a este ponto e organisando promptamente uma esquadrilha de barcaças guarnecidas de soldados com

pavezes, cujo commando confiou a Sebastião de Faria, forçou os piratas a retirarem-se.

Tentaram ainda os inglezes desembarcar na ilha de Itaparica, ainda ahi, no emtanto, foram batidos por Antonio Alves Capara, o qual, sabendo que elles haviam passado a Camamú afim de fazerem aguada, para este ultimo logar partio em seguida com toda a sua gente e tornou a batel-os.

Commercio do Brasil com as regiões do Prata e do Pacifico.—Foi durante o duumvirato de D. Antonio Barreiros e Christovão de Barros, ou talvez durante a governação de Manoel Telles Barreto, que se abriu o commercio do Brasil com as colonias hespanholas situadas ás margens do Prata e do Oceano Pacifico, paizes que então se achavam todos subordinados ao mesmo sceptro.

Segundo Sarracoll, havia no Prata cinco villas, umas de setenta fogos, outras de mais.

Nestas povoações deparava-se grande abundancia de cereaes, gado, vinho e varias fructas, porém nenhum dinheiro de ouro ou prata. Nellas se fabricava uma especie de panno que os moradores trocavam por assucar, arroz, marmelada, doces e outros generos.

Em Santa Fé descarregavam os navios e as mercadorias eram transportadas ao Perú em cavallos e carretas.

Francisco Giraldes. — Em 9 de Março de 1588 nomeou Felippe II para substituir Manoel Telles Barreto no governo geral do Brasil a Francisco Giraldes, do seu conselho, e quinto donatario da capitania dos Ilhéos, e juntamente com a nomeação de Giraldes creou o cargo de sargento-mór do Estado, para o qual foi nomeado Antonio de Magalhães. Competia ao sargento-mór, além das obrigações que tinha no reino, a inspecção das ordenanças e tudo quanto respeitava ás fortificações e á artilharia.

Tendo o navio em que o governador se dirigia ao Brasil feito duas arribadas, Giraldes supersticiosamente recusou-se a embarcar de novo, continuando por conseguinte a colonia sob o governo do duumvirato.

Occupação definitiva de Sergipe. — Varios foram os motivos que determinaram a conquista de Sergipe em 1590.

Dentre elles devemos collocar em primeiro plano a abertura de uma via terrestre que ligasse a séde da colonia ao seu mais importante nucleo, Pernambuco, pois por meio della se evitaria a penosa viagem maritima tão tormentosa naquellas alturas, e tambem o receio de que os francezes, que em alta escala commerciavam nessas paragens, pudessem, com o correr dos tempos e com o augmento progressivo de forças, assediar a Bahia, capital do Estado, e pôr em grave risco de perda toda a colonia.

A respeito dos francezes em Sergipe nesses tempos diz o Dr. Felisbello Freire:

« Julgando-se forte pelo concurso da raça indigena, cujas riquezas compravam com quinquilharias, a hospitalidade com attenções, a amisade com complacencia, para dirigirem o pensamento, dominarem a vontade e aguçarem o appetite do sangue e da preza nas arriscadas emprezas em que se atiravam com a raça indigena, ao simples aceno de suas velleidades, os francezes conceberam o projecto de atacar a cidade de S. Salvador, indo elles por mar e o gentio por terra. » (1)

Além disso a morte do bispo Sardinha e de seus companheiros, entre os quaes Antonio Cardoso de Barros, pai de Christovão de Barros, e a recente traição dos indios do Rio Real estimulavam á vingança os portuguezes, sentimento ao qual se alliou o interesse, pois a lei promulgada por Felippe II em Agosto de 1537 considerava justa a guerra de Sergipe e por conseguinte dava aos soldados o direito de escravisar os incolas de taes paragens.

Vejamos agora como se realizou a occupação definitiva de Sergipe.

Em fins de 1590, Christovão de Barros partio da Bahia com um numeroso exercito cuja vanguarda confiou ao commando de Antonio Fernandes, capitaneando Sebastião de Faria a retaguarda. Por artilharia levava Christovão de Barros seis peças de bronze, dois galpões de dado e uma peça de colher.

Os irmãos Alvaro Rodrigues e Rodrigo Martins com cento e cincoenta portuguezes e mamelucos e mil indios, além dos tapuyas que se lhes reuniram em ca-

(1) Felisbello Freire — *Historia de Sergipe*.

minho, iam na frente devastando as aldeias inimigas, cujos habitantes fugiam e iam concentrar-se em uma posição altamente defensiva, de modo que os dois irmãos se acharam afinal em apertado cerco.

Sabendo disto Christovão de Barros mandou Amador de Aguiar reconhecer o sitio do cerco, e este regressou com tres espias do inimigo que lhes serviram de guias e com os quaes o exercito dos conquistadores bateu as cabiçaras inimigas, obrigando os indios a levantar o cerco.

A carnificina nos selvagens foi medonha: seiscentos delles ficaram mortos, ao passo que do lado dos portuguezes houve apenas seis baixas.

Teve logar este combate a 23 de Dezembro de 1590.

Seguiram depois os portuguezes para a varzea de Vazabarris onde *Mbaepeba* ou *Baepeba*, morubixaba principal das cabildas sergipanas, se achava fortificado com tres tranqueiras ou cahiçaras e vinte mil frecheiros.

Começaram os portuguezes o cerco cortando-lhes as aguas e interceptando-lhes o caminho das fontes e, após uma escaramuça, na qual houve numero igual de mortos de um lado e de outro, Sebastião de Faria abalroou a primeira cerca, que os indios emtanto conseguiram reconstruil-a.

Em seguida é abalroada a segunda cerca perdendo os indios trezentos combatentes, e vendo Baepeba que estava enfraquecendo a sua gente sem vantagem, ordenou nas tres cercas um ataque geral. Para transmittir suas ordens tiveram tres indios o arrojo de atravessar o arraial do inimigo afim de ganharem as outras duas cercas. Apenas um destes heróes morreu.

Logo sahiram das duas ultimas cercas todos os guerreiros indios. Contra elles parte o proprio Christovão de Barros com sessenta soldados de cavallaria, não consentindo que a infantaria o acompanhasse por temer pelas costas um assalto da terceira cerca onde se achava Baepeba; assim aconteceu, pois o chefe indio logo que cahio a noite resolveu abrir caminho a ferro e fogo por entre os sitiantes, e estes já recuavam, quando Christovão, animando os seus soldados, atravessou-se na frente dos indios e a brados e com o couto da lança, fel-os voltar para a cerca onde os portuguezes penetraram, matando mil e seiscentos e captivando quatro mil.

Esta terrivel matança deu-se a 1° de Janeiro de 1590. Estava destruido o centro principal de resistencia das cabildas sergipanas e por conseguinte realisada a conquista real dessa região que os padres Gaspar Lourenço e João Salonio tinham procurado levar a effeito pela brandura e pela seducção da moral evangelica, como se poderia fazer, si as barbaridades dos sequazes de Luiz de Brito não a tornassem possivel somente depois de se banharem os conquistadores num tremendal de sangue.

Christovão de Barros apressou-se em levantar um forte sobre o isthmo que fórma a barra do rio Coxim, junto á foz do rio Sergipe, hoje Cotinguiba, e proximo delle um arraial a que deu o nome de cidade de São Christovão, em honra ao santo do seu nome.

A diversos que o auxiliaram na conquista deu terras e a seu filho Antonio Cardoso de Barros deu de sesmaria o territorio comprehendido entre os rios Cotinguiba e S. Francisco.

Ficou Sergipe constituindo uma capitania pertencente á Corôa e por isto tomou o nome de *Sergipe d'El-Rey*, pelo qual se differençava de Sergipe do Conde.

Como governador da nova capitania Christovão de Barros deixou Thomé da Rocha, ficando Rodrigo Martins incumbido de perseguir o gentio que havia emigrado para o norte.

Os primeiros colonos entregaram-se logo á criação do gado vaccum e este desenvolveu-se rapidamente, em virtude da excellencia das pastagens.

Caçada aos indios. — Rodrigo Martins, dando cumprimento á ordem que recebera de perseguir os indios derrotados em Sergipe, dirigio-se ao rio de São Francisco que os selvagens haviam transposto e ahi encontrou-se com Francisco Barbosa da Silva e outros que lhe embargaram a marcha, allegando pertencer aquelle territorio á capitania de Pernambuco e serem elles os unicos que possuiam licença do donatario da capitania para caçar indios em taes paragens. Este facto é bastante caracteristico: disputavam-se até as regiões em as quaes devia exercer-se a caçada ao selvagem e esta era legalisada por autorisações dos capitães-móres.

Segundo nos transmitte frei Vicente do Salvador esse Francisco Barbosa foi pouco depois morto pelos proprios indios e Rodrigo Martins, poude então asso-

ciar-se a Christovão da Rocha e proseguir livremente na sua caçada de indios. Subiram os dois pelo Rio de São Francisco até além do Sumidouro, onde se apartaram em virtude de desavenças que surgiram entre elles. Martins regressou; e Rocha, associando-se a um tal Antonio Rodrigues de Andrade, marchou contra a cabilda do indio Porquinho, que ao saber da approximação dos caçadores abandonou a taba e dispersou-se pelas selvas. A' força de embustes e promessas, os portuguezes conseguiram incutir confiança nos selvagens aos quaes mandaram emissarios dizer que suas intenções não eram hostis; tendo, porém, os indios regressado á taba foram todos aprisionados e levados como escravos para Pernambuco e para Bahia. Todavia, praticando esta infamia, não se esqueciam de zelar pela religião. Porquinho foi baptisado com o nome de Manoel.

Que idéa poderia fazer essa creatura de uma crença, imposta por aquelles que nessa mesma hora condemnavam todo o seu povo, seus amigos, sua mulher e filhos ás dôres e ás ignominias do captiveiro?

No emtanto essas barbaridades, contra as quaes os jesuitas se levantavam a todo o momento e que ainda hoje nos revoltam, tiveram a sua utilidade: pelas caçadas de indios foi se travando conhecimento mais amplo com as regiões do interior e encaminhando-se a civilisação europeia para o centro do paiz, que ao mesmo tempo ia revelando as suas extraordinarias riquezas. Rodrigues de Andrade ao regressar a Bahia passou pela *Serra do Salitre*, do qual levou amostras em cabaços.

Colonisação de Alagôas. — Foi tambem sob o governo do duumvirato que se começou a colonisação de Alagôas.

Em 5 de Agosto de 1591, Pedro Homem de Castro, procurador do donatario de Pernambuco, cedeu a Diogo de Mello uma data de sete leguas de terra para o sertão e uma a beira-mar, sendo tres para o sul e duas para o norte do rio de S. Miguel, foz das Alagôas.

Logo começou-se a erigir, em uma pequena enseada, no fundo da Alagôa do Norte, a villa chamada de Santa Luzia, por devoção do seu fundador que era cégo.

Esta foi a primitiva colonisação do actual estado das Alagôas.

O tribunal da Relação.—Como vimos, em 1587 foi creada para o Brasil pelo governo da metropole uma relação ou tribunal, sendo a 25 de Setembro do mesmo anno promulgado o seu regimento.

Compunha-se a Relação, de accôrdo com a letra desse regimento, de dez ministros: chanceller, desembargadores do aggravo, ouvidor geral, juiz dos feitos, provedor dos orphãos e residuos, provedor dos feitos, promotor da justiça e desembargadores extravagantes.

Em 23 de Março de 1588 foi creado o cargo de provedor de defuntos.

O duumvirato terminou o seu governo em 9 de Junho do anno de 1591, data em que chegou á Bahia o novo governador D. Francisco de Souza.

Assim como o facto culminante da administração passada foi a occupação definitiva da Parahyba do Norte, sobresahe no governo de D. Antonio Barreiros e Christovão de Barros a conquista de Sergipe.

O francez e o inglez não cessam de hostilisar a colonia, porém, o progresso desta é evidente. Sergipe e Alagôas colonisadas permittem a abertura de estradas ligando Pernambuco á Bahia, esses dois mais importantes nucleos coloniaes do Brasil e fazem desapparecer a necessidade da navegação costeira nesse trecho de mar tão perigoso e no qual os baixos de D. Rodrigo e os recifes da foz do Vasa Barris assignalavam medonhos naufragios, vidas preciosas aniquiladas.

CAPITULO IV

GOVERNO GERAL DE D. FRANCISCO DE SOUZA

(1591 — 1602

A 9 de Junho de 1591 chegou a Bahia D. Francisco de Souza, nomeado para o cargo de governador geral do Brasil em 1° de Dezembro de 1890.

Pouco depois de chegado a este paiz soube D. Francisco de Souza ter-lhe a esposa fallecido no Reino e com isto, diz Frei Vicente do Salvador, « resolveu em não tornar ao Reino, mas ficar cá até a morte, e assim o publicava, nem o dizia ociosamente sinão que como era prudente e por isso chamado já de muito tempo D. Francisco das Manhas, entendeu que era boa esta para acariciar a vontade dos cidadãos e naturaes da terra fazer-se cidadão e natural com elles, e pouco aproveitara dizel-o de palavra, si não puzera por obra e assim foi o mais bemquisto governador que houve no Brasil, junto com o ser mais respeitado e venerado. »

Gabriel Soares e as minas do sertão.— Gabriel Soares de Souza, tendo recebido de seu irmão João Coelho de Souza o itinerario para as minas de ouro e prata situadas no sertão da Bahia passou-se a Portugal, onde, ao cabo de seis annos de solicitações á côrte, conseguio obter as seguintes concessões :

Uma carta régia ao governador do Brasil afim de que fossem postos á sua disposição duzentos indios frecheiros.

A nomeação de capitão-mór e governador da conquista e descobrimento do Rio de S. Francisco, tendo o direito de nomear, por seu fallecimento, um successor que gozaria dos mesmos titulos e poder.

A faculdade de prover todos os officios da justiça e da fazenda no seu districto.

O habito de Christo e 50 reis, e no fim da jornada o fôro de fidalgo e moradia para quatro cunhados que com elle iriam e mais dois habitos para os capitães que o acompanhassem.

Poder conceder o fôro de cavalleiros fidalgos até a cem pessoas das do seu sequito.

A faculdade de tirar das prisões, para levar comsigo, os condemnados a degredo que escolhesse, sendo de officios mechanicos, mineiros, etc., aos quaes se contaria como tempo de degredo o da expedição.

Finalmente, autorisação para proseguir nos descobrimentos até além do Rio S. Francisco.

Gabriel Soares partio de Lisboa na urca flamenga *Grifo Dourado* a 7 de Abril de 1591, conduzindo comsigo trezentos e sessenta homens, entre os quaes quatro religiosos carmelitas.

A 15 de Julho avistaram os expediccionarios a costa, e não a conhecendo, lançaram ferro exactamente numa enseada que era a de Vasa Barris, tão mal afamada. O vento fustigou-os fortemente nesse pessimo abrigo e de tal maneira que duas amarras se quebraram ; tentando elles, ainda assim, a entrar no porto, apezar da resaca, isto por conselhos de um francez que viera de terra em uma jangada com dois indios, foi a urca de encontro a umas pedras e naufragou, salvando-se a custo os expediccionarios, dos quaes, assim mesmo pereceram alguns.

Prestou-lhes soccorro Thomé da Rocha, capitão de Sergipe, o qual concedeu a Gabriel Soares uma setia que o levou a Bahia.

D. Francisco de Souza, que trouxera do reino recommendação muito especial de fomentar a exploração das minas, apressou-se em executar as provisões reaes que Gabriel Soares trazia, seguindo este immediatamente para o seu engenho de Jaguaribe afim de proceder aos ultimos preparativos para a jornada.

Logo que estes se concluiram a expedição partio de Jaguaribe e chegou á serra de Quarerú, distante cincoenta leguas, onde, para cumprir as ordens que trazia e que lhe determinava fazer uma fortaleza de cincoenta em cincoenta leguas, construio uma de sessenta palmos de vão com guaritas nos cantos.

Do Quarerú caminharam mais cincoenta leguas até ás cabeceiras do rio Paraguassú onde construiram nova fortaleza. A má alimentação e a fadiga fez com que muitos dos expediccionarios adoecessem e entre elles o proprio Gabriel Soares que dentro de poucos dias falleceu, não lhe permittindo a sorte realisar o seu sonho de

grandeza. Juntamente com Soares falleceu um indio de nome Aracy que servia de guia aos expediccionarios.

Julião da Costa substituio immediatamente Gabriel Soares no commando da expedição, e escreveu ao governador pedindo ordens.

D. Francisco de Souza mandou regressar a expedição e apoderou-se de todos os roteiros, «premeditando já, diz Varnhagen, vir a recolher della os fructos, como particular, apenas largasse o governo. E' o que devemos concluir, em vista do que depois praticou, vindo a requerer e obter os mesmos privilegios e concessões outorgados a Soares.»

Este escreveu sobre o Brasil uma obra que o mesmo Varnhagen considera como o escripto mais productivo do proprio exame observação, pensar e encyclopedia da litteratura portugueza nesse tempo.

Novas lutas com os indios na Parahyba do Norte.—Fructuoso Barbosa que não tivera a necessaria constancia para manter-se na Parahyba até a sua occupação definitiva e desistira de todos os direitos sobre essas terras, sómente para isentar-se dos trabalhos, apenas vio a conquista perfeitamente acabada pelos extraordinarios esforços de Martim Leitão, mandou a Portugal o seu procurador Pedro de la Cueva que conseguio do governo da metropole o restabelecimento de todas as concessões que outr'ora lhe fizera o cardeal D. Henrique.

Ao mesmo Pedro de la Cueva nomeou Fructuoso Barbosa capitão dos soldados hespanhóes que se achavam na Parahyba.

Os Potyguaras, no emtanto, instigados pelos francezes que não se resignavam á perda daquella região na qual lucros tão opimos colhiam outr'ora, investiram novamente contra a colonia com o costumado ardor; e si não fôra Pero Lopes Lobo que a toda pressa partio de Itamacará afim de combatel-os teriam mais uma vez embargado a obra da civilisação no sólo parahybano.

A' vista d'isso resolveu Fructuoso transferir-se em 1591 para junto do Inhoby, no que errou, pois vendo os selvagens desfalcada a guarnição do Cabedello, atacaram este forte e o arrasaram, bem como todas as obras que na ilha da Restinga, então ilha da Conceição, possuia um Manuel de Azevedo que a recebera de sesmaria.

Esta ilha foi soccorrida no anno seguinte por Feliciano Coelho, nomeado capitão d'ella, o qual, perce-

bendo que os jesuitas eram muito benevolos para com os indios, expulsou-os e deu suas aldeias aos franciscanos aos quaes tambem enxotou em 1596.

Coelho bateu diversas vezes os indios e em um dos recontros foi ferido ficando aleijado (1).

Thomaz Cavendish.—Com a passagem do Brasil para o dominio hespanhol, os mares de nossa patria encheram-se logo de piratas europeus, originarios de paizes que se achavam em guerra aberta com a Hespanha.

Esses piratas recebiam de seus governos cartas de corso contra os navios hespanhoes e portuguezes e as violencias por elles praticadas eram muitas vezes premiadas, pois consideravam-se muito naturalmente como feitos de guerra, dignos de louvor e recompensa, visto contribuirem para abater o poderio de Philippe, o sombrio demonio do meio dia.

Gabriel Soares na obra a que já nos referimos diz o seguinte : « Vivem os moradores tão atemorisados, que estão sempre com o facto entrouxado para se recolherem para o matto, como fazem com a vista de qualquer nau grande, temendo serem corsarios. »

Um destes piratas foi Thomaz Cavendish, fidalgo inglez que, tendo esbanjado o patrimonio de sua casa, pensara em refazer pelo corso os haveres malbaratados. Antes de depredar as costas do Brasil já Cavendish tinha feito uma viagem, em a qual, diz o seu compatriota Southey, «taes atrocidades commetteu que por muito tempo deixaram nodoa no caracter da nação ingleza ». (2)

Cocke, immediato de Cavendish, entrou em Santos em um domingo do anno de 1591 e achando os moradores na igreja assistindo á missa, aprisionou a todos, matando um que tentara resistir. Em logar, porém, de supprir-se de generos, extorquidos como resgate dos prisioneiros, tal como lhe ordenara Cavendish, descuidou-se e entregou-se á orgia com os seus companheiros, dando

(1) Infelizmente para o estudo da historia patria, neste ponto achou-se truncado o manuscripto de Frei Vicente do Salvador que tão minuciosamente descreve as primeiras luctas dos colonos com os indios no territorio parahybano e tem sido o nosso guia, bem como o de todos os outros autores na descripção de taes guerras.

(2) Roberto Southey.—*Historia do Brasil.*

tempo a que os moradores se evadissem e retirassem da cidade as provisões e o mais de valor que possuiam.

Cavendish chegou dez dias mais tarde e exasperando-se por encontrar a praça sem habitantes nem mantimentos, incendiou S. Vicente e fez-se em seguida de vela para o estreito de Magalhães.

Mais tarde voltou Cavendish ao Brasil e ao avisinhar-se de S. Vicente mandou vinte e cinco homens á terra para se apoderarem de mantimentos, pois havia fome a bordo; estes homens, porém, foram todos trucidados pelos indios, com excepção de dois que os mesmos indios pouparam a vida, e aos quaes, juntamente com as cabeças dos que elles haviam assassinado, conduziram em triumpho para Santos.

Algum tempo depois, Cavendish, que andava a piratear pela costa, penetrou no porto da Victoria (Espirito Santo), guiado por um pratico portuguez que havia aprisionado e ao qual logo após o serviço prestado deu-se pressa em enforcar. Em virtude da resistencia que oppuzeram os colonos não conseguio o pirata desembarcar a sua gente, sendo obrigado a fazer-se de novo ao largo. Deliberou então regressar á Europa, mas em viagem morreu.

Antonio Knivet, que fez parte da expedição desse famoso ladrão do mar escreveu uma relação da viagem de Cavendish, a qual foi publicada no começo do seculo XVIII.

James Lancaster. — Dos poucos piratas, cujos nomes e feitos perversos no Brasil a historia nos transmittio, um delles é James Lancaster, fidalgo inglez que, commandando tres navios armados por mercadores de sua nação, se dirigio ao Brasil, tendo-se reunido na altura do Cabo Branco com Barker, famoso corsario que com o seu chaveco já havia aprisionado vinte e quatro embarcações a hespanhoes e portuguezes.

De um dos prisioneiros souberam os piratas que um galeão com rico carregamento da India naufragára na costa de Pernambuco, achando-se todas as mercadorias armazenadas no Recife; logo dirigiram-se os dois a este porto, associando-se primeiro a Venner, corsario francez que encontrara, e que commandava uma esquadra composta de dous galeões, um hiate e uma preza biscainha. Chegando ao Recife apoderaram-se fa-

cilmente do carregamento do galeão, pois todos os habitantes, tomados de terror, fugiram para Olinda (1595).

Tres dias depois que Lancaster achava-se no Recife mandaram-lhe os portuguezes propor negociações ao que elle se recusou obstinadamente, chegando até a ameaçar com a forca qualquer que lhe levasse alguma mensag m por parte dos moradores. Inquirido sobre este procedimento, respondeu Lancaster que tinha vivido muitos annos entre os portuguezes e que estes, «quando nada podiam fazer, recorriam a lingua falaz, pois fé e verdade é cousa que não conheciam. « E, accrescentou elle, que havemos de parlamentar? Com o favor de Deus houvemos a quanto vinhamos, e bem pouco prudente seria deixal-os fazer por nos tirarem com astucia o que ganhamos com a força. »

Os portuguezes tentaram por duas vezes incendiar a esquadra de Lancaster, porém não o conseguiram; no emtanto em um reconhecimento que o inglez mandou fazer em terra perdeu trinta e cinco homens entre os quaes o vice-almirante Barker e dois capitães francezes. Este revez apressou a partida de Lancaster, que nesse mesmo dia á tarde se fez ao largo com onze embarcações, todas ricamente carregadas.

Os corsarios da Rochella na Bahia e em Santos. — Em 1597 aportaram á Bahia, trazendo em lastimoso estado de penuria e molestia a tripolação, dois navios huguenottes da Rochella, vindos de Arguim, na costa da Africa, onde haviam tomado o forte e saqueado tudo, inclusive a igreja, da qual roubaram a imagem de Santo Antonio e trouxeram para bordo.

Acossados pelo temporal, pela fome e por uma epidemia que se desenvolveu a bordo, foram obrigados a arribar á Bahia, sendo o facto em terra considerado como um castigo do santo que assim conduzia á punição aquelles que lhe haviam perturbado a tranquillidade, arrancando-o da sua pitoresca igreja de Arguim.

Com grande solemnidade e devoção conduziram os habitantes da Bahia a imagem de Santo Antonio para um templo da cidade, de onde depois foi transportada para o convento dos Capuchinhos e quanto aos corsarios, attendendo se ao fanatismo e á intolerancia religiosa da epocha, devemos presumir que soffressem barbaro castigo. Os huguenotes foram no emtanto vingados por acaso providencial ; alguns d'elles achavam-se ataca-

dos de variola e o microbio dessa terrivel enfermidade espalhou-se pela cidade enlutando muitas casas.

Nesse mesmo anno um navio francez, commandado pelo corsario Pain de Mill, nome que nas chronicas vem estropiado pelo de *Pão de Milho*, foi a pique no littoral de Sergipe, e sua tripolação, constante de cento e dezeseis homens, aprisionada.

Primeiros commettimentos dos hollandezes no Brasil. — Desde o anno de 1580 os hollandezes entretinham relações com a America Meridional, porém essas relações não offerecem interesse historico, nem se referem ao Brasil.

Em 1597, porém, Gerrit Bicker Pieterzoon, de Amsterdam, e Jan Corneliszoon van Leijen, d'Enkhuizen, suggestionados por Usselincx, personagem muito acatado pela sua intuição commercial, embora não exercendo cargo na republica, organisaram cada um uma companhia de commercio, as quaes pouco depois se reuniram. Dessa data em diante começaram os hollandezes a frequentar a costa brazileira.

Em 1598, Olivier van Noord, que partira da Hollanda para realisar uma viagem em redor do globo, effectuou um desembarque no Rio Doce e outro no Rio de Janeiro, sendo recebido hostilmente pelos colonos.

Na ultima década do seculo XVI os hollandezes fundaram á margem do Amazonas as duas colonias de Orange e Nassau que mais tarde foram destruidas pelos portuguezes.

Do que praticaram os hollandezes na Bahia neste mesmo annos falaremos mais adiante.

Em 1615 o almirante Joris van Spilbergen esteve na Ilha Grande, Santos e S. Vicente, e, sendo recebido hostilmente pelos portuguezes, com os quaes queria entabolar relações commerciaes, fez-se de vela para o Pacifico indo devastar as costas do Chile.

Estes são os mais importantes commettimentos dos hollandezes no Brasil, antes do ataque á Bahia em 1625.

Causa que desviou os inglezes do Brasil. — Segundo os mais abalisados historiadores a causa que mais contribuio para fazer terminar em 1597 as investidas dos inglezes ao Brasil, não tendo continuadores os Fentons, Withringtons, Cavendish e Lancaster foi ter

o seu compatriota Ralegh divulgado a fabula do *El-Dorado*, que todos procuravam com desesperado afan.

Diz Southey:

« Por toda a costa do continente hespanhol na America do Sul corria a voz d'um paiz sertanejo, onde abundava o ouro. Referiam-se estes boatos indubitavelmente aos reinos de Bogotá e Tunja, hoje Nova Granada. Belalcazar, que partido de Quito, buscava este paiz; Federman, que vinha de Venezuela e Gonzalo Ximenez de Quesada, a procural-o, seguindo o rio Magdalena, aqui se encontraram. Mas tambem nestas partes se falava d'um rico paiz remoto, fama igual corria no Perú; e os aventureiros d'ambas as partes depois de apanhada a caça principiavam outra vez a correr atraz d'ella. Não tardou a confeccionar-se um reino imaginario que servisse de alvo a estas buscas, nem a respeito delle se inventavam contos com mais facilidade do que se acreditavam.

«Dizia-se que escapo do exterminio dos Incas, fugira um irmão mais moço de Atabalipa, levando a maior parte dos thezouros e fundara um imperio maior do que esse que sua familia havia perdido. Á's vezes chamava-se este phantastico imperador o Grão Paytiti, outras o Grão Mosco, outras o Evim ou Grão Parú. Um impostor affirmou em Lima ter estado na sua capital, a cidade de Manoá, onde não havia menos de tres mil operarios empregados na rua dos Ourives; chegou até a apresentar um mappa do paiz, em que figurava um monte de ouro, outro de prata e o terceiro de sal. As columnas dos paços imperiaes eram de porphyro e alabastro, de cedro e ebano as galerias; o throno de marfim, e de ouro os degraos por onde para elle se subia.

« Quando D. Martin del Barco escrevia a sua *Argentina*, que foi pelos tempos da primeira expedição de Ralegh, corria no Paraguay o boato de ter sido descoberta a côrte do Grão Mosco; D. Martim o refere como noticia segura, lastimando que Cabeça de Vacca voltasse dos Xarayes, pois que si houvera seguido avante na mesma direcção, teria sido o descobridor bemaventurado. Estavão estes paços, diz elle, numa ilha formada por um lago. Eram de pedra alva; á entrada erguiam-se duas torres e entre ellas uma columna de vinte e cinco pés de alto; no seu cimo via-se uma grandiosa lua de prata e prezas á sua base por cadeias de ouro estavam

duas giboias vivas. Quem passasse por estes dous guardas, entrava num quadrado plantado de arvores e regado por uma fonte argentina que esguichava por quatro tubos de ouro. A porta do palacio era de cobre, pequenissima, e o seu ferro a prendia na rocha viva. Dentro estava um sol de ouro sobre um altar de prata, diante do qual ardiam quatro lampadas de dia e de noite. Por mais manifestamente que estas ficções fossem extrahidas dos romances de Amadis e Palmeirim, ainda não eram assaz grosseiras para a sedenta avareza d'aquelles para quem fabricavam.

« O reino imaginario obteve o nome de *El-Dorado* do trajar do seu imperante, que tinha o merecimento de vestir á moda selvagem. Todas as manhãs lhe untavam o corpo com uma certa gomma aromatica de grande preço, e depois com um tubo lhe sopravam em cima ouro em pó, até o cobrirem dos pés até a cabeça e á noite lavava-se tudo. Reputava o barbaro este trajar mais magnifico e esplendido do que o de nenhum outro potentado do mundo. A historia para a conquista d'este reino formaria um volume não menos interessante que extraordinario. »

Vejamos agora como o mesmo Southey explica as causas que determinaram Ralegh a ser o arauto e o capitão dessa imaginaria conquista:

« Não é possivel que Ralegh acreditasse na existencia de semelhaute paiz, que não era a credulidade o seu defeito dominante ; mas tendo formado o projecto de colonisar a Guyana, servio-se d'estas fabulas como chamariz da avidez do vulgo. Procurando, porém, com embustes envolver a nação numa empreza indubitavelmente de grande importancia nacional, arruinou-se a si; as suas narrações só encontraram desconfianças, como crimes lhe imputaram as desgraças e apezar de seus grandes e inquestionaveis talentos e até dessa insigne morte, ficou na sua memoria uma mancha. Mas os seus sequazes teriam ido exercer em outra direcção seu mister de piratas, se elle os não houvesse conduzido ao Orenoco, e o Brasil lhe deve um longo periodo de tranquillidade; primeiramente foram os seus projectos que attrahiram os aventureiros a outro campo, e depois aterrou-os o seu triste exicio. »

Os francezes nos Ilheus e na Parahyba. — Si os inglezes tomaram diverso rumo, levando a outra

parte a sua sêde de usurpações e rapinas, outro tanto não aconteceu com os francezes que persistiram nas suas tentativas de estabelecimento no Brasil, ou pelo menos não se resignaram a desistir do lucrativo commercio que faziam com os indios.

Em 1595 dez embarcações francezas entraram no porto dos Ilhéos e effectuaram um desembarque, sendo repellidos pelos habitantes, a frente dos quaes se achavam o mameluco Catuçadas e um tal Christovão Leal.

Nesse mesmo anno as referidas embarcações, reforçadas de mais tres, e tripoladas por tresentos e sessenta homens dirigiram-se á Parahyba do Norte e desembarcando alli toda a gente, esta immediatamente procedeu ao ataque do forte de Santa Catharina do Cabedello.

O forte era apenas defendido por vinte homens e cinco pequenas peças de artilharia, porém com tanta bravura resistiram os da guarnição, embora na acção morresse o seu commandante, que os francezes tiveram que reembarcar, fazendo-se de vela para o Rio Grande do Norte.

Conquista do Rio Grande.— Repellidos pelas armas portuguezas e hespanholas, alliadas á flexa do indio convertido, os francezes iam pouco e pouco deixando as paragens meridionaes e acantoando-se no norte do Brazil.

Expulsos do Rio de Janeiro e Cabo-Frio, de Sergipe e da Parahyba foram ancorar no Rio Grande do do Norte.

Transferia-se, portanto, a luta para alli, pois o governo colonial não poderia soffrel-os aquem do Oyapock.

Assim foram da metropole transmittidas ordens a D. Francisco de Souza, governador geral e a Manoel Mascarenhas Homem, capitão-mór de Pernambuco, para que se emprehendesse a conquista d'aquella região, na qual foram applicados o restante do producto dos dizimos, os direitos de sahida dos assucares e da siza dos escravos vindos da Africa e mais doze mil cruzados, parte do que se tomara a uma nau da India, que arribara á Bahia.

Manoel Mascarenhas fez logo partir de Olinda por terra tres companhias de infantaria e uma de cavallaria, das quaes iam por capitães Jeronymo de Albuquerque, Jorge de Albuquerque, seu irmão, Antonio Leitão Mirim e Manoel Mirim.

O auxilio mandado pelo governador geral constava de uma esquadra de seis navios e cinco caravellões, tendo por commandante em chefe Francisco de Barros Rego.

Mascarenhas passou-se para essa esquadra levando em sua companhia, como engenheiros, os jesuitas Gaspar Sampère e Lemos e como interpretes dous capuchos, Fr. Bernardino das Neves e Fr. João de S. Miguel, deliberando antes que se incorporassem ás forças dos irmãos Albuquerques, Miguel Alvares Lobo com cento e setenta e oito homens, além dos indios alliados, em numero de oitocentos e commandados pelos seus chefes Metaraoby (Pedra Verde) de Pernambuco, Piragybe, da Parahyba, e Pau Secco, das extremas da Parahyba, do lado do norte.

Da expedição terrestre apenas Jeronymo de Albuquerque seguio logo com a sua gente, pois a variola atacou por tal fórma os expedicionarios que dez e doze cahiam por dia.

Em principios de 1598 chegou ao Rio Grande Manoel Mascarenhas e depois de fazer sondar e descobrir o porto por dous caravellões, entrou nelle e desembarcou com alguma gente em um ilhéo, á foz do rio procurando logo entricheirar-se ahi com varas que fez cortar nos mangues visinhos.

Os indios, acompanhados de mais de cincoenta francezes, atacaram-n'o dentro de poucos dias, numa madrugada, resultando sahir ferido o capitão Ruy de Aveiro Falcão.

Achava-se Manoel Mascarenhas em apuros: já o inimigo armava tocaias aos seus lenhadores e aos que iam ás cacimbas buscar agua, quando providencialmente lhe chegou o reforço de uma urca, vinda de proposito da metropole, com alguma artilharia, munições e alimentos, e pouco depois chegou Feliciano Coelho com a gente da Parahyba, isto é, duas companhias de arcabuzeiros, de sessenta homens cada uma, vinte e quatro de cavallaria e trezentos e cincoenta indios frecheiros, com os seus respectivos chefes.

O forte depois de terminado recebeu o nome de *Tres Reis Magos*, por ser começado no dia 6 de Janeiro, e ficou sob o commando de Jeronymo de Albuquerque, retirando-se Manoel Mascarenhas para a aldeia do indio Poty, o mesmo que mais tarde devia representar tão

saliente papel na historia patria com o nome de D. Antonio Felippe Camarão. Em seguida passou-se Mascarenhas á Parahyba e Jeronymo de Albuquerque após algumas escaramuças com os selvagens conseguio, por intermedio do indio Ilha Grande, fazer as pazes com Zorobabé e Pau Secco, principaes morubixabas dos potyguaras.

Pacificados assim os barbaros poude Jeronymo de Albuquerque e sua gente lançar as bases para a fundação de um arraial que recebeu o nome de Natal (25 de Dezembro de 1895), entregando-se logo em seguida os moradores á cultura da canna e á criação do gado vaccum.

Os hollandezes na Bahia.— Em Outubro de 1598 D. Francisco de Souza deliberou visitar a capitania de S. Vicente, attrahido pela noticia que se divulgou de existir nella minas de ouro. Passou, pois, o governo da Bahia a Alvaro de Carvalho e partio.

Logo no anno seguinte foi a capital da colonia atacada por uma esquadra hollandeza composta de sete naus, uma das quaes, a capitanea, tinha o nome de *Jardim de Hollanda*, devido a um jardim que trazia a bordo.

Os hollandezes assenhorearam-se do porto e dos navios, e queimaram e desbarataram os que lhes resistiam. O galeão *Baylio de Lessa* foi um dos incendiados.

Alvaro de Carvalho, ao mesmo tempo que guarnecia o littoral para evitar um desembarque, procurava parlamentar com o almirante hollandez.

Não chegaram a accôrdo mandando logo o estrangeiro devastar o Reconcavo por uma caravella que tinha aprisionado no porto e alguns patachos e lanchas.

Sahio-lhes ao encontro André Fernandes Morgalho com trezentos homens e obrigou-os a reembarcar, ficando muitos mortos no campo.

Dirigiram-se depois á ilha dos Frades afim de fazer aguada, e não a realisando por acharem a agua saloba seguiram para a ilha de Itaparica onde incendiaram o engenho de Duarte Orquis; pouco depois no emtanto, foram batidos por André Fernandes Morgalho e Alvaro Rodrigues que os atacaram corajosamente, matando-lhes cincoenta homens.

Os que puderam escapar recolheram-se ás naus e a esquadra fez-se ao largo, aprisionando ainda na barra uma nau de Francisco de Araujo que vinha do Rio de Janeiro carregada de pau brazil.

Passaram os hollandezes para as suas embarcações a carga e a tripolação; puzeram em terra umas mulheres que vinham a bordo e incendiaram a nau.

O indio Tavira. — Nestas lutas para occupação do Rio Grande do Norte, que Candido Mendes com muita razão desejava que hoje se chamasse *Potyguarania*, por ter sido outr'ora esta região a da nação Potyguar, cumpre-nos salientar o nome de um incola alliado dos portuguezes que praticou bravuras dignas de memorar-se.

Referimo-nos a Tavira, ao qual Frei Vicente do Salvador dedica estas linhas que são o attestado immorredouro do seu merecimento:

« Acabado o forte do Rio Grande, que se intitula dos Reys, o entregou Manoel Mascarenhas a Hyeronimo de Albuquerque, dia de S João Baptista, era de mil quinhentos e noventa e oito, tomando-lhe homenagem, como se costuma, e deixando-lhe muito bem fornecido de gente, artilharia, munições, mantimentos e tudo o mais nesessario, se veio no mesmo dia com a sua gente dormir na aldeia do Camarão, onde Feliciano Coelho estava com o seu arraial aposentado, e no seguinte se partiram todos pera a Parahyba com muita paz e amisade, que he o melhor petrecho contra os os inimigos, e assim o experimentaram os primeiros, que acharam em uma grande e forte cerca seis dias depois da partida, a qual mandaram espiar por um indio muito esforçado da nossa Doutrina chamado Tavira, que só com quatorze companheiros, que comsigo levava, matou mais de trinta espias dos inimigos sem ficar hum só, que levasse recado, e assim os nossos subitamente deram na cerca ao meio-dia, e com tudo pelejaram mais de duas horas sem a poderem entrar, excepto o Tavira, que temerariamente trepando por ella se lançou dentro com uma espada e rodella, e nomeando-se começou a matar e ferir os inimigos, até lhe quebrar a espada, e ficar com só a rodella, tomando nella as frechas, o que visto pelo capitão Ruy de Aveiro e Bento da Rocha, seu soldado, tiraram por uma seteira duas arcabusadas, com que os inimigos se afastaram e lhe deram logar de tornar a subir pela cerca e sahir-se della com tanta ligeireza como si fôra um passaro; e com este e outros semelhantes feitos tanto nome havia ganhado este Indio entre os ini-

migos. que só com se nomear, dizendo eu sou Tavira, acobardava e atemorisava a todos.»

Lucta com os Aymorés na Bahia. — Ainda no anno de 1599, os Aymorés, que eram os mais perigosos dos selvagens, entraram na capitania da Bahia depois de haverem assolado as de Porto Seguro e Ilhéos, e devastaram as terras á margem dos rios Jaguaripe e Paraguassú, não passando comtudo além este para o norte.

Manuel Mascarenhas, o conquistador do Rio Grande do Norte, achando-se accidentalmente na Bahia, offereceu-se para mandar combatel-os um contingente de indios potyguaras da Parahyba e effectivamente enviou um grande numero dellos commandados por Zorobabé, os quaes foram enviados com o capitão Francisco da Costa aos Ilhéos para que de lá viessem dando caça aos indios. Os Aymorés viram-se muito acossados, porém só se submetteram por intermedio de uma cabocla que se christianisou, recebendo na pia baptismal o nome de Margarida; então cessaram as suas depredações.

Viagem do governador ao sul. — Partio D. Francisco de Souza da Bahia em Outubro de 1598, como já dissemos; aportou primeiro ao Espirito Santo onde despachou gente para examinar as minas de esmeraldas em as quaes já se achava Diogo Martins Cão, por elle mandado da Bahia e ordenou que se explorassem as as terras da serra de Mestre Alvaro, pois constava-lhe haver nella metaes preciosos; encontrou-se effectivamente ahi alguma prata.

Despachou mais para S. Vicente o capitão Diogo Ayres Aguirre com duzentos homens que deviam ser empregados no trabalho das minas de ouro de S. Paulo e fez construir no porto da Victoria um pequeno forte que guarneceu com duas peças de artilharia.

No Rio de Janeiro pouco se demorou, o tempo porém que ahi esteve foi no emtanto o necessario para conhecer que havia muitas causas civeis e processos crimes dependentes de julgamento e por isso mandou ordem ao ouvidor geral Gaspar de Figueiredo Homem, que então se achava em Pernambuco, para que se transportasse ao Rio de Janeiro.

Em Maio seguinte achava-se D. Francisco de Souza em S. Paulo de onde se passou ao morro de Araçoyaba, junto á actual fabrica de ferro de Ipanema, ahi dando

principio á povoação de Nossa Senhora de Monserrate que não foi por diante.

Voltando depois a S. Paulo confirmou a nomeação de Diogo Gonçalves para capitão das minas descobertas, visitou as minas de Jaraguá e Vuturuna e incumbiu André Leão de penetrar com uma partida de tropa no sertão, em busca de minas de prata.

Todas as minas até então descobertas e já em exploração ainda rendiam pouco.

José de Anchieta.—Em 1595 e por conseguinte durante o periodo que D. Francisco de Souza exerceu sua administração no Brasil, falleceu em Reritgbá, hoje cidade de Anchieta, no estado do Espirito Santo, o notavel jesuita José de Anchieta.

Aproveitamos o ensejo que se nos offerece para inserir a pagina que sobre tão conspicuo varão escreveu o notavel publicista Silvio Roméro, cuja imparcialidade critica e absoluta isenção de preconceitos religiosos dão ao seu juizo subido valor, principalmente hoje que pela imprensa se apuram apaixonadamente os meritos ou defeitos de José de Anchieta.

« A vida de Anchieta, que no Brasil se distendeu por 44 annos, de 1533 a 1597, póde bem servir de espelho para se mostrar o estado do paiz durante o primeiro seculo da conquista e colonisação. Foi em Teneriffe, uma das ilhas Canarias, que, aos 7 de Abril de 1534, nasceu José de Anchieta ; sua mãe, D. Mencia Dias de Clavicko Llarena, era uma canarina, e seu pai, D. João de Anchieta, era um fidalgo hespanhol. Anchieta, feitos os primeiros estudos em sua terra natal, passou-se ainda muito joven para a universidade de Coimbra, onde fez grandes progressos nos estudos superiores, adquirindo geral estima e admiração. Em Coimbra, a vida livre da Universidade, com os seus progressos e rixas proprias do tempo, não alterou a indole placidamente religiosa, profundamente crente, do futuro missionario.

Ao contrario, a tendencia primitiva, prevalecendo sempre, levou o moço canarim a entrar, a 1° de Maio de 1551, para a Companhia de Jesus, fundada havia pouco e já então celebre no mundo. A Companhia, que já havia feito duas remessas de missionarios para o Brasil, uma em 1549, outra em 1550, enviou terceira leva aos 8 de Maio de 1553, e desta vez veio José de Anchieta, simples irmão ainda. Motivos de saude dictaram esta acertada

determinação. O 2º governador do Brasil, D. Duarte da Costa, veio por essa occasião para substituir Thomé de Souza. Chegaram todos á Bahia aos 8 de Junho de 1588. A demora de Anchieta na capital foi de poucos mezes, seguindo para o sul, onde S. Vicente, Rio de Janeiro, Espirito Santo tinham de ser o theatro de seus grandes serviços. Na viagem fez temeroso naufragio, aportando em Caravellas. Chegando a S. Vicente, foi mandado para aldeia de Piratininga, onde, chegando a 25 de Janeiro de 1554, fundou o afamado collegio (1), que foi por muitos annos o ponto central da cultura de S. Paulo e do sul do Brasil. A vida de Anchieta mostra um lado exterior e publico e uma face mais particular e intima. Ambas foram em proveito geral da sociedade brazileira, que se começava a formar. A parte exterior é a parte mais apreciada geralmente; porém a outra face merece mais interesse para a historia social de nossa patria. Os factos geraes e mais exteriores da vida do grande missionario são, — além da vinda ao Brasil e da fixação em S. Vicente e Piratininga, já citados, sua viagem em 1556 á Bahia e subsequente volta no mesmo anno, acompanhando Nobrega; sua presença em 1865 á tomada e fundação do Rio; a viagem á Bahia no mesmo anno para ordenar-se e a volta immediata; seu reitorado em S. Vicente, 1569; seu provincialato de 1577 a 1588 na Bahia; o reitorado em 1589 na Victoria, sua catechese no Espirito Santo até 1597, data de sua morte. Esta é a vida official, por assim dizer, em suas datas principaes. O que falta ahi é lembrar os duros trabalhos e soffrimentos, quando, sem roupas quasi e quasi sem recursos para a simples manutenção material da existencia, teve de fundar o collegio de Piratininga; é lembrar a energica defesa dessa povoação, quando foi atacada pelos selvagens visinhos (2); é lembrar o heroismo do padre,

(1) Entre os rios Tamanduatehy e Anhangabahú. E' hoje o paço da Presidencia. *Tamanduatehy* quer dizer rio do *Tamandua grande*, e *Anhangabahú* significa o *homem do diabo está bebendo agua*, de *Anhang*, diabo, *abá*, homem, e *ú*, beber agua. Assim o denominaram os Goyanazes ao verem um negro dos trazidos com os jesuitas desedentando-se no riacho, e, por não conhecerem individuo algum de côr inteiramente preta, julgaram ser aquelle um diabo, o deus Anhang, espirito do Mal.

(2) Numa das expedições pelo Tieté para bater o gentio, Anchieta naufragou n'uma cachoeira, que ficou, por isso, sendo denominada *Avarémandoava*, que quer dizer *cachoeira do padre*.

quando ficou de refem entre os indios de Iperohy sublevados, emquanto Nobrega negociava as condições de paz com os colonos de S. Vicente; é lembrar o esforço para a creação do collegio e da Misericordia do Rio de Janeiro; é lembrar as penosas viagens pelas aldeias de S. Paulo, Espirito Santo e Bahia, no serviço obscuro da catechese; é lembrar o cuidado com que aprendeu a lingua dos selvagens para lhes falar nella e nella lhes ensinar a doutrina e a leitura; é lembrar os hymnos e comedias que em portuguez, hespanhol e tupy escreveu para divertimento e ensino dos colonos e aborigenes catechisados; é, finalmente, lembrar os estudos que fez das cousas de nosso paiz, de suas riquezas naturaes, dos feitos de seus primitivos organisadores, para os transmittir á Companhia nessas interessantes *cartas, annuas* e *informações*, que ainda hoje são o melhor repositorio para o estudo da vida brasileira no seculo XVI. E ainda ahi falta recordar o thesouro de bondade, de mansuetude, de devotamento, de caridade, que enchia o coração do jesuita canarim, virtudes que fizeram delle quasi um santo e o apontaram sempre a nós como uma especie de patriarcha que presidio ao alvorecer de nossa Patria e a quem cobrimos sempre de bençãos e veneração. José de Anchieta, fallecendo em 1597, assistio quasi ao fechar do seculo XVI, o seculo do descobrimento e da conquista em nossa historia. Durante esse longo periodo fôra a colonia dirigida pelos sete primeiros governadores, com pequenos intervallos da direcção de juntas provisorias. Ao findar do seculo, toda a costa estava já corrida; as povoações do Maranhão, Ceará, Parahyba, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Ilhéos, Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro. S. Paulo, iniciadas ou desenvolvidas. As industrias da lavoura da canna, do tabaco, da mandioca, dos legumes mais geraes entre nós, das plantas fructiferas trazidas da Europa e da Africa, da criação de gado, tambem iniciadas ou já desenvolvidas. Tinham começado as explorações de minas pelo interior, as explorações dos rios e o estabelecimento das primeiras estradas para o planalto central. Datam tambem de então os primeiros collegios e institutos litterarios: de muitos d'esses melhoramentos o padre havia sido poderoso factor. »

Os jesuitas e os indios. — Por occasião da visita de D. Francisco de Souza á capitania de S. Vi-

cente a questão da escravidão dos indios contra a qual os jesuitas de S. Paulo se erguiam, mantinha em exaltação os animos de todos os colonos.

A população branca augmentara consideravelmente e a agricultura desenvolvera-se de tal modo que os africanos importados não eram sufficientes ao amanho das terras que se precisavam cultivar em grandes extensões para poder fornecer os avultados lucros que todos cubiçavam. A' vista d'isso os colonos pretenderam escravisar os indios, esses simples Goyanazes que outr'ora haviam acolhido hospitaleiramente João Ramalho e Antonio Rodrigues e que tão assignalados serviços haviam prestado á colonia na sua origem, já levando-lhe o concurso de seus braços para os trabalhos de construcção, já desaffrontando-a das aggressões dos Tamoyos e Carijós. Contra essa iniquidade, no emtanto, protestaram os jesuitas e a lucta acendeu-se, trazendo isso graves desorganisações no trabalho.

A pretenção dos colonos era a mais injusta possivel; quanto aos jesuitas, porém, queriam amparar tanto os selvagens «que, diz Varnhagen, chegava a ser impossivel a nenhum morador, excepto aos mesmos religiosos, o valer-se do serviço delles, ainda mediante contractos de paga de aluguer ou soldada. E o peior era que os padres tinham tambem fazendas e engenhos, e os seus generos competiam no mercado com os do povo, que pagava mais caro os braços que necessitava para a sua industria ».

Esta lucta entre os padres da Companhia de Jesus e os colonos, por causa da população aborigene, lavrava com mais ou menos intensidade em todo o Brasil dessa epocha.

Os colonos, impulsionados unicamente pela ancia de enriquecerem com rapidez, paixão que aliás era o agente mais poderoso do progresso da região e a garantia firme do seu proximo engrandecimento, encarando, além disso, o indio como um ser inferior, quasi animal, ao qual a natureza tinha negado certas prerogativas humanas, e, pelo espirito da epocha, grosseiros, crueis, despidos de preconceitos philantropicos, julgavam-se com todo o direito de obrigar os naturaes a cooperar na avolumação das riquezas individuaes com as quaes o proprio Estado exuberaria; os jesuitas, porém, que tanto na America como na Europa, consti-

tuiam uma sociedade á parte, em cousa alguma interessada na vida economica geral dos povos e proseguindo fins muito outros dos da massa e dos governos, achou-se nesse momento em antagonismo com a população colonial, relativamente ao comportamento que deviam ter para com o indio brasileiro. Dizer que os jesuitas amparavam com tanta solicitude o nosso selvagem por mera philantropia e espirito de caridade christã seria encobrir a verdade.

Os jesuitas eram homens nos quaes uma educação longa e systematica fazia desapparecer todo o personalismo até que se transformavam em instrumentos passivos e cégos da communidade; o interesse social da Ordem, geralmente só conhecido dos chefes, o espirito de seita e o profundo respeito á obediencia, faziam indifferentemente delles ou apostolos ou algozes. No Brasil, a senha recebida foi a da protecção aos indigenas, e, como a causa era nobre, veremos os que se encarregam de desempenhar tal encargo, apurarem até o sacrificio as mais excelsas virtudes, realçadas aliás por talentos laboriosamente cultivados.

Esse mesmo Anchieta, porém, que se abarraca durante longos mezes em ranchinhos cobertos de folhas de pindoba e devassa a mattaria cerrada para levar ao gentio acardumado na brenha o verbo santo do Evangelho, affirmará d'ahi a pouco o braço do algoz para fazer cahir a cabeça de João Bolés. Na Hespanha seria talvez um torturador do Santo Officio, no Brasil foi o Apostolo do Novo Mundo. Obedeceria lá, como obedeceu aqui.

Ao historiador, porém, embora condemnando o espirito de uma associação qualquer, não cabe o direito de interpretar sob a impressão de uma antipathia geral, todos os actos dessa mesma associação, qualquer que seja o tempo ou o logar em que se verifiquem, e foi assim pensando que não regateamos louvores aos jesuitas dos tempos coloniaes do Brasil, pois, feita a abstracção das causas que os moviam, isto é, pondo-se de parte a questão do saber quem eram elles e o que queriam, a obra desses homens em nossa Patria é digna da admiração dos posteros.

As bandeiras. — Vendo-se, pois, os paulistas impossibilitados de se abastecerem de trabalhadores para as suas plantações e serviços de engenho no gentio da

visinhança, pela tenaz opposição dos jesuitas, determinaram-se ir buscal-os aos sertões, naquelles pontos em que os padres não podiam exercer jurisdicção.

As companhias que partiam para essa deshumana caçada, tanto mais barbara, quanto muitas vezes viam-se obrigadas a exterminar cabildas inteiras, tomaram o nome de *bandeiras*.

Ayres do Casal assim definio uma *bandeira*:

« Dá-se no Brasil este nome (bandeira) a um numero indeterminado de muitos homens, que providos de armas, munições e mantimentos, necessarios para sua subsistencia e defesa, entram nas terras possuidas pelos indigenas com algum intuito, v. g. de descobrir minas, reconhecer o paiz, ou castigar as hostilidades dos barbaros. » (1)

Já anteriormente ao periodo em que nos achamos haviam-se organisado bandeiras para devassar o sertão, devendo os leitores estar lembrados que Martim Affonso fez partir uma de Cananéa e outra de S. Vicente, as quaes nunca mais voltaram. Sabe-se ainda que Braz Cubas capitaneou uma bandeira em 1560, Affonso Sardinha na ultima década do seculo XVI descobrio as minas de Sorocaba e Jorge Correia em 1594 marchou para o sul a bater os Carijós.

D'ahi por diante tornaram-se mais frequentes as bandeiras, citando-se entre outros os seguintes chefes: João de Souza Pereira, Francisco Corrêa, Domingos Luiz Grou, Manoel Velloso da Espinha, José Adorno, Ascenso Ribeiro, João Gago, Jeronymo da Veiga e muitos outros.

A internação trouxe como consequencia o conhecimento do sertão; o curso do Tieté forneceu o roteiro para o devassamento de Minas Geraes, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Goyaz e Matto Grosso, assim como o São Francisco apontou a estrada para uma parte de Goyaz, Minas, Piauhy, Ceará, Minas Geraes e Rio de Janeiro.

« O Tieté, diz o eminente professor Capistrano de Abreu, possuia condições naturaes que o destinavam a este papel. Uma era a sua proximidade do mar, que foi motivo para os portuguezes virem logo estabelecer-se

(1) Ayres do Casal. — *Chorographia do Brasil.*

nas suas margens, e tomal-o por ponto de partida. Outra a direcção de sua corrente, pois os colonisadores não tinham de subil-o, mas de descel-o, o que era muito mais facil. Outro era o systema de suas vertentes, que punha-o em contacto com o Parahyba, o Magyguassú o Paranapanema e depois de confluir com o Paraná, punha-o ainda em contacto com os affluentes do Paraguay. » (1)

Achava-se ainda na capitania de S. Vicente D. Francisco de Souza quando soube ter chegado á Bahia o seu successor e d'ahi mesmo fez-se de vela directamente para a Europa.

Não obstante terem os povos formulado graves queixas ao governo da metropole contra D. Francisco de Souza, ao qual accusavam de construir engenhos com dinheiros da corôa, todavia a sua administração foi proveitosa a Portugal e ao Brasil, sendo de presumir que a antipathia que lhe votavam os potentados fosse em parte motivada pela consideração que dispensava aos jesuitas.

Entres outros serviços D. Francisco conseguio realisar a conquista do Rio Grande do Norte, proporcionando assim novo campo á dilatação da civilisação europeia; acoroçou as explorações de minas que começaram logo a apparecer e cuidou zelosamente da fortificação da costa, afim de isentar o littoral do paiz da ameaça constante dos piratas.

Passemos agora á administração de Diogo Botelho; antes porém, precisamos assignalar que aos 13 de Setembro de 1598 fallecera Felippe II, soberano de Hespanha, Castella e Portugal, o qual, pelas atrocidades commettidas nos Paizes Baixos, cujas liberdades tentou afogar em sangue, provocou no povo flamengo a reacção que devia mais tarde manifestar-se em rudes ataques ao Brasil por parte da Hollanda.

Ao throno de Castella e Portugal subio por sua morte seu filho Felippe, III de Castella e II de Portugal.

---

(1) Capistrano de Abreu. — *Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no seculo XVI.*

CAPITULO V

GOVERNO GERAL DE DIOGO BOTELHO

(1602—1606)

Succedeu a D. Francisco de Souza, Diogo Botelho, ex-governador de Pernambuco e filho de Francisco Botelho, estribeiro mór do infante D. Fernando. Botelho veio em direitura a Pernambuco e d'ahi passou-se á Bahia, a 12 de Março de 1602.

Com Diogo Botelho vieram dois religiosos graves de Nossa Senhora da Graça, da Ordem de Santo Agostinho, na qual o mesmo Diogo Botelho tinha um filho.

Pretendiam esses frades fundar um convento em Olinda, porém os pernambucanos, que já sustentavam os Jesuitas, os Carmelitas, os Benedictinos e os Franciscanos, fizeram-lhes sentir que não podiam mais com esses novos sugadores do suor do povo, e os dois Agostinhos, depois de receberem gorda esmola, retiraram-se para Lisbôa.

Diogo Botelho, cuja nomeação data de 20 de Fevereiro de 1601, veio ganhando de ordenados tres mil cruzados annuaes.

Tentativa de colonisação do Ceará.—Pero Coelho Barboza, irmão de Fructuoso Barboza, de quem tanto nos temos occupado, teve a ideia de se tornar senhor das terras situadas além do Rio Grande do Norte, e conseguio obter da côrte a patente de capitão-mór das mesmas terras, bem como outras concessões. Para levar avante a sua ideia associou-se a diversos individuos, que se abalançaram em tal commettimento, na esperança de poderem captivar muitos indios.

Eis como se exprime o padre José Moraes a respeito dos fins dessa expedição, que iniciou a conquista do Ceará e do Maranhão:

« Incerto pela difficuldade, o descobrimento da ilha do Maranhão se emprehendeu por terra pelo modo mais

raro, e pelo procedimento mais indigno da piedade portugueza.

« Foi a ambição a que por então abrio caminho a tão dificultosa conquista; e devendo ser a gloria do bom nome o motivo mais proprio de uma tão importante empreza, foi o desejo da fazenda o que estimulou com efficacia a alguns homens de Pernambuco, com o pretexto de descobridores da terra do Maranhão, a fazerem uma grande captura de indios que habitavam aquelles sertões; commercio o mais indigno, e tanto mais para temer quanto mais perigoso pela injustiça com que pretendiam privar da liberdade a innocencia dos miseraveis indios, só porque ficassem mais adiantados os seus interesses.

« Ajuntaram-se em Pernambuco Pedro Coelho de Souza e Martim Soares Moreno com outros mais de sua parcialidade, apostados todos a comprarem com o sangue alheio, ou a sua perdição, ou o seu desengano muito á custa das vidas, da honra, e ainda de seus proprios cabedaes. Penetraram naquelles sertões, mais como roubadoures da liberdade, que descobridores do Maranhão, emquanto não apparecia alguma tapada accommodada onde pudesse Pedro Coelho fazer uma grande caçada mais propria do seu despotismo que da sua reputação e christandade ». (1)

Pedro Coelho mandou tres barcos com mantimentos, polvora e munições esperal-o na foz do rio Jaguaribe, e no mez de Julho de 1603 seguio por terra com sessenta e cinco companheiros, dos quaes os principaes eram Manoel Miranda, Simão Nunes, Martim Soares Moreno, João Cide, João Vaz Tataperica, os interpretes Pedro Congatan e Tuim Mirim, francez, e duzentos indios frecheiros, dos quaes eram chefes Mandiocapuba, Batatam, Caragatim (tobajaras) e Garaguinguira (potyguar).

A expedição ao chegar ao rio Jaguaribe, já encontrou ahi os barcos de mantimentos e logo enviou Pedro Coelho um soldado com setenta indios a reconhecer a terra; estes, aprisionando um indio que encontraram, o trouxeram a Pedro Coelho, que o en-

(1) Padre Jose de Moraes. — Historia da Companhia de Jesus na extincta Provincia do Maranhão e Parâ.

cheu de presentes e o mandou á sua tribu, afim de predispor o animo dos companheiros em favor dos portuguezes.

Com o indio seguio um interprete, que soube ser tão persuasivo, que os indios todos de uma aldeia vieram reunir-se aos portuguezes, dando-se o mesmo facto com outra aldeia a que se dirigio alguns dias depois.

Reforçado com taes indios, seguio Pero Lopes ao longo da costa até o Camocim, e d'ahi dirigio-se á elevadissima serra da Ibiapaba, onde os indios o receberam com armas na mão.

Por este roteiro justifica-se o que diz o padre José de Moraes, pois si Pedo Lopes desejava fundar honestamente uma colonia, começaria estabelecendo-se no Ceará e não iria tão longe buscar voluntariamente perigos e trabalhos.

Chegaram os portuguezes á serra da Ibiapaba em 19 de Janeiro de 1604, e sendo logo vistos pelos selvagens, apenas tiveram tempo de formar dois esquadrões, ficando a bagagem no meio, e um outro esquadrão de vinte homens que foi collocado ás ordens de Manoel de Miranda, afim de agir á parte.

Ao meio da serra começaram os indios a hostilisal-os com frechadas; e sete francezes, que se achavam com os naturaes, descarregavam-lhes continuamente os seus mosquetes.

Houve mortos de lado a lado, porém os portuguezes conseguiram attingir um ponto em que se fortificaram.

Chegada que foi a noite, começaram de novo os incolas a affligil-os com setas e pedradas, só cessando o ataque por desabar copiosa chuva.

No dia seguinte os portuguezes atacaram os indios e sahiram victoriosos, com a perda unicamente de dois homens. Juntamente com os indios pelejavam desesseis francezes armados de mosquetes, que se evadiram, e bem assim o principal da tribu que se chamava Diabo Grande, o qual, auxiliado por um outro morubixaba, o Mel Redondo, fortificou-se com o resto da sua gente d'ahi a um quarto de legua.

Foi Diabo Grande novamente batido nessa posição e levado de vencida até á cerca de Mel Redondo, que era fortissima.

Pedro Lopes mandou fazer uns pavezes, os quaes occupavam cada um vinte pessoas para o levar, c indo

atraz delles a bagagem e alguma gente, chegaram a ajustar-se com a cerca, travando-se o combate, que durou dois dias, sendo afinal a cerca tomada de assalto.

Seguiram depois os portuguezes para as margens de um rio que os naturaes chamavam de Arabé, e conseguindo elles capturar o morubixaba Ubauna, que gozava de geral estima em todas as tribus da serra de Ibiapaba, os pobres indios mandaram-lhes propôr pazes, ou antes prometteram submetter-se sob a condição de que fosse posto em liberdade o seu querido Ubauna. Este offerecimento foi acceito por Pedro Lopes de Souza.

Quiz ainda Pedro Coelho marchar para o Maranhão, porém os soldados se recusaram, ameaçando até matal-o; á vista disto teve que regressar para a Parahyba, onde, tomando mulher e filhos, voltou de novo ao Ceará. Tendo no emtanto o governador Pedro Botelho lhe recusado auxilio, por saber que elle havia injustamente feito grande messe de captivos entre os indios, tanto inimigos como alliados, não poude Pero Lopes levar por diante a sua empreza, mallogrando-se por conseguinte esta primeira tentativa de conquista do Ceará, ou antes do Jaguaribe, nome pelo qual era então conhecida aquella região.

Eis como Roberto Southey se exprime relativamente aos ultimos esforços de Pero Coelho:

«Pero Coelho retirou-se para Jaguaribe, então da jurisdicção de Pernambuco. Não desanimado ainda, para aqui transferio a sua familia, principiando uma colonia, que chamou *Nova Lusitania*, e uma villa, a que deu o nome de *Nova Lisboa*. Procedeu, porém, com clamorosa maldade: aos Tapuyas, que havia aprisionado na guerra, vendeu como escravos, e juntando á injustiça a ingratidão, exerceu a mesma tyrannia sobre os que lealmente o tinham servido como alliados. Ia este proceder de encontro as leis postas. As leis relativas á escravidão haviam sido mitigadas, em consequencia dos excessos commettidos debaixo da capa da sentença geral contra os Caethés, decretando-se que nenhum indio seria reduzido á escravidão que não fosse aprisionado em guerra legitima, e que os que fossem resgatados aos inimigos recuperariam a liberdade no fim de um prazo de serviço equivalente ao

preço do resgate. Faceis eram de illudir semelhantes disposições: a caça de gente tomava o nome de guerra legitima, e instigavam-se hordas a reciprocas hostilidades, para fazerem prisioneiros que podessem vender, e si o resgatado captivo não morria acabrunhado de trabalho, antes de expirar o termo de sua servidão, como obteria o beneficio da lei, ignorando-a e achando-se á mercê do seu senhor? Informado de todas essas tricas, revogou Philippe II todas as leis anteriores sobre tal materia, decretando que se não reduzissem á escravidão sinão os indios tomados em guerra legitima, e que por tal si teria sómente a que fosse ordenada pela corôa com a assignatura real.

« Coelho procedera com manifesta infracção dessa lei; d'isso se deram em Madrid queixas, que se não poderam mover a côrte a punil-o, fizeram com que esta lhe retirasse todo o auxilio, não tardando que elle soffresse as consequencias dos seus crimes. Os amigos o abandonaram; aos Tapuyas, tinha-os offendido, e tão desamparado se vio afinal, que *quasi mais vendido do que o foram os que elle vendeu, se veio, deixando tudo, miseravelmente a pé com sua mulher e filhos pequenos, parte dos quaes pereceram de fome, fazendo tão lastimosa esta sua passagem, como a de Manoel de Souza na terra dos Cafres* (1). De Madrid chegaram ordens de pôr em liberdade os naturaes que elle injustamente escravisara, recompensando-os pelo que haviam soffrido, mas ordens destas eram mais frequentemente expedidas de Hespanha, do que cumpridas pelos seus governadores ». (1)

O indio Sorobabe.—Ao chegar Diogo Botelho á Bahia despachou para a Parahyba o indio Sorobabe que, com os seus Potyguaras, tinha batido os Aymorés, ordenando-lhe que de caminho desse no mocambo de negros fugidos que existia nos palmares de Itapicurú. Assim o fez Sorobabe; com a sua cabilda matou muitos e aprisionou outros que durante a viagem vendeu, comprando com o dinheiro adquirido uma bandeira, tambor, cavallo e roupas, afim de poder entrar triumphalmente em sua terra.

(1) Diogo de Campos, p. 3. Allude á historia do naufragio de Sepulveda, uma das tragedias de mais enternecer que recorda a historia.

Ao chegar á Parahyba, porém, tornou-se muito arrogante e atemorisando-se os portuguezes com a sua attitude que fazia receiar uma explosão a qualquer hora, prenderam-n'o e enviaramn'o a Pernambuco; d'ahi foi transferido para a Bahia onde esteve enclausurado durante algum tempo, sendo afinal remettido para Portugal.

« Foi crescendo tanto o medo nos portuguezes, diz Frei Vicente do Salvador falando de Sorobabe, que o prenderam e mandaram a Alexandre de Moura, capitão-mór de Pernambuco, e d'ahi ao governador, os quaes na prisão lhe deram por muitas vezes peçonha na agua e vinho, sem lhe fazer algum damno, porque, dizem que, receioso d'ella, bebia de madrugada a sua propria camara (1) e que com esta triaga se preservava e defendia do veneno; finalmente mandaram-n'o para Lisboa, donde por ser porto de mar, do qual cada dia vem navios para o Brasil, em que podia tornar-se, o mandaram aposentar em Evora, cidade, e ahi acabou a vida, e com ella as suspeitas de sua rebellião. »

Diogo Botelho e as missões.—Diogo Botelho, relativamente á questão dos indios pensava de modo diverso do seu antecessor, e por isso incorreu logo no desagrado dos jesuitas, o que não era indifferente, pois os discipulos de Loyola dominavam Felippe III, de Castella, por intermedio do duque de Lerma, primeiro ministro do monarcha e criatura da Companhia de Jesus.

Diogo Botelho, porém, não attendeu a essa consideração e inaugurou resolutamente uma politica de reação, oppondo-se aos aforamentos *in perpetuam* que algumas camaras haviam feito aos jesuitas e procurando extinguir as missões de indios que elle considerava nocivas á segurança da colonia e contrarias á civilisação dos proprios indios. Não conseguio levar avante a sua ideia, pois os padres tramaram logo a sua quéda.

Diogo Botelho queria que os indios fossem trazidos para os povoados, *embora com alguma quebra de sua liberdade*, pois não só poderiam ser utilisados os seus serviços, como ganhariam convivendo com homens mais civilisados. Effectivamente as vantagens eram evidentes, tanto para os abórigenes como para o desenvolvimento

(1) A urina.

do paiz. As palavras que transcrevemos em italico deixam bem patente, porém, que tal systema, si fosse adoptado seria a affirmação do captiveiro dos indios. Assim, foi melhor que os jesuitas vencessem.

A pesca da baleia.—Foi durante o governo de Diogo Botelho que se iniciou na Bahia a lucrativa industria da pesca da baleia.

Inaugurou-a o biscainho Pedro de Orecha que em 1603 chegou ao Brasil com duas naus que trouxe de Hespanha. Depois de ensinar aos portuguezes, o methodo de pesca do gorduroso cetaceo, carregou de azeite as suas embarcações, obtendo isenção de direitos aduaneiros para a mercadoria e voltou para a Europa.

A pesca da baleia desenvolveu-se por tal fórma na Bahia que já d'ahi a alguns annos, só de soldadas com a gente que nella se occupava, durante os dois mezes da pescaria, gastavam-se oito mil cruzados.

A renda do Brasil em 1602.—Segundo Varnhagen a renda do Brasil, quando Diogo Botelho assumio as redeas do governo, consistia, além da do estanco do pau brasil, nos dizimos, que a junta de Portugal, em Castella, dera por seis annos a Gabriel Ribeiro, na razão de quarenta e dois contos de réis por anno, havendo sido orçados então os gastos annuaes nessa quantia e mais 351$867; a saber: Rio Grande do Norte 3:225$180; Parahyba 2:255$070; Itamaracá 398$660; Pernambuco 12:528$417; Sergipe 296$000; Bahia 19:732$600; Ilhéos 40$000; Porto Seguro 40$000; Espirito Santo 353$120; Rio de Janeiro 2:005$000; S. Vicente e Santo Amaro 1:467$820.

Quasi todas as rendas eram arrematadas: a da pesca da baleia na Bahia de Todos os Santos foi adjudicada por 600$000 annuaes; a do estanco do pau brasil foi arrematada em 1602 por 21:000$000.

Conquista do Ceará tentada pelos jesuitas.—A' vista do insuccesso da tentativa de Pero Lopes de submetter pela força o gentio do Ceará, cujo baluarte mais temeroso era a alterosa serra de Ibiapaba, tentaram os jesuitas por meios oppostos, isto é, pela brandura e pela catechese, tornal-os doceis á entrada da fé christã e da civilisação européa na região que habitavam.

Valendo-se os jesuitas do que lhes concedia o alvará de 26 de Julho de 1596, requereram ao governo que lhes

fosse concedido fundar missões na serra de Ibipiaba, no que foram attendidos pela metropole que mandou ordem ao governo para collocar á disposição desses religiosos quarenta indios e artigos de resgate.

Pelo provincial dos jesuitas foram designados os padres Francisco Pinto, muito versado na lingua indigena e Luiz Figueira para se encarregarem da difficil empreza; e estes, após muitas privações soffridas em viagem de Jaguaribe onde os deixou um navio (1) para o norte, conseguiram alcançar o logar onde Martim Soares Moreno, um dos companheiros de Pero Lopes, tinha outr'ora estado.

Ahi recebeu-os hospitaleiramente os Potyguaras do morubixaba Amanay que, reunindo os caciques da visinhança, proporcionou aos padres campo vasto á catechese.

Foi edificada uma grosseira igreja, levantadas muitas cruzes e fundadas novas aldeias que não ficavam distantes do sitio em que hoje se acha a cidade da Fortaleza.

Dirigiram-se em seguida os missionarios para a Ibiapaba e se arrancharam em uma aldeia de Tobajaras; estes igualmente abraçaram o christianismo e trataram carinhosamente os dois jesuitas e seu sequito.

Conseguiram mais esses fervorosos apostolos da fé a affeição dos Tapuyas que se reconciliaram com os Tobajaras, porém, tentando ainda abrandarem a feroz tribu dos Tacarijús, foi o padre Francisco Pinto por ella assassinado, sendo Luiz Figueira obrigado a fugir. Assim mallogrou-se essa nova tentativa de conquista do Ceará, inaugurada aliás com tão bons auspicios.

O padre Francisco Pinto.—Emulo de Nobrega e Anchieta, esse martyr da religião christã ou do zelo pelo prestigio da sua ordem, merece por seus serviços e por sua morte, menção especial n'esta historia.

O padre Francisco Pinto era natural da ilha Terceira, no archipelago dos Açores, e filho de pais nobres com os quaes se embarcou para o Brasil, ainda em tenra idade. Gosou a sua meninice em Olinda e d'ahi passou para a Bahia entrando para a Companhia de Jesus, em 1568, isto é, quando contava dezesete annos.

(1) Este barco ia fazer carregamento de sal na fóz do Jaguaribe onde existiam salinas.

Depois de ordenado foi primeiramente missionario das aldeias já convertidas, porém logo teve desejos de emprehender a catechese nas hordas selvagens e chegou a fazer cinco entradas pelo sertão em as quaes christianisou muitos Indios e fundou grande numero de aldeias.

«Sendo humilde por virtude, diz o padre José de Moraes, que o biographou, foi prudente por estudo e affavel e caritativo por natureza, especialmente com os indios, com os quaes tinha uma tão especial e admiravel graça, que apezar da sua mesma dureza e barbaridade lhes roubava os corações e attrahia as vontades, conduzindo muito para esta desusada correspondencia a grande intelligencia da lingua dos naturaes, em que era peritissimo, e nas suas praticas o mais eloquente, pela destreza da phrase e pela naturalidade das semelhanças.»

A morte de Francisco Pinto teve logar a 11 de Janeiro de 1608. Foi enterrado pelo seu desolado companheiro na base da gigantesca serra da Ipiapaba, sendo depois os seus ossos trasladados piedosamente pelos indios de Jaguaribe para uma de suas igrejas.

Contrastando singularmente pelo emprego de meios suasorios e brandos e pela bondade com a brutalidade e a crueldade de Pero Coelho e seus sequazes, a missão de Francisco Pinto ao Ceará é uma das mais bellas paginas da historia dos jesuitas no Brasil.

Lei contra estrangeiros.—As lutas com quasi toda a Europa, nas quaes a Hespanha achava-se envolvida e as repetidas investidas de navios hollandezes, francezes e inglezes contra as povoações do littoral brasileiro, determinaram Felippe III de Castella a promulgar a iniqua lei de 18 de Março de 1605, pela qual qualquer estrangeiro que chegasse ao Brasil deveria ser summariamente condemnado á morte e confiscados todos os seus bens. Os que já se achavam residindo no Brasil deveriam, pela mesma lei, ser internados a doze leguas da costa.

Os judeus. — Igualmente os judeus e christãos novos, nome que davam aos que pelo christianismo haviam renegado o judaismo, foram victimas de muitas perseguições no Brasil, até que, reunindo-se os da mesma condição, na metropole, em 1587, offereceram para as urgencias do Estado um milhão e setecentos mil cruzados, afim de obter licença para commerciar livremente

na Hespanha, Portugal e colonias. Então cessaram por algum tempo as perseguições, sendo até prohibido injurial-os com os nomes de judeus, christão novos, confessos e marranos.

Conselho da India.— Em 25 de Junho de 1604 foi creada pelo governo da metropole uma repartição com o nome de *Conselho da India*, á qual devia ser dirigida toda a correspondencia dos governadores, bispos, ministros e mais autoridades do Brasil, competindo-lhe os provimentos dos bispados, officios de justiça, fazenda e guerra, os despachos de mercês dos serviços prestados e a expedição, em nome do rei, das diversas provisões.

Nenhum navio podia partir de Lisboa para o Brasil sem mandar antes ao mesmo conselho buscar os despachos e chegou-se a ordenar que não se guardasse mandado algum que não viesse por intermedio delle, e que a propria *Mesa de Consciencia* não tivesse nos negocios do Brasil ingerencia alguma, sinão nos artigos de defuntos e ausentes, redempção dos captivos e jurisdicção contenciosa entre as partes.

O Conselho da India, que com taes prerogativas constituia-se em potencia soberana para a administração do Brasil, teve curta duração, pois já em 1614 achava-se abolido.

Diogo Botelho terminou o seu governo a 22 de Agosto de 1606. Diz Varnhagen que esse governador «foi um dos magistrados de mais intelligencia e energia que vieram ao Brasil».

Effectivamente Diogo Botelho procurou moralisar os costumes e reprimir a licença reinante, esforçou-se por melhorar a justiça e a arrecadação das rendas e poz em pratica medidas acertadas para a conveniente fortificação da costa. Além disso, mostrou-se superior ao seu tempo, por uma tal ou qual irreligião, na verdade admiravel em epocha de tanto fanatismo: combateu tenazmente os jesuitas, trabalhou para que não se fundassem mais conventos de religiosos no Brasil e disputou ao bispo certas prerogativas.

CAPITULO VI

GOVERNO DE D. DIOGO DE MENEZES E D. FRANCISCO DE SOUZA

Para substituir Diogo Botelho no governo geral do Brasil foi nomeado em 22 de Agosto de 1606 D. Diogo de Menezes e Siqueira que só a 31 de Maio do anno seguinte partio de Lisboa.

Pouco depois de chegado ao Brasil soube D. Diogo de Menezes ter o governo da Metropole, ou antes o *Conselho da India* deliberado dividir a colonia em dois governos como já em 1574, se tinha praticado, embora com mau resultado.

Acreditamos que a reversão ao systema dual de governo no Brasil, não recommendavel pelos exemplos do passado, é um producto exclusivo da manhosa politica dos jesuitas, omnipotentes na côrte de Felippe III de Castella.

Sabiam elles que D. Diogo de Menezes era um continuador fiel da politica de Diogo Botelho, seu antecessor, o qual tão rudemente hostilisara a Companhia no plano que ella havia formado de fortalecer-se no Brasil com o dominio espiritual e material dos indios.

Era preciso, por conseguinte, restringir o poder de D. Diogo de Menezes e foi o que fizeram.

Ficou o mesmo Menezes com o governo das capitanias septentrionaes e foi nomeado para as capitanias do sul o ex-governador geral D. Francisco de Souza, que era tão sympathico aos discipulos de Loyola e popularissimo no Brasil, apezar dos factos delictuosos que se lhe imputavam.

Primeiros actos de D. Diogo de Menezes. — Antes de partir, D. Diogo de Menezes recebeu do governo da metropole ordem de se dirigir primeiramente a Pernambuco.

Os ventos obrigaram-n'o a arribar ao Rio Grande do Norte, o que lhe foi de proveito, pois teve ensejo de ver o lastimoso estado em que se achava a população daquella capitania, desprovida totalmente de justiça, e,

procurando remediar essa falta, creou um provedor e um tabellião e depois mandou alguns individuos capazes para exercerem os diversos cargos publicos.

Igualmente providenciu sobre a fortificação mais perfeita da costa e seguio para Pernambuco onde tambem deu ordens para a defensa dos portos dessa capitania, bem como da costa da Parahyba, terminando-se durante a sua estadia em Pernambuco as obras do fórte do Picão ou de S. Francisco, começado no governo de D. Francisco de Souza e situado na barra do Recife.

Nomeou o desembargador Sebastião de Carvalho para syndicar dos descaminhos de dinheiros publicos, em os quaes estavam compromettidos diversos individuos de alta posição social, inclusive o joven donatario Duarte de Albuquerque, e activou a cobrança da finta dos christãos novos e da imposição dos vinhos que a camara de Olinda estabelecera em 1599.

A Relação. — Ao chegar á Bahia tratou immediatamente D. Diogo de Menezes de installar o Tribunal da Relação, aposentando primeiro o respectivo chanceller e mais desembargadores que ahi se achavam desde 1609 e empossando os novos.

Para chanceller da nova Relação veio de Portugal nomeado Gaspar da Costa, o qual, fallecendo em 1610, foi substituido pelo juiz dos fetios da corôa e antigo ouvidor da alfandega de Lisboa Ruy Mendes de Abreu.

O distincto publicista Martins Junior na sua excellente *Historia do Direito Nacional* assim explica os motivos que determinaram a creação da Relação e bem assim as razões que limitaram á existencia desse tribunal:

« Uma vez creado o *Conselho*, primeiramente denominado da *India* e depois *Ultramarino*, descriminadas as attribuições delle e as da *Mesa de Conciencia e Ordens*, devia Portugal providenciar convenientemente sobre a organisação judiciaria do Brazil, approximando-a do typo existente no reino. Si na metropole superpunham-se aos juizes ordinarios, aos juizes de fóra, aos corregedores e aos outros magistrados especiaes de primeira instancia tribunaes como o Desembargo do Paço, a Casa do Civel (depois Relação do Porto), e a Casa de Supplicação—estabelecida assim uma hierarchia judiciaria tres degraus para o processo e julgamento das causas; na colonia portugueza da America não podiam as cousas da justiça ficar reduzidas á simples jurisdicção dos ouvi-

dores e provedores geraes, ladeados pelos governadores e capitães-móres, providos tambem do direito de julgar. Havia necessidade aqui de um tribunal de segunda instancia que facilitasse os recursos de direito a todos quantos tivessem de comparecer em juizo.

« Tal necessidade fôra reconhecida desde fins do seculo XVI, pois em 1587 havia sido creada para o Brazil uma *Relação*, com séde na Bahia, e com regimento especial datado de 25 de Setembro d'aquelle anno. Devia esse tribunal compôr-se de dez ministros, tendo o titulo e funcções de desembargadores do aggravo, desembargadores extravagantes, chanceller, ouvidor geral, juiz dos feitos, provedor dos orphãos e residuos, provedor dos feitos, promotor da justiça. Todos estes logares foram providos, e dadas foram tambem as providencias para installar-se a nova *Relação*. Mas o certo é que, de todos os desembargadores nomeados, apenas tres chegaram ao Brasil, e que, a vista disso, não vingou a constituição pratica do tribunal.

« Só em 1609, com effeito, teve realidade o pensamento contido no decreto de 1587. Mediante reclamação do governador geral Diogo Botelho, em Janeiro de 1505, requisitou o *Conselho da India* do Desembargo do Paço os « despachos e provisões respectivas dos magistrados mandados ao Brazil» por occasião de crear-se a *Relação*.

« Verificado então que novos despachos e provimentos se faziam necessarios, deliberou-se não só expedil-os como tambem organisar outro regimento para o tribunal de que se tratava. Teve tal regimento a data de 9 de Março de 1569 e em Junho do mesmo anno chegavam á Bahia os desembargadores nomeados. A Diogo de Menezes, governador em exercicio a esse tempo coube a honra de installar a *Relação*, — que se compunha, como a planejada anteriormente, de dez membros, a saber: um chanceller, tres aggravistas, um ouvidor geral, um juiz dos feitos da corôa e fazenda, um procurador da corôa e promotor da justiça, um provedor de defuntos e residuos, e dois desembargadores extravagantes.

« Ao contrario do que se devia suppor, o tribunal superior e collectivo creado para o Brasil não ficou instituido definitivamente e nem siquer teve longa vida. Por alvará de 5 de Abril de 1626 foi elle extincto, voltando a organisação judiciaria colonial ao estado primitivo.

« Qual teria sido a *causa efficiens* dessa extincção? Não é facil encontral-a. Varnhagen julgou descobril-a nos *conflictos de alguns desembargadores com o bispo e os ecclesiasticos e na occupação da Bahia pelos hollandezes*. Nós preferimos atribuil-a a um dos muitos recúos da corte portugueza, quando vinham a pello medidas de autonomia colonial, que ella encampava forçadamente agora, para repellir com incoherencia daqui a pouco.

«E' certo que escriptores como o autor dos *Dialogos das grandezas do Brasil* e o da *Razão do Estado do Brasil* fizeram-se echo de queixas das populações contra a Relação da Bahia, produzindo varias allegações contra ella, e, entre outras cousas, dizendo o ultimo que na propria séde do governo geral tinha a Relação « por cousa pesada e não muito conveniente, assim pela natureza dos pleitos, pelo pouco que havia que fazer nelles, como pela quantidade de letras que se ficaram *anhidindo* aos muitos estudantes, clerigos e frades que já havia.»

« Mas a essas manifestações de hostilidade se póde oppor a da Camara da Bahia que, em carta de 27 de Janeiro de 1610, dirigida ao rei, *agradeceu como grande favor o ter levado avante a installação do tribunal, allegando que anteriormente o governador, ligado com o ouvidor, dava por assim dizer a lei, etc...*

« A opinião da Camara tinha peso. Mais peso, porém, tinham as necessidades da logica administrativa e as imposições do criterio politico. Umas e outras determinaram o restabelecimento da Relação extincta, — restabelecimento que teve logar em 12 de Setembro de 1652.»

Nova Ouvidoria. — Juntamente com a nova Relação foi creada uma ouvidoria para o Rio de Janeiro e Minas, sendo para ella nomeado Sebastião Parui de Brito, a cujo successor, Amancio Rebello, deu-se a 5 de Junho de 1619 um regimento.

A legislação. — Em 1683 começaram a vigorar no Brasil as *Ordenações Filippinas*, nesse mesmo anno publicadas na metropole. Consistiam ellas em uma reforma dos cinco livros das *Ordenações Manuelinas*, feita pelo chanceller mór Ruy Botto, auxiliado por diversos jurisconsultos illustres.

Regimento do capitão da Parahyba. — Em 9 de Maio de 1600 deu a corte a Francisco Coelho de

Carvalho, nomeado capitão da Parahyba em 27 de Setembro de 1608, por nove annos, em attenção ao serviços prestados por seu pai Feliciano Coelho, um regimento constante de dezesete capitulos, pelo qual a capitania de Itamaracá ficava provisoriamente subordinada á da Parahyba.

Por esse mesmo regimento recommendava o rei com muito empenho a civilisação dos indios, o reparo das fortalezas, o cuidado com as suas guarnições, o augmento da cultura das terras, devendo informar acerca das que se considerassem devolutas. Ao capitão foi concedida alçada no civel, nos bens de raiz, até dezeseis mil réis, e nos moveis até vinte; e no crime, nos peões e gentios e escravos até dois annos ds degredo e açoutes; podendo igualmente impôr até dez cruzados de multa. Tambem lhe foi concedido o prover interinamente, por seis mezes, os officios da justiça e fazenda que vagassem, sendo-lhe muito recommendado que não se intromettesse nas attribuições dos officiaes de fazenda, contentando-se unicamente com o admoestal-os e tambem que respeitasse e mantivesse a liberdade das eleições das camaras, esforçando-se por harmonisar as parcialidades.

Queixas do governador contra o bispo e contra os jesuitas. - Em virtude de uma questão de etiqueta em uma procisão de *Corpus Christi*, que se realisou em Pernambuco a 5 de Junho de 1608, indispoz-se o bispo com D. Diogo de Menezes, sendo isso o inicio de desacatos de parte a parte e desrespeitos reciprocos dos poderes espiritual e temporal.

Os jesuitas que não viam com bons olhos o governador, incorporaram-se ao bispo e tal foi a balburdia produzida por essas rivalidades que o bispo chegou a excommungar um desembargador, o qual appellou para a Relação, que o absolveu.

Diogo de Menezes escreveu repetidas vezes ao rei e nas suas cartas accusava abertamente o bispo como prevaricador e homem que acima de tudo collocava o dinheiro, não se lhe importando bullas, provisões, nem alvarás regios.

Igualmento queixou-se amargamente dos jesuitas, pedindo ao rei que os reprehendesse e ponderando acerca da « má natureza desses padres e pouca rasão com que se queixavam dos governadores passados, e quão pouca

verdade falavam em tudo, não tratando mais que de curar suas queixas e offuscar a verdade (1).»

Colonisação do Ceará. — Coube a Diogo de Menezes vêr durante o seu governo realisada a colonisação do Ceará, empreza essa que sem resultados uteis consumio tantos esforços durante a administração de seus antecessores.

Em 12 de Março de 1612 indicou á côrte a creação de tres novas capitanias: a primeira no Jaguaribe do Ceará; a segunda no porto de Camucim; e a terceira no Maranhão e em Novembro desse mesmo anno recebeu D. Diogo ordens para fomentar a povoação do Maranhão, emprehendimento esse que foi commettido pelo seu successor Gaspar de Souza.

A primeira feitoria do Ceará pertence, no emtanto, ainda ao governo de Diogo de Menezes e Siqueira, fundando-a Martim Soares, sobrinho do sargento-mór.

Martim Soares, que fôra companheiro de Pero Coelho na primeira tentativa de colonisação dessa região, ganhara a affeição do indio Jacauna, irmão do Poty (o famoso incola que se celebrisou na historia de nossa patria com o nome de D. Antonio Felippe Camarão) e este deliberou acompanhal-o com toda a sua cabilda e fixar-se á margem do rio Ceará.

Estava pois iniciado o povoamento, e sabendo o mesmo Martim Soores que se achava no porto do Ceará ou de Mucuripe um navio francez, sarapintou-se e trajou-se á moda selvagem, conseguindo com esse estratagema illudir os francezes e fazer naufragar a embarcação, aprisionando todos os tripolantes.

Nesse mesmo logar foi levantado un forte e uma hermida, com a invocação de Nossa Senhora do Amparo.

Terminação do governo de D. Diogo de Menezes. — D Diogo de Menezes passou o governo ao seu successor Gaspar de Souza em 1612 e durante o tempo que administrou o norte do Brasil, além do povoamento do Ceará, foram realisados alguns trabalhos de importancia, taes como sejam a exploração completa de toda a costa da capitania de Porto Seguro, desde a ponta de Corumbabo até o rio das Caravellas, comprehendendo os baixos dos Abrolhos, trabalho esse que foi

(1) Carta de 20 de Janeiro de 1610.

executado pelos pilotos Antonio Vicente e Valerio Fernandez; foi melhorado o contracto das baleias e introduzidos alguns aperfeiçoamentos na construcção dos engenhos de canna, sendo adoptados os de tres cylindros verticaes, os quaes, por meio de entrosas, gyravam com a rotação do centro; a construcção do forte de S. Diogo, na Bahia; e, segundo presume Varnhagen, «as suas informações devem ter sido provavelmente devidas á providencia tomada pela metropole para que os serviços prestados no Brasil viessem aqui mesmo a ser recompensados, o que contribuio para estabelecer certa unidade colonial, que depoisse augmentou com a guerra hollandeza.»

Foi igualmente por sua iniciativa que se escreveu o livro da *Razão do Estado do Brasil*, tão copioso em informações e dados estatisticos sobre o Brasil.

Esse livro que não traz o nome do autor, foi, segundo pensam alguns, elaborado por Bento Teixeira.

As capitanias em 1612, conforme o «Razão do Estado do Brasil.» — São do livro a que nos referimos no paragrapho anterior a exposição que em seguida fazemos sobre o adiantamento das diversas capitanias na primeira e segunda década do seculs XVII.

Rio Grande do Norte. — Possuia apenas 80 moradores brancos, dos quaes somente 25 habitavam a capital. Os seus limites eram ao norte pelo rio Assú, então chamado Guarahy; contava dezeseis aldeias de indios e uma em Cunhaú, pertencente a Jeronymo de Albuquerque. Fazia-se nella alguma criação de gado e extrahia-se sal de Guamaré. O forte dos Tres Reis Magos possuia nove peças de bronze, e dezesete de ferro, maltradas; a sua guarnição compunha-se de setenta e cinco soldados, com os competentes officiaes.

Parahyba do Norte. - A sua população orçava por 700 moradores brancos. Os franciscanos e benedictinos administravam nessa capitania oito aldeias de indios. Possuia dez engenhos, cuja producção em assucar rendia ao dizimo cerca de quatro contos. O forte do Cabedello tinha onze peças, dois camellos e quatro falcões de dado pedreiros. A força existente na Parayba do Norte compunha-se de trezentos arcabuzeiros, divididos em duas companhias, e trinta soldados de cavallaria.

Itamaracá.—Possuia 500 moradores brancos, alguns bastantes ricos, e cinco aldeias de indios, governados

pelos jesuitas, incluindo a do Boi-Assú que contava cinco mil frecheiros. Guarneciam-na duzentos e cincoento soldados de infantaria e vinte de cavallaria. Possuia dez engenhos, e a sua receita orçava por 2:400$000.

Pernambuco. — Tinha 4.000 moradores brancos. Possuia seguramente 90 engenhos, elevando-se a sua receita total a 17:360$000. O Forte da Barra era guarnecido por dezesete peças de bronze e nove de ferro, e o de Olinda por quatorze destas ultimas, de pequeno calibre.

Sergipe.—Tinha por limite, ao sul, o rio Real e achava-se ainda muito pouco povoada. Alem das povoações que ahi levantára Christovão de Barros, tinha mais duas com dez soldados de guarnição. A receita do gado e outras era apenas de 580$000; o alardo dava somente cento e cincoenta homens de ordenanças.

Bahia.—Tinha por limite, ao sul, o rio Jaguaripe. Possuia cincoenta engenhos e nos differentes fortes, duas portas da cidade e estancia dos indios encontravam-se umas vinte e tantas bocas de fogo, de todas as especies e calibres, desde um canhão de bronze de vinte e quatro até os pequenos sacres pedreiros, camellos e um *selvagem*, além de outros oito canhões armazenados. Ao alardo dava na cidade tresentos homens de ordenanças e mais oitocentos no Reconcavo, bem como cincoenta de cavallaria. A guarnição de linha ou de presidio compunha-se de duas companhias de oitenta soldados cada uma além dos respectivos officiaes. A suas rendas elevavam-se a 18:000$000.

Ilhéos. — Tinha por limite, ao sul, o Rio Graude, junto do Patipe. As suas fortificações reduziam-se a um reducto com dois falcões e uma trincheira com mais quatro de bronze. Possuia cinco engenhos e a sua população não passava de cento e sete moradores brancos. A receita orçava por 260$000.

Porto-Seguro.—Terminava, ao sul, no Cricaré ou S. Matheus. Possuia um engenho e era a mais pobre das capitanias. Tinha um forte com duas peças de ferro, e este era guarnecido por dez soldados e um cabo. A receita era apenas de 80$000 annuaes.

D. Francisco de Louza no governo das Capitanias do Sul.— Em novembro de 1806 foi D. Francisco de Souza, por influencia dos jesuitas, nomeado

governador das capitanias meridionaes e superitendente das minas.

A elle foram facultadas todas as vantagens que já tinham sido concedidas a Gabriel Soares e outros mais, como a do titulo de—grande—com uma guarda de vinte homens, e faculdade de poder nomear varios empregados, com os competentes ordenados, tendo além disso o rei lhe feito a promessa de que, quando as minas viessem a ser productivas, lhe seria conferido o titulo de marquez do primeiro logar que povoasse, e a renda de cinco por cento, com tanto que esta excedese de 30,000 cruzados.

A não ser o que se refere ás minas não menciona a historia facto nenhum de importancia, nas capitanias do sul, durante o governo de D. Francisco de Souza, o qual falleceu em 11 de Junho de 1811, deixando por successor D. Luiz, seu segundo filho.

As minas. — Embora nomeado superintendente geral das minas, D. Francisco de Souza pouco adiantou a exploração das mesmas. As que já tinham sido descobertas davam, então, rendimento muito escasso e as grandes minas do planalto central ainda não tinham sido reveladas pelos bandeirantes paulistas.

Comtudo não declinava a febre do ouro nos colonos, e as expedições ao sertão tornavam-se cada vez mais amiudadas, embora por o unico fructo que dellas se tirasse, nessa epocha, fosse o conhecimento perfeito do interiro do paiz.

De D. Francisco de Souza sabe-se apenas que, a respeito de mineração, sanccionou um contracto entre seu filho primogenito D. Antonio e o provedor das minas, Diogo de Quadros, pelo qual se creava uma nova fabrica de ferro, embora trouxesse da Europa, pago pelo Estado, um mineiro de ouro, como seu competente ensaiador, dois de prata, dois de ferro, um de esmeraldas, outro de salitre e um de perolas.

CAPITULO VII

GOVERNO GERAL DE GASPAR DE SOUZA

Em 9 de Abril de 1612 foi revogada a provisão que havia dividido o Brazil em dois governos e nomeado Gaspar de Souza para o cargo de governador geral.

Pelo tempo de sua nomeação já Gaspar de Souza se achava com a administração das capitanias do norte, em substituição a Diogo de Menezes.

Jacques Rifault e Charles des Vaux no Maranhão.—Em 1594 um aventureiro francez, Jacques Riffault, traficava em productos do Brasil nas costas septentrionaes do paiz, que de ha muito conhecia, e onde até possuia a amizade de um morubixaba prestigioso—Ovyrapive.

Dos tres navios com que nesse anno veio ao Brasil, talvez com o intento de fundar uma colonia nas regiões do norte, perdeu-se o melhor, vendo-se o aventureiro obrigado a aportar á ilha do Maranhão, onde foi bem recebido pelos naturaes, que eram indios Tupinambás.

Pouco depois Jacques Riffault partio para a Europa, deixando parte de sua gente na ilha, sob o commando de Charles des Vaux, e este em pouco tempo ganhou as bôas graças de todos os insulares e das cabildas mais proximas na terra firme.

Nunca mais se soube noticias de Jacques Riffault e tendo Charles des Vaux o esperado inutilmente, durante muito tempo, deliberou afinal ir á França afim de obter meios para um estabelecimento francez definitivo no Maranhão.

Charles des Vaux e alguns dos seus tomaram parte nos combates da serra da Ibiapaba, nos quaes dez francezes foram capturados pelos portuguezes, conforme já tivemos occasião de referir.

Expedição de La Ravardiére. —Na epocha em que Charles des Vaux dirigiu-se á França, Henrique IV, soberano desse paiz, procurava por todos os meios hostilisar Philippe III, por ter este monarcha violado o

tratado de Vervins, celebrando pazes com os hollandezes e inglezes, inimigos da França.

Assim, foi com muita satisfação que ouviu as propostas de Charles de Vaux e preparava-se para auxilial-o quando o punhal de Ravaillac lhe cortou o fio da existencia.

Maria de Médicis, que assumio a regencia durante a minoridade de Luiz XIII, entendeu tambem que não devia perder a opportunidade de conquistar no Brasil uma vasta região a qual seria a *França Equinoxial*, já que não fôra possivel crear-se a *França Antartica*, como a sonhou Villegaignon. Assim outorgou poderes a Daniel de la Touche, senhor de la Ravardière, para fundar uma colonia na America, ao sul do Equador, estabelecendo que a mesma occuparia cincoenta leguas para cada lado do forte que aquelle fidalgo construisse.

A expedição partio de Cancale em Março de 1612 e á empreza se associaram Nicolau de Harlai, senhor de Lancy e barão de Molle e Gros-Bois, e Francisco de Resilly, senhor de Aumalle, os quaes, se embarcaram juntamente com Ravardière, vindo tambem uma missão de quatro frades capuchinhos ás ordens de frei Claude d'Abbeville, que mais tarde escreveu a chronica dessa expedição.

A esquadrilha, (1) que se compunha de tres navios —*La Regente*, *La Charlotte* e *La Sainte-Anne*, fez escala pela ilha de Fernando de Noronha, onde foram recolhidos um portuguez e alguns indios que nella encontraram e a 11 de Junho de 1612 chegava ao Brasil, assentando La Ravardiere a sua colonia em uma chapada que fica á esquerda do porto de S. Luiz, nome que o francez lhe impoz em honra a Luiz XIII, successor de Henrique IV no throno de França.

Segundo Claude d'Abbeville existiam na ilha do Maranhão vinte e tres hordas ou aldeias de indios, que immediatamente confraternisaram com os francezes, tendo contribuido muito para tal resultado o facto de terem elles trazido religiosos de sua nacionalidade.

Des Vaux, Rasilly e os capuchinhos andavam de taba em taba a indispor os naturaes contra os portu-

(1) O pavilhão dos navios trazia o escudo dos Bourbons com os tres lyrios e uma vaidosa divisa fornecida pela regente.— *Tanti duces femina facti*. (Tantos generaes formados por uma mulher).

guezes, o que não era necessario, pois, como diz Southey, «as guerras de Coelho na serra da Ibiapaba, e o seu infame trafico de escravos em Jaguaribe, ainda viviam frescos na memoria. »

Pouco depois Rasilly foi á Europa cuidar dos negocios da colonia e acompanhou-o Claude d'Abbeville com seis Tupinambás, dos quaes tres morreram em viagem. Os sobreviventes foram carinhosamente tratados em França e até lhes serviram de padrinhos o rei e a rainha. Taes attenções concorreram muito para robustecer a amizade dos selvagens do Maranhão pelos francezes, os quaes lograriam, então, firmar o seu dominio no Brazil se La Ravardiére não confiasse tanto na palavra dos portuguezes, isto em um tempo em que a sêde de conquistas e de ouro suffocava todas as virtudes tradiccionaes da nobreza.

Expedição de Jeronymo de Albuquerque contra os francezes do Maranhão.—Logo depois de ser empossado no governo geral do Brazil, recebeu Gaspar de Souza ordem para emprehender a conquista das terras situadas entre o Ceará e o Amazonas e nellas fomentar a necessaria colonisação, promettendo a côrte favores excepcionaes aos que tomassem parte em tal empreza.

Outrosim foi recommendado ao mesmo governador que fixasse residencia em Olinda, de onde melhor poderia acelerar a partida da expedição e soccorrel-a em caso de necessidade.

A' vista disso Gaspar de Souza resolveu como trabalho preliminar proseguir no plano do seu antecessor, colonisando a capitania nominal de Camocim e tomal-a por ponto de partida para subsequentes tentativas de occupação do norte.

Nomeou pois para capitão de Camocim a Jeronymo de Albuquerque, o qual, chegando ás extremas do Ceará, ordenou a Martim Soares que procurasse reconhecer o resto da costa, para sotavento, emquanto elle fundava uma povoação no Camocim.

Martim Soares, acompanhado do piloto Sebastião Martins ,fez-se de vela para o norte, e encontrando em Agosto os francezes, além do archipelago de Preá, resolveu regressar, afim de trazer a noticia a Jeronymo de Albuquerque ; não lh'o permittiram no emtanto os ventos

ponteiros e a ignorancia do piloto, e assim sem o querer foi parar nas Antilhas.

Jeronymo de Albuquerque, nesse interim, reconhecendo que as terras eram pessimas e a agua muito escassa no Camocim, transferio-se para a bahia das Tartarugas que os naturaes chamavam *Jericoacoara* e ahi levantou uma povoação e um forte, ambos sob a invocação religiosa de Nossa Senhora do Rozario; e vendo depois que Martim Soares não regressava da sua viagem de exploração, fez-se de vela para Pernambuco, afim de requisitar maiores soccorros.

Os quarenta homens que Albuquerque deixára no forte do Rozario soffreram muito com a escassez de provisões. No emtanto tiveram assim mesmo forças para repellir um grande ataque de indios, forçando os assaltantes a implorar a paz. Pouco depois receberam elles de Pernambuco um caravellão de reforço, tresentos soldados e grande quantidade de mantimentos e provisões, soccorros esses muito opportunos, pois tres dias depois era o forte atacado por um navio francez que se destinava á ilha do Maranhão com tresentos homens de armas e doze capuchinhos. Seu commandante, o senhor De Pratz, foi rechaçado e compellido a reembarcar ás pressas com toda a sua gente.

Reforçado com tropas bem dispostas e farto de viveres partiu novamente Jeronymo de Albuquerque para o Maranhão, seguindo por terra, emquanto por mar seguia a reunir-se-lhe, na qualidade de seu ajudante-general, o sargento-mór do estado Diogo de Campos, que se fez acompanhar pelo piloto Sebastião Martins, já de volta da Europa, onde fôra ter o navio de Martim Soares.

A' vista das informações prestadas por Sebastião Martins com referencia ás grandes forças que os francezes tinham no Maranhão, ordenou Gaspar de Souza que os expedicionarios se limitassem a fundar uma colonia áquem do porto do Preá, no de Tutoya ou de Paranámirim.

Aos 23 de Agosto de 1614 partio do Recife Diogo de Campos com tresentos homens e foi reunir-se a Jeronymo de Albuquerque que com grande numero de indios o esperava no Rio Grande do Norte.

Seguiram depois para o Ceará e d'aqui passaram-se ao Paranámirim e á bahia das Tartarugas, chegando afinal a expedição, apenas com 500 homens, á foz do Rio

Preá, onde desembarcaram, dando ao sitio que occuparam o nome de *Quartel de S. Thiago*.

Não se prestando o local para um estabelecimento duradouro, passaram-se os portuguezes para a foz do rio Monim, a um sitio que os naturaes chamavam Guaxenduva e ahi levantaram um forte de forma hexagonal, ao qual denominaram de Santa Maria.

Logo ao chegar julgou Jeronymo de Albuquerque ser-lhe possivel conseguir a alliança dos Tupinambás, embora pensasse de fórma diversa o experimentado Diogo de Campos. Cedo, porém, reconheceu ter-se enganado, pois os indios que ás vezes se approximavam do arraial e apparentavam desejar a amisade dos portuguezes não passavam de espiões dos francezes.

A prova decisiva da antipathia que os Tupinambás alimentavam contra os portuguezes, adquirio-a Jeronymo num assalto que os mesmos deram sobre umas raparigas dos indios alliados que mariscavam descuidadas na praia e das quaes mataram quatro. Por um dos prisioneiros que Mandiocapuba fez nessa occasião, soube Jeronymo com exactidão do estado das forças dos francezes, e logo mandou a Gaspar de Souza, por um caravellão que fez partir, todas as informações colhidas, bem como pedido de mantimentos e munições.

Dias depois os francezes apossaram-se de dois navios portuguezes, que estavam quasi desguarnecidos, e a 19 de Novembro atacaram o arraial. Embora superiores em forças foram no emtanto batidos pelos portuguezes e com grandes perdas forçados a se recolher ao seu forte de S. Luiz. Ravardière, com o proposito de ganhar tempo, mandou propor tregoas aos portuguezes, e estas foram aceitas, ficando estipulado pelo tratado das mesmas que um official francez e outro portuguez fossem á França e outro official francez acompanhado de um portuguez se dirigissem a Portugal e procurassem obter nas côrtes desses paizes uma solução que evitasse a effusão de sangue christão.

Foram escolhidos para ir a Paris o francez De Pratz e o portuguez Gregorio Fragoso, sobrinho de Jeronymo de Albuquerque e para Madrid o francez Mathieu Maillard e o sargento-mór Diogo de Campos.

Estavam as cousas nesse pé, reinando a paz no Maranhão, entre francezes, indios e portuguezes, embora todos com as armas nas mãos, quando em Outubro de

1615 chegou a Guaxenduva Alexandre de Moura, capitão-mór de Pernambuco. Trazia elle um reforço de tropas e mantimentos, e sendo de patente superior a Albuquerque assumio o commando geral das forças. Immediatamente violou o tratado feito pelo antigo commandante com o francez, e tendo quebrado as tregoas intimou a La Ravardière a abandonar a ilha, ao que este annuio, compromettendo-se a retirar-se no prazo de cinco mezes, sendo indemnisado do que ficasse na referida ilha. Como garantia da sua palavra fez logo entrega aos portuguezes do forte de Itaparoty, ou de S. José, que havia levantado em local fronteiro ao de Santa Maria.

Tres mezes depois chegaram da Europa o sargento-mór Diogo de Campos e Martim Soares trazendo mais tropa e ordens terminantes da côrte para forçar os francezes a evacuarem a praça e retirarem-se do Brasil, pelo que Ravardière, sentindo-se incapaz de sustentar a lucta, fez entrega do forte de S. Luiz que os portuguezes logo chrismaram com o nome de S. Philippe, sendo o mesmo Ravardière em seguida preso por Alexandre de Moura e recolhido á Torre de Belem. Ahi esteve encarcerado durante tres annos essa victima da lealdade, e do cavalheiresca, pois si não tivesse elle escrupulo em violar o tratado, « interceptando aos portuguezes, como diz Southey, os supprimentos, o que a sua superioridade por mar muito bem lhe permittia fazer, estes teriam, ou procurado retirar-se por terra, caso em que muitos haviam de perecer, ou capitulado sem um tiro. »

Ao retirar-se Moura para Pernambuco, nomeou Jeronymo de Albuquerque capitão-mór da conquista do Maranhão.

Batalha de Guarenduva. (19 DE NOVEMBRO DE 1614).—Não podemos ultimar a nossa imperfeita resenha da jornada que lançou fóra do Maranhão os aventureiros francezes, sem detalharmos a memoravel batalha de Guaxenduva, um dos mais gloriosos feitos d'armas dos portuguezes no Brazil e igualmente um dos mais notaveis pelos immediatos resultados obtidos, pois, como se vio, Ravardière, embora muito superior em forças proprias, e tendo além disso por si o apoio dos naturaes e a vantagem da posição, tão abatido ficou com o revez que immediatamente sollicitou um armisticio cujas consequencias foram tres annos gemidos nos carceres da Torre de Belem.

Na manhã do dia 19 de Novembro de 1614 observaram os soldados portuguezes de guarnição no forte de Santa Maria que o mar estava coalhado de embarcações de velas e remos, que se approximavam da praia silenciosamente.

Communicado o facto, o capitão-mór Jeronymo de Albuquerque, dirigio-se com oitenta homens á praia afim de atacal-os no desembarque. Vendo, porém, que o numero dos inimigos era tão crescido que seria louca temeridade expor-se a uma lucta cuja desigualdade era patente, retrocedeu.

A força dos francezes era commandada pelo bravo official De Pizieu e tão soffregos se achavam os seus soldados de se empenharem na lucta que ao se approximarem de terra se lançaram á agua em direcção á praia, do que resultou molharem-se muitos polvorinhos e bandoleiras. Os indios, seus alliados, fizeram outro tanto e em poucos minutos a praia encheu-se de combatentes que começaram logo a pelejar com um troço de arcabuzeiros dirigidos pelo sargento-mór Diogo de Campos. Nesse primeiro embate cahiram dois francezes e um portuguez. Suspendeu-se o fogo e o sargento-mór recolheu-se ao forte.

Deixemos, porém, falar o velho sargento-mór Diogo de Campos Moreno que além de soldado esforçado foi igualmente o historiador dessa peleja celebre (1).

« Havendo cahido dois francezes e um soldado dos portuguezes parou a obra, e o sargento-mór veio ao forte, a ver o que determinava o seu collega, o qual achou com um oculo de longa vista olhando por uma bombardeira o que os inimigos faziam, ao qual disse:

« — Senhor, não ha já que ver por oculos, que nem os trabalhos hão de diminuir, nem hão de fazer os inimigos menores.

« — Pois que havemos de fazer, senhor Capitão? respondeu o de Albuquerque.

« — Valer-nos de Deus e de nossos punhos, disse o sargento-mór, que já aqui não ha outro remedio. O inimigo se fortifica e vio que nos retirámos, e entende que queremos aguardar o sitio, e assim trata de se

(1) *Jornada do Maranhão* por *Diogo de Campos Moreno*, sargento-mór do Estado do Brazil.

alojar primeiro, e desembarcar suas coisas; si agora sem dilação formos com toda essa gente por duas partes, sem duvida os desbaratarémos, e nos dará Deus hoje um dia muito formoso; pelo que Vm. com a metade dessa gente branca e Indios sem se deter, vá pela montanha, e eu com os demais irei pela praia; e tanto que Vm. chegar aos inimigos faça signal tocando arma os tambores, que até ali hão de ir com muito silencio, e investindo eu por esta banda farei o mesmo e Deus nos ha de ajudar a todos.

« Não replicou palavra o Capitão Mór, antes, movendo-se logo, mandou dar em pé aos soldados um bocado de biscouto e uma vez de vinho, e com isto sahiram todos marchando para fóra da cerca sem tocar caixas, e sem bandeiras.

« Está diante do forte de Santa Maria um outeiro eminente á distancia de um tiro de falcão, immediato ao mar pela parte do norte, o qual tem um rio de agua doce pelo pé; que pela banda do sul participa de agua que bebem os portuguezes. Neste sitio desembarcou o inimigo de preamar, como está dito, lançando em terra ao pé do monte de 50 canoas mais de dous mil indios frecheiros da ilha, e de Tapiterá (1), e com elles 200 soldados francezes em duas tropas, como está dito, nos quaes entravam muitos fidalgos de casas conhecidas da França, e dos mais bravos soldados della, com peitos e rodellas d'aço, morriões e colladas (2); e muitos e bons mosquetes alguns de nova invenção, que sendo curtos tiravam 500 passos aos indios, além de suas costumadas rodellas e espadas, arcos e frechas, traziam cada qual seu feixe de varas atadas a modo de faxina, com que os que vinham destinados a este effeito, em um momento; como eram tantos, fizeram uma cerca no alto do monte, a qual se guarneceu de mosqueteiros á ordem de Mr. de la Foz Benart, com mais 400 indios Tupinambás, com o lingua Turcou, aos quaes deu ordem Mr. de Pisiau, que ainda que sentissem tocar arma, e revolver-se tudo, que não largassem o posto, antes mais cada vez o fortificassem, cerrando-se nelle.

(1) Outros dizem *Tapuitapera*. E' a actual villa de Alcantara.

(2) Guarnições de aço para defender a garganta dos guerreiros.

« Logo mais abaixo dessa corôa ou cêrca fizeram outra ajudando-se do sitio e do matto, a qual como barbacan da outra lhe dava resguardo, por ser levantada duas braças do terreno da praia. Esta barbacan com soldados francezes e indios se deu a cargo de Mr. de Canonvilha, soldado velho e de muito nome, assegurando o monte nesta fórma:

« Atulharam todo o espaço de terra que havia entre a maré e o monte com sete trincheiras de pedra em sosso (3) altas e grossas, que faziam rosto ao forte de Santa Maria e a estas se retiraram os francezes, quando a escaramuça do Sargento-mór, porque estavam guarnecidas da sua melhor gente até donde batia o mar com suas sentinellas; e as canoas todas estavam abicadas ao pé da montanha, e cobertas das ditas trincheiras, e todos os mais indios occupavam tudo o que o mar vasava, guarnecendo a ilharga das trincheiras; em todos os navios daquelle campo seriam mil e quinhentos frecheiros, que todos fazendo seus motins e momos se vinham chegando para a praia do forte Santa Maria que era a parte somente onde temer se podiam.

« O capitão-geral, Monsieur de la Ravardiee estava no mar com outros duzentos soldados francezes, á ordem do cavalheiro de Raselli, da Ordem de S. João, e do capitão Mathieu Malharte, que com outros 100 frecheiros de Comat (4) haviam de sahir com a artilharia em se assegurando o sitio.

« Já havia marchado o Capitão Mór por uma vereda secreta da montanha com 75 soldados portuguezes, gente escolhida que levavam em suas companhias o capitão Manuel de Souza d'Eça e Francisco de Frias, aos quaes tocou ir por outra parte.

«Levava mais oitenta frecheiros portuguezes, gente velha e déstra nas occasiões e guerras do Brasil, e o Sargento-mór do Estado já estava pegado aos inimigos com só Antonio d'Albuquerque, filho do Capitão-mór, moço de 20 annos, que aquelle dia quiz seu pai, que fosse com a sua companhia pela praia com o Sargento-mór, a quem o encommendou: com esta companhia e com o resto dos indios, em que entrava o Mandiocapuba

(3) Pedra solta.

(4) *Cumá*, nome do territorio em que se acha a villa de Guimarães.

com os Tabajaras se foi melhorando o de Campos coberto com um pouco de matto por não mostrar a gente ao inimigo; mas os soldados, que viam o que tinham diante moviam-se mui tibiamente, querendo antes estar ao socairo do forte Santa Maria, e nisto se houveram de modo não obedecendo aos sargentos, que o do Estado, virando-se a elles com uma pistola na mão disse:

— « Não me persuado que tão valentes homens duvidem de vencer aquelles inimigos, e mais quando hontem no Perejá vos amotinastes por chegar a este ponto, no qual si agora houver algum infame ou covarde, o que não cuido, e como tal torcer o rosto, cuide, que me tem aqui para seu verdugo: fazei, senhores e irmãos, o que me virdes fazer, advertindo que a minha vida e a vossa está na morte de aquelles que logo hão de fugir, si um pouco lhes temos a barba tesa á sua primeira furia.

« Dizendo isto virou-se ao capitão Madeira, valente soldado e capitão dos indios, e disse-lhe:

— » Mettei-vos, senhor, com toda essa gente detraz daquellas embarcações nossas, que já estão em secco, e não arremettais sinão depois que me virdes que vou investindo, e então cerrai com os indios da praia, que guardam a ilharga das trincheiras, e fazei como costumaste sempre.

« E dando esta ordem, disse ao alferes Diogo da Costa, soldado velho e de honra, natural das Ilhas:

« — Vm. se vá voando ao forte, e diga ao capitão Gregorio Fragoso, que com toda a sua companhia venha logo marchando pouco a pouco sem bandeira, e sem tocar caixa, e se ponha na retaguarda dos nossos indios; e tanto que nos vir arremetter, entre pela praia de soccorro com a sua arcabuzaria, para que os nossos indios o sintam nas espaldas, e o inimigo se descomponha pela ilharga.

« Ordenando assim o que convinha, aguardando o signal dos da montanha, saltou em terra de uma canôa um trombeta com as armas reaes de França, bem concertado, e tocando, e chamando, se veio até que um tambor dos portuguezes com ordem do sargento-mór do Estado o foi recolher e vindo á sua presença lhe deu uma carta em francez do seu general, ao qual emquanto se via lhe mandou o sargento-mór tapar os olhos ao trombeta e pôr bôa guarda.»

A carta de Rivárdiere continha nem mais nem menos que uma intimação, porém o astuto Diogo de Campos reconheceu que os intuitos do francez eram ganhar tempo e informar-se pelo corneta do estado das forças portuguezas.

Continúa Diogo de Campos:

« Havia passado a palavra ao capitão-mór da vinda do trombeta; o qual para mais não era vindo, que para reconhecer, e empachar os portuguezes, emquanto os francezes se fortificavam, e espantar com aquellas palavras aos que sabiam pouco: emfim o dito capitão-mór fez alto sonido já ao pé do monte da outra banda de leste e para saber a novidade, mandou um alferes a informar-se; mas o sargento-mór do Estado, a resposta que deu foi metter a carta no ôco do chapéo e ao alferes por nome Manuel Vaz de Oliveira disse:

« — Diga ao capitão-mór que a carta vem em francez, e que sua mercê a não hade poder lêr; mas que lhe aviso, si não quer ser captivo dos francezes, que arremetta logo como está assentado; porque aqui estamos préstes para fazer o mesmo; e que pedem que nos rendamos á Sua Mercê dentro de quatro horas, si não que seremos postos ao cutello.

« Foi o alferes voando com este recado, o qual tanto que o capitão-mór o ouviu, arremetteu como mui esforçado cavalleiro e ao signal o sargento-mor dando por nome: *Virgem de Guadelupe*, e gritando *Sant-Iago* serrou com as trincheiras da praia e apoz elle arremetteu o Madeira com os indios amigos, que não chegavam a cem homens: o soccorro com o capitão Gregorio Fragoso entrou assim como lhe estava ordenado, dando a carga pela banda do mar.

« Já neste tempo a gente estava abarbada com a primeira trincheira, donde os mortos que cahiam de uma e de outra parte faziam duvidoso espectaculo: mas a virtude do soffrimanto nos portuguezes foi grande, pois sem torcerem o rosto, sempre levados do exemplo e vozes do Sargento-mór, apertaram tanto, que ganharam a primeira trincheira, e isto a tempo que os indios do inimigo, que eram em multidão grande, como nelles se não perdia um tiro, e a gente portugueza os ia entrando, viraram as costas a tempo que o Capitão-mór já chegava á praia e o Sargento-mór gritava: *Victoria, que fogem*!

« Comtudo os francezes pelejando galhardamente, ainda que com pouca fortuna, entretinham o impeto de uma e de outra parte, até que de todo vendo desamparada a ilharga dos seus selvagens, e occupada dos portuguezes, que derramados dextramente lhe faziam o officio e que os seus indios occupavam o logar da retirada; tomando a carga tomaram juntos de tropel de caminhos, para se valer dos navios, porém foram dar com o Capitão-mór, que como dito é, vinha sahindo do matto, e arremettendo quasi só. Porque os seus ou porque elle se adiantasse, ou porque elles marchassem menos, chegaram descompostos, mas mui valerosos e honrados, e como taes ainda que o Capitão-mór esteve em perigo logo foi soccorrido de uns e de outros, e nesta envolta foi morto Monsieur de Pisiau, logar-tenente-general, fidalgo catholico, e de tantas partes que sempre será chorado dos seus.

«Era primo com-irmão da princeza de Condé o qual, vendo cahido seu companheiro Mr. Duprat, e tudo em rota com mais pressa, do que a barafunda dava logar, se retirou, e escapou a nado com a espada na bocca. Todos os demais fidalgos francezes elegeram antes morrer pelejando junto do seu general, e assim quanto mais em francez o Sargento-mór do Estado lhes gritava, que se rendessem, tanto mais se defendiam. Pelo que, em menos de uma hora, que durou a força da batalha, ficou todo o campo coalhado de mortos francezes e indios.

« Mr. de la Ravardière, vendo do mar o que se passava, mandou na furia do conflicto aos navios mais ligeiros, que se apresentassem á fortaleza para divertir o damno, que a d'outro modo remediar não podiam; mas o capitão Manoel de Brito Freire, que com o alferes Diogo da Costa com quasi trinta soldados marinheiros e doentes fizeram tão bem seu officio com a artilharia, que desviaram de si este perigo, dando a entender differente força da que havia, de modo que no mar e na terra e no monte e na praia tudo eram bombardas, cutiladas, e arcabusadas com tanto fervor, qual no Estado do Brazil jámais foi visto, nem que tanto se aventurasse como este dia: no qual para mais espantosa tragedia dos francezes, mandou o Sargento-mór do Estado dar fogo a todos, que estavam varados em terra, que eram quarenta e seis com todo o seu maçame, remos, em que havia algumas de setenta e cinco palmos de comprido, que

vogavam vinte e cinco remos por banda, o que se fez por tirar o pensamento aos fugidos de se salvarem nellas, e por quebrar o animo dos alliados dos francezes, que nisto perderam seu regalo e remedio e mostrar aos do mar sua armada feita cinzas, e aos da terra, que todavia se fortificavam na montanha, que não tinham que esperar soccorro, pois as canôas ardiam.

O capitão-mór Jeronymo de Albuquerque tanto que vio o bom successo da rota, em que como está dito, pelejou como quem era, foi-se ao forte a descansar do trabalho passado, deixando que a seu alvedrio cada qual despojasse e saqueasse tudo o que achasse de mantimentos, munições e armas de que estava o campo coberto; mas o Sargento-mór do Estado, que trazia outro pensamento tinha sempre junta e firme uma tropa de sessenta soldados e todos os officiaes comsigo, sem consentir, que se desviassem um ponto, até ver o inimigo de todo roto e a montanha desoccupada; e assim cada momento provia com esquadras de refresco, para que sem parar lhes tivessem a escaramuça em tezo aos capitães francezes; a saber o Mr. de La Fos Benart, que como está dito guardava o monte, e ali se defendia valorosamente e a Mr. de Canonville, que se havia ajuntado com elle, tanto que vio a rota, e era de temer, que si o negocio se esfriava, que se podia mudar a fortuna, a mais se os do mar entendiam, que a sua gente estava fortificada.

« Pelo que o Sargento-mór do Estado buscando seu companheiro o capitão-mór, lhe foi dito, como estava na cerca em sua casa e assim se foi ao buscar, deixando com a gente o Capitão Frias e chegando aonde estava Jeronymo Albuquerque lhe disse :

« — Meu senhor, não temos feito nada, si logo não nos tornamos a ajuntar e vamos desfazer a cerca da montanha, donde os inimigos que fugiram estão recolhidos, e bem sabeis, senhor, que si falta qualquer de nós do campo, que a metade dos soldados há de desapparecer.

« O Capitão-mór com muita vontade tornou a tomar as suas armas, e levando seu filho comsigo se tornaram á praia, donde repartido sem que houvesse indios que levar de ajuda, porque todos andavam encarniçados em quebrar cabeças e despir os mortos, se foi o Capitão-mór por uma banda e o Sargento-mór ficou na da praia

e pelo matto cerrado chegando-se bem á terra, houve uma contenda mui desigual : porque os portuguezes a coronha rasa descobertos queriam desfazer tudo, e se mettiam nas boccas dos mosquetes inimigos, tanto que com o fogo lhes queimavam o fato e os derrubavam, como fizeram a um sobrinho do Sargento-mór do Estado chamado Luiz de Guevara que de duas arcabuzadas cahio em terra morto pegado nos paus de cerca e Antonio Grisante, moço nobre, que á porfia se arremessou da banda de dentro, tambem ficou morto de mil feridas : logo feriram a Antonio de Albuquerque, filho do Capitão-mór e ao seu alferes Christovão Vaz e outros soldados, e nesta pressa e bateria mais atrevida, do que dizer-se póde, deram uma mosquetada ao Turcou, *lingua-mór* dos indios, que estàvam na cerca, os quaes, tanto que o viram ferido e alguns delles mortos, não havendo quem os exhortasse a estar firmes e havendo a polvora faltado já aos francezes e Mr. de la Fos Bernart tendo uma arcabusada em um braço começaram os indios, ao seu modo, de bater as palmas e dando atravez com o canto contrario da cerca, se lançaram fugindo pela montanha abaixo, levando traz si as arvores, como se fôra algum caudal de rio, porque eram mais de 600 homens.

« Os francezes havendo feito seu dever como muito bons soldados se misturaram com os indios de Tatuassú, que era o principal daquella tropa e com o Carangueijo Branco, outro principal da ilha e assim se salvaram pela espessura do matto. O Sargento-mór tanto que vio arrebentar aquella gente, poz o joelho no chão e disse aos companheiros : « Demos graças a Deus, que nos ha dado inteira victoria. »

Eis no que consistio a batalha de Guarenduva.

Claude d'Abbeville e Yves d'Evreux.—Estes dois missionarios capuchinhos que com La Ravardière vieram ao Maranhão escreveram duas obras, hoje consideradas de mais valor historico para o estudo da dominação franceza na ilha do Maranhão, que a escripta pelo portuguez Diogo de Campos. Claude d'Abbeville é autor da *Histoire de la Mission des Péres Capucins en l'ile de Maraguan* etc. que foi impressa em Paris em 1614, Yves d'Evreux escreveu a *Suite de l'histoire des Péres Capucins*, etc, a qual vio a luz da publicidade em Paris, no anno de 1615.

Estas duas obras são interessantissimas pela fidelidade com que pintam as scenas da vida intima dos selvagens.

Conquista do Pará.—Encorajado pela expulsão dos francezes da ilha do Maranhão e desejoso de ver a colonia dilatada até a foz do Amazonas, Alexandre de Moura, antes de retirar-se para Pernambuco, nomeou Francisco Caldeira Castello Branco capitão-mór da conquista do Grão-Pará.

A 25 de Dezembro partio Caldeira do Maranhão com cento e cincoenta homens e navegando sómente de dia, por precaução, aportou á margem oriental da bahia de Guajará, onde fundou uma povoação sob a invocação de Nossa Senhora de Belém e um forte no logar mais saliente, embora esse sitio fosse improprio para o novo estabelecimento colonial.

Entre outros habitavam a região do Grão-Pará, nome meio portuguez e meio indio, os indios Tupinambaranas, Maués e os Nheengaibas, em numero de 40,000, que occupavam a grande ilha de Marajó.

No Pará encontrou Caldeira um francez e um hollandez e por estes soube que os navios flamengos, inglezes e hollandezes frequentavam aquellas paragens, que mais ao norte havia um estabelecimento desta ultima nacionalidade com duzentos e cincoenta a trezentos povoadores e que nos Paizes Baixos se preparava uma expedição com destino ao grande rio.

Justamente alarmado com estas e outras informações, Caldeira despachou para a Europa afim de pedir prompto reforço o unico navio que possuia e aos capitães Antonio Teixeira e Pedro Teixeira deu a incumbencia de se dirigirem por terra ao Maranhão afim de participarem a Jeronymo de Albuquerque o que occorria.

Estamos, porém, já dentro do governo de D. Luiz de Souza e, por conseguinte, não cabe aqui a noticia desta perigosa embaixada e do que posteriormente occorreu em terras do Maranhão e Pará.

Gaspar de Souza, cujo governo se celebrisou pelas assignaladas conquistas do Maranhão e Pará, foi substituido por D. Luiz de Souza, que havia succedido a seu pai D. Francisco de Souza nas capitanias do sul.

Notamos nos diversos autores que consultamos uma certa confusão de datas relativamente áquella em que D. Luiz é empossado no governo geral e como nesse chaos chronologico não nos fosse possivel encontrar o *fiat luz* providencial, preferimos silenciar sobre o caso a adoptar uma menos verdadeira.

CAPITULO VIII

GOVERNO GERAL DE D. LUIZ DE SOUZA

Principaes factos occorridos no Maranhão.—Jeronymo de Albuquerque, um dos heroes da batalha de Guaxenduva, logo após a expulsão dos francezes da ilha de S. Luiz, accrescentou ao seu nome o appellido de *Maranhão*; e tendo guarnecido convenientemente todos os fortes da referida ilha, começou a edificar uma cidade em torno do forte de S. Luiz, com este mesmo nome e mesmo padroeiro.

Correram as cousas maravilhosamente durante o primeiro anno, porém aos Tupinambás repugnava-lhes o jugo dos portuguezes, pois não se lhes riscava da memoria as atrocidades e vilezas de Pero Coelho ou de Soromenho, como quer o sr. Varnhagens, commettidas sobre os do sua grey na Ibiapaba e em Jaguaribe.

Ora, a explosão dos resentimentos mais cedo ou mais tarde era inevitavel e para isto bastou a intriga de um indio de Cumá, chamado Amaro, o qual, segundo nos transmitte Berredo, nos seus *Annaes do Maranhão*, fez crêr aos naturaes que os portuguezes, premeditavam escravisal-os de novo, tal como outr'ora praticaram no Ceará.

Immediatamente alvoroçaram-se os indios de Cumá e tomando armas atacaram os trinta homens que guarneciam este districto e os mataram todos durante o somno, despachando em seguida emissarios ás diversas hordas afim de incital-as a uma insurreição geral. Mathias de Albuquerque, porém, filho do capitão-mór, reprimiu-lhes o ataque por um lado e Caldeira, que soube quererem elles invadir a cidade de Belem, antecipou-se no ataque.

Jeronymo de Albuquerque Maranhão, com a avançada idade de setenta annos, falleceu em S. Luiz a 11 de Fevereiro de 1618, succedendo-lhe seu filho Antonio de Albuquerque e continuando seu irmão Mathias a perseguir os indios ao norte, afim de deixar livre a communicação entre o Maranhão e o Pará.

Antonio de Albuquerque só governou o Maranhão durante quatorze mezes, pois tendo o governador geral lhe dado por companheiro na administração da capitania Domingos da Costa Machado, capitão do forte de S. Philippe, susceptibilisou-se Albuquerque e retirou-se para Portugal, de onde veio depois com a nomeação de capitão-mór da Parahyba.

Durante a administração de Domingos Machado, que durou mais de tres annos, teve logar no Maranhão a introducção de grande numero de colonos açorianos, gente honesta e laboriosa, que veio com muita felicidade para o Brazil contrabalançar a pestilenta descarga de criminosos degradados que começou a ser feita no Maranhão e Pará, logo após a conquista dessas regiões, sendo tambem no tempo de Machado que o governo da metropole deliberou crear no Maranhão um governo independente do do Brazil, cuja organisação definitiva só foi effectivamente decretada a 13 de Junho de 1621.

Principaes factos occorridos no Pará.— Como vimos no capitulo precedente, Caldeira temendo invasões de hollandezes e inglezes na capitania do Grão Pará, enviou ao Maranhão, por terra, os capitães Pedro Teixeira e Antonio da Costa e despachou para Portugal o piloto Antonio Vicente, com os capitães André Pereira e Antonio da Fonseca, afim de sollicitarem de Jeronymo de Albuquerque e do governo da metropole promptos reforços.

A expedição terrestre ao Maranhão partiu do Pará a 7 de Março de 1616 e gastou dois mezes de penosa viagem para chegar ao seu destino, tendo escapado de cahir em uma cilada que lhe armaram os indios de Caethé, porém os soccorros pedidos foram promptamente enviados em varias canôas sob o commando de Custodio Valênte. Consistia esse reforço em trinta arcabuzeiros, muitos indios frecheiros e o valor de dois mil cruzados em fazendas de resgate.

Os soccorros pedidos a Lisboa chegaram somente em 1617. A esquadrilha que os trouxe era commandada por Manuel de Souza d'Eça, vindo com elle quatro missionarios capuchinhos.

Nesse interim, sabendo Caldeira que se achava ancorado na costa um grande navio hollandez, mandou contra elle Pedro Teixeira acompanhado de vinte homens que se embarcaram em duas canoas e abordaram o vaso

estrangeiro com tanta felicidade que o metteram a pique em pouco fundo, de onde o mesmo Teixeira tirou do mar as peças que para Caldeira foram de grande utilidade.

Pouco depois tendo um sobrinho de Caldeira assassinado um official, foi preso e processado, porém logo posto em liberdade por acto arbitrario do capitão-mór. Os amigos do morto indignaram-se e protestaram com vehemencia, asylando-se no convento dos capuchinhos. Irritado Caldeira mandou arrancal-os desse asylo, porém a força revoltou-se e o depoz, acclamando em seu logar o capitão Balthazar Rodrigues de Mello, facto que occorreu em Setembro de 1617.

Os indios aproveitaram-se das dissenções que reinavam na cidade, e, chefiados pelo morubixaba Guaimiaba (1) assediaram Belem e atacaram-n'a em 7 de Janeiro de 1618, sendo repellidos e morrendo na acção o referido *Guaimiaba*.

O governador geral e Jeronymo de Albuquerque, ao saberem das desordens de que o Pará era theatro, mandaram immediatamente restabelecer a ordem Jeronymo Fragoso de Albuquerque, com quatro barcos e Bento Maciel Parente, que do Maranhão se offereceu a passar por terra ao Pará.

Chegou Jeronymo Fragoso ao Pará e fez levantar um novo cerco que os indios tinham posto a Belem, onde já a fome se fazia sentir. Enviou presos para Portugal não só Caldeira e seu sobrinho, como Balthazar Rodrigues, capitão mór acclamado e em seguida partiu em perseguição dos indios, chegando a internar-se duzentas leguas.

Bento Maciel chegou depois e applicou-se exclusivamente em captivar indios, missão em cujo desempenho commetteu taes barbaridades que Jeronymo Fragoso se indignou e o chamou á ordem, no que não foi respeitado, allegando o mesmo Maciel que só tinha de prestar contas ao capitão de mór de Pernambuco, que o despachara.

Estado independente do Maranhão.—Como já dissemos, por carta regia de 13 de junho de 1621 foi

(1) Nome que quer dizer em lingua tupy — Cabello de velha.

organisado definitivamente o novo Estado do Maranhão, independente do Brazil e abrangendo as tres capitanias do Maranhão, Pará e Ceará, sendo seu primeiro governador Francisco d'Albuquerque Coelho, donatario da Parahyba e filho de Feliciano Coelho, o qual só em 1626 tomou posse do cargo.

« A organisação dada ao novo centro de vida colonial, diz Martins Junior, modelou-se exactamente pela do Brasil. Vamos encontrar nas capitanias do Maranhão os mesmos funccionarios e as mesmas regras administrativas e judiciarias que vimos e examinamos nas terras sujeitas ao governo da Bahia ou do Rio de Janeiro.» (1)

Não nos chegou o regimento dado ao governador, mas pelo que se forneceu ao ouvidor Sebastião Barbosa sabe-se que tinha este «jurisdicção por acção nova, até cinco leguas em derredor do districto onde estivesse, nas causas tanto civeis como crimes, não só dos moradores e naturaes, como dos capitães, soldados de gente de guerra, sentenciando-os afinal, ou dando appellação ou aggravo, nos casos excedentes á sua alçada, para a casa da supplicação de Lisbôa. A alçada foi-lhe marcada até dezeseis mil réis nos bens de raiz, vinte nos moveis, podendo impôr penas até de quatro mil réis.

Conheceria das appellações e aggravos interpostos dos ouvidores capitães do seu districto. Aos escravos e peões, em causas crimes, podia mandar açoutar e tanto a estes como aos de mór qualidade mandar degradados para fóra do seu districto, e em certos crimes atrozes poderia, combinando com o governador, impôr pena ultima, excepto aos de mór qualidade. Poderia passar cartas de seguro e alvarás de fiança, e conceder perdões, com assentimento do governador, duas vezes por anno, pelo Natal e Endoenças. Faria o officio de provedor emquanto este cargo não fosse creado e preencher interinamente em ausencia do governador, os officios de justiça vagos. Tiraria annualmente não só as devassas designadas nas Ordenações, como outras ácerca de contrabando de páu brasil, commercio illicito com estrangeiros, descimentos de indios e dos homens casados com mulheres ausentes no Reino por mais tempo do que o permittido nas leis. Não poderia, finalmente, ser sus-

(1) VARGNAGEN.—*Historia Geral do Brasil.*

(1) MARTINS JUNIOR.—*Historia do Direito Nacional.*

penso pelo governador ; devendo este, em caso de commetter o ouvidor algum crime, autoal-o e envial-o perante o rei. »

Aldeias de indios para defesa da costa. — Durante o governo de Luiz de Souza ordenou a metropole que se estabelecesse um acampamento de duzentos indios numa aldeia fronteira á ilha de Sant'Anna onde os contrabandistas do páu brasil costumavam desembarcar.

O indio Manuel de Souza, neto de Arariboia e morubixaba da aldeia de S. Lourenço do Rio de Janeico foi o commandante desse estabelecimento. A um tio do mesmo Manoel de Souza coube o commanda de outro.

Foram creados estes aldeiamentos na presumpção de que, embora os indios não pudessem tolher o desembarque dos contrabandistas, podiam por suas ciladas tornar-se tão nocivos aos entrelopos que estes não se aventurassem a cortar a madeira.

Minas de salitre em Sergipe. — Foram encontradas nessa epocha na capitania de Sergipe minas de salitre de que se podiam tirar por anno dois mil quintaes e como Portugal sentia-se da falta deste artigo ordenou a metropole que se fundasse no Brasil uma fabrica de polvora, devendo ir de Lisboa uma pessoa pratica no fabrico.

Ordenou mais a metropole que si por acaso apparecessem novas minas em outras capitanias cumpria ao governador mandar a Portugal amostras da mesma.

Fallecendo Jeronymo Fragoso, procedeu-se á eleição recahindo ella no capitão Custodio Valente, ao qual se deu por conselheiro e adjunto o commissario dos capuchos frei Antonio de Merciana.

Disputaram o cargo Bento Maciel, Mathias d'Albuquerque e o capitão Pedro Teixeira.

Bento Maciel recorreu ao governador geral, conseguindo que este o preferisse para capitão mór, sendo confiada a Pedro Teixeira a commissão de abrir ou fazer mais praticavel a communicação terrestre fluvial até o Maranhão.

O primeiro trabalho de Maciel foi construir para a defensa de Belém um forte todo de taipa, com portadas de alvenaria e tres baluartes com fosso, ao qual deu o nome de *Presepio*.

Providencias para a fortificação da costa. —Era geral o receio de um vigoroso ataque ás povoações do littoral brasileiro nessa epocha de que tratamos e por isso, além da situação de aldeas de indios amigos em diversos pontos da costa, fez o governador restaurar e augmentar os fortes das capitanias da Parahyba e Espirito Santo e lembrou-se até de fortificara ilha de Fernando de Noronha, o que no entanto não realisou.

A côrte de Hespanha ordenou tambem a D. Luiz de Souza que mandasse duas caravellas para explorarem bem de um lado e de outro o estreito de Magalhães, levantar mappas e averiguar si não haveria alguma posição que, bem fortificada dominasse a passagem, porém esta idéa foi logo abandonada á vista das representações de D. Luiz.

Leis iniquas contra os estrangeiros. — Sabendo a metropole que em Amsterdam preparavam-se dois navios para piratearem nos mares brazileiros, traficarem em alta escala com os productos do paiz e em ultima analyse tentar uma investida contra o Maranhão exasperaram-se os animos e em 1617 a côrte ordenou que fosse expulso do Brazil todo e qualquer estrangeiro que aqui se achasse estabelecido, sem respeito a pessoa alguma, embora tivesse tirado licença para residir.

Esta barbara ordem foi no emtanto revogada d'ahi ha um mez, encarregando-se o governador de remetter á metropole uma lista de todos os estranhos que houvesse no Brazil, com informações exactas sobre o comportamento de cada um, o conceito que gozava, importancia da sua fortuna e modo de vida que seguia. Se por acaso houvessem suspeitas serias de que alguns mantinham relações com os contrabandistas deviam elles ser presos e remettidos a Lisboa ou internados em logares onde não podessem fazer mal.

Tal era o receio que se apoderou do governo da metropole de ver o Brazil invadido por estrangeiros que tendo os Argelinos saqueado a ilha de Santa Maria nos Açores e captivado os seus habitantes avisou a côrte a D. Luiz de Souza que se precavesse contra esses terriveis piratas.

Desconfiança contra o filho de D. Antonio. — Não era só dos estrangeiros que Felippe de Castella arreceiava-se pela sua opulenta colonia do Brazil. Igualmente temia qualquer tentativa de D. Manoel, filho de

D. Antonio, prior do Crato, a quem succedera nas pretenções á corôa de Portugal e que entretinha correspondencia com os seus partidarios do Brazil, entre os quaes um tal Francisco que tinha o posto de capitão na Parahyba, e residia perto da cidade da Bahia.

Ordens muito energicas foram transmittidas ao governador afim de abrir rigorosa syndicancia a respeito, procedendo no entanto com a maxima reserva.

Monopolio da pesca das baleias.—Durante o governo de Gaspar de Souza um individuo obteve mediante 50$ annuaes o monopolio da pesca das baleias, facto esse que descontentou a muitos, pois dessa industria tiravam satisfatorios rendimentos grande numero de pessoas da classe pobre. Effectivamente tão rendosa era essa pesca que ao findar o governo de Luiz de Souza appareceu uma offerta de setecentos mil reis para o arrendamento dessa pescaria durante cinco annos.

A proposta foi logo aceita pelo governador da metropole porém D. Luiz de Souza com tanto calor combateu essa resolução e taes argumentos formulou que a côrte vacillou no seu emprego.

Diz Southey: « D. Luiz, cuja administração chegara ao seu termo, representou francamente que a justiça e legalidade deste monopolio eram mui questionaveis; que como medida era desnessaria para o Estado, sendo para o povo onerosa nos reus effeitos directos sobre o commercio. Havia muitos jesuitas, dizia elle, que em conversa tinham emittido a opinião que semelhante cousa não podia ter fundamento legal nem equitativo. O rei podia lançar um imposto sobre cada baleia que se apanhasse, e sobre o azeite que della se extrahisse; era esta sua indubitavel prerogativa, si lhe parecesse bom fazel-a valer, e todos seriam em consciencia obrigados a pagar o direito; mas converter em monopolio uma pesca que era livre, era o que como soberano catholico e christão não podia fazer (1).

« Tão livre era no Brazil a linguagem do direito no reinado dos Felippes. Nem disto havia necessidade, proseguia o ex-governador, pois que pagas todas as obrigações do thesouro, deixava elle no erario, ao entregar a administração, um saldo de cincoenta mil cru-

(1) Southey.—*Historia do Brazil.*

zados, dos quaes dez mil em dinheiro; e o contrario se tornaria intoleravel oppressão, aceitando-se os termos do proponente, que exigia que não se lhe taxasse o preço ao azeite.

« Poria isto a mercê do contractor os engenhos para os quaes era este producto de tão indeclinavel necessidade. Talvez se attendesse a esta parte da representação de D. Luiz de Souza, mas não era provavel que um governo que embora prospero no Brazil, se achava envolvido em grandes despezas na Europa, abandonasse um monopolio que lhe haviam posto nas mãos e toda a pescaria começou desde então a fazer-se, já por contracto, já por conta da corôa.»

A pesca das perolas. — Durante o governo de D. Luiz de Souza propalou-se que Gonçalo da Costa d'Almeida e João Peres haviam descoberto perolas nos mares que banhavam a capitania de S Vicente; como, porém, não havia certeza sobre o precioso achado deixou o governo que os aventureiros se encarregassem de demonstral-o por sua conta, porém a metropole mandou instrucções secretas a D. Luiz afim de que protegesse a pescaria, se fosse proficua, contra corsarios e contrabandistas que de qualquer nação.

Despezas com o funccionalismo e o clero. — Procedeu-se no governo geral de D. Luiz de Souza á fixação das despezas com o funccionalismo e o clero, nas quaes até então não tinha havido regularidade.

Os vencimentos annuaes do governador e de vinte empregados publicos não excediam a 2:000$000, incluindo 400$000 que todos os annos deviam ser distribuidos em remuneração de serviços publicos. O bispo e seu cabido percebiam annualmente 2:834$000; os vigarios das doze parochias da capitania da Bahia recebiam de congrua annualmente setenta e tres mil novecentos e vinte reis; os capuchinhos da cidade recebiam 82$000 tambem por anno; os benedictinos outro tanto e os jesuitas 120$000.

A despeza total da capitania da Bahia era de 681$840 e todos os estabelecimentos civis, judiciaes, militares e ecclesiasticos apenas consumiam quinze mil libras annualmente, attendendo-se porém que essas quantias correspondem a outras muito avultadas hoje, pela grande depreciação que os metaes soffreram de então para cá.

Franquia das minas. — Como as minas até então descobertas e exploradas exclusivamente pela Corôa não tivessem compensado sufficientemente as grondes despezas feitas pelo erario publico com as expedições ao sertão e com os trabalhos de mineração, resolveu a metropole franquear as minas ao povo, esperando que a iniciativa particular aplainasse as difficuldades que se oppunham á chegada do rei e seus prepostos aos filões auriferos e argentinos.

Belchior Dias Moreya. — Cabe falarmos aqui do maior explorador de minas dessa epocha — Belchior Dias Moreya, o homem que, segundo se exprime o Dr. Felisbello Freire, foi o centro de todo o movimento de mineração d'aquelles tempos.

Até bem pouco tempo as ousadas explorações de Belchior Dias Moreya, bem como as suas viagens a Portugal em demanda de mercês honorificas, eram, a acreditar-se nas affirmações de Rocha Pitta, attribuidas a um filho natural de Belchior — Rubelio Dias. Hoje, porém, pelos laboriosos estudos feitos sobre o assumpto pelo erudito professor Capistrano de Abreu ficou provado que o grande explorador de minas foi Belchior Moreya e o que se conta de Rubelio não passa de lenda.

Segundo uma carta dirigida ao conde de Sabugosa em 1725 pelo coronel Pedro Barboza Leal sabe-se o seguinte:

« Belchior Dias Moreya (Caramurú) era descendente de Diogo Alvares e foi um dos primeiros naturaes da Bahia.

« Vivia no Rio Real (Sergipe) e era primo de Gabriel Soares.

« Fez diversas entradas pelos sertões da Bahia de Sergipe e de Pernambuco e em uma dellas demorou-se oito annos, nella descobrindo minas de salitre, amethystas, prata e ouro.

« Embarcou para Portugal, diz o coronel Leal, passou á côrte de Hespanha, declarou os haveres que tinha achado, pretendeu mercês, e ou porque julgassem altas as mercês, ou porque julgassem que por ser natural do Brazil não merecia nenhuma attenção, o trouxeram quatro annos em requerimentos, até que desenganado voltou para ser deferido.

«Passou segunda vez a Portugal e em dois annos de pretendente sem conseguir cousa alguma tornou a voltar para o Brasil. Terceira vez intentou o mesmo mandando seu sobrinho Domingos de Araujo, remettido ao conde de Almirante com todas as instrucções.

« Voltou da mesma sorte sem despacho algum.

«Achou-se neste tempo governando Pernambuco D. Luiz de Souza, avô ou bisavô do marquez das Minas, e tendo noticia dos grandes descobrimentos que havia feito coarctasse nas mercês que pretendia de Sua Magestade que elle queria ser seu procurador para na côrte alcançar aquellas que pudesse conseguir. Sujeitou-se o velho Melchior Dias, áquelle Mecenas, cansado já de seu trabalho, de sua velhice e de tantos baldados requerimentos.

« Protegeu D. Luiz de Souza o requerimento de Belchior Dias na côrte, offerecendo-se para com elle examinar e certificar umas e outras minas, alcançando em primeiro logar a promessa do titulo de marquez das Minas para si, que então teve principio este titulo, tendo a sua confirmação do Rei D. João VI e para Belchior Dias algumas mercês que se lhes destinaram. Conseguindo este despacho, escreveu D. Luiz de Souza, de Pernambuco, a Belchior Dias que Sua Magestade tinha deferido as mercês, cujo escripto ficava em suas mãos para lh'o entregar quando se ajustassem áquella diligencia e que em tal tempo o fosse esperar no rio de S. Francisco para ahi se incorporarem e darem principio ao descobrimento, cuja carta firmada pelo dito governador D. Luiz de Souza se acha em meu poder. Resolveu-se depois vir á Bahia incorporar com o governador della o Sr. D. Francisco de Souza, seu primo para ambos fazerem entrada no reconhecimento das minas. Desceu Belchior Dias á Bahia para guiar e acompanhar os governadores, como fez.

« Parece que Belchior Dias Moreya com o uso das vezes que foi áquellas côrtes se fez politico e soube seguir algumas maximas que nellas se praticam, porque contam seus descendentes que, tendo peitado e obrigado a um pagem particular de um dos governadores; este sendo inconfidente a seu amo revelara a Belchior Dias que conversando ambos os governadores sobre as mercês que el-rei lhe fazia, dissera um para o outro:—

Mostre elle as minas, que o caboclo para que quer mercês? do que procedeu entrar em desconfiança do que resultou o seguinte: Partiram da Bahia os dois governadores com Belchior Dias que os levou direito á serra da Itabaiana e que chegando a ella dissera aos governadores que suas senhorias estavam com os pés nas minas, mas que não lhas mostrava emquanto elles não lhe entregassem primeiro as cartas de mercês que Sua Magestape lhe fazia.

« Ao que elles lhe responderam que mostrasse as minas, que as mercês estavam certas, e se lhes entregariam o alvará de Sua Magestade depois que as mostrasse.

« Parece que ao mesmo tempo que cresceu a duvida em os governadores crescia mais a desconfiança em Belchior Dias, que se resolveu a não patentear os descobrimentos, pelo que se precisaram os governadores a prendel-o, querendo por este meio obrigal-o a mostrar o que sabia, e vendo-se preso os levou a um serrote que chamam das minas em meio dos campos de Itabaiana, em o qual se fazendo exame se achou umas pedras cravadas de marquesita que não deram de si prata alguma, á vista do que voltaram os governadores para a praça da Bahia e Belchior Dias preso na cadeia della o obrigavam a pagar os nove mil cruzados que se tinha feito na despeza da jornada.

« Vendo-se Belchior com dois annos de prisão e por não pagar os nove mil cruzados se resolveu em descobrir e mostrar o que sabia ao que acudiram Pedro Garcia, o velho e outros parentes escandalisados do mau tratamento que lhe haviam feito os governadores, dizendo que não descobrisse, nem mostrasse nada e pagasse os nove mil cruzados que lhe suppririam com elles, e com effeito pagou os nove mil cruzados, foi solto para o rio Real, aonde passados dois annos morreu, deixando todas as noticias d'aquelles descobrimentos sepultadas com a sua morte que succedeu em o anno de 1619, tendo-se passado mais de um seculo sem que se tenha com certeza averiguado o logar d'aquellas minas. »

O titulo de marquez das Minas, tão cubiçado pelo inditoso Belchior Moreya foi conferido annos depois a um descendente de D. Luiz de Souza, o cruel martyrisador de Belchior.

Terminação da tregua na guerra hispano-hollandeza.—No anno de 1621, em que D. Luiz de Souza concluia o seu governo, terminava-se na Europa a tregua que os Paizes Baixos haviam celebrado com a Hespanha em 1609. Não sendo a mesma renovada por não o querer os hollandezes que se sentiam já bastante fortes para tomar a offensiva e desforrar-se do que haviam soffrido dos reis castelhanos e seus prepostos nos Paizes Baixos.

Depois de haver figurado como Estado independente, a Hollanda passou a fazer parte do imperio d'Austria pela alliança matrimonial de sua princeza Maria de Borgonha com o imperador Maximiliano, conservando no emtanto os povos seus fóros e privilegios constitucionaes, não identicos em todas as cidades.

Herdando a Austria tornou-se Carlos V soberano da Hollanda e ao abdicar passou este paiz á corôa, retirando-o da submissão ao imperio.

Philippe II, successor de Carlos V, dominado pelo mais sombrio e sanguinario fanatismo, á semelhança de seu pai que trabalhava tenazmente pela realização da monarchia universal, preoccupava-se com a ideia de uma só religião, pelo menos nos seus vastissimos dominios e á força procurou introduzir no paiz dos honestos e laboriosos lutheranos e calvinistas flamengos o nefando tribunal da Inquisição.

Explodio a revolta contra esse despotismo e não obstante a carnificina executada pelo duque d'Alba, por ordem do Demonio do Meio Dia, os hollandezes conseguiram pelas mais assignaladas heroicidades e pela energia e civismo de Guilherme o Taciturno e Marnix de Sainte Aldegonde sacudir o barbaro jugo hespanhol.

E logo que se viram livres organisaram uma poderosa marinha de guerra e continuaram briosamente a guerra contra a Hespanha.

Em 1609 os dois paizes concluiram umas tregoas por doze annos, porém antes mesmo que terminasse esse prazo, isto é, em 1621, o povo hollandez deu por findas as referidas tregoas, ancioso como se achava de obter justa vingança contra os seus antigos algozes e tambem movido pela sêde de riquezas que essa guerra poderia satisfazer, já com a captura dos soberbos galeões hespanhóes, já pela probabilidade de um ataque bem succedido em terras do Brazil.

CAPITULO IX

GOVERNO GERAL DE DIOGO DE MENDONÇA FURTADO

Diogo de Mendonça Furtado, successor de D. Luiz de Souza na governação geral do Brazil, foi empossado a 12 de Outubro de 1621.

E' memoravel o seu governo porque durante elle apoderaram-se os hollandezes da Bahia, capital do Estado do Brasil, sendo elle proprio feito prisioneiro.

Destruição dos estabelecimentos estrangeiros no Amazonas.—Com o intuito de destruir os diversos estabelecimentos de hollandezes e francezes que se haviam formado no Amazonas em epochas anteriores á da occupação do Pará por Caldeira, e bem assim impedir que navios dessa nacionalidade continuassem a traficar com os selvagens de taes regiões despachou a côrte de Madrid em 1621 Luiz Aranha de Vasconcellos, em commissão especial, e este fez-se de vela para o Brasil munido de provisões para que todos os capitães-móres o ajudassem segundo pudessem.

Aportou primeiro Luiz Aranha em Pernambuco onde recebeu de Mathias de Albuquerque uma caravella com dezessete soldados e o piloto Antonio Vicente Colhado, muito pratico na navegação dos rios do Pará e Amazonas, e mais oito mil cruzados em fazendas.

No Rio Grande do Norte, o capitão André Pereira Themudo lhe deu quatro soldados e no Maranhão obteve mais quinze, que lh'os deu o respectivo capitão Antonio Muniz Barreiros.

Nesta ultima capitania acabou de preparar-se, reunindo á esquadrilha grande numero de canôas e uma multidão de indios frecheiros.

Partiu Luiz Aranha em Maio de 1622 e, conforme as instrucções que levava, accordou com Bento Maciel Parente, capitão-mór do Pará, que a exploração começaria pelo lado do sul.

Partio pois Aranha para dar cumprimento á sua missão e conseguio logo bater um magote de soldados hollandezes, pertencentes á guarnição do forte Muturú, que veio atacal-o á noite; pelos prisioneiros soube que no dito forte havia apenas vinte soldados com alguns escravos que cultivavam fumo. Todos ao receberem a intimação vieram entregar-se com escravos, armas e artilharia.

Mandou depois Luiz Aranha tres soldados e quarenta frecheiros reconhecer um outro forte que os hollandezes tinham á margem do Rio Gurupá. A embarcação foi atacada por doze canôas de indios, porém resistio e chegando o reforço alcançou Aranha mais uma victoria. Os do forte de Gurupá, em numero de trinta e cinco, renderam-se e entregaram a artilharia e as armas.

D'ahi voltou Luiz Aranha ao Pará afim de refazer-se para atacar duas feitorias inglezas que diziam existir mais para o centro e na volta encontrou-se com Bento Maciel Parente que ia em seu auxilio, pois constava em Belém que Aranha achava-se cercado pelos indios do Gurupá.

Resolveu-se então, que Aranha volvesse atraz e bem assim Teixeira em outro navio, emquanto Maciel costearia com as canôas, sondando todos os rios até ao Gurupá que seria o ponto de juncção.

Maciel destruio todos os entrincheiramentos de francezes, inglezes e hollandezes que encontrou no Gurupá, queimou diversas feitorias e depois dirigio-se á ilha dos Tucujús cujas fortificações foram abandonadas ao approximar-se os portuguezes. Sabendo ahi que em soccorro dos habitantes que se haviam internado approximava-se um possante navio hollandez, procurou attacal-o e conseguio abordal-o. sendo exterminada toda a tripolação com excepção de um mancebo.

Voltou novamente Maciel ao Gurupá e edificou um forte no logar chamado Mariocay, dando-lhe o nome de Santo Antonio.

Estava terminada a expulsão dos estrangeiros do Amazonas. Maciel regressou a Belém adoptando o titulo de *Primeiro descobridor e conquistador dos rios das Amazonas e do Curupá*, titulo falso que Luiz Aranha disputou-lhe e tambem adoptou, comquanto nem um nem outro o merecessem, pois essa gloria de

ha muito tinha sido decernida pela historia a Orellana e a Lope de Aguirre e até ao piloto portuguez conhecido pelo nome de Meirinho, do qual nesse tempo ainda existia um roteiro para a difficil navegação por entre as numerosas ilhas do Amazonas e seus affluentes.

Companhia hollandeza das Indias Occidentaes.—No mesmo anno de 1621 em que terminava o prazo da tregua ajustada entre a Hespanha e a Hollanda, outorgava-se neste ultimo paiz pela patente de 3 de Janeiro licença para a creação da *Companhia das Indias Occidentaes*, empreza commercial e militar modelada pela da antiga companhia das Indias Orientaes que tão lucrativa fôra aos Paizes Baixos por occasião de explorar-se as regiões situadas em Africa e Asia.

A Companhia das Indias Occidentaes tinha por fim principal fazer conquistas no Brasil e especialmente apoderar-se da Bahia e Pernambuco que eram então os mais importantes nucleos coloniaes e agricolas desse Estado e chegou a organizar-se seriamente, embora muitas municipalidades se oppuzessem, combattendo-a com argumentos que demonstravam ser ella muito dispendiosa e mais que incertos os seus resultados.

Os Estados Geraes facultaram á Companhia o direito exclusivo de commerciar durante vinte e quatro annos em quasi toda a America e Africa, nomear governadores e mais empregados, concluir tratados de alliança e de commercio com os indigenas e construir fortes, tudo mediante prévio juramento prestado ao presidente da Republica.

Obrigavam-se mais os Estados Geraes, afim de gosar dos lucros auferidos pela companhia, a pagar duzentos mil florins durante cinco annos.

Seu capital, que no começo era de pouco mais de sete milhões de florins, logo elevou-se a dezoito milhões.

Era ella composta de cinco secções, de differentes estados, tendo cada uma seus chefes, sendo no emtanto a administração geral confiada a desenove directores ou deputados das diversas secções, na ordem proporcional aos fundos de cada um, isto é, oito por Asterdam, quatro pela Zelandia, dois por Groningue e os outros pelos Estados Geraes.

Logo que se constituio a Companhia, organisou ella uma grande esquadra cujo commando foi confiado ao almirante Jacobo Willekens, tendo por immediato o

vice-almirante Pieter Piet Heyn, nomeando tambem Johan Van Dorth para o cargo de commandante das tropas e governador das futuras conquistas.

Imprevidencia da metropole. — A côrte de Hespanha pelos numerosos espiões que tinha em Amsterdam e outras cidades da Hollanda achava-se perfeitamente informada dos fins da Companhia, mesmo porque, como diz Varnhagen na sua obra *Os Hollandezes no Brasil* «não era mysterioso o destino immediato da mesma expedição. Em um paiz de imprensa livre, como já eram as Provincias Unidas, não devia ser facil conservar-se o segredo em um assumpto em que tantos estavam interessados. Todas as noticicias desde 1621, em que a Companhia fôra outorgada, eram concordes em assegurar que a mesma expedição se destinava ao Brasil, e designadamente á Bahia ou a Pernambuco.»

Apezar disso, no emtanto, Philippe IV e seu ministro o Conde Duque de Olivares não agiram como convinha, afim de resguardar-se do terrivel golpe que se preparava com o intento de cortar as correntes que prendiam ao Escurial a opulenta colonia d'além do Atlantico.

Nada ou quasi nada fez a metropole. Apenas Dom Diogo de Mendonça Furtado, ao ser nomeado, recebeu ordens para fortificar o Brasil. Como porém essas ordens não fossem acompanhadas dos competentes fundos, sómente conseguio o governador, com o arbitramento de uma nova contribuição que difficilmente cobrou, guarnecer os fortes já feitos e levantar um em uma lage que havia no porto (1).

Facil devia ser, por conseguinte, aos hollandezes, que tão bem apparelhados vinham, apoderarem-se da da Bahia.

Foi o que aconteceu, como veremos.

Perda da Bahia. — A grande esquadra commandada pelo almirante hollandez Jacobo Willekens sahio do porto de Terel em Dezembro de 1623 e tendo-se dispersado os navios, á vista de Plymouth, em consequencia de um temporal, só em Cabo Verde poude-se de novo effectuar a juncção. Depois de transposta a linha

(1) Forte de N. S. do Populo ou de S. Marcello.

equinoxial, outro temporal os dispersou, sendo Van-Dorth repellido para a Serra Leôa.

Willekens, no emtanto, conseguio romper, mesmo contra o vento e ganhando o morro de S. Paulo que fica a doze leguas da cidade do Salvador, poz-se a capear ao largo, á espera de Van Dorth, esperando tambem, diz Southey, «que esta demora diminuisse a inquietação que causara o seu apparecimento, suppondo os portuguezes que elle teria vindo alli arribado.»

Diogo Furtado, no emtanto, por melhores que fossem as suas intenções, achava-se impossibilitado para offerecer uma resistencia efficaz: na cidade apenas havia uns tres mil homens d'armas; e tendo o governador convocado dos arredores todos os da ordenança, embaraçou-o o bispo D. Marcos Teixeira que começou a incitar o povo a desobedecel-os, pregando a desnecessidade de reunir na cidade tanta tropa, isto por questiunculas de amor proprio e conflictos de jurisdicção.»

No dia 8 de Maio de 1824 foram avistadas as velas hollandezas, sendo immediatamente tocado rebate na cidade.

A' vista do numero das naus reconheceu então o bispo quão levianamente procedera hostilisando o governador e como prova de sincero arrependimento offereceu a D. Diogo Furtado os seus proprios serviços pessoaes com os de sua casa e de seu clero e armados todos os clerigos começaram logo a montar guarda, com grande satisfação de D. Diogo, que por sua parte se offereceu a sustentar á sua custa todos os que precisassem desse auxilio, sómente para que ninguem abandonasse a cidade.

Na madrugada do dia 9 os hollandezes forçaram a barra, passando longe do alcance do canhão dos fortes, e cinco navios fundearam defronte de Santo Antonio, emquanto os demais, com a almiranta, seguiram até pôr-se em linha de fronte da cidade, sendo esta intimada pela mesma almiranta com um tiro de polvora secca que os de terra responderam com balas de artilharia e de fusilaria.

Então os hollandezes assestaram a sua artilharia contra o forte do mar e contra a cidade e começou o bombardeio.

Dentro da bahia achavam-se uns quinze navios portuguezes, cujas tripolações logo os abandonaram no

começo da acção, depois de lançar-lhes fogo que os inimigos conseguiram extinguir em oito delles.

Em seguida atacaram o forte e facilmente se apoderaram delle, pois a guarnição portugueza não chegou a ferir as ultimas pederneiras de seus mosquetes, e fugiu tomada de panico. O assalto ao forte foi commandado por Pieter Heyn, que foi o segundo a galgar-lhe as trincheiras, e nesta acção os hollandezes perderam unicamente quatro homens.

Considerando Pieter Heyn que a sua gente estava extenuada, e que o forte ficava ao alcance dos tiros da praia, encravou as peças e regressou para a esquadra.

Nesse interim mil e duzentos soldados hollandezes, sob o commando de Alberto Schouten, desembarcaram perto do pontal do forte de Santo Antonio, apoderaram-se do forte e marcharam sobre a cidade sem encontrar quem lhes embargasse a passagem, embora fosse empreza de facil execução, pelos muitos desfiladeiros que existem no caminho. Assim marcharam até a noite, alojando-se em S. Bento, extra-muros.

Os moradores da Bahia, sabendo acharem-se tão proximos os inimigos, tomaram-se de um panico indescriptivel e fugiram, levando comsigo os objectos de valor. O bispo foi um dos primeiros, apezar do arreganho com que se apresentára para montar guarda.

Os fugitivos marcharam até o rio Vermelho, e como o rio não era vadeavel, ahi se arrancharam, emquanto os hollandezes, penetrando na cidade, aprisionavam o governador Diogo Furtado de Mendonça, seu filho Antonio de Mendonça, o ouvidor geral Pedro Casqueiro, o sargento-mór Francisco de Almeida, o provincial dos jesuitas, quatro frades dessa ordem, mais quatro irmãos destes, que todos foram enviados para Amsterdam, e assenhorearam-se completamente da cidade, tratando logo de entrincheirarem por meio de fossos, parapeitos e artilhando baterias, depois do que lançaram uma proclamação convocando os habitantes a regressar ás suas casas, sob a garantia da maior tolerancia religiosa, liberdade de commercio e respeito á propriedade — chamado esse ao qual poucos acudiram.

Governo interino da Bahia pelo desembargador Antnio de Mesquita de Oliveira. — Tendo sido feito prisioneiro o governador, entenderam os fugitivos do rio Vermelho que podiam abrir as vias de successão, pelas quaes se soube achar-se designado Mathias de Albuquerque para o cargo de governador geral; como este, porém, se achava em Pernambuco, fizeram uma eleição, e recahiu a escolha no desembargador Antonio Mesquita de Oliveira, que tomou o titulo de *Capitão-mór do Reconcavo*, sendo logo deposto pelos officiaes da camara, que escolheram para substituil-o no exercicio de tal cargo o bispo D. Marcos Antonio Teixeira, e para coroneis da milicia os brazileiros Antonio Cardoso de Barros e Lourenço Cavalcanti.

Governo interino da Bahia pelo bispo D. Marcos Ferreira. — Logo que foi empossado no cargo de Capitão-mór do Reconcavo, ordenou o bispo que seiscentos homens, divididos em vinte e sete guerrilhas, ou companhias de emboscada, de vinte e cinco a quarenta individuos cada uma, se approximassem da cidade, ás ordens dos dois coroneis brazileiros Baaros e Cavalcanti, ficando o primeiro incumbido do districto de S. Bento e outro do districto do Carmo, unicos pontos pelos quaes a cidade era accessivel, por causa do dique, incumbindo-se o proprio bispo, com os demais soldados, em numero superior a mil, de se approximarem tambem da cidade, fortificando-se á margem do Rio Vermelho. Assim o fez e para a construcção das trincheiras dobradas « sendo o primeiro que, para as fazer, tomou a enseada e cesto. »

As companhias de emboscada approximaram-se da cidade, e em algumas investidas mataram ou aprisionaram alguns inimigos. Van Dorth foi morto em um ataque dirigido por Francisco Padilha e dias depois cahiu em uma cilada o commandante do forte de Itapagipe e foi feito prisioneiro.

Affonso Rodrigues Adorno e Perode Campos armaram tambem aos inimigos uma cilada na ilha de Itaparica, com a qual se apoderaram de duas lanchas e cinco roqueiras, e o já mencionado Padilha armou outra, na qual falleceu Van Dorth,

Governo da Bahia de Francisco Nunes Marinho. — Inteirado Mathias de Albuquerque do que se passava na Bahia, e sabedor de que se achava interinamente investido do cargo de governador geral da Bahia, mandou pelo capitão-mór a este Francisco Nunes Marinho, com algum soccorro de munições e poderes para que o seu mando se estendesse tambem a Sergipe, Ilhéos e Porto Seguro.

D. Marcos Teixeira fez-lhe entrega do governo, fallecendo pouco depois.

Nunes Marinho foi bem succedido em algumas investidas feitas para o lado do Carmo, Itaparica e ilha de Itaparica.

Marinho governou apenas tres mezes a Bahia, sendo substituido pelo pernamhucano Francisco de Moura, que chegou de Portugal com poderes especiaes para administrar o Reconcavo e organisar o ataque decisivo aos hollandezes.

Governo especial de D. Francisco de Moura. — D. Francisco de Moura trouxe á Bahia a noticia de que na Hespanha se equipava uma grande esquadra com um corpo de oito até doze mil homens de todas as tropas, sendo tambem portador de um auxilio de cento e cincoenta homens de guerra, tresentos arcabuzes apparelhados, cincoenta quintaes de polvora, dez de morrão, vinte e nove de chumbo em pão e cento e cincoenta fôrmas para fazer pelouros.

Em Pernambuco recebeu mais D. Francisco de Moura seis caravellões e oitenta mil cruzados mais de novos provimentos.

O que succedeu de importante na Bahia após a chegada de D. Francisco de Moura, será tratado no capitulo seguinte, pois já pertence ao periodo da governação de Mathias de Alburquerque.

Captura de Frei Vicente do Salvador pelos hollandezes. — Não podemos deixar de inserir neste nosso modesto trabalho o que succedeu a frei Vicente do Salvador durante essa epocha, pois deve-nos interessar tudo o que se refere a vulto tão eminente como o illustre franciscano, que escreveu a *Historia Geral*.

Queremos falar de sua captura pelos hollandezes, e no seu proprio livro iremos tomar a narração do episodio.

« Quando os hollandezes tomaram a Bahia acharam trinta navios ancorados, alguns ainda ancorados, alguns ainda carregados com as fazendas que trouxeram do Reino, outros de assucar, já para partirem, outros de farinha da terra e outros mantimentos para Angola, os quaes todos tomaram descarregando-os nos seus, em suas loges, escolheram os melhores para os armarem, e servirem delles; e aos mais metteram no fundo, e fóra este lhes vieram depois a cahir nas mãos mais um vinte porque como este porto é de tanto commercio, e vem a elle de partes tão remotas, que nem d'ahi a quatro mezes se póde nellas saber como estava impedido, por si se vinham entregar e ancorar entre os inimigos, com quanto lhes era necessario de farinha de trigo, biscouto, azeite, vinho, sedas e outras ricas mercadorias, e por remate lhes veio um do Rio da Prata carregado dellas em que vinha D. Francisco Sarmento, que servido em Potosi de carregadar e trazia mulher, filhos, um genro e um neto, que todos recolheu o coronel em sua casa depois de roubados, e lhes deu mesa e vestidos.

« Entre estes navios tomados foi logo dos primeiros mm dos padres da companhia, em que costumam visitar os collegios e casas que têm por esta costa e n'esta occasião vinha ao Rio de Janeiro o padre Domingos Coelho, seu provincial, que ia já acabando e o padre Antonio de Mattos, que lhe havia de succeder e outros padres e irmãos da Companhia, que por todos eram dez.

Vinham tambem quatro religiosos de S. Bento e eu e meu companheiro da Ordem do nosso padre S. Francisco : amanhecemos aos vinte e oito de Maio da dita éra de mil seiscentos e vinte e quatro na ponta do morro de S. Paulo, que é por onde se entra na primeira bocca da bahia, onde vimos duas lanchas e uma náu que se vieram a nós e brevemente ferraram do navio por vir desarmado e se senhorearam de nós e de quanto trazia que era caixões de assucar, marmeladas, dinheiro e outras cousas de encommendas de passageiros que nelle vinham e nos trouxeram para o porto, d'onde nos repartiram pelas suas náus de dois em dois, e de quatro em quatro, e assim estivemos até o fim de Julho qua o seu general se partio com onze náus para as Salinas e o almirante com cinco e dois patachos para Angola e juntamente partiram quatro em direitura carregadas de assucar para a Hollanda em que mandaram o governador D. Diogo

de Mendonça Furtado, com seu filho e o ouvidor geral Pero Casqueiro da Rocha e o sargento-mor e tambem os padres da Companhia e os de S. Bento e a nós deixaram para nos trocaram pelos seus, que estavam captivos dos assaltos, sobre o que andava um portuguez, morador na terra, que fallava a lingua flamenga, o qual depois acharam que lhe era tredo e os enganava, pelo que o prenderam e o enforcaram com um irmão seu e um mulato que os acompanhava e a nós se ficaram dilatando as esperanças da nossa liberdade, de tal sorte que meu companheiro, por melhor, arriscou-se a ir a nado, o que eu ainda que quizera não podia fazer, porque quem não sabe nada vae-se ao fundo e assim estive na prisão do mar quatro mezes, os quaes passados me pedio Manoel Fernandes de Azevedo, um dos moradores portuguezes que ficaram na cidade e concederam que viesse para sua casa e pudesse andar em sua companhia pela cidade, comtanto que não chegasse aos muros e fortificações, d'onde me occupei em confessar os portuguezes, em fórma que nenhum morreu sem confissão como até este tempo morriam, mas não eram muitos, porque todos os que se quizeram ir deram licença e tres navios em que se foram, um para Pernambuco e dois para o Rio de Janeiro, nos quaes foram tresentas pessoas. os mais delles gente do mar e passageiros dos naaios que tomaram, tambem fugiram muitos para o nosso arraial, para onde lhes não queriam dar licença e de lá se veio para elles uma mulher casada, fugindo a seu marido com uma filha formosa que o coronel casou com um mercador hollandez e lhes fez grandes festas em seu recebimento de musicas, danças e banquetes que duraram tres dias.

« Aos mais portuguezes que ficamos, davam ração como aos seus de pão, vinho, azeite, carne, peixe cada semana; e as obras que lhes faziam alguns, que eram alfaiates e sapateiros, e camisas que as mulheres faziam, pagavam muito bem (1). »

---

(1) Frei Vicente do Salvador.—*Historia do Brasil.*

CAPITULO X

GOVERNO GERAL DE MATHIAS DE ALBUQUERQUE

Mathias de Albuquerque, que pelas vias de successão deixadas por Diogo de Mendonça Furtado, foi designado para exercer interinamente o cargo de governador geral do Brazil, vio esta nomeação confirmada pela metropole pelo correr do anno de 1624, sendo-lhe permittido tambem pela côrte residir em Pernambuco.

O portador destes despachos trouxe a Francisco Coelho de Carvalho que estava nomeado governador do Maranhão, e já em viagem para este ponto, que se detivesse em Pernambuco com a gente que levava. Tambem foi intimido Martim de Sá, governador do Rio de Janeiro a acudir a Bahia com quanta gente e mantimentos pudesse.

Descuidos dos hollandezes na Bahia — A recuperação da Bahia deve-se em parte attribuir á enganosa segurança em que se julgavam os hollandezes, já pela força de que dispunham, já pelos actos de manifesta cobardia que os portuguezes deram prova ao apossarem-se as batavos da velha capital brazileira.

Tanto é assim que, conforme vimos no capitulo anterior, pela narração de frei Vicente do Salvador e Willekens julgou poder retirar-se da Bahia e seguir para Angola com onze naus e Pieter Hein, suppondo igualmente ser desnecessaria a sua presença neste ponto desamparou-o, fazendo-se de vela com outras cinco naus para umas salinas.

Enfraquecendo-se por tal fórma alimentavam a esperança de que em breve lhes chegaria de Hollanda um poderoso reforço com o qual pudessem transpor as muralhas da cidade e proceder á occupação effectiva da capitania da Bahia, cujos rendosos engenhos tanto cubiçavam.

Os acontecimentos vieram demonstrar-lhes quão imprudentemente praticavam assim procedendo.

Impressão causada na Peninsula Iberica pela perda da Bahia.—Grande abalo produziu em

Portugal e Hespanha a tomada da Bahia pelos Hollandezes, reconhecendo então Philippe IV e Olivares, seu primeiro ministro, quanto lhes teria sido vantajoso, si, attendendo ás repetidas reclamações dos governadores do Brazil, dispensassem á fortificação desta colonia mais desvelos e dinheiro.

Comtudo tratou Philippe IV de recuperar o que tão levianamente havia perdido, já organizando em Hespanha uma poderosa esquadra, já estimulando o patriotismo e brios cavalheirescos dos fidalgos portuguezes.

A estes dirigiu-se o soberano nos seguintes termos:

« Não duvido que taes vassallos em tal occasião por me servirem se sacrifiquem, e que mais necessidade haverá de contel-os que não embarque, do que de incital-os a fazerem-n'o. Pois, por minha fé, tanto os amo e estimo que me alegrara de arriscar na jornada minha propria pessoa, provando-lhes o meu desejo não só de conservar essa corôa, mas de augmental-a e engrandecel-a, como taes vassallos merecem.»

Como era de esperar, taes palavras, partidas d'aquelle a quem, embora submettida a nobreza lusitana, esta considerava como um suzerano pouco affectuoso, encheu de satisfação todas as almas, já por exprimirem uma consideração pouco vulgar, já pela confiança que o rei, por ellas transformado de usurpador em soberano cheio de paternaes cuidados pelos seus subditos, demonstrava ter na coragem e nobres sentimentos dos fidalgos portuguezes.

Assim um batalhão dos nobres e á porfia se disputavam logares nelle, chegando a alistar-se como simples soldados os mais importantes personagens da fidalguia portugueza, taes como D. Affonso de Noronha, que já tinha exercido o cargo de vice-rei na India.

Tão pouco se poupou dinheiro para a expedição: o presidente da camara da cidade de Lisboa deu da renda da mesma cem mil cruzados, o duque de Bragança contribuiu com vinte mil cruzados, o duque de Caminha com dezeseis mil e quinhentos cruzados, o duque de Villa Hermosa, presidente do conselho de Portugal com dois mil e quatrocentos, o marquez de Castello Rodrigo com mil trezentos e cincoenta cruzados, D. Luiz de Souza, ex-governador do Brazil, com tres mil e tresentos cruzados e trinta moios de trigo

para biscoutos, o conde de Castanheira com dois mil, D. Pedro de Alcobaça com mil e quinhentos, Francisco Soares com mil, os filhos de Heitor Mendes com quatro mil, o arcebispo de Lisboa com dois mil, o arcebispo primaz com dez mil, o arcebispo de Evora com quatro mil, o bispo de Coimbra com quatro mil, o bispo de Guarda com dois mil, o bispo do Porto com mil e quinhentos, o bispo do Algarve com mil e muitos outros fidalgos e eclesiasticos que concorreram com menores quantias. Os mercadores portuguezes de Lisboa entregaram para o mesmo fim trinta mil cruzados, os italianos quinhentos e os allemães dous mil e cem cruzados.

A esquadra portugueza.—Tratou-se pois de apparelhar a esquadra que se compoz dos galeões *S. João Sant'Anna* e *Conceição*, das naus *Caridade*, *Nossa Senhora do Rozario*, *Nossa Senhora da Ajuda*, *Nossa Senhora do Rosario-Maior*, *Nossa Senhora do Rosario Menor*, *Nossa Senhora das Neves*, *S. João Evangelista*, *Nossa Senhora da Boa Viagem*, *Senhor Bom Homem*, da naveta *Santa Cruz* e de mais alguns patachos e caravellas, ao todo vinte e seis embarcações, das quaes dez eram do Porto e Vianna e as mais de Lisboa.

A esquadra hespanhola.—A armada preparada em Hespanha para reunir-se com a portugueza, afim de tentar a recuperação da Bahia, compunha-se de trinta e duas naus. Para generalissimo das duas esquadras e de terra, nomeado D. Frádique de Toledo e para almirante D. João Fajardo.

Quatro desses navios eram commandados pelo marquez de Coproni e transportavam um grande contingente de napolitanos.

Os reforços de Pernambuco e Rio de Janeiro.—O reforço que Mathias de Albuquerque conseguiu em Pernambuco, foi confiado a Jeronymo de Albuquerque Maranhão e o que reuniu o governador do Rio de Janeiro foi entregue a seu filho Salvador Correia de Sá.

Este, na viagem que fez, tocou no Espirito Santo, onde auxiliou o respectivo capitão mór Francisco de Aguiar Coutinho a repellir alguns navios hollandezes que ahi haviam aportado, sendo os mesmos forçados a se fazerem ao largo com algumas perdas.

Viagem da esquadra libertadora.—As duas esquadras hespanhola e portugueza, que se propunham libertar a Bahia do jugo hollandez, reuniram-se em Cabo Verde em começos de Fevereiro de 1625, tendo a portugueza, na travessia para o archipelago de Cabo Verde, perdido o galeão *Conceição*, com cento e cincoenta soldados.

A onze de Fevereiro partiram as armadas de Cabo Verde e a 29 de Março chegavam á Bahia, com a perda da nau *Caridade* que se partira de encontro aos recifes da Parahyba do Norte.

Recuperação da Bahia.—Tanto portuguezes e hollandezes, consoante os desejos que alimentavam, sentiram-se esperançados ao verem surgir as velas no horisonte, pois uns e outros julgavam ser ellas as que aguardavam.

Pouco durou no emtanto a illusão para os hollandezes; e por isso assim que perceberam a verdadeira nacionalidade da esquadra que entrava fizeram a sua coser-se com a terra e metteram ao fundo tres navios mercantes para com elles obstruirem o canal, ao mesmo tempo que a armada de D. Fradique adiantando-se pela bahia dispunha-se em semi-circulo e tomava toda a enseada da cidade.

Trouxeram os hollandezes para a cidade todos os portuguezes que se achavam a bordo, intimando-os a não sahirem das casas em que os recolheram; levaram para o Collegio e outros pontos alguma artilharia e evacuaram o forte de S. Philippe, situado a uma legua da cidade, entendendo serem de mais necessidade nesta os sessenta homens que o guarneciam.

Neste interim os da esquadra libertadora foram desembarcando junto ao forte de Santo Antonio, em numero de dois mil castelhanos, commandados por D. Pedro Ozori e D. João de Orelhana, mil e quinhentos portuguezes dirigidos por D. Francisco de Almeida e Antonio Muniz Barreto, e quinhentos napolitanos ás ordens de Marquez de Torrecusa.

O general collocou no quartel de S. Bento a Pedro Ozorio, D. Francisco de Almeida e Marquez de Torrecusa, cada um com o seu terço, perfazendo um total de dois mil soldados, e elle proprio passou-se ao Carmo com as mais forças depois de enviar artilharia para as que se achavam em S. Bento.

Contra esses dois mil homens que occupavam S. Bento mandaram os hollandezes a 2 de Abril tresentos mosqueteiros travando-seu ma batalha durou duas horas. Os hollandezes foram attrahindo o inimigo até ficar este ao alcance de sua artilharia, com o que mataram oitenta entre os quaes D. Pedro Ozorio e feriram a muitos.

Exasperados os chefes das forças libertadoras com este revez, assestaram no dia seguinte a artilharia contra a cidade e começaram a bombardeal-a.

De noite os hollandezes reparavam os estragos feitos no muro, não cessando no emtanto de hostilisar o inimigo. Entre outros expedientes lançaram uma noite duas naus a chammejar, e estas puzeram em grave risco a capitánea da esquadra portugueza e a almiranta da esquadra do Estreito.

D. Fradique, como vimos, alojou-se no Carmo onde logo assentou uma possante bateria e a 9 de Abril começou a bombardear a esquadra inimiga que lhe ficava fronteira, damnificando-a extraordinariamente com os pelouros, e chegando a metter a pique a maior de todas as naus hollandezas e não era só nas embarcações hollandezas que as balas da artilharia libertadora faziam estrago, na cidade furaram o muro e a porta e derribaram muitas casas.

Além destes contratempos começou a reinar a discordia no campo hollandez; alguns mercenarios francezes que com elles se achavam tentaram por-lhes fogo á polvora, sendo no emtanto descobertos em tempo. Pouco depois a soldadesca revoltou-se contra o coronel Alberto Schoppe e o depoz, substituindo-o pelo capitão Kijf.

Entrementes recrudescia o bombardeio por parte das tropas libertadoras e vendo-se os hollandezes debilitados pela escassez de viveres e munições, assim como desenganados sobre a chegada de qualquer auxilio, capitularam, obrigando-os D. Fradique a tomar o seguinte compromisso:

Entregar a cidade com toda a artilharia, armas, bandeiras, munições, petrechos, bastimentos e navios que estivessem no porto, bem como todo o dinheiro, ouro, prata, joias, mercancias, utensilios, escravaria e tudo o mais que houvesse na cidade e nos navios;

Restituir todos os prisioneiros;

Não tomarem os vencidos armas contra a Hespanha até chegarem á Hollanda;

A entrega naquella mesma noite de uma das portas da cidade, recebendo em troco refens a contento.

Sobre isto lhes garantia o generalissimo hespanhol voltarem impunemente para a Patria com toda a sua roupa em embarcações que lhes daria com mantimentos para tres mezes e meio e armas com que se defendessem depois de deixar o porto; não podendo usar destas emquanto ahi estivessem, excepto os officiaes que levariam espada.

Estas capitulações foram assignadas em 1° de Maio de 1625, entrando immediatamente as forças libertadoras na cidade.

A' vista do pouco trabalho que D. Fradique teve para recuperar a Bahia, lembraram-se alguns da esquadra que este general podia parodiar desta forma a phrase de Cezar : *Cheguei, vi e Deus venceu.*

A esquadra de Hendrikson.—Vinte e tantos dias depois que os hollandezes capitularam appareceram á barra da Bahia trinta e quatro navios hollandezes commandados pelo almirante Hendrikson que vinha soccorrer os seus compatriotas.

Informado da capitulação dos mesmos ainda assim entrou no porto como que provocando os hespanhóes e portuguezes e depois fez-se ao largo, sem que D. Fradique se animasse a perseguil-o.

Essa esquadra foi aportar á Bahia da Traição afim de fazer aguada, abandonando-a em 1° de Agosto por approximar-se uma força enviada por Mathias de Albuquerque.

Guerra aos Potyguares da Copahoba.—A occupação da Bahia pelos hollandezes fez com que se sublevassem muitas cabildas de indios Potyguaras que viviam á beira mar e até as de logares mais centraes, como as da Serra da Copahoba, na Parahyba do Norte, as quaes, rebellando-se, mataram logo dezoito homens brancos seus visinhos e lhes captivaram seis donzellas e alguns meninos.

Forçou-os a se entregarem Gregorio Lopes que os encontrou asylados pelas Tapuyas, sendo morto a cutiladas o indio Taquarassú, um dos principaes, e escravisados os outros que foram distribuidos aos soldados, como premio aos seus serviços.

A 7 de novembro de 1626 terminou o seu governo Mathias de Albuquerque, e o seu elogio vamos buscal-o em um escriptor coevo, frei Vicente do Salvador, que o conheceu de perto e no seu governo termina essa bella *Historia do Brasil* que escreveu com tanto encanto, verdade e observação:

« Foi Mathias de Albuquerque todo o tempo que serviu, assim de capitão-mór de Pernambuco, como de Governador Geral do Brasil, que foram sete annos, sempre muito limpo de mãos, não aceitando cousa alguma a alguem, nem tirando officios para dar a seus criados. Nas occasiões de guerra e do serviço de Sua Magestade foi muito diligente, não se poupando, nem de noite ao trabalho: nunca quiz andar em rêde, como no Brazil se costuma, sinão a cavallo ou em barcos, e quando nestes entrava não se assentava, mas em pé os ia elle proprio governando. Tinha grande memoria e conhecimento dos homens, ainda que dos navios uma vez vinham áquelle porto, tornando outra d'ahi a muito tempo. Antes de chegar o mestre dizia cujos eram, e vez houve que vindo um com o mastro mudado, vendo-o de mui longe com o oculo, disse: « Aquelle é tal navio, que aqui veiu ha um anno, mas traz outro mastro »; e assim o affirmou o mestre depois que chegou, sendo perguntado.»

Em 1626, isto é, na vespera da conquista de Pernambuco e subsequente dominação do Brasil pelos hollandezes, desde o Maranhão a Sergipe, o Brasil já denuncia o grande paiz que veiu e ainda ha de vir a ser.

O povoamento estendeu-se até o Pará na facha do littoral; a renda da costa vai chamando a civilisação para cada reentrancia que offereça abrigo aos navios; o Amazonas, o S. Francisco, o Parahyba, o Tieté encaminham o europeu para o sertão; surgem os primeiros arraiaes na raiz das serras que beiram o planalto. O progresso material do Brasil é palpavel.

As lettras, no emtanto, não têm ainda obreiros ori-

ginaes. Apenas nesse periodo vemos um escriptor distincto — frei Vicente do Salvador, o velho autor da *Historia do Brasil*, obra que ainda hoje se lê com satisfação. Arte não existe ainda, embora o zelo religioso levante igrejas e mosteiros por toda a parte; os mestres de obras boçaes são os unicos architectos dessa epocha.

Em compensação o luxo é excessivo, porém sem gosto, preoccupando-se sómente com a ostentação de sedarias caras e joias de grande peso metallico.

FIM DA SEGUNDA EPOCHA

TERCEIRA EPOCHA

Phase de agregação ethnica

1630 - 1632

TERCEIRA EPOCHA

Phase de agregação ethnica
1630 — 1632

Dividimos esta terceira epocha da historia patria em dois periodos : o primeiro vai do momento em que Diogo Luiz de Oliveira é empossado no cargo de governador geral do Brasil, quatro annos antes de começar a memoravel pugna com os hollandezes em Pernambuco, até passar novamente o Brasil ao dominio de Portugal, pela revolução de Lisbôa de 1640 ; o segundo periodo começa ao ser acclamado D. João IV e vai até 1661, ao assignar-se na cidade de Haya o tratado de paz definitiva entre Portugal e a Hollanda. O primeiro periodo assignala a phase da invasão estrangeira : o hollandez apodera-se de todas as capitanias septentrionaes desde Maranhão até Sergipe ; o segundo periodo é caracterisado pela reacção exercida pelos povos que occupavam o sólo. Durante elle o flamengo vai pouco a pouco sendo expulso dos pontos que havia usurpado, até que afinal abandona o Recife, seu primeiro e ultimo reducto.

Enche-se pois completamente da guerra hollandeza esta terceira epocha da historia patria, e todas aquellas regiões que se conservam alheias á grande lucta, isto é, o Pará e o Amazonas ao norte e de Porto Seguro para o sul furtam-se á evidencia historica nesse momento, ou por outra, jazem na penumbra, apenas denunciadas pela massa confusa de factos pouco importantes.

Comtudo, não esmorecem as causas que haviam inaugurado o bandeirismo e, por conseguinte, o devastamento dos sertões, que se começou a fazer de um modo systematico na epocha anterior, continúa a praticar-se com mais ou menos ardor, principalmente pelos colonos de S. Vicente que possuem o magnifico roteiro indicado pelo curso do Tieté, seguindo o qual se intrometterão até os campos da Vaccaria e do Viamão.

Todavia a guerra hollandeza é o facto que verdadeiramente impressiona na historia desse periodo, não só pela extensão da área geographica em que a mesma se desenvolveu, como por haver esse grande conflicto promovido a approximação das tres raças que viviam no paiz, acontecimento que, permittindo a fusão dos diversos typos ethnicos, facilitará pouco depois a formação da nacionalidade brasileira.

Primeiro periodo

CAPITULO I

O BRASIL SOB O GOVERNO DE DIOGO LUIZ DE OLIVEIRA, ANTES DA INVASÃO DE PERNAMBUCO PELOS HOLLANDEZES.

Diogo Luiz de Oliveira, nomeado governador geral do Brasil, em substituição a Mathias de Albuquerque, partiu de Lisbôa em 25 de agosto de 1626, e aos 7 de novembro do mesmo anno chegava a Pernambuco.

Como trouxesse ordem da metropole para não se deter por muito tempo no Recife; apenas ahi se demorou quatro dias, e depois passou-se á Bahia, sem ter podido castigar, como pretendia, um aventureiro hollandez que em navio bem armado atacára na barra de Goyana uma embarcação portugueza carregada de assucar.

Os successos de mais importancia occorridos no Brasil desde 1626, anno em que Diogo Luiz de Oliveira é empossado no cargo de governador geral, até a tomada do Recife e Olinda, em 1630, pelos hollandezes, são os que, em continuação, passamos a narrar.

Pieter Heyn na Bahia.—Aos 3 de março de 1627 apresentou-se outra vez na Bahia o atrevido almirante batavo Pieter Heyn, homem que de simples marinheiro chegára pelos seus meritos a alcançar um dos primeiros postos na armada hollandeza.

Pieter Heyn entrou na Bahia com treze navios, a pezar das novas muralhas que defendiam a cidade e mais de quarenta canhões que nestas se haviam assentado.

Atacou a frota de vinte e um navios que se achava no porto, entre os quaes quatro de guerra, e, collocando ousadamente a sua náu entre dois dos principaes navios

da esquadra, conseguiu metter a pique a sota-capitánea e aprisionar muitos navios mercantes que se achavam carregados de assucar.

Commettida esta proeza ainda Pieter Heyn permaneceu no porto durante vinte e quatro dias e depois velejou para uma enseada visinha de Cabo Frio, onde fez aguada; voltou de novo á Bahia a 10 de junho e ahi ainda aprisionou dois barcos mercantes que estavam fundeados em Itapagipe.

A 14 de julho de 1627 Pieter Heyn, depois de ter assolado o Reconcavo, resolveu abandonar a Bahia e voltar á Europa, levando vinte e quatro vasos de guerra.

Captura dos galeões de D. Juan Benevides por Pieter Heyn. — A 9 de setembro de 1628 o venturoso Pieter Heyn, que tinha partido para uma nova expedição nos mares americanos, atacou D. Juan Benevides, que voltava á Hespanha, e tomou-lhe varios galeões que continham o valor de nove mil milhões de cruzados, pouco mais ou menos, capital este com o qual a Companhia das Indias poude restabelecer os seus fundos, um tanto abalados com o mallogro da primeira tentativa sobre a Bahia.

Companhia de navegação e commercio da India, Mina e Guiné. — As repetidas investidas dos hollandezes sobre o Brasil e as noticias propaladas na Peninsula Iberica de que se organisavam nos Paizes Baixos novas expedições com identicos fins, fez com que a metropole procurasse fundar a *Companhia de Navegação e Commercio da India, Mina e Guiné*, que deveria oppôr-se á *Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes*.

Essa idéia, porém, não vingou, pois a referida companhia nunca chegou a organisar-se.

O real d'agua. — Tambem por esses tempos teve logar a creacção do imposto chamado *real d'agua*, estabelecido com o fim de levantar capitaes para a defesa da colonia.

Esse imposto, que só mais tarde começou a ser cobrado, consistia no tributo de um real por libra de carne ou canada de vinho que se vendesse para o consumo.

A abolição da Relação. — A occupação da Bahia pelos hollandezes determinou á metropole abolir o tribunal da Relação, ficando outra vez colonial a justiça, a cargo dos ouvidores.

« Estes deviam residir na capitania em que estivesse o governador, salvo si o serviço exigisse que passassem a outra e o governador os mandasse. No logar em que um estivesse, e cinco leguas em redor, conheceria por acção nova, com alçada no civel até cem mil réis, e d'ahi para cima com appellação para a Casa da Supplicação de Lisbôa. Dentro da mesma alçada conheceria das appellações e aggravos que interpuzessem os capitães-móres, cuja alçada se reduzira a vinte mil réis, em vez de cem que lhes havia sido concedida pelas doações. No crime teria alçada até morte natural nos escravos, gentios e peões ; mas a pena de morte não seria executada sem haver outro voto mais conforme, ou do governador ou do provedor-mór. Em pessoas de mór qualidade teria alçada até cinco annos de degredo e cincoenta cruzados de multa. Só poderia proceder contra os capitães das outras capitanias, havendo parte queixosa. Não a havendo, concorde o governador, poderia emprazal-os para a Côrte, afim de responderem perante o corregedor do crime. Quando se achasse em outra capitania, conheceria nas causas crimes, ficando suspensa, durante a sua residencia nella, a alçada concedida aos capitães em suas doações. Em todo caso, para elle deveriam appellar os capitães e ouvidores, nos casos superiores á sua alçada, tambem reduzida. No logar onde estivesse e até quinze leguas ao redor poderia avocar os feitos, procedendo nelles conforme a sua alçada. Quando fosse ás outras capitanias, devia, sem proceder a processo ou inquirição em fórma, tomar conhecimento do procedimento dos capitães respectivos, promovendo igualmente a respeito das faltas das camaras das villas. As sentenças seriam dadas em nome do rei, e com os competentes sellos das chancellarias. Não deveria ser suspenso pelo governador, e em caso de culpa só poderia ser autoado e enviado á presença do rei. »

Depois de abolida a Relação dois desembargadores ainda ficaram no Brasil ; um foi Antão de Mesquita que ficou exercendo o cargo de ouvidor-geral, o outro foi Diogo de S. Miguel Garcez, nomeado provedor-mór de defuntos.

As explorações dos paulistas.—Em demanda de indios proseguem nesta epocha os paulistas nas suas explorações pelo sul do Brasil, chegando até a margem

esquerda do Paraná, apezar das prohibições da côrte que comminava penas severas aos contraventores.

Esses aventureiros atacaram as Missões da Encarnacion, nas cabeceiras do Tibagy, as de Villa Rica do Espirito Santo nas do Rio Ivahy e outras estabelecidas pelos jesuitas nos terrenos que ficam ao sul do Tieté, região que tinha o nome de *Provincia de Vera*. Tambem atacaram a Missão de Guayra, de onde trouxeram cerca de quinze mil indios.

Os jesuitas protestaram com vehemencia contra essas invasões. Debalde o fizeram, no emtanto, pois as « bandeiras » ainda por muito tempo continuaram a devassar o sertão em busca de escravos indios.

Capitanias do sul.—Martim de Sá, governador do Rio de Janeiro, providencia nessa epocha sobre a construcção das fortalezas da barra e se abastece de munições de guerra, temendo insultos dos flamengos á sua capitania.

Dá esse mesmo governador as primeiras sesmarias nos Campos dos Goytacazes, sendo elle o primeiro que teve ideia da fundação de um hospital de lazaros no Rio de Janeiro.

Na Ilha Grande, na Ilha de S. Salvador e na costa fronteira progride a colonisação e na villa de Angra dos Reis dá-se principio á construcção de uma nova igreja de pedra (1626).

Nas capitanias intermediarias do Espirito Santo, Porto Seguro e Ilhéos nada se verifica de importante.

Estado do Maranhão.—Os acontecimentos de maior vulto que se produziram nas capitanias que constituiam o novo estado do Maranhão foram os seguintes:

Martim Soares, no Ceará, resistiu aos assaltos feitos nessa região, pelos hollandezes, em 1624.

No Pará, o custodio frei Christovão de Lisbôa, chegado de Portugal em fins de abril de 1625, promoveu o recrutamento de grande numero de indios que deviam auxiliar os portuguezes na expulsão alguns de hollandezes e inglezes, que sob o mando de seus chefes Hosdan e Porcel ainda occupavam dois postos no Xingú e nos Tucujús. Essa empreza foi levada a effeito com exito feliz, sendo commandante da expedição o capitão Pedro Teixeira que levou por auxiliares os pernambucanos Pedro da Costa Favella e Jeronymo de Albuquerque.

O mesmo frei Christovão de Lisbôa havia apresentado em camara um alvará que trouxera da metropole, pela qual esta confiava exclusivamente á Ordem dos Franciscanos a administração das aldeias de indios, privando assim os moradores de continuar a exploral-os. Este alvará, tendo no emtanto excitado os animos, ficou resolvido que se não désse cumprimento a elle até a chegada do novo governador Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, que já se achava em Pernambuco.

No Maranhão Manuel de Souza d'Eça melhorou a fortaleza de S. Luiz, chamada do Baluarte, que até então era de faxina e nella construiu casas para morada dos governadores.

Bento Maciel, que se passára á Europa conduzindo Jayme Porcel que cahira prisioneiro, offereceu-se em 1625 ao rei para effectuar a conquista do rio Amazonas e seus affluentes, sem onus algum para a corôa; foi aceito o seu offerecimento. « Esta concessão, porém, diz Varnhagen, si é que chegou a receber antes de partir, era-lhe de todo inutil; pois deixava elle de poder cumprir a sua promessa desde que se puzessem em vigor as disposições do mencionado alvará (de 15 de março de 1624), delle só conhecido no mez de maio do anno seguinte, um mez justamente depois de haver feito a sua proposta. »

Manuel de Souza d'Eça, successor de Bento Maciel ordenou duas expedições contra os indios : uma, commandada por Pedro Teixeira, contra os Tapuyassús que habitavam junto ao Tapajós ; outra, contra os Pacajás, commandada por Pedro da Costa Favella.

Em abril de 1623 os hollandezes tornaram a estabelecer-se no Tucujú sob o commando do mesmo Porcel que ahi levantou ou forte quadrado, chamado de Tourege, com barbacã e fosso, que guarneceu com quatro canhões pedreiros e uma peça de artilharia. Contra esse forte seguiu o pernambucano Pedro da Costa Favella commandando trinta e tantos soldados e oitocentos indios ; Favella chegou a emprehender alguns ataques, sentindo-se porém falto de munições recolheu-se a Gurupá. Levou-lhe reforço Pedro Teixeira e ambos partiram para o Tucujú, obrigando o forte a render-se por capitulação, em fins de outubro. Entregando-se outra vez Jayme Porcel, foi-lhe concedida passagem para Lisboa. Os soldados que garneciam o forte, em numero de oitenta, foram distribuidos para o Maranhão e

para Gurupy. Uns tres dias depois da capitulação o capitão hollandez Nort, com grandes soccorros trazidos em dois navios, um patacho e duas lanchas chegava ao Tucujús. Experimentando saltar em terra, soffreu uma perda de quatro homens e com isto reembarcou, indo estabelecerse no forte de Camamú.

CAPITULO II

LUCTAS COM OS HOLLANDEZES

DESDE A TOMADA DE OLINDA ATE A' INVESTIDA CONTRA O CABO DE SANTO AGOSTINHO

(1630 — 1632)

A captura dos opulentos galeões hespanhóes feita pelo audacioso Pieter Heyn, as prezas por este realisadas dentro do porto da Bahia e a convicção firmada em Hollanda de que a perda da cidade do Salvador não fôra determinada pela impossibilidade de conservarem os batavos essa conquista contra as forças hespanholas e portuguezas, porém sim um méro desastre, occasionado pela condemnavel dilação na remessa de soccorros e pela indisciplina plantada nas tropas que a guarneciam, determinaram os hollandezes a commetter novamente a empreza difficil, porém tentadora, de se assenhorearem de um vantajoso ponto da costa brasileira.

Mais do que por occasião de se oganisar a *Companhia das Indias Occidentaes* surgiram condemnações a essa idéa, agora que ella tinha contra si o mallogro da primeira tentativa ; o principe de Orange, no emtanto conseguiu dominar a opposição e a expedição foi resolvida, não já á Bahia, que naturalmente devia achar-se agora bem defendida, porém sim a Pernambuco, que por suas riquezas rivalisava com a capital, e era dos flamengos bastante conhecido pelas informações de Von Noord, Hartmann, Broer e Carden que anteriormente o haviam visitado.

Além disso Pernambuco ficava mais proximo da Europa e a Bahia ainda se sentia das devastações que os mesmos hollandezes nella haviam feito.

Aprestou-se pois nos Paizes Baixos, por ordem do Conselho dos XIX, uma esquadra de cincoenta e seis navios, e deu-se o seu commando geral ao experimentado marinheiro Hendrick Cornelis Loncq, para o

cargo de almirante foi nomeado Pieter Adrianszoon e para o de commandante das forças de terra, Diederick von Werdemburk, fazendo-se de vela a frota com esses commandantes em fins do anno de 1629.

Missão de Mathias de Albuquerque.—Bem informada achava-se a côrte de Hespanha dos aprestos que em Hollanda se faziam com destino ao Brasil, pois não só a infanta D. Isabel, como muitos espiões residentes em Amsterdam e outras povoações batavas communicavam-lhe immediatamente qualquer resolução tomada pelos Estados Geraes ou pelo principe de Orange.

No emtanto, como já acontecêra nas vesperas de ser atacada a Bahia, poucas providencias tomou a metropole, quer pela negligencia habitual do conde duque de Olivares, supremo ministro do soberano de Castella, quer pelas difficuldades em que a Hespanha se debatia nesse momento, angustioso para ella, na qual via na França suas tropas derrotadas por Condé e Turenne, Milão e a Catalunha revoltadas e Napoles transformado em republica pelo arrojo de Mazaniello.

Assim, limitou-se unicamente a despachar Mathias de Albuquerque para o Brasil com a nomeação de *Superintendente na guerra e fortificador das capitanias do norte*, e jurisdicção e mando independentes do governador geral, entregando-lhe no emtanto apenas 27 soldados, quando no emtanto a expedição hollandeza tinha para mais de 7,000 homens.

Mathias de Albuquerque chegou a Jaraguá em 4 de de outubro de 1629 e a 18 do mesmo mez já se achava em Pernambuco, para onde se dirigiu por terra. Logo ao chegar desenvolveu a maior actividade afim de preparar-se para convenientemente receber o inimigo, embora reconhecesse que não dispunha de meios sufficientes.

Fomentou as obras da defesa do porto, providenciou sobre o armamento e disciplina da milicia de terra, que nessa epocha se compunha de tres companhias de linha com cento e trinta praças sómente e mais quatro companhias de milicias em Olinda e uma no Recife, perfazendo todas um total de seiscentos e cincoenta praças.

Organisou duas companhias de marinheiros; ordenou que estivessem de promptidão para o primeiro chamado todos os homens d'armas e indios amigos que residiam na capitania e postou atalaias pelas costas para

que estas dessem aviso por meio de fogueiras collocadas de distancia em distancia, dos navios que se avistassem ao largo.

Em seguida despachou contra os hollandezes de Fernando de Noronha o sargento-mór das milicias Ruy Calaza Borges, o qual conseguiu desalojar o inimigo e tomar-lhe uma lancha e seis roqueiras.

Finalmente, segundo nos transmittem os mais criteriosos historiadores, fez o que estava ao seu alcance, embora para o futuro fosse detractado, sómente por não lhe ter a fortuna sorrido quando o inimigo se apresentou.

Mais ainda :

Logo que soube achar-se em viagem a esquadra hollandeza convocou á capital todos os da Ordenança e em nome do rei concedeu perdão aos homisiados que se apresentassem a tomar armas ; flanqueou os fortes de novas baterias e armou-os de palancas ou palissadas ; fechou por meio de barcos, reunidos ou mettidos a pique, a principal entrada do porto e as suas duas barretas e distribuiu forças pelos diversos portos, fazendo para as mesmas as nomeações dos officiaes subalternos e inferiores.

Estes foram os trabalhos realisados por Albuquerque antes de apresentar-se o inimigo e segundo o valioso juizo do conde da Ericeira « dispuzera tudo o que julgára util para a defensa, porém como havia de animar sessenta leguas de costa... não fôra possivel que o effeito correspondesse á diligencia. »

Tomada de Olinda pelos hollandezes. (16 DE FEVEREIRO DE 1630. — A esquadra hollandeza chegou a Pernambuco a 14 de fevereiro de 1630 e procedendo Loncq á intimação das fortalezas, o escaler que para esse fim enviou foi recebido com cargas de fuzilaria, troando logo de parte a parte a artilharia.

Como operação inicial combinaram os hollandezes atacar no dia seguinte dois pontos differentes ao mesmo tempo, ficando resolvido que Hendrick Loncq tentaria um desembarque no porto do Recife e Werdemburck dirigir-se-ia ás praias situadas ao norte de Olinda.

A tentativa do primeiro mallogrou-se :

Em consequencia dos navios com que Mathias de Albuquerque entulhára a entrada do porto, não poude Loncq approximar-se da praia, sendo além disso muito hostilisado pela artilharia dos fortes.

Melhor sorte teve Diederick von Werdemburk, pois conseguiu desembarcar a sua tropa a tres ou quatro leguas ao norte da cidade, no logar denominado Pau Amarello, onde passou a noite.

Para que os soldados não pensassem na retirada, logo que se effectuou o desembarque Werdemburck mandou reunir á esquadra os dezeseis navios em que tinha levado a tropa, apenas conservando algumas canhoneiras em quaes haviam onze boccas de fogo ao todo.

Suas forças constavam de 1,400 soldados, 300 marinheiros e outros trezentos para o trem. Estas forças estavam dispostas em tres divisões : — a da vanguarda, commandada pelo tenente-coronel Elts, a do centro commandada pelo tenente-coronel Stein Callenfels, a da retarguada commandada pelo major Honcks.

Logo que se divulgou em Olinda a noticia do desembarque dos hollandezes no Pau Amarello estabeleceu-se a desordem na villa.

« Muitos, diz Roberto Southey, que por obediencia ao edicto não se tinham ainda retirado da cidade, não puderam agora resistir ao terror panico que se apoderou d'elles ; as mulheres e crianças fugiram para o campo ; os maridos seguiram as esposas, e os filhos iam atraz para protegerem os pais ; os objectos mais portateis e preciosos eram apanhados ás pressas, e muitas cousas cahiam com a precipitação da fuga. Alguns atiraram-se a roubar as mulheres e as crinças, chegando-se a dizer que os portuguezes soffreram mais da sua propria canalha do que do inimigo.

Muitos escravos aproveitaram o ensejo para se emanciparem, e estes como fossem homens ou brutaes por natureza, ou sedentos de vingança pelos maus tratos recebidos, dobravam a confusão, saqueando as casas e deitando-lhes fogo. »

No dia seguinte Werdemburck marchou sobre Olinda (1), acompanhando-o as canhoneiras ao correr da costa. Podia ser facilmente detido no Rio Doce, cujas aguas encontrou avolumadas por chuvas torrenciaes e junto ao qual havia um forte, guarnecido por oitocentos e tantos homens, e com elles Mathias de Albuquerque

(1) Servio-lhe de guia o judeu Antonio Dias Papa-Robalos que, depois de haver commerciado em Pernambuco, se passára á Hollanda.

que corrêra do Recife em defesa de Olinda, mais seriamente ameaçada ; logo porém que a artilharia das barcaças começou a sacudir, afrouxaram quasi todos e fugiram forçando o proprio Albuquerque que se viu apenas com cem homens a abandonar a posição e recolher-se á Olinda onde se collocou na plataforma do convento de S. Francisco, posição que dominava o caminho da praia.

Ahi mesmo, porém, não se demorou muito tempo. Assim que os hollandezes se approximaram mais Mathias de Albuquerque trocou o convento de S. Francisco pelo Collegio dos Jesuitas onde já se achavam refugiadas muitas familias. Dentro em pouco, no emtanto, o inimigo assenhoreou-se dessa posição e o general portuguez teve que abandonar Olinda que foi por Werdemburck entregue ao saque.

Os hollandezes perderam cincoenta ou sessenta homens nesta acção e os portuguezes tiveram quarenta e cinco mortos, entre os quaes o capitão Antonio Pereira Themudo, e bem assim contaram cincoenta e seis feridos.

Diversos autores portuguezes, aos quaes se allia Roberto Southey, affirmam que os hollondezes commetteram em Olinda os mais condemnaveis excessos, sendo acompanhados nos mesmos e até excedidos pelos africanos que, pelo facto da usurpação estrangeira se consideravam legalmente emancipados.

Tomada dó Recife pelos hollandezes. (2 DE MARÇO DE 1630.—Afugentado do forte do Rio Doce e de Olinda, mais por tibieza dos que o cercavam que por incapacidade de resistir, aquartelou-se o esforçado general Mathias de Albuquerque, no Recife vedando com uma trincheira a passagem que punha em communicação esta cidade com Olinda. Sabendo porém pouco depois que o inimigo havia descoberto um outro caminho, pelo qual mais cedo ou mais tarde tornar-se-ia senhor do Recife, deliberou incendiar trinta navios que se achavam carregados no porto e bem assim os armazens, em os quaes se queimaram milhares de caixas de assucar e outras mercadorias de valor, procurando furtar por este modo aos hollandezes taes cabedaes, já que os não podia conservar.

J. de Laet diz que os portuguezes num documento

official avaliaram os prejuizos causados por tão desesperado recurso estrategico, em 2,000,000 de ducados.

Assim que Werdemburck conheceu que os portuguezes tinham desistido de conservar o Recife, licenciou os soldados e permittiu-lhes o saque, e estes se lançaram furiosamente naquelle emporio commercial do Brasil que as chammas haviam em grande parte devorado, porém onde assim mesmo acharam bastante para cevar a cubiça e a intemperança, pois conseguiram apoderar-se ainda de mil e quinhentas caixas de assucar e tres mil pipas de vinho.

Tomada dos fortes do Picão e de S. Jorge pelos hollandezes.—(2 DE MARÇO DE 1630).—Depois de incendiar o Recife, Mathias de Albuquerque reforçou a guarnição dos fortes do Picão ou do Mar e de S. Jorge, passando a residir na casa da Asseca que ficava fronteira a este ultimo reducto, ao qual nesse tempo podia passar-se quando a maré baixava.

Ordenou que o capitão Martim Ferreira com vinte homens occupasse o posto visinho de Santo Amaro e organisou diversas guerrilhas com o nome de *companhias de embuscadas*, das quaes tambem faziam parte os indios. Com ellas pretendia impedir as communicações dos habitantes com o inimigo e obstar que este adquirisse mais amplos conhecimentos dos arredores.

Aos hollandezes, porém, interessava agora assenhorearem-se dos fortes do Picão e de S. Jorge, afim de terem livre transito no porto.

Assim, fizeram convergir seus esforços nesse empenho.

A 20 de fevereiro investiram contra o forte de S. Jorge e, segundo o proprio Werdemburck, tel-o-iam tomado de assalto se não sahissem curtas as escadas que levavam. Commandou o ataque o tenente-coronel Stein Callenfels e os hollandezes retiraram-se com vinte mortos e quarenta feridos, o que animou um tanto as forças de Albuquerque e os povos do interior, os quaes logo começaram a acudir ao littoral trazendo ao general portuguez reforços de valor.

A 24 do mesmo mez o inimigo tentou um reconhecimento até perto da casa em que se achava Mathias de Albuquerque, sendo outra vez forçado a retirar-se com grandes perdas.

No dia 2 de março foi atacado o forte de S. Jorge,

cuja guarnição fugiu, ficando apenas sete homens com o commandante Antonio de Lima que se viu obrigado a capitular depois de empregar os mais desesperados esforços para manter a posição.

Igualmente não poude resistir a pequena guarnição do forte do Picão, tambem conhecido pelos nomes de forte de S. Francisco e forte do Mar e assim os hollandezes tornaram-se senhores absolutos do porto e de suas fortificações, tanto como já o eram das praças do Recife e Olinda.

Durante o ataque Mathias de Albuquerque, brioso como era, tentou soccorrer o forte de S. Jorge. Si lhe sobejava no emtanto a coragem e a resolução de animo, escasseava-lhe nesse momento a força moral e por isso a sua gente, cada vez mais acobarbada, recusou-se a obedecel-o e obrigou-o a retirar-se.

Trabalhos realisados pelos hollandezes para a defensa da conquista.—Logo que os flamengos ultimaram a conquista dos fortes, confiaram ao engenheiro Commersteyn o trabalho de fortificar mais regularmente a cidade e puzeram a coberto dos tiros que pudessem vir do continente os armazens e casas do Recife que haviam escapado ao incendio ateado por Mathias de Albuquerque. Occuparam depois a ilha de Antonio Vaz que tinha sido abandonada e fortificaram o convento de Santo Antonio, nella existente ao qual deram o nome de *Forte Ernesto*, pois esse ponto entrava no plano geral de defensa que haviam imaginado.

O engenheiro Von Buren levantou a planta do Recife e o seu collega Drews levantou a da ilha de Santo Antonio.

Repararam o forte de S. Jorge e terminaram a construcção de um outro que já havia sido começado pelos portuguezes defronte da barra, forte esse conhecido pelo nome de Diogo Paes, que os hollandezes substituiram pelo de *Forte do Bruyn* (1).

Diz Varnhagen (2).

« Todas essas obras eram pelo inimigo effectuadas com grandes difficuldades, por falta de madeiras e de

---

1) E' o actual *Forte do Brum*.

(2) VARNHAGEN.—*Historia das luctas dos hollandezes com o Brasil.*

materiaes, e em virtude dos grandes calores ; de modo que diariamente lhes crescia o numero dos doentes entre os soldados destinados aos trabalhos. »

O arraial do Bom Jesus.—Retirando-se do Recife com a sua gente, Mathias de Albuquerque foi acampar em uma paragem situada a igual distancia do Recife e de Olinda, onde, por accôrdo dos mais competentes estabeleceu o seu quartel general.

Fortificou uma casa que nesse logar encontrou, e accrescentou-lhes varios postos e baterias.

Essas fortificações que tomaram o nome de *Arraial do Bom Jesus* estavam situadas, segundo nos informa Duarte Coelho nas suas *Memorias Diarias*, «á margem esquerda do Capiberibe, além, um tiro de arcabuz do riacho Paranámirim, ás vezes secco; proximo de um outeiro sobre o qual (por occasião da cheia do Capiberibe em 1632) se addiccionou ao mesmo arraial um forte reducto, e finalmente áquem do engenho do Monteiro, nome este bem conhecido, pelas suas casas de campo, nos suburbios do Recife ».

As companhias de emboscada.—A' semelhança do que se praticára na Bahia no tempo do bispo D. Marcos, Mathias de Albuquerque teve o maximo cuidado de organisar as celebres *companhias de emboscada*.

Uma dessas companhias era commandada por Estevão de Tavora e outra por Simão Figueiredo, ao depois jesuita. As quatro companhias que tinham sido organisadas em Olinda ficaram subordinadas a Mathias de Albuquerque Maranhão, individuo que possuia uma estancia em Santo Amaro ; Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, de Goyana, commandou outras; o pernambucano Luiz Barbalho foi capitão de uma que se arranchava no actual bairro da Bôa Vista, e Antonio Ribeiro de Lacerda, que se arranchava nos Afogados, commandou as que se propunham a resguardar a Várzea.

Além das companhias de emboscada, que foram de muito proveito na lucta com os hollandezes, Mathias de Albuquerque guarneceu diversos postos com indios, um dos quaes foi commandado pelo jesuita Manuel de Moraes, outro por Felippe Camarão (o Poty) e outro por João Fernandes Vieira.

João Fernandes Vieira. — Pelo papel saliente

que representou na grande lucta com os hollandezes merece este chefe uma menção especial em nossa historia.

Segundo frei Raphael de Jesus (1), seu panegyrista, João Fernandes Vieira nasceu em 1613 na cidade do Funchal, ilha da Madeira.

Em 1624, quando apenas contava onze annos de idade transportou-se com os pais para o Brasil, e pouco depois era mettido como caixeiro numa casa commercial do Recife.

Activo e intelligente, encontrou annos depois meios de se estabelecer por conta propria e não tardou em adquirir cabedaes que lhe grangearam consideração.

Vieira foi proeminente figura no agitado drama da reconquista de Pernambuco. Comtudo diversos autores são de opinião que nem sempre se comportou com honra, durante a lucta, e affirmam até que por vezes com o inimigo.

O certo é que sua fortuna nunca diminuiu. Num momento em que todos os patriotas se exhauriam para alimentar a resistencia ao invasor, Vieira, pelo contrario, ao terminar a guerra era um dos mais opulentos colonos; sua capacidade militar e valor guerreiro tambem são postos em duvida; e, na verdade o combate das Tabocas, que mais tarde apreciaremos, não constitue pagina muito gloriosa para um general. Comtudo, Vieira foi o mais apotheosado dos chefes que dirigiram a guerra contra o hollandez, e isto explica-se por ser elle portuguez de nascimento.

Antonio Felippe Camarão.— Segundo já vimos na segunda parte deste trabalho, Camarão era indio da tribu Potyguar; nascêra no actual estado do Rio Grande do Norte, e, segundo os calculos do senador Candido Mendes de Almeida, foi baptisado a 22 de fevereiro de 1612 na sua aldeia de Ygapó.

Entre os indigenas era conhecido pelo nome de *Poty*, que na lingua indigena quer dizer—camarão.

Alliando-se aos portuguezes prestou-lhes grandes serviços na conquista da Parahyba e do Rio Grande do Norte. De muito maior importancia, porém, são os que agora vel-o-emos praticar com o intuito de expellir do solo brazileiro o hollandez intruso.

Camarão foi um dos mais ardentes paladinos desta

(1) Frei Raphael de Jesus.— *Castrioto Lusitano*.

grande causa, á qual trouxe o concurso dos da sua raça, os valentes indios Potyguaras.

Ligado ao nome de Poty figura na historia patria o de sua esposa D. Clara Camarão, que, acompanhando o marido em todas as expedições guerreiras, por vezes combateu impávida ao seu lado, levando com sua presença e exemplo animação aos soldados nos momentos em que o desalento começava a relaxar-lhes a energia.

Ataque ao arraial do Bom Jesus por Van der Elst. (14 DE MARÇO DE 1630)— Considerando os hollandezes quanto lhes era prejudicial a visinhança do acampamento inimigo do Bom Jesus, mandaram contra elle em 14 de março o tenente-coronel Van der Elst, que não poude tomal-o de assalto e foi depois repellido pelas companhias de emboscada de Luiz Barbalho e Luiz Cavalcanti as quaes promptamente acudiram em soccorro. Van der Elst retirou-se deixando no campo muitos mortos, ao passo que os contrarios só tiveram dezeseis baixas, entre mortos e feridos. Serviu de guia aos hollandezes nesse ataque mallogrado o seu compatriota Adrian Frank.

Diversas escaramuças.— As companhias de escaramuças e tropas regulares do exercito de Mathias de Albuquerque animaram-se com essa victoria alcançada sobre os flamengos, e de então por diante não os deixaram mais em descanso, de modo que os hollandezes já não podiam sahir fóra das cidades e dos fortes, nem transitar com segurança de Olinda para o Recife e vice-versa.

Luiz Barbalho e Antonio Ribeiro de Lacerda, na noite de 24 de maio atacaram por dois pontos differentes os entrincheiramentos que os hollandezes faziam na ilha de Santo Antonio; mais de 300 soldados conseguiram transpor as duas primeiras trincheiras: descavalgaram as peças e feriram quasi todos os officiaes inimigos, entre os quaes Van der Elst e o engenheiro em chefe Dommersteyn. Sendo porém ferido mortalmente o capitão Ribeiro de Lacerda retiraram-se os atacantes, deixando dentro das trincheiras dezenove mortos.

A 18 de julho Luiz Barbalho atacou pela madrugada o forte do Bruyn e embora não conseguisse o intento, sua gente portou-se com tanta galhardia que o

proprio Werdemburck falando desse feito formulou um juizo muito lisongeiro sobre os seus intrepidos inimigos, os quaes no emtanto logo á chegada dos hollandezes em Pernambuco, tinham-se mostrado um tanto tibios.

Disse Werdemburck: « Acho este um povo de soldados vivos e impetuosos, aos quaes nada mais falta que boa direcção: e que não são de nenhum modo cordeiros, posso eu affirmar porque por vezes o tenho experimentado.»

Um mez depois, procurando os hollandezes levantar no outro lado da ilha de Santo Antonio o forte das Cinco Pontas ao qual deram o nome de Frederico Henrique, mandou Mathias de Albuquerque trezentos soldados e oitocentos indios atacal-os nesse ponto; não foram estes no emtanto bem succedidos, e tiveram que bater em retirada com quatorze mortos e oito feridos, além de demonstrarem ao flamengo as imperfeições da sua construcção que elles trataram de reparar, bem como as do reducto avançado a que haviam dado o nome de *Amelia*.

Com a mesma infelicidade atacaram a 3 de fevereiro de 1631 o forte em construcção das Tres Pontas que os hollandezes tinham denominado de Werdemburck; nesta acção Albuquerque perdeu treze soldados e teve vinte e um feridos.

O intrepido pernambucano Luiz Barbalho conseguiu desalojar o inimigo do forte do Buraco que os hollandezes haviam construido, e ao qual tinham dado o nome de forte de Mme. Bruyn. Não conseguiu no emtanto Barbalho manter-se na posição conquistada, sendo obrigado a abandonal-a de novo aos hollandezes.

« Afoutaram-se tanto os portuguezes, diz Robert to Southey, que sabendo ir o general hollandez do Recife, para Olinda com 600 homens, postos de emboscada o surprehenderam; desbaratada a gente de Werdemburck morto um dos pastores protestantes, ter-se-ia elle proprio rendido, si o seu cavallo, recebendo ligeira ferida, o não tivesse arrebatado. E lá foi elle deixando perto de quarenta mortos. Tanto foi crescendo o perigo de passar d'uma á outra, que fizeram os hollandezas um regulamento. ordenando que todas as vezes que uma expedição estivesse para tentar a partida, se disparassem duas peças, e sahisse d'ambos os pontos um destacamento a segurar o caminho.»

Si taes arrojos faziam realçar aos olhos do invasor o denodo dos que occupavam o paiz, quer na qualidade de naturaes, quer na de primitivos conquistadores, é facto igualmente provado que essas investidas fizeram com que o precavido hollandez curasse mais attentamente de fortificar-se na terra que havia empolgado, tornando-se por conseguinte cada vez mais ardua a tarefa de desalojal-o.

Tambem os hollandezes de vez em quando accommettiam postos ou forças que obdeciam á Mathias de Albuquerque, mórmente quando a necessidade de fazer fachinas, etc., os forçava a devassar o campo: a 10 de agosto assaltaram o posto das Salinas, a 23 de setembro incendiaram uma casa que neste havia e amiudadas vezes escaramuçavam com aquelles inimigos que se atreviam a avisinhal-os mais.

No emtanto, quer uns, quer outros mantinham-se nas suas respectivas posições, aguardando reforços da Hollanda ou da Hespanha e nem Diederick van Werdemburck se animava a atacar de modo decisivo o inimigo no seu arraial do Bom Jesus, nem Mathias de Albuquerque dispunha de meios para buscar o flamengo nas suas praças fortes do Recife e Olinda.

Impressão causada na Hespanha pela invasão dos hollandezes em Pernambuco. — Não acreditamos que fosse muito vivo na Peninsula Iberica o desgosto causado pela perda de Olinda e do Recife em 1630, pois, como já fizemos sentir em anterior paragrapho, bem conhecida era de portuguezes e hespanhoes as intenções dos Estados Geraes relativamente ao Brasil e os afortunados atrevimentos de Piet Heyn deviam exprimir com bastante clareza que o inimigo seria capaz de maiores emprezas.

Todavia Mathias de Albuquerque e os seus, animados pelo que succedêra na Bahia em 1624, esperavam ser soccorridos efficazmente de um momento para outro, e até propalava-se em Pernambuco que o mesmo D. Fradique de Toledo não tardaria a chegar com uma poderosa esquadra e grosso exercito.

Em Madrid, no emtanto, decahida como se achava a monarchia hespanhola pelos continuos revezes nos combates e repetidas sublevações nos paizes que havia submettido, não se cogitava em soccorrer Mathias de

Albuquerque, de modo tão efficaz como succedêra annos antes, por occasião de restaurar-se a Bahia.

Eis o memorial que os estadistas hespanhoes levaram ao conde duque de Olivares para ser presente ao proprio rei, relativamente ao desanimo que se assenhoreou dos espiritos:

« Si se fazia sahir uma armada a restaurar Pernambuco, devia dar á vela em agosto por causa da monção, mas não era possivel aprestal-a no correr do anno. Assim, quando ella chegasse, já os hollandezes estariam vinte mezes de posse da sua conquista, nem havia que duvidar que empregariam elles este tempo em fortificarem-se e segurarem-se. Na costa de Pernambuco não havia outro porto além da Parahyba, agora que o Recife era perdido, nem aquelle admittia navios de grande porte. Onde pois acharia abrigo a armada, ou onde desembarcaria tropas e artilharia, numa costa em que até uma ligeira brisa podia sossobrar embarcação? Perto do inimigo nenhuma esperança de effectuar um desembarque, exprimentado como elle era na guerra, e preparado como devia estar, e de longe o paiz coberto de matagaes e paues, desfiladeiros perigosos que passar e rios que atravessar, e tudo isto com contrarios, que de toda a vantagem sabiam tirar partido. Mas dado que todas estas difficuldades se venciam, que se punham as tropas em terra e se assentava cerco ao Recife, devia este sitio ser negocio de tempo e durante elle que havia de ser da armada? Cruzando numa costa aberta e exposta, só por milagre escaparia a algum desastre grande. Si entrasse a estação antes de rendida a praça, seriam as tropas dizimadas pela doença, nem sem infinito perigo e grande perda se deixaria effectuar o reembarque. Tão pouco estaria a armada em estado de volver á Europa. E onde se aprovisionariam e dariam crena os navios?

« Ainda isto não era tudo. O primeiro custo do armamento, a parte com que a Hespanha devia carregar, seria dois milhões: restava ainda a despeza dos reforços e fornecimentos e vinte navios haviam tambem de ser esquipados para a costa da Hespanha. Porquanto, achando-se no Brasil a armada, ficava desguarnecido o littoral do reino, e, attento o estado das guarnições não era impossivel que em qualquer ponto fizesse algum inimigo conquistas que puzessem em sobresalto a monarchia inteira. Tambem ficariam expostas as Indias.

A França tinha então oitenta ou cem navios promptos para o serviço, e poderia suppôr-se que emquanto as forças da Hespanha se empregavam em Flandres, na Italia ou no Brasil, não percebesse ella quão facil seria atacar as Indias? (1) Havana era o unico logar capaz de resistir, e esse mesmo, não sendo soccorrido, podia cahir; e perdido elle, ou Carthagena, ou Porto Bello, acabavam as remessas de dinheiro, que até um bloqueio d'aquelles portos podia demorar por annos. Considerando pois todas estas difficuldades e incommensuraveis males, e a perda total do Brasil, que era segura si se mallograsse o fim da expedição, o unico expediente seguro, e que promettia alguma esperança, seria mandar a Albuquerque dois mil homens de tropas escolhidas com um chefe resoluto que o ajudasse a elle e ao povo do paiz a continuar com as hostilidades, cujo fim seria cansar os hollandezes, desenganal-os dos esperados lucros, e afinal induzil-os, segundo todas as probabilidades, a abandonarem o paiz. »

Este alvitre foi aceito e com differentes intervallos se despacharam nove caravellas para o Brasil. Algumas dessas embarcações cahiram em poder dos hollandezes, poucos foram os soldados que conseguiram alcançar o arraial do Bom Jesus.

Estado dos espiritos em Pernambuco. — Esta escassez de recursos enviados pela metropole, que por suas condições precarias deixava a colonia entregue á sua propria sorte, ensombrava os espiritos da população em Pernambuco e explorando esta circumstancia os sagazes batavos trabalhavam por fazer desapparecer a repugnancia que se lhes votava por antagonismos ethnicos e religiosos e procuravam tornar aceitavel a idéa do seu dominio, á qual se inclinavam já alguns portuguezes e principalmente brasileiros.

Mathias de Albuquerque, no auge do desespero pela feição que as cousas tomavam, assaltou Olinda, porém, foi repellido com grande mortandade e este facto augmentou o desgosto e fez crescer o desalento em todos que desejavam a restauração de Pernambuco, embora não fosse invejavel a situação dos hollandezes que escassos recursos tambem recebiam de sua patria e além

(1) Estas Indias a que se refere o memorial eram as occidentaes.

de lutarem com a falta d'agua no Recife, tinham de receber da Hollanda todos artigos necessarios á vida, inclusive a lenha e a madeira, pois o inimigo sempre alerta não lh'o permittia abastecer-se de taes cousas nas mattas visinhas.

A esquadra commandada por Oquendo. — Não podia no emtanto a Hespanha, sem enormissima lesão aos proprios interosses, deixar de empregar alguns esforços no sentido de reconquistar Pernambuco, e assim, vendo que não surtira effeito o alvitre a que já nos referimos, deliberou mandar ás paragens occupadas pelo hollandez uma pequena esquadra para a qual Portugal sómente carregou com as despezas.

Essa esquadra que trazia por almirante D. Antonio de Oquendo compunha-se de dezoito vasos de guerra aos quaes se juntaram mais cinco navios fretados e conduzia mil homens para Pernambuco, duzentos para a Parahyba e oito centos para a Bahia, porto em que a armada devia primeiro tocar.

A esquadra commandada por Janssen Pater. — Assim que na Hollanda se teve conhecimento dos aprestos que na Hespanha se faziam para a esquadra de D. Antonio de Oquendo, começaram os Estados Geraes a enviar a Pernambuco varios navios com soccorros, emquanto se preparava uma armada cujo commando confiaram ao almirante Adrian Janssen Pater, a qual achando-se prompta em breve prazo, fez-se logo de vela para o Brasil.

Com Janssen Pater vieram os generaes Rembach, Lichtardt, von Schkoppe, o polaco Arcizewsky e algnmas familias hollandezas que pretendiam estabelecer-se no Brasil.

Vantagens estrategicas de Pernambuco segundo Weerdemburck. — Uma das razões que compelliram a Hespanha a enviar Oquendo ao Brasil, foi chegar a ella a vantajosa opinião que o general hollandez tinha sobre Pernambuco como ponto estrategico e divulgarem-se os ambiciosos projectos de conquista geral do Brasil que o mesmo general julgava possiveis de realisar si seus compatriotas pudessem manter-se n'aquella excellente posição.

E não era infundada esta apprehensão, nem falsos os boatos espalhados.

Weerdemburck no officio que dirigiu aos Estados Geraes em 7 de março, falando de Pernambuco, assim se exprimia:

« E' esta uma paragem da qual todo o Brasil se póde conquistar; e espero, ao ver o medo com que está todo o paiz, que poderei fazer progressos que dêm a VV. SS. nome eterno. Porque d'aqui se póde enfrear e guardar o Brasil todo com poucos gastos, arruinar a navegação do inimigo nas costas e attrahir os habitantes a mutua amizade e alliança. »

O forte Orange. — Chegando Adrian Janssen Pater ao Brasil, entendeu o conselho militar que os hollandezes tinham em Pernambuco forças de mais e por conseguinte podiam sem inconveniente algum desviar uma parte da esquadra e do exercito para conquistar a ilha de Itamaracá.

Prepararam pois uma expedição, cujos navios confiaram ao commando de Maerten Teyssen e cujas tropas de terra puzeram á disposição do tenente coronel Callenfels.

Fez-se de vela a esquadrilha em 22 de maio de 1631 e chegando ao porto sul da ilha, d'ahi não passou contentando-se os hollandezes em occupar uma restinga quasi ilhada que ficava fronteira á barra e na qual construiram um forte de quatro frentes abaluartadas, com um revelim ou hornaveque, do lado do isthmo que se estende para a ilha.

Essa fortificação que elles guarneceram com quinhentas e tantas praças commandadas pelo official polaco Crestofle d'Artischau Arciezewsky recebeu o nome de *Forte Orange*.

Mathias de Albuquerque, logo que soube do estabelecimento dos hollandezes nesse local, mandou contra elles Bento Maciel Parente com alguma tropa, ao qual juntou-se depois Jeronymo Cavalcanti; como, porém, reconhecessem estes capitães que o inimigo se limitava a conservar o forte, deixaram-n'o em paz.

Mais tarde, em 1 de julho, tentaram os hollandezes assenhorear-se do posto dos Afogados, porém foram repellidos com denodo por Francisco Gomes de Mello.

Combate naval entre Oquendo e Pater. — (12 DE SETEMBRO DE 1631) D. Antonio de Oquendo, com sua esquadra chegou á Bahia a 13 de julho de 1631 e

aos 18 de agosto seguinte partiu do Recife o almirante Pater ao seu encontro.

Sómente, porém, aos 12 de setembro encontraram-se as duas esquadras em aguas da Bahia.

Varnhagen, seguindo a *Relacion de Jornada*, impressa em Sevilha por Francisco de Lyra nesse mesmo anno de 1631, descreve pela seguinte fórma essa memoravel batalha naval :

« Cada um dos dois chefes ao examinar as forças do contrario, julgava a victoria segura : Pater fiado na maior pujança de algumas de suas naus, em não ter barcos que comboiar, na sua resolução e audacia e no plano, que já levava, de deixar a esquadra contraria sem chefe, accommettendo a um tempo a capitánea e a almiranta, e tomando-as por abordagem com muita gente que para isso trazia. Oquendo, fiava-se na superioridade numerica de suas forças, contando dezoito vasos de guerra e mais cinco fretados ; pelo que chegára a dizer, ao avistar as dezeseis naves inimigas, que eram ellas (palavras formaes) *pouca roupa*.

« A um tiro da capitánea de Oquendo se dispuzeram os navios de guerra em batalha, collocando-se os transportes ao abrigo delles, e, a um novo tiro de bala da mesma capitánea, içou esta o pavilhão real e viu dirigir-se a ella o chefe inimigo ; ao passo que o vice-almirante Thysoon, tomava á sua conta a vice-almiranta hespanhola, de vinte e seis peças de bronze, a qual antes de fazer fogo, recebeu uma tremenda banda, além de outra de um galeão que veiu em auxilio de Thysoon ; e que, ao passar-lhe pela popa disparou sobre ella de tal modo que a abriu e metteu a pique ; havendo-lhe sido de nenhum soccorro o que atravessando-lhe a prôa pretendeu subministrar-lhe o galeão *São Boaventura*, que foi victima de sua zelosa intenção, accommettendo-o o inimigo até o tomar.

« A capitánea hollandeza, de cincoenta e seis canhões, buscando a hespanhola, de trinta e quatro, atravez do fogo de quatro navios, que ficavam a barlavento, atracou-se-lhe por bombordo, deitando-lhe arpéo, para segurar o que julgava preza sua. Travou-se então mais renhido este combate parcial : um galeão inimigo veiu em auxilio de sua capitánea, abordar a nossa por estibordo, e um navio portuguez, o *Prazeres Menor*, ao mando de Cosme do Couto, querendo soccorrer a Oquen-

do pela prôa foi mettido a pique e o seu commandante cahiu prisioneiro.

« Durava a acção desde as oito da manhã, e eram já quatro da tarde, quando se manifestou incendio na *Principe Guilherme*, capitánea inimiga. E o fogo ia já communicando, por seis ou sete partes á hespanhola a ella aferrada, quando a conseguio salvar o capitão João do Prado, subministrando-lhe um cabo ou rajeira.

« Abordou ainda com outro inimigo um dos galeões da frota hespanhola e os demais contentaram-se de impedir que elles fossem soccorrer a sua capitanea, outro navio denominado *Provincia de Utrecht*, do qual apenas cincoenta pessoas conseguiram não se afogar. A capitanea de Oquendo salvou-se, mas ficou impossibilitada de marear. E por esta circumstancia e pela de julgar preferivel a tudo deitar a salvo em terra os soccorros que vinham para Pernambuco e Parahyba, tratou Oquendo de evitar novo encontro, que aliás anciava ter o inimigo.

« A circumstancia de ter conseguido deixar impunemente estes soccorros deve ter sido a mais attendida para haver sido pela Hespanha contada esta acção como victoria, e ainda hoje é considerada como tal em um quadro d'aquella época, pintado a oleo, que se vê em Madrid no Museu Naval. A perda total de um e outro lado se avaliou em mais de mil homens.» (1)

O bravo almirante Adrian Jansen Pater, segundo a maioria dos autores, ao vêr perdida a batalha que elle com tanta segurança presumia ganha, envolveu-se no estandarte de sua patria e afundou-se nas ondas dizendo: « Só o mar é digno tumulo de um almirante batavo ».

Antonio Thysio, escriptor coevo desse acontecimento e autor de uma historia das batalhas navaes de seus compatriotas não menciona tal facto, affirmando sómente que, sendo o almirante perfidamente abandonado dos seus, succumbiu de cansaço em meio das ondas.

Oquendo desembarcou na Barra Grande as tropas que trazia para Pernambuco, só 700 homens e não 1,000 como tinham partido de Hespanha e d'ali mesmas se dirigiram para o arraial do Bom Jesus, ao

(1) VARGNAGEN.— *Historia das lutas com os hollandezes no Brasil.*

qual chegaram a 12 ou 13 de novembro, após terem percorrido cerca de 40 leguas.

Commandava esse contingente o conde de Bagnuolo que já havia tomado parte da Bahia na restauração e acompanhava Duarte Coelho, donatario de Pernambuco.

O incendio de Olinda. (24 DE NOVEMBRO DE 1630). Depois desse revez resolveram os hollandezes retirar de Olinda as forças que tinham nessa praça e, para que o inimigo não a occupasse, incendiaram-n'a a 24 de novembro de 1631.

Segundo lemos em Southey, antes de praticarem esta devastação mandaram os hollandezes perguntar a Mathias de Albuquerque si queria resgatar a sua cidade, aliás seria queimada, ao que Albuquerque respondeu mais ou menos o seguinte: « Queimai-a, si a não podeis guardar, que nós saberemos edificar outra melhor.»

Ataque da Parahyba pelos hollandezes. — Atemorisaram-se um tanto os invasores quando souberam ter chegado ao arraial do Bom Jesus as forças vindas com D. Antonio de Oquendo, pois presumiam ser muito consideravel esse soccorro; conhecendo porém dentro em pouco que o contingente de Bagnuolo era de pouca importancia, foram-se-lhes os receios, principalmente depois que souberam achar-se o inimigo dividido por uma rivalidade mesquinha, em consequencia de terem Bagnuolo e Duarte de Albuquerque concordado em favorecer as tropas regulares que haviam trazido e menosprezar os habitantes armados, embora constituissem estes a garantia da capitania.

Diz um autor:

« Depressa descobriram os hollandezes essa miseravel politica e prepararam-se a tirar d'ella partido: abriram relações com Bagnuolo, que imprevidente as admittiu; seguiu-se uma troca mutua de cortezias e presentes entre os commandantes, o que desgostou os portuguezes, e ao inimigo offereceu ensejo de sondar e apalpar os descontentes. »

Assim, deliberaram os batavos dilatar a sua conquista e a Parahyba foi a primeira região para a qual lançaram as vistas. Contra essa capitania mandaram tres mil homens commandados pelo tenente coronel Callen-

fens que a 9 de dezembro desembarcou nas proximidades do Cabedello onde logo fez construir uma trincheira.

Commandava o forte do Cabedello o capitão João de Mattos Cardoso e este a trincheira dos hollandezes oppoz uma outra na distancia de oitenta passos da sua muralha, sendo a direcção da mesma confiada ao engenheiro Diogo Paes. Callefens procurou impedir a construcção da trincheira, chegando a perder vinte e tantos mortos no ataque.

No dia seguinte tornou o hollandez a investir a fortificação, procurando surprehender o inimigo em hora de repouso por quatro pontos differentes, porém foi novamente repellido. Muitos foram os mortos de parte a parte e entre elles o franciscano frei Manuel da Piedade que com um crucifixo alçado se lançára no meio da refrega.

Desanimados com esse duplo revez fizeram-se de vela os hollandezes para Pernambuco.

Jeronymo de Albuquerque Maranhão morreu em um desses assaltos dos hollandezes ao forte do Cabedello.

Tentativa mallograda de ataque ao Rio Grande do Norte pelos hollandezes.— Mal succedidos na Parahyba do Norte, nem por isso desalentaram-se os hollandezes e pouco depois tentavam a conquista do Rio Grande do Norte, depois de simularem um ataque á ilha de Itamaracá.

Sabedor dos intentos dos hollandezes, Mathias de Albuquerque mandou logo para o sitio ameaçado seu irmão Mathias de Albuquerque Maranhão com trezentos europeus e igual numero de indios, frustrando-se por essa fórma o projecto de Werdemburck.

Tentativa de occupação do Cabo de Santo Agostinho. (Janeiro de 1632).—Perdido o porto do Recife os pernambucanos faziam todo o seu commercio maritimo pelo porto de Nazareth, sete leguas ao sul do Recife e junto ao Cabo de Santo Agostinho, onde, apezar da rigorosa vigilancia dos cruzeiros hollandezes, chegavam ainda assim muito a miudo embarcações que os suppria de artigos europeus e lhes comprava os productos.

Bagnuolo, para ali mandado com o seu terço de trezentos napolitanos, tinha construido dous reductos e não

convindo aos hollandezes essa valvula maritima que os da terra ainda conservavam, atacaram-n'o com dezoito navios, tentando em seguida desembarque no Pontal de Nazareth, foram, no emtanto repellidos e obrigados a retirarem-se com grande perda, isto pela resistencia que lhes oppoz Bento Maciel.

Bagnuolo construiu então o forte conhecido pelo nome de Nazareth.

« Ninguem, afóra elle proprio, diz um autor, ficou satisfeito com a obra; mal escolhido o logar e por demais longe da barra. »

Aqui terminamos este primeiro capitulo da luta com os hollandezes em Pernambuco, o qual, embora extenso, apenas relata o succedido em dois annos de pelejas.

Pelo que se leu vê-se que os hollandezes nada adiantaram depois da conquista do Recife e de Olinda e as cousas dous annos depois, achavam-se para os interesses dos Estados Geraes de Hollanda no mesmo pé em que haviam ficado logo depois da occupação, graças principalmente ao zelo, actividade e tezura militar de Mathias de Albuquerque, que, si não possuia as raras qualidades de um grande capitão, era no entanto animado por um desejo real de expulsar o invasor.

Nada adiantaram os hollandezes, como até perderam; mallograram-se as tentativas que fizeram para occupação de Itamaracá, Parahyba, Rio Grande do Norte e Cabo de Santo Agostinho e foram até forçados a abandonar Olinda.

A Companhia das Indias Occidentaes, que acima de tudo era uma empreza commercial, considerando o minguado lucro ou antes a pesada despeza que o Recife lhe acarretava e bem como os enormes prejuizos trazidos á sua caixa com o desbarato da esquadra de Jansen Pater ia arrefecendo o seu empenho pela conservação da conquista e tudo faz crer que o pavilhão neerlandez que tremulava na capital pernambucana, seria recolhido dentro em breve á Hollanda pelo esmorecimento que ganharia a todos, inclusive a propria Companhia, se a deserção de Calabar não viesse mudar a face das cousas, fazendo reverdecer as esperanças do invasor.

CAPITULO III

LUCTA COM OS HOLLANDEZES

Desde a deserção de Calabar á invasão da Parahyba

(1632 — 1635)

A deserção de Calabar. — Um facto, na apparencia insignificante, veiu imprimir nova feição á lucta que se feria no Brasil, permittindo aos hollandezes espraiarem-se além do Recife, onde até então permaneceram encurralados.

Este facto foi a deserção do mameluco Domingos Fernandes Calabar, natural de Porto Calvo, e a sua passagem para os arraiaes hollandezes em 20 de Abril de 1632.

Frei Calado, (1) cujo criterio como historiador é muito falso, e o aristocratico visconde de Porto Seguro, (2) que em se tratando de africanos e indios sempre se mostra offensivo quando os mesmos vão de encontro aos interesses monarchicos e lusitanos, procuraram denegrir a memoria de Calabar.

Porto Seguro, diz:

« Consta pelo testemunho de dois escriptores que conheceram pessoalmente o mesmo Calabar (3), e que deram depoimentos ante a posteridade, alguns annos depois da morte do mesmo Calabar, que a origem da deserção procedeu de temor do castigo, em virtude de grandes crimes commettidos. Esses crimes, segundo uma das duas testemunhas que foi nada menos que o sacerdote que ouviu o réo de confissão na hora da morte foram *grandes furtos*, em virtude dos quaes o desertor receiava ser perseguido pelo provedor André de Almeida. »

---

(1) Frei Manuel Calado — *Valeroso Lucideno.*

(2) Porto Seguro. — *Historia Geral.*

(3) Frei Manuel Calado e Frei Rafael de Jesus.

Quanto a nós taes affirmações são prejudicadas por um facto de alta importancia nesta questão. Como devem estar lembrados os leitores, Mathias de Albuquerque logo no começo da lucta e com o intuito de engrossar as suas fileiras, concedeu, em nome do rei, perdão a todos os réos homisiados que se apresentassem a tomar armas. Ora, si Calabar era um criminoso, não devia ainda assim arreceiar-se da acção da justiça, pois foi um dos primeiros que se apresentaram para a lucta; em 14 de março de 1630 já elle combatia com denodo na defesa do arraial, recebendo até um ferimento honroso. Dizer que taes furtos foram commettidos depois de começada a guerra, tambem não póde ser, pois, como bem crê o Dr. Joaquim Manoel de Macedo onde o pobre mulato Calabar de quem nunca antes se falára, e que combatia no Campo Real, inteiramente livre de perseguições, apanharia a fazenda real para a furtar em suas rendas bem desordenadas então?... » (1)

Somos, por conseguinte, propensos a acreditar que motivos de natureza diversa da que apontam os referidos autores, levaram o mestiço pernambucano a offerecer seus serviços aos inimigos dos portuguezes; Calabar não era um ladrão. A sua deserção, porem, embora tenha aos nossos olhos o valor de um facto prematuro da evolução historica, um acontecimento que annuncia os grandes conflictos de odios de raça que ao depois explodirão, o historiador imparcial não póde ver nelle sinão um miseravel traidor.

Na apreciação do caracter dos personagens mais salientes da guerra hollandeza não se póde admittir criterios differentes, accommodaticios a cada um para que todos sejam julgados pelo lado bom, tantos os leaes, como os traidores; e assim, querendo exaltar a despeito de tudo o mameluco Calabar, seremos obrigados a condemnar Henrique Dias, Camarão e Negreiros como individuos nefastos á obra da civilisação nacional.

Ora é o que a historia não pode fazer e conferindo laureas áquelles tres grandes paladinos, só um titulo de traidor póde reservar ao que fôra pedir armas ao inimigo para com ella apunhalar a patria, pois esta para Calabar não podia ser outra sinão aquella massa

(1) JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. — *Anno biographico.*

de portuguezes, indios e negros que em tal momento se reuniam e se sympathisavam pela primeira vez.

Como é natural os flamengos receberam Calabar com muita satisfação. « Foi o primeiro pernambucano que desertou para os hollandezes, diz Southey, e si a estes fosse dado d'entre todos fazer selecção de um, não teriam escolhido outro, tão activo, sagaz, emprehendedor e desesperado era elle, nem havia quem melhor conhecesse o paiz e a costa. » (1)

Ataque a Iguarassú pelos hollandezes. — (30 DE ABRIL DE 1632).— Logo que se viu entre os hollandezes, Calabar offereceu-se a Werdemburck para guial-o em um ataque de surpreza á villa de Iguarassú, cujo local e condições de defesa conhecia de sobra.

Werdemburck acquiesceu e a 30 de abril de 1632 partiu elle á frente de 500 soldados e trinta e tantos pretos, para conduzir os feridos, todos guiados por Calabar. Passaram junto de Olinda, onde foram pressentidos pelos vigias, que deram logo aviso ao Arraial.

Tiveram que vadear alguns rios cujas aguas se achavam avolumadas e no dia seguinte, achavam-se em frente a Iguarassú que foi acommettida por Werdemburck depois de deixar tres companhias ás ordens do Major Rembach.

No ataque mataram os hollandezes varias pessoas de distincção e prenderam alguns ecclesiasticos, voltando com elles em triumpho para o Recife. Iguarassú foi saqueada e queimada, não chegando a tempo de soccorrel-a uma força commandada por D. Fernando de la Riba Aguero que Mathias de Albuquerque despachára, logo que recebêra o aviso dos vigias de Olinda.

Como era natural, o successo da expedição a Iguarassú fez crescer a consideração com que Werdemburck e os demais officiaes hollandezes distinguiam Calabar.

Varias investidas felizes praticadas pelos hollandezes por conselho de Calabar. — Logo depois do assalto a Iguarassú, Calabar guiou os hollandezes a diversos pontos visinhos do Recife, quer para atacar estancias do inimigo, quer para fazer fachina ou para colherem fructas nos pomares dos arredores de Olinda. O mesmo Calabar ensinou aos hollandezes o

(2) ROBERTO SOUTHEY. — *Historia do Brazil.*

systema de guerrilhas e estes até fizeram duas emboscadas das quaes sahiram-se bem, uma em Tacaruna e outra na Ponte do Biberibe, onde aprisionaram o capitão Francisco Rebello.

Mathias de Albuquerque e principalmente Bagnuolo desesperavam com estes revezes e para desforrar-se o primeiro assestou uma bateria contra o forte d'Orange, porém logo retirou-a, pois de nenhum effeito eram os tiros que contra o forte disparava.

Eis o juizo de Southey sobre Bagnuolo nesta acção bellica : « Bagnuolo tentou a empreza de assaltar o forte Orange. Despiu o mais proximo estabelecimento portuguez de sua artilharia para guarnecer as proprias baterias, e desenganado afinal de que nada faria contra tão solidas obras, retirou-se, deixando estas peças ao inimigo. Não admira que os brazileiros o suspeitassem de traição: ha um certo grau de imbecilidade que com ella se confunde, pois que produz os mesmos effeitos. »

O conego Fernandes Pinheiro não concorda porém com estas duras palavras de Southey e sobre ellas disse que era : « summamente injusto tal juizo pois a pericia de Ragnuolo, devia se a retirada para Sergipe e a defesa da Bahia contra Nassau. »

Os directores chegados de Hollanda.—Em fins de 1632, logo depois desses successos por nós narrados, os quaes inauguravam uma phase de victorias para os invasores de Pernambuco, mandou a *Companhia das Indias Occidentaes* para o Brasil dois directores, Mathias Van Ceulen, de Amsterdam, e João Gysselingh, de Middelburg, os quaes vieram investidos de plenos poderes e trouxeram tres mil homens, mantimentos e munições, bem como a licença que Weerdemburgh sollicitara para retirar-se á Hollanda, o que realisou depois de ter dado todas as instrucções aos dois referidos directores.

Weerdemburck foi substituido no commandado geral das tropas pelo velho general Laurens de Rembach, o qual no emtanto, ficava sujeito á direcção dos commissarios ou directores.

Estabeleciam pois os hollandezes no Brasil o seu primeiro governo civil, visto como até então o commandante das armas fôra a suprema autoridade na conquista para todos os effeitos.

Rembach continuou a servir-se de Calabar ao qual

proporcionou postos militares e os directores lançaram logo aos povos de Pernambuco uma proclamação na qual se promettia protecção a todos que se submettessem.

Traição de Leonardt Van Lom.—Os directores Mathias van Ceulen e João Gysselingh pouco depois de chegados ao Brasil descobriram que um certo Leonardt van Lom, funccionario da *Companhia das Indias Occidentaes* no Recife, mantinha relações secretas com os do paiz, pois viera de Hollanda pago por alguns portuguezes para servir-lhes de espião. A punição foi barbara, porém merecida. Cortaram a van Loon dois dedos da mão direita e depois decapitaram-n'o e esquartejaram-n'o.

Um mulato que servia de mensageiro ao traidor na sua criminosa correspondencia com os postuguezes, foi estrangulado e decapitado.

Ataque do Rio Formoso pelos hollandezes. — 7 DE FEVEREIRO DE 1633.—Commandava o reducto do rio Formoso nos começos do anno de 1633 o denodado capitão Pedro de Albuquerque.

Pois bem, contra esse ponto lembrou-se Calabar de dirigir as armas hollandezas, e o ataque teve logar na madrugada do dia 7 de fevereiro.

Pedro de Albuquerque, com a pequena guarnição de vinte homens, defendeu o posto com bravura inexcedivel, e resistiu a quatro ataques consecutivos, nos quaes morreram dezenove combatentes, e entre elles Jeronymo de Albuquerque, parente do capitão.

Apreciando devidamente o valor de Jeronymo de Albuquerque, que fôra feito prisioneiro, os hollandezes mandaram-n'o levar ás Antilhas, de onde elle se passou á Hespanha.

A' vista de tão grandes e repetidos revezes preparados habilidosamente pelo genio vingativo de Calabar, Mathias de Albuquerque tentou por todos os meios possiveis seduzir o mestiço e chegou até a offerecer-lhe mercês, si elle se resignasse a deixar os hollandezes.

Nada porém fez o intelligente e decidido mameluco trahir o compromisso que havia jurado aos seus novos amigos.

Occupação do posto dos Afogados pelos hollandezes.—A paragem a que em seguida os hollandezes lançaram as vistas, sempre por conselhos de

Calabar, foi Afogados, posto de alta importancia estrategica que os portuguezes no emtanto, tinham-se descuidado de fortificar convenientemente. Este posto ficava na foz do Capiberibe.

Os hollandezes atacaram-n'o com um crescido numero de forças e sem difficuldade o occuparam, embora do Bom Jesus seguisse contra elles um reforço, e senhores da posição construiram um forte abaluartado de quatro frentes, o *Forte Principe Guilherme*, com o qual o arraial do Bom Jesus ficava exposto a ser flanqueado e impedido de receber qualquer soccorro da Varzea, cujos moradores logo a abandonaram.

Na defesa improficua do posto dos Afogados distinguio-se o franciscano frei Belchior, que, com um chucho por arma, fez inauditas bravuras. Isto fez-lhe conquistar annos depois o baculo episcopal.

Ataque ao Bom Jesus e morte de Rembach.—(24 DE MARÇO DE 1633).—Animados por tão frequentes victorias os hollandezes emprehenderam atacar o inimigo no seu mais temeroso reducto — o arraial do Bom Jesus, quartel-general de Mathias de Albuquerque e centro da resistencia brasileira ao invasor.

Foi ainda Calabar o inspirador desse arrojado emprehendimento.

Rembach em pessoa commetteu a empreza á testa de mil e duzentos homens, segundo a affirmação de Netscher.

Avançaram os hollandezes pela Varzea e passaram o Capiberibe junto ao riacho Paramirim, então quasi secco.

Os defensores do arraial ao verem o inimigo approximar-se concentravam todas as suas forças e conseguiram repellir os assaltantes. Rembach foi ferido mortalmente, e os hollandezes logo que viram seu chefe estendido no campo fugiram desordenadamente. Varios officiaes e quinze soldados ficaram prisioneiros, grande numero perdeu a vida.

Os do Bom Jesus tiveram vinte e cinco mortos e quarenta feridos, incluindo entre estes ultimos os capitães Martim Soares e Estevão de Tavora.

Na acção readquiriram os portuguezes o capitão Francisco Rebello que se achava em poder dos hollandezes.

Henrique Dias.—Na defesa do arraial do Bom

Jesus surgiu pela primeira vez, como luctador, o bravo Henrique Dias que se tornou um dos chefes mais proeminentes na campanha contra o hollandez.

Henrique Dias era de côr preta, porém nascido no Brasil. Sua historia até 1633 não é conhecida, nesse anno porém, apresentou-se com alguns negros a Mathias de Albuquerque, no arraial do Bom Jesus, offerecendo-se para luctar contra o inimigo commum. O general portuguez acceitou o offerecimento e nomeou Henrique Dias capitão permittindo-lhe que reunisse quantos homens da sua côr pudesse, comtanto que não fossem escravos.

Henrique Dias sabia lêr e escrever e o seu zelo pela causa da expulsão do invasor foi sempre em augmento.

Crê-se que os primeiros negros com que elle se apresentou no Bom Jesus foram tirados dos celebres mocambos dos Palmares.

Occupação da ilha de Itamaracá pelos hollandezes.—Não desanimaram, no emtanto os hollandezes com o revez soffrido ao atacarem o Bom Jesus e logo depois deliberaram proceder á occupação da ilha de Itamaracá, o que facilmente conseguiram, derrotando cento e tantos homens de Salvador Pinheiro que defendia a villa da Conceição.

Commandou o assalto Segismundo von Schkoppe, pelo que, em signal de reconhecimento, os directores deram á povoação o nome de villa Schkoppe.

Feita a conquista os hollandezes entrincheiraram a igreja, e, do lado opposto, por onde seguia o caminho para o interior da ilha, levantaram uma torre castrense.

Mathias de Albuquerque, com o intuito de impedir que o inimigo desse local depredasse o continente, mandou forças occupar os pontos fronteiros. Isto não impediu no emtanto que elle devastasse a Goyana, onde queimou quatro engenhos e pilhou tudo que encontrou.

Novas investidas dos hollandezes.—Após a occupação de Itamaracá os hollandezes fizeram duas pequenas escaramuças para os lados dos Afogados, em uma das quaes foi ferido Hedrique Dias. Tentaram atacar de novo o arraial e fortificaram-se á margem do Capiberibe, em tres pontos proximos do mesmo arraial. Porém tomando os pernambucanos um barco e tres lanchões que subiam o Capiberibe carregados de munições

e artilharia desalentaram-se com este revez e retrocederam.

Mathias de Albuquerque foi louvado por esse feito e premiado com uma commenda lucrativa.

Proseguindo nas suas investidas os hollandezes commandados pelo tenente-coronel Byma, pouco depois auxiliado com maior força pelo coronel Segismundo von Schkoppe atacaram Iguarassú. Na defesa empenharam-se diversos chefes entre os quaes Camarão, Luiz Barbalho, Riba Aguero e Henrique Dias que foi novamente ferido.

Depois de pequenos recontros os hollandezes recolheram-se a Itamaracá.

Tambem fizeram sortidas para o lado do sul e em uma dellas morreu o sargento-mór de milicias Ruy Calaza Borges; em uma outra que fizeram contra o engenho de Santo Amaro, na Moribeca foram derrotados pelo sargento-mór Pedro Corrêa da Gama.

Estas foram as mais importantes sortidas que os hollandezes fizeram antes de desdobrarem-se os acontecimentos dos quaes passamos a nos occuparmos.

Condições de guerra. — Diz Southey: «De natureza anomala fôra até aqui a guerra no Brazil: dava-se ou não se dava quartel e os prisioneiros, si não eram immolados, nem por isso deixavam de ficar á mercê do aprezador. Bagnuolo propoz agora que se puzesse termo a este systema, que levava a tantos actos de barbaridade, e que se fizesse a guerra segundo os principios seguidos nos Paizes Baixos. Com prazer foi acceita a proposta, e concordou-se nas condições. Não se queimaria igreja alguma, nem se destruiriam ou desacatariam imagens; mas si de dentro de qualquer templo se oppuzesse resistencia, ou si alguem tentasse fortificar-se em algum, não seria em tal caso obrigatorio este artigo. Em batalha, recontro, emboscada, em que qualquer soldado cahisse no poder do inimigo, logo que pedisse quartel, nenhum mal mais se lhe faria, entregando o prisioneiro as suas armas e quanto comsigo levasse, excepto camisa, calças, gibão, meias e sapatos. O resgate d'um mestre de campo, *over vell heer* ou coronel, foi fixado num mez de soldo, um tenente coronel, sargento-mór e commissario de ordenanças devia pagar na mesma razão; um capitão quarenta cruzados de dez reales de prata cada um; um

tenente o soldo d'um mez; um alferes ou porta-bandeira quinze cruzados; um sargento ordinario, nove; um soldado razo, quatro. Os prisioneiros deviam requisitar do commandante da praça para onde fossem remettidos, um tambor que aos seus conterraneos levasse aviso do numero e nomes d'elles, e o resgate devia ser pago dentro de vinte dias depois de feita a notificação; passados trinta dias sem se fazer inteiro pagamento tanto do resgate como da conta das comedorias, perderia o prisioneiro o direito ao quartel, ficando á mercê do aprezador. A taxa para mantença de um soldado foi fixada em um real de prata por dia. Os marinheiros foram comprehendidos nessas condições, quer aprisionados em combate por mar ou por terra, quer atirados á costa pela força do tempo; mas os que viessem em navios pertencentes á corôa de Hespanha seriam exceptuados, excepção que os portuguezes não deveriam ter admittido, salvo entendendo-se que estes seriam trocados na Europa.

« Outra prova de que os Hollandezes representavam o papel do mais forte na estipulação destas condições é que a respeito dos paizanos deviam seguir-se as mesmas regras que nos Paizes Baixos entre os subditos do rei e as Provincias Unidas, pois que em virtude deste artigo os habitantes que fizessem causa commum com os invasores, ficariam isentos do justo castigo que aliás receberiam. Indios e negros deviam pagar a metade do resgate de um soldado, mas si se servissem de armas defesas, não teriam direito a quartel. Não se havia de atirar com balas envenenadas, mastigadas ou encadeadas, nem com pedaços de ferro ou chumbo. Tão pouco se devia fazer uso de espingardas de cano raiado (é este talvez o unico caso em que a moderna pratica de guerra, é menos escrupulosa do que o costume d'aquelles tempos); as armas de fogo legaes eram arcabuzes, mosquetes, espingardas de fuzil, clavinas e pistolas. Nenhuma offensa se faria a qualqner prisioneiro, e os clerigos, mulheres e crianças teriam as vidas salvas. O resgate de um capellão fixou-se num mez de salario, e o de um religioso, ou padre d'aldeia em quatro moedas de oito. Pregadores, preleitores e ecclesiasticos da communidade hollandeza seriam equiparados a capellães. Si um só homem fizesse muitos prisioneiros ficaria detido o principal dentre estes, e

seriam soltos os outros, obrigando-se estes pelos respectivos quinhões de resgate para com o seu representante forçado. Todo o prisioneiro convicto de ter occultado a sua verdadeira qualidade e condição, e negado a verdade, seria castigado como merecia, para exemplo. Quem quebrantasse estes termos, ou violasse o quartel dado, seria punido de morte para plena satisfação da parte contraria. Todos os prisioneiros existentes seriam sem resgate postos em liberdade por ambas as partes. Estes artigos foram assignados por Mathias de Albuquerque de um lado e por Van Ceulen e Gyssheling do outro.»

Expedição hollandeza ás Alagôas. — Pelo tempo da estipulação das condições de guerra de que acabamos de tratar, ideiou Calabar uma invasão desde o Porto das Pedras até as duas Alagôas, conseguindo que fosse posto em execução o seu plano.

Tomou a direcção da mesma Gysseling que se embarcou com seissentos homens em alguns navios ao mando de Lichtardt, e estes aportaram á Barra Grande no dia 11 de outubro de 1633, d'ali passando ao Porto das Pedras onde chegaram no dia seguinte á meia noite.

Ahi tomaram o assucar que encontraram, incendiaram os barcos que não lhes poderiam servir e passaram ao Camaragibe, incendiando todas as habitações e arrebanhando o gado que encontravam.

Em seguida dirigiram-se ao porto dos Francezes onde se apossaram de cem caixas de assucar e depois foram á Alagôa do sul ou Manguaba, ahi incendiando a villa de Nossa Senhora da Conceição que já possuia boas construcções. Quizeram fazer o mesmo á villa de Santa Luzia, na Alagôa do Norte, não o conseguindo devido á resistencia que lhes oppoz o capitão Antonio Lopes Filgueira, o qual perdeu a vida na acção.

A isso limitou-se a invasão das Alagôas, achando-se os hollandezes de volta ao Recife em 9 de Novembro.

Providencias tomadas pela corte de Hespanha contra os Hollandezes no Brazil. — Em 1° de dezembro de 1631 publicou a corte de Hespanha uma carta regia na qual declarava haver resolvido

partir para o Brasil uma poderosa esquadra sob o commando de D. Fradique de Toledo.

Dois annos depois, no emtanto, ainda essa famosa esquadra não tinha sido organisada e a 16 de setembro de 1633, o rei sollicitava de todas as camaras que o auxiliassem urgentemente no apresto da mesma e a 3 de outubro requisitava elle ainda que cada villa ou logar de Portugal désse desde logo um ou dois recrutas para o Brasil.

Nesse interim os unicos reforços que chegaram ao Brasil foram seiscentos homens e muitos supprimentos de todo o genero que Francisco Vasconcellos da Cunha, da ilha da Madeira, reuniu á sua propria custa e transportou em dois galeões e cinco caravellas.

Todavia a côrte se esforçava por preparar soccorros, os quaes, embora com difficuldade, conseguiu reunir, como veremos adiante.

Invasão do Rio Grande pelos hollandezes. — A invasão do Rio Grande do Norte pelos hollandezes realisou-se a 5 de dezembro de 1633, pouco depois de chegar ao Recife os navios que tinham tomado parte na expedição ás Alagôas.

Essa expedição foi dirigida pelo commissario Van Ceulen e compunha-se de quatro companhias de fuzileiros e quatro de mosqueteiros ás ordens do tenente-coronel Byma, o qual partiu em uma esquadrilha commandada por Lichtardt. As tropas desembarcaram junto do Cabo Negro, tres leguas ao sul da foz do Rio Grande, seguindo a esquadra a forçar a barra.

A esquadra foi deixando á margem do rio alguns troços de marinheiros, e estes protegidos pela columna de Byma, atacaram o forte dos Tres Reis Magos.

Era o forte defendido por oitenta e cinco homens e guarnecido com treze peças de artilharia. Como, porém, lhe ficava a cavalleiro um outeiro de areia, Calabar para ali conduziu os sitiantes, os quaes lhe fizeram uma brecha e feriram o seu commandante, capitão Pedro Mendes de Gouveia, o que deu motivo a affrouxar a resistencia e depois a capitular a praça.

Com o forte, que passou a demoninar-se de Ceulen, apoderaram-se os hollandezes de tres navios portuguezes.

No dia seguinte chegava da Parahyba, em soccorro do forte, 500 homens. Era tarde, porém, a melhor forta-

leza do Brasil, segundo Brito Freire, já se achava em poder do inimigo.

Alliança dos hollandezes com os selvagens. — Depois de ultimada a occupação do forte dos Tres Reis Magos, Calabar dirigiu-se com alguma força a perseguir os moradores dos campos visinhos, escapando de cahir em uma cilada que lhe armaram.

Querendo vingar-se, Calabar mandou convidar a vir á costa o morubixaba Janduhy, chefe de uma tribu de Tapuyas que vivia a umas oitenta leguas para o sertão. O selvagem aceitou o convite e chegando ao littoral cahiu inesperadamente sobre o engenho de Francisco Coelho, onde os referidos moradores tinham-se concentrado.

Igual convite fez Calabar ao chefe indio Simão Soares Jaguarary, o qual não o aceitou, dando assim prova de um bello exemplo de fidelidade, como se vê pelas seguintes palavras que tomamos a Roberto Southey, apoiado pelas affirmações de alguns chronistas:

« Oito annos jazêra em ferros no Rio Grande um indio, chamado Jaguarary pelos seus conterraneos e Simão Soares pelos portuguezes. O seu crime fôra ter desertado para os hollandezes quando estavam na Bahia, mas elle protestava ter sido unicamente para buscar sua mulher e filho, que tinham cahido nas mãos do inimigo. Aos juizes faltava virtude propria para acreditar na alheia, e apezar do indio ser tio de Camarão, o melhor alliado dos portuguezes, tinham-n'o estes conservado oito annos em carcere tão duro. Os hollandezes puzeram-n'o em liberdade. Immediatamente foi ter com a sua tribu: Sangram ainda, disse, os signaes das minhas cadeias, mas é a culpa, não o castigo que infama. Quanto peior me trataram os portuguezes, tanto maior será o vosso e o meu merecimento, conservando-nos fieis ao serviço d'elles, especialmente agora, que o inimigo os aperta. Ouviram-lhe os seus as razões e elle levou aos seus oppressores um corpo de alliados constantes, com os quaes os serviu tão bem, que mereceu na historia menção. »

Embora repellidos por Jaguarary, os hollandezes conseguiram firmar allianças com diversos caciques do interior, por meio das quaes puderam explorar o Rio Grande do Norte em todas as direcções.

Tentativa de occupação da Parahyba do Norte. — Reduzido o Rio Grande do Norte ao seu dominio, voltaram os hollandezes as suas vistas para a região visinha da Parahyba do Norte.

Assim desembarcaram na enseada de Lucena uns mil homens aos quaes fizeram marchar direito para o forte de Santo Antonio, que ficava fronteiro ao Cabedello.

Em caminho encontraram uma trincheira construida pelos da Parahyba e sendo a mesma atacada, sahiu do forte de Santo Antonio em sua defesa o capitão Lourenço de Brito.

Contra a referida trincheira levantaram os hollandezes uma outra trincheira. Porém, tão rudemente se viram hostilisados, principalmente com os ataques que pelo flanco e pela retaguarda lhes dava o capitão-mór Antonio de Albuquerque, que julgaram prudente levantar o acampamento e dirigirem-se ao cabo de S. Agostinho, esperando serem ali mais bem afortunados.

Mallogrado ataque ao Recife pelos pernambucanos (1° de Março de 1634). — Vendo Mathias de Albuquerque e Bagnuolo que as forças hollandezas achavam-se muito dispersadas com as expedições á Parahyba do Norte e Rio Grande do Norte animaram-se a atacar o Recife que julgavam fracamente guarnecido.

Foi encarregado do ataque o capitão Martim Soares Moreno ao qual se ordenou que procurasse principalmente ateiar fogo aos depositos.

Compunha-se a força, por elle commandada, de 500 homens, os quaes se dividiram, vadeando uns o Biberibe e avançando pelo isthmo e entrando outros pela porta do Brum que liga Olinda ao Recife. Porém, um portuguez atraiçoou o plano dos seus compatriotas, confiando aos hollandezes o intento dos atacantes.

Achavam-se pois de sobreaviso os do Recife e assim mallogrou-se a tentativa de tomada da praça.

Occupação do Cabo de Santo Agostinho. — Como já dissemos as forças hollandezas dirigiram-se ao ao cabo de Santo Agostinho ao deixarem a Parahyba.

O cabo era defendido pelo sargento-mór Pedro Corrêa da Gama com tresentos homens, logo, porém, que Mathias de Albuquerque soube das intenções do ini-

migo mandou um pequeno reforço e logo depois seguiu em pessôa com toda a gente disponivel.

Grande era o empenho dos hollandezes em assenhorearem-se do cabo, pois, como diz Southey, «a conquista deste logar, bem o conheciam elles, era o primeiro passo para a subjugação Pernambuco; era ali que os brasileiros recebiam soccorros de gente e materiaes, era ali que embarcavam os seus productos.»

Assim que a esquadra chegou, tentaram os hollandesembarcar a primeira divisão na praia de Itapoan, ao norte do cabo, porém, não o conseguindo, deliberaram fazel-a um pouco mais ao norte.

A gente de Pedro Corrêa da Gama, bem como uma força que chegára do Bom Jesus, sob o commando de Riba Aguero, foi acompanhando-os ao longo da costa até o sitio denominado das Pedras em que os hollandezes tentaram um segundo desembarque, sem que ainda o pudessem conseguir; e assim a primeira divisão teve que desistir do intento.

A segunda divisão da esquadra hollandeza, composta de onze navios (dos quaes se perdeu um), forçou a barra e seguiu pelo lagamar afim de dirigir-se ao logar em de ordinario fundeavam dos navios com intenção de occupar o Pontal, que não se achava artilhado, nem guarnecido.

A terceira divisão inimiga compunha-se de todas as lanchas e estava confiada ao commando de Calabar, por esse tempo já capitão dos hollandezes. Nellas achavam-se mil homens de desembarque.

Diz Southey:

«Meia legua ao sul havia pelo Recife uma entrada para o porto, tão estreita em verdade, que jamais se pensára que a mais pequena canôa a podesse passar, mas nada escapava a Calabar; formára elle melhor juizo, e introduzindo por ali as lanchas, foi desembarcar a gente no Pontal, onde ella principiou immediatamente a fortificar-se. Singular era agora a situação das partes belligerantes: o porto estava em poder dos Hollandezes, que ali tinham dez dos seus navios, mas só podiam communicar com o grosso da sua força por meio de botes pelo canal descoberto por Calabar, sendo os Portuguezes senhores ainda da terra.»

Ao forte do Pontal deram os hollandezes o nome de Duss e ao entrincheiramento levantado no ponto em

que as forças de Calabar desembarcavam o nome de Gysselingh.

Novo revez soffreu Albuquerque em um outro ataque que deu ao Pontal e desalentado então conformou-se em guardar os fortes de Nazareth e da Barra e levantar um reducto na praia por onde ia o caminho para o Pontal.

O districto da Ipojuca onde já haviam quinze engenhos foi devastado pelos hollandezes que se achavam senhores da ilha fronteira, chamada do Borges, pelo que Mathias de Albuquerque creou ali algumas companhias de emboscadas com o auxilio de reforços vindos da Bahia e da Parahyba e foi tudo quanto poude fazer o infeliz Mathias, pois de facto o cabo achava-se já em poder do inimigo.

Neste interim fizeram os hollandezes sob o commando do tenente coronel Byma uma investida contra o Bom Jesus; porém foi batido Henrique Dias e novamente ferido nesta acção.

Proposta de paz comprada repellida pelos hollandezes. — Acabrunhados como se achavam os chefes portuguezes e brasileiros pelos continuos successos das armas hollandezas que dia a dia iam levantando o pavilhão inimigo sobre todas as suas posições, tiveram a infeliz idéa de propor ao inimigo a paz pagando a este todas despezas feitas, si elle se resignasse a evacuar o paiz. Esta proposta foi altivamente repellida pelos hollandezes que declararam não serem vindos para vender as conquistas e sim alargal-as e mantel-as por Suas Altezas, os Estados Geraes, o principe d'Orange e a Companhia.

Reforços chegados aos hollandezes. — Ao mesmo que os zeladores da integridade do paiz davam por essa inepta proposta uma prova inconcussa da propria fraqueza e desanimo, cresciam as forças do inimigo.

Gysselingh e Van Ceulen, os dois commissarios da Companhia das Indias em Pernambuco partiram para a Hollanda e d'ahi ha pouco regressavam com 3,500 homens, ao passo que os portuguezes apenas recebiam duzentos homens vindos da Parahyba e cento e trinta chegados de Lisboa, pois a côrte de Hes-

panha ainda não havia conseguido aprestar a famosa esquadra que se propunha a restaurar Pernambuco.

Occupação definitiva da Parahyba do Norte. — Fortes pela chegada de taes reforços deliberaram os hollandezes realisar um ataque decisivo ás fortificações portuguezas da Parahyba do Norte, que até então tinham resistido ás diversas tentativas feitas contra ellas.

A expedição partiu do Recife a 25 de novembro de 1634, indo encarregado do mando das tropas Segismundo Schkoppe que levava como auxiliares Arcizeweski e o tenente-coronel Hinderson. Servia de almirante Lichtardt.

As fortificações da Parahyba constavam dos fortes Cabedello e Santo Antonio, de uma bateria de sete peças na ponta da restinga, do lado do Cabedello e varias baterias para o sul e para o norte da barra. O total das forças portuguezas era de oitocentos homens.

A 4 de dezembro apresentaram-se os hollandezes em frente ao cabo Branco com cincoenta barcaças conduzindo dois mil e tantos homens, dos quaes desembarcaram seiscentos na enseada de Jaguaribe, á vista do governador Antonio de Albuquerque, que nenhum estorvo lhes poz em consequencia da inferioridade das suas forças.

Travou-se pouco depois um tiroteio do qual resultou ficar prisioneiro dos hollandezes Bento do Rego Bezerra, personagem de importancia, e em seguida os invasores puzeram cerco ao Cabedello. Como lhes causasse immenso damno a bateria da ponta da Restinga, Lichtardt forçou a barra com a esquadra, protegido por um espesso nevoeiro e fazendo desembarcar oitocentos homens assenhoreou-se da sobredita bateria que transformaram em reducto contra o Cabedello, onde logo no primeiro dia mataram ou feriram trinta homens.

A' vista disso tornou-se muito difficil levar soccorros ao forte: por terra seria preciso vencer nove leguas e affrontar as ciladas de Calabar, muito conhecedor do paiz; por agua tinham que passar quasi por baixo das baterias da Restinga. Comtudo era esta a via preferida pelos portuguezes que se aproveitavam da treva e empavezavam os seus bateis com couros.

No emtanto o bombardeio contra o velho forte do Cabedello continuava. Contra elle haviam os hollandezes

assestado quatro baterias, com cujos tiros mataram ou feriram todos os artilheiros, excepto o capitão, e desmontaram todas as peças.

Estavam as cousas neste pé quando Bagnuolo chegou ao forte de Santo Antonio, onde Antonio de Albuquerque tinha assentado o seu quartel general; e da conferencia que os dois realisaram ficou resolvido que se enviasse Riba Aguero com duzentos e cincoenta homens ultimamente chegados de Pernambuco a inquietar o inimigo pela retaguarda.

Quando porém Riba Aguero se approximava do forte já este pertencia aos hollandezes, tendo a guarnição capitulado.

Procurou Antonio de Albuquerque concentrar a resistencia no forte de Santo Antonio. Como porém recusassem destacar para ali o contingente de italianos de Bagnuolo e escasseasse a polvora, ahi deixou um commandante que apenas resistiu durante quatro dias e retirou-se para a povoação da Parahyba, facil de defender-se.

Os hollandezes no emtanto, valendo-se da traição de Bezerra, que lhes ensinou uma passagem pela qual era possivel tomar-se a praça, marcharam sobre ella e a conquistaram, retirando-se Albuquerque e Bagnuolo para Pernambuco.

Em honra do stathouder de Hollanda impuzeram os hollandezes á capital da Parahyba o nome de *Frederica*, o qual, assim como o de *Felippea* que os lisongeiros do monarcha castelhano lhe haviam dado, não conseguiu vingar.

Logo que se apossaram da Parahyba comprehenderam os hollandezes que lhes seria em extremo prejudicial o abandono dos engenhos e das culturas pelos moradores, e assim aos 13 de janeiro de 1635, o facultaram aos ditos moradores, em nome do principe d'Orange, dos Estados Geraes da Hollanda e da Companhia das Indias Occidentaes as seguintes concessões:

1.° Affiançamento da liberdade de consciencia e do serviço do culto como anteriormente, com a devida protecção ás imagens e sacerdotes.

2.° Garantia de paz, justiça e protecção contra quaesquer inimigos.

3.° Segurança da propriedade, mediante a conti-

nuação da paga dos mesmos direitos e alcavalas, não se impondo novos tributos.

4.° Concessão de toda protecção aos tratos e negocios.

5.° Franquia de passaportes aos que para seus negocios se quizessem ausentar por mar ou por terra.

6.° Isenção aos moradores e seus filhos de serem obrigados a tomar armas contra forças vindas da metropole, permittindo retirarem-se a tempo os que não quizessem ficar na terra, si ella estivesse em risco de ser recuperada.

7.° Direito de recorrerem aos tribunaes do paiz contra os proprios governantes, nos casos contenciosos.

8.° De terem juiz seu nas questões entre uns e outros, que sentenciasse segundo as ordenações e leis portuguezas.

9.° Finalmente, poderem trazer comsigo armas, inclusivamente para se defenderem dos salteadores e levantados. »

Deserção do jesuita Manuel de Moraes.— Durante a luta dos hollandezes na Parahyba do Norte desertou para as fileiras inimigas o jesuita Manuel de Moraes, que por vezes tinha governado todas as aldeias de indios das capitanias de Pernambuco, Rio Grande e Parahyba.

Em seguida Moraes renunciou as ordens, com grande escandalo do clero catholico e fez-se calvinista, casando-se em Amsterdam.

Henrique Dias ferido pela quinta vez.— Emquanto se pelejava cruamente na Parahyba, dirigia o inimigo dois ataques ao arraial do Bom Jesus, sendo no emtanto repellido por Luiz Barbalho.

No segundo foi ferido pela quinta vez o bravo chefe negro Henrique Dias.

Capitulação do Arraial.—Segismundo Schkoppe, o conquistador da Parahyba do Norte, veiu reduzindo toda a região costeira comprehendida entre aquella capitania e o Recife, inclusive a ilha de Itamaracá onde os invasores já possuiam um forte, o da villa da Conceição e, logo que chegou a Pernambuco cogitou o Conselho num ataque serio e decisivo ao arraial

do Bom Jesus e ao forte de Nazareth, esses derradeiros e temerosos reductos da resistencia portugueza em Pernambuco.

Mathias de Albuquerque sabendo dos intentos dos inimigos passou-se com Duarte Coelho e Bagnuolo a defender Nazareth que lhes parecia de mais importancia estrategica e no arraial deixou André Marins com cincoenta homens e a milicia da terra.

A investida aos dois logares foi operada ao mesmo tempo, porém neste paragrapho só trataremos da que se praticou contra o Bom Jesus.

Dirigiu ao official polaco Arcizewsky que marchou a frente de uma divisão.

Feriram-se diversos combates, e afinal, após tres mezes de duro cerco, em que os portuguezes e brasileiros praticaram actos insignes de bravura, que as chronicas do tempo registram com os mais alevantados louvores, capitulou o arraial esse celebre reducto que durante quatro annos foi a unica barreira em que o flamengo esbarrou.

A intrepida guarnição obteve do inimigo a concessão de sahir com honras militares e ter passagem livre para as Indias Occidentaes. O mesmo não aconteceu com a milicia da terra e outros moradores que foram barbaramente martyrisados até pagar a somma que se lhes estipulou

A capitulação do arraial do Bom Jesus teve logar a 6 de junho.

Abandono de Porto Calvo por Bagnuolo. — Mathias de Albuquerque que havia seguido para Nazareth, estabeleceu o seu quartel general em Villa Formosa, localidade situada a seis leguas ao sul e d'ahi destacou Bagnuolo a defender e fortificar Porto Calvo que ficava vinte e cinco leguas mais ao sul, e era uma villa muito importante pelas numerosas fazendas e pastos dos seus arredores.

« Albuquerque, diz Varnhagen, poude porém apenas destacar para ahi, ás ordens de Bagnuolo, umas companhias do terço italiano, que unicamente serviam a chamar para esta paragem, patria do Calabar, a attenção deste, e por consequencia a do inimigo. »

Lichtardt ao entrar na barra do Rio Grando soube achar-se Bagnuolo fortificando Porto Calvo e por suggestões de Calabar para ali partiu a 13 de março de

1635, com o referido mameluco, levando ás suas ordens duzentos e oitenta homens, com os quaes esperava apoderar-se das obras antes que Bagnuolo as concluisse. Este porém sendo em tempo avisado, mandou ao encontro do inimigo Riba Aguero com quarenta homens o qual para não cahir nas mãos do general hollandez teve que se metter por uns alagados e fugir.

Bagnuolo esperou a pé firme o inimigo, porém ao começar o tiroteio metteu-se a desordem nas suas fileiras e elle foi obrigado a abandonar Porto Calvo, retirando-se com a gente que poude reunir para o Rio das Pedras e d'ahi para a Alagoa do Norte.

Tomada do forte de Nazareth pelos hollandezes.—Logo depois de desalojados os soldados de Bagnuolo de Porto Calvo, dirigiu-se o inimigo a Nazareth que era guardado por cento e trinta homens.

Commandava a expedição o intrepido Segismundo Schkoppe que começou accommettendo um posto avançado de Mathias de Albuquerque, guarnecido com cento e trinta homens.

« Mathias de Albuquerque e o irmão, diz Southey, avançaram a soccorrel-o com outra tanta gente, que era toda a força que lhes restava, mas esmagados pelo numero tiveram de retirar-se sobre o rio. Perseguiram-n'os os hollandezes, até que os portuguezes, nem na fuga vendo a salvação, com a coragem do desespero de novo fizeram frente ao inimigo, e, desbaratando-o, recuperaram o já perdido posto. »

O assedio de Nazareth prolongou-se ; com tão minguadas forças, porém, não podiam por fórma alguma resistir os defensores do forte; e capitularam sob as seguintes condições a 2 de julho de 1635 e assim :

1.° A fortaleza artilharia, vitualhas e munições seriam entregues a Van Schkoppe ou a seus deputados.

2.° Os governadores, capitães e mais officiaes soldados e pessoas de guerra poderiam sahir com as insignias, armas e bagagens, bandeiras tendidas, cordas e caixas temperadas. Vinte escravos se tirariam para se repartirem pelos officiaes, os outros se haviam de entregar.

3.° Sahiriam tambem os religiosos com suas mobilias.

4.° A infantaria toda e os religiosos, seriam embar-

cados para as Indias de Castella, e teriam no caminho bastimentos e ração como soldados. O capitão Lourenço Vaz, condestaveis e artilheiros sahiriam como a infantaria.

5.° O governador mandaria duas companhias tomar a entrega dos dois baluartes, antes de ameaçar sahir a guarnição.

6.° Com os moradores que entrariam na fortaleza antes cercada, não se entendiam estes artigos; e com suas fazendas, ficariam á ordem do governador e dos conselheiros.

7.° Dos seus escravos se trata no artigo segundo.

8.° Os individuos a quem se achasse alguma fazenda illicita, ou pertencente aos moradores presentes ou ausentes, não seriam comprehendidos nestes artigos.

9.° Estes não se entenderiam com os reunidos.

10. O capitão D. Joseph de Soto Ponce de Leon ficaria por fiador do ajustado e como em refens.

Ainda em Villa Formosa, posição sem condições de defensa, tentou Mathias de Albuquerque resistir, já levantando trincheiras, já organisando companhias de emboscadas, uma das quaes foi a dos Baptistas, treze irmãos (de pai e mãe) que quasi todos morreram na luta. Eram porém os hollandezes verdadeiros senhores de toda a terra; e assim, tendo elle comprehendido afinal que todo esforço seria inutil, e a 3 de julho de 1635 começou a retirar-se para a Alagôa do Norte, de onde o chamara Bagnuolo.

Muitos moradores com suas familias, senhores de engenho tanto de Pernambuco como da Goyana e da Parahyba tambem emigraram para o sul por essa occasião e o facto das extensas caravanas de homens, mulheres e crianças abandonando os lares pelo temor do estrangeiro, reproduzia o espectaculo de um novo exodo.

Heroismo de D. Maria de Souza.—Em um dos ataques dos hollandezes para se apossarem do forte de Nazareth presenciou-se um exemplo de heroismo feminino que deve figurar na historia de nossa Patria com o mesmo realce com que nos fastos latinos se admira a memoravel acção de Cornelia, a mãe dos Gracchos.

Diz Southey:

«Nesta acção cahiu Estevam Velho, filho de D. Maria de Souza, uma das mais nobres damas da familia. Já nesta guerra perdêra dois filhos e o genro, e ao chegar-

lhe a noticia desta nova desgraça, chamando os dois que ainda lhe restavam, dos quaes um de quatorze annos de idade, e o outro um anno mais moço, disse-lhes:

—«Hoje foi vosso irmão Estevam morto pelos hollandezes; a vós agora toca cumprir o dever de homens honrados numa guerra em que se serve a Deus, ao rei e Patria. Cingi as espadas, e quando vos lembrar o triste dia em que as pondes á cinta, inspire-vos elle, não magua, mas desejo de vingança, que quer vingueis vossos irmãos, quer succumbais como elles, nem degenerareis delles, nem de mim.»

Com esta exhortação os enviou a Mathias de Albuquerque pedindo-lhe que por soldados os contasse. De tal tronco não podia desdizer a prole e de tal mãe se mostraram dignos os filhos. »

Os mocambos dos Palmares. — Além da crúa guerra que as tropas de Mathias de Albuquerque, bem como todos os moradores soffriam em Pernambuco do exercito hollandez, juntava-se para os miseros o flagello das correrias dos Tapuyas, principalmente os da barbara horda dos Janduis, cujo principal Jandovi era alliado dos flamengos e tambem as depredações continuas que nos engenhos e pequenas povoações faziam os negros fugidos que se reuniam nos celebres mocambos ou quilombos dos Palmares.

Estes quilombos que tomaram o nome das extensas florestas de palmeiras em que se achavam, ficavam a trinta leguas da costa e nelles se asylavam milhares de negros que pelos maus tratos recebidos de senhores brutaes e pelo natural desejo de liberdade furtavam-se ao trabalho arduo e aos injustos castigos nas fazendas e engenhos.

Ahi, nesse asylo do sertão, cuja topographia e fauna transportava-os pelo pensamento a saudosas regiões da terra natal, esses infelizes entregavam-se á mais pesada indolencia, como reacção do muito que agiram sem vontade sob o estalido do azorrague e quando a fome lhes empolgava o estomago desciam aos povoados e praticavam na alheia propriedade e nas vidas todos os actos de rapina e crueza, naturaes do homem barbaro.

Ora taes negros muito contribuiram para acabrunhar os defensores da integridade territorial da Patria que se formava num momento de agonias, todo de luctas, de grandes sacrificios, de vilipendios e torturas.

CAPITULO IV

A LUTA COM OS HOLLANDEZES

DESDE A RESTAURAÇÃO DE PORTO CALVO ATÉ A NOMEAÇÃO DE MAURICIO DE NAUSSAU

(1615 — 1639)

Restauração do Porto Calvo. — Os pernambucanos emigravam em tão grande numero para o sul e eram portadores de tão valiosos cabedaes que não podiam deixar de despertar a cubiça de seus inimigos, os hollandezes, e estes naturalmente procurariam esbulhar os infelizes d'aquillo que salvavam.

Cumpre-nos aqui dizer que o povo hollandez é merecedor do maior respeito por parte das nações civilisadas, não só pela perseverança com que emprehende e leva a cabo os mais rudes trabalhos, como por suas altas virtudes civicas, pelas quaes sempre soube preservar liberdade politica, mesmo sob fórmas de governo que lhes são adversas e principalmente por uns tantos principios de honestidade privada; deve-se attender, porém, que as tropas hollandezas que então se achavam no Brasil não representavam esse povo. Não só a vida prolongada no acampamento era sufficiente para perverter os sentimentos, como tambem a maior parte do exercito rea composto de mercenarios recrutados pela Companhia das Indias em todos os paizes da Europa, e de preferencia nos de costumes mais dissolutos. Assim, nem sempre a campanha que fizèram contra os portuguezes era nobre e generosa, e tanto de um lado como de outro praticavam-se barbaridades revoltantes e traições miseraveis.

Mas, passemos adiante.

Quando o comboio de emigrantes se achava proximo de Porto Calvo, que os hollandezes occupavam, Sebastião do Souto, portuguez que se havia submettido ao jugo estrangeiro, vendo os invasores propensos a

atacarem os seus compatriotas, deliberou encaminhar os hollandezes a uma cilada.

Tendo assim determinado, sollicitou de Picard, governador hollandez, cuja confiança havia captado, permissão para reconhecer as forças de Mathias de Albuquerque, e sendo-lhe isto permittido, deu ao seu compatriota instrucções exactas a respeito dos meios pelos quaes poderia apoderar-se da povoação.

De accôrdo com as suas informações agiram os portuguezes e dentro em pouco achavam-se em Porto Calvo onde fizeram uma horrivel matança, tomando á viva força a fortaleza principal.

Picard e Calabar, com o resto da guarnição, refugiaram-se em uma casa onde se entricheiraram e supportaram o cerco. Porém, a 19 de Julho de 1635, vendo que era impossivel prolongar a resistencia, propuzeram capitulação que foi aceita, garantindo-se-lhes as vidas, excepto a de Calabar.

A guarnição hollandeza compunha-se do major Picard, vinte e cinco officiaes e inferiores, trezentos e sessenta e sete soldados armados, vinte e sete feridos e enfermos; a dos sitiantes, não passava de cento e quarenta segundo se lê em Varnhagen.

Supplicio de Calabar. — (22 DE JULHO DE 1635) Segundo alguns autores, a entrega de Calabar aos seus rancorosos inimigos foi feita por Picard sem muito constrangimento por parte deste. Outros, porém, affirmam que os hollandezes estavam dispostos a sacrificarem-se todos antes que votarem a uma morte certa o camarada, sendo o proprio Calabar que disso os dissuadiu.

O certo é que que o intrepido mameluco não foi comprehendido na capitulação e logo que se effectuou a mesma, os portuguezes o sentenciaram á forca como traidor, embora entre os hollandezes tivesse o posto de major o qual lhe dava o direito a uma morte mais nobre.

Foi confessor de Calabar, duranto os tres dias que elle esteve no oratorio, frei Manuel do Salvador, o mesmo religioso que com o pseudonymo de frei Manuel Calado escreveu o *Valeroso Lucideno*, obra que não deixa de ser interessante para o estado desse agitado periodo da historia patria; tanto este religioso, como frei Rafael de Jesus são accordes em affirmar que Calabar recebeu com firmeza a morte, a qual lhe foi dada a 22 de julho

de 1635, sendo depois o seu corpo esquartejado, vindo por conseguinte morrer na propria villa que lhe fôra berço.

Frei Manuel do Salvador e frei Rafael de Jesus affirmam que Calabar havia commettido em Porto Calvo, antes de desertar para os hollandezes, alguns crimes atrozes. A isto porém objecta com muita sisudez o conego Fernandes Pinheiro que nem Brito Freire, nem frei José de Santa Thereza, chronistas de muito mais pezo e gravidade, falam de taes crimes, pelo que se nos affigura não passar isso de perversa invenção de frei Manuel do Salvador.

Depois de executado Calabar, Mathias de Albuquerque mandou arrazar as fortificações de Porto Calvo e continuou a sua jornada para as Alagoas, entrando os inimigos logo em seguida na villa, commandados por Schkoppe, que prestou honra funebres militares a Calabar e ordenou que se passasse á espada todo o portuguez que fosse encontrado pelas mattas, para vingar a morte do heroico alliado, barbaridade que pela intercessão de frei Manuel do Salvador que se communicava com Arcizewsky, em latim, foi revogada, podendo os moradores voltar ás suas casas.

Retirada de Mathias de Albuquerque. — Não se contando com os indios, os destroços das forças portuguezas, com as quaes Mathias de Albuquerque se retirou para as Alagôas, compunham-se unicamente de quatrocentos homens.

Mathias de Albuquerque seguiu pelo caminho da costa e logo fortificou-se em Alagoas; Arcizewsky d'ahi a quinze dias chegava a Peripueira, logar alto sobre a costa, a dez legoas da Alagôa do Norte, e ahi collocou um grande destacamento, persuadido de que assim interceptaria as communicações do general portuguez com o povo dos campos. Isto porém apenas deu em resultado ficarem os portuguezes conhecendo o caminho do sertão das Alagôas para Pernambuco.

Mathias de Albuquerque chegou a 29 de agosto á Alagôa do Norte, onde, de accordo com Bagnuolo, resolveu passar á do Sul, por ser mais defensavel e mais central para os tres portos de Jaraguá, Francezes e Alagôas.

Commando geral de D. Luiz de Rojas y Borja. — Embora com muito custo, a côrte de Hes-

panha conseguiu finalmente reunir alguns soccorros para enviar ao Brazil, os quaes deveriam seguir em uma esquadra de vasos das corôas hespanhola, portugueza e napolitana.

Foi convidado para o commando da mesma D. Fradique de Toledo. Tendo porém este general declarado que só acceitaria a commissão si lhe dessem doze mil homens de tropa de desembarque, exasperou-se o conde duque de Olivares e mandou encarceral-o.

Pensou-se então em nomear D. Francisco da Silva que havia firmado o seu nome como general de merito nas guerras de Flandres. Este porém declinou da honra, pretextando ser-lhe extranho o exercicio da guerra na America.

Por esse motivo foi nomeado D. Antonio d'Avila e Toledo, marquez de Velada e grande de Hespanha. Como porém este chefe não pudesse partir immediatamente, passou o commando das tropas ao seu immediato D. Luiz de Rojas y Borja, que havia militado em Flandres e acabava de ser presidente no Panamá.

Compunham-se de mil e setecentos homens as forças entregues a D. Luiz de Rojas y Borja e foram embarcadas em trinta navios sob o commando de D. Lopo de Hozes e D. Rodrigo Lobo, os quaes traziam ordem de desembarcar em S. Salvador Pedro da Silva, novo governador geral e receber a bordo Diogo Luiz de Oliveira.

D. Luiz de Rojas y Borja vinha com o posto de mestre de campo general, ficando Bagnuolo com o de capitão general da cavallaria e da artilharia. Por essa mesma occasião foi conferido o titulo de Dom a Antonio Felippe Camarão, o intrepido indio Poty, cujos serviços aos portuguezes eram incalculaveis, não só nas terriveis emboscadas, como na retirada para as Alagôas.

Concordam os autores que si D. Luiz de Borja tivesse atacado o Recife logo ao chegar ao Brazil, facilmente teria reconquistado o porto e a cidade, pois as forças hollandezas achavam-se nesse momento muito dispersadas. O novo mestre de campo general, porém, chegando á vista do Recife não se animou a atacal-o e velejou para o cabo de Santo Agostinho e d'aqui para a ponta de Jaraguá onde desembarcou as tropas.

Perseguição a Mathias de Albuquerque.— D. Luiz de Rojas y Borja trouxera ordem da côrte a

Mathias de Albuquerque para que este se retirasse á metropole; Mathias promptamente obedeceu. Porém chegado ao reino foi este esforçado varão objecto de uma perseguição mesquinha, por parte exactamente d'aquelles a quem competia premial-o pelo muito que obrára no desempenho do posto que lhe fôra confiado.

Diz Varnhagen na sua *Historia das lutas com os Hollandezes no Brasil*:

«Deixou este conspicuo chefe o exercito em 16 de dezembro de 1635, depois de haver militado com tanta constancia e firmeza no Brazil, d'esta vez durante seis annos. O sentimento geral que observou na sua partida serviria de fazer-lhe esquecer alguns desgostos anteriores. Não cobrára jamais ordenados e grangeára sempre merecida reputação por sua honradez e prudencia.

Regressando á metropole, não foi porém gosar do descanso, nem de dias felizes.

A Meza da Consciencia lhe mandou tirar devassa pela perda de Pernambuco e por todo o seu procedimento como governador. Foi tirada a mesma devassa pelo doutor Francisco Leitão, agregando-se a ella depoimentos de testemunhas que não descubriam os seus nomes como na Inquisição.»

Em uma nota do mesmo livro lê-se no emtanto:

«Ainda seguia o processo no juizo dos cavalleiros em 1640, quando a restauração veiu a necessitar da espada do valente general, e todos os cargos se desvaneceram, e elle foi elevado á grandeza e feito conde de Alegrete, etc.»

Progressos dos Hollandezes. — Ao tempo em que D. Luiz de Rojas e Borja chegava ao Brazil, muito já se haviam adiantado os hollandezes, não só pela vastidão de suas conquistas que alcançavam no littoral desde o Rio Grande do Norte até Peripueira nas Alagoas, como tambem pelos notaveis progressos materiaes realisados no Recife.

Entre esses cumpre fazer sobresahir que haviam creado arsenaes navaes de alta importancia, e nestas easas se apparelhavam agora as esquadras, sem mais dependerem da Hollanda.

Com taes esquadras davam caça, muitas vezes feliz, aos ricos galeões da India, e conseguiram até apoderar-se novamente de Fernando de Noronha, cuja

insignificante guarnição capitulou após doze dias de cerco.

Batalha da Matta Redonda. — Morte de Rojas (18 DE JANEIRO DE 1635. — Logo ao desembarcar em Jaraguá, D. Luiz de Rojas y Borja marchou precipitadamente sobre Porto Calvo, embora officiaes mais experimentados desapprovassem o seu procedimento.

Mandou a artilharia para a villa de Santa Luzia, onde Bagnuolo havia ficado com setecentos homens e com o restante, que prefazia mil e quatrocentos, fóra os indios, pôz-se a caminho.

Van Schkoppe, que se achava em Porto Calvo, logo que soube da marcha de Rojas, abandonou a praça, e embarcou-se para o Recife, facto este com o qual o castelhano muito se envaideceu.

D. Luiz occupou Porto Calvo, porém immediatamente resolveu regressar, na intenção de encontrar-se com o polaco Arcizeweski que se recolhia da Peripueira, afim de secundar o seu collega que elle julgava achar-se ainda em Porto Calvo.

Tão seguro achava-se Rojas de vencer o inimigo, que não pensou enfraquecer-se deixando quinhentos homens em Porto Calvo; tendo, porém, logo que se pôz em marcha, mandado, por instancias de Martim Soares Moreno, alguns indios que deviam explorar o terreno a percorrer, ficou assombrado ao saber que o inimigo já emparelhava com elle e cercava-o pela retaguarda.

Chegára, pois, mais depressa do que elle pensava o momento de combater, e no dia seguinte ao de sua partida de Porto Calvo, encontrando elle os hollandezes occupando as proximidades de um bosque, mandou faze fogo.

Os hollandezes sustentaram com galhardia a investida, e assim que observaram uma certa desordem nas fileiras inimigas, carregaram violentamente sobre ellas e as debandaram.

Nesta acção, que ficou se chamando da Matta Redonda, foi morto Rojas, que recebeu uma bala pelas costas, quando, no emtanto, teve sempre a face voltada para o inimigo, e trinta e tantos homens das suas forças, havendo igual numero de feridos.

Após a victoria, Arcizewski recolheu-se á villa Formosa, destacando uma pequena guarnição para Peripueira.

Tiveram elles na batalha quarenta mortos e outros tantos feridos, porém salvaram as suas conquistas, pois si as forças de Rojas não são interrompidas de modo tão lugubre, bem certo é que muito alcançariam pelo impeto deste general, que para o seu triumpho tambem podia contar com os esforços dos habitantes, os quaes só com muita repugnancia supportavam o jugo hollandez.

Commando geral do Conde de Bagnuolo. —Pelo disposto nas vias de successão abertas ao morrer D. Luiz de Rojas, foi empossado no cargo de commandante geral das tropas o conde de Bagnuolo, embora com visivel constrangimento da maior parte dos officiaes, que com muita razão não lhe depositavam confiança.

Bagnuolo achava-se então, como sabemos, na villa de Santa Luzia, e assim que lhe chegou a noticia de que por ordem legal, fôra collocado na chefia, pôz-se em marcha em direcção ao norte por um novo caminho que fez abrir, e a 19 de março chegava a Porto Calvo.

Bagnuolo toma a offensiva pelo systema das guerrilhas. —Comquanto até então Bagnuolo não tivesse dado grandes provas do seu tino militar, comtudo soube comprehender que com as diminutas forças de que dispunha seria insensato provocar o inimigo para as acções em campo raso, e o unico systema de guerra que lhe seria proveitoso era o das emboscadas e escaramuças, que durante dois annos havia conservado os hollandezes encurraiados no Recife, e pelo qual durante tanto tempo puderam conservar o arraial do Bom Jesus.

Tendo assim deliberado, logo que chegou a Porto Calvo, despachou a occupar a linha do Una, distante dez leguas, algumas forças, com ordens de despachar para a frente pequenas escoltas, que deviam conservar o inimigo em sobresalto, e para o norte mandou Francisco Rebello com 450 homens, os quaes deviam chegar até onde lhes fosse possivel, devastando e queimando tudo quanto encontrasse.

A força destacada para a linha do Una soffreu alguns ataques de pouca importancia; as de Francisco Rebello cahiram inesperadamente sobre um engenho no Cabo; ahi mataram trinta soldados hollandezes e aprisionaram quarenta, com os quaes seguiram devastando até S. Lourenço, distante cinco leguas do Recife.

Nesse ponto foi Francisco Rebello embargado por Jacob Stachower, que partira do Recife com oitocentos homens; Stachower derrotou-o e conseguiu libertar os quarenta hollandezes que iam presos.

Diz Varnhagen que « a expedição de Rebello produziu no emtanto entre outros favoraveis resultados, o de permittir que se lhe reunissem os moradores que o desejavam, e neste numero entrou Henrique Dias com sua mulher, filhos e varios parentes, pois havendo este chefe capitulado no Arraial, mas tendo sido conservado em liberdade pelo inimigo, aproveitava a occasião para reunir-se ás antigas bandeiras.

Por esse tempo haviam os hollandezes deliberado fazer algumas nomeações de commandantes de districtos militares, afim de que fosse soccorrido com mais promptidão qualquer ponto atacado pelo inimigo. O referido Stachower tinha por missão seguir as tropas em operações, Ipo Eysen ficou encarregado do mando de Itamaracá para o norte; Schott do districto do cabo de Santo Agostinho até o rio das Jangadas, e Balthazar Wintjes, com Elias Herckman, do Recife.

A' expedição de Rebello seguiu-se a expedição de João da Silva Azevedo, com trezentos e cincoenta homens, a qual obteve poucos resultados. Logo depois partiram D. Antonio Felippe Camarão com uns trezentos indios e Henrique Dias, já condecorado pela metropole com o titulo de *governador dos pretos;* os dois conspicuos batalhadores, com pasmo geral, talaram toda a região até Goyana, ao norte de Pernambuco e ao regressar defenderam-se durante os dias 23 e 24 de agosto contra as forças de Arcizewsky que os atacaram em S. Lourenço. Tres mezes depois de partidos achavam-se de volta a Porto Calvo, acompanhados de grande numero de moradores que se lhes juntaram no percurso da jornada, os quaes tambem foram protegidos por uma columna de oitenta homens commandados por Sebastião do Souto, que partiu de Porto Calvo a encontral-os.

Em seguida organisou-se uma nova expedição que teve por commandantes Francisco Rebello, João Lopes Barbalho e outros; estes avançaram até Parahyba, onde destruiram muitos engenhos e culturas e até mataram Ipo Eysens que ahi commandava. Para reforçar a expedição marchou Sebastião do Souto, que conseguiu reunir-se a Rebello, porém, a 17 de novembro foram os

dois capitães derrotados, após duas horas de acção e a muito custo puderam recolher-se a Porto Calvo.

Seguiu-se outra excursão dirigida pelos capitães Francisco Peres do Souto e Paulo de Parada que não passaram dos engenhos de Goyana, dos quaes queimaram alguns e logo depois confiou Bagnuolo a direcção do pernambucano Estevão de Tavora e do preto Henrique Dias uma outra que chegou até uma legua ao sul do Recife. Souto e o ajudante André Vidal encarregaram-se pelo mesmo tempo de uma expedição que chegou até Parahyba devastando tudo na passagem. Souto foi ferido nessa excursão com uma frechada no braço e André Vidal com uma chuçada no peito.

André Vidal de Negreiros, que era natural da Parahyba do Norte, tornou-se depois um dos mais conspicuos vultos da luta com os hollandezes.

Nomeação de Nassau. — Esta luta de guerrilhas e escaramuças si inquietava o inimigo e lhe produzia miudas avarias, só podia no entanto apresentar resultados verdadeiramente satisfactorios quando um exercito fosse aproveitando-se dos esforços empregados pelos guerrilheiraos. Bagnuolo, porém, achava-se sem tropas sufficientes e a côrte de Hespanha apezar da bôa vontade de Felippe IV nenhum soccorro poude fornecer-lhe e por conseguinte não se podia exigir mais de Bagnuolo, pois muito já havia feito elle levando a guerra até as portas do Recife, em logar de esperar que o inimigo lh'a trouxesse aos seus fortes das Alagôas.

Si em Hespanha, porém, nada se podia ou não queriam fazer em prol da restauração de Pernambuco, de modo diverso procediam os hollandezes no sentido de resguardar suas importantes conquistas.

Assim resolveram o stadthouder, os Estados Geraes e a Companhia das Indias dar o maximo desenvolvimente á defesa de Pernambuco, confiar a direcção absoluta da conquista a um chefe de prestigio superior.

A escolha recahiu em João Mauricio, conde de Nassau e primo do stadthouder principe d'Orange, o qual aceitou a incumbencia por cinco annos, sendo durante esse tempo auxiliado por tres conselheiros intimos.

A Nassau conferiu-se a retribuição de dois mil e duzentos florins por mez, 2 % de todas as presas, e deu-se-lhe um regulamento constante de 99 artigos, pelo

qual era elle autorisado a preencher os postos militares quando estivesse em campanha.

Os cargos civis que não fossem providos pela metropole deviam ser conferidos pela junta ou conselho por elle presidido.

Para os cargos de conselheiros intimos foram nomeados os dois directores Gysseling e Ceulen que já se achavam no Recife, agregando-se-lhes um novo Adrian van der Dussen.

A nomeação do conde de Nassau teve logar a 2 de agosto de 1636.

CAPITULO V

A LUTA COM OS HOLLANDEZES

DESDE A CHEGADA DE MAURICIO DE NASSAU ATÉ LEVANTAR-SE O CERCO DA BAHIA

O illustre conde de Nassau chegou ao Recife com quatro navios a 23 de janeiro de 1637 e alojou-se na ilha de Santo Antonio ou de Antonio Vaz. Segundo uma carta que d'ahi ha dias escrevia para sua patria achára «o paiz dos mais bellos do mundo, e a situação d'aquella praça bastante forte e vantajosa. »

Portuguezes e brasileiros recrudesciam nas suas correrias quando elle chegou e por isso Nassau não perdeu um instante, pondo tudo em ordem afim de combatel-os.

Combate de Comendatuba e tomada de Porto Calvo por Nassau. — Depois de haver distribuido 2,600 homens pelas differentes guarnições, organisou Nassau um exercito de 3,000 homens, oitocentos marinheiros e seiscentos e tantos pretos e indios, força que em parte ficou sob o commando de Segismundo van Schkoppe. Ordenou que Arcizewski se dirigisse por mar com outra força para a Barra Grande e elle proprio marchou para o rio Una que attravessou no dia 16 de fevereiro de 1637. As tropas de Arcizewski chegaram á Barra Grande no dia 16 e immediatamente puzeram-se de accôrdo com as de terra, marchando as duas sobre Porto Calvo onde se achava Bagnuolo com quinhentos homens, pouco mais ou menos.

Bagnuolo quando soube da approximação do inimigo mostrou-se indeciso, optando afinal pelo plano mais absurdo que era o de defender Porto Calvo, embora suas forças fossem muito inferiores ; assim fortificou-se em um dos reductos, collocando Miguel Giberton, commandante da artilharia, em outro.

Quando, porém, o inimigo chegou á vista Ba-

gnuolo mudou de resolução e deliberou acommettel-o, ordenando que o seu immediato Almiron com um corpo de oitocentos homens, incluindo os indios de Camarão, em numero de trezentos e os negros de Henrique Dias em igual numero sahissem ao encontro dos hollandezes.

Almiron avançou até a margem do Comendatuba, onde julgou poder entricheirar-se vantajosamente e conter o inimigo na sua marcha. Tal, porém, não succedeu.

Nassau tinha ordenado que os seus indios, escondidos pelos mattos, contornassem os indios inimigos pelos flancos; estes assim o fizeram logo que se estabeleceu a confusão nas fileiras portuguezas pelo inesperado ataque que recebiam, Nassau cahiu sobre ellas violentamente, destroçando-as com facilidade.

D. Antonio Felippe Camarão, como sempre, obrou prodigios de valor, e até sua propria mulher D. Clara Camarão sahiu a campo e pelejou galhardamente.

Henrique Dias foi ferido pela sexta vez. Esse ferimento foi produzido por uma bala que lhe penetrou no punho esquerdo, e presumindo elle estar a mesma envenenada, ordenou que lhe amputassem o braço.

Tambem se distinguiu Francisco Rebello.

Neste interim Bagnuolo sentia-se tão acobardado que precipitadamente fugiu para as Alagôas, sem ao menos levar o seu plano ao conhecimento de Miguel Giberton, commandante do outro forte.

Nassau mandou perseguir a retaguarda de Bagnuolo até duas leguas de distancia, fazendo ainda alguns prisioneiros e depois entrou em Porto Calvo, onde obrigou Miguel Giberton a capitular, tratando-o no emtanto com muita distincção.

Animado por esta victoria, Nassau ao sul, Segismundo van Schoppe com alguma força dirigiu-se por terra ao sul, e elle, acompanhado das restantes, embarcou-se na Barra Grande com destino a Jaraguá, de onde marchou até as margens do S. Francisco, paragem a que chegou a 27 de março de 1637, sem encontrar Bagnuolo e suas forças que já tinham passado para Sergipe d'El-Rei.

---

(1) Bagnuolo tinha feito recolher a Porto Calvo as forças do Una.

A's margens do S. Francisco eno morro que domina a povoação do Penedo, Nassau fez construir um forte a que deu o nome de Mauricio, e pela mesma occasião dispoz que por meio de outros fortes fosse occupada a margem do grande rio que escolheu para fronteira de suas conquistas.

Bagnuolo seguiu fugindo até S. Christovão, em Sergipe, onde chegou em fins de março, e facil seria a Nassau enxotal-o até a Bahia, quiçá tomar esta de assalto, porém, havia deliberado o contrario e por conseguinte, ordenou a Arcizewski que se retirasse para a Hollanda, « ao parecer, diz Varnhagen, por não estar com elle em boa intelligencia» e regressou para o Recife.

Guardando a fronteira do S. Francisco ficou Segismundo van Schkoppe ; e á esquadra, ao mando de Lichtardt, ordenou Nassau que fosse cruzar ao sul.

Lichtardt fez diversas avarias em barcos mercantes da Bahia, saqueou e incendiou Camamú e chegou a effectuar um desembarque na villa dos Ilhéos.

Retirada de Bagnuolo para a Bahia. — Chegando a S. Christovão, Bagnuolo mandou á Hespanha e ao governador-geral Pedro da Silva, offerecer-se para soccorrer a Bahia, receioso como se achava de que Nassau animado pelas victorias anteriores não tardasse a investir a capital do Estado ; no emtanto, nem a metropole, nem o governador aceitaram o seu offerecimento, antes responderam-lhe desdenhosamente, dizendo-lhe : « que melhor seria ficar onde estava do que acarretar sobre a Bahia a má sina de Pernambuco ».

A' vista disso deliberou Bagnuolo voltar á guerra de depredação, que tão bons resultados lhe havia dado quando tinha o seu quartel-general em Porto Calvo.

Começou perseguindo os hollandezes do forte Mauricio que se aventuravam pela capitania de Sergipe, afim de se abastecerem de gado e depois organisou expedições de guerrilheiros que ousadamente chegavam até as portas do Recife.

Considerando quão damninhas eram estas incursões, Nassau fez seguir o conselheiro intimo, Gysshe-ling, com dois mil homens a fazer juncção com Schkoppe no forte Mauricio e a ambos ordenou que expellissem de Sergipe o inimigo.

Assim que Bagnuolo soube ter-se reforçado a guarnição do forte Mauricio procurou saber o seu numero.

Diz Southey :

« Com tres camaradas passou Souto o rio a nado, entrou numa casa, e apoderando-se de um official hollandez, trouxe-o para o acampamento. Reuniu-se então um conselho. Alguns espiritos mais bravos foram de opinião que mais se carecia de reputação com que resistir o inimigo, do que de gente, e que convinha fazer frente; aliás que fazer si abandonavam Sergipe e a Bahia os não queria receber. A isto retrucou-se que a Bahia agora aceitaria gostosa os soccorros que antes rejeitára desdenhosa, por quanto não se podia arrancar das espadas em Sergipe, sem que de S. Salvador se lhes visse o fuzilar. Demais era ali o verdadeiro logar de provar brios, que guardando a cabeça do Estado se defendia o todo. A estes argumentos se rendeu Bagnuolo, e mandando uma partida a assolar a fogo o paiz que deixava atraz, de novo se poz em retirada com os miseros emigrados das conquistadas provincias. Mais uma vez tiveram estes desgraçados de passar pelos horrores de uma fuga. Os Potyguares como mastins os foram acossando por todo o caminho ; e os tristes que rendidos de fadiga ou por qualquer accidente ficavam atraz, eram sem dó despedaçados por estes selvagens. Outros mais felizes cahiam nas mãos dos hollandezes, muitos pereceram nas mattas mordidos das cobras (1). Exhaustos de soffrimentos muitos houve, que resolveram submetter-se ao inimigo, de quem obtiveram passaporte para regressar ás abandonadas habitações. Os proprios chefes, a quem se communicava esta resolução, a animavam; melhor era, diziam, este alvitre para o serviço do rei; lá a todo o tempo estariam promptos a ajudar os seus conterraneos aberta ou secretamente, valendo mais que fossem para onde poderiam coadjuvar os soldados, do que seguir o exercito e carecer do auxilio d'elles. Ainda assim não poude o maior numero dos pernambucanos soffrer a ideia da submissão, e desesperadamente foram por diante, sem saberem onde nem quando teria fim a fuga ».

---

(1) Emquanto a partida fazia alto foi uma mulher lavar roupa em um regato, e depoz o filho numa mouta ; logo depois ouvindo-o gritar voltou-se e viu uma onça a devoral-o. Perdidos a esta vista os sentidos, cahiu na agua com o rosto para baixo, afogando-se num arroio, que mal lhe dava pelo tornozelo. Brito Freire.

Ao chegar á Torre de Garcia d'Avila achou Bagnuolo um mensageiro do governador geral Pedro da Silva que lhe ordenava fazer alto nessa paragem, emquanto se preparavam em S. Salvadar quarteis para as tropas ; pouco depois chegava o mesmo governador, o qual, conferenciando com Bagnuolo, assentou em restaurar as fortificações da Bahia.

Devastação de Sergipe.—A destruição de Sergipe, começada por Bagnuolo na sua retirada, foi terminada pelos hollandezes.

« Bagnuolo, diz o dr. Felisbello Freire, em uma incandescencia de odio e rancor, no intuito do inimigo nada encontrar na nascente capitania, entrega tudo á destruição de seus soldados, desapparecendo uma pequena riqueza accumulada em quarenta e sete annos de colonisação » (1).

Os hollandezes por sua vez desembarcaram na fortificação que tinham defronte do forte Mauricio e dirigiram-se a S. Christovão, onde chegaram a 18 de novembro.

« A destruição, diz ainda o dr. Felisbello Freire, encetada pelos conquistados é acabada pelos conquistadores, que entregam ás chammas a pequena cidade, devastam os cannaviaes e os sitios, incendeiam os engenhos e em vez de protegerem os infelizes abandonados, aquelles cujas forças privaram de acompanhar os seus concidadãos, enxotam-n'os de seus lares para com a miseria e a dôr, seguirem a reforçar o exercito fugitivo. »

Tomada de S. Jorge da Mina.—Por este tempo resolveu Mauricio de Nassau fazer uma diversão militar á costa d'Africa, isto em consequencia de um aviso que recebeu de Nicolau Van Ypern, commandante da colonia hollandeza Nassau na costa de Mina. Dizia-lhe este aviso que com algumas forças poderiam os hollandezes apoderar-se facilmente do castello de S. Jorge da Mina, ponto principal do commercio de africanos escravos.

Despachou pois Nassau a tentar a empreza João Kœn com oitocentos soldados e quatrocentos marinheiros, os quaes fizeram-se ao largo em 25 de junho de 1637.

(1) Felisbello Freire. — *Historia de Sergipe.*

Chegado á Africa marchou Koen contra a fortaleza, e, ao avistal-a postou-se em um serro do qual mandou-lhe alguns tiros e intimou o governador.

Este, embora a praça fosse fortissima e tivesse os fossos abertos em rocha, por cobardia não resistiu, capitulando logo após a intimação.

Teve logar este facto a 29 de agosto de 1637.

Occupação do Ceará pelos hollandezes.— Depois do feliz ataque ao forte de S. Jorge da Mina resolveu Nassau occupar o Ceará e para este fim confiou ao major Joris Garttman duzentos homens.

Garttman partiu do Recife em outubro de 1637 e em dezembro chegou ao seu destino.

Ahi reuniu-se com o morubixaba Maniú que commandava duzentos indios e, assim reforçado, atacou a povoação que os portuguezes tinham nas proximidades do local hoje occupado pela cidade da Fortaleza.

Essa povoação era defendida por um forte quadrado, tinha duas peças de ferro e achava-se guarnecido por vinte ou trinta soldados e alguns indios, os quaes após vigorosa resistencia capitularam, cahindo por essa fórma o Ceará em poder dos hollandezes.

Assedio da Bahia por Mauricio de Nassau. (1638—1639).—Mauricio de Nassau sentia agora não ter perseguido Bagnuolo até a Bahia, pois lhe parecia ter sido esta facil preza naquella occasião em que lhe era tão propicia a sorte das armas e as forças do inimigo achavam-se completamente desmoralisadas; todavia pensou que ainda era tempo de realisar aquella conquista e começou a preparar-se para a expedição, na qual aproveitou duzentos soldados que lhe tinham chegado da Hollanda.

A 8 de abril de 1838 fez-se Nassau de vela do Recife e segundo o calculo do escriptor hollandez Netscher compunham-se as suas forças de 3,400 soldados e marinheiros, além de 1,000 indigenas.

No dia 14 do mesmo mez achavam-se os seus navios na Bahia. Antes de entrar, porém, talvez por artificio ou levado pelos ventos e correntes, velejou mais para o norte até a altura do Rio Vermelho.

No dia 16 a esquadra forçou a barra e entrou na Bahia, mettendo-se pelo Reconcavo, afim de evitar os tiros dos fortes e ás quatro horas da tarde foi fundear além de Itapagipe, defronte das praias situadas entre as

ermidas de S. Braz e da Escada, começando logo a desembarcar tropas que nessa mesma noite foram acampar nos serros visinhos, onde encontraram abundancia de agua e lenha.

Ao encontro do inimigo partiram da cidade tres brigadas commandadas pelo governador geral D. Luiz da Silva, Bagnuolo e Duarte de Albuquerque e já se achavam proximas d'aquelle, quando Bagnuolo fez sentir que era imprudente abandonar-se a cidade para atacar-se o inimigo com tão pequenas forças, quando no emtanto era mais avisado recolherem-se todos á capital e ahi aguardarem o ataque. Muitos vociferaram contra este alvitre, porém elle foi aceito pelos generaes e as forças regressaram á capital. Nesta, o povo ao saber da decisão tomada amotinou-se : tocou a rebate o sino da camara e magotes de populares percorreram as ruas bramindo contra os chefes, pelo que foi preciso que Duarte de Albuquerque e o bispo sahissem á praça e acalmassem os animos com a promessa de que o inimigo seria buscado na manhã seguida.

Effectivamente ao outro dia Bagnuolo marchou com todas as tropas a dar combate aos hollandezes, estes porém já haviam mudado de posição e Bagnuolo poude regressar á cidade sem trocar tiro, satisfazendo assim a vontade popular e os seus temores.

Occupou-se primeiro Nassau em investir os fortes e começou occupando uma posição que ficava fóra do alcance dos tiros de canhão da cidade e á bala de mosquete da capella de Santo Antonio.

D'ahi começou a bater a cavalleiro o forte do Rozario e o reducto da Agua dos Meninos que protegia a praia, fortificações essas que logo se renderam, embora as respectivas guarnições pelejassem com apreciavel denodo. Seguiu-se a rendição do forte Monserrate, sem resistencia, e depois a do de S. Bartholomeu, tambem sem resistencia, embora guarnecido com setenta homens e defendido por dez canhões.

Na cidade começava a reinar a insubordinação nas tropas : os officiaes da guarnição não queriam obedecer a Bagnuolo e as tropas de Pernambuco insurgiam-se contra Pedro da Silva ; e como a indisciplina fosse em augmento, pediu o governador geral que Bagnuolo tomasse sobre si o commando de todas as tropas durante o assedio, o que este aceitou.

« Como general, diz Southey, andava Bagnuolo muitas vezes errado, e sempre infeliz. Conhecia a sua propria impopularidade e esse acto de não esperada confiança parece quasi tel-o regenerado ; o zelo, a actividade e intrepidez, que desenvolveu agora, tornaram-n'o tanto objecto de admiração, como antes o havia sido de odio e desprezo. »

Bagnuolo poz-se logo a trabalhar com muita actividade nas trincheiras da capella de Santo Antonio, as quaes ainda não estavam terminadas quando Nassau mandou contra ellas 1,500 homens que foram repellidos galhardamente ficando no campo duzentos cadaveres.

Dentre os portuguezes foi morto o denodado capitão Estevão de Tavora que com tanto esforço havia pelejado em Pernambuco.

Este revez soffrido pelos hollandezes conteve-os um pouco, com o que os da cidade se animaram a fazer algumas sortidas para arrebanhar prisioneiros e se abastecerem de gado ; nestes serviços se distinguiram muito Souto e Rebello.

Terminadas as trincheiras de Santo Antonio passou-se Bagnuolo a levantar outras nas Palmas, posto do qual D. Fradique grande damno fizéra aos hollandezes em 1624, pelo que Nassau resolveu abrir as suas baterias no dia 1 de maio.

« Hoje em dia, diz Southey, em que a obra da destruição se faz em tão tremenda escala semelhantes baterias quasi excitam o riso; na maior, que ficava fronteira a Santo Antonio do lado do mar, não se montaram mais de seis peças de vinte e quatro ; e nas outras do lado de terra duas de igual calibre. Jamais talvez se fizesse guerra com meios tão desproporcionados ao intento : duas nações se disputavam um imperio não menor em extensão do que a Europa civilisada, e nunca de ambos os lados chegaram as forças a quinze mil homens ».

As guarnições destas baterias foram muito hostilisadas pelos sitiados nos quaes pouco damno fazia e por isso Mauricio de Nassau resolvera pôr em execução um supremo esforço para apoderar-se da cidade. Esse ataque realisou-se a 18 de maio.

Contra as trincheiras marcharam tres mil hollandezes, os quaes ganharam o fosso e nelle se intrincheiram arremettendo contra as portas, onde o combate se tornou sanguinolento. Sobre os sitiados cahiam balas

ardentes que produziam grande estrago e em cima os atacantes lançavam de dentro traves e pedras ; e como os portuguezes tinham quasi todas as suas forças concentradas nesse ponto, por imprevidencia dos hollandezes que não deram rebate nos outros postos, não puderam estes vencer a resistencia e ao descer a noite retiraram-se, desanimando Nassau de levar avante a empreza de assenhorear-se da Bahia, pois as suas forças achavam-se muito reduzidas.

Os hollandezes deixaram cerca de trezentos e tantos mortos no campo e cincoenta prisioneiros.

Dentre os mortos contou-se o capitão Houwyn e o engenheiro Berchen. O major Hinderson foi ferido em uma perna.

Os portuguezes tiveram duzentas baixas, entre mortos e feridos. O celebre Sebastião do Souto foi um dos mortos.

Exasperados com esta derrota empregaram-se os hollandezes em devastar o Reconcavo, onde commetteram toda a sorte de crueldades, até que na noite de 25 de março Nassau mandou levantar ferro á sua esquerda e velejou para o Recife, muito contrariado pelo insuccesso da tentativa que acabava de fazer.

Entre outros, um dos principaes erros de Nassau nesta campanha foi tel-a tentado depois de haver expellido de Sergipe o exercito de Bagnuolo, reforçando assim a guarnição da cidade com mil e duzentos soldados veteranos, que, segundo o padre Vieira, eram os ossos da guerra, e pelo seu valor dignos de serem venerados como reliquias.

O Senado da Camara da Bahia recompensou as tropas pernambucanas, pelos grandes serviços prestados durante o cerco, com um donativo de mil e seiscentos cruzados.

D. Luiz da Silva foi premiado pela metropole com o titulo de conde de S. Lourenço, Bagnuolo com um principado no reino de Napoles que nesse tempo se achava sujeito á Hespanha, D. Antonio Felippe Camarão obteve na Ordem de Christo uma commenda lucrativa e bem assim Luiz Barbalho.

CAPITULO VI

LUCTA COM OS HOLLANDEZES

Desde a chegada do conde da Torre até a restauração de Portugal

Chegada do conde da Torre.— A noticia dos vexames que soffrêra a Bahia, quando assediada por Mauricio de Nassau e o zelo com que este procurava alicerçar as conquistas hollandezas na terra brazileira, determinaram afinal a metropole a fazer um grande esforço no intuito de rehaver o que por desidia ou escassez de meios havia deixado que o inimigo empolgasse.

Assim, em 11 de agosto de 1639 creou a côrte hespanhola uma junta para ultimar os aprestos de uma poderosa esquadra, e, por meio d'ella, propoz-se o governo a fazer um contracto com o capitalista João Fernandes de Oliveira, que pouco depois se comprometteu a prover ao Brazil com a somma de um milhão, contribuindo para o resgate os bens ecclesiasticos e os das ordens religiosas.

Foi convidado para chefe da expedição o conde de Linhares; e tendo este recusado, nomeou-se D. Fernando Mascarenhas, conde da Torre, grande militar e conselheiro de estado, que veiu para o Brazil afim de assumir conjuntamente os cargos de governador geral e capitão general de mar e terra.

Compoz-se a esquadra em que veiu o conde da Torre de trinta e tres embarcações, vinte e cinco equipadas em Portugal e oito em Hespanha, partindo a mesma de Lisboa a 7 de setembro de 1639.

Embora Mauricio de Nassau andasse bem informado do que se passava em Hespanha relativamente ao Brasil, escapou-lhe a do apresto de tal esquadra e por isso foi com verdadeiro espanto que a lobrigou no horisonte a 23 de janeiro de 1636, achando-se elle completamente desprevenido.

São de opinião alguns autores que si o conde da Torre atacasse nesse momento o Recife, facil ter-lhe-ia

sido dar um golpe mortal no dominio hollandez. Porém a metropole não aprendêra a mudar de tactica com o mallogro da expedição de D. Luiz de Rojas e como procedera com este, ordenou ao conde da Torre que aportasse primeiro á Bahia, com o que o activo Nassau cobrou animo e procedeu com toda a urgencia aos aprestos para a defesa.

A esquadra do conde da Torre singrou para a Bahia e um anno demorou-se nesta capital a recrutar soldados e a proceder-se a novos preparativos, limitando-se o general a mandar André Vidal de Negreiros e Camarão a assolar as capitanias submettidas aos hollandezes.

Instrucções dadas aos guerrilheiros.—O primeiro chefe de guerrilhas que partiu foi André Vidal de Negreiros e em principio de julho de 1636 seguiu D. Antonio Felippe Camarão que devia passar o S. Francisco, reunir ás suas forças a gente de uma aldeia de indios amigos que havia ás margens do mesmo e seguir a entender-se com o chefe indio Rodella e com elle e sua gente marchar pelos sertões até a Ipajuca, Cabo, S. Lourenço e Varzea, procedendo sempre de modo a nunca expôr-se a ficar cercado.

Devia igualmente conservar-se em intelligencia com Vidal que seguira para a Parahyba e ter espiões para saber do seguimento da armada, afim de servir a esta, quando necessitasse communicar com a terra.

Seguiu depois João Lopes Barbalho, que levava por instrucções incendiar tudo quanto não lhe aproveitasse e guerrear só á maneira india, por meio de assaltos e emboscadas.

Combate naval de Itamaracá (12 de Janeiro 1640).— Aos 18 de novembro de 1639 partiu da Bahia a esquadra hespanhola que se propunha restaurar Pernambuco e logo que Nassau teve conhecimento da sua marcha, fez reunir no Recife todos os vasos da armada hollandeza que se achavam dispersos pela costa, e equipando bem quarenta e um, despachou-os ao encontro da esquadra do conde da Torre.

Este, depois de aportar ás Alagôas, onde pretendeu communicar com as forças de terra, velejou para o Recife.

A 10 de janeiro de 1640 soube Nassau achar-se a esquadra hespanhola para os lados do norte e immediatamente ordenou que a armada hollandeza que já havia

regressado ao Recife, fosse ao seu encontro; esta assim o fez e avistando a frota inimiga no dia 12, defronte da ponta das Pedras, na ilha de itamaricá, ahi feriu-se o combate.

O conde da Torre preparava-se a operar um desembarque no Páu Amarello; não lhe permittiu porem o almirante hollandez, que, seguindo a mesma tactica observada no combate entre Pater e Oquendo, partiu logo em direcção á almiranta hespanhola, e com ella e mais quatro galeões luctou valentemente durante tres horas.

Os hollandezes só tiveram quatro mortos, porem um delles foi o almirante, e por isso suspendeu-se a peleja, ficando indecisa a acção.

Combate naval entre Goyana e Cabo Branco (13 DE JANEIRO DE 1640).— Morto o almirante, assumiu o commando da esquadra hollandeza o vice-almirante Jacob Huygens, o qual enfrentou a esquadra inimiga no dia seguinte ás 10 horas da manhã, entre o cabo Branco e Goyana. Esta acção foi mais porfiada e nella foi a pique a nau hollandeza *Geele Son*, cujo commandante afogou-se, bem como quarenta e quatro soldados que a guarneciam.

Combate naval da Parahyba (14 DE JANEIRO DE 1640).— Sempre levadas pelas correntes e pelos ventos, as duas esquadras chocaram-se de novo no dia seguinte, achando-se ellas em aguas da Parahyba, a duas milhas do forte do Cabedello.

A almiranta hollandeza tendo-se mettido entre as almirantas de Castella e Portugal, estas lhe fizeram um fogo vivissimo, o qual no emtanto produziu mais estragos ao velame e á mastreação do que á guarnição.

A nau *Swaen*, do vice-almirante hollandez Alderiksen, vendo-se desmastreada, lançou ferro, sendo immediatamente accommettida por varios navios da esquadra do conde da Torre que conseguiram dar-lhe abordagem. Logo, porem, Alderiksen mandou picar as amarras, podendo assim capturar a nau *Chagas*, onde encontrou vinte e um canhões.

Combate naval de Cunhaú (17 DE JANEIRO DE 1840).— Dois dias depois, quando as esquadras se achavam na altura de Cunhaú, viu-se o conde da Torre inopinadamente atacado por Jacob Huygens, e forçado a retirar-se, apezar da resistencia que alguns galeões oppuzeram ás investidas do inimigo.

Consequencias dos quatro combates navaes. — As consequencias dos quatro combates navaes foram assignalar ao hollandez mais uma victoria memoravel e desprestigiar-se o conde da Torre, que, apezar das suas oitenta e sete velas foi vergonhosamente batido.

Os hollandezes apenas perderam a nau *Gelle Son* e não incluindo os soldados que a guarneciam, tiveram nas outras embarcações apenas 22 mortos; a perda dos hespanhoes e portuguezes foi no emtanto enorme e mais uma vez mallogrou-se o intento de restaurar-se Pernambuco.

Toda a esquadra do conde da Torre desmantelou-se: dois galeões e um navio mercante nanfragaram nos baixios do cabo de S. Roque, outros navios foram por livre arbitrio de seus commandantes ou tripolação parar ás Antilhas, outros se recolheram ao Maranhão e em outros a guarnição succumbiu.

Finalmente, foi um desmantelo geral e o conde da Torre, apoz tão vergonhosa derrota, fugiu para a Bahia, apenas com um bergantim artilhado com dez peças.

Algumas tropas da esquadra desbaratada, vendo-se acossadas pelas necessidades, arribaram ao porto dos Touros e desembarcaram. Eram umas mil e tresentas praças ás ordens de Luiz Barbalho, auxiliado por Francisco Barreto e outros officiaes.

Desse ponto dirigiram-se por terra á Bahia, distante umas quatrocentas leguas, tendo de combater em diversos pontos forças inimigas.

«Com valor e constancia se arrostou a essa retirada comparavel a dos dez mil gregos, ao regressar da Persia; sendo porem para sentir que o Xenofonte pernambucano não nos deixasse, como a atheniense, a narração dos serviços que então lhe deveu a patria (1).

O mesmo acrescenta o seguinte:

«Temos por mais que provavel que em sua retirada fosse Barbalho agregando a si os differentes destacamentos que, ás ordens de Henrique Dias, André Vidal, D. Antonio Camarão e João Lopes Barbalho, se achavam disseminados por toda a extensão do territorio inimigo.»

---

(1) VARNHAGEM. — Obra citada.

Castigo do conde da Torre. — Logo que a Metropole foi informada do desmantelo da esquadra confiada ao conde da Torre, desautorou completamente pelo decreto de 22 de julho de 1640 o mesmo Conde da Torre, privou-o do titulo, das commendas lucrativas e cargos que desfructava, e mandou-o preso para a Torre de S. Julião, onde permaneceu pouco tempo, por ocorrer d'ahi ha pouco tempo a restauração de Portugal.

Para substituir o conde da Torre no governo do Brasil foi nomeado d. Jorge Mascarenhas, marquez de Montalvão, que a 5 de junho do mesmo anno tomara posse.

Devastação do Reconcavo pelas forças de Nassau.—Alem de desbaratar completamente a esquadra do conde da Torre e perseguir com vantagem as forças dos guerrilheiros que talavam o interior do paiz, determinou Nassau iniciar uma sanguinosa guerra de represalias.

Com esse intento expedio primeiro o almirante Cornelio Jol com oito navios, nos quaes se embarcaram setecentos soldados e duzentos indios, ordenando-lhe que se dirigisse ao rio de S. Francisco para ver si podia alcançar a divisão de Luiz Barbalho e depois despachou Lichtardt com vinte navios e dois mil e quinhentos soldados, ás ordens do coronel Carlos Tourlon, mandando-lhe que se encaminhasse para a Bahia e ahi puzesse tudo a ferro e fogo, em represalia ás instrucções que o conde da Torre havia dado a Camarão e outros guerrilheiros.

Lichtardt chegou á Bahia em fins de Abril e segundo as ordens que levava devastou a ilha de Itaparica e o Reconcavo, onde só engenhos de canna queimaram vinte e sete.

Nessa occasião talvez atacasse e tomasse a cidade de S. Salvador si Luiz Barbalho já alli não se achasso com os seus mil e duzentos homens.

Tanto Lichtardt como Cornelio Jol, que se achava no S. Francisco, receberam ordem para regressar a Pernambuco afim de se encarregarem de uma outra commissão alheia á historia da nossa patria.

Expulsão dos frades de Pernambuco.— Por esse mesmo tempo Mauricio de Nassau deliberou lançar fóra de Pernambuco e demais capitanias submettidas ao dominio hollandez todos os frades que

nellas se achavam, allegando que esses religiosos haviam auxiliado os da esquadra do conde da Torre, sinão com mantimentos, ao menos com informações.

Assim reunio na Ilha de Itamaracá sessenta frades benedictinos, carmelitas e franciscanos e embarcou-os todos para as Antilhas, com grande magua da população portugueza e brasileira, que protestou vivamente, accusando Nassau de attentar contra a liberdade religiosa, garantida pelos tratados.

Respondeu-lhes Nassau dizendo que, quando cessassem as invasões dos guerrilheiros, seriam restituidos os frades.

Os ecclesiasticos então outorgaram licença para mandar á Bahia um corneta com essa resolução a qual, sob o pretexto religioso, disfarçava uma verdadeira proposta de tregua.

Convenções entre Nassau e Montalvão.— Montalvão, que era um espirito altamente conciliador, acceitou a proposta e de parte a parte enviaram-se refens como garantia do facto. Estes foram o tenente-coronel Henderson e o major Day, por parte de Nassau e o mestre de campo Martim Ferreira com o sargento-mór Pedro Arenas, por parte do marquez de Montalvão.

No Recife os tres antigos conselheiros intimos tinham sido substituidos por Hendrick Hamel, Dirck Kodd van der Burgh e Adrian van Bullestrade e principalmente o segundo d'estes personagens inclinava-se muito para os actos conciliatorios.

Cansadas estavam ambas as parcialidades das guerras de depredação.

«Não houve porém d'ambos os lados igual sinceridade, diz Southey. Frustrada a ultima grande expedição, nenhuma razão tinha o vice-rei para esperar que outro esforço se fizesse em prol da restauração do Brazil, sabendo aliás muito bem que os hollandezes avaliavam a importancia destas conquistas pelo ultimo saldo das suas contas do anno. Valia pois mais do que batel-os, estragar-lhes o commercio. Convencido d'isto recorreu a deshonroso artificio, e emquanto com os hollandezes negociava, para prevenir toda a guerra de depredações, despachava secretamente Paulo da Cunha e Henrique Dias a talar-lhes os dominios. Depois dirigio-se officialmente a Nassau e ao Conselho Supremo, dizendo que alguns dos seus soldados desertados com

medo do castigo, procurariam provavelmente com o favor de sua excellencia passar-se para a Europa; era tambem muito de recear-se que elles commettessem alguns excessos na sua marcha, pelo que pedia que, succedendo assim, fossem severamente punidos. Aventurou o vice-rei esta mentira, fiado em que era a sua gente demais pratica do paiz e experta no seu officio, para deixar-se agarrar ou atraiçoar a elle. Nem nisto se enganou, e a commissão foi plenamente executada; dividindo-se a tropa em partidas pequenas, com seus districtos de devastações traçados e logares de reunião aprazados e mais uma vez foi todo Pernambuco posto a ferro e fogo».

Restauração de Portugal. — (1640) Estavam as cousas neste pé no Brazil, quando em consequencia de uma revolução que rebentou em Lisboa a 1° de Dezembro de 1640 foi acclamado rei de Portugal, com o titulo de D. João IV, o duque de Bragança, successor legitimo de D. Manuel; assim passou novamente o Brazil ao dominio portuguez, apoz ter permanecido durante cincoenta e nove annos sob o jugo de Castella.

Effeitos da acclamação de D. João IV no Brasil. — Trouxe a noticia ao Brazil uma caravella e o vice-rei logo que teve conhecimento da mesma mandou pôr incommunicavel a referida caravella, e como faziam parte da guarnição da cidade de S. Salvador umas seiscentas praças de tropas hespanholas e napolitanas, tratou antes de tudo de mandar que sómente estivessem em armas as demais.

Depois ordenou a seu filho D. Fernando que com o seu terço occupasse o terreiro da companhia e a João Mendes de Vasconcellos, que estava de guarda, mandou que com outras tropas fosse postar-se na praça do palacio.

Tendo tomado estas providencias fez Montalvão entrar um por um no seu gabinete o bispo, o capitão general da artilharia D. Francisco de Moura, os mestres de campo, o ouvidor-geral, o provedor mór da fazenda e os prelados das religiões e a cada um em particular communicou a importante nova. Em seguida reuniu-os todos, todos votaram que se acclamasse immediatamente o novo rei, o que effectivamente se fez, assistindo-se depois a um *Te deum* em acção de graças.

Este facto parecia modificar de modo singular as condições da lucta batavo-brasileira, pois Portugal

tinha conveniencia em conservar como amiga a Hollanda, a fim de bater o inimigo commum.

Assim comprehendendo Montalvão entabolou uma correspondencia muito amistosa com Mauricio de Nassan, seguindo-se permutas de prisioneiros.

CAPITULO VII

ADMINISTRAÇAO DE MAURICIO DE NASSAU

Passaremos em revista neste capitulo os melhoramentos, reformas e desenvolvimento artistico, litterario e scientifico, realizado em Pernambuco durante o governo de Mauricio de Nassau. Esse grande homem, alem de illustre guerreiro era um abalisado estadista, amigo sincero da civilisação e interessado seriamente no progresso da região cujos destinos guiava.

O Recife.— Logo que Nassau chegou a Pernambuco tiveram os membros do Conselho Supremo ideia de mudar a capital batavo-brazileira para a ilha de Itamaracá; allegavam que alli estariam mais a coberto dos ataques do inimigo, Nassau, no emtanto, oppoz-se a semelhante projecto, e predominando o seu voto, occupou-se logo em introduzir alguns melhoramentos materiaes no Recife.

Assim reforçou a cidade por novas fortificações e unio, por meio de duas pontes, a ilha de Santo Antonio ao Recife e ao continente, mandando edificar na primeira excellentes habitações.

Nassau reservou a parte septentrional da ilha de Santo Antonio para sua residencia, a que deu o nome de *Vryburg* (1). « Ficava, diz Varnhagem, como uma especie de cidadella, separada do resto da ilha por fossos aquaticos e defendida na frente pelo convento dos Capuchos, já bem fortificado. Todo o dito espaço era occupado não só pelo palacio da residencia, como por duas altas torres, como de igreja, com frente para o Recife, isto é, para o mar, donde se avistam na distancia de seis a sete milhas, e serviam de balisa aos navegantes, como tambem por um espaçoso quintalão, com ruas de coqueiros ou palmeiras, trazidas, em numero de setecentas, dos arredores ; com viveiros para peixes, bananal, pomares de espinho (sic) e de outras fructas, etc.»

---

(1) Sem cuidados.

Alem de Vryburg, Nassau fez construir o palacio da Bôa Vista, com frente para o continente e situado á direita do encontro da ponte que para o mesmo continente communicava. Igualmente fomentou por toda a cidade notaveis melhoramentos.

« Por todo o Brazil, diz o mesmo escriptor á que acima nos referimos, não houvera anteriormente obras tão consideraveis e tão habilmente executadas; nem podiam encontrar-se para as obras melhores engenheiros do que na Hollanda, que á sciencia hydraulica deve a existencia de algumas de suas provincias. As obras publicas emprehendidas levavam em si mesmas o cunho da bôa administração; e essas paginas do livro da civilisação de um paiz que primeiro lê o forasteiro, eram em Pernambuco todas em abono do chefe hollandez.»

Mauricia.— Como fosse em augmento a população do Recife, Nassau propoz fundar na ilha de Santo Antonio uma nova cidade. Logo se esgotaram com canaes os pantanos, demarcaram-se ruas e immediatamente levantaram-se casas.

Olinda, que se achava abandonada, foi de todo destruida, sendo os materiaes empregados na construcção da nova cidade, que, em honra ao seu fundador, tomou o nome de *Mauricia*.

Arregimentação dos mercadores.—Logo que Nassau chegou ao Brazil, arregimentou em companhias todas as pessoas que nesta cidade e na de Olinda achavam-se estabelecidas com fins commerciaes, devendo cada uma dessas companhias ter seus officiaes e bandeira.

Assim assegurava-se elle dos serviços daquelles cuja lealdade era suspeita.

Organisação municipal.— As camaras municipaes portuguezas de juizes e vereadores foram substituidas em todas as villas por *camaras de escabinos*, analogas ás que existiam na Hollanda. Era variavel o numero de escabinos, segundo a importancia da povoação. Parece no emtanto que nunca excedia de nove e cada uma das duas nacionalidades, portugueza e hollandeza, em separado, tinha igual numero, porém o *esculteto* ou presidente de taes camaras só podia ser hollandez, o que dava sempre maioria de votos aos dominadores. Alem de autoridade executiva, ou delegado da administração,

o esculteto era tambem o promotor publico do logar e exactor da Fazenda.

Brazões d'armas.— Seguindo os usos estabelecidos na terra natal, Mauricio de Nassau deu brazões d'armas a todas as provincias sujeitas ao seu dominio.

O brazão de Pernambuco era representado por uma donzella, com uma canna de assucar na mão direita, vendo-se em um espelho que sustinha á mão esquerda; o de Itamaracá figurava-se por tres cachos de uvas, por ser muito cultivada a parreira nesta ilha; o da Parahyba por cinco pães de assucar; o do Rio Grande do Norte por uma ema.

« Todos estes emblemas, diz Southey, foram esquartelados no sello grande do senado, sobre o qual se via a *figura* da justiça, sem que por isso se notasse a *essencia* nas medidas.»

Liberdade religiosa. — Nassau confirmou as concessões feitas pelos seus antecessores sobre a liberdade de cultos, permittindo aos portuguezes e brazileiros que se submettessem ao dominio hollandez a conservação de suas igrejas á custa do Estado; não podiam os mesmos, no emtanto, receber visitador da Bahia, nem admittir novos frades, emquanto delles houvesse numero sufficiente para celebração das cerimonias da religião.

Liberdade de commercio.— Pouco depois de frustrar-se a tentativa de occupação da Bahia por Mauricio de Nassau, a *Companhia das Indias Occidentaes*, a conselho deste principe, declarou livre o commercio, reservando a Companhia o trafico de escravos, artigos de guerra e pau brazil; no emtanto prohibia expressamente a todos os altos funccionarios o commercio, o que era altamente moralisador.

A respeito do parecer de Nassau sobre a consulta a elle feita pela *Companhia das Indias*, Southey, seguindo Barlœus, nos informa do seguinte:

« Quiz-se sobre isto ouvir Nassau. Respondeu este que o que haviam sido, já não eram os lucros da Companhia. A principio faziam tudo os directores, agora concediam-se contractos; a principio regorgitavam de assucar os armazens dos portuguezes, e escasseando os generos europeus pedidos em escambo, vendiam-se com enorme proveito, anciosos os da terra por se verem livres de productos constantemente em risco de serem presa do inimigo. Mais seguro agora o paiz, crescera a

propriedade hollandeza. Melhor era, declarando livre o commercio, eximir-se á carga do monopolio. Não podia a Companhia comprar generos bastantes com que abastecer o mercado, a tanto lhe não alcançavam os fundos; e que fazia das mercadorias que houvesse deixado entrar no paiz? Não podia compral-as sem prejuizo... d'ella, comprando pelo preço que aliás obteriam.. dos donos, querendo tomal-as por menos. E neste ultimo caso contrabandearíam os particulares a sua fazenda.

« Depois, falando como estadista, ponderou a necessidade de colonisar o Brasil; assim, disse, se robusteria o paiz, podendo-se diminuir as guarnições sem que o Estado deixasse de sentir-se seguro. Agora, só pelo medo se continham os portuguezes, tirasse-lhes, porém, a esperança de verem restabelecido seu proprio governo, e tornar-se-iam bons subditos. Mas não atravessariam colonos os mares para morrerem de fome em paiz estranho, e emquanto mantivesse a Companhia o seu monopolio, cortaria todas essas expectativas de fortuna que só podiam attrahir aventureiros. Já os brasileiros se queixavam das restricções que lhes impunham; com representações diarias o acabrunhavam, dizendo, que com os hollandezes haviam tratado viverem debaixo do governo delles como debaixo do portuguez, podendo vender o producto de seus moinhos a seu proprio gosto, e não á vontade de outros; si lhes tiravam essa liberdade, prefeririam antes passar-se a outras partes, e correr os azares da fortuna do que soffrer semelhante escravidão. Soltai vossos enxames, disse elle, sobre estes novos paizes e dai terras aos soldados licenciados; sejam colonias vossos postos avançados e guarnições, que foi assim que Roma subjugou o mundo ».

Com o conego Fernandes Pinheiro dizemos: Honra ao illustre varão que no decimo setimo seculo sustentou taes principios.

As leis. — Afim de que houvesse mais homogeneidade na distribuição da justiça, Mauricio de Nassau cassou a concessão feita pelos seus antecessores ao povo submettido de que se regessem pelas leis portuguezas e ordenou que d'ahi por diante tudo se decidisse de accôrdo com as leis hollandezas.

Igualmente ordenou a adopção de pesos e medidas hollandezas em todas as provincias submettidas ao dominio batavo.

As artes. — Floresceram as artes sob a administração sábia de Mauricio de Nassau.

A architectura, que tão brilhantemente surgia nos palacios de Vriburg e Boa Vista, e em muitas outras edificações publicas ou particulares tinha o seu principal cultor no architecto Post.

A pintura era representada por Francisco Post, irmão do precedente, e ambos filhos do pintor de vidraças, de Harlem João Post. Francisco Post perpetuou na tela o Combate de Comendatuba, as quatro acções navaes contra a esquadra do Conde da Torre e muitas paizagens e marinhas brasileiras.

Litteratura. — Cultivou a poesia durante o governo de Nassau o seu capellão Francisco Plante, que escreveu um poema em latim, dedicado ao Conde. *Mautiados* é o nome desse poema.

Sciencias physicas e naturaes.—Mais ainda do que as artes e do que a litteratura foram cultivadas pelos hollandezes no Brasil as sciencias naturaes, levados a isso pelas prodigiosas riquezas da nossa flora e fauna e pelos variados e deslumbrantes aspectos que a natureza apresenta nesta região.

Nassau trouxera para o Brasil como seu medico o sabio Willem Piso e este conseguio que o acompanhasse dois jovens estudiosos allemães H. Cralitz, mathematico e George Marcgrav.

Cralitz falleceu pouco depois de chegar a Pernambuco sem ter ainda encetado os trabalhos que tinha em mente.

A Willem Piso deve-se uma *Historia da India Occidental*, publicada em 1648 e rica de informações sobre o clima, plantas e animaes do Brasil; Maregrav escreveu o *Tratado de topographia e meteorologia do Brasil, com o eclypse solar e com os commentarios sobre a indole e lingua dos brasileiros*.

As plantas colhidas por Willem Piso acham-se na collecção Rotboll, na Dinamarca.

Estado das provincias submettidas ao dominio hollandez —Pelo relatorio apresentado por um senador á *Companhia Occidental das Indias*, sabe-se que essa importante empreza possuia no Brasil seis provincias desde Sergipe ao Ceará.

Sergipe tinha sido completamente devastado por Van Schkoppe e apenas possuia um forte guarnecido por quarenta homens.

Pernambuco era a mais importante das provincias: contava as cinco villas de Iguarassú, Olinda, Recife, Ipojuca e Serinhaem e muitas aldeias importantes. Antes da invasão, Pernambuco possuia cento e vinte engenhos, destes porém trinta e quatro foram abandonados.

Em Itamaracá trabalhavam quatorze engenhos, de vinte e tres que floresciam antes da conquista.

Na Parahyba funccionavam dezoito engenhos, tendo sido apenas destruidos dois.

O Rio Grande do Norte, de dois que possuia, ficára reduzido a um.

Os dizimos dos productos desses engenhos eram arrendados pelas seguintes quantias: os de Pernambuco por 148,500 florins, os de Itamaracá e Goyana por 19,000, os da Parahyba por 54,000.

O total das arrematações dos engenhos elevava-se a 280,900 florins.

Falta de colonos.—O paiz submettido aos hollandezes sentia-se extraordinariamente da falta de braços. Os indios, apezar das allianças com elles contrahidas pelos hollandezes, si eram excellentes auxiliares na guerra, de fórma alguma se subordinavam aos duros labores da paz. Os africanos eram em pequeno numero, embora os hollandezes tivessem se apossado do forte de S. Jorge da Mina.

« Muito havia soffrido o paiz com a invasão hollandeza, diz Southey; regiões inteiras jaziam assoladas, tendo morrido mais gente do que o vagaroso curso da natureza podia supprir em muitos e compridos annos. A cidade do Recife prosperava na verdade: era a séde do governo, principal posto militar e naval, e o grande mercado commercial em que se apinhavam as casas onde quer que apparecia espaço. Hollandezes havia que esperançosos previam já o dia em que a sua capital se tornaria outra Tyro, e si estes homens tivessem podido inspirar aos conterraneos os seus proprios espiritos generosos e emprehendedores, realisada veriamos a prophecia. Clamavam elles por colonos; mandai-nos, diziam, os vossos menesteriaes, que mal acham na patria com que supprir as vitaes necessidades, e aqui depressa

se tornarão ricos. Tres, quatro e seis florins por dia era o jornal de pedreiros e carpinteiros ; e os officias mechanicos, de que careciam os engenhos de assucar, ainda eram mais bem pagos. Tres classes de homens, se dizia, faziam falta no Brasil : capitalistas, que especulassem em engenhos de assucar ; artezãos e operarios que depois de junto algum peculio se entregassem á agricultura, fixando-se no sólo adoptivo como no natal o teriam feito. Com tal gente depressa se tornaria a vêr o paiz tão florescente como o haviam encontrado os hollandezes ».

Gaspar van Baerle. — Concluindo esta simples descripção do estado da conquista hollandeza durante o governo de Mauricio de Nassau cumpre-nos mencionar o mais notavel dos historiadores hollandezes que se occuparam do Brasil dessa epocha.

E' elle Gaspar van Baerle que além de historiador era medico, poeta e theologo. Barleus, como é mais conhecido, escreveu em latim a *Historia dos oito annos do governo de Nassau*, fonte copiosa de informações sobre historia, a geographia, a fauna e a flora do Brasil hollandez.

Barleus falleceu em Amsterdam com 64 annos de idade, aos 14 de Janeiro de 1648.

Segundo Periodo

CAPITULO I

LUCTA COM OS HOLLANDEZES

Desde a acclamação de D. João IV até á retirada de Mauricio de Nassau para a Europa
(1640-1644)

Deposição do Marquez de Montalvão. — A familia Mascarenhas gosava da estima dos soberanos hespanhoes e tendo dois membros dessa mesma familia fugido para Madrid, ao ser acclamado D. João IV, este rei despachou para o Brazil o jesuita Francisco de Vilhena com instrucções secretas para observar a conducta do marquez de Montalvão e depol-o si o vice-rei mostrasse sympathisar com a causa de Castella.

Como vimos no capitulo anterior Montalvão procedeu com a maior circumspecção ao receber a noticia da restauração de Portugal e nenhum motivo dera para soffrer qualquer violencia. No emtanto o jesuita Vilhena, «por ventura em virtude de algum despeito ou resentimento por ambição de dominio mallograda» diz Varnhagen, exhibio aos interessados as ordens que trazia e immediatamente foi deposto o marquez de Montalvão, quando já no emtanto havia feito partir para Lisboa seu filho D. Fernando e os dois illustres padres jesuitas Simão de Vasconcellos e Antonio Vieira afim de levarem ao novo rei as suas saudações e cumprimentos.

Ao ser-lhe notificada a deposição D. Jorge de Mascarenhas retirou-se para o Collegio dos Jesuitas ahi posto em custodia sendo depois mettido a bordo de uma caravella.

Antes de levantar ferro a embarcação, entrou no

porto um navio com bandeira hespanhola e sendo este capturado, nelle se encontraram para o marquez algumas cartas do rei de Hespanha e dos parentes seus que se tinham refugiado em Madrid, cartas essas que foram remettidas na mesma caravella para Portugal, como prova da sua traição.

A Junta. Pelas mesmas instrucções trazidas ao Brazil pelo jesuita Vilhena, ao ser deposto Montalvão o governo devia passar ás mãos de uma Junta composta do bispo, de Luiz Barbalho e do provedor-mór Lourenço de Brito Côrrea e effectivamente foi este triumvirato empossado na suprema administração dos negocios do Estado.

Negociações entre Portugal e a Hollanda. — A passagem do Brazil ao governo portuguez modificou muito as condições da lucta com os hollandezes, e, exactamente quando Montalvão era deposto do cargo de vice-rei, recebiam na cidade de Haya como embaixador de Portugal Tristão de Mendonça Furtado, facto esse que por si só, segundo o estabelecido pelo direito internacional, implicava uma suspensão de hostilidades.

Além disso os Estados Geraes ordenaram a 13 de Fevereiro de 1641 que os portuguezes fossem considerados como amigos, ao que immediatamente D. João IV correspondeu pela carta régia de 20 de Março do mesmo anno, dispondo outro tanto relativamente aos hollandezes. Por Furtado foi tambem apresentada aos Estados Geraes proposta de paz e alliança mediante as seguintes condições: 1° Uma indemnisação pela parte do Brazil que os hollandezes occupavam; 2° commercio franco com Portugal, como d'antes; 3° fornecer a Hollanda uma esquadra e officiaes para o exercito portuguez.

A junta que governava o Brazil, afim de fixar melhor os direitos de ambas as partes durante a suspensão das hostilidades, mandou logo ao Recife o tenente-coronel Pedro Corrêa, acompanhado do licenciado Simão Alvares de la Penha e immediatamente fez-se a restituição de uns trinta prisioneiros, ficando no entanto ainda detidos na Bahia os majores Van der Brande e Garstman; igualmente ordenou-se que se recolhessem á Bahia todos os guerrilheiros ou *campanhistas* que ainda se achavam nas provincias submettidas aos hollandezes.

Occupação de Sergipe pelos hollandezes.— Mauricio de Nassau, em consequencia do traiçoeiro procedimento do marquez de Montalvão, tinha justos motivos para não acreditar na lealdade dos portuguezes e, por isso, não obstante a suspensão de hostilidades, mandou occupar Sergipe e assim praticando agiu como zeloso defensor dos interesses cuja guarda lhe estava confiada, attendendo-se ainda mais que o tratado de paz não estava ainda ractificado.

Varnhagen, que na sua *Historia das luctas com os Hollandezes no Brazil* não diz uma palavra a respeito da deslealdade com que se houvera Montalvão para com Mauricio de Nassau, verbéra com a maior indignação o acto do principe hollandez.

«Quem diria, em presença deste proceder de Nassau, diz Varnhagen, das expressões de sua carta a Montalvão, da nobreza de seu sangue e de seus precedentes, que elle obrava com duplicidade, e que necessitava da suspenção das hostllidades para, com fé punica, abusar della?»

Achando Varnhagen muito apaixonado, preferimos na apreciação deste facto acompanhar em suas judiciosas observações o Dr. Felisbello Freire:

Diz elle:

«Não era em obediencia ás suggestões vindas de Hollanda que, si na Europa dava uma mão amiga a Portugal, na America, mandava que se realisassem aggressões, até a ratificação do tratado, pois, considerava a emancipação portugueza puramente transitoria, não era em obediencia a suggestões, dizemos, que Nassau, fechando os olhos ás probabilidades de uma paz, rompia um pacto, que todos os espiritos animavam e promoviam, e tornava-se aggressivo contra a espectativa geral.

«Perante os interesses que visava em favor dos Estados Geraes, com a recuperação de Sergipe e o assedio de Angola, que na mesma occasião autorisou, pouco se importou que a posteridade apontasse um momento de sua vida, em que a sua vida, dignidade e honra comprometteram-se, pois officialmente podia justificar-se com o artigo 8º do mesmo tratado, em virtude, do qual a cessação das hostilidades só deveria começar, quando fosse apresentada a *ratificação* do mesmo tratado, que ainda não se tinha dado.

« Convicto de que a separação de Sergipe do seu dominio poderia trazer desvantagens, comprehendendo a segurança da posição que ahi tinha o inimigo, muito proximo de sua fronteira em S. Francisco, onde os interesses não podiam ser convenientemente zelados, pela proximidade em que ficavam dois povos, de antecedentes historicos e habitos tão diversos; convencido de que essa proximidade entre elles não era sufficiente para manter um zelo reciproco de interesses, esqueceu todos os preparativos de tregoas, com que largamente tinha comparticipado, para tornar-se aggressivo, perante os portuguezes, retomando Sergipe em 1641.

« A suspensão das hostilidades não poderia ser fielmente mantida collocando-se a linha divisoria em S. Francisco. As condições mudariam, si ella fosse collocada no Rio Real, pois, a grande extensão inhabitada entre este rio e a capital da colonia, sem um centro populoso, privaria pequenas guerrilhas e as questões de jurisdicção, muito provaveis entre dois povos, tão justamente unidos, das quaes poderia resultar um rompimento de pazes. Havia de dar-se uma absorpção por parte daquelle que maior força mental possuisse ».

Deu-se pois a occupação de Sergipe. Em 1641 o almirante hollandez Andréas entra pela barra do Vasa-Barris arvorando na sua esquadra a bandeira de treguas e facilmente apodera-se da cidade de S. Christovão. Na barra os hollandezes levantam uma bôa fortificação e encetam pesquizas de minas por Itabaiana.

Ao chegar a noticia deste facto a Bahia, a Junta mandou Camarão assediar S. Christovão, este, porém, nada conseguio em consequencia das forças diminutas que levara.

Occupação de Angola. — Igualmente mandou Nassau occupar Angola. Para essa expedição partio do Recife em 30 de Maio de 1641 o almirante Cornelio Jol, o *Perna de Pau* o qual a 25 de Agosto do mesmo anno assenhoreava-se da cidade de Loanda, apenas com a perda de tres mortos e oito feridos.

Em seguida Jol assenhoreou-se da ilha de S. Thomé, porém ahi perdeu a vida.

No Recife e em Haya foram formulados energicos protestos por parte dos embaixadores portuguezes porem resultado algum obtiveram e o proprio marquez de Montalvão que já se achava nas bôas graças do rei por-

tuguez, endereçou improficuamente uma longa e delicada missiva a Mauricio de Naussau que lhe retribuio com outra, tambem muito amigavel, porem cheia de evasivas.

Montalvão chegou até a procurar subornar Nassau offerecendo-lhe em nome do rei o marquezado de Villa Rei e outras grandes vantagens.

O tratado de paz—O tratado de treguas entre Portugal e a Hollanda constava de trinta e cinco artigos e foi assignado na cidade de Haya aos 12 de Junho de 1641.

Por elle se estipulava a cessação de hostilidades por dez annos, as quaes «nas terras e mares pertencentes ao districto da jurisdicção concedida pelos Senhores das Ordens Geraes á Companhia da India Occidental».(isto é no Brazil e na Africa) só deveriam começar a contar em cada logar desde que ahi fosse apresentada a ractificação do tratado.

Foi pelo mesmo tratado admittido reciprocamente os consules nos portos de uma e outra nação; estipulada a liberdade religiosa; reconhecido ao dominio hollandez o dominio adquirido pela conquista e aos subditos hollandezes o direito ás propriedades e engenhos de que estavam de posse; estipulou-se mais que nenhum subdito portuguez poderia fretar nem comprar navio para a navegação do Brazil que não fosse hollandez. Alguns artigos tratavam da India Oriental e outros diziam respeito a uma frota de vinte navios com que a Hollanda devia desde logo soccorrer Portugal.

Essa frota foi effectivamente mandada ao Tejo, commandando-a o almirante Adrian Gissels.

Conquista do Maranhão pelos Hollandezes.— Esperando que se ractificasse esse celebre tratado, Mauricio de Nassau resolveu fazer uma tentativa para a conquista do Maranhão.

A esquadra destinada a esse fim compunha-se de treze navios de guerra, tres bergantins e outros tres barcos menores e foi entregue ao commando de Lichtardt.

A tropa consistia em mil soldados sob o commando do Coronel Koen.

Tanto a esquadra como a tropa estavam subordinadas a Pedro Bas, conselheiro politico.

A esquadra hollandeza fundeou primeiro no porto do Préa e aos 25 de novembro apresentou-se diante do porto do Maranhão.

Bento Maciel Parente, governador do Maranhão, á

vista de tão inesperado ataque, ordenou ao provedor-mór Ignacio do Rego Barreto e bem assim ao jesuita Lopo do Couto que se entendessem com o commandante da esquadra, ao qual deviam communicar, que no Maranhão já se havia recebido noticia das treguas celebradas em Haya. O hollandez, no emtanto, observou aos emissarios que essas treguas só poderiam ser allegados apoz a confirmação do tratado, conforme preceituava o artigo 8º do mesmo e logo foi se apoderando do forte e da cidade.

Bento Maciel foi preso e remettido para o Recife, fallecendo em viagem; a guarnição de cento e trinta homens, que havia na praça, foi embarcada para diversos destinos.

Os hollandezes apoderaram-se não só da artilharia, dos fortes que consistia em cincoenta e cinco canhões e muitas munições, bem como de tudo que pertencia ao fisco e ás igrejas; aos proprietarios dos cinco engenhos e tres engenhocas, o hollandez multou no valor de umas seis mil arrobas, valor que foi immediatamente pago e em cada um dos engenhos collocou guardas.

As tres aldeias da ilha e bem assim os moradores de Tapuitapera (Alcantara) prestaram homenagem ao vencedor.

Plano de restauração de Pernambuco e Maranhão.—Comprehendendo os portuguezes e brasileiros que o simulacro de paz firmado em Haya nenhuma vantagem trazia, em virtude da obstinação de Mauricio de Nassau em desrespeital-o, cogitaram numa conspiração, urdida nas sombras dessas treguas simuladas, afim de responderam com justas reprezalias aos ataques em Sergipe d no Maranhão.

Comquanto os panegyristas do portuguez João Fernandes Vieira deem-lhe a iniciativa desse plano está hoje provado com o resultado de innumeras pesquizas que essa gloria cabe ao parahybano André Vidal Negreiros, sendo Vieira convencido a entrar no negocio pelo mesmo Vidal.

Varnhagen, que não póde ser suspeito em tratando-se de um portuguez, assim se exprime relativamente a este facto:

« A preferencia com que os nossos procuravam captar a João Fernandes Vieira não tinha outra origem mais que o ser elle, de todos os moradores de Pernambuco,

o que gosava de maior favor entre os dominadores, e um dos que ahi, em seu nome e do seu committente Jacob Stachower, mais fundos manejava. Por outro lado parecia Vieira de caracter bastante basofio e mui accessivel aos estimulos da ambição ; de modo que não foi difficil angarial-o por meio de promessas de vir a receber postos e commendas lucrativas, e de ficar, juntamente com os filhos que viesse a ter, engrandecido e rico. Não sabemos si já então si estipulou que seria desde logo feito mestre de campo, e que concluida a restauração, seria elevado, como foi, a governador e capitão general, porém o que temos por certo é que o mesmo Vieira exigio, para tomar parte no movimento, ser d'elle o primeiro caudilho, com preferencia a todos os outros moradores e ficar autorisado a declarar quites os que deviam aos hollandezes, em cujo numero, segundo estes, entrava com uma avultada quantia elle proprio Vieira. »

Mais adiante diz o mesmo Varnhagen :

« Vieira não chegou nunca a ser o conductor da insurreição, como depois nunca foi o director da guerra. O seu papel restringio-se antes ao que em linguagem vulgar se costuma designar por *testa de ferro*. »

Vidal veio ao Recife, sob o pretexto de entender-se com Nassau a respeito da occupação do Maranhão, o seu verdadeiro intuito era no emtanto fomentar a insurreição. A diversos mostrou secretamente documentos, afim de provar que os serviços nella feitos seriam recompensados pelo rei, pois até já trazia seis habitos de Christo para distribuir em Pernambuco. Assim conseguio aliciar muitos conjurados.

Restauração do Maranhão.—A conjuração de que era chefe André Vidal de Negreiros começou a operar fazendo explodir uma revolução no Maranhão, recentemente conquistado pelo inimigo e onde a oppressão se tornava cada vez mais pesada.

Pelos conjurados do Maranhão foi escolhido para chefe do movimento Antonio Muniz Barreiros, possuidor de dois ou tres engenhos e que já havia sido capitão-mór do Maranhão.

O movimento foi combinado para 30 de Setembro ; na noite desse dia surprehenderam e aprisionaram ou degolaram as guarnições de cinco engenhos e pela madrugada dirigiram-se todos ao forte do Calvario, no Itapicuro, o qual conseguiram tomar de assalto, aprisio-

naram o seu commandante e mataram algumas sentinellas.

Do forte do Calvario passaram os sublevados á ilha, degolaram a primeira guarda hollandeza que encontraram e foram assentar acampamento a tres leguas da cidade, com avançadas junto ao rio Cotim ; e ahi aguardaram o inimigo, confiados na excellencia da posição.

Logo soube Muniz que os hollandezes em numero de cento e vinte marchavam a atacal-o e á vista disso desceu para o rio Cotim onde lhes armou uma cilada na qual o inimigo cahio, podendo apenas escapar com vida seis soldados.

Animado por esta victoria e pelas armas e munições que adquirio, resolveu-se Muniz a sitiar a cidade.

Os hollandezes, que se achavam muito desfalcados de tropas, limitaram-se a fortificar a parte alta da mesma cidade e entrincheiraram-se nas immediações do actual palacio do governo, deixando de fóra varias casas e igrejas, inclusive o Convento do Carmo, que Muniz immediatamente occupou e bem assim um edificio situado no canto da rua que vai para Santo Antonio.

Tiveram logar diversos tiroteios sem resultado algum até o dia 3 de Janeiro em que chegaram do Pará os capitães Pedro da Costa Favella, Bento Rodrigues de Oliveira e Ayres de Souza Chichorro, em cincoenta e quatro canôas, conduzindo cento e treze soldados, seiscentos indios, alguma artilharia e poucas munições.

Muniz não soube no emtanto aproveitar-se em tempo deste valioso auxilio e assim em logar de proceder ao ataque immediatamente deixou passar uma semana sem nada intentar ; no dia 15 de Janeiro recebiam os inimigos trezentos soldados e duzentos indios commandados pelo tenente-coronel Henderson.

Este sahio logo no dia seguinte á frente de quatrocentos soldados, cento e cincoenta indios contra o quartel do Carmo, que tomou sem difficuldade passando á espada todos os que a defendiam. Em seguida atacou um outro posto, sendo no emtanto obrigado a retirar-se com perda de sessenta a setenta feridos. Os maranhenses perderam poucos homens, entre estes porém conta-se o intrepido Antonio Muniz Barreiros, chefe dos sublevados.

Muniz foi substituido por Antonio Teixeira de Mello o qual, na noite do dia 25 de Janeiro resolveu retirar-se

com toda a sua gente para as cabeceiras do Cotim, acampando « em uma posição bastante forte, além de um desfiladeiro, tão estreito, que não podia passar por elle mais de um homem de cada vez. »

Afim de perseguil-o partio o capitão hollandez Jacob Evers com cento e cincoenta, estes, porém, ao chegarem ao desfiladeiro foram todos accommettidos e mortos.

Durante tres mezes conservou-se Antonio Teixeira na ilha causando continuamente estragos nos hollandezes, mas, vendo-se afinal falto de munições e viveres passou-se a Tapuitapera (Alcantara), do outro lado da bahia, de onde seguiram para o Pará os chefes do soccorro que de lá tinham vindo, afim de sollicitar munições de guerra. Estas não tardaram a chegar e permittindo de novo a Teixeira de Mello approximar-se da ilha e continuar a inquietar o inimigo por mar e por terra.

Passou-se depois á ilha, estabelecendo-se no chamado *Arrayal*, em frente do Itapicurú, de onde podia, por esse rio ser facilmente soccorrido de mantimentos.

Desesperados os hollandezes por tão fatal visinhança e cansados de tantos soffrimentos, encravaram toda a artilharia do forte e em dois navios velhos partiram a 28 de Fevereiro de 1644 seus compatriotas para o Ceará, de onde seguiram por terra até o Rio Grande.

Destruição de hollandezes pelos indios no Ceará—Parte dos hollandezes que abandonaram a ilha do Maranhão ficou no Ceará ás ordens de Gideon Morritz.

Quando seus compatriotas conquistaram o Ceará trouxeram um grande numero de tapuyas, dos quaes muitos morreram e os oitenta sobreviventes, foram ingratamente affastados para as margens desertas do Camocim.

Indignados por essa crueldade que encontraram, diversas hordas, se lançaram sobre as forças de Gedeon Morritz e trucidaram todos os soldados. Depois passaram-se ás visinhas salinas de Upanema e arrasaram as obras.

Antonio Teixeira de Mello.—Varnhagen, na sua *Historia das lutas com os hollandezes no Brasil*, referindo-se ao esforçado chefe dos insurgentes maranhenses conta o seguinte que não deixa de ser curioso :

« Cumpre-nos dizer que, logo depois que o Mara-

nhão foi libertado pelo esforço dos seus bravos habitantes e do dos seus visinhos do Pará, e apenas disso teve noticia o miseravel donatario de Tapuitapera, que nenhuma ajuda havia dado aos que assim combatiam por arrancar das mãos dos hollandezes a sua capitania, a estes subordinada, em vez de enviar presentes e recompensas ao seu libertador Antonio Teixeira de Mello, passou a accusal-o ante os tribunaes, fazendo-o responsavel por quatro mil crusados de damnos e prejuizos, em consequencia de haver obrigado os seus colonos aos trabalhos da guerra! E o mais é que houve em Portugal um tribunal que (por sentença de 12 de Dezembro de 1646) o condemnou a realisar semelhante pagamento. E o miseravel donatario era nada menos que um desembargador, cujo nome deve a historia deixar gravado, para memoria e escarmento. Chamava-se Antonio Coelho de Carvalho. A doação havia-lhe sido feita por um irmão, e, a influxo seu, confirmada pela Corôa.

« Talvez como tenue indemnisação de tanta injustiça, o rei depois de restaurado Pernambuco, vendo Antonio Teixeira de Mello reduzido á pobreza lhe fez mercê (por carta de 1° de Dezembro de 1654) da capitania do Pará.

Inundações e peste em Pernambuco.—Por esse tempo grandes calamidades affligiram Pernambuco e as demais capitanias submettidas ao dominio hollandez.

Cahiram copiosas chuvas que fizeram transbordar os rios e mataram homens e gado, especialmente nas visinhaças do Capiberibe, onde os cannaviaes foram completamente destruidos, sendo os que escaparam das inundações atacados por um verme aquatico que os estragava de todo.

Em seguida grassaram as bexigas por fórma tal que só na capitania da Parahyba morreram 1,100 negros e, diz Southey: « Acarretando um mal sempre outro, não puderam os portuguezes nestas provincias conquistadas pagar os impostos, pelo que requereram aos Estados remissão delles, allegando que em taes occasiões costumava o seu proprio governo exigir apenas dos arrematantes dos dizimos um decimo destes. »

Representação de Nassau á Companhia das Indias.—Além destas calamidades outras difficuldades vexaram Mauricio de Nassau que já desalen-

tava de conservor o grande imperio que os seus compatriotas haviam conquistado e elle proprio havia engrandecido e tornado respeitavel.

Ordenou-lhe a companhia que despedisse muitos dos officiaes e reduzisse o soldo aos soldados, representando Nassau energicamente contra acto tão impolitico.

« Muitos officiaes, dizia Nassau aos directores, indignados só com o boato de semelhante medida, tinham já deixado o serviço, embarcando-se para Portugal a militar debaixo do novo rei. Não eram tempos estes para reduzir o trem de guerra pois os portuguezes aguardadavam impacientes um ensejo para recuperar o que haviam perdido e vingarem-se ; provocara-os a tomada de Loanda, S. Thomé e Maranhão e nas publicas representações se lhes trahia a irritação.

«Era necessario precaver-se contra elles e ao mesmo tempo conciliar por todos os modos os que se haviam submettido ao governo hollandez, importando-lhes principalmente conceder-lhes essa plena liberdade religiosa que se lhes promettera, porquanto nada os exasperara tanto como a expulsão dos jesuitas e outros religiosos, sendo apenas a vergonha e o vasculho da igreja os que ficaram. Tinha elle recebido ordem de restringir a tolerancia dentro dos mais estreitos limites e o clero reformado a perseguil-o para que executasse tão imprudente ordenação : mas lembrava elle á Companhia que não era a liberdade de religião dentro de suas proprias casas, que aos portuguezes se haviam estipulado e sim o goso pleno e publico de seus ritos e cerimonias tão livremente como debaixo do seu antigo governo. Eram elles um povo, continuava Nassau, obstinado na sua superstição e que jámais faria logar permanente da sua residencia no paiz em que não pudesse ouvir a voz do sacerdote. Estabelecendo escolas nas suas conquistas, educando cuidadosamente a mocidade, e procurando melhorar os selvagens, se promoveria a fé mais pura. Todos os outros meios eram tão perigosos como ineffazes. »

Quanto aos judeos Nassau suspeitava delles e dizia estarem sempre promptos para a maldade.

Instava com a Companhia que animasse a colonisação nos seus dominios do Brasil, « pois não era com guarnições, nem com o terror que elles se haviam de defender sempre, mas com o affecto do povo. Muito se

promoveria isto, concedendo aos noivos por occasião de seu casamento sete annos de isenção de dizimos e no fim desse termo mais um anno de immunidade para cada filho que tivessem. Pareceria no emtanto acto de ingrata injustiça fazer isso sem conceder tambem uma graça adequada aos senhores e feitores de engenhos de assucar, cuja fidelidade estava provada e que tinham supportado o mais duro da guerra, casando-se muitos com hollandezas e fazendo com o seu trabalho florescer o commercio. »

Ultimas recommendações de Nassau ao Grão Conselho.—Pouco attendido pela Companhia das Indias nas suas justas reclamações e contrariado pelas queixas injustas que frequentemente formulavam contra elle, desgostára-se Nassau do governo do Brasil e solicitára a sua exoneração, sendo-lhe esta concedida.

Antes de partir para a Europa, recommendou Nassau ao Grão Conselho que olhasse com especial cuidado para as necessidades dos soldados, jamais deixando de escutar-lhes as queixas, afim de se evitarem as deserções que eram muito communs no Brasil.

« O soldo dos officiaes, recommendava Nassau, segundo se lê em Southey (1), cumpria pagal-o pontualmente, pois nada, dizia elle, quebrava tão facilmente os laços de fidelidade e impunha a necessidade de obrar o mal como a pobreza. Quanto aos delictos da tropa antes aconselhou medidas severas que brandas num paiz onde de continuo se viam máus exemplos e os meios energicos eram necessarios para cohibir a maldade. Para com os generaes nenhuma consideração seria demasiada, com tanto que o Grão Conselho não prescindisse do respeito devido á sua autoridade ; deviam elles ter sempre franco accesso perante o governo, mas faziam bem os governadores não convivendo muito com elles, para que da familiaridade não nascesse o desprezo. Sobretudo, porém, cumpria vigiar por que não se tornassem pesados aos colonos os soldados, mal em demasia vulgar naquellas provincias onde a perpetua escassez de viveres fazia o povo descontente e insolente a solda-

1) Southey.—*Historia do Brasil.*

desca. De facto receiavam por isto mais a paz do que a guerra os lavradores e senhores de engenho.

« Tambem aconselhou que por todos os meios honestos se procurasse attrahir os portuguezes, que mais aferrados parecessem ao seu paiz, com especialidade os padres, que, comprados estes, jamais se esconderiam os segredos do povo. A boatos, contra elles não devia dar-se facil credito, pois que se originavam quasi sempre entre aquelles que nada tendo que perder, invejavam os ricos e os ditosos. Tambem dos desertores se havia de desconfiar sempre, nem era para recommendar-se a pratica dos tormentos, que tão facilmente extorquia a falsidade como a verdade. Era como si Nassau previsse os perigosos tempos que se avisinhavam. Os fortes, disse elle, deviam ser frequentemente inspeccionados, para que estivessem sempre em estado de defesa, e como não podia haver fossos em terreno secco e arenoso, era particularmente necessario vêr que as palissadas se conservassem sempre perfeitas, não fosse, arrumando constantemente o tempo estes baluartes, uma brecha ou uma parte fraca attrahir o inimigo. Era de grande importancia preservar Vriburg e suas florestas, que em caso de guerra facilitariam os meios de abastecer d'agua o Recife. A ponte da Bôa Vista urgia fortifical-a com um reducto para sua defesa, que eram ambas as pontes de essencial utilidade, si o Recife chegasse a ser sitiado, não podendo estar ainda esquecido, como antes de formada esta communicação atravéz do rio, soffrêra a cidade fome, quasi a ponto de perder-se. Aconselhou que de modo nenhum se provocasse sem necessidade o governador da Bahia. Estavam as provincias hollandezas expostas á vingança, que podia mandar tropas a atacal-as ou com uma palavra soltar contra ellas os selvagens. Nem os proprios portuguezes actualmente sob o dominio de Hollanda podiam vêr menoscabado o representante do rei de Portugal ; e eram elles um povo docil, quando bem tratados, mas altivo e indomavel quando se sentiam injuriados, podendo mais sobre seus animos o orgulho da propria dignidade do que a cobiça das riquezas. Havia pessoas que os insultavam no exercicio de suas ceremonias religiosas, mas deviam ser castigadas como gente cuja loucura punha em perigo a Republica. Os portuguezes que fossem claramente convictos de machinações traiçoeiras, convinha severamente punil-os,

mas o mesmo instincto da propria conservação exigia que os não irritassem com injurias e insultos, pois quem o fizesse compromettia até a existencia do governo hollandez no Brasil. Já o Maranhão e o Ceará eram prova da instabilidade de um dominio unicamente fundado na força. »

Recommendou mais ao Conselho que não concedesse indiscriminadamente licença para usar armas a qualquer pessoa, aconselhou que se castigasse severamente o assassinato e o duello, e que se cobrassem rigosamente todos os impostos devidos á Companhia.

Partida de Nassau.—Após ter feito essas sabias recommendações, Mauricio de Nassau, o mais conspicuo europeu que aportou ao Brasil no seculo dezesete, seguio por terra até a Parahyba, e ahi embarcou-se com destino á Hollanda, a 22 de Maio de 1644, retirando-se com elle do Brasil nada menos de mil e quinhentas pessoas de todas as hierarchias e profissões.

O governo do Brasil hollandez ficou confiado aos tres conselheires secretos Henrique Hamel, antigo negociante em Amsterdam, A. von Bollestrate, outr'ora carpinteiro em Midleburg e Kodd van der Burg, o qual, ausentando-se pouco depois, foi substituido por Pedro S. Bas, antigo ourives.

Foi nomeado secretario J. van Balbeck e commandante geral das tropas Henrick Hans.

CAPITULO II

A LUCTA COM OS HOLLANDEZES

DESDE A PARTIDA DE NASSAU ATÉ O ABANDONO DE OLINDA PELOS HOLLANDEZES

(1644-1646)

A partida de Mauricio de Nassau para a Europa veio de certa fórma accelerar o grande movimento da insurreição pernambucana.

Obedecendo ao espirito da epocha, a população submettida ao dominio hollandez supportava com pouca repugnancia o jugo de um principe illustre, notavel por seus talentos e nobres qualidades, embora estrangeiro; o orgulho portuguez não poderia no emtanto tolerar o governo que o substituio composto de homens sahidos das camadas populares — um negociante, um ourives e um carpinteiro, tal era a força dos preconceitos dominantes, avessos em absoluto aos sentimentos democraticos que modernamente constituem a força das grandes nacionalidades.

Assim não se fizeram esperar os protestos armados, como veremos no presente capitulo, e o pensamento de André Vidal de Negreiros, animado pelo rei e pelo governo geral não tardou em traduzir-se em facto, iniciando-se durante a vigencia de um tratado de paz que nenhuma das partes belligerantes respeitava um novo periodo de guerras, mais encarniçadas e vivas que as anteriores.

Embaraços da Companhia das Indias. — Logo ao partir Nassau, formulou-se na Hollanda o projecto de se fundirem as duas Companhias das Indias, Oriental e Occidental. Essa idéa, porém, que indubitavelmente salvaguardaria os interesses hollandezes na America, não foi posta em execução, em consequencia

dos grandes embaraços com que lutava a ultima e com os quaes os accionistas da Companhia Oriental não queriam arcar, prosperos e tranquillos como se achavam com os quantiosos lucros auferidos por esta ultima. Era isso o interesse pessoal sobrepujando a causa publica, o espirito de ganancia compromettendo o progresso nacional.

Effectivamente a Companhia das Indias occidentaes via-se em tal momento assoberbada por grandes embaraços.

Todos os thesouros achavam-se exhaustos, e tentando o Conselho cobrar as grandes dividas contraidas fraudulentamente pelos portuguezes, nada conseguio, pois a escassez de dinheiro era geral.

Dahi uma longa série de perseguições e medidas violentas que apenas serviam para fomentar a rebeldia, pois, todos os devedores, sob promessa feita pelos emissarios da côrte portugueza, anciavam pela restauração, que os libertaria dos compromissos contrahidos.

« A escassez de dinheiro, diz Southey, começou a sentir-se tão geralmente, que seriamente assustadoras se tornaram as consequencias para o Estado. Quando a mesma pessoa era devedora ao governo e a credores particulares levantavam-se disputas sobre a preferencia do pagamento, e para obterem o que era legalmente seu, não escrupulisavam em empregar meios manifestamente injustos. Assim procurava um credor preferir a outro, tentando o devedor traspassar-lhe a propriedade, mediante consideravel abatimento; outros, servindo-se de meios estrictamente legaes, mas não menos reprovaveis, mettiam sem piedade na cadeia os desvalidos devedores. O proprio governo se via obrigado a ser rigoroso. Não podendo fazer-se pagar por meios mais brandos, cahia sobre os devedores por occasião da colheita do assucar e aprehendia-lhes o producto, ao que se seguiam todos os vexames, males e miserias dos processos judiciarios. Muitas vezes iam os proprios membros do Conselho em pessoa pelo interior do paiz assistir a essas execuções, pensando que com mostrarem assim zelo pelos interesses da Companhia, produziam dom effeito sobre o publico. Foi mui diversa a consequencia. Os negociantes, commissarios e outros credores dos fazendeiros queixaram-se de que o governo, apprehendendo o assucar nos engenhos, os privava bos

meios de haverem o seu pagamento. Alto e ameaçador se tornou o seu descontentamento, e emquanto faziam para a mãe patria queixas e accusações contra o Conselho, principiaram para segurar-se quanto possivel a seguir igual systema de rigor, apprehendendo negros, gado, caldeiras e todos os bens dos fazendeiros. Igual expediente foi adoptado pelos mutuantes de dinheiro. Alguns lavradores, indignados ao pensarem nos juros usurarios, com que haviam tomado dinheiro, para dilatar o dia do aperto, exasperavam-se ao ver que esse dia se não deixava mais alongar, e defendiam á força a sua propriedade, de modo que pareciam as cousas tender para uma insurreição geral. Mesmo onde nenhuma resistencia se offerecia, mal se viam menos embaraçados os credores, pois que levadas as terras executivamente á praça, tinham elles de ser os proprios compradores, e depois, si não sabiam administral-as, ou não podiam residir nellas (o que era impossivel aos negociantes e commissarios) tornava-se-lhes a acquisição um peso mortal nas suas mãos ».

Vidal de Negreiros em acção. — A restauração do Maranhão encheu de satisfação André Vidal de Negreiros e estimulou-o a envidar novos esforços afim de libertar Pernambuco e principalmente a Parahyba, sua terra natal.

Em 11 de Agosto de 1644 André Vidal de Negreiros era nomeado governador e capitão general do Maranhão. Antes disto, porém, havia elle já proposto a Antonio Telles da Silva, governador-geral, voltar de novo a Pernambuco e ir até a Parahyba afim de levantar o animo dos patriotas, e o governador deu-se pressa em aceitar tão generoso offerecimento.

Vidal partio da Bahia em companhia do alferes Nicolau Aranha, o qual devia apresentar-se no Recife declarando que ia em busca de duas irmãs, que alli tinha, para as conduzir á Bahia.

Telles da Silva forneceu a Vidal uma caravella e abundantes provisões e mantimentos que no Recife deviam ser vendidos simuladamente a João Fernandes Vieira, afim de constituirem um armazem no qual se se abastecessem os que se levantassem.

A partida de Vidal teve logar em Setembro de 1644, porém no Recife não lhe permittiram vender o que a caravella levava, salvo duas pipas de vinho e dois

barris de azeite, mercadorias com as quaes os do Conselho julgaram produzir o sufficiente para pagar a querena que a mesma caravella precisava fazer afim de regressar á Bahia.

Vidal hospedou-se em casa de Vieira onde o visitaram Antonio Cavalcanti, Amador de Araujo, e outros pernambucanos de nome, seguindo depois para a Parahyba, onde visitou seu velho pai e combinou o plano da conspiração com Fernão Rodrigues de Bulhões, Manuel de Queiroz Siqueira, Jeronymo Cadena, Lopo Curado Garro e outros; ficando assentado que, para satisfazer aos desejos e exigencias de João Fernandes Vieira, deveria o movimento rebentar primeiro na Parahyba.

Ainda estando na Parahyba Vidal, o forte do Cabedello sob o pretexto de cumprimentar o commandante Blaeobeeck que o honrou com uma salva de tres tiros, e ao cabo de dez ou doze dias regressou a Bahia, tendo em caminho, não longe da Barra Grande, deixado escondido algumas munições que não pudera desembarcar no Recife.

A expedição de Antonio Dias Cardoso. — Sabedor o governador geral do que fazia André Vidal de Negreiros em Pernambuco e na Parahyba, fez logo partir por terra para Pernambuco quarenta soldados de linha, dos mais valentes, ás ordens do intrepido capitão Antonio Dias Cardoso e dos officiaes Paulo Velloso e Antonio Gomes Taborda.

Essa força marchou por pequenas partidas e por sertões muito desviados até uma paragem convencionada, a pouca distancia do Recife, além dos Apipucos, entre os engenhos do Borralho e Maciape, e n'uma matta de pau brazil da qual João Fernandes Vieira era arrematante. Essa pequena força recebeu ordem de Vieira para conservar-se em tal paragem até o momento de rebentar a insurreição, recebendo delle o sustento.

Pouco depois Antonio Dias Cardoso regressou á Bahia pedindo ao governador, novas forças em nome de Vieira, que não se animava a nada emprehender com tão diminuto contingente, embora lhe fosse facil recrutar entre os moradores avultado numero de praças.

Antonio Dias Cardoso desempenhou com promptidão a sua commissão, e em Janeiro de 1645 regressava da Bahia, levando a Vieira a nomeação de *capitão-mór*

e governador da guerra e a promessa de que em breve o seguiriam, devassando a fronteira do Rio Real, as tropas de Camarão e Henrique Dias.

Providencias tomadas pelo Conselho. — Tendo o judeu Gaspar Francisco da Cunha denunciado em 13 de Outubro de 1644 ao Conselho Supremo os intuitos de Vidal, ao visitar Pernambuco, aquelle mandou á Bahia, em Janeiro de 1645, o conselheiro Gisberth de With e o major Theodoro Hoogstrate afim de sondarem o que havia de real nessa denuncia.

O governador Antonio Telles da Silva respondeu evasivamente aos dois commissarios e os do Concelho então apressaram-se em pedir soccorros á Hollanda, limitando-se a isso as providencias que tomaram.

Expedição de Henrique Dias e Camarão. — Aos 25 de Março de 1645 o governador geral Antonio Telles fez seguir para Pernambuco Henrique Dias, com sua gente, e que havia sido um tanto dizimada nos mocambos de Itapocurú. Pouco depois partio Camarão com os seus indios.

O pretexto para estas duas expedições, apresentado aos hollandezes, era que Henrique Dias fugia e Camarão marchava em seu encalço.

Novos reforços deviam partir em seguimento de Henrique Dias e Camarão. Para despachal-os, aguardava-se porém na Bahia a esquadra do Rio de Janeiro, que Salvador Corrêa devia mandar.

O facto da insurreição. — Apoz algumas dissidencias entre os conjurados em Pernambuco, dissidencias que chegaram quasi a fazer retroceder Antonio Dias Cardoso com os seus quarenta valentes, harmonisaram-se todos afinal e aos 23 de Maio de 1645 assignaram um pacto.

Eis o theor do mesmo e as assignaturas que o cobriram:

« Nós abaixo assignados nos conjuramos, e promettemos, em serviço da liberdade, não faltar, a todo tempo que fôr necessario, com toda a ajuda de fazenda e pessoas, contra qualquer inimigo, *em restauração da nossa patria*; para o que nos obrigamos a manter todo o segredo que n'isto convém; sob pena de, que quem o contrario fizer, ser tido por rebelde e traidor, e ficar sujeito ao que as leis, em tal caso, permittam. E, debaixo deste compromettimento, nos assignamos, em 23 de

Maio de 1645. — *João Fernandes Vieira.* — *Antonio Bezerra.* — *Antonio Cavalcanti.* — *Bernardino de Carvalho.* — *Francisco Berenguer de Andrada.* — *Antonio da Silva.* — *Pantaleão Cirne da Silva.* — *Luiz da Costa Sepulveda.* — *Manoel Pereira Corte-Real.* — *Antonio Borges Uchôa.* — *Amaro Lopes Madeira.* — *Bastião de Carvalho.* — *Manoel Alves Deosdará.* — *Antonio Carneiro Falcato.* — *Antonio Carneiro de Mariz.* — *Francisco Bezerra Monteiro.* — *Alvaro Teixeira de Mesquita.* — Padre *Diogo Rodrigues da Silva.*»

Vieira e Cavalcanti, *em nome da liberdade divina*, nomearam capitães para os differentes districtos das provincias com poderes para requisitarem dos povos mantimentos e dinheiro e autorisação para deitarem bandos, convocando a todos, quer nacionaes, quer estrangeiros, judeus ou indios para tomarem armas, assegurando-lhes perdão pelo passado.

Primeiros movimentos insurreccionaes. —João Fernandes Vieira era de opinião que a revolução só explodisse a 24 de Junho, dia de S. João, afim de que houvesse tempo para que em toda a parte se combinasse a insurreição e o movimento fosse geral. Essa demora, porém, foi um erro, pois o Conselho Geral Hollandez teve logo denuncia do que se tramava e pôz-se em guarda, ordenando varias prisões, pelo que os conjurados tiveram que se refugiar nas mattas, trahindo alguns o compromisso como aconteceu com Sebastião de Carvalho.

Das florestas onde se occultavam os conjurados, que já se haviam reunido aos seus parentes, escravos e muitos moradores, dirigiram-se para os mocambos de Camaragibe, e dahi passaram-se para os do Borralho, onde a elles se juntou Antonio Dias Cardozo e sua gente, começando então o acampamento a ter uma organisação regular, com vedetas para todos os lados e necessarias guardas.

Cardoso tinha o posto de sargento-mór da guerra; Vieira utilisou-se do titulo de capitão-mór e governador da guerra, porém as nomeações feitas por elle para serem válidas deviam trazer tambem a assignatura de Antonio Cavalcanti.

Pronunciamento em Ipojuca.—Nesse interim, algumas centenas de moradores, saccúdidos no seu patriotismo pelo capitão-mór Amador de Vasconcellos

sublevavam-se na Pojuca, Cabo e Moribeca, collocando-se todos sob o guião de Domingos Fagundes Barbosa, homem pardo, de coragem provada, que já contava quatorze annos de campanha e em combates tinha sido ferido tres vezes.

Tinham os hollandezes em Pojuca, sob o commando de Jacob Flemming, um destacamento de 30 homens que o Conselho Geral mandou remover para Santo Antonio do Cabo. Os habitantes sublevados capturaram os dois pequenos barcos que transportavam esse destacamento e apresionaram todos que iam a bordo, com excepção de um marinheiro que conseguio escapar. Em seguida cortaram os insurrectos todas as communicações com o forte de Santo Agostinho.

Contra os revoltosos de Pojuca partio o coronel Hous que conseguio dispersal-os e libertar quarenta hollandezes que elles haviam aprisionado.

Os bandos hollandezes. — Sendo infructiferas as prisões ordenadas pelo Conselho contra os conjurados expedio este para a Parahyba o official Paulo de Linge, afim de fazer abortar nessa provincia o movimento revolucionario; e esperançado de que o arrependimento poderia ganhar os mais tibios dos insurrectos, publicou no dia 18 de Junho um bando concedendo amnistia aos sublevados que se apresentassem dentro do praso de cinco dias, passados os quaes tomariam represalias em seus bens e familias.

Este bando, no emtanto, não surtio o effeito desejado e apenas servio para que os insurrectos ganhassem algum tempo em que melhor se prepararam. Vieira, Cavalcanti e outros protestaram contra um prazo tão curto. Amador de Araujo e Pedro Marinho pediram salvo-conductos dos quaes não se utilisaram.

Então os hollandezes publicaram outros bandos pondo a preço a cabeça dos chefes da revolta, aos quaes estes responderam levantando os preços pelas cabeças de cada um dos membros do Conselho.

Combate do Monte das Tabocas. — (3 DE AGOSTO DE 1645). A' vista da inefficacia dos bandos o Conselho expedio contra as forças insurrectas o capitão Blaar, tendo comsigo Pero Poty com uns cem indios vindos da Parahyba e mais uns duzentos jovens voluntarios hollandezes.

As forças restauradoras logo que tiveram noticia dessa marcha deixaram os mocambos do Borralho e passaram-se a Maciape, onde se demoraram cinco dias, sendo ahi reforçados com uma respeitavel força recrutada pelo jesuita Simão de Figueiredo, outr'ora chefe de guerrilhas. Como, porém, a maior parte dos patriotas estivesse mal armada e não se dispuzesse de munições sufficientes, o sargento-mór Antonio Dias Cardoso julgou prudente evitar ainda a acção, até que se lhe reunissem as forças de Henrique Dias e Camarão.

Assim deixaram Maciape, os insurrectos passaram o Capiberibe e marcharam até o engenho do Covas onde se aquartelaram, reunindo-se-lhes ahi mais uns tresentos homens, vindos do Cabo e Ipojuca com Amador d'Araujo, Pedro Marinho Falcão, João Paes Cabral, o pardo Domingos Fagundes, e bem assim uns quatorze indios e um corneta das avançadas de Camarão.

Soube-se então que se approximava para atacar o engenho do Covas o coronel Wous com a sua columna, e que para empenhar a acção, apenas aguardava a juncção com as forças do coronel Blaar.

Ora, os insurrectos que a todo o momento esperavam a chegada de Camarão e Dias tentaram ainda evitar o combate e mudaram de acampamento, indo aquartelarem-se no monte das Tabocas, paragem forte e defensavel por natureza, situada para as bandas do sertão.

« Quanto á posição verdadeira do monte das Tabocas, diz Varnhagen, pelos exames locaes que pessoalmente fizemos, não duvidamos hoje assignal-a á pequena serra do Comocim, não longe da antiga igreja de Santo Antão, actual cidade da Victoria, do cimo da qual se descobrem todos aquelles contornos até a Varzea do Recife, na distancia de seis leguas. »

Esse nome provinha-lhe de abundantes e espessas moutas de tabocas (certa variedade de *taquaras*, vegetaes da familia das gramineas e do genero *arundo*) que vestiam as faldas do monte.

Os insurrectos estabeleceram o seu quartel general no principal dos morros dessa pequena serra, e apenas as avançadas deram a 3 de Agosto signal da approximação do inimigo, que constava de mil e cem homens, pouco mais ou menos, o sargento-

mór Antonio Dias Cardoso dispoz as suas tropas em quatro emboscadas nos taboaes, ficando o resto das mesmas no alto do morro com Fernandes Vieira.

A's primeiras investidas dos hollandezes o capitão Fagundes, offereceu alguma resistencia, mas, depois, foi se retirando, assim procedendo com o inimigo para as emboscadas dos tabocaes.

Accommetteram então os hollandezes contra os dos tabocaes, sendo no entanto obrigados a retirarem-se com grande perda, e ainda na campina foram atacados de flanco pelo capitão Fagundes, que se havia reforçado com oitenta homens, e bem assim pelo capitão Francisco Ramos.

Começaram então os hollandezes a atacar ao mesmo ao mesmo tempo as forças que os hostilisavam na campina e as que se achavam nos tabocaes, sendo mortos nessa occasião os pernambucanos capitão João Paes Cabral e o alferes João de Mattos.

Em consequencia do vivissimo fogo que lhes faziam os hollandezes, retiraram-se os insurrectos da primeira emboscada, cahindo o inimigo na segunda onde a luta se prolongou por uma hora. Nesta acção foi morto o capitão insurrecto Matheus Ricardo. Reconhecendo então o hollandezes que não podiam vencer a resistencia pela frente, lançaram pelos flancos algumas mangas para envolver os inimigo pela retaguarda, não o conseguindo pela presteza com que o padre Simão de Figueiredo mandava soldados aos pontos atacados.

A' vista disso renovaram os hollandezes o ataque pela frente e com tanta impetuosidade que chegaram a subir muito pelo morro acima, embora com grandes perdas, pondo em aperto João Fernandes Vieira.

Este, porém, na imminencia do perigo em que se achava, despenhou-se com toda a tropa pelo morro abaixo e a luta travou-se corpo a corpo, sendo os hollandezes forçados a abandonar o campo, embora depois de reforçados com as reservas, disparassem ainda tres descargas cerradas.

Neste comenos cahiu a noite, que foi borrascosa, e no dia seguinte não se viu mais um só hollandez no campo.

Os hollandezes perderam nesse combate trezentos e cincoenta homens, entre os quaes os tenentes Jacob Hamel, Huickerfloot e Henr. Ringholat, e feridos mor-

talmente o capitão Andries van Loo e tenente Willen Schot, que veio a morrer no dia 19.

Receberam ferimentos de alguma gravidade o capitão Sickema e o tenente Henr. Dorville.

« Da nossa parte, diz Varnhagen, a perda foi muito menor, como era natural, visto que, em geral, combateram mais a coberto ; mas custa-nos quasi a crer que se limitasse a oito mortos e trinta e dois feridos, como assegnra Nienhoft e como se lê em uma representação official do tempo ».

Os principes do Brasil. — « A noticia da revolução, diz o mesmo Varnhagen, e provavelmente já desta primeira victoria, foi em Portugal recebida, como era natural, com muita satisfação; e por ventura contribuio a que fosse promulgado o decreto de 27 de Outubro (1645), dispondo que os primogenitos dos reis, herdeiros presumptivos da Corôa se intitulassem, d'ahi em diante, *principes do Brasil* ».

As forças de Camarão e Henrique Dias.— Pouco depois de alcançarem a memoravel victoria do monte das Tabocas, foram os insurrectos reforçados com as forças de Camarão e Henrique Dias, que levaram mais de quatro mezes na marcha desde o rio Real.

Compunham-se essas forças de quatrocentos indios de Camarão, tresentos indios Rodelas do rio de S. Francisco, cincoenta pretos de Henrique Dias, e um crescido numero de brasileiros mandados por um irmão de Antonio Cavalcanti.

Os emissarios hollandezes. — Assim que no Recife se divulgou a noticia da chegada dessas forças partiram para a Bahia, como emissarios do Conselho, Balthazar van de Voorde e Theodoro van Hoogstraten afim de representarem energicamente contra esse novo attentado ás treguas assignadas.

O governador Antonio Telles affirmou-lhes que nada tinha com os manejos dos revoltosos, promettendo no entanto mandar brevemente *alguma força aquietar o movimento.*

Os emissarios regressaram ao Recife sob a impressão desse amaeçador auxilio e logo van de Voorde partio para a Hollanda afim de pedir soccorros urgentes e levar ao seu governo a segurança de que o rei de

Portugal e o seu pro-consul no Brasil estavam conluiados na sublevação.

Effectivamente assim era. Na Bahia preparavam-se dois terços ou regimentos de linha, que deviam partir brevemente para o theatro da luta, sob o commando de Vidal de Negreios e Martim Soares, e bem assim já estava prompta uma esquadrilha ao mando do capitão-mór de mar Jeronymo Serrão de Paiva, composta de oito barcos grandes, quatro caravellas e quatro sumacas, e que para fazer-se á vela, só esperava a chegada da frota do Rio de Janeiro, ás ordens de Salvador Corrêa.

Deslealdade de Salvador Corrêa.—Salvador Corrêa não tardou a chegar, e logo Antonio Telles fez partir a esquadilha de Serrão de Paiva, que a 28 de Julho já desembarcava tropas em Serinhaem, conforme as ordens que levava.

Salvador Corrêa partio da Bahia tres ou quatro dias depois, e em começo de Agosto reunio-se á esquadrilha de Serrão de Paiva; a este, porém, fez saber então que não estava resolvido a empenhar-se em combate algum, isto por levar a familia a bordo e ter pressa de chegar á Europa. Assim trahia a confiança que nelle havia depositado o governador geral e compromettia o exito da empreza confiada a Serrão de Paiva.

Tão resolvido estava Salvador Corrêa em não entrar em lucta, que sendo perseguido por Lichtardf preferio vel-o tomar um dos seus mais ronceiros navios a fazer-lhe frente.

Rendição do forte de Serinhaem.—Os terços de André Vidal de Negreiros e Martim Soares, que tinham vindo na esquadrilha de Serrão de Paiva, desembarcaram em Serinhaem e immediatamente sublevando os povos visinhos, publicando ambos uma proclamação em que declaravam terem vindos para pôr termo á guerra civil, por ordem do governo da Bahia. Em seguida Paulo da Cunha avançou contra o forte de Serinhaem e forçou os dois commandantes, Cosme de Moucheron e Jean Paul Jacquet a capitularem.

A' guarnição foi concedido sahir com armas, honras de guerra, bens e familias, podendo transportar-se para onde quizesse, porém quarenta e nove indios que auxiliavam os hollandezes foram enforcados.

Morte de Antonio Cavalcanti.—No dia 10

de Agosto João Fernandes Vieira resolveu levantar o acampamento do monte das Tabocas e fazer junccão com os terços de Vidal e Martim Soares. Como dissemos, já se haviam reunido os contingentes de Camarão e Henrique Dias.

Havendo algumas desintelligencias entre Vieira e Cavalcanti, as quaes existiam desde quando as forças se achavam aquarteladas no Engenho do Covas, deliberou-se que Antonio Cavalcanti, feito capitão-mór, seguiria para o norte com algumas forças.

Pouco depois fallecia Cavalcanti em Iguarassú.

«Os amigos de Vieira, diz Varnhagen, chegaram a accusar Cavalcanti de intenções pérfidas, como a de haver pretendido descartar-se delle por qualquer meio, sem omittir o da propinação do veneno; mas o que é sem duvida é que foi Cavalcanti quem, logo depois de separar-se, perdeu a vida, em Iguarassú, e as crueis accusações que lhe fizeram, ainda depois de morto, os seus inimigos deixam essa morte envolvida em certo mysterio.»

Occupação da fortaleza de S. Antonio do Cabo. — Vieira e Antonio Cardoso ao separarem-se de Cavalcanti dirigiram-se á fortaleza de Santo Antonio do Cabo por lhes constar que o seu commandante Gaspar Vanderley, casado com uma pernambucana, promptificava-se a passar-se com toda a guarnição para os insurrectos.

No emtanto aassim não aconteceu porque Vander Ley tinha sido removido para o Pontal, afim de reforçar Hoogstraten; e encontrando os insurrectos a fortaleza de Santo Antonio abandonada, apoderaram-se della sem difficuldade. Alguns dias depois André Vidal e doze soldados, que se haviam adiantado ao seu regimento chegavam a essa mesma fortaleza.

André Vidal trouxe a Vieira a patente de mestre de campo, «mas, diz Varnhagen, si até então Vieira nada resolvia, sinão pela boca de Antonio Dias Cardoso, d'ahi em diante, até tomar o mando o general Francisco Barreto, foi Vidal o verdadeiro director da guerra, e assim o entendeu o inimigo, que com elle manteve sempre a correspondencia, que possuimos, traduzida em hollandez e que mostra a sua muita capacidade.»

Combate da Casa Forte.—(17 de Agoste de 1645)

Vidal depois de ordenar a Martim Soares que fosse com o seu terço atacar a fortaleza do Pontal, seguiu o grosso das forças afim de bater a columna de Hous que se achava junto ao Recife.

O inimigo foi encontrado no logar denominado *Casa Forte*, pouco distante do Recife, e sendo repentinamente atacado apenas teve tempo de recolher-se á dita Casa Forte, onde se defendeu durante tres horas, rendendo-se afinal ao ver que os nossos se preparavam para incendiar o edificio.

Os hollandezes que se entregaram eram em numero de tresentos e vinte e dois entre os quaes o tenente-coronel Hous, o sargento-mór Listry (commandante dos indios), os capitães Wildtschut e Blaer, os tenentes La Motte, Trelamis e Zacheus e outros officiaes. Foram todos mandados á Bahia e lá chegaram a salvamento, com excepção do capitão Blaer, que, segundo parece, foi assassinado em viagem. Os indios que se entregaram foram condemnados á pena ultima.

Os insurrectos tiveram no combate da Casa Forte dezesseis mortos e trinta e seis feridos, entrando no numero destes ultimos Henrique Dias e Domingos Fagundes.

Rendição da fortaleza do Pontal. — Depois da victoria da Casa Forte, e emquanto Vieira se occupava em preparar o assédio que ao Recife se premeditava, correu Vidal em auxilio de Martim Soares que fôra mandado ao Pontal, á fortaleza que tão proeminente papel representara na primeira phase da luta com os hollandezes.

Commandava-a Hoogstraten, que, quando enviado á Bahia pelo Conselho, se mostrára accessivel a propostas de suborno e por isso Vidal julgou facil a capitulação da praça, mas Hoogstraten desta vez mostrou-se mais digno e assim oppoz vigorosa resistencia.

Todavia a 3 de Setembro o Pontal capitulou obtendo a guarnição sahiram com honras de guerra e muitos soldados se alistar nas fileiras da tropa restauradora, sendo-lhes pagos dois mezes de soldos que os hollandezes lhes deviam.

Acreditamos que esses miseraveis não eram compatriotas de Guilherme o Taciturno e Mauricio de Nassau, e sim mercenarios recrutados pela Companhia das Indias nos diversos paizes da Europa.

Combate naval de Tamandaré. — Serrão de Paiva, chefe da esquadrilha enviada ao norte afim de secundar as operações dos revolucionarios, ao ver-se abandonado covardemente pelo desleal Salvador Corrêa de Sá e Benevides, recolheu-se ao porto de Tamandaré; e ahi fez desembarcar parte da guarnição e construir em terra duas baterias, julgando assim poder resistir melhor a qualquer ataque.

Lichtardt, porem, andava-lhe ao encalço, e a 7 de Setembro uma esquadrilha por elle commandada e composta de dois ou tres barcos apresentava-se diante do porto de Tamandaré a informar-se da posição de Serrão de Paiva. Na noite de 8 para 9 chegaram-lhe de reforço o barco *Leyden* e o hiate *Een-Corn* e no dia 9 feriu-se o combate, sendo Serrão de Paiva completamente derrotado, apezar de ter combattido até cahir estendido no convez com muitas feridas.

Tres dos melhores navios foram enviados para o Recife e os demais foram incendiados.

Serrão de Paiva, depois de curado, seguio preso para a Hollanda.

Matança em Cunhaú. — Como já dissemos, o conselho geral hollandez mandara á Parahyba Paulo de Linge, afim de obstar qualquer movimento sedicioso. Pois bem, chegado Paulo de Linge ordenou varias prisões e permittio que Pero Puty, chefe de varias cabildas de indios barbaros que tinham baixado do sertão, fizesse horrivel matança nos moradores das proximidades de Cunhaú.

Os insurrectos na Parahyba. — As forças que partiram para o norte sob o commando de Antonio Cavalcanti, que, como se já sabe, fallecêra em Iguarassú, alcançaram em começo de Setembro o Tybery, a tres leguas da cidade da Parahyba, já reforçadas com um contingente que se lhes mandara juntar depois do combate da Casa Forte.

Na Parahyba entenderam-se ellas com alguns chefes da conspiração e ganharam sobre Paulo de Linge um combate junto ao engenho Inhobim.

Rendição de Porto Calvo. — Christovão Lins e Marinho Falcão apertavam pela mesma epocha a guarnição hollandeza de Porto Calvo e após alguns ataques forçaram o commandante do forte a capitular

Este facto consummou-se a 17 de Setembro.

Rendição do Forte do Penedo. — A 19 do mesmo mez de Setembro conseguiram ainda os insurrectos render mais uma praça inimiga, o forte do Penedo, junto ao Rio S. Francisco, paragem onde a insurreição tinha começado tenho á frente Valentim da Rocha Pitta.

Occupação da ilha de Itamaracá. — Afim de guarnecerem a Parahyba e o Rio Grande os hollandezes haviam feito retirar de Itamaracá todos os indios, e sabendo disto os chefes do movimento restaurador, tentaram occupar a ilha, o que conseguiram.

A 25 de Setembro, porém, chegou com soccorros o conselheiro Bollestrate e os insurrectos foram obrigados a retirar-se da villa e acamparem do lado do norte.

« Ao principio, diz Varnhagen, pareciam os successos correr á proporção dos desejos dos atacantes, porque para maior prevenção foram passar á ilha do lado do norte, e conseguiram sorprehender um patacho com quatro peças, que ahi tinha postado o inimigo ; mas depois ha que confessar que foram completamente repellidos. O commandante hollandez Dortmou deu logo aviso para o Recife e foi soccorrido a tempo. Os nossos escriptores procuram disfarçar essa derrota, contando-a de um modo confuso ; porém Moreau diz positivamen e que os attacantes, não se atrevendo a acommetter at fortaleza da barra, se dirigiram á villa, e que ahi foram derrotados deixando tresentos mortos, numero que os nossos baixam a setenta, contando outros tantos feridos, comprehendendo o Camarão. De novo tentaram outra sorpreza em junho seguinte (1646) ; e desta segunda vez o inimigo abandonou a villa, retirando-se do forte, onde fez fuzilar alguns artilheiros, que julgou suspeitos de haverem sido peiteados. »

A insurreição no Rio Grande do Norte. — A insurreição no Rio Grande do Norte explodio depois que se divulgou a noticia da horrivel carnificina no Cunhaú. Setenta habitantes tomaram armas e recolheram-se com suas familias a um arraial, distante seis leguas da Capital, pelo rio acima, no qual se entrincheiraram com cahiçaras, á maneira dos indios.

Ao saber disto Jacob Rabbi, que fôra o principal instigador da matança no Cunhaú, dirigio-se ao mencionado arraial com algumas hordas indigenas que lhe

obedeciam e o poz em apertado cerco, esperando rendel-o pela fome. Os que guarneciam o arraial porem fizeram uma sortida e desta vez frustraram-lhe o plano.

Sendo no emtanto novamente assediados no mesmo arraial foram afinal os insurrectos obrigados a renderem-se, ajustando de antemão uma capitulação pela qual teriam salvas as vidas, isto porém não foi cumprido, pois chegando no dia 2 de Outubro ao Rio Grande do Norte, o conselheiro Bollestrate, este entregou-os barbaramente a Uruassú, chefe indigena, que sacrificou cinco que tinham sido transportados para a Fortaleza da Barra.

Outras crueldades, tão indignas de um povo civilisado como era o hollandez e que até nos repugna acreditar, foram, segundo a ffirmação de conscienciosos autores, commettidas nos prisioneiros.

Camarão passou logo ao Rio Grande a vingar os martyres e em seguida dirigio-se a Parahyba, onde, em Agosto veio reunir-se a elle André Vidal; os dois juntos bateram o inimigo em diversos encontros, voltando depois Vidal a Pernambuco e ficando Camarão no Rio Grande afim de castigar mais severamente os que praticaram tão nefandas atrocidades.

O cruel André Rabbi foi na noite de 5 de Junho de 1646 morto traiçoeiramente por mandado do chefe hollandez Garstman.

Camarão conseguio alliciar muitos indios no Rio Grande e até o proprio Janduhy, que era o mais firme alliados dos hollandezes esteve inclinado a acompanhal-o, o que tel-o-hia feito se não recebesse logo do Recife um valioso presente.

Abandono de Olinda. — Abatidos como se achavam pelos repetidos revezes que soffriam no norte e vendo-se completamente desfalcados de forças pelos continuos destacamentos que a todo momento era preciso fazer partir para os pontos attacados ou ameaçados pelos insurrectos, os hollandezes abandonaram Olinda que já não podiam defender, sem grave risco para a capital, e recolheram-se ao Recife e ilha de Santo Antonio ou cidade Mauricia, installando-se a tropa no palacio da Bôa-Vista. Por ahi se vê quanto havia alcançado o patriotismo e a coragem civica dos insurrectos, os quaes, relativamente insignificantes, sob o ponto de vista da força numerica, pela fé naquella causa

que lhes era santa e pelo arrojo e constancia com que a ella se dedicavam, conseguiam no entanto encurralar novamente na sua praça forte os seus poderosos inimigos, isto depois de ter o pavilhão neerlandez tremulado desde o rio Real em Sergipe até a capital do Maranhão.

CAPITULO III

LUCTA COM OS HOLLANDEZES

Desde o assedio do Recife até a ordem regia mandando evacuar Pernambuco

(1646-1648)

O Arraial Novo do Bom-Jesus. — Occupada pelos pelos insurrectos a villa de Olinda que o inimigo tinha abandonado, entregaram-se os brazileiros ao trabalho de levantar varias trincheiras e estancias em redor do Recife, ficando assentado o seu quartel general na Varzea, á margem direita do Capiberibe. Esse acampamento tomou o nome de *Arraial Novo do Bom Jesus*.

O assedio do Recife. — Reproduziram-se as scenas que tiveram logar em tempo de Mathias de Albuquerque, quando este chefe acampava no Arraial Velho do Bom Jesus. Escaramuças, sorpresas aos que se aventuravam fóra das muralhas, ataques aqui e alli, etc. nos quaes muito se distinguiram diversos insurrectos e entre elles principalmente, Henrique Dias, governador dos pretos.

No acampamento a ordem esteve duas vezes para ser perturbada: a primeira pela deserção para o inimigo de duas companhias de hollandezes que serviram com os nossos desde a capitulação do Pontal, a segunda por ter havido quem intentasse contra a vida de João Fernandes Vieira.

Houve tambem um momento em que os insurgentes soffreram escassez de viveres, esta porém foi de pouca duração, pois logo lhes chegaram do Rio Grande do Norte quatrocentas cabeças de gado vaccum e pouco depois receberam mais duzentas do Rio de S. Francisco, providenciando o governador geral para que da villa do Penedo fosse d'ahi em diante enviado a Pernambuco todo o gado que o exercito restaurador precisasse.

Entre os sitiados, porém, as circumstancias eram mais afflictivas. A fome já começava a reinar; até cães,

gatos e ratos foram comidos, e a plebe ameaçava sublevar-se. Os membros do Conselho ordenaram que varios magistrados fossem de casa em casa recolhendo todos os generos que encontrassem para que os levassem a depositos publicos afim de distribuil-os em pequenas rações.

A falta de combustivel obrigava muitos a comerem as rações cruas, e, segundo Niewoff até os animaes mortos foram desenterrados, para os aproveitar d'elles a carne meio infecta. Além disso chuvas copiosas desmoronaram varias trincheiras e o trabalho para restaural-os era em extremo penoso. Muita gente morreu de miseria e cansaço.

Não faltou tambem para tormento dos sitiados a sedição e a desordem. As tropas chegaram a exigir que se capitulasse, visto não receberem soldo e foi preciso muita prudencia para contel-as, contrahindo afinal o governo com alguns judeus ricos um emprestimo de cem mil florins.

Moedas obsidionaes. — Datam dessa epocha as primeiras moedas obsidionaes, mandadas cunhar pelo conselho geral Hollandez e são ellas as mais antigas do Brazil.

Tinham o valor de tres, seis e doze florins e eram de prata e ouro. As primeiras eram quasi quadradas e as segundas romboides.

Soccorro chegado de Hollanda. — Quando mais afflictiva era a penuria no Recife chegaram aos hollandezes dois barcos *O Falcão* e a *Isabel* com algumas munições e viveres trazendo além disso a noticia de que em breve chegaria um formidavel soccorro. Foi muito festejada a vinda deste primeiro auxilio e de tanta importancia considerado que para perpetuar-lhe a lembrança cunharam uma medalha com a seguinte inscripção: — *Door de Valk en Elisabetti is het Recife houtzet.* O Recife foi salvo pelo *Falcão* e *Isabel*.

Os sitiantes assim que tiveram noticia da chegada deste primeiro soccorro recolheram á linha de sitio todas as tropas que tinham no Rio Grande do Norte, na Parahyba e em Itamaracá.

Chegada de Schkoppe e Henderson. — Os grandes soccorros que os hollandezes esperavam chegaram effectivamente. Constavam de dois mil homens

commandados pelos coroneis Segismundo van Schkoppe e Henderson, que já haviam servido no Brazil.

Os navios que trouxeram esse contingente largaram successivamente de Hollanda durante o mez de Abril de 1646, e só a 1 de agosto puderam apresentar-se no Recife, em consequencia de violentos temporaes que soffreram.

Novo governo hollandez. — Com esse soccorro vieram para Pernambuco novos governadores, sendo exonerados os antigos.

Eram elles Walter van Schouenborch, que fazia parte dos Estados, por Groninga. Este foi escolhido para presidente do Conselho. Os outros dois conselheiros eram Van Goch, magistrado, pensionario de Flesingue e deputado aos Estados Geraes pela Zelandia e Simou Van Beaumont, advogado fiscal de Dordrecht.

« Eram os tres recommendaveis por sua probidade, saber e virtudes », diz Varnhagen.

Para adjuntos destes conselheiros foram nomeados Hendrick Haex e Abraham Trowel, negociantes de Amsterdam ; para secretario foi escolhido Hermite, advogado em Delft.

Logo ao chegar, o novo governo publicou uma proclamação concedendo amnistia aos sublevados que se submettessem, e a ella respondeu Fernandes Vieira com outra, concedendo amnistia aos hollandezes que se apresentassem; e, segundo affirma Moreau, com muito mais exito.

Tentativa de Van Schkoppe contra Olinda. — Como inicio de suas operações emprehendeu Van Schkoppe apoderar-se de Olinda, porem não o conseguio, sendo até ferido em uma perna.

Foi igualmente infeliz em diversas sortidas que fez para o sul, sendo por isso obrigado a voltar para o Recife, onde os azares da guerra haviam encurralado os seus compatriotas.

Apoderam-se os hollandezes do Penedo. — Mal succedidos nos seus esforços para fazer levantar o cerco do Recife, deliberaram os hollandezes hostilisar o inimigo em portos distantes.

A 24 de Outubro de 1646 partio do Recife uma esquadrilha de 10 navios e 8 barcas com destino ao Rio de S. Francisco, afim de apoderar-se do Penedo e interceptar a passagem de gados para os revoltosos.

As forças de terra iam sob o commando do coronel Henderson o qual facilmente assenhoreou-se do Forte Mauricio e occupou-se logo em construir um novo forte, de barro. N'essa construcção se achava empenhado quando a um quarto de legua do forte, foi sorprehendido um posto avançado de hollandezes composto de vinte homens. Sahio a perseguir o inimigo o capitão francez Samuel Lambert (La Montagne), que na paragem de Urambú encontrou duzentos homens e atacou-os.

Estes, porem, fizeram uma retirada falsa pela qual attrahiram os inimigos a uma embuscada, sendo ahi completamente derrotados. La Montagne e outros officiaes hollandezes ficaram estendidos no campo, e a perda foi total de cento e quatorze homens.

« Esta derrota desconcertou os planos dos inimigos que pensavam fazer no rio de S. Francisco uma base de operações, para seguir invadindo d'ahi para o norte e vir aggredir pela retaguarda os sitiantes do Recife. »

Occupação da ilha de Itaparica. — Obdecendo ainda ao plano que haviam formado, decidiram-se os hollandezes a assediar a Bahia ou pelo menos hostilisal-a vivamente, occupando desde logo a Ilha de Itaparica.

O desembarque effectuou-se a 8 de Fevereiro e, segundo Moreau, « os soldados não pouparam ahi uma só vida, mataram até mulheres e creanças, saquearam tudo quanto quizeram, e só o incendiar lhes foi prohibido ; de modo que de duas mil pessoas que contava a ilha, pereceram, umas pelo ferro, outras afogadas nos barcos, em que a tropel se lançavam, afim de passarem á cidade da Bahia, quando chegaram os hollandezes ; os quaes deste modo viram vingada a perda que acabavam de experimentar no Rio de S. Francisco. »

Os hollandezes fortificaram-se na ponta da Baleia, perto do logar em que está a povoação que hoje ainda tem o mesmo nome de ilha. Comtudo as nossas forças conseguiram entrar nessa ilha e chegaram a apertar o inimigo no seu forte, embora recebessem estes um reforço de quinhentos homens commandados pelo celebre Hous, que tão proeminente papel representara, antes de ser feito prisioneiro no combate da Casa-Forte.

Então o governador Antonio Telles mandou á ilha uma força de oitocentos homens escolhidos, e estes

sorprehenderam o capitão Munsterque, com vinte e seis homens, se havia embrenhado na ilha para fazer lenha.

No dia 23 avançaram as forças enviadas por Antonio Telles e se entrincheiraram a um tiro de mosquete das fortificações inimigas, porem Van Schkoppe com quinhentos e sessanta homens, arremetteu no dia seguinte contra ellas e as poz em fuga, com grande perda.

D'ahi a alguns mezes Antonio Telles ordenou novo ataque, confiando a empreza ao Mestre de campo Francisco Rabello. Este realisou o tiroteio na noite de 10 de agosto e conseguio penetrar nas primeiras defesas, porém não resistio ao fogo das outras e depois de duas horas de tiroteio foram os brazileiros obrigados a batter em retirada,o que fizeram com grande confusão e deixando noventa mortos no campo, entre os quaes Francisco Rabello.

« Apezar destas vantagens, diz Varnhagen os hollandezes não se julgavam seguros. Já em 6 de maio tinham pedido com instancia novos reforços, e desconfiados de que tardassem, haviam para apressal-os expedido, em fins de agosto, á metropole um dos seus proprios companheiros o conselheiro Hendrick Haecr. »

Morte de Lichtardt. — Foi por esses tempos que falleceu o bravo e perseverante almirante hollandez Lichtardt.

Sua morte occorreu no Penedo em 30 de novembro de 1646 em consequencia de haver bebido agua fria depois de ter-se acalorado excessivamente, segundo J. Nieuhoff; seu corpo transportado para o Recife.

Lichtardt era um dos mais distinctos officiaes hollandezes e á sua actividade e valor deveram seus compatriotas assignaladas victorias.

Legalisação da guerra no Brasil.—Essa guerra hypocrita que se fazia no Brasil, na vigencia de um tratado de paz que apenas serviu para tornar mais encarniçada a lucta, foi afinal legalisada pela Hollanda, que pelas resoluções de 24 de dezembro de 1646 e 22 de janeiro de 1647 auctorisou a todos os officiaes de terra e mar, ao serviço da companhia das Indias Occidentaes, a usarem de represalias para com os que procurassem occasionar prejuizos á companhia.

A ordem régia.—Estavam as cousas nesse pé, quando os mestres de campo acampados em frente ao Recife receberam,por intermedio de dous jesuitas,ordem

do rei de Portugal para levantarem o cerco e abandonarem Pernambuco.

Não se póde comprehender o espanto e o desalento que se apossaram de todos ser conhecida apresentadas ordem tão absurda.

João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros foram de opinião que não se devia obedecer; Martim Soares, porém, hesitou, acabando por decidir-se pela subordinação ao mandato real.

Vieira declarou em conselho de officiaes que a taes ordens não se devia obedecer e sim representar ao rei fazendo-lhe sentir a posição prosperaem que se achavam.

Southey assim se exprime a respeito do procedimento dos mestres de campo:

«Sendo positivas e explicitas as ordens, só á virtude heroica cabe a força de caracter necessaria para discerquando cessa a obediencia de ser o dever do saldado, e este, o maior louvor a que poder aspirar o militar, merece-o Vidal plenamente. João Fernandes não podia obedecer sem tornar-se um aventureiro arrimado á mercê d'um governo que não queria reconhecel-o. Não podia pois o seu comportamento ter o merito do de Vidal nem de tal carece a sua fama.»

Vidal aconselhou que se redobrasse de ardor na lucta e vencendo a sua opinião, Martim Soares fez as suas despedidas e partiu para a Europa.

Negociações com a Hollanda.—Vejamos agora os motivos que determinaram a metropole a expedir uma ordem tão contraria aos seus proprios interesses e lesiva á dignidade das armas lusitanas, ordem publicada exactamente no momento em que os esforçados insurgentes pernambucanos haviam á custa de labores sem numero e dolorosos sacrificios varrido os hollandezes de quasi todo o territorio que elles haviam conquistado, apertando-os de novo na sua primitiva presa, o Recife.

Essa ordem que era simplesmente um aviltamento, fôra determinada pelo egoismo dos interesses dymnasticos, sempre contrarios aos interesses nacionaes.

D. João VI, ao vêr que se projectava uma alliança entre a Hollanda e a Hespanha, receiou perder o throno em que havia sido collocado com tanta facilidade, pois, avigorada por essa alliança era natural que Cas-

tella voltasse a suas vistas para o velho reino de Affonso Henriques; assim submetteu-se a umas tantas humilhações para eterno desdouro seu e do seu povo.

O notavel estadista Sousa Coutinho, embaixador portuguez na Hollanda, tinha conseguido durante muito tempo entreter os Estados Geraes, permittindo por essa forma que os insurgentes se collocassem na vantajosa posição em que se achavam, pois, se não fossem os seus manejos diplomaticos, a Companhia das Indias, comquanto em condições precarias teria soccorrido o Recife, logo emcomeço os interesses do throno fallavam porém mais alto que os da honra e por isso, logo que se soube em Portugal ter a Hollanda, pelo tratado de Münster, firmado pazes com a Hespanha, D. João IV, ordenou ao seu ambaixador que tambem propuzesse pazes aos Estados Geraes, conformando-se em restituir aos hollandezes todas as conquistas feitas pelos insurrectos.

Os hollandezes, no emtanto, desconfiaram da offerta por lhes parecer vantajosa de mais, e responderam que só a acceitariam se lhes déssem como penhor a Ilha Terceira ou a Bahia.

Crescendo no emtanto os receios de D. João IV e assustando-o a occupação da Ilha de Itaparica, quiz o soberano portuguez dar aos Estados Geraes uma prova da sua boa fé e esta foi a causa da indigna ordem mandando retirar de Pernambuco as forças revolucionarias, ordem que, com ganho de causa para o brio nacional, foi felizmente revogadas pouco depois.

CAPITULO IV

A LUCTA COM OS HOLLANDEZES

DESDE A CHEGADA DO CONDE DE VILLA POUCA DE AGUIAR ATE' A TERMINAÇÃO DA GUERRA.

(1648-1661)

O conde de Villa Pouca de Aguiar, novo governador geral.—Receiosa de perder a Bahia com a mesma facilidade com que Pernambuco lhe fôra arrebatada, a metropole nomeou para o cargo de governador geral do Brasil, o conde de Villa Pouca de Aguiar, a cujas ordens poz algumas forças tiradas do exercito do Alemtejo. Ao mesmo tempo, determinou a Francisco de Figueirôa, antigo capitão no forte de S. Jorge e já n'esse tempo mestre de campo que se passasse ás ilhas para d'ahi levar mais quatro companhias.

Villa Pouca de Aguiar acompanhado de tão importante reforço chegou á Bahia em 1648 e logo os hollandezes abandonaram a ilha, pois era-lhes impossivel luctar com forças tão superiores.

Reforço hollandez.—Sciente do reforço trazido pelo conde de Villa Pouca de Aguiar o Supremo Conselho hollandez despachou logo para o Brasil nove barcos de guerra, quatro patachos e vinte oito transportes com tropas e viveres, sendo Schkoppe convidado para chefe principal, com mais poderes e o posto de general, devendo o commandante de With con mandar a esquadra.

Estes reforços chegaram ao Recife em março de 1648, tendo já Schkoppe, mez e meio antes recuperado as terras fronteiras a Itamaracá.

Francisco Barreto de Menezes.—Depois de chegar ao Brasil o conde de Villa Pouca de Aguiar assumiu o commando geral das tropas o mestre de campo

general Francisco Barreto, bastante pratico da guerra no Brasil e um dos que acompanharam Luiz Barbalho na sua celebre retirada do Rio Grande do Norte para a Bahia.

A nomeação de Barreto data de 12 de fevereiro de 1647; quando elle, porém, se dirigia da Europa para o Brasil foi aprisionado pelos hollandezes e enviado para o Recife, de onde só conseguiu evadir-se mezes depois apresentando-se ao exercito em 23 de janeiro do anno seguinte. Immediatamente assumio o o commando geral das forças, dando-lhe isto ensejo de ligar o seu nome á mais notavel acção bellica que se produziu na lucta com os hollandezes—a batalha dos Guararapes.

A batalha dos Guararapes. — (19 DE ABRIL DE 1648)—Pela mesma esquadra hollandeza que veiu de reforço ao Recife, recebeu Segismundo van Schkoppe ordem do Conselho Supremo para atacar o inimigo immediatamente e assim,dando cumprimento a essa ordem Van Schkoppe preparou toda a sua infantaria e no dia 18 de abril, sahiu a campo com mil e quinhentos infantes, quinhentos homens de mar e trezentos indios tapuyas, servindo-lhe de auxiliares os coroneis Hous, Van Elts, Hautyn, Pedro Keerweer, Van den Brande e Brinck.

O exercito hollandez dirigio-se para os lados da Barreta, onde degolou quarenta soldados das forças de Barreto. Este logo que soube da marcha do inimigo reuniu em conselho os officiaes generaes e sendo resolvido que sahissem ao encontro do adversario, marcharam para os outeiros dos Guararapes e, depois de havel-os transposto, fizeram alto na baixa dos mesmos e ahi passaram a noite.

No dia seguinte, 19 de abril e domingo da Paschoela marcharam os hollandezes sobre os insurrectos, começaram os batedores hollandezes a peleja e logo que elles se descobriram pelo alto dos montes Guararapes, Barreto mandou tocar a avançada, collocando Vieira na vanguarda e Camarão e Henrique Dias nos flancos.

Após a primeira carga investiram de ambos os lados á espada, rompendo-se todos os batalhões dos hollandezes, com excepção de dous que procuravam desviar-se dos que iam ser rotos, e carregavam para o flanco em que se achava Henrique Dias.

« Mandei, diz o proprio Barreto na sua parte official

do combate, quinhentos e sessenta homens, que tambem tinha de reserva, para que, encorporando-se com o dito Henrique Dias, o ajudassem a romper os dois batalhões que o iam accommetter; mas os nossos capitães, que, em dois terços governavam os ditos quinhentos homens, não considerando os damnos que lhes podia vir de não observarem a ordem que levavam, investiram por outra parte, onde, por caminho mais abreviado, lhes pareceu que havia occasião de maior destroço, mas resultou d'esse engano não destruirmos totalmente os contrarios, que, por não poder Henrique Dias sustentar o peso delles se veio retirando sobre os nossos, os quaes, por serem poucos e cansados, fizeram tambem o mesmo. Acudi logo a ter mão em todos, para que o inimigo não tornasse a cobrar a sua artilharia, munições e dinheiro que já lhes tinhamos ganho; mas não o pude conseguir; porque, com a rota que haviamos feito ao inimigo, estavam os nossos mais desordenados que os mesmos inimigos, a quem romperam; porem, a poucos passos, me puz em um regato que havia na campanha, onde, animando a uns e ferindo a outros da nossa infantaria, a obriguei a fazer alto; e comecei a formar, mandando fazer o mesmo ao terço do mestre de campo João Fernandes Vieira; e pondo na vanguarda ao mestre de campo André Vidal de Negreiros, tornou com pouca gente da sua, mas com grande esforço, á investir, com as mangas que o inimigo trazia diante de seus batalhões; e, escaramuçando com elles, os tornou de novo a romper matando alguns de seus capitães e muitos dos soldados. E começando-se novamente a pendencia, formando-se de uma e outra parte os campos, durou a batalha por espaço de quatro horas; no fim das quaes, depois de se obrarem da nossa parte maravilhosos actos de valentia, assignalando-se nelles geralmente, com o mestre de campo, todos os mais officiaes, o inimigo se retirou a occupar suas eminencias á nossa vista; retirando para detraz dellas os feridos que mais perto lhe ficavam. Considerando eu, neste tempo quanto cansados estavam os nossos soldados, havendo mais de vinte e quatro horas que não comiamos, e muitos delles occupados em retirar os mortos e feridos que tivemos, me deixei ficar formado na mesma frente do inimigo, mandando recolher as bandeiras que haviamos, que chegaram a trinta e tres. »

Continua Barreto na sua parte official:

« Estando um campo á vista do outro, por todo o dia, tanto que anoiteceu, mandei algumas tropas inquietar o inimigo, afim de que tambem na volta me trouxessem aviso de seus intentos ; e posto que não seguissem todas as ordens quanto convinha, não deixaram comtudo de picar o inimigo, o qual, no decurso da noite, se retirou, sem que eu disso alcançasse noticia. »

Os hollandezes perderam na batalha dos Guararapes os coroneis Hous, Van Elts e Hautyn, fallecendo este ao chegar ao Recife ;

O coronel Pedro Keerweer ficou prisioneiro, de sorte que, de seis coroneis que os hollandezes trouxeram só dois escaparam. Van den Brande e Brinke.

Além de Van Schoppe, que foi ferido em uma perna, os hollandezes tiveram cerca de quinhentos e vinte sete feridos e 470 mortos, segundo Netscher. Das forças revolucionarias morreram oitenta, incluindo os quarenta degolados na Barreta e cerca de quatrocentos feridos, quasi todos levemente.

Apóz esta memoravel victoria Barreto marchou a occupar as estancias fronteiras ao Recife; procedeu á occupação da villa de Olinda que pouco antes havia abandonado e tornou a occupar os postos arraial do Bom Jesus.

A derrota que soffreram os hollandezes desalentára-os em extremo, não só por que nos Guararapes empenharam forças mais que sufficientes para a obtenção da victoria, como por ter ficado no campo a flôr de seus officiaes. Tornaram-se, pois mais precavidos e durante muitos mezes não se animaram a uma nova sortida, embora ainda contassem com um exercito de seis mil seiscentas e trinta praças.

Nas cartas que escreviam para a Patria diziam que não haviam offerecido nova amnistia, por não esperarem colher disso nenhum resultado, pois a experiencia lhes havia mostrado que os brazileiros se haviam familiarisado por tal forma com a guerra que se achavam nos casos de medir-se com os mais exercitados soldados.

« Accrescentavam que, diz Varnhagen, ainda quando conseguissem conquistar de novo todo o paiz, o achariam deserto ; que na Parahyba, antes tão fertil, tudo estava incendiado e arrasado, de modo que difficilmente

se encontrava uma laranja, a muitas legoas do povoado e que o Rio Grande, antes tão abundante em gados, se via de todo devastado.»

Em Portugal, onde muitos estadistas, á frente dos quaes se achava o jesuita Antonio Vieira, propendiam para a cessão de Pernambuco, a victoria dos Guararapes deu rumo diverso á opinião, comquanto Vieira ainda se obstinasse, publicando até contra a prolongação das hostilidades o seu celebre *Papel Forte*.

D. João IV, porém, animado pela victoria dos Guararapes e pela recuperação de Angola, realisada em 15 de agosto de 1648 por Salvador Corrêa de Sá e Benevides, conformou-se com a opinião dos tribunaes que se manifestaram contra a cessão de Pernambuco, opinião essa que havia provocado *Papel Forte* do Padre Vieira, a que já nos referimos.

Henrique Dias no Rio Grande do Norte. — Ainda em fins do anno de 1648 o celebre preto Henrique Dias invadio o Rio Grande do Norte, com os seus e alguns indios, sendo bem succedido nas pelejas que travou na ilha da Guanaira e no Engenho Cunhaú.

O regimento das ilhas. — Logo apoz a batalha dos Guararapes o conde de Villa Pouca de Aguiar, mandou como reforço a Barreto o regimento de ilhéos que, commandado por Francisco de Figueirôa, com elle tinha vindo da Europa, limitando-se a isso o auxilio enviado pelo tibio governador geral, que não admittia a possibilidade de victoria contra forças tão superiores como eram as dos hollandezes.

O regimento das ilhas chegou a Pernambuco em fins de agosto de 1648, coincidindo quasi sua chegada com a morte de Camarão.

Morte de Antonio Felippe Camarão. —Tinha sessenta e oito annos de idade quando falleceu o indio Poty, posteriormente D. Antonio Felippe Camarão, commendador professo na Ordem de Christo. Camarão servira com as armas aos portuguezes durante quarenta annos, isto desde que se empenhara em combatter os Aymorés que, em tempo do capitão mór Alvaro de Carvalho, invadiram a Bahia.

Sua constancia, seu ardor no combate e seu enthusiasmo pela reinvidicação do territorio nacional fizeram delle um dos mais proeminentes vultos da campanha pernambucana; além disso era homem de bôas incli-

nações, muito commedido, cortez e grave no fallar; lia e escrevia bem, não lhe sendo mesmo estranho o latim.

Existem duvidas serias a respeito da verdadeira naturalidade e da epocha do nascimento de Antonio Felippe Camarão. Querem alguns que elle tenha nascido no Ceará, outros em Pernambuco, outros ainda na Parahyba, e muitos, entre os quaes Varnhagen, conferem ao Rio Grande do Norte essa honra.

Acções navaes. — Mais felizes por mar do que por terra, conseguiam os hollandezes algumas victorias navaes por esse tempo.

De With, seu almirante, com uma esquadra de nove vasos de guerra e outros navios menores, fez diversas presas, do mez de maio em diante e em dezembro desse mesmo anno de 1648, tomou da esquadra do conde de Castel Melhor um barco inglez fretado e a galeota *S. Bartholomeu*.

A fragata portugueza *Rosario* sustentou galhardamente o combate com as suas duas inimigas *Utrecht* e *Gissilingh*, sendo porem afinal atracada, seu commandante poz fogo ao paiol da polvora e todas tres foram ao fundo. De tão heroico feito apenas temos conhecimento por um officio de Schkoppe, diz Varnhagen, e sentimos que, com a noticia delle, nos não seja possivel transmittir o nome do destemido e abnegado official que lançou o fogo ao paiol, e deixou nas aguas do Brazil, ás gerações futuras, um exemplo de tão nobre heroismo.

Van den Brande com alguns barcos devastou o Reconcavo e incendiou na Bahia varios edificios e vinte e tres engenhos.

Foram estes os commettimentos mais importantes que a esquadra hollandeza operou, e com elles os membros do conselho se animaram um tanto, aventando-se até a idéa de attacar-se o Rio de Janeiro. Esse projecto no entanto foi rejeitado, ficando apenas resolvido que se fizesse uma nova tentativa para se levantar o cerco, isto com o voto contrario de Schkoppe.

Segunda batalha dos Guararapes. — (19 DE FEVEREIRO DE 1649). Os hollandezes partiram do Recife na noite de 17 de Fevereiro de 1649, commandando-os o coronel Brinck, por achar-se ainda impedido Segismundo Van Schkoppe, em consequencia do ferimento recebido na primeira acção dos Guararapes.

Segundo Netscher compunha-se o exercito hollandez de 1.510 homens.

Esse exercito passou na vasante o Rio dos Afogados e foi amanhecer na Barreta, d'ahi seguindo em ordem de marcha até á abegoaria de Antonio Cavalcanti, de onde, apoz um pequeno descanso foi tomar posição nos Guararapes, cujas alturas occupou, bem como o passo ou o desfiladeiro em os quaes os insurgentes haviam-se estabelecids na acção precedente.

Barreto logo que soube da marcha do inimigo levantou o acampamento e dirigiu-se para os mesmos montes Guararapes, situando-se na altura chamada do Oitiseiro.

Durante a tarde desse dia nada emprehenderam os dous campos inimigos, a não ser pequenos tiroteios sem importancia, logo porém que desceu a noite Barreto marchou com as suas tropas para o engenho chamado dos Guararapes e acampou na varzea de cannaviaes e no matto, ao sul dos mesmos montes, apoiando-se nos alagados e contorneando já quasi o inimigo pela banda do sul, sem que este percebesse a manobra.

Ao amanhecer, vendo Brinck o que se tinha passado, mudou a sua primitiva linha de batalha, e collocou-se com a frente para a varzea, no entanto, até ao meia dia ainda não se tinha decidido a ordenar a peleja.

Os nossos contavam diversas vantagens: não só achavam-se mais descansados, isto por haverem dormido bem a noite, como possuia armas de maior alcance, além de que os hollandezes achavam-se expostos aos rigores do sol e em paragem falta d' agua, ao passo que elles viam-se abrigados e com abundancia de tão precioso liquido.

Attendendo a estas vantagens os officiaes hollandezes reunidos em conselho, resolveram retirarem-se para a Barreta immediatamente, ficando Van Goch incumbido de ir ao Recife dar as necessarias explicações.

De accordo com esta resolução começaram a retirar ás 3 horas da tarde e já tinham abandonado a posição quando Barreto mandou atacal-os.

O capitão hollandez Tenbergen, que commandava cinco companhias na retaguarda, offereceu seria resistencia ao inimigo e em seguida Hautjin com uma co-

lumna carregou pela direita, este porem foi repellido e depois ferido.

Ainda assim tornou a juntar os seus e reforçado pela columna de Claes, atacou novamente os insurrectos que já estavam senhores da estrada, porém d'ahi a pouco era elle forçado a desalojar a posição conquistada, isto pela impetuosidade com que os nossos os investiram.

Estabeleceu-se então a confusão no acampamento das forças hollandezas que começaram a fugir desordenadamente, sendo completamente destroçadas.

Brinck perdeu a vida n'esta batalha e bem assim cento e trinta e tres officiaes e ao todo contaram os hollandezes oitocentas e cincoenta e cinco mortos e noventa prisioneiros.

No campo deixaram cinco peças de campanha e cinco bandeiras.

Nas forças de Barreto quarenta houve e cinco mortos e duzentos feridos, figurando Henrique Dias entre estes ultimos.

O general portuguez em memoria d'esta solemne victoria, mandou edificar, á sua custa e nas proximidades do local em que se feriu a acção, uma capella, confiando-a aos Benedictinos de Pernambuco, e fazendo n'ella gravar uma lapide commemorativa.

A segunda batalha dos Guararapes foi o mais solemne golpe vibrado nos hollandezes do Brasil, ella desalentou completamente a companhia das Indias Occidentaes.

A Companhia Geral de Commercio.—Por esse tempo organisou-se em Portugal uma *Companhia Geral de Commercio* para o Brasil, a qual muito concorreu para a rapida conclusão da guerra.

Essa companhia obrigou-se a trabalhar para a recuperação dos portos que estavam em poder dos hollandezes.

Logo em novembro de 1648 a Companhia Geral de Commercio enviou alguns soccorros a Pernambuco.

Os sitiados no Recife. — Cada vez mais afflictiva era a condição dos hollandezes sitiados no Recife. Não só lhes faltava dinheiro para pagamento das tropas, como tambem os viveres. O abatimento era geral e repetidas queixas se enviavam á metropole.

Negociações entre Portugal e a Hollanda. —Sousa Coutinho, apezar da sua provada competencia, nada conseguiu em Haya e o governo fel-o recolher, ao reino, pois o povo hollandez execrava-os chegando os zelandezes a declarar publicamente que haviam de atiral-o ao mar, se o pudessem pilhar na viagem para Portugal. Souza Coutinho retirou-se para a Hollanda em 5 de março de 1649 e as condições de Portugal se difficultaram ainda mais por ter D. João IV se malquistado com Cromwell, que então dirigia os destinos da Inglaterra.

Em substituição a Souza Coutinho foi nomeado Antonio de Souza de Macedo, que teve frio acolhimento por parte dos Estados Geraes. Offereceu Macedo, em nome do seu governo, uma indemnisação pecuniaria pelos postos que a Hollanda possuia no Brasil. A tal proposta os Estados responderam com ameaças, e estando terminado o prazo de dez annos das treguas, Souza de Macedo recolheu-se á Patria.

Não só a Portugal como á Hollanda não convinha mais a guerra franca.

«Os mercadores hollandezes, diz Roberto Southey, propuzeram ao embaixador comprar licenças para traficarem com Portugal, como mesmo no reinado de Felippe se havia praticado a respeito do negocio do sal, e, independentemente d' essa formalidade, deixou o governo portuguez seguir o commercio o seu curso regular, de modo que se achavam as duas nações em paz na Europa, onde a ambas convinha a paz, e em guerra onde quer que qualquer das potencias se sentia bastante forte para operações offensivas.»

N'esse interim, porém, Cromwel declara guerra á Hollanda, a qual, procurando prevenir-se contra tão respeitavel inimigo como era a Inglaterra, deixou que a Companhia das Indias acudisse ao Brasil da maneira que pudesse e como esta achava-se em manifesta decadencia e completamente exhausta de meios pecuniarios, foram baldados os insistentes pedidos de reforços feitos por Schkoppe, membro do Conselho do Recife.

Tomada do Recife pelos insurrectos. — Justamente ufanos pelas memoraveis batalhas ganhas nos Guararapes, dominava nos heroicos insurgentes pernambucanos o pensamento de tomarem o Recife.

Obtiveram pois o auxilio da *Companhia Geral de*

Commercio e com esta poderosa empreza combinaram um golpe decisivo á capital do Brasil hollandez.

Assim partiu de Lisboa a frota da companhia sob o commando de Pedro Jacques de Magalhães e a 20 de dezembro de 1653 apresentava-se diante do Recife, combinando os officiaes de terra, juntamente com os do mar, que se attacassem primeiro as obras avançadas do continente, o que levaram a effeito.

O forte do Rego capitulou na noite de 15 de janeiro de 1854 com oito officiaes e setenta soldados, e na tarde de 19 do mesmo mez rendeu-se o forte de Altenar, commandado por Berghen e cuja guarnição compunha-se de 180 praças.

No dia 21 Vidal de Negreiros apoderou-se do forte Amelia e marchou sobre o forte das Cinco Pontas de onde receberam os insurrectos um emissario do Grão Conselho do Recife, que pedia para que se suspendesse as hostilidades e se entrasse em ajustes.

Accedeu Barreto ao pedido e designou a Campina do Taborda para que ahi se entendessem os parlamentares.

Representaram os nossos n'essa conferencia, que se realisou no dia 26 de janeiro e na qual foi assignada pelos hollandezes a capitulação do Recife, o auditor geral Francisco Alvares Moreira, o capitão secretario do exercito Manuel Gonçalves Corrêa e o capitão reformado Affonso d'Albuquerque; representaram os hollandezes n'esse momento solemne para elles, em que viam baquear miseravelmente o imperio que haviam sonhado poderoso e invencivel na America o conselheiro Gisberth de With, o presidente dos escabunos e director das barcas pichelingues do porto, Huybrecht Brest e o capitão Van Loo. Para tratar dos assumptos de milicia por parte dos insurgentes foi nomeado André Vidal de Negreiros por parte dos hollandezes o tenente-coronel Van de Wall.

A capitulação.—A capitulação que transcreveveremos na integra, pois ella é a apotheose do brio brasileiro n'esse primeiro drama da nossa vida nacional foi assignada debaixo das seguintes condições:

Eil-a:

«1.ª Que o Sr. mestre de campo general Francisco Barreto, dá por esquecida toda a guerra que se tem commettido por parte dos vassalos dos senhores Estados

Geraes das provincias e da Companhia Occidental com a Nação Portugueza, ou seja por mar, ou seja por terra, a qual será tida, e esquecida, como se nunca houvera sido commettida.

2.ª Concede a todos os sobreditos vassalos que estão debaixo da obediencia dos senhores Estados Geraes, e a todas as pessoas subditas aos ditos senhores, tudo o que fôr de bens moveis, que actualmente estivessem possuindo.

3.ª Concede aos vassallos dos ditos senhores Estados Geraes, que lhes dará de todas as embarcações que estão dentro do porto do Recife, aquellas que forem capazes de passar a linha, com a artilharia que ao Sr. Mestre de Campo parecer bastante para sua defensa e d'esta não será nenhuma de bronze, excepto a que se concede ao Sr. General Segismundo Schkoppe no capitulo das condições militares.

4.ª Concede a todos os vassallos acima referidos, que quizerem ficar nesta terra, debaixo da obediencia das armas portuguezas, que serão governados e estimados como os mais portuguezes; e no tocante á religião viverão em a conformidade que vivem todos os estrangeiros em Portugal actualmente.

5.ª Que os fortes situados em redor do Recife e Villa Mauricia, a saber: o forte das Cinco Pontas, a casa da Boa Vista, o Mosteiro de Santo Antonio, o Kate da Villa Mauricia, o das Tres Pontas, o Brum com seu reducto, o Castello S. Jorge, o Castello do Mar, e as mais casas, fortes e baterias se entregarão todos á ordem do Sr. Mestre de Campo General, logo que se acabar de firmar este accordo, e concerto, com a artilharia e munições que tem.

6.ª Que os vassallos dos ditos senhores Estados Geraes moradores no Recife e cidade Mauricia, poderão ficar nas ditas praças por tempo de tres mezes, contanto que entreguem logo as armas e bandeiras, as quaes se metterão em um armazem á ordem do Sr. Mestre de Campo General, durante os tres mezes; e que quando se quizerem embarcar, ainda que seja antes dos tres mezes, lh'os darão para sua defensa; e logo juntamente com as ditas forças entregarão o Recife e cidade Mauricia; e lhes concede aos ditos moradores que possam comprar aos portuguezes nas ditas praças todos os mantimentos que lhes forem necessarios para seu sustento e viagem.

7.ª As negociações e alienações que os ditos vassallos fizerem em quanto durarem os ditos tres mezes, serão feitas na contormidade acima referida.

8.ª Que o Sr. Mestre de Campo General assistirá com o seu exercito aonde lhe melhor parecer; mas fará que os vassallos dos senhores Estados Geraes não sejam molestados, nem avexados de nenhuma pessoa portugueza, antes serão tratados com muito respeito e cortezia; e lhes concede que nos ditos tres mezes que hão de estar n'esta terra, possam decidir os pleitos e questões que tiverem uns com outros, diante de seus Ministros de Justiça.

9.ª Que concede aos ditos vassallos dos senhores Estados Geraes, que levem todos os papeis que tiverem, de qualquer sorte que sejam, e levem tambem todos os bens moveis que lhes tem outorgado o senhor Mestre de Campo General no terceiro artigo.

10ª Que poderão deixar os ditos bens moveis acima outorgados, que tiverem por vender ao tempo de sua embarcação, aos procuradores que nomearem de qualquer nação que seja, que fiquem debaixo da obediencia das armas portuguezas.

11ª Que lhes concede todos os mantimentos, assim secos como molhados, que tiverem nos armazens do Recife, e Fortalezas, para se servirem d'elles e fazerem suas viagens, largando aos soldados os de que elles necessitarem para seu sustento e viagem; mas não lhes outorga o massame para os navios, porque promette dar-lh'os aprestados, para quando partirem para a Hollanda.

12ª Que sobre as pretenções e dividas que os ditos vassallos dos senhores Estados Geraes pretendem da nação portugueza, lhes concede a direito, que Sua Magestade o Sr. Rei de Portugal decidir, ouvidas as partes.

13ª Que lhes concede, que as embarcações pertencentes aos ditos vassallos, que chegarem a este porto, ou fóra delle, por tempo dos primeiros quatro mezes, sem terem noticia deste accordo, e concerto no logar donde partiram, que possam livremente voltar para Hollanda, sem se lhes fazer molestia alguma.

14ª Que concede aos ditos vassallos dos senhores Estados Geraes que possam mandar chamar seus navios que trazem nesta costa, para que neste porto do Recife

se possam tambem embarcar nelles e levar os bens moveis acima outorgados.

15 E no que toca aos que os ditos vassallos pedem sobre não prejudicar este assento, e concerto ás conveniencias que poderem estar feitas entre o Sr. Rei de Portugal e os Srs. Estados Geraes, antes de lhes chegar a noticia este dito concerto e assento: não concede o Sr. Mestre de Campo General; porque se não intromette nos taes accordos que os ditos senhores tiverem feito; porquanto de presente tem exercito, e poder para conseguir quanto emprehender em restituição tão justa.

Condições relativas á milicia. —Pela mesma capitulação assignada na campina do Taborda, rendeu-se a milicia sob as seguintes condições:

1ª Que todas as offensas e hostilidades que da parte dos senhores Estados Geraes e seus vassallos se tem commettido, se esquecem da nossa, na conformidade acima referida.

2ª Que o Sr. Mestre de Campo General concede que os soldados assistentes no Recife, cidade Mauricia e Fortes saiam com suas armas, mecha aceza, balas em boca e bandeiras largas; com condição que passando pelo exercito portuguez apagarão logo os morrões e tirarão as pedras das espingardas e carabinas e metterão as ditas armas na casa ou armazem que o Sr. Mestre de Campo General lhes nomear; das quaes o dito Sr. mandará ter cuidado para lh'as entregarem quando se embarcarem e só ficarão com ellas todos os officiaes de sargentos para cima; e que quando se embarcarem seguirão directamente a viagem para os portos de Nantes, ou a Rochella ou outros das Provincias Unidas sem tomarem porto algum da corôa de Portugal; para firmeza do que deixarão os vassallos dos ditos senhores Estados Geraes em refens tres pessoas, a saber um official maior de guerra, outra pessoa do conselho supremo e outra dos moradores vassallos dos Srs. Estados Geraes e que os officiaes de guerra, e soldados desta praça do Recife, e mais forças juntas a elle, se embarcarão todos juntos em companhia do Sr. General Segismundo Schkoppe, com condição de que se entregarão primeiro á ordem do Sr. Mestre de Campo General as praças e forças do Rio Grande, Parahyba e Itamaracá deixando as pessoas que se pedem nos refens, para cumprimento de tudo o referido n'este capitulo.

3ª Que concede ao senhor Segismundo Van Schkoppe, que depois de entregues as ditas praças, e forças acima referidas, com a artilharia que tinham antes, ou até a hora da chegada da Armada, que ora está sobre o Recife, leve vinte peças de bronze sorteadas de quatorze até dezoito libras, além das peças de ferro que forem necessarias para defensa dos navios que forem em sua companhia, as quaes peças lhe dará, com suas carretas e munições necessarias; e toda a mais artilharia munições e trem, se entregarão á ordem do Sr. Mestre de Campo General.

4ª Que o Sr. Mestre de Campo General lhe concede as embarcações mais necessarias para a dita viagem na conformidade acima referida.

5ª Que o Sr. Mestre de Campo lhe concede os mantimentos na conformidade em que estão concedidos no Capitulo 11º acima ; e dado caso que não bastem os ditos mantimentos, o Sr. Mestre de Campo General promette dar os de que necessitarem os soldados.

6ª Que o Sr. Mestre de Campo General concede ao Sr. General Sigismundo Schkoppe que possa possuir, alienar ou embarcar quaesquer bens moveis, ou de raiz que tiver no Recife, e os escravos que tiver comsigo, sendo seus ; e que o mesmo favor concede o Sr. Mestre de Campo General aos officiaes de guerra, sendo os taes bens legitimamente seus até á hora da chegada da armada a esta costa e concede aos officiaes de guerra que possam morar nas casas em que vivem até á hora de sua partida.

7ª O Sr. Mestre de Campo General concede que os soldados doentes e feridos se possam curar no hospital em que estão, até que tenham saude para se poderem embarcar.

8ª Que emquanto estiverem os soldados do Sr. general Segismundo em terra, não serão molestados nem offendidos de pessôa alguma portugueza ; e em caso que o sejam, ou lhes façam alguma molestia, se dará logo conta ao Sr. Mestre de Campo General, para castigar quem lh'a fizer.

9ª No tocante a irem juntos com os soldados que hoje estão no Recife, os que se renderam e aprisionaram antes deste accordo e assento, não concede o Sr. Mestre de Campo General, porque já tem dado cumprimento ao que com elles capitulou sobre sua entrega.

10ª O Sr. Mestre de Campo General concede perdão a todos os rebellados, especialmente a Antonio Mendes, e a todos os mais indios assistentes nas praças e forças do Recife; e da mesma maneira aos mulatos, mamelucos e negros mas que lhes não concede aos ditos rebellados a honra de sahirem com as armas.

11ª Que tanto que forem assignadas as ditas capitulações, se entregarão á ordem do Sr. Mestre de Campo General as praças do Recife e cidade Mauricia, e todas as mais praças com sua artilharia, trem e munições: e que o dito Sr. Mestre de Campo General se obriga a dar a guarda necessaria para que no alojamento das ditas praças esteja com segurança a pessoa do Sr. General Segismundo Schkoppe, e mais officiaes e ministros durante o tempo concedido.

12ª E no que toca ao que o dito Sr. Segismundo e seus soldados pedem, sobre lhe não prejudicar este concerto e assento ás conveniencias que puderem ser feitas entre o Sr. Rei de Portugal e os senhores Estados Geraes, antes de lhes chegar a noticia este dito concerto e assento: não concede o Sr. Mestre de Campo, porque se não intromette nas taes conveniencias, porquanto tem o exercito e poder para conseguir quanto emprehender em restituição tão justa.

13ª E sobre todos estes capitulos e condições acima contractados se obrigam os senhores do Supremo Conselho residentes no Recife a entregar tambem logo á ordem do Sr. Mestre de Campo General, as praças da ilha de Fernão de Noronha, Ceará, Rio Grande, Parahyba e ilha de Itamaracá, com todas as suas forças e artilharia que tem e tinham até a chegada da armada portugueza, que de presente está sobre o Recife e o trem de artilharia, e mais munições; com condição que os moradores, e soldados assistentes nas ditas praças e forças, gosarão dos mesmos privilegios e condições concedidas aos moradores e soldados da praça do Recife; mas que o Sr. Mestre de Campo General será obrigado a mandar ao Ceará uma nau sufficiente para se embarcar nella a gente, assim aos moradores, como soldados vassalos dos senhores Estados Geraes, com os referidos bens; a qual não levará mantimentos para sustento da viagem das ditas pessoas que se embarcarem do Ceará; e que todos os navios e embarcações

que estiverem n'aquelles portos do Rio Grande, Parahyba e ilha de Itamaracá capazes de poderem passar a linha lhes concede o Senhor Mestre de Campo General para sua viagem, e trespasso de seus bens; mas que não levarão artilharia de bronze, e só lhes dará o Senhor Mestre de Campo General a de ferro que bastar para sua defeza.

Recompensas aos heróes. — Effectuada a expulsão dos hollandezes do Brazil foi pródiga a côrte portugueza em morcês aos heróes da notavel pugna.

Barreto foi nomeado capitão general de Pernambuco, Vidal foi confirmado no posto de capitão general de Angola, governando a Bahia emquanto o logar não vagasse. Henrique Dias foi gratificado com o augmento de dois escudos mensaes ou vinte e quatro annuaes, fóra os mais vencimentos, recebendo igualmente em propriedade as casas e terrenos onde, durante o sitio tivera a sua estancia. Em sua honra creou-se em diversas cidades e povoações regimentos de soldados e officiaes pretos que tomaram o nome de *regimento dos Henriques*

Antonio Dias Cardoso foi feito mestre de campo.

Ultimas negociações entre Portugal e a Hollanda. — As pazes definitivas entre Portugal e as Provincias Unidas de Hollanda só foram celebradas em 6 de Agosto de 1661 pelo tratado que n'esta data se assignou na cidade de Haya, apoz muitas tentativas feitas pela diplomacia hollandeza afim de recuperar Pernambuco.

A protecção dispensada a Portugal por Luiz XIV, rei de França e bem o casamento de D. Catharina, de Portugal, com Carlos II de Inglaterra, dissudiram a Hollanda de sua pretenção.

Pelo tratado de paz Portugal obrigou-se a pagar a Hollanda quatro milhões de cruzados dentro de dezesseis annos, na razão de duzentos e cincoenta mil cruzados por anno, em dinheiro, ou em assucar, sal, ou tabaco.

CAPITULO V

O ESTADO DO MARANHÃO DURANTE O SEGUNDO PERIODO DA GUERRA HOLLANDEZA

Abstrahindo do que se refere á invasão dos hollandezes no Estado Maranhão e subsequente expulsão, por termos já tratado de taes acontecimentos em capitulo anterior, foram estes os factos de maior importancia alli occorridos durante o segundo periodo da guerra hollandeza.

Novas capitanias.—Quasi pelo mesmo tompo em que D. João IV era acclamado rei de Portugal o governador do Pará creou arbitrariamente duas novas capitanias : a de Caité que doou ao seu herdeiro e a de Tapuitapera concedida a seu irmão.

A segundo veio a ser valida em 15 de Abril de 1643, por confirmação regia.

O Pará-Maranhão em 1640.—O notavel jesuita Padre Antonio Vieira deixou-nos nas seguintes linhas um bosquejo da vida no Pará-Maranhão durante o segundo periodo da guerra hollandeza.

« O estylo ou pouco governo, com que se vive naquellas partes, porque excepto a cidade de S. Luiz do Maranhão, onde de poucos tempos para cá se corta carne algumas vezes, em todo o Estado não ha açougue, nem ribeira, nem horta, nem tenda onde se vendam as cousas usuaes para o comer ordinario, nem ainda um arratel de assucar, como se faz na terra. E sendo que no Pará todos os caminhos são por agua, não ha em toda a cidade um barco ou canôa de aluguel para nenhuma passagem, que para um homem ter o pão da terra, ha de ter roça ; para comer carne, ha de ter caçador ; para comer peixe, pescador ; para vestir roupa lavada, lavadeira ; e para ir á missa ou a qualquer parte, canôa e remeiros. E isto é o que precisamente tem os moradores mais pobres, tendo os de mais cabedal costureiras, fiandeiras, teares, e outros instrumentos e officiaes de mais fabrica, com que cada familia vem a ser uma republica ; e os que não podem alcançar a tanto

numero de escravos, ou passam miseravelmente, ou vendo-se no espelho dos demais lhes parece que é miseravel a sua vida.

« Na ilha do Maranhão, responde muito mal a terra com o pão natural d'aquellas partes, que é a mandioca, e no Pará, por serem as terras todas alagadas, são tão poucos os logares capazes da planta da dita mandioca, que é necessario aos moradores mudarem muitas vezes suas casas e fazendas, deixando perdi'as e despovoadas as que tinham, e ir fabricar outras de novo d'alli a muitas leguas com excessivo trabalho e despeza. As madeiras, com a fabrica dos navios, e destruição das roças, em que se derrubam e queimam, são já menos, e muito distantes As cannas de assucar não se plantam uma só vez como no Brasil, mas quasi é necessario que se vão replantando todos os annos. As terras capazes de tabaco tambem se vão já buscar muito longe. O comer ordinario é caça e pescado, e a caça, sendo antigamente tanta, que quasi se mettia pelas casas, hoje pela continuação com que se tem batido os mattos, está quasi extincta. E no peixe se tem experimentado quosi o mesmo, sendo no começo infinito. E a razão de tudo é não serem as terras da America tão criadoras, como tambem mostrou a experiencia no Brasil, para onde se carrega de Portugal tanto peixe seco; ajudando muito no Maranhão a esterilisar os mares e rios os modos de pescar que se usam, sem nenhuma providencia; com que é mais o que destróem, que o que se aproveita, e se perde totalmente a criação; e como a gente cresce e o sustento diminue é força que se padeça. A este trabalho se acrescenta outro inconveniente, tambem natural que é o das distancias, assim de uma povoação a outra, como dos freguezes á igreja, e dos moradores e casas entre si, porque muitas vezes vive um morador distante do outro oito e dez leguas; e um freguez distante da sua parochia quarenta, e uma povoação de outra povoação cento e cincoenta, que tantas leguas ha do Maranhão ao Pará, sem haver em meio mais que a chamada villa de Gurupy, que não tem trinta visinhos; com que o commercio e communicação fica mui difficultoso, e é necessario que em remar as canôas que vão e vem, se occupe tanta quantidade de indios, que poderá remediar muitos pobres; e não se póde acudir a este inconveniente de tão insupportavel trabalho e despeza de outra sorte, porque a costa é incapaz de a

navegarem barcos ou navios, por razão dos ventos e aguas, que sempre correm do uma parte com tanto impeto, que não é possivel romper, nem navegar para outra. »

Além do que nos transmitte o padre Antonio Vieira, J. F. Lisbôa nos assegura que as casas dos moradores de S. Luiz eram em geral cobertas de pindoba. A casa da camara estava a cahir e a receita municipal não excedia de 53$860, subindo a despeza a 60$000. Em 1655, porém, já a mesma receita havia attingido á cifra de 123$190.

A povoação de S. Luiz só começou a gozar do beneficio de ter carnes verdes em 1654, compromettendo-se um rematante a matar duas vezes por semana, mas obrigando-se a camara a ficar com a que não fosse vendida.

Até 1653 fabricou-se aguardente de mandioca, a que davam o nome de *tiquira* sendo então prohibido este fabrico e taxada a de canna a 400 réis a canada.

A moeda ordinaria da terra eram fazendas e novellos de linha.

Em 1662 a cidade de S. Luiz contava uns seiscentos moradores, e na ilha do Maranhão existiam tres aldeias de indios que forneciam trabalhadores, os quaes eram gratificados recebendo por mez de duas a seis varas de panno de algodão. Na ilha moiam dois engenhos de assucar e seis engenhocas de aguardente ; no Meary havia tres engenhos ; no Itapicurú, seis ; no Mony, tres. Além de assucar e aguardente, vendida esta ultima a 600 réis a canada, exportava-se tambem tabaco e cravo.

A capitania de Tapuitapera onde tinha sido edificada a villa de Alcantara desenvolvera-se com o auxilio de colonos açorianos vindos das ilhas de S. Miguel e Santa Maria. Possuia dois engenhos e cento e vinte moradores ; contava igual numero, tanto de moradores como de engenhos a capitania de Caité.

Belém possuia quatrocentos moradores e em toda a capitania do Pará encontravam-se sete engenhos ; a de Cametá tinha um.

Tanto a cidade de S. Luiz como a de Belém possuiam, além da respectiva matriz e Casa de Misericordia, mais quatro conventos e duas igrejas.

Comprava-se no Pará um escravo indio por cento e cincoenta varas de panno de algodão e no Maranhão por quatrocentos, custando a vara de 200 réis e estes

preços infimos pelos quaes se traficava com a liberdade do homem americano, e que começaram a vigorar em 1670, eram ainda assim muito elevados relativamente aos que vigoravam annos antes.

O ordenado do governador do Estado era de 3,000 cruzados ; o do capitão-mór 200 ; o do sargento-mór 40 ou 50 ; dos capitães de infantaria 25 a 28 e dos soldados seis a oito mil réis.

A acclamação de D. João IV.—Foi Pedro Maciel Parente, sobrinho do capitão general, e já nomeado capitão-mór do Pará, quem trouxe ao Brasil a noticia da restauração de Portugal, procedendo-se logo em S. Luiz e em Belém e com as solemnidades do costume á acclamação de D. João IV.

Factos politicos occorridos no Pará. — Quando chegou a Belém a noticia da occupação de S. Luiz pelos hollandezes, o capitão-mór Camacho fez vir para a Capital do Pará, com as forças que tinha ao seu dispôr, Pedro Velho, capitão-mór do cabo do Norte e Gurupá ; pouco depois, no entanio, sobrevieram desintelligencias entre os dois e João Velho, contrariado, retirou-se para o Una.

Logo em seguida falleceu Camacho, e tendo o governo passado ás mãos da Camara Municipal, continuaram ainda por algum tempo, até que, as discordias a gente de Pedro Velho, durando esta recebendo noticia da sublevação effectuada no Maranhão por Antonio Muniz Barreiros, todos se harmonisaram outra vez afim de enviar a S. Luiz os soccorros pedidos dos quaes já fallamos em anterior capitulo.

« Não temos toda a certeza, diz Varnhagen, apezar do que a este respeito escrevemos em outro logar, si esses reforços chegaram a seu destino, quando sabemos que, menos de dois mezes depois de partidos, regressava do Maranhão á ilha do Sol parte da tropa auxiliar paraense que em Tapuitapera, por falta de munições de bocca e de guerra, haviam resolvido separar-se de Antonio Teixeira de Mello, successor do dito Antonio Muniz Barreiros, e o qual só chegou a receber desta capitania mais soccorros depois que nella desembarcou o seu terceiro governador e capitão-general effectivo. »

Este governador a que se refere Varnhagen foi Pedro de Albuquerque, o celebre defensor do Rio Formoso, o qual, quasi ao chegar a Belém ia sendo victima

de um naufragio. Pedro de Albuquerque falleceu em 1644, sete mezes depois de ser empossado no governo do Pará, substituindo-o Feliciano Corrêa, que teve por adjunto o sargento-mór Francisco Coelho de Carvalho, por automasia o *Sardo*.

Durante o governo de Feliciano Corrêa realisa-se a expulsão dos hollandezes de Maricary, onde elles se achavam ás ordens de Van der Góes.

Successivamente substituiram Feliciano Corrêa os seguintes governadores: Manuel Pitta da Veiga, Ayres de Souza Chichorro, Luiz de Magalhães e Ignacio do Rego Barreto, nada occorrendo de importante sob o governo dos mesmos, a não ser a campanha aberta pelo Padre Antonio Vieira com o intuito de subordinar completamente aos jesuitas todos os indios d'aquelle Estado.

O padre Antonio Vieira e os indios —Foi empenhando-se na celebre questão dos indios que o jesuita Antonio Vieira começou a adquirir nomeda entre os seus contemporaneos.

Vieira que tinha sido creado no Brasil, ao qual chamava sua segunda patria, desembarcara no Maranhão como superior da Companhia de Jesus aos 16 ou 17 de Janeiro de 1653, trazendo ordem ampla para proceder a respeito dos indios conforme lhe conviesse.

Bem depressa, porém, desenganou-se Vieira de conseguir os intentos da Companhia no Maranhão em consequencia da opposição que encontrou nos moradores e assim resolveu passar-se ao Pará, onde chegou a 24 de Novembro de 1653.

Não foi porém mais feliz nesta outra capitania, e ahi foi até obrigado a assignar uma promessa de que não se envolveria nas questões relativas á liberdade dos indios. « Resolveu-se entretanto a acompanhar, diz Varnhagen, como capellão, uma expedição mandada por um Gaspar Cardoso, ferreiro do Pará, que foi ao Tocantins em busca de indios. De volta, enriquecido com a observação das injustiças e rigores que em taes guerras se praticavam (como alliás succede em todas as guerras) (1) tratou de pôr em contribuição o seu engenho, para mostrar, como chegou a fazer em uma carta que então dirigio á

(1) Protestamos contra essa qualificação que Varnhagen dá ás expedições contra os indios : não eram guerras e sim caçadas infamissimas.

Côrte, que taes abusos só poderiam acabar, entregando a Côrte á Companhia de Jesus toda a jurisdicção temporal sobre os mesmos indios, conforme a mesma companhia tanto aspirava no sul do Brasil, a exemplo do muito poder que outros dos seus companheiros já sobre elles exerciam no visinho Paraguay, onde chegaram a fundar um pequeno imperio independente, exclusivamente em proveito da dita companhia. »

Ainda animado por esse projecto resolveu Vieira passar-se á metropole, e ahi conseguio do rei a creação de uma *Junta*, chamada das *Missões* e composta de lettrados a qual, apezar dos protestos do povo do Maranhão obteve a promulgação da lei de 9 de Abril de 1655, concedendo á companhia toda a supremacia sobre os indios, com exclusão de outra qualquer ordem ou poder, e sendo o padre Vieira declarado loge chefe ou superior, com poderes quasi illimitados.

A lei de 9 de Abril, no emtanto, apezar de redigida sob a influencia de Vieira, não prohibia a escravidão dos indios e apenas subordinava-os á companhia, pelo que não poderemos deferir ao illustre jesuita a aureola de philantropo visto como todos os seus esforços tendiam unicamente para a satisfação de suas ambições de casta.

A lei foi recebida com muito desagrado, dando até logar a alguns conflictos que assoberbariam se não fosse a energia posta em execução por André Vidal de Negreiros, grande amigo de Vieira, e então governador geral do Estado do Maranhão.

Conseguindo esse triumpho Vieira percorreu o sertão de Ibiapaba ao Amazonas afim de fomentar a catechese.

Em 15 de Janeiro de 1661 Vieira recebeu uma representação assignada pelos moradores do Pará e Maranhão, em a qual estes se queixavam amargamente da falta de escravos, Vieira, no entamto não se moveu a estas lamentações.

A camara de S. Luiz irritou-se com essa dureza do padre e lavrou um protesto que foi dirigido ao governador e ao governo da metropole, forçando ao mesmo tempo o superior a desistir perante a camara do mando supremo dos indios.

No Pará tambem levantou-se o povo e todos os jesuitas das duas cidades foram presos e enviados para Portugal, com consentimento do governador.

A' vista destes acontecimentos o padre fez-se de vela

para o reino, porém ao chegar ahi já não encontrou mais vivo o seu protector. D. João IV. Então reinava o joven Affonso VI; Vieira nada poude conseguir sendo até perseguido pela inquisição, que o accusou pelo seu escripto acerca do *Quinto Imperio*. Vieira só regressou ao Brasil em 1681, porém já velho e alquebrado

Dos seus trabalhos e meritos litterarios falaremos em outro logar.

CAPITULO VI

O ESTADO DO BRASIL EXTRANHO A' LUCTA HOLLANDEZA DURANTE O SEGUNDO PERIODO DA GUERRA.

Sem difficuldade realisou-se a acclamação de D. João IV, no Rio de Janeiro, embora o respectivo governador, Salvador Corrêa de Sá e Benevides, ao começo mostrasse alguns escrupulos que foram afinal dissipados pelos jesuitas portuguezes.

Pouco depois foi a mesma ceremonia realisada em Santos e S. Vicente e afinal em S. Paulo, comquanto com alguma demora.

Amador Bueno.—Ao chegar a S. Paulo a noticia da restauração dos Braganças no throno lusitano, tiveram os paulistas, segundo affirmam alguns autores, ideia de se fazerem independentes, e convidaram para rei do novo estado que pretendiam formar Amador Bueno, filho da provincia e homem que gosava de illimitado credito entre os seus conterraneos.

Frei Gaspar da Madre de Deus, que nos transmitte semelhante facto, o qual se póde considerar como a mais remota origem da independencia nacional, diz no entanto que Amador Bueno recusou obstinadamente essa subida honra, aconselhando aos seus compatriotas a se submetterem ao rei de Portugal.

Os jesuitas.—A debatida questão da escravidão dos indios tornava os jesuitas impopulares em todo o Brasil.

Em Julho de 1640 foram esses padres expulsos de S. Paulo; pouco depois tornaram a acceital-os sob certas condições, porém em 19 de maio de 1641 votou a camara para que se tornasse effectiva a mesma expulsão.

No Rio de Janeiro, vendo-se os jesuitas ameaçados em um motim popular, propuzeram, por intermedio de Salvador Corrêa uma transacção em que cada parcialidade cedesse do mais exagerado de suas pretenções. O accordo foi assignado aos 22 de Junho de 1640, decla-

rando os padres desistir dos direitos que pudescem ter com a publicação o execução da bulla que exhibiam; bem como de serem parte em tal questão, ou de agenciarem directamente por ella em Roma; compromettera-se a mais não se envolverem na administração dos indios que os moradores tivessem em suas casas, mas só nos das aldeias dentro das quaes se obrigaram a não consentir que entrassem os dos particulares. Pela sua parte a camara e povo comprometteram-se a desistir, e a retirar os capitulos e resposta que tinham dado em seu aggravo, sem d'isso tornar a tratar nem directa, nem indirectamente; salvo se os padres faltassem ao que capitulavam.

Em S. Paulo, porém, as cousas passaram-se de modo diverso.

De ha muito sentiam-se os paulistas indispostos com Salvador Corrêa, governador do Rio de Janeiro, e essa antipathia cresceu quando o mesmo Salvador Corrêa procurou accommodal-os com os jesuitas que tinham sido expulsos de S. Paulo.

Em S. Vicente conseguiu elle que se assignasse um accordo identico ao do Rio de Janeiro; em Piratininga, porém, os moradores, ao saberem da sua approximação, tomaram armas e elegeram quarenta e oito individuos para que estes mantivessem illesos os seus direitos.

A' vista d'isso Salvador Corrêa propôz os seguintes capitulos de conciliação que foram aceitos após algumas duvidas:

Eis os capitulos:

«Que os quarenta e oito do povo se obrigariam, com os officiaes da camara, a obdecer ás ordens que viessem de El-Rei, sem direito de replicar, excepto no que respeitasse aos Indios, se as ordens não fossem a seu gosto.

«Que elle governador elegeria, para administrar e fazer beneficiar as minas, tres directores, dos quaes dous seriam individuos da villa de S. Paulo, e um de Santos.

---

(1) Salvador jurisdiccionava os paulistas em virtude da nomeação que possuia de capitão general, com o titulo de almirante governador com que o distinguira o marquez de Montalvão.

« Que estes tres directores, com o thesoureiro e officiaes das minas, lhe dariam conta do que se fizesse.

« Que obedeceriam todos aos officiaes de justiça legalmente postos, e havendo duvidas se decidiriam pelo maior numero de votos, entre os ditos officiaes e os quarenta e oito eleitos

« Que não consentiriam dissenções nem palavras para com os moradores das villas marinhas.

« Que aceitos estes capitulos, desimpediriam os de S. Paulo os portos e caminhos, e elle governador os deixaria em paz, recolhendo-se ao Rio de Janeiro.»

Apezar d'isso os paulistas enviaram á côrte uma representação, o mesmo fizeram os jesuitas, e o governo da metropole ordenou que estes fossem restituidos até que se tomassem providencias mais completas.

« O facto, porém, diz Varnhagen, é que houve demora antes de chegarem os paulistas a um novo accordo com os jesuitas, e que a principio somente elle se levou avante cedendo os mesmos jesuitas da pretenção de se intrometterem na questão da escravidão dos indios. Deste modo ainda em 1648 uma numerosa bandeira de paulistas accommetteu a missão de Xerez, sobre o Embotetey, hoje denominado Mondego, que já era bispado, e fez prisioneiros aquelles de seus moradores que não conseguiram fugir. Chegaram os invasores a projectar um ataque á propria cidade de Assumpção, onde estava então de governador D. Andres Garavito de Leon; e talvez houveram levado avante o seu proposito se não lhes sahe em campo, á frente de numerosas forças de Indios, o Padre Alfaro, obrigando os aggressores a retirarem-se destroçados. Por ventura seriam restos d'estas bandeiras as que, correndo para o norte, vieram varar ao Tocantins e a descer as aguas desse rio, ao mando do mestre de campo Antonio Raposo, apresentando-se em Gurupá em 1651.»

Privilegios outorgados aos moradoros do Rio de Janeiro.—Querendo D. João IV recompensar a camara e os moradores pelo zelo com que serviram aos seus interesses, por occasião de receberem a noticia de sua acclamação, outorgou-lhe os seguintes privilegios: o goso dos fóros de nobres ou infanções, não podendo ser postos a tormento nem presos nas cadeias, porém só nos castellos ou em suas casas; fazerem uso de sedas e trajos mais ricos, andarem armados, isenção

de dar aposentadorias, não serem apenados ou seus gades, nem os seus creados recrutados para a guerra.

Estes privilegios tornaram-se depois extensivos a diversas cidades do Brasil, a começar pela do Maranhão.

Estado das capitanias meridionaes.—Salvador Corrêa foi substituido na governação do Rio de neiro por Luiz Barbalho, o famoso pernambucano, que após o desbarato da esquadra do conde da Torre commettera a celebre retirada do porto dos Touros (no Rio Grande do Norte) para a Bahia, cabendo a elle a iniciativa da canalisação das aguas do riacho Carioca.

Fallecendo pouco depois passou o governo ás mãos da camara municipal.

A cultura das terras visinhas á cidade do Rio de Janeiro era prospera e esta já possuia tres ruas na parte baixa, sendo avultada a exportação de assucar.

Em 1648 fundou-se nella a *Ordem Terceira do Carmo*, analoga a de *S. Francisco da Penitencia*, que, segundo já existia parece desde 1616.

O povo do Rio de Janeiro andou durante muito tempo em conflictos com as auctoridades e agentes do Santo Officio, os quaes em tudo se intrometiam e até faziam prisões; a 10 de Maio de 1646, porém, uma carta regia ordenou aos ouvidores do Rio que não consentissem que o bispo ou os seus ministros prendessem seculares.

Na capitania do Espirito Santo verificou-se que não eram esmeraldas as pedras existentes na serra do mesmo nome; em Porto Seguro e Ilheus nomearam-se em 1644 feitores para o monopolio do pau brasil e na Bahia elegeram-se mestres e juiz do povo, identicos aos de Portugal, resolução essa que foi approvada pela Corte, a qual, em 1652 restabeleceu o antigo Tribunal da Relação, só com oito dezembargadores em lógar de dez, como outr'ora.

Em 1651 descobriram-se para os lados de Paranaguá algumas minas.

Monopolios obtidos pela Companhia Geral do Commercio do Brasil.—Terminada a lucta com os hollandezes, a *Companhia Geral de Commercio*, que efficazmente contribuira para a expulsão total dos invasores, obteve em recompensa diversos favores, entre os quaes o monopolio da venda do bacalháu, da farinha

de trigo, do azeite e do vinho, que se obrigou a vender por certos preços, fixos no seu proprio regimento.

Esta concessão produziu o absurdo e vexatorio alvará de 19 de setembro de 1649, mandando cumprir uma providencia anterior que extinguia no Brasil as bebidas do chamado *vinho de mel*, aguardente de canna e cachaça.

Tal protecção concedida á Companhia prejudicou extraordinariamente o progresso nacional, muito deprimiu a riqueza particular e suffocou nascente industria e commercio já prospero.

Aqui fazemos terminar a terceira epocha da historia patria.

A lucta com os hollandezes, si levou a effeito a approximação das tres raças que, desde os albores do seculo XVI, viviam no paiz, facilitando assim a formação da nacionalidade brasileira, que, conforme veremos no seguimento desta obra, de então por diante começa a definir-se e cada vez com mais relevo, embargou no entanto, por algum tempo o progresso material da região, não sendo sufficientemente compensativos os melhoramentos introduzidos por Nassau no Recife e cidade Mauricia.

Pernambuco, que era o principal centro da producção assucareira, Itamaracá, Parahyba, Rio Grande do Norte, Alagôas, Sergipe que começavam a animar-se na lavoura da corna e na industria pastoril, ficaram completamente devastados; a Bahia soffreu damnos consideraveis, no Ceará nada se adiantou, o Maranhão foi muito maltratado. Fortificações brechadas ou arrazadas, cidades e villas reduzidas a montões de ruinas, povoavoações abandonadas, estancias e engenhos incendiados e a desolação por toda a parte, tal era o aspecto e condição do Brasil que se chamou hollandez, após a terminação da grande guerra.

As capitanias meridionaes, isto é, as capitanias de Ilhéos, Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro, Santo Amaro e São Vicente conservaram-se estacionarias durante os trinta annos da lucta; mal podia a metropole attender ás exigencias da guerra, quanto mais preoccupar-se com regiões que achavam-se em plena paz; desfructava-as unicamente e mais nada.

Aqui ou ali, é verdade, ergue-se uma povoação,

este ou aquelle faz uma entrada pelo sertão em busca de minas ou de indios para escravisar, porem a vida por ahi é ainda puramente vegetativa; dilata-se a custo, sem elasticidade, nem vigor.

As lettras participam do desanimo geral; apenas o Padre Vieira exibe aos fieis da Bahia, do Maranhão e do Pará, os seus sermões, muito fartos de imagens, porem ôcos de ideas, e um ou outro frade começa a escrever chronjcas insipidas.

Artes tambem ainda não existem; um ou outro convento ou ermida, ás vezes levantados á custa de qualquer piedosa patifaria, como a de Frei Pedro Palacio no Espirito Santo, em geral muito pittorescos pela posição em que os assentam, porém de architectura banal ou grosseira; uns retabulos pintados por mão pesadas, mais affeitas ao manejo da brocha de caiação que ao do pincel, uns productos de ourivesaria graúdos, massiços, muito ricos na quantidade de metal empregado, mas pobre de gosto, e, por acaso, um ou outro trabalho de talha arranjado com certa perfeição, eis o que apenas se via no Brasil em 1661.

Grande, futurosa, possuindo todas as condições exigidas para um rapido desenvolvimento n'essa epocha, no entanto nossa patria não passava ainda de uma pobre terra colonial, atrazadissima, grosseira, valendo só pelos bons rendimentos que proporcionava a semente lançada á terra, bem como por suas excellentes madeiras e meaes de preço.

Resta-nos agora dizer uma palavra sobre questão que costuma surgir, sempre que se trata de hollandezes no Brasil. Refere-se ao facto de saber se o progresso deste paiz estaria hoje mais accentuado dado o caso de que tal povo se estabelecesse aqui definitivamente.

Pensamos que não, e julgamos que é sufficiente lançar-se um olhar para o estado de decadencia em que os hollandezes têm conservado as suas colonias da Oceania, para se comprehender que pouco teriam elles feito no Brasil.

Nosso progresso seria tão embaraçado por esse povo, como o fôra pelo portuguez; e quanto a este, por forma

alguma póde reclamar para si exclusivamente a paternidade de nossa civilisação, que aliás, é o producto de diversos factores de natureza diversa.

Si o portuguez fosse o unico agente a influir na nossa evolução, o Brasil seria ainda hoje Angola ou Moçambique.

FIM DA TERCEIRA EPOCHA

INDICE

PAGS.

Introducção..... 1

Noções de geologia

A sciencia da geologia..... 5
A crosta terrestre..... 6
Phenomenos de dynamica terrestre externa..... 6
Dunas..... 6
A erosão marinha..... 7
Depositos sedimentares..... 7
Erosões torrenciaes..... 8
Os deltas..... 8
Os canõns..... 8
Alluviões..... 8
Avalanches..... 8
Geleiras..... 9
Acção da agua do mar..... 9
Acção das aguas meteoricas..... 9
Turfeiras e bancos corallinos..... 10
Phenomenos de dynamica terrestre interna..... 10
Os vulcões..... 10
Solfataros..... 10
Geysers..... 11
Travertinos..... 11
Fontes thermo-dynamicas..... 11
Volcões de lama..... 11
Mofetas..... 11
Tremores de terra..... 11
Phenomenos geologicos antigos..... 12
Eras geologicas..... 12

PAGS.

Epocha azoica ou primitiva..... 13
Epocha paleozoica ou primaria..... 13
Epocha mezosoica ou secundaria..... 14
Epocha neozoica ou terciaria..... 16
Epocha quaternaria..... 18

Noções de anthropologia

Craneologia..... 19
Caracteres anthropologicos do esqueleto..... 22
Caracteres anthropologicos, estudados no corpo vivo..... 23
Influencia dos meios..... 23
Acclimação..... 23
Classificação das raças..... 23
Causas da extincção das raças..... 24
Typos anthropologicos..... 25
Origem da especie humana..... 25

Noções de paleoethnologia

Chronologia paleoethnologica..... 28
Chronologia pre-historica de Broca..... 29
O homem terciario..... 30
O homem de Thenay..... 30
O homem do Cantal..... 31
O homem de Portugal..... 31
O homem terciario americano..... 31
Periodo paleolithico..... 32
Epocha de Chelles..... 33
Epocha do Moustier..... 34
Epocha de Solutré..... 34
Epocha da Magdalena..... 34
O homem paleolithico americano..... 35
Periodo neolithico..... 35
Palaffitas..... 36
Crannoges..... 37

PAGS.
Habitações terrestres..... 37
Officinas..... 37
Exploração do silex..... 38
Kjoekkenmœddings..... 38
Monumentos megalithicos..... 38
Menhirs..... 38
Cromlechs..... 38
Dolmens..... 39
Tumulos..... 39
Nuraghi..... 39
O homem mesolithico americano..... 39
Civilisações americanas extinctas..... 42
Os Pueblos ou cliff-dwellers..... 42
Civilisações do Mexico e da America Central..... 43
Civilisações extinctas do Perú e da Bolivia..... 44
Civilisação dos Chibchás ou Muyscas..... 45

NOÇÕES SOBRE A EVOLUÇÃO DA CIVILISAÇÃO HUMANA

Evolução da vida nutritiva

Os alimentos..... 46
A cosinha..... 47
As bebidas embriagantes..... 47
As substancias enervantes ou excitantes..... 48

Evolução da vida sensitiva

O amor..... 48
Delicadeza dos sentidos..... 48
Os adornos..... 49
As artes..... 49
A dansa..... 49
A musica vocal..... 50
A musica instrumental..... 50

PAGS.
Artes graphicas e plasticas 50
A pintura 51

Evolução da vida affectiva

A desaffeição pela prole 51
O aborto 51
O infanticidio 52
A affeição pela prole 52
Amor filial 52
Assistencia aos velhos e doentes 52
Instinctos ferozes 52
Os sentimentos altruistas 53
A condição da mulher 53
Costumes guerreiros 53
O canibalismo 54
Attenção para com os mortos 54
A religião 55
A vida futura 55
Os deuses 55
O culto e o sacerdocio 56

Evolução da vida social

O casamento 57
A familia 57
A propriedade 58
A moralidade 58
A constituição das sociedades 59

Evolução da vida intellectual

Os gráos da vida psychica 60
A industria 60
As linguas 61

PAGS.
Aptidões mathematicas..... 62
A supputação do tempo..... 62

CAPITULO I

Estructura geologica..... 65
Phenomenos geologicos recentes..... 66
Terrenos primitivos..... 67
Terrenos primarios..... 67
Terrenos secundarios..... 70
Terrenos terciarios..... 71
Terrenos quaternarios..... 82
Historia geologica do Brasil..... 74

CAPITULO II

O meio physico..... 77
Posição e limites..... 79
A costa..... 79
Relevo do sólo..... 82
Rios e vertentes..... 84
Climas, ventos, estações e salubridade..... 84
A flora..... 86
A fauna..... 87
Os mineraes..... 88

CAPITULO III

Prehistoria Brasileira..... 91
Theoria da procedencia asiatica do homem europeo..... 92
O autochtonismo..... 93
Dr. Peter Wilhelm Lund..... 96
O antropithecus brasiliensis..... 98
Os sambaquis..... 102
Os ceramios..... 105

PAGS.

CAPITULO IV

Factores ethnicos 113

O PORTUGUEZ

Typo anthropologico 117
Origem do povo portuguez 118
Factos historicos 119
O direito 120
A lingua portugueza 122
A litteratura portugueza 123
As artes 125
A religião 126

O INDIO

Classificação dos indios 128
Os Tupys 129
Os Gés 130
Os Goytacás 131
Os Carahybas 131
Os Nu-Arkuahs 132
Os Panos 132
Os Guaycurús 133
Os Miranhas 133
Tribus não classificadas 133
Typo anthropologico 133
Alimentação 134
Ornamentos 134
Artes 133
A condição das mulheres 136
Costumes guerreiros 137
Ritos funebres 138
Crenças religiosas 138
O Curupira 140

PAGS.

O Yurupary 141
O Kâápora 143
A Oyara 143
O Sacy Serêrê 144
O Mboitatá 144
O Urutáu 144
Tradicção do Diluvio 144
A lenda de Sumé 145
Sacerdocio e culto 145
Idolos 146
Crença na vida futura 147
O casamento e a familia 148
A tribu 148
A Industria 150
A caça e a pesca 152
A agricultura 152
Conhecimentos scientificos 152
A linguagem 153
Contos indigenas 158
Poesia indiana 161

O NEGRO

Typo anthropologico 165
Classificação dos negros 165
A lingua 166
Usos e costumes dos negros 165

PRIMEIRA EPOCHA

A CONQUISTA E O PRIMITIVO POVOAMENTO

1500 — 1581

CAPITULO I

Preliminares 177

PAGS.
Os Northmen 177
Incentivos as grandes navegações do seculo XV 178
O infante D. Henrique 179
As primeiras descobertas 179
Bartholomeu Dias 180
Christovão Colombo 181
Vasco da Gama 184

CAPITULO II

Suppostos e verdadeiros precursores de Cabral 187
Jean Cousin 187
Alonso d'Hojeda 187
João Ramalho 188
Vicente Yanez Pinson 188
A pororoca 189
Questão do Amapá 180
Diego de Lepe 191
Juizo do professor Capistrano de Abreu 192
A festa nacional de 3 de Maio 192

CAPITULO III

A viagem de Cabral 195
A divisoria imaginaria 195
Partida de Cabral 196
Chegada de Cabral ao Brasil 197
Primeira missa no Brasil 198
Pero Vaz Caminha 199
Os calendarios 199

CAPITULO IV

Descoberta total da Costa Brasileira 201
Armada exploradora de André Gonçalves (1501-1502) 201
Rio de Janeiro 203
Armada exploradora de Gonçalo Coelho, (1503-1504) 203
Armada exploradora de D. Nuno Manuel, (1505-1506) 205
Arribadas de capitães portuguezes á terra de Véra-Cruz ... 205
Navegantes hespanhoes que cursaram a costa brasileira ... 206

PAGS.

... 207
Os aventureiros ... 209
Brasileiros e brasis ...

CAPITULO V

Primitivo povoamento do Brasil ... 211
As feitorias ... 211
Os degradados, desertores e naufragos ... 213
As capitanias primitivas ... 213
As esquadras de guarda-costas ... 214
Ideia da fundação de uma grande colonia ... 215
Expedição de Martin Affonso de Souza ... 217
A primeira colonia regular do Brasil ... 219
Diogo Alvares, o Caramurú ... 210
João Ramalho e Antonio Rodrigues ... 220
O bacharel de Cananéa ... 232

CAPITULO VI

Capitanias hereditarias ...
Divisão do Brasil em capitanias hereditarias ... 221
Foraes ... 222
Foraes dos donatarios ... 223
Foraes dos colonos ... 224
Prerogativas da corôa ... 225
... 226

CAPITULO VII

Capitanias meridionaes ...
Capitania de S. Vicente ... 227
Os Guayanazes ... 227
Os Tamoyos ... 228
Os Carijós ... 229
Capitania de S. Amaro ... 229
Capitania da Parahyba do Sul ... 229
Os Goyatacazes ... 230
Capitania do Espirito-Santo ... 231
Os Aymorés ... 231
Os Botucudos ... 233
Capitania do Porto Seguro ... 233
... 234

PAGS.

CAPITULO VIII

Capitanias septentrionaes 237
Capitania dos Ilhéos 237
Capitania de Todos os Santos 237
Os Tupinambás 238
Os Tupiniquins 239
Capitania de Pernambuco 239
Os Caethés e Tabajaras 240
Capitania de Itamaracá 241
Capitania do Maranhão 241
Capitania do Ceará 242
A viagem de Orellana, 1540 242

CAPITULO IX

O Brasil no regimen das capitanias 245
Os negros 247
Os indios 248

CAPITULO X

Governo geral de Thomé de Souza 251
Regimento dado a Thomé de Souza 252
O funccionalismo 259
Chegada de Thomé de Souza 260
Chegada dos primeiros jesuitas 260
O primeiro bispo do Brasil 261
Visita de Thomé de Souza ás capitanias do Sul 262
Primeiras noticias do ouro 262
Terminação do governo de Thomé de Souza 263

CAPITULO XI

Governo geral de D. Duarte da Costa 265
As desordens de D. Alvaro 265
Morte do primeiro bispo do Brasil 266
Luta com os indios 266
Os jesuitas 267
O gentio em Pernambuco 267

PAGS.

267
267
O gentio no Espirito-Santo 268
Cunhambebe 268
Hans Staden 269
Villegaignon 270
Jean de Lery 270
Mortos notaveis 270
Terminação do governo de D. Duarte da Costa, 1558 .....

CAPITULO XII

273
Governo geral de Mem de Sá 273
Primeiros actos de Mem de Sá 277
As Missões 273
Lutas com o gentio da Bahia 274
Batalha dos nadadores 274
Luta com os francezes no Rio de Janeiro 275
Mem de Sá em S. Vicente 276
Mem de Sá no Espirito-Santo 277
Guerra contra os Aymorés 277
Guerra contra os Tamoyos no sul do Brasil 278
Progresso das Missões 278
Fundação da cidade do Rio de Janeiro 282
A libertação dos indios 283
João Bolés 284
Pedro de Orsùa 285
Morte do padre Manuel da Nobrega 285
Morte de D. Luiz Fernandes 285
Morte de Mem de Sá .....

CAPITULO XIII

Governo dual e regresso ao singular 287
Os dous governadores 287
A conferencia dos governadores 288
O captiveiro dos indios 288
Governo de Luiz de Brito 289
Governo de Antonio Salema 290
Prelazia do Rio de Janeiro 291
Regresso ao governo singular 291
Philippe II de Hespanha .....

PAGS.

CAPITULO XIV

O Brasil em 1581..... 295
Capitania de Itamaracá..... 297
Capitania de Pernambuco..... 297
Capitania da Bahia..... 298
Capitania dos Ilhéos..... 298
Capitania de Porto-Seguro..... 299
Capitania do Espirito-Santo..... 299
Capitania do Rio de Janeiro..... 299
Capitania de S. Amaro..... 299
Capitania de S. Vicente..... 299

SEGUNDA EPOCHA

A ESPANSÃO COLONIAL

1581 — 1626

CAPITULO I

Governo interino e arbitrario de Cosme Rangel 305
Cosme Rangel..... 305
Os mestéres..... 306
Malogro da tentativa de colonisação da Parahyba..... 306
Os indios da Parahyba..... 307
Eduardo Tenton..... 308
Missão de Flores Valdez..... 309
O Rio de Janeiro durante o governo de Cosme Rangel..... 310

CAPITULO II

Governo geral de Manuel Telles Barreto..... 313
Primeiros actos de Barreto..... 313
Terceira tentativa de conquista da Parahyba..... 314
Occupação definitiva da Parahyba..... 318
Traição dos indios de Sergipe..... 319
Luta com Aymorés nos Ilhéos..... 320

PAGS.

Ordens religiosas..... 320
Morte de Manuel Telles Barreto..... 331

CAPITULO III

Governo interino da junta composta por D. Antonio Barreiros e Christovão de Barros..... 323
A Bahia atacada pelos inglezes..... 323
Commercio do Brasil com as regiões do Prata e do Pacifico 324
Francisco Giraldes..... 324
Occupação definitiva de Sergipe..... 324
Caçada aos indios..... 327
Colonisação de Alagôas..... 328
O Tribunal da Relação..... 329

CAPITULO IV

Governo geral de D. Francisco de Souza..... 331
Gabriel Soares e as minas do sertão..... 331
Novas lutas com os indios na Parahyba do Norte..... 333
Thomaz Cavendish..... 334
James Lancaster..... 335
Os corsarios da Rochella na Bahia e em Santos..... 336
Primeiros commettimentos dos hollandezes no Brasil..... 337
Causa que desviou os inglezes do Brasil..... 337
Os francezes nos Ilhéos e na Parahyba..... 339
Conquista do Rio Grande..... 340
Os hollandezes na Bahia..... 342
O indio Tavira..... 343
Luta com os Aymorés na Bahia..... 344
Viagem do governador ao Sul..... 344
José de Anchieta..... 345
Os jesuitas e os indios..... 347
As bandeiras..... 349

CAPITULO V

Governo geral de Diogo Botelho..... 553
O indio Sorobabe..... 357
Diogo Botelho e as Missões..... 358
A pesca da baleia..... 359

PAGS.

A renda do Brasil em 1602 359
Conquista do Ceará tentada pelos jesuitas 359
O padre Francisco Pinto 360
Lei contra estrangeiros 361
Os judeus 361
Conselho da India 362

CAPITULO VI

Governo de D. Diogo de Menezes 363
Primeiros actos do seu governo 363
A Relação 364
Nova Ouvidoria 366
A legislação 366
Regimento do capitão da Parahyba 366
Queixas do governador contra o bispo e contra os jesuitas. 367
Colonisação do Ceará 368
Terminação do governo de D. Diogo de Menezes 368
As capitanias em 1612, conforme o *Razão do Estado do Brazil* 369
Rio Grande do Norte 369
Parahyba do Norte 369
Itamaracá 369
Pernambuco 370
Sergipe 370
Bahia 370
Ilhéos 370
Porto-Seguro 370
D. Francisco de Souza no governo das capitanias do Sul .. 370
As minas 371

CAPITULO VII

Governo geral de Gaspar de Souza 373
Jacques Rifault e Charles des Vauxno Maranhão 373
Expedição de la Ravardière 373
Expedição de Jeronymo de Albuquerque contra os frances do Maranhão 375
Batalha de Guaxenduva 378

PAGS.
Claude d'Albeville e Yves d'Evreux 386
Conquista do Pará 387

CAPITULO VIII

Governo geral de D. Luiz de Souza 389
Principaes factos occorridos no Maranhão 389
Principaes factos occorridos no Pará 390
Estado independente do Maranhão 391
Aldeias de indios para defesa da costa 393
Minas de salitre em Sergipe 393
Providencias para a fortificação da costa 394
Leis iniquas contra os estrangeiros 394
Desconfiança contra o filho de D. Antonio 394
Monopolio da pesca da baleia 395
A pesca das perolas 396
Despezas com o funccionalismo e o clero 396
Franquia das minas 397
Belchior Dias Moreya 397
Terminação da tregua na guerra hispano-hollandeza 400

CAPITULO IX

Governo geral de Diogo de Mendonça Furtado. 401
Destruição dos estabelecimentos estrangeiros no Amazonas 401
Companhia hollandeza das Indias Occidentaes 403
Imprevidencia da metropole 404
Perda da Bahia 404
Governo interino da Bahia pelo desembargador Antonio de Mesquita de Oliveira 407
Governo interino da Bahia pelo bispo D. Marcos Ferreira .. 407
Governo da Bahia de Francisco Nunes Marinho 408
Governo especial de Francisco de Moura 408
Captura de frei Vicente do Salvador pelos hollandezes 408

CAPITULO X

Governo geral de Mathias de Albuquerque 411
Descuidos dos hollandezes na Bahia 411
Impressão causada na Peninsula Iberica pela perda da Bahia 411

PAGS.
A esquadra portugueza 413
A esquadra hespanhola 413
Os reforços de Pernambuco e Rio de Janeiro 413
Viagem da esquadra libertadora 414
Recuperação da Bahia 414
A esquadra de Hendrikson 416
Guerra aos portuguezes da Copahoba 416

TERCEIRA EPOCHA

PHASE DE AGREGAÇÃO ETHNICA

1626 — 1661

PRIMEIRO PERIODO

CAPITULO I

O Brasil sob o governo de Diogo Luiz de Oliveira, antes da invasão de Pernambuco pelos hollandezes 423
Pieter Heyn na Bahia 423
Captura dos galeões de D. Juan Benevides, por Pieter Heyn 424
Companhia de navegação e commercio da India, Mina e Guiné 424
O real d'agua 424
A abolição da Relação 424
As explorações dos paulistas 425
Capitanias do Sul 426
Estado do Maranhão 426

CAPITULO II

Lutas com os hollandezes, desde a tomada de Olinda até a investida contra o cabo de Santo Agostinho 429

PAGS.

Missão de Mathias de Albuquerque..... 430
Tomada de Olinda pelos hollandezes..... 431
Tomada do Recife pelos hollandezes..... 433
Tomada dos fortes do Picão e de S. Jorge pelos hollandezes 434
Trabalhos realisados pelos hollandezes para a defesa da conquista..... 435
O arraial do Bom-Jesus..... 436
As companhias de emboscada..... 436
João Fernandes Vieira..... 436
Antonio Felippe Camarão..... 437
Ataque ao arraial do Bom-Jesus, por Van der Elst..... 438
Diversas escaramuças..... 438
Impressão causada na Hespanha pela invasão dos hollandezes em Pernambuco..... 440
A esquadra commandada por Oquendo..... 443
A esquadra commandada por Janssen Pater..... 443
Vantagens estrategicas de Pernambuco, segundo Weerdemburck..... 443
O forte Orange..... 444
Combate naval entre Oquendo e Pater..... 444
O incendio de Olinda..... 447
Ataque da Parahyba pelos hollandezes..... 447
Tentativa malograda de ataque ao Rio Grande do Norte, pelos hollandezes..... 448
Tentativa de occupação ao cabo de Santo-Agostinho..... 448

CAPITULO III

Luta com os hollandezes desde a deserção de Calabar até a invasão da Parahyba

A deserção de Calabar..... 451
Ataque de Iguarassú pelos hollandezes..... 451
Varias investidas felizes praticadas pelos hollandezes por conselho de Calabar..... 453
Os directores chegados de Hollanda..... 453
Traição de Leonardt Vam Lom..... 454
Ataque do Rio Formoso pelos hollandezes..... 455
Occupação do posto dos Afogados pelos hollandeze..... 455
Ataque do Bom Jesus e morte de Rembach..... 455
Henrique Dias..... 456
..... 456

PAGS.
Occupação da Ilha de Itamaracá pelos hollandezes..... 456
Novas investidas dos hollandezes..... 457
Condições de guerra..... 458
Expedição hollandeza ás Alagôas..... 460
Providencias tomadas pela côrte de Hespanha contra os hollandezes no Brasil..... 460
Invasão do Rio Grande pelos hollandezes..... 461
Alliança dos hollandezes com os selvagens 462
Tentativa de occupação da Parahyba do Norte..... 463
Mallogrado ataque ao Recife pelos Pernambucanos..... 463
Occupação do Cabo de Santo Agostinho..... 463
Proposta de paz comprada, repellida pelos hollandezes... 465
Reforços chegados aos hollandezes..... 465
Occupação definitiva da Parahyba do Norte..... 466
Deserção do jesuita Manoel de Moraes..... 468
Henrique Dias ferido pela quinta vez..... 468
Capitulação do arraial... 468
Abandono de Porto Calvo por Bagnuolo..... 469
Tomada do Forte de Nazareth pelos hollandezes..... 470
Heroismo de D. Maria de Souza..... 471
Os mocambos dos palmares..... 472

CAPITULO IV

A lucta com os hollandezes, desde a restauração de Porto Calvo até a nomeação de Mauricio de Naussau..... 473
Restauração de Porto Calvo..... 473
Supplicio de Calabar..... 474
Retirada de Mathias de Albuquerque..... 475
Commando geral de D. Luiz de Rosas e Borja..... 475
Perseguição a Mathias de Albuquerque..... 476
Progresso dos hollandezes..... 477
Batalha da Matta Redonda — Morte de Rojas..... 478
Commando geral do conde de Bagnuolo..... 479
Bagnuolo toma a offensiva pelo systema das guerrilhas.. 479
Nomeação de Nassau..... 481

CAPITULO V

PAGS.

Lucta com os hollandezes desde a chegada de Mauricio de Nassau até levantar-se o cerco da Bahia 483
Combate de Comendatuba e tomada de Porto Calvo por Nassau 483
Retirada de Bagnuolo para a Bahia 485
Devastação de Sergipe 485
Occupação do Ceará pelos hollandezes 488
Assedio da Bahia por Mauricio de Nassau 488

CAPITULO VI

Lucta com os hollandezes. Desde a chegada do conde da Torre até a restauração de Portugal 493
Chegada do conde da Torre 493
Instrucções dadas aos guerrilheiros 494
Combate naval de Itamaracá 494
Combate naval entre Goyana e Cabo Branco 495
Combate naval da Parahyba 495
Combate naval de Cunhaú 495
Consequencia dos quatro combates navaes 496
Castigo do conde da Torre 497
Devastação do Reconcavo pelas forças de Nassau 497
Expulsão dos frades de Pernambuco 497
Convenções entre Nassau e Montalvão 498
Restauração de Portugal 499
Effeitos da acclamação de D. João IV no Brasil 499

CAPITULO VII

Administração de Mauricio de Nassau 501
O Recife 501
Mauricia 501
Arregimentação dos mercadores 502
Organisação municipal 502
Brazões d'armas 502
Liberdade religiosa 503
..... 503

PAGS.
Liberdade de commercio... 503
As leis... 504
As artes... 505
Litteratura... 505
Sciencias physicas e naturaes... 505
Estado das provincias submettidas ao dominio hollandez.. 505
Falta de colonos... 506
Gaspar van Baerle... 507

TERCEIRA EPOCHA

SEGUNDO PERIODO

CAPITULO I

Lucta com os hollandezes. Desde a acclamação de D. João IV, até a retirada de Mauricio de Nassau para a Europa... 509
Deposição do Marquez de Montalião... 509
Negociações entre Portugal e a Hollanda... 510
Occupação de Sergipe pelos hollandezes... 511
Occupação de Angola... 512
O tratado de paz... 513
Conquista do Maranhão pelos hollandezes... 513
Plano de restauração de Portugal e Maranhão... 514
Restauração do Maranhão... 515
Destruição de hollandezes pelos indios no Ceará... 517
Antonio Teixeira de Mello... 517
Inundações e peste em Pernambuco... 518
Representação de Nassau á Companhia das Iudias... 518
Ultimas recommendações de Nassau ao Grão Conselho... 520
Partida de Nassau... 522

CAPITULO II

A lucta com os hollaudezes. Desde a partida de Nassau até o abandono de Olinda, pelos hollandezes... 523

PAGS.

Embaraços da Companhia das Indias..... 523
Vidal de Negreiros em acção..... 525
A expedição de Antonio Dias Cardozo..... 526
Providencias tomadas pelo Conselho..... 527
Expedição de Henrique Dias e Camarão..... 527
O facto da insurreição..... 527
Primeiros movimentos insurreccionaes..... 528
Pronunciamento em Ipojuca..... 528
Os bandos hollandezes..... 529
Combate do Monte das Tabocas..... 529
Os principes do Brasil..... 532
As forças de Camarão e Henrique Dias..... 532
Os emissarios hollandezes..... 532
Deslealdade de Salvador Corrêa..... 533
Rendição do Forte de Serinhaem..... 533
Morte de Antonio Cavalcante..... 533
Occupação da Fortaleza de Santo Antonio do Cabo..... 534
Combate da Casa Forte..... 534
Rendição da Fortaleza do Pontal..... 535
Combate naval de Tamandaré..... 536
Matança em Cunhaú..... 536
Os insurrectos na Parahyba..... 536
Rendição de Porto Calvo..... 536
Rendição do Forte de Penedo..... 537
Occupação da Ilha de Itamaracá..... 537
A insurreição no Rio Grande do Norte..... 537
O abandono de Olinda..... 538

CAPITULO III

Luta com os hollandezes. Desde o assedio do Recife, até a ordem régia, mandando evacuar Pernambuco..... 540
O arraial novo do Bom Jesus..... 540
O assedio do Recife..... 540
Moedas obsidionaes..... 541
Soccorro chegado de Hollanda..... 541
Chegada de Schkoppe e Henderson..... 541
Novo governo hollandez..... 542
Tentativa de Van Schkoppe contra Olinda..... 542

PAGS.

Apoderam-se os hollandezes do Penedo..... 542
Occupação da Ilha de Itaparica..... 543
Morte de Lichtardt..... 544
Legalisação da guerra no Brasil..... 544
A ordem régia..... 544
Negociações com a Hollanda..... 545

CAPITULO IV

A luta com os hollandezes. Desde a chegada do Conde de Villa Ponca de Aguiar, até a terminação da guerra..... 547
O conde de Villa Pouca de Aguiar, novo governador geral.. 547
Reforço hollandez..... 547
Francisco Barreto de Menezes..... 547
A batalha dos Guararapes..... 548
Henrique Dias no Rio Grande do Norte..... 551
O regimento das ilhas..... 55.
Morte de Antonio Felippe Camarão..... 551
Acções navaes..... 552
Segunda batalha dos Guararapes..... 552
A companhia geral de Commercio..... 554
Os sitiados no Recife..... 554
Negociações entre Portugal e a Hollanda..... 555
Tomada do Recife pelos insurrectos..... 555
A capitulação..... 556
Condições relativas á milicia..... 559
Recompensas aos heróes..... 562
Ultimas negociações entre Portugal e a Hollanda..... 562

CAPITULO V

O Estado do Maranhão durante o segundo periodo da guerra hollandeza..... 563
Novas capitanias..... 563
O Pará — Maranhão em 1640..... 563
A acclamação de D. João IV..... 566
Factos politicos occorridos no Pará..... 566
O padre Antonio Vieira e os indios..... 567

CAPITULO VI

PAGS.

O Estado do Brasil extranho á luta hollandeza durante o segundo periodo da guerra..... 571
Amador Bueno..... 571
Os jesuitas..... 571
Privilegios outorgados aos moradores do Rio de Janeiro.... 573
Estado das capitanias meridionaes..... 574
Monopolios obtidos pela Companhia Geral de Commercio do Brasil..... 574

Typographia Montenegro—Travessa do Ouvidor ns. 12 e 14

AVISO

Tendo corrido a impressão deste livro sem a revisão do autor, é possivel que escapassem erros; estes, porem, serão apontados pelo mesmo autor em conveniente *errata*, a qual apparecerá no fim do segundo e ultimo volume desta obra.

Os Editores.